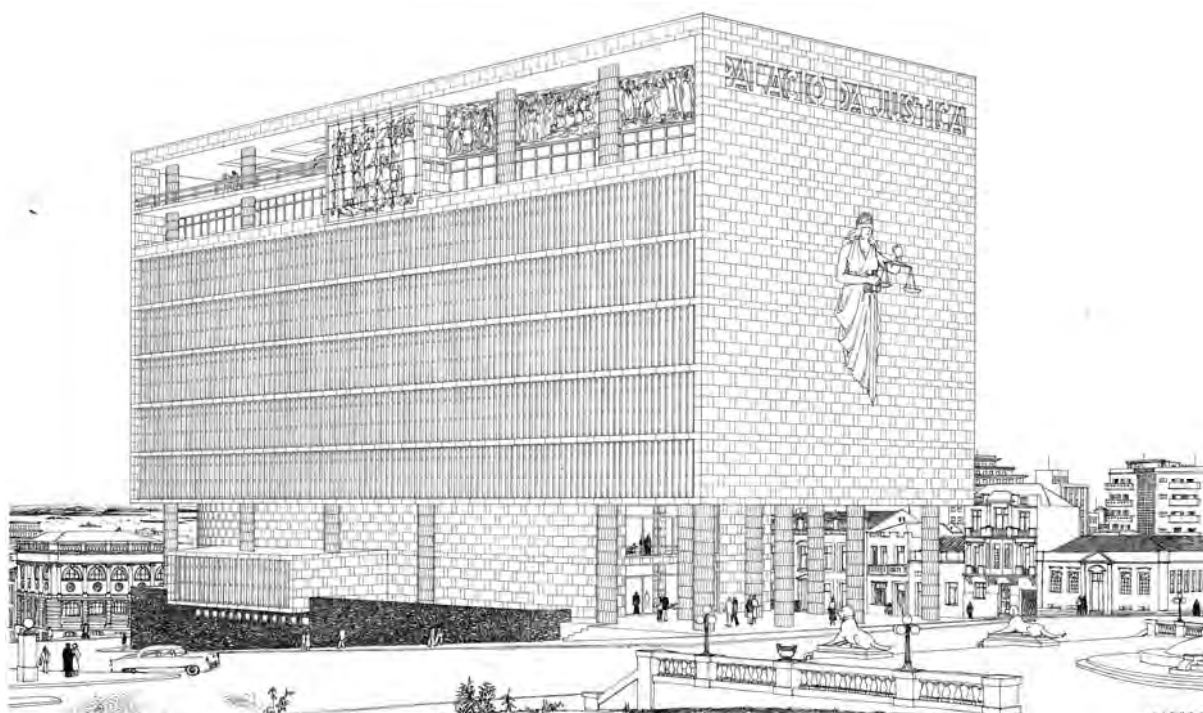


UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE ARQUITETURA
PROPAR - PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA



**VERTENTES DA MODERNIDADE NO RIO GRANDE DO SUL:
A OBRA DO ARQUITETO LUÍS FERNANDO CORONA**

Alessandra Rambo Szekut

Porto Alegre
Novembro de 2008

Alessandra Rambo Szekut

VERTENTES DA MODERNIDADE NO RIO GRANDE DO SUL:
A OBRA DO ARQUITETO LUÍS FERNANDO CORONA

Dissertação apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura.

Orientador: Prof. Cláudio Calovi Pereira

Porto Alegre
Novembro de 2008

Para Luís Fernando Corona *In memoriam*
e Magali Corona.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Cláudio Calovi Pereira, por toda atenção dispensada para a realização deste trabalho.

À Sra. Magali Corona e ao arquiteto Emil Bered pela atenção, pelas histórias e por permitirem o acesso aos seus acervos pessoais.

À colaboração de: Cícero Alvarez, Círio Simon, Cláudio Araújo, Dalton Bernardes, Eneida Ströher Ripoll, Enilda Ribeiro, Fabiano Padão, Irineu Breitman, Jamile Maria da Silva, Lídia Fabrício, Luciane Piovesan, Luiz Aydos, Maria Inês Bolson Bernardini, Marilice Corona e Nélide Bertolussi.

À arquivista Medianeira do Arquivo do Instituto de Artes da UFRGS.

À Márcia Cezaro Maiocchi do Arquivo Municipal de Porto Alegre.

Ao laboratório de Teoria e História da UniRitter e ao arquiteto Paulo Hilbert.

À equipe do Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

Ao diretor do Arquivo Público Municipal de Bagé Cláudio Antunes Boucinha.

Ao IAB RS.

Ao Memorial do Judiciário do Rio Grande do Sul.

Aos senhores e senhoras Cláudia Terra Lopes, Darwin Longoni, Hélio Roca Bragança, Ilda Bragança, Malvina Pianca, Cândido Norberto, Geci Helena Feole Anele, Nilcéia Silva e Renato Hoff Rocha, que me receberam em suas residências e permitiram que eu as documentasse.

Ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PROPAR/UFRGS), ao seu corpo docente e à secretária Rosita Borges dos Santos.

À bibliotecária Elenice Silva.

Ao apoio de Carlos Manoel Brenner Peixoto, Luciane Stürmer Kinsel, Margareth Uarth Christoff e Maria Dalila Bohrer.

Ao Felipe Bentancur Fehse.

Aos meus pais.

Aos amigos e familiares.

RESUMO

SZEKUT, A. R. Vertentes da Modernidade no Rio Grande do Sul: A obra do arquiteto Luís Fernando Corona. Dissertação de Mestrado em Arquitetura – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura (PROPAR) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2008.

Esta dissertação propõe-se a estudar a obra do Arquiteto Luís Fernando Corona a partir da identificação e do registro sistemático de sua produção e posterior análise formal de sua obra. O período abordado localiza-se entre os anos de 1951 e 1977. O primeiro ano marca o início de sua vida profissional, como arquiteto e professor do curso de arquitetura do IBA, enquanto o último diz respeito a seu precoce falecimento aos 52 anos. Dentre a produção de Luís Fernando Corona, encontram-se os edifícios Jaguaribe (1951), o Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul (1952) e a CRT (1964), que conjugados a inúmeros outros projetos definem uma produção relevante no contexto da modernidade arquitetônica gaúcha. O trabalho também busca identificar as influências na formação profissional do arquiteto e sua contribuição para a construção de uma identidade moderna da arquitetura rio-grandense. O registro e análise da obra do arquiteto Luís Fernando Corona salvaguarda uma parte significativa da história da arquitetura do Rio Grande do Sul da segunda metade do século XX, quando se firma a profissão de arquiteto no Estado.

Palavras-chave: Luís Fernando Corona, arquitetura moderna em Porto Alegre, arquitetura moderna no Rio Grande do Sul.

ABSTRACT

SZEKUT, A. R. Sources of Modernity in Rio Grande do Sul: The work of the architect Luís Fernando Corona. Master's degree dissertation in Architecture – Program of Research and Postgraduate degree in Architecture (PROPAR) – Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2008.

This dissertation intends to study the work of the architect Luís Fernando Corona through the identification and systematical organization of his production and the formal analysis of his work. The period of study covered the years between 1951 and 1977. The first year indicates the beginning of his professional life as an architect and professor of architecture at IBA, while the last one refers to his early death at the age of 52. Among Luís Fernando Corona's production are the Jaguaribe building (1951), the State Law Courts of Rio Grande do Sul (1952) and the CRT headquarters (1964), which with many other projects define an important contribution in the context of modern architecture in southern Brazil. This study also tries to identify the influences during the architect's professional formation and his contribution for the construction of a modern identity of Rio Grande do Sul's architecture. The compilation and analysis of Luís Fernando Corona's work safeguards a relevant part of Rio Grande do Sul's architectural history in the second half of XX century, when the profession gains recognition the State.

Key words: Luís Fernando Corona, modern architecture in Porto Alegre, modern architecture in Rio Grande do Sul.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 CAPÍTULO I: A CONSTRUÇÃO DA ARQUITETURA MODERNA EM PORTO ALEGRE E A FORMAÇÃO DE LUÍS FERNANDO CORONA	14
2.1 UMA FAMÍLIA DE ARQUITETOS	29
2.2 OS PRIMEIROS PROJETOS – DÉCADA DE 1940	35
2.2.1 Mercado Público	35
2.2.2 Edifício Residencial São Francisco	38
3 CAPÍTULO II: OS PROJETOS DE LUÍS FERNANDO CORONA NA DÉCADA DE 1950	45
3.1 AS RESIDÊNCIAS	49
3.1.1 Residências Banco Lar Brasileiro	49
3.1.2 Residência Eugenio Neoes	55
3.1.3 Residência Cândido Norberto	61
3.1.4 Residência Samuel Madureira Coelho	66
3.1.5 Residência Manoel Quintanilha	68
3.2 OS EDIFÍCIOS RESIDENCIAIS	71
3.2.1 Edifício Jaguaribe	71
3.2.2 Edifício Residencial Irmãos Iochpe	103
3.2.3 Edifício de apartamentos com garagem em cada pavimento	109
3.3 PROGRAMAS ESPECIAIS	115
3.3.1 Sociedade Amigos da Praia de Imbé	115
3.3.2 Fábrica de Sabonetes e perfumarias MASI & CIA	126
3.3.3 Palácio da Justiça	132
3.3.4 Santa Casa de Caridade de Bagé	154

3.3.5 Núcleo de Férias do Instituto de Belas Artes	162
4 CAPÍTULO III: OS PROJETOS DE LUÍS FERNANDO CORONA NA DÉCADA DE 1960	165
4.1 AS RESIDÊNCIAS	168
4.1.1 Residências Ivone Louro e Pelegrin Figueiras	168
4.1.2 Residência do Arquiteto	174
4.1.3 Residência Natal Silva	181
4.1.4 Residência Haroldo Dias Paiva	183
4.1.5 Residência Ronald Ely	186
4.1.6 Residência Hélio Roca Bragança	191
4.2 OS EDIFÍCIOS RESIDENCIAIS	197
4.2.1 Edifício Residencial Bento Gonçalves	197
4.3 PROGRAMAS ESPECIAIS	202
4.3.1 Edifício CRT	202
5 CAPÍTULO IV: OS PROJETOS DE LUÍS FERNANDO CORONA NA DÉCADA DE 1970	234
5.1 AS RESIDÊNCIAS	238
5.1.1 Casa da Praia	238
5.1.2 Residência Liorne Martine Luzzato	243
5.1.3 Residência Darwin Langoni	245
5.2 PROGRAMAS ESPECIAIS	249
5.2.1 Capela de Passo Real	249
5.2.2 Sede Campestre do Clube do Professor Paranaense	253
5.2.3 Sede Campestre do Guaíba Country Club	264
6 CONCLUSÃO	274

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	281
LISTA DE FIGURAS	290
LISTA DE ABREVIATURAS	307
LISTA DE SIGLAS	308
ANEXO A: RELAÇÃO DOS PROJETOS LEVANTADOS	309
ANEXO B: FICHA CATALOGRÁFICA DOS PROJETOS LEVANTADOS	311

1 INTRODUÇÃO

De um modo geral, a produção arquitetônica do Rio Grande do Sul ainda é pouco conhecida e estudada. Poucos são os registros sistemáticos da trajetória dos arquitetos gaúchos. Contudo, existe uma vontade de reconhecer, registrar e contar essa história. Neste sentido, alguns pesquisadores têm-se interessado em estudar temas que abordam diversos períodos da arquitetura do Rio Grande do Sul. Os resultados desses estudos são encontrados em dissertações de mestrado, teses de doutorado, pesquisas de iniciação científica e outras publicações como a revista *Arquitexto*, organizada pelo Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura (PROPAR), e a revista eletrônica *VITRUVIUS*. Parte significativa da produção dos últimos tempos tem focado a arquitetura mais recente, da década de 1930 para cá. Por esta razão, este trabalho visa contribuir na salvaguarda de uma parte significativa da história do Rio Grande do Sul da segunda metade do século XX, quando se firma a profissão de arquiteto no Estado.

O tema deste trabalho é a arquitetura moderna gaúcha com enfoque na produção arquitetônica do arquiteto Luís Fernando Corona. O objetivo desta investigação é relacionar e analisar sua obra, produzindo um registro sistemático do seu trabalho e identificando influências e contribuições para a construção de uma identidade moderna na arquitetura gaúcha. O período abordado (1951-1977) inicia no ano seguinte da formatura da segunda turma de arquitetos oriundos do Instituto de Belas Artes (IBA), da qual Luís Fernando Corona fazia parte. Os recém-formados acompanharam com muito interesse a trajetória dos arquitetos cariocas durante a década de 1940, e é nesta fonte que foram buscar inspiração para seus primeiros projetos realizados na década de 1950. O ano de 1977 marca o fim da carreira do arquiteto com seu prematuro falecimento aos 52 anos.

As publicações que existem até hoje não abordam a obra de Luís Fernando Corona na sua totalidade; o que existe são estudos teóricos que enfocam alguns de seus edifícios. O livro de Canez¹ (1998) aborda a obra do arquiteto autodidata Fernando Corona, pai de Luís Fernando Corona, onde está presente o projeto para

¹ CANEZ, Anna Paula Moura. *Fernando Corona: e os caminhos da arquitetura moderna em Porto Alegre*. Porto Alegre: Unidade Editorial Porto Alegre, 1998. 209p.

o Edifício Jaguaribe, de autoria de ambos. No trabalho de Bernardes² (2003), o Edifício Jaguaribe é descrito com enfoque no novo paradigma habitacional do bloco de apartamentos que reúne, também, atividades comerciais e de lazer para os condôminos. O autor compara o projeto de 1951 com o executado no que se refere ao programa e à opção estilística dessas duas etapas do projeto. O projeto para o edifício-sede da Companhia Riograndense de Telecomunicações (CRT, 1964) é descrito por Cesa³ (2003) como um exemplo da arquitetura da verticalidade da Avenida Borges de Medeiros, aberta no final da década de 1920. O projeto detalhado pelo autor é o de ampliação e reforma da CRT, em 1972, quando é, então, construído o Bloco B.

A abrangente obra de Xavier e Mizoguchi⁴ (1987) sobre a Arquitetura Moderna em Porto Alegre documenta a produção local de 1935 até 1985, através de plantas, cortes, fotos e uma breve descrição. Algumas das obras de Luís Fernando Corona estão registradas, entre elas o Edifício Jaguaribe, o Palácio da Justiça, o Edifício CRT, as residências Cândido Norberto e Samuel Madureira Coelho, bem como a do próprio arquiteto. O projeto para o Palácio da Justiça foi apresentado por Edgar Graeff, na Revista Espaço Arquitetura nº1, publicada em 1958 e, recentemente, teve toda sua história contada até a reforma de 2006 em livro publicado pelo Memorial do Poder Judiciário⁵. A análise formal do Palácio da Justiça, com detalhes do processo de restauração, está documentada num artigo de Cícero Alvarez, Bárbara Mello e Rodrigo Rosinha⁶ (2007). Também a dissertação de Andréa Soler Machado⁷ (1996) documenta o edifício construído do Palácio da Justiça. Além disso, algumas revistas e jornais, como a Revista Manchete e o jornal

² BERNARDES, Dalton Roberto Pacheco. *Jaguaribe e Esplanada: o edifício de apartamentos modernista e um novo paradigma habitacional em Porto Alegre*. 216p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – PROPAR-UFRGS, Porto Alegre, 2003.

³ CESA, Paulo. *Arquitetura da verticalidade na recém-aberta Avenida Borges de Medeiros*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – PROPAR-UFRGS, Porto Alegre, 2003.

⁴ XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 1987. 403p.

⁵ RIO GRANDE DO SUL. Tribunal de Justiça. Memorial do Judiciário do Rio Grande do Sul. *As Sedes do Tribunal*. Porto Alegre.

⁶ ALVAREZ, Cícero; MELLO, Bárbara; ROSINHA, Rodrigo B. *Palácio da Justiça de Porto Alegre: a longa espera pelo fim, 1952-2006. O projeto de Recuperação, Restauração e Readequação do ícone da Arquitetura Moderna de Porto Alegre*. In 7º Seminário Docomomo Brasil. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

⁷ MAHFUZ, Andrea Soler Machado. *Dois palácios e uma praça: a inserção do Palácio da Justiça e do Palácio Farroupilha na Praça da Matriz em Porto Alegre*. 304p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – PROPAR-UFRGS, Porto Alegre, 1996.

Correio do Povo, noticiam com caráter mais jornalístico, algumas das obras de Luís Fernando Corona.

As obras relacionadas para o trabalho são descritas com base no material iconográfico levantado, plantas, cortes, fachadas, perspectivas e fotos de época, numa tentativa de reconstituir a trajetória profissional do arquiteto e o processo de concepção de cada projeto. Em um segundo momento, é realizada uma análise dos processos compositivos até chegar à forma final do edifício construído e, assim, com o entendimento total do edifício e com o conhecimento contextual, é possível fazer uma primeira abordagem interpretativa da obra.

O primeiro capítulo é dedicado à formação profissional de Luís Fernando Corona dentro do curso de arquitetura do IBA. A tradição do ofício dentro da família Corona também é descrita citando desde seu avô, Jesus Maria Corona, seu pai, Fernando Corona, até seu irmão, Eduardo Corona. Neste capítulo, são feitas considerações sobre as duas escolas de arquitetura e a filiação do ensino praticado no IBA à Escola Carioca, além de outros eventos importantes para a afirmação da profissão de arquiteto e, também, da arquitetura moderna no Estado. Ainda são apresentados dois projetos, um acadêmico e outro em parceria com Fernando Corona, anteriores à data de formatura de Luís Fernando.

A produção arquitetônica dos anos 1950, 1960 e 1970 foi organizada em três partes: projetos de residências, projetos de edifícios residenciais e projetos de edifícios com programas especiais. Desta forma, o segundo capítulo detém-se em apresentar a produção dos anos 1950, onde se destacam o Edifício Jaguaribe (1951), projetado em parceria com seu pai, Fernando Corona; a sede social da Sociedade Amigos da Praia do Imbé (SAPI, 1951), projeto vencedor de concurso público com inspiração na obra de Oscar Niemeyer para o Conjunto da Pampulha; e o edifício para o Palácio da Justiça, projeto vencedor do concurso público de 1952 em parceria com o arquiteto Carlos Maximiliano Fayet, onde se vê a presença dos princípios de Le Corbusier. A década de 1950 também teve projetos e estudos para residências, edifícios de apartamentos e edifícios institucionais, sempre inspirados pela produção carioca da década anterior. Entre estas obras, estão as residências para o Banco Lar Brasileiro; Cândido Norberto e Samuel Madureira Coelho; o anteprojeto para a Santa Casa de Caridade de Bagé; o projeto para o Núcleo de Férias do IBA; o anteprojeto do Conjunto Residencial para funcionários do Instituto

de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado (IPASE); e o estudo para um edifício de apartamentos.

A produção da década de 1960 é abordada no capítulo três, com destaque para o Edifício CRT, projetado em co-autoria com Emil Bered e Roberto Félix Veronese. A versão final do projeto do Edifício Jaguaribe, com data de 1960, apresenta uma mudança de linguagem das fachadas, acompanhando as novas influências estilísticas. Esta mudança de forma de expressão também está presente em outros trabalhos desse período. É o caso das residências Haroldo Dias Paiva, Ronald Ely, Hélio Bragança, Natal Silva, do próprio arquiteto e do edifício Bento Gonçalves.

O capítulo quatro reúne os projetos da década de 1970. Entre eles está o anteprojeto para a Capela de Passo Real; a Sede Campestre do Clube do Professor Paranaense; a Sede do Guaíba Country Club; a Casa da Praia em Atlântida; e as residências Liorne Martine Luzzato e Darwin Longoni.

Com base na bibliografia anteriormente relacionada e observando as considerações já feitas a algumas de suas obras, esta investigação procura fazer uma abordagem analítica e interpretativa da arquitetura de Luís Fernando Corona. Através de sua obra, busca-se enxergar a trajetória do arquiteto ao longo do processo de consolidação da arquitetura moderna no estado e identificar o diálogo com a produção dos arquitetos do centro do país e das vanguardas modernistas européias e norte-americanas.

Além disso, alguns acontecimentos pertinentes, relativos ao ambiente político, econômico, social e cultural são importantes para a montagem do pano de fundo onde se passam todos os acontecimentos. Contudo, o trabalho concentra-se em entender o processo de projeto, as diversas etapas, revisões e condicionantes externos dos mais diversos que atuam sobre o fazer arquitetônico.

Todo o material levantado na pesquisa é de fonte primária e constitui-se de reportagens de jornais e revistas do período abordado, documentos, fotos e desenhos pertencentes a acervos particulares, entre eles os da família Corona, do arquiteto Emil Bered, da Sra. Malvina Pianca e do Prof. Luiz Aydos. Entre as instituições, foram pesquisados os acervos do Arquivo do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (IA-UFRGS), do Arquivo Municipal de Porto Alegre, do arquivo da Secretaria Municipal de Obras e Viação da Prefeitura Municipal de Porto Alegre (SMOV-PMPA), do laboratório de Teoria e História do

Centro Universitário Ritter dos Reis, do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa e do Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento do Rio Grande do Sul (IAB RS). Também foram realizadas entrevistas com a Sra. Magali Corona e com pessoas ligadas a Luís Fernando Corona: Arq. Enilda Ribeiro, Arq. Emil Bered, Sr. Darwin Longoni, Sra. Geci Helena Anele, Sr. Cândido Norberto, Sra. Malvina Pianca Sr. Hélio Roca Bragança e Prof. Círio Simon. Igualmente importante foi à visita a grande parte dessas obras, com amplo registro fotográfico e obtenção de material (fotos e/ou plantas) junto aos proprietários de algumas das residências.

CAPÍTULO I

2 A CONSTRUÇÃO DA ARQUITETURA MODERNA EM PORTO ALEGRE E A FORMAÇÃO DE LUÍS FERNANDO CORONA

A construção civil em Porto Alegre ganha vigor a partir dos anos 1930 e 1940, quando foram feitos grandes investimentos nos setores imobiliário e urbano. É nesse período que “vários eixos foram estabelecidos, tais como as avenidas Protásio Alves, Farrapos, Jerônimo de Ornellas e o prolongamento da Avenida João Pessoa”⁸ (PEREIRA, 2000). Também nesse período as avenidas Borges de Medeiros e Salgado Filho foram abertas na área central da cidade. Para conformá-las, surgem numerosos edifícios em altura, em resposta à densificação do centro de Porto Alegre. Entre eles estão “os edifícios União, Guaspari, Sulacap, Sulamérica e Vera Cruz, cuja verticalidade configura uma alteração radical da paisagem da cidade”⁹ (PEREIRA, 2000). Estes edifícios retratam um primeiro momento, quando a modernidade de natureza geral, não-filiada a uma vertente estilística específica, preocupava-se em negar a ornamentação, a decoração e o historicismo¹⁰ (Figuras 01, 02 e 03).

Na década de 1940, surge um esforço a fim de estabelecer um vínculo estilístico em Porto Alegre, ligado à arquitetura da Escola Carioca, cuja matriz era a obra de Le Corbusier. Nessa década, foram feitos alguns projetos de edifícios modernos em Porto Alegre, de autoria de arquitetos daquela jovem escola. O primeiro deles é o Hospital de Clínicas de Porto Alegre, projetado por Jorge Machado Moreira, em 1942, e construído a partir de 1947, com modificações no projeto original.¹¹ Em 1943, o presidente do Instituto de Previdência do Estado solicita a Oscar Niemeyer um novo projeto para a Sede do IPE, cujo concurso de 1936 fora vencido por Fernando Corona e Egon Weindörfer. Affonso Eduardo Reidy

⁸ PEREIRA, Cláudio Calovi. Primórdios da arquitetura moderna em Porto Alegre: a presença dos arquitetos do Rio de Janeiro. *Cadernos de Arquitetura Ritter dos Reis*, Porto Alegre, v.2, p.48, out. 2000.

⁹ *Ibidem*.

¹⁰ Ver VIANNA, Patrícia Pinto. *O processo de verticalização em Porto Alegre: e a contribuição da Construtora Azevedo Moura & Gertum*. 199p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – PROPARGS, Porto Alegre, 2004.

¹¹ Ver SILVA, Marcos Miethicki da. *O Hospital de Clínicas de Porto Alegre: a presença de Jorge Moreira na arquitetura da capital gaúcha*. 222p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – PROPARGS, Porto Alegre, 2006.

e Jorge Machado Moreira vencem o concurso para o Edifício-Sede da Viação Férrea do Rio Grande do Sul (VFRGS), em 1944. Ainda, nesse mesmo ano, o projeto é reelaborado por Affonso Eduardo Reidy em outro terreno, mas não sai do papel¹² (Figuras 04, 05, 06 e 07).

Segundo Cláudio Calovi Pereira (2000): “A participação desses arquitetos em projetos para Porto Alegre indica que desde cedo havia atenção para com os desenvolvimentos da vanguarda arquitetônica moderna na capital.”¹³ Porém, havia também despreparo do poder público municipal que não via esta arquitetura como adequada, alegando que tais prédios destoariam dos edifícios ecléticos, *art déco* e de outros estilos, que ainda eram construídos em Porto Alegre¹⁴. Fato é que nem mesmo o alarde da vinda de Niemeyer para o projeto do IPE, e a exaltação de seus projetos realizados até então¹⁵ foram capazes de sensibilizar as autoridades locais para os novos rumos da arquitetura.



Figura 01: Edifício Guaspari, 1936. Projeto de Fernando Corona.

Fonte: XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 1987, p.46.

Figura 02: Edifício Sulacap, 1938. Projeto de Arnaldo Gladosch.

Fonte: Disponível em: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=537310>

Figura 03: Edifício União, 1939. Projeto de Arnaldo Gladosch.

Fonte: Disponível em: http://commons.wikimedia.org/wiki/Image:Edif%C3%ADcio_Uni%C3%A3o.jpg

¹² PEREIRA, Cláudio Calovi. Primórdios da arquitetura moderna em Porto Alegre: a presença dos arquitetos do Rio de Janeiro. *Cadernos de Arquitetura Ritter dos Reis*, Porto Alegre, v.2, p. 63-67, out. 2000.

¹³ Ibidem. p.54.

¹⁴ Em seu diário Fernando Corona conta rapidamente sobre o concurso do IPE, sobre o projeto de Niemeyer feito posteriormente e sobre o parecer da seção de obras da Prefeitura contrário a construção do edifício moderno por não considerar “próprio para a Av. Borges de Medeiros.” Diário de Fernando CORONA (1895 – 1979) Ano 26, 1937.

¹⁵ A reportagem do jornal Diário de Notícias, de 24 de janeiro de 1945, com o título *O IPE construirá o mais alto edifício de Porto Alegre. Entregue o projeto ao famoso arquiteto Niemeyer*, cita o projeto do Pavilhão do Brasil na Feira Internacional de Nova Iorque projetado com Lúcio Costa, o MESP, o Cassino da Pampulha e o Teatro Municipal de Belo Horizonte. Ver VIANNA, 2004, p175-177.

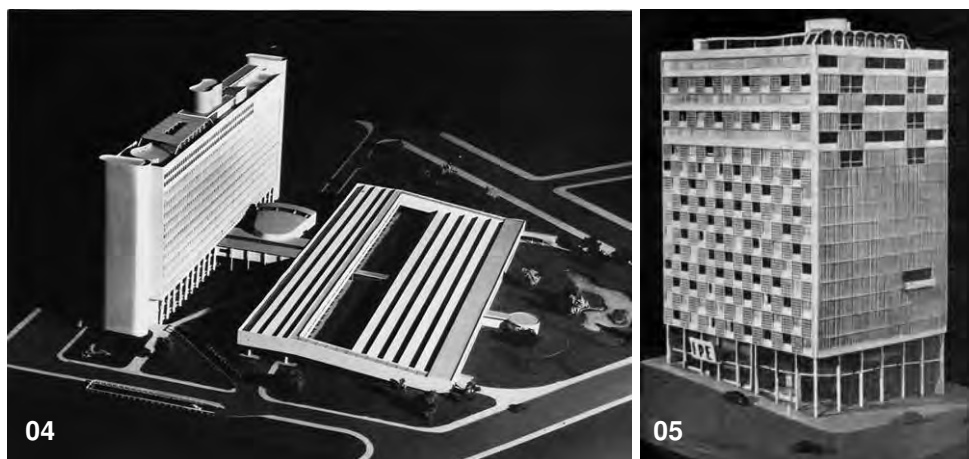


Figura 04: Projeto para o Hospital de Clínicas de Jorge M. Moreira, 1942.

Figura 05: Projeto para o Edifício Sede do IPE de Oscar Niemeyer, 1943.

Fonte: XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 1987, p. 27.

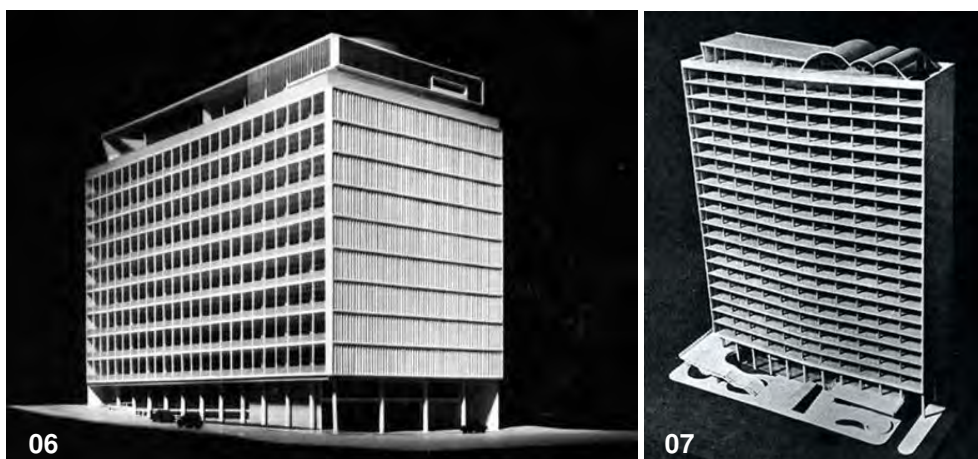


Figura 06: Projeto para o Edifício da Viação Férrea do Rio Grande do Sul de Affonso E. Reidy e Jorge M. Moreira (1944), localizado na esquina da Av. Farrapos com a Rua Barros Cassal.

Fonte: Jorge Machado Moreira. Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, 1999, p.109.

Figura 07: Segundo projeto para o Edifício-sede da Viação Férrea do Rio Grande do Sul de Affonso E. Reidy, 1944.

Fonte: XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 1987, p.27.

A frieza da capital gaúcha em relação à arquitetura moderna é atribuída por Luccas (2004) “ao conservadorismo e isolamento da sociedade local, distanciada dos signos próprios da industrialização, e apegada a uma arquitetura com características alemãs acentuadas”¹⁶ e “à inexistência de uma escola de arquitetura que produzisse reflexão crítica e renovação na arquitetura porto-alegrense.”¹⁷ Soma-se a isto o fato de que esses três projetos, de 1942, 1943 e 1944, apareceram

¹⁶ LUCAS, Luis Henrique Haas. *Arquitetura moderna brasileira em Porto Alegre sob o mito do "gênio artístico nacional"*. 2004. p.121. Tese (Doutorado em Arquitetura).

¹⁷ Ibidem.

relativamente cedo por aqui, quando ainda eram poucos os exemplares modernos edificadas no país. O projeto para o Ministério de Educação e Saúde Pública (MESP), de 1936, que teve a participação de Oscar Niemeyer, Affonso Eduardo Reidy e Jorge Machado Moreira na equipe de Lúcio Costa, só seria ocupado no final de 1943 e o Conjunto da Pampulha de Niemeyer, projeto de 1940, estava em construção até 1943. Contribuem para esta cronologia três projetos dos Irmãos Roberto: a Associação Brasileira de Imprensa (ABI), de 1936, a Liga Brasileira contra a Tuberculose, de 1937, e o edifício do Instituto de Resseguros do Brasil (IRB), de 1942 (Figuras 08, 09 e 10).

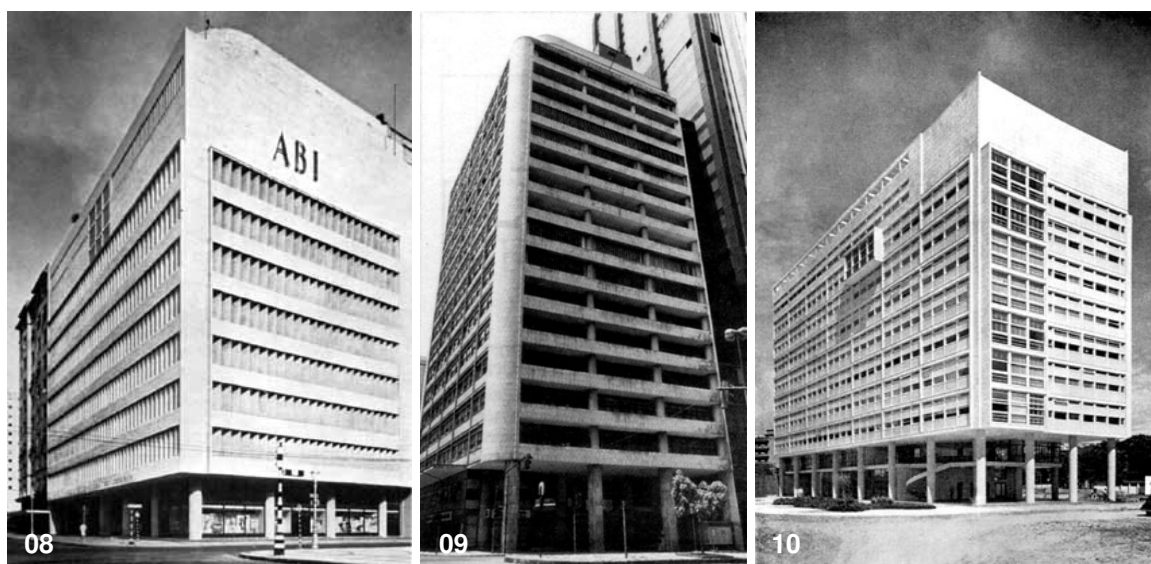


Figura 08: Edifício ABI, 1936.

Fonte: MINDLIN, Henrique Ephim. *Arquitetura moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999. p.216.

Figura 09: Edifício Liga Brasileira contra a Tuberculose, 1937.

Fonte: COMAS, Carlos Eduardo Dias. *Questões de base e situação: arquitetura moderna e edifícios de escritórios, Rio de Janeiro, 1936-45*. Portal Vitruvius. Arqtextos 078. Nov. 2006 (09)

Figura 10: Edifício do Instituto de Resseguros do Brasil, 1942.

Fonte: MINDLIN, Henrique Ephim. *Arquitetura moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999. p.224.

O ensino da arquitetura no Rio Grande do Sul, como curso superior, data apenas de 1945. Até 1944, os arquitetos disponíveis eram, em geral, engenheiros civis formados pela Escola de Engenharia ou então estrangeiros. A partir de 1945, o Instituto de Belas Artes substituiu o Curso Técnico de Arquitetura, oferecido desde 1939, pelo Curso Superior de Arquitetura, seguindo os moldes de ensino da Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) do Rio de Janeiro. O quadro docente era composto por Demétrio Ribeiro (formado no Uruguai), José Lutzemberger (formado na

Alemanha), Fernando Corona, Edvaldo Pereira Paiva (engenheiro civil formado na UFRGS), Edgar Graeff (formado na Faculdade Nacional de Arquitetura – FNA) e Ernani Dias Correa (ENBA)¹⁸.

Dessa forma, o momento para a criação de um curso superior de arquitetura no Estado não poderia ser mais propício. Com a regulamentação profissional instaurada no país, em 1933, muitos profissionais estrangeiros que participaram da construção de Porto Alegre no início do século XX, durante os governos positivistas, não foram reconhecidos como arquitetos, sendo considerados apenas construtores licenciados. A partir de então, os escritórios de engenharia dominaram o mercado, e os projetos passaram a ser feitos por engenheiros e técnicos em edificação. Contudo, o crescimento da construção civil, no final dos anos 30 e nos anos 40, fez com que o Estado se ressentisse da falta de arquitetos formados e legalmente habilitados. Foi com a finalidade de suprir esta necessidade que o IBA criou seu curso superior de arquitetura.

Com a criação do curso de arquitetura no Instituto de Belas Artes, a Escola de Engenharia da Universidade de Porto Alegre cria, também em 1944, seguindo o modelo da Escola de Engenharia de São Paulo, um curso superior, visando à formação de Engenheiros-Arquitetos, que passa a funcionar em 1945.

Em seu trabalho sobre arquitetura moderna e os cursos de arquitetura em Porto Alegre, Fiori (1992) conclui que não há dúvida quanto à qualificação moderna dos dois cursos, visto que – embora professores de tendências conservadoras permaneçam no quadro docente de ambos – o ensino de projeto arquitetônico conta com profissionais já identificados com os ideais arquitetônicos modernos¹⁹. No caso do curso oferecido pela Escola de Engenharia, o arquiteto austríaco Eugênio Steinhof estava à frente das disciplinas de projeto, enquanto que, no IBA, as disciplinas de composição eram ministradas por Demétrio Ribeiro e Edgar Graeff.

Demétrio Ribeiro (1916-2003) formou-se na Faculdade de Arquitetura da Universidade da República Oriental do Uruguai, em 1943. Em 1944, retornou a Porto Alegre e, em 1946, foi convidado para dar aulas no curso de arquitetura do IBA, onde foi professor das cátedras de Composição em Arquitetura e Grandes

¹⁸ Em 1945, é criada a Faculdade Nacional de Arquitetura, no Rio de Janeiro, originada na Escola Nacional de Belas Artes, que teve, em 1930, Lúcio Costa como Diretor, posto no qual permaneceu por menos de um ano.

¹⁹ FIORI, Renato Holmer. *Arquitetura Moderna e Ensino de Arquitetura: os cursos em Porto Alegre de 1945 a 1951*. 420p. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de História, PUCRS, Porto Alegre, 1992.

Composições em Arquitetura. Na sua obra, prevalece a experiência conservadora de sua escola uruguaia e, a inspiração no racionalismo italiano. Sobre sua formação no Uruguai e seu contato com a arquitetura moderna, Demétrio Ribeiro, em entrevista a Mohr (2003), revela:

Havia apenas um professor vinculado ao CIAM, ao moderno, a Le Corbusier, de quem era amigo, Gomes Gavazzo. Professor de uma só disciplina, dirigia um atelier que chamava Composição Decorativa. Muito conhecido, talentoso e, neste sentido, em constante conflito teórico com o resto da escola. Era realmente um adepto, um adepto e um homem que compreendia bem a arquitetura de Le Corbusier, os outros não. (...) Quando comecei aqui, eu era um arquiteto formado no Uruguai dentro de princípios que eu saiba, da tal Art Déco, enfim, o que eles chamam Art Déco ou seja, convicto de que, até hoje eu tenho um pouco isto, esta história da composição, não me tira da cabeça. (...) Quando cheguei ao Brasil tive que ir ao Rio para fazer a revalidação do diploma e do curso secundário. Visitei o Oscar Niemeyer. Ele me tratou muito bem e foi só aí que eu comecei a me interessar, a viver mesmo essa questão da arte dele da qual eu tinha ficado alheio na minha formação. Enfrentei essa necessidade de compreender as obras de Le Corbusier.²⁰

Segundo Luccas (2006), a introdução da arquitetura moderna local, “alinhada conscientemente com os enunciados e doutrinas das vanguardas européias e seus desdobramentos posteriores, caberia aos pioneiros Carlos Alberto de Holanda Mendonça e Edgar Graeff²¹, graduados pela Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro. Graeff (1921-1990) concluiu a faculdade em 1947 e, em 1948, foi convidado para ser assistente da cátedra Composições de Arquitetura. Sua atuação no IBA e na prática profissional foi de fundamental importância para a arquitetura moderna no Estado, de viés corbusiano e carioca. O arquiteto alagoano Carlos Alberto de Holanda Mendonça (1920-1956) chegou em Porto Alegre por volta de 1947²² e, aqui, realizou grande número de projetos nos quais é possível identificar-se a influência da Escola Carioca dos anos 1940.

A diferença entre os dois cursos está ligada ao meio em que foram concebidos e desenvolveram-se. No curso do IBA, a arquitetura era vista como arte, o que não é de se estranhar, já que estava instalada em um estabelecimento de ensino voltado às artes plásticas e à música. Boa parte da infra-estrutura desses

²⁰ MOHR, Udo Sílvio. Demétrio Ribeiro, 1916-2003. *ARQUITEXTOS* 41, outubro de 2003

²¹ LUCCAS, Luís Henrique Haas. A escola carioca e a arquitetura moderna em Porto Alegre (1). *ARQUITEXTOS* 73, junho de 2006.

²² A Casa do Pequenino, datada de 1947, é o primeiro projeto conhecido de Carlos Alberto de Holanda Mendonça em Porto Alegre. Por esta razão, toma-se o ano de 1947 como sinalizador da chegada de Holanda Mendonça na capital gaúcha.

curso foi aproveitada para viabilizar o Curso de Arquitetura. A situação do curso da Escola de Engenharia não era diferente: a visão tecnicista que o caracterizava, devia-se ao convívio com as engenharias e as próprias disciplinas, na maioria técnicas. As disciplinas de arquitetura, ministradas por Steinhof, funcionavam isoladas do restante do curso.

No ano de 1947, foi criado o Curso de Urbanismo do Instituto de Belas Artes, com caráter de pós-graduação, voltado para a formação de engenheiros e arquitetos diplomados. O curso, com dois anos de duração, tinha como professores os engenheiros e urbanistas Edvaldo Pereira Paiva e Luís Ubatuba de Faria. Em 1949, são diplomadas as primeiras turmas de urbanistas, arquitetos e engenheiros-arquitetos do IBA.

Luís Fernando Corona ingressou no Curso de Arquitetura do Instituto de Belas Artes em 1946, graduando-se em 20 de dezembro de 1950, na segunda turma de arquitetos formados pelo IBA.²³ Em 1955, obteve o título de Urbanista pela Faculdade de Arquitetura da UFRGS. Como estudante, foi sócio fundador da Associação Araújo Porto Alegre, participando, nos primeiros meses de 1948, de uma viagem de estudos à Bahia e a Minas Gerais. A caravana Araújo Porto Alegre, como ficou conhecida, era composta por alunos das artes plásticas e de arquitetura do IBA e seu trabalho foi amplamente divulgado pela imprensa da capital gaúcha. Os desenhos, pinturas e fotografias, produzidos acerca da arte colonial baiana e mineira, nos dois meses de viagem, foram expostos nas capitais daqueles estados e, também, numa grande exposição, com mais de 300 trabalhos, realizada em abril de 1948, no Salão do Correio do Povo, em Porto Alegre.

Ainda como aluno, Luís Fernando também participou da Exposição Coletiva de Pintura, Escultura, Arquitetura e Gravura do IBA, entre 1948 e 1950, e foi membro da direção da revista de arquitetura, urbanismo e arte Ante-Projeto²⁴, organizada por um grupo de estudantes do IBA e inspirada na Revista Ante-Projeto, editada por um grupo de alunos da Faculdade Nacional de Arquitetura do Rio de Janeiro.

²³ Com Luís Fernando Corona formaram-se também: Antônio Magadan, Charles René Hugaud, Cláudio Dytz, Dirceu Berclaz, Emilio Mabilde Ripoll, Enilda Ribeiro, Fernando P. Lunardi, Flávio Tarquinio Pufal, Gino M. Panciera, Jayme Luna dos Santos, J. Amaury Koebe, João B. dos Santos, Luiz L. Gaertner, Moacyr Zamora, Paulo Vallandro, Tasso Olímpio Pufal, eng civil Alfredo Leboutte e eng. Civil Mário José Corrêa.

²⁴ A Revista Ante-Projeto número 1 foi publicada em agosto de 1948. A Direção era formada por Edgar Graeff, Francisco Macedo, Jorge Siritto, Luís Fernando Corona, Marcos Jaimovich e Nelson Souza.

As revistas de arquitetura criadas pelos alunos do IBA serviram para ampliar a frente de luta pela renovação da arquitetura. A Revista Ante-Projeto nº1, de agosto de 1948, traz em destaque o II Congresso Brasileiro de Arquitetos que se realizaria entre os dias 20 e 27 de novembro do mesmo ano. Na segunda página, uma caricatura de Lúcio Costa exalta o mestre de todos. As demais páginas ilustram, com projetos acadêmicos e textos, o alinhamento com a arquitetura produzida no Rio de Janeiro. Na edição número 2, publicada em novembro de 1948, a revista passa a se chamar Espaço²⁵. Essa edição é dedicada a Oscar Niemeyer e traz em destaque a Carta de Atenas. Nela estão publicados um projeto acadêmico de Luís Fernando Corona para um Mercado Público e um texto de sua autoria, talvez o único publicado. Este texto revela seu entendimento sobre a arquitetura contemporânea e lamenta que Porto Alegre não tenha tido, como outras capitais brasileiras, a sorte de ter 'preciosos mecenas' capazes de empreender a construção da arquitetura moderna, em referência aos projetos da década de 40 de Jorge Moreira, Reidy e Niemeyer. O texto, composto de uma página, é uma chamada para o II Congresso Brasileiro de Arquitetos, que estava para ser iniciado.

A escolha de Porto Alegre, para sediar o II Congresso Brasileiro de Arquitetos²⁶, em novembro de 1948, tinha por finalidade informar os porto-alegrenses sobre a nova arquitetura e sobre a nova técnica, visto que aqui nenhum projeto ligado ao Movimento Moderno havia sido edificado. Eduardo Corona, em entrevista ao jornal Correio do Povo, deixa claras tais razões:

A escolha de Porto Alegre nos foi importante por ser esta capital a mais necessitada entre todas de um impulso e um esclarecimento no que se refere ao aspecto arquitetônico. Porto Alegre, nesse particular está atrasadíssima. É uma cidade em câmara lenta. Tudo chega em último lugar. Precisamos mostrar ao povo porto-alegrense o que é a nova arquitetura e o que já se fez no Brasil, qual é a nova realidade técnica. É urgente evitar-se que a nossa cidade seja vítima, como tem sido, dos mais recentes monstros construídos em nosso país.²⁷

²⁵ Na direção da Revista Espaço estava: Carlos Maximiliano Fayet, Enilda Ribeiro, Jorge Siritto, Luís Fernando Corona, Nelson Souza e G. Bianchetti.

²⁶ O 1º Congresso Brasileiro de Arquitetos, promovido pelo IAB, acontece em 1944, em São Paulo, onde se defendeu a criação de faculdades de arquitetura independentes das Escolas de Engenharia e Artes.

²⁷ Correio do Povo, 26 de outubro de 1948.

Outro acontecimento importante para a promoção da arquitetura local foi a fundação do Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento do Rio Grande do Sul, em 19 de março de 1948. Ernani Correa foi escolhido presidente do IAB-RS.

A edição número 3 da Revista Espaço, de junho de 1949, é dedicada a Lúcio Costa e traz um texto deste sobre suas considerações à respeito do ensino de arquitetura. É publicado, também, o resultado do II Congresso Brasileiro de Arquitetos e a formatura da primeira turma de urbanistas do IBA, tendo Oscar Niemeyer como paraninfo. Nessa segunda visita ao Rio Grande do Sul, Oscar Niemeyer veio acompanhado por Eduardo Corona, irmão de Luís Fernando Corona, e realizou duas conferências e uma mesa-redonda, esta na residência do professor Fernando Corona (Figuras 11 e 12).



Figura 11: Oscar Niemeyer com professores e alunos da segunda turma de arquitetos do IBA (1946-1950), em frente à residência do Professor Fernando Corona, na Rua Dr. Timóteo, 565, abril de 1949.

Fonte: Acervo Sra. Magali Corona.

Figura 12: Oscar Niemeyer no gabinete do professor Fernando Corona, na Rua Dr. Timóteo, 565, abril de 1949.

Fonte: Acervo Sra. Magali Corona.

Ao fim de 1949, são formados os primeiros arquitetos e engenheiros-arquitetos dos Cursos Superiores de Arquitetura do IBA²⁸ e da Escola de Engenharia, respectivamente. A última edição da revista Espaço, publicada em dezembro de 1949, trata dos cinco anos do curso de arquitetura e da formatura da primeira turma de arquitetos do IBA. A revista retornaria em 1958, com o nome

²⁸ Eram alunos da primeira turma de arquitetos formados pelo IBA: Bruno Felix Rossi, Emil A. Bered, Francisco dos Santos Coutinho, Jasson Cavalcanti de Albuquerque, José Lorenzoni Parreira, Kurt Günter Hugo Schmeling, Leo Alfredo Preto de Oliveira, Mauro Guedes de Oliveira, Nelson Camargo Costa, Remo José Irace, Roberto Felix Veronese e Salomão S. Kruchin.

Espaço Arquitetura, trazendo, então, os projetos dos arquitetos formados pelo IBA e pela Faculdade de Arquitetura da UFRGS, mas seu 'fôlego' duraria somente duas edições.

Segundo Campelo, "são os egressos do IBA e seus professores os responsáveis pelos primeiros projetos modernistas na cidade"²⁹, realizados já no início da década seguinte. São eles também os responsáveis pelo movimento a favor da fusão dos dois cursos superiores de arquitetura em uma Faculdade de Arquitetura, o que resultou, em 1952, na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Rio Grande do Sul³⁰. Nesse momento, desvinculados do Instituto de Belas Artes e da Faculdade de Engenharia, arquitetos e estudantes de arquitetura iniciaram a busca por uma melhora na qualidade de ensino e a conquista de seu espaço junto à sociedade que, naquela época, não entendia qual era a atuação real do arquiteto.

Os dois primeiros números da Revista Módulo³¹, editados pelos estudantes de arquitetura da UFRGS, e publicados em maio e setembro de 1952, respectivamente, tratam da luta de estudantes e professores por uma faculdade de arquitetura autônoma (movimento conhecido pela sigla PUFA – Por Uma Faculdade de Arquitetura), por um prédio próprio e pela reforma universitária (Figuras 13 e 14).

Como escreve Demétrio Ribeiro (1987):

O período de surgimento e de desenvolvimento da Arquitetura Moderna no Rio Grande do Sul, a partir do fim da guerra e do Estado Novo, foi também o da afirmação da arquitetura como disciplina autônoma do saber e da arte. Os estudantes e profissionais que lutavam em nome da arquitetura moderna, o faziam em última análise pela existência da arquitetura simplesmente. Uma causa era indissociável da outra.³²

Na década de 1950, foram construídos inúmeros edifícios institucionais, públicos e privados, de porte, resultado de concursos públicos ou de investimentos privados. A arquitetura refletida nesses edifícios foi influenciada pela Escola Carioca e por Le Corbusier, com o uso de planta livre, fachada livre, térreo com pilotis, teto-jardim, elementos de proteção solar, etc. Conforme Demétrio Ribeiro: "Foi nesse

²⁹ CAMPELO, Cristina de Lorenzi. *A produção arquitetônica dos egressos da Escola de Engenharia e do Instituto de Belas Artes no período de 1949 a 1952*. Porto Alegre: UFRGS: FAPERGS, 1992, p.68.

³⁰ Segundo Fabiano Padão (correspondência por email), a Universidade permanece com o nome UFRGS, mesmo depois de federalizada (1950), até 1965, quando passa a ser a UFRGS.

³¹ Na Direção da Revista Módulo estavam: Marcos Hekman, Moacyr M. Marques e Moacyr Zanin. O Conselho de Redação era composto por: Batistino Anele, Aldrovando R. Guerra, Fabio S. Ribeiro, Luis C. Cunha, Irineu Breitman e Luis Radomsky.

³² XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 1987. p.26.

decênio que as elites culturais e econômicas locais, seguindo os passos das elites do Rio e de São Paulo, assumiram a Arquitetura Moderna como estilo oficial.³³

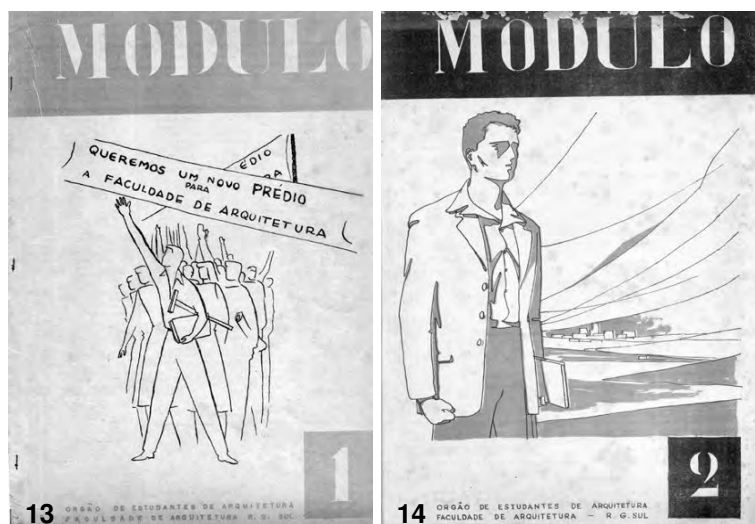


Figura 13: Capa da Revista Módulo nº1.

Fonte: Acervo Arq. Emil Bered.

Figura 14: Capa da Revista Módulo nº2.

Fonte: Acervo Arq. Emil Bered.

Alguns desses edifícios são frutos do ensino de arquitetura praticado pelo IBA. São exemplos da produção dessa época a Estação de Passageiros do Aeroporto Salgado Filho (Nelson Souza, 1950), o Edifício Santa Terezinha (Carlos Alberto de Holanda Mendonça, 1950) e o Edifício Jaguaribe (Fernando Corona e Luís Fernando Corona, 1951). Nos concursos, destacaram-se o projeto para o Palácio da Justiça, de Luís Fernando Corona e Carlos Maximiliano Fayet (1952), e o projeto para o Colégio Estadual Júlio de Castilhos, de Demétrio Ribeiro e Enilda Ribeiro (1952). Nesses anos iniciais, cabe citar o projeto vencedor de concurso para as Tribunas do Jôquei Clube (1951) e ainda o projeto para o Edifício Esplanada (1952), ambos do arquiteto uruguaio Román Fresnedo Siri (Figuras 15, 16, 17 e 18).

Em 1951, Luís Fernando Corona iniciou sua trajetória docente como assistente voluntário no Curso de Arquitetura do IBA. A convite do Arq. José Lutzemberger, participou da cátedra de Perspectiva – Sombras – Estereotomia do Curso de Arquitetura. Atuou, também, na cátedra de Composição de Arquitetura para as 4º e 5º séries deste curso. Com o falecimento de Lutzemberger, em 2 de agosto de 1951, passou a lecionar interinamente a cátedra de Perspectiva –

³³ Ibidem. p.30.

Sombras – Estereotomia no curso de arquitetura e, a partir de 1952, nos cursos de Pintura e Escultura do IBA. Foi regente da Cátedra de Teoria e Prática dos Planos das Cidades para a 1º e 2º séries do Curso de Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da URGs e Colaborador de Ensino da cadeira de Composição de Arquitetura I e II na mesma Faculdade (1957). Em 1957, apresentou a tese “O Ensino da Perspectiva e o Artista Plástico” no processo de seleção do concurso de títulos e provas para professor catedrático da cadeira de Perspectiva – Sombras – Estereotomia dos cursos de pintura e escultura do IBA, tendo sido nomeado em 1959.



Figura 15: Aeroporto Salgado Filho, 1950. Projeto de Nelson Souza.

Fonte: XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 1987, p.64.

Figura 16: Edifício Santa Terezinha, 1950. Projeto de Carlos Alberto de Holanda Mendonça.

Fonte: XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 1987, p.66.



Figura 17: Tribunas Sociais do Jockey Clube do Rio Grande do Sul, 1951. Projeto de Román Fresnedo Siri.

Fonte: Canez, Anna Paula Moura. *Arquiteturas cisplatinas: Roman Fresnedo Siri e Eladio Dieste em Porto Alegre*. Porto Alegre: UniRitter, 2004. p.15. Foto de Leopoldo Plentz.

Figura 18: Edifício Esplanada, 1952. Projeto de Román Fresnedo Siri.

Fonte: Foto da Autora.

Os primeiros projetos que realizou, já em 1951 e ao longo de toda a década foram em parceria com o pai, Fernando Corona. Juntos projetaram os edifícios São Francisco (em 1948, quando Luís Fernando ainda era estudante), Jaguaribe e Irmãos Lochpe, a fábrica de sabonetes e perfumarias MASI & CIA e um edifício de apartamentos com garagem no pavimento, este último com a participação do arquiteto Carlos Maximiliano Fayet. Com Fayet, Luís Fernando também dividiu a autoria de vários projetos durante a década de 50. O projeto de maior visibilidade foi o Palácio da Justiça, em Porto Alegre, de 1952. Da parceria firmada ainda resultaram os projetos para as residências Cândido Norberto, Samuel Madureira Coelho e Manoel Quintanilha, para a Santa Casa de Caridade de Bagé, Casa do Artista Rio-Grandense, entre outros. Ainda, por essa década, projetou a Sede da SAPI em Imbé, três casas para o Banco Lar Brasileiro, em parceria com os arquitetos Emil Bered e Salomão Kruchin, e o Núcleo de Férias do IBA com João José Vallandro. Há, também, o registro de uma residência projetada em São Paulo em co-autoria com Eduardo Corona e Roberto Tibau. Os projetos da década de 50 possuíam clara filiação à Escola Carioca com composições que incluíam formas arquitetônicas daquele vocabulário.

No final dos anos 1950, portanto,

[...] passava a ocorrer uma renovação na arquitetura moderna produzida em Porto Alegre, refletindo o novo arranjo que se estabelecia no panorama nacional propagado pelo eixo Rio – São Paulo. A década marcaria o ponto de inflexão da hegemonia carioca, cedendo lugar gradualmente à arquitetura paulista como referencial, onde fermentavam idéias alternativas e renovadoras desde o final da Segunda Guerra. Este câmbio seria absorvido pela arquitetura local com o descompasso de tempo característico dos processos desta natureza.³⁴ (LUCCAS, 2004)

O concurso para a Assembléia Legislativa, em 1958, vencido pela equipe paulista de Gregório Zolko e Wolfgang Schöedon, parece romper com a arquitetura de filiação carioca praticada pelos arquitetos locais, impulsionando-os para uma nova perspectiva. Dessa vez, a inspiração viria da arquitetura paulista, que possuía duas vertentes: a produção americana de Mies van der Rohe e o brutalismo inglês e corbusiano, que deram origem ao Brutalismo Paulista. No caso do edifício gaúcho, predominavam as influências do Mies norte-americano (Figura 19).

³⁴ LUCCAS, Luis Henrique Haas. *Arquitetura moderna brasileira em Porto Alegre sob o mito do "gênio artístico nacional"*. 2004, p.186. Tese (Doutorado em arquitetura).



Figura 19: Assembléia Legislativa, 1958. Projeto de Gregório Zolko e Wolfgang Schöedon.

Fonte: XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 1987, p.146.

Segundo LUCAS (2004):

A vitória de uma equipe paulista no concurso para a sede da Assembléia Legislativa riograndense (1958), cuja proposta continha uma orientação internacionalizada identificada com o primeiro grupo descrito³⁵, precipitaria uma fissura na unidade corbusiana inquestionável que a arquitetura local mantinha. Pouco depois, no início dos anos 60, alguns reflexos da corrente dita brutalista aportariam na cidade, conjuntamente com as influências de um contexto arquitetônico renovador mais abrangente.³⁶

A reação ao resultado do concurso foi a mesma para todos os arquitetos gaúchos que participaram, como evidencia o depoimento do arquiteto Moacyr Moojen Marques:

[...] naquela época, o conjunto dos arquitetos, principalmente os teóricos, o Graeff, havia uma certa alegoria a Mies van der Rohe. As pessoas o estavam descobrindo aqui, e nós estávamos presos a essa arquitetura mais durona, mais corbusiana, de paralelepípedos, paredes fechadas. Esse projeto que ganhou é bem miesiano. Nós nos sentimos traídos porque ganhou uma arquitetura que não era nossa. Houve muito debate, porque o

³⁵ O primeiro grupo, ao qual Lucas se refere, representa a continuidade da produção moderna brasileira dos anos anteriores, baseada na prática dos arquitetos estrangeiros imigrantes e daqueles com formação nos cursos politécnicos da USP e da Escola de Engenharia Mackenzie que tinham um ensino voltado para as questões técnicas e para o processo construtivo. O segundo grupo era chamado de Brutalismo ou Escola Paulista. Ambos apresentavam resistência à hegemonia da Escola Carioca.

³⁶ LUCAS, Luis Henrique Haas. *Arquitetura moderna brasileira em Porto Alegre sob o mito do "gênio artístico nacional"*. 2004, p.188. Tese (Doutorado em arquitetura)

nosso projeto tentava contextualizar o Palácio Legislativo e pousou uma borboleta miesiana ali no centro cívico, que nós achávamos inadequada, não havia um ibope assim tão grande do Mies.³⁷

A exemplo do concurso para o Palácio da Justiça (1952), mais uma vez um concurso para um prédio público, localizado na Praça da Matriz, poria em discussão a arquitetura praticada, dessa vez, por quase uma década. Ainda que a premiação de um projeto inspirado no 'estilo internacional' tenha sido muito questionada, o fato, por si só, aproximaria os arquitetos gaúchos do novo estilo.

Iniciou-se, assim, um processo de renovação da arquitetura moderna produzida até então em Porto Alegre. Os edifícios adotaram a vedação leve e contínua de vidro e painéis estruturados por perfis metálicos que passam na frente das lajes, como no caso do edifício Sede do IAB (1960). A estrutura resistente periférica, na frente ou atrás do plano de vidro da fachada, aparece na residência Hélio Dourado (1961) e na Refinaria Alberto Pasqualini (1962), onde a caixa miesiana, com duas lajes planas e quatro fachadas envidraçadas, está presente na recepção e no refeitório (Figuras 20, 21 e 22).

Nas décadas de 1960 e 1970, Luís Fernando projetou as residências Pelegrin Figueira e Ivone Louro, Natal Silva, Liorne Martine Luzzato, a casa da praia em Atlântida, a sua própria residência urbana e o edifício Bento Gonçalves. Com Emil Bered, foi co-autor das residências Haroldo Dias Paiva e Ronald Ely, da Capela de Passo Real, da Sede Campestre do Clube do Professor Paranaense e da CRT, juntamente com Roberto Veronese. Foi sócio, desde a década de 60 até 1977, do arquiteto Battistino Anele, com quem dividiu a autoria das residências Hélio Roca Bragança e Darwin Longoni e da sede do Guaíba Country Clube.

Desde os anos finais da década de 1950, Luís Fernando Corona demonstrou, através de seus projetos, um afastamento da arquitetura de matriz corbusiana vinda do Rio. Talvez o marco referencial possa ser a fachada movimentada e policrômica do edifício Jaguaribe, cujo estudo final data de 1960. Nos projetos das décadas de 1960 e 1970, acentuou-se o rigor compositivo, e o tratamento plástico das elevações revela a exaustiva investigação plástica e tridimensional deste setor do edifício.

³⁷ KIEFER, Flávio. MAGLIA, Viviane Villas Boas. Refinaria Alberto Pasqualini: entrevistas com os autores. *Cadernos de Arquitetura Ritter dos Reis*, Porto Alegre, v. 2, p.111, out. 2000.

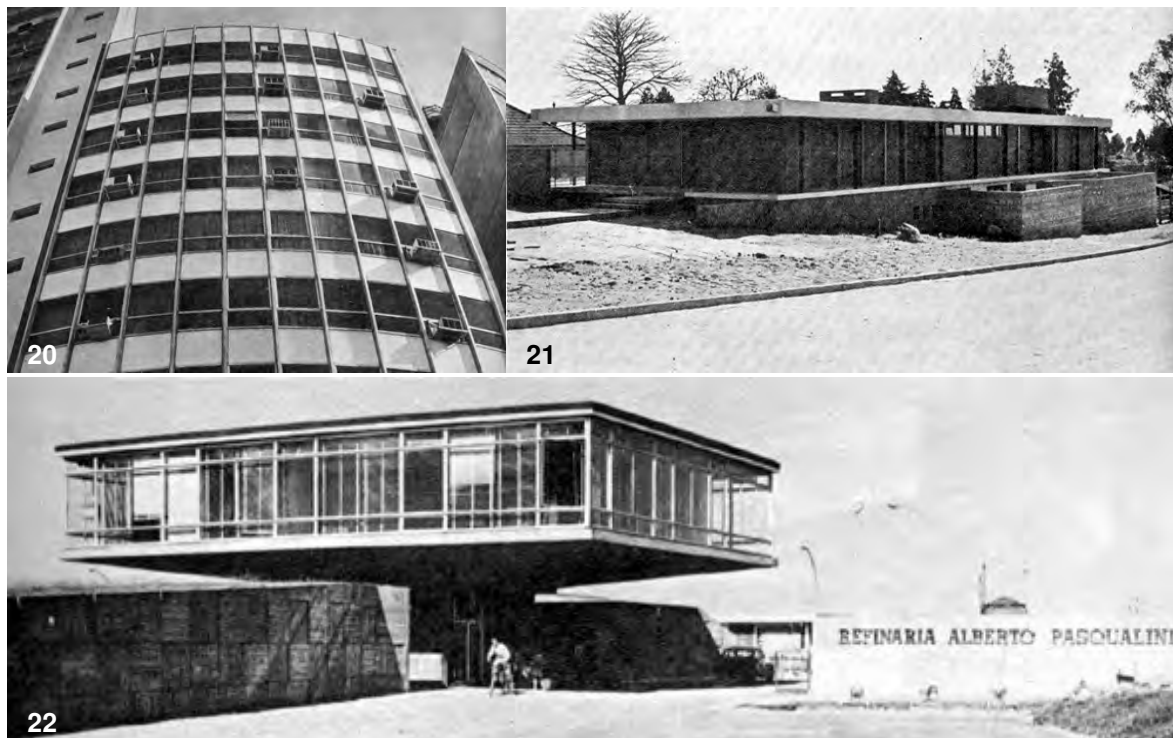


Figura 20: Edifício IAB, 1960. Projeto de Carlos M. Fayet.

Fonte: XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 1987, p.160.

Figura 21: Residência Hélio Dourado, 1961. Projeto de Miguel Pereira e João Carlos Paiva da Silva.

Fonte: XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 1987, p.170.

Figura 22: REFAP, Recepção, 1962. Projeto de Carlos M. Fayet, Cláudio Araújo, Moacyr Moojen Marques e Miguel Pereira.

Fonte: XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 1987, p.182.

2.1 UMA FAMÍLIA DE ARQUITETOS

Luís Fernando Corona nasceu em 05 de outubro de 1924, em Porto Alegre. Foi o terceiro filho de Fernando Corona e Benvenuta Rossi Borsari e membro de uma tradicional família de arquitetos e artistas³⁸.

O avô, o arquiteto e escultor espanhol Jesús Maria Corona (1871-1939) estudou arquitetura e escultura em Madri, mas não chegou a se formar. Por questões políticas deixou a Espanha, chegando em 1908 a Buenos Aires, onde trabalhou como escultor. Em 1911, estabeleceu-se em Porto Alegre para trabalhar

³⁸ O ofício de arquiteto é registrado por Fernando Corona em seu diário a partir de seu avô Don Eduardo Corona, descrito como arquiteto-prático-“aparejador” de obras.

na oficina de esculturas de João Vicente Friederich. Entre os inúmeros trabalhos que realizou, está o brasão do Estado do Rio Grande do Sul, colocado na fachada do Palácio Piratini, sobre a porta principal. Em 1916, venceu o concurso para a Catedral Metropolitana de Porto Alegre. Passou dois anos trabalhando no desenvolvimento do projeto sem receber para isso. A notícia de que sua Catedral não seria construída e que não receberia pelo desenvolvimento do projeto causou profundo desgosto em Jesús Maria Corona que, em 1922, retornou a sua terra, Santander (Figura 23).

Seu filho, Fernando Corona (1895-1977) chegou a Porto Alegre em março de 1912 e aqui se estabeleceu, trabalhando inicialmente ao lado de Jesús Maria Corona, na oficina de João Vicente Friederich, onde fazia desenhos de ornamentos e mais tarde trabalharia como escultor. Fernando Corona foi um homem de muitas relações, articulado e atuante na vida social e cultural de Porto Alegre. Possuía amigos e boas relações também em São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Bahia e Minas Gerais. Trabalhou para a Construtora Azevedo Moura e Gertum (1926-1945), primeiro, fornecendo ornatos em gesso e cimento fabricados em sua oficina de escultura e, pouco depois, como arquiteto. Em 1938 passou a dar aulas de modelagem e escultura no IBA e tornou-se um dos promotores do ensino de arquitetura no Estado, ao lado do amigo Tasso Corrêa. Durante muitos anos (de 1944 até a década de 70³⁹) escreveu crônicas para o jornal Correio do Povo, onde falava sobre arte, arquitetura e seus autores (Figura 24).

Fernando Corona aprendeu na prática, ao lado do pai e de outros mestres, o ofício de escultor e estudou em livros e revistas sobre a arquitetura passada e contemporânea. Em seu diário, Corona conta sobre o concurso para o Hospital Modelo (hoje Hospital São Francisco), ampliação da Santa Casa, em 1925. O projeto vencedor era de sua autoria. Tal prêmio estimulou-o a estudar mais a fundo a arquitetura, como segue:

Uma concorrência pública é igual a um concurso ou defesa de tese. Eu francamente me vi formado em arquitetura. Sem título universitário venci engenheiros diplomados. Minha tese que era o projeto para Hospital Modelo foi escolhido em primeiro lugar, logo fora aprovado. Sem falsa modéstia me considereei formado e a prova viria mais tarde, como aconteceu.⁴⁰
(CORONA)

³⁹ No Acervo Fernando Corona, do IA da UFRGS, a última crônica encontrada é datada de 27/10/1973 e foi publicada no jornal Correio do Povo, Caderno de Sábado, com o título "Cesar Ávila e a alegria de pintar".

⁴⁰ Diário de Fernando CORONA (1895 – 1979) p.230. Transcrito pelo professor Círio Simon.

O arquiteto autodidata obteve, em 1945, seu registro profissional, podendo projetar edifícios sem limite de altura. Foram inúmeros os projetos que realizou para a construtora Azevedo Moura & Gertum, além de muitos outros trabalhos de arquitetura e escultura. Sua produção arquitetônica inclui obras ecléticas, neoclássicas, expressionistas avizinhas ao *art-decò*, californianas e modernas, em uma instigante variedade, que permite um passeio arquitetônico pelo período de transição, compreendido entre a predominância do ecletismo até a consolidação da arquitetura moderna em Porto Alegre, como explica Canez (1998).⁴¹

O primogênito de Fernando Corona, Eduardo Corona (1921-2001), é o primeiro a dar continuidade à carreira de arquiteto na família, mas “desta vez com diploma”, ressalta o velho Corona em seu diário (Figura 25). Eduardo Corona estudou arquitetura na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, em 1942, colando grau em 1946, na recém-criada Faculdade de Arquitetura da Universidade do Brasil, que sucedeu o curso de arquitetura da ENBA. Ainda estudante, conviveu com personagens ligados às artes e à arquitetura, como Oscar Niemeyer, Firmino Saldanha, Cândido Portinari, José Pancetti, Alberto da Veiga Guignarol e o escritor Anibal Machado, entre muitos outros. No Rio de Janeiro colaborou com o escritório de Oscar Niemeyer (1945-1949), participando do detalhamento do conjunto da Pampulha em Belo Horizonte, no projeto do Banco Boavista e do projeto para o Centro Técnico da Aeronáutica de São José dos Campos.⁴²

Eduardo Corona participou ativamente do IAB, tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo, chegando a organizar o II Congresso Brasileiro de Arquitetos (1948), realizado nas dependências do IBA, em Porto Alegre. Em 1949, mudou-se para São Paulo para ser assistente de Anhaia Mello, na disciplina de Teoria da Arquitetura, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP) e, logo, tornou-se titular da cadeira. Ministrou aulas na Faculdade de Arquitetura da Universidade Mackenzie (1957) e nas Faculdades de Arquitetura e Urbanismo das Universidades Braz Cubas e Guarulhos, das quais foi co-fundador. Foi membro da diretoria do IAB de São Paulo e trabalhou na Prefeitura Municipal dessa cidade, projetando e executando escolas. Desenvolveu inúmeros projetos em parceria com

⁴¹ CANEZ, Anna Paula. *Fernando Corona e os caminhos da arquitetura moderna em Porto Alegre*. Porto Alegre: Unidade Editorial Porto Alegre, 1998. p.18.

⁴² GALEAZZI, Ítalo. *Eduardo Corona. Estudo de uma Residência Unifamiliar, 1956*. Portal Vitruvius, ARQUITEXTO 66, novembro de 2005.

outros arquitetos⁴³ e, também, sozinho. Foi redator da Revista Acrópole e escreveu regularmente no informativo do IAB de São Paulo. Foi autor ainda de *Bibliografia Mínima para Escolas de Arquitetura* com Lúcio Gomes Machado, *Arquitetura Moderna Paulistana* com Alberto Xavier e Carlos Lemos, *Dicionário de Arquitetura Brasileira*, com Carlos Lemos e *Oscar Niemeyer: uma lição de arquitetura*.

Luís Corona ou Coroninha, como o chamavam os amigos e colegas, era conhecido pelo seu talento e cultura singular (Figura 26). Em conversa com a autora⁴⁴, Emil Bered e Irineu Breitman lembram que “o Coroninha era o mais talentoso de todos. Todos paravam para ver o que ele estava desenhando”. Bered diz que o amigo e colega de IBA e CPOR (Centro de Preparação de Oficiais da Reserva) desenhava muito bem, chegando a fazer desenhos em seu escritório para alguns projetos antes mesmo de formado. A rica biblioteca do ‘velho Corona’, onde iam para ler sobre arquitetura, também é lembrada por Bered. Muitas vezes considerado tímido, até mesmo pelo pai, o rapaz sisudo, de ‘temperamento espanhol’ e exigente, quando se tratava de arquitetura, era também muito brincalhão, ‘um gozador’, diz Bered.



Figura 23: Jesus Maria Corona.

Fonte: Acervo Sra. Magali Corona.

Figura 24: Fernando Corona.

Fonte: Arquivo do IBA.

Figura 25: Eduardo Corona.

Fonte: Site do CONFEA.

Figura 26: Luís Fernando Corona.

Fonte: Acervo Sra. Magali Corona.

⁴³ Eduardo Corona trabalhou com Sérgio Bernardes, Roberto Tibau e Antonio Carlos Pitombo, Adolpho Rubio Morales, entre outros.

⁴⁴ BERED, Emil A. Porto Alegre, Brasil, 22 ago. 2007. Entrevista concedida à Autora.

Fernando Corona reconhecia o talento de seu filho mais novo. Numa passagem de seu diário, ele cita a ajuda do caçula na confecção da maquete do Edifício da Caixa Econômica Federal (Palácio da Economia)⁴⁵ no Rio de Janeiro. Para esse projeto, Fernando Corona havia sido contratado para chefiar o setor de desenhos e desenvolver a parte de ornamentação e esculturas. Por conta deste encargo, em 1939, toda a família Corona foi morar no Rio de Janeiro.⁴⁶ Em outro momento de seu Diário, Fernando Corona registra o ingresso do caçula no curso de arquitetura:

*O momento mais importante para mim nos Vestibulares de Arquitetura do IBA era a presença do meu filho menor Luis Fernando com 22 anos. Ele estava muito bem preparado e numa turma de 20 alunos ele era o melhor, inclusive nas provas de física e matemática. Só de Geometria Descritiva havia solucionado e colecionado num caderno 146 épuras e já conhecia perspectiva. Em desenho alcançava 10 com facilidade. Minha maior satisfação ao serem terminadas as provas vestibulares, foi saber que Luis Fernando havia conseguido o primeiro lugar.*⁴⁷ (CORONA)

Luís Fernando Corona casou-se com Magali Villeroy em julho de 1957. O casal teve dois filhos: Fernando Corona, que é músico, e Marilice Corona que é artista plástica.

Em 1964, após o Golpe Militar, Luís Fernando foi aposentado compulsoriamente da Universidade⁴⁸, o que deu fim a sua trajetória acadêmica. A volta ao ensino de arquitetura ocorreu no segundo semestre de 1976, na UNISINOS (Universidade do Vale do Rio dos Sinos), quando lecionou para os alunos do 8º semestre de arquitetura. Luís Fernando Corona faleceu em fevereiro de 1977, aos 52 anos.

A produção arquitetônica de Luís Fernando Corona é vasta, tanto em projetos individuais como em equipe, e inclui projetos para edifícios de apartamentos, várias residências unifamiliares, projetos institucionais e projetos premiados em concursos públicos de arquitetura. Além destes, o acervo do arquiteto conta com alguns

⁴⁵ O “Palácio da Economia” não foi construído e nenhum documento gráfico desse projeto foi encontrado.

⁴⁶ Diário de Fernando CORONA (1895 – 1979). Ano 27 – 1938 e Ano 28 – 1939. Transcrito pelo professor Círio Simon.

⁴⁷ Diário de Fernando Corona. Caminhada. TOMO I. Ano 35. Transcrito pelo professor Círio Simon.

⁴⁸ Foram afastados da Faculdade de Arquitetura os professores: Demétrio Ribeiro, Enilda Ribeiro, Edgar Graeff, Edvaldo Pereira Paiva, Luís Fernando Corona e Nelson Souza. Em 1969 foram aposentados compulsoriamente Ari Mazzini Canarin, Carlos Maximiliano Fayet, Emílio Mabilde Ripoll e Ernesto Antônio Paganelli.

desenhos produzidos em viagens e telas com auto-retratos, a maior parte pintada antes de 1956 (Figuras 30, 31 e 32).

Luís Fernando Corona está entre os primeiros arquitetos formados no Rio Grande do Sul. Atuou entre as décadas de 1950 e 1970, realizando diversos projetos localizados em Porto Alegre e em cidades do interior do Estado (Atlântida, Bagé, Bento Gonçalves, Farroupilha, Guaíba, Imbé, Nova Jacuí, Panambi), além de projetos nos estados de São Paulo e Paraná. Sua arquitetura caracteriza-se pela filiação ao movimento moderno, inicialmente mais vinculado à Escola Carioca e, posteriormente, ganhando identidade própria.



Figura 27: Emil Bered, Luís Fernando Corona e Roberto Félix Veronese.

Fonte: Acervo Arq. Emil Bered.

Figura 28: Luís Fernando Corona entre os colegas do IBA, Enilda Ribeiro e Carlos M. Fayet.

Fonte: Acervo Arq. Enilda Ribeiro.

Figura 29: Auto-retrato.

Fonte: Acervo Sra. Magali Corona.



Figura 30: Igreja em Ouro Preto, 1948. Caravana Araújo Porto Alegre.

Fonte: Acervo Sra. Magali Corona.

Figura 31: Homens trabalhando no cais. Salvador, 1948. Caravana Araújo Porto Alegre.

Fonte: Acervo Sra. Magali Corona.

Figura 32: Parte do mural pintado por Luís Fernando Corona em sua residência na Rua Veridiano de Farias.

Fonte: Acervo Sra. Magali Corona.

2.2 OS PRIMEIROS PROJETOS – DÉCADA DE 1940

2.2.1 Mercado Público

O projeto para um Mercado Público elaborado por Luís Fernando Corona para a disciplina do professor Demétrio Ribeiro, no terceiro ano do Curso de Arquitetura do IBA, foi seu único projeto acadêmico encontrado com material gráfico representativo.

A Revista Espaço, número 2, de 1948, publicou o projeto e descreveu:

Projetou-se o mercado tendo em vista principalmente a circulação do público, assim, completamente livre, mediante uma estrutura racional – as bancas são individuais e são fechadas com persianas. Existe completa liberdade no interior do mercado. Para melhor separação da parte de estacionamento da parte do mercado propriamente dito, projetou-se jardins que por sua vez possuem duas funções: decorativa e de direção.

O terreno do projeto é praticamente um quadrado com aproximadamente 48x48m, plano e posicionado em uma esquina. Sobre o terreno, uma malha de 1x1m organiza os espaços e distribui-os em faixas. Assim, em uma primeira faixa estão as bancas divididas em dois segmentos, ocupando três módulos ladeados por outros três que correspondem à calçada. No mesmo alinhamento das bancas estão os jardins, planejados em dois grandes retângulos. Na terceira faixa, repetem-se as bancas, em três módulos, e as calçadas. Isolando este conjunto, a composição adquire uma simetria bilateral nos dois eixos. A quarta faixa reúne as atividades de apoio e serviços. Nela, estão o bar, o vestiário, o estacionamento, os sanitários públicos e ainda a circulação de entrada e saída de veículos (Figura 33).

A estrutura que sustenta a laje de cobertura segue a trama modular organizativa do projeto, variando a posição das colunas a cada três, quatro ou quatro módulos e meio. A laje plana e contínua, com pé direito de três metros, foge da idéia de telhado e cobre todos os espaços com exceção dos jardins e da área destinada aos veículos. Sob a laje, as bancas são volumes soltos, como representa o arquiteto nos desenhos das fachadas. A organização dos espaços em faixas,

entremeados por pilotis delgados, distribuídos por todo o edifício, segundo uma trama modular, revela uma abordagem rigorosa do partido estrutural.

As fachadas, marcadas pelo ritmo das colunas e pela fina laje estão de acordo com o rigor geométrico imposto à planta e com a sobriedade formal do projeto como um todo. Em uma das fachadas voltadas para a rua, as bancas são o pano de fundo e estão delimitadas pelos intercolúnios das circulações. Na outra fachada, com frente para a via, surgem, como eventos plásticos, alguns planos treliçados em frente à face lateral das bancas. As colunas desta fachada só aparecem nos intercolúnios das passagens cobertas diante dos jardins (Figura 34).

Na perspectiva geral, aparece uma casa modernista ao lado do edifício projetado, talvez numa tentativa de imaginar um contexto cujo entorno teria edifícios de linguagem moderna.

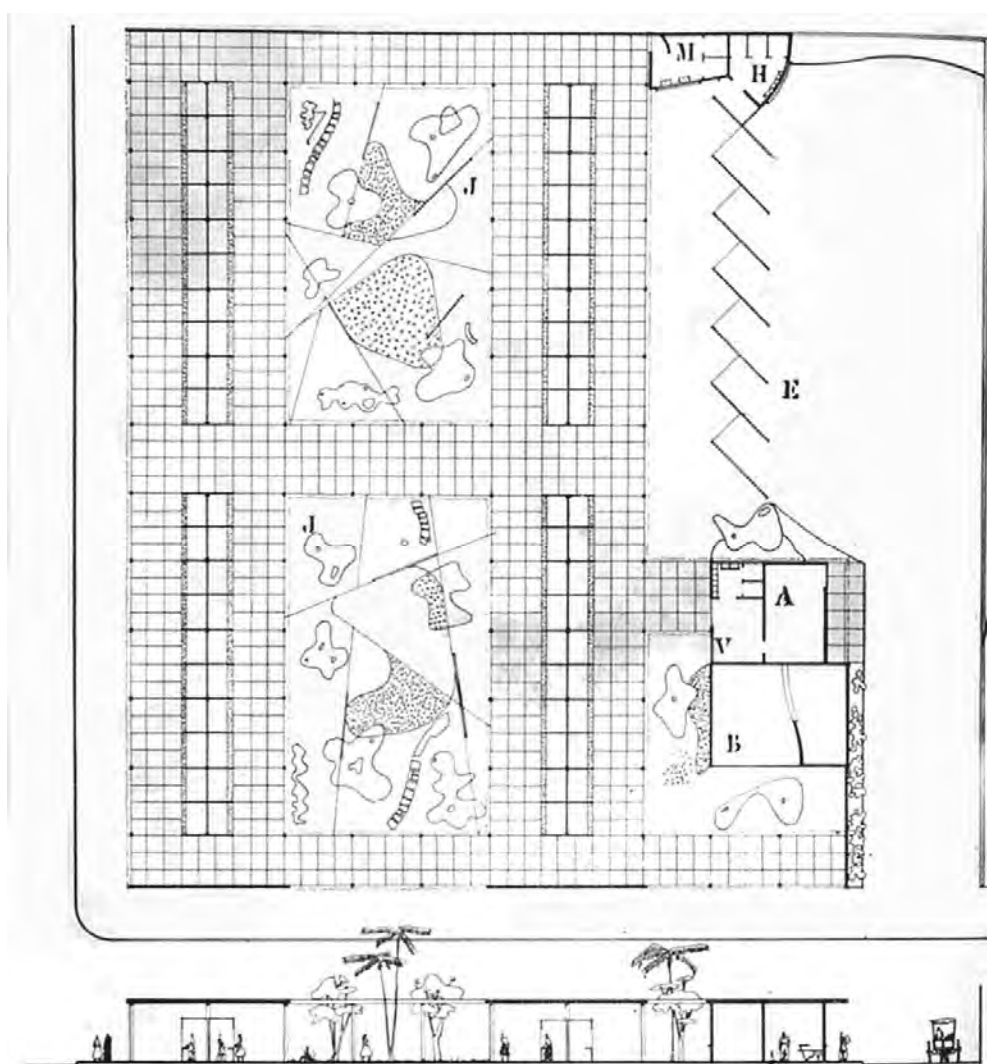


Figura 33: Planta baixa e corte do Mercado Público.

Fonte: Revista Espaço, n.2, 1948.

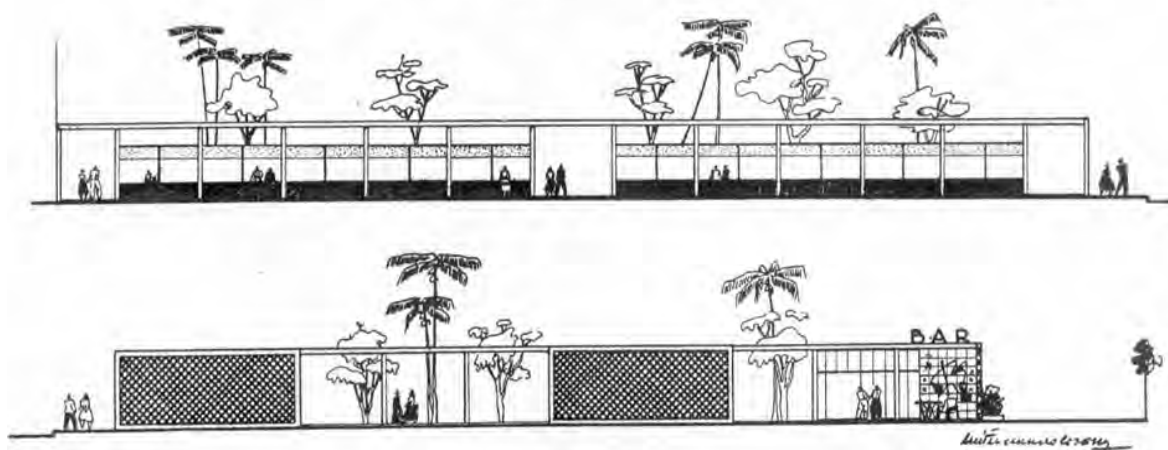


Figura 34: Fachadas do Mercado Público.

Fonte: Revista Espaço, n.2, 1948.

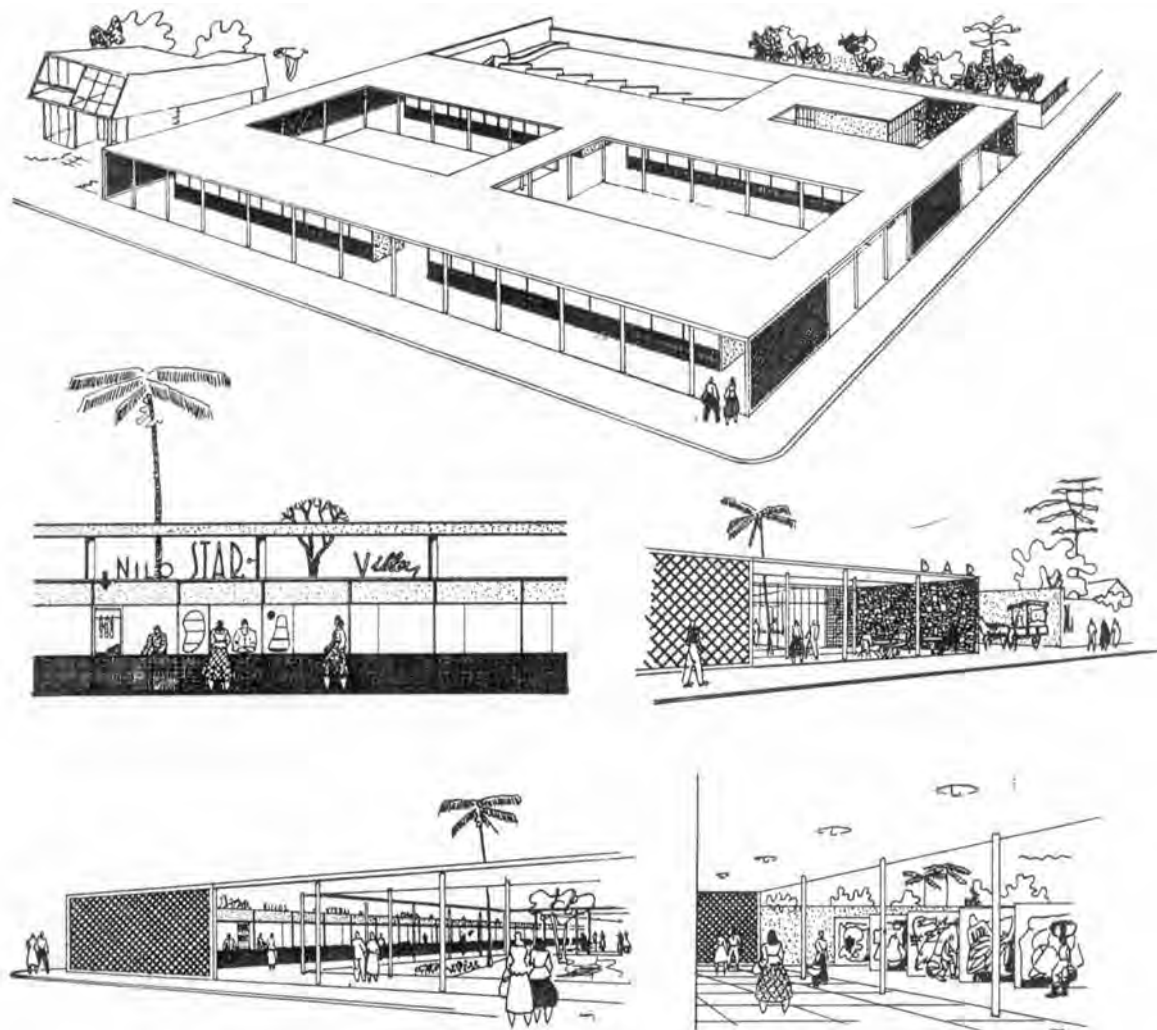


Figura 35: Perspectiva geral, perspectivas setoriais e fachadas do Mercado Público.

Fonte: Revista Espaço, n.2, 1948.

2.2.2 Edifício São Francisco

O Edifício São Francisco, de propriedade do senhor Sady Lopes Maisonnave, localiza-se em um terreno de esquina com frente para as ruas Senhor dos Passos e Andradas, no centro de Porto Alegre. O projeto, datado de 1948, é do arquiteto Fernando Corona em parceria com seu filho Luís Fernando Corona, então estudante do terceiro ano de arquitetura do IBA. Esta é sua primeira obra documentada.

O edifício associa funções comerciais no térreo e residenciais nos oito pavimentos tipo que formam o corpo. No pavimento térreo, há três lojas organizadas de forma a resolver o desnível existente entre as duas ruas. O projeto propõe duas lojas voltadas para a Praça Dom Feliciano, sendo uma delas de esquina, cujo acesso em recesso é pontuado, também, por uma coluna de seção circular. A outra loja, voltada para a Rua dos Andradas, tem cota inferior devido à declividade da rua e, por isso, seu pé direito é duplo em uma parte de sua área (Figuras 36 e 37).

O acesso à parte residencial acontece pela fachada da Rua Senhor dos Passos, através de um vestíbulo de paredes levemente sinuosas, revestidas com pedra. A área do térreo é praticamente toda ocupada, havendo ainda o apartamento do zelador e áreas de apoio com medidores, lixo e reservatório d'água.

No terreno de formato trapezoidal, o projeto desenvolve-se através de linhas paralelas transversais, resultando em seis intercolúnios de 3,45m, que se estendem da face da Rua dos Andradas até a divisa sul. Para a face da Praça Dom Feliciano, o edifício assume a obliquidade do terreno, colocando, no térreo, as vitrines no alinhamento. No corpo do edifício, tal obliquidade é absorvida pelas sacadas em triângulo. O uso da sacada, como elemento articulador entre plano oblíquo de fachada e planta regular, é comum nos edifícios dos anos 40 e 50 em Porto Alegre. Alguns exemplos são facilmente encontrados nas avenidas Osvaldo Aranha e Protásio Alves.

O pavimento-tipo é formado por dois apartamentos de dois e três dormitórios. A planta destes pavimentos é um "L" posicionado junto às divisas e no alinhamento, com um pequeno balanço sobre o passeio da Rua dos Andradas. A escada é um volume semicircular que se projeta do bloco, e a área livre restante, no interior do terreno, é usada para iluminação e ventilação das áreas de serviço dos apartamentos (Figura 38).

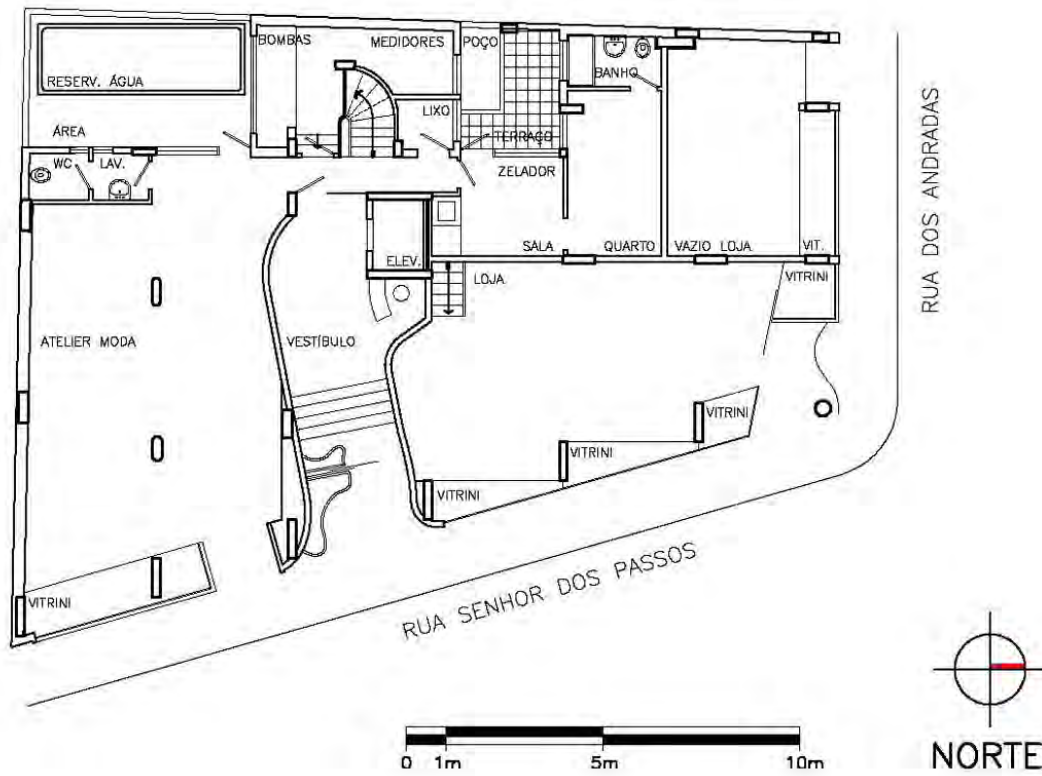


Figura 36: Edifício São Francisco. Planta do térreo (nível Rua Senhor dos Passos).

Fonte: Desenho da Autora, com base nas plantas do projeto encontrado na SMOV.

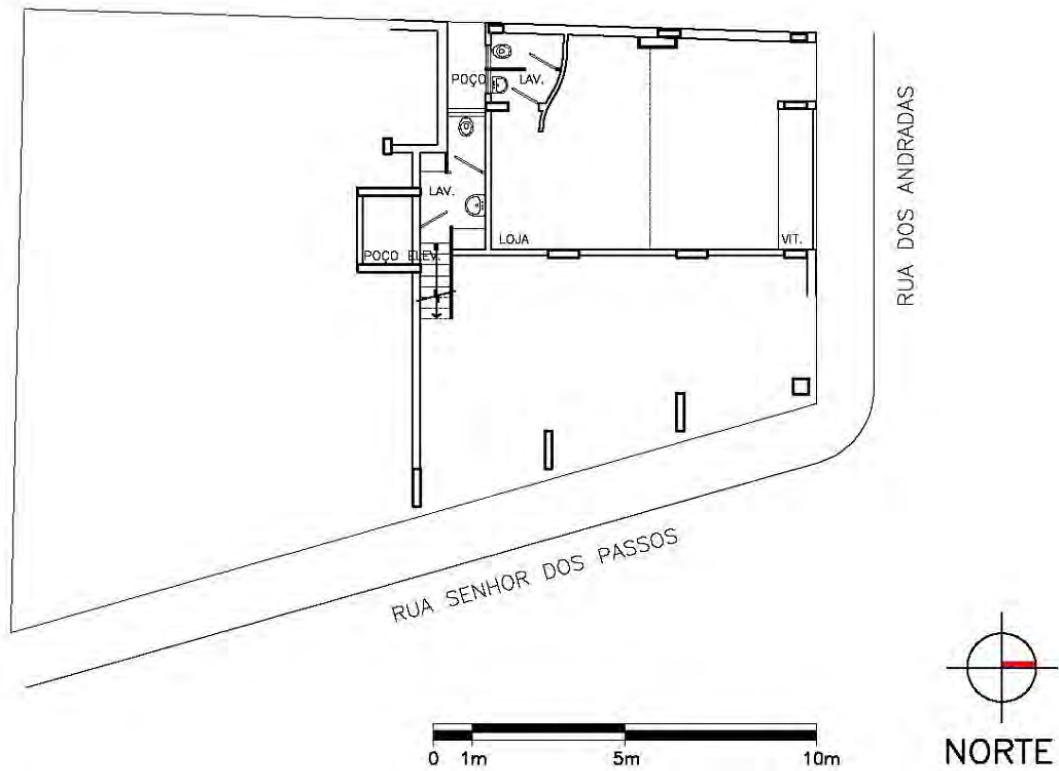


Figura 37: Edifício São Francisco. Planta do térreo (nível Rua dos Andradas).

Fonte: Desenho da Autora, com base nas plantas do projeto encontrado na SMOV.

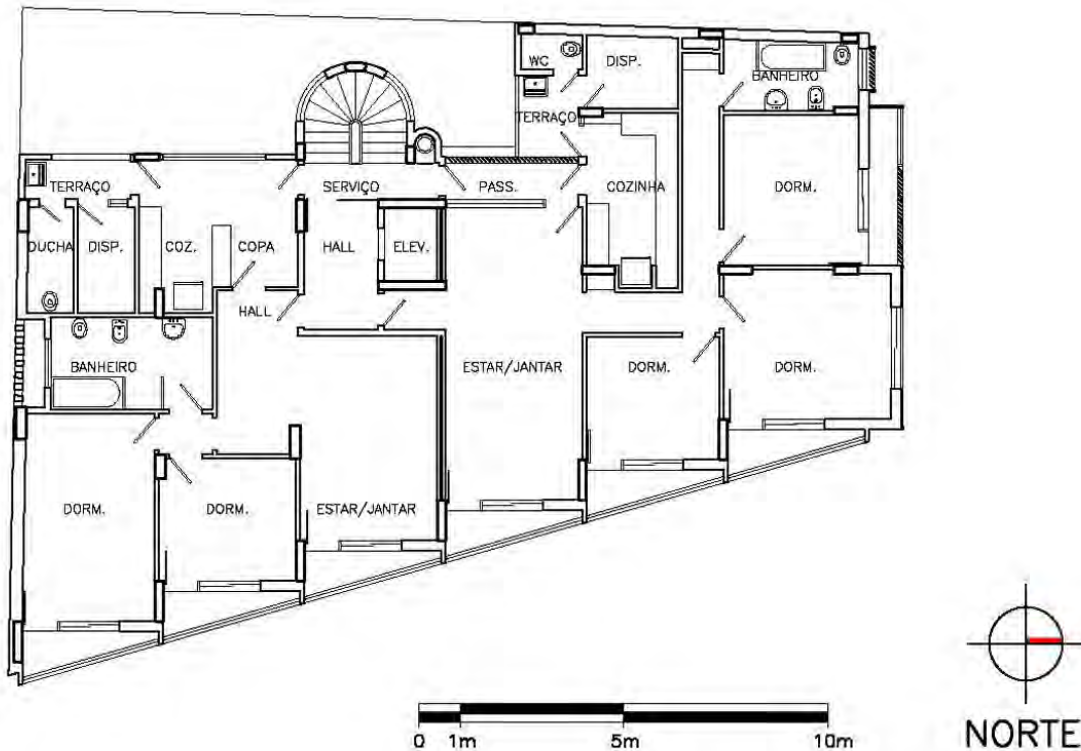


Figura 38: Edifício São Francisco. Planta do pavimento-tipo.

Fonte: Desenho da Autora, com base nas plantas do projeto encontrado na SMOV.

O apartamento da esquina possui três dormitórios, um deles localizado no vértice, com abertura norte e outra para leste, onde há uma varanda. Nesta mesma faixa, outro dormitório menor, com orientação norte, tem acesso a uma varanda fechada em um trecho com *brises* verticais de proteção solar. O banheiro, também voltado para o norte, recua em relação ao plano dos dormitórios para encontrar o edifício vizinho. O terceiro dormitório e a sala-de-estar e jantar ocupam as duas faixas seguintes, sendo ambos dotados de varandas e abertos para a praça, ficando para o lado oposto as áreas de serviço, que são ventiladas e iluminadas para o interior do terreno. O outro apartamento ocupa as três últimas faixas e abre suas áreas principais (os dois dormitórios e o estar), através das varandas, para leste, enquanto as áreas de serviço voltam-se para oeste. Os dois apartamentos possuem acesso social pelo *hall* dos elevadores e acesso de serviço pelo *hall* da escada, que são separados por uma porta. As varandas incorporadas aos setores social e íntimo são elementos articuladores entre os espaços interno e externo (Figura 38).

O tratamento de fachada dado à base difere do tratamento dado ao corpo do edifício. Na base, são usados revestimentos em pedra e grandes planos

envidraçados que passam à frente da estrutura e configuram as vitrines das lojas. Embora os intercolúnios não apareçam de maneira tão evidente na fachada da base, eles estão presentes na planta do térreo e auxiliam na distribuição das atividades, ainda que a distribuição dos pilares não apresente a maturidade das estruturas regulares de projetos posteriores. A loja da esquina ocupa um intercolúnio a norte e, três a leste. No quarto intercolúnio a leste, está o acesso à portaria do edifício residencial e, nos dois últimos, a outra loja que se estende até a divisa oeste do terreno. Para norte, a fachada é completada por outra loja que ocupa os intercolúnios correspondentes ao dormitório e ao banheiro do pavimento-tipo. A marquise proposta tenta disfarçar a altura da base e marca a separação entre base e corpo do edifício.

No corpo do edifício, as duas fachadas (leste e norte) são tratadas com grelhas que estão relacionadas à organização estrutural e de divisão das atividades em planta. A fachada leste, mais extensa, tem uma grelha formada por seis intercolúnios. Cada módulo dessa grelha corresponde a um ambiente do apartamento, com saída para uma pequena varanda. Este módulo se repete sempre com uma porta-janela, deslocada para a esquerda, e com um peitoril em alvenaria aparente, levemente recuado das linhas que marcam a grelha (Figura 43). Na fachada norte, a grelha é formada por oito pavimentos e por dois intercolúnios, mais uma faixa estreita. No projeto retirado da Prefeitura, de 1948, essa fachada apresenta uma variação entre os módulos: nos pavimentos pares, o módulo da esquina tem uma janela centralizada na parede de alvenaria e, no módulo ao lado, há uma varanda com *brises* verticais sobre um peitoril em alvenaria e, atrás disso, uma porta-janela igual a da fachada leste (Figura 44). As linhas da grelha permanecem em destaque em ambos os casos. Nos pavimentos ímpares, esses módulos simplesmente trocam de lugar num jogo de alternância. O jogo plástico aqui empregado introduz o tema que será desenvolvido em maior intensidade nas fachadas do Edifício Jaguaribe (ver página 71). Na faixa estreita, junto à divisa, as janelas dos banheiros estão centralizadas, possuindo *brises* verticais e sendo envolvidas por uma moldura contínua.

A fachada norte construída apresenta uma solução plástica menos elaborada que a projetada. Os pavimentos continuam apresentando o intercalamento contraposto das varandas, porém os módulos parecem iguais quando vistos em planta (Figura 45). A perspectiva assinada por Fernando Corona mostra que a idéia

de intercalar cheios e vazios já estava presente apesar de, nesse desenho, a janela ocupar todo o vão do módulo (Figura 39). O desenho também ilustra o impacto visual do edifício de oito pavimentos no centro, de gabarito ainda baixo, e imagem colonial de Porto Alegre.



Figura 39: Perspectiva do Edifício São Francisco feita por Fernando Corona.
 Fonte: Acervo Fernando Corona. Arquivo do Instituto de Artes da UFRGS.



Figura 40: Fachada leste do Edifício São Francisco vista desde a Praça Dom Feliciano.
Figura 41: Fachada leste do Edifício São Francisco vista desde a Praça Dom Feliciano.
Figura 42: Fachada norte do Edifício São Francisco vista desde a Rua Senhor dos Passos.
 Fonte: Fotos da Autora.

Inicialmente, apenas os três primeiros pavimentos desse edifício foram construídos, (térreo, 2º e 3º pavimentos). Os demais, do 4º ao 9º pavimento, foram construídos a partir de 1965, e a carta de habite-se, obtida em 1969. A construção coube à empresa Willi Paul S.A.

A Sra. Magali Corona conta que após a venda da residência, na Rua Dr. Timóteo, nº 565, o professor Fernando Corona alugou um apartamento no 2º andar desse edifício (apartamento número 22), onde residiu com sua família até meados de 1965, quando comprou um apartamento na Travessa Miranda e Castro, no qual morou até a sua morte, em 1977.⁴⁹

⁴⁹ CORONA, Magali. Porto Alegre, Brasil, 20 nov. 2007. Entrevista concedida à Autora.

Figura 43



Figura 44

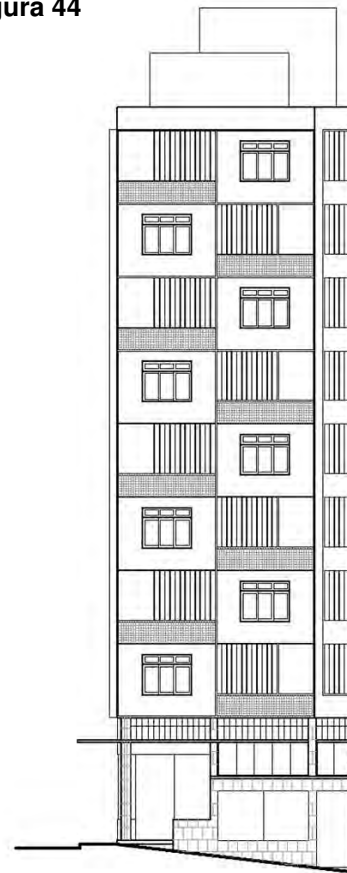
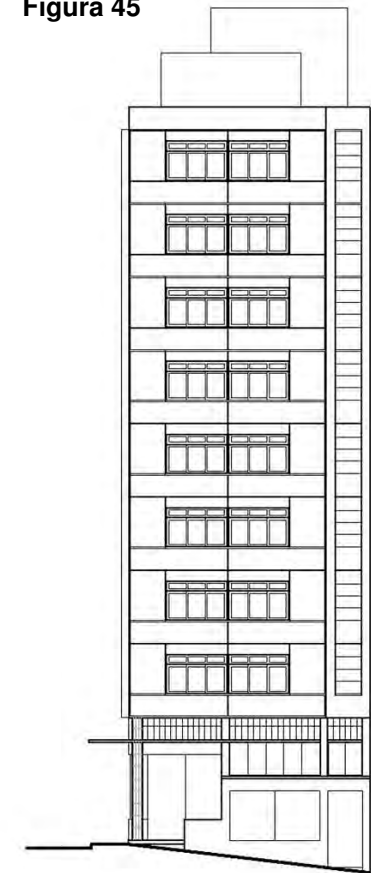


Figura 45



0 1m 5m 10m

- Figura 43: Edifício São Francisco. Fachada Rua Senhor dos Passos (fachada leste).**
Fonte: Desenho da autora com base nas plantas do projeto de 1948 encontrado na SMOV.
- Figura 44: Edifício São Francisco. Fachada Rua dos Andradas (fachada norte).**
Fonte: Desenho da autora com base nas plantas do projeto de 1948 encontrado na SMOV.
- Figura 45: Edifício São Francisco. Atual fachada da Rua dos Andradas.**
Fonte: Desenho da autora com base nas fotos da fachada construída.

CAPÍTULO II

3 OS PROJETOS DE LUÍS FERNANDO CORONA NA DÉCADA DE 1950

A Exposição do Centenário Farroupilha, em 1935, foi o maior acontecimento da década de 1930, resumindo a diversidade do pensamento arquitetônico do Estado nesse período. Os pavilhões exibiam “uma amostra das vertentes modernas disponíveis naquele momento: expressionismo, *art déco* e linguagem náutica compareciam definindo um alinhamento da arquitetura local com certas vanguardas estéticas da época.”⁵⁰ (PEREIRA, 2000).

Uma parte significativa dessa produção dos anos entre 1930 e 1945 foi documentada por Günter Weimer, em seu livro *Arquitetura Modernista em Porto Alegre*, permitindo enxergar o conjunto arquitetônico e o contexto político e cultural da época. Essa arquitetura de tendências modernistas, segundo Weimer, mantinha-se fiel às regras de composição clássica, mas reduzia seus elementos construtivos a formas mais elementares, procurando, acima de tudo, despir-se da ornamentação historicista⁵¹. Os edifícios Guaspari (1936) e Vera Cruz (1938) ilustram bem esse momento.

Desse modo, até o início da década de 1950, essa foi a arquitetura que predominou no Estado. Após a abertura da Av. Farrapos, esse gênero de edifício tornou-se conhecido como ‘arquitetura de mica’, em referência ao material de revestimento empregado. Nesse mesmo período, destacou-se, também, um grande número de obras em estilo ‘californiano’ (principalmente residências).

Na esfera federal, em 1930, Getúlio Vargas assumiu a presidência com sua ideologia progressista e modernizante, e Lúcio Costa assumiu a direção da ENBA, reformulando o curso de arquitetura e alinhando-o ao Movimento Moderno europeu. Destituído do seu cargo um ano depois, Lúcio Costa, com o apoio do Ministro Capanema, trouxe Le Corbusier ao Rio de Janeiro e reuniu parte dos arquitetos de vanguarda para o projeto do Ministério de Educação e Saúde Pública (MESP, 1936).

⁵⁰ PEREIRA, Claudio Calovi. Primórdios da arquitetura moderna em Porto Alegre: a presença dos arquitetos do Rio de Janeiro. *Cadernos de Arquitetura Ritter dos Reis*, Porto Alegre: Faculdades Ritter dos Reis, v.2, 2000. p.49.

⁵¹ WEIMER, Günter. *Arquitetura modernista em Porto Alegre: entre 1930 e 1945*. Porto Alegre: Ue, Porto Alegre, 1998. p.148.

Configurou-se, então, uma escola de arquitetura moderna brasileira, que gozaria de grande prestígio pelo mundo todo.

No Rio Grande do Sul, após as tentativas frustradas dos projetos para o Hospital de Clínicas e para as sedes do IPE e da VFRGS, na primeira metade da década de 1940, a arquitetura moderna se afirmaria no início da década de 1950, através da produção dos alunos formados nas primeiras turmas do curso de arquitetura do IBA.

Antes disso, no final da década de 1940, três projetos ilustraram a tradicional arquitetura local e a inserção do estilo moderno. O Edifício Osvaldo Cruz (Figura 46), projetado por Élio Guido Trein, técnico em edificação, formado pelo Colégio Parobé, que introduziu os elementos da arquitetura moderna carioca (pilotis no térreo, grelha ortogonal de fachada) em Porto Alegre, em 1945⁵² (VIANNA, 2004). Já a residência de Edvaldo Pereira Paiva, projetada por Edgar Graeff (1949), “foi um protótipo das idéias e técnicas modernistas de projeto, com elementos e soluções estilísticas”⁵³ (GOLDMAN, 2003) praticadas pela Escola Carioca e que só então seriam introduzidas na arquitetura residencial unifamiliar de Porto Alegre (Figura 47). Pouco mais tarde, em 1950, no projeto para a Residência Guilhermino Cezar, Fernando Corona inclinou o plano da fachada, dando ares modernos a uma residência que apresentava, na fachada e na planta, soluções tradicionais da arquitetura colonial brasileira, conjugadas a exemplos modernos (Figura 48).

A solução de planta em terreno estreito, intercalando as atividades com pátios, o uso de pé direito duplo ampliando espaços de convívio, a transparência obtida através de planos envidraçados, o uso de varandas como espaços mediadores entre interior e exterior, do telhado borboleta e dos painéis treliçados, fechando as varandas, oferecendo privacidade e proteção solar, são elementos presentes na Residência Edvaldo Pereira Paiva. Eis o vocabulário usado pelos novos arquitetos gaúchos em seus projetos a partir de 1950.

Luís Fernando Corona utilizou-se desse repertório nos projetos residenciais realizados naquela década e, também, no projeto para a SAPI, na primeira versão do Edifício Jaguaribe e no anteprojeto para o edifício residencial Irmãos Lochpe. No

⁵² VIANNA, Patrícia Pinto. *O processo de verticalização em Porto Alegre: e a contribuição da Construtora Azevedo Moura & Gertum*. 2004. p.139. Dissertação (Mestrado em Arquitetura).

⁵³ GOLDMAN, Carlos Henrique. *A casa moderna em Porto Alegre: projetos residenciais de Edgar Albuquerque Graeff 1949 - 1961*. 2003. p.36. Dissertação (Mestrado em Arquitetura).

Palácio da Justiça e na Santa Casa de Caridade de Bagé, os elementos da arquitetura moderna brasileira estão presentes, mas sem comprometer a sobriedade que o caráter de tais edifícios exige; enquanto que a fábrica de sabonete MASI & CIA. apresenta os elementos modernistas de forma mais simplificada. Na segunda metade da década de 1950, o anteprojeto para um edifício de apartamentos com garagem no pavimento revelou o estudo plástico, policromático e tridimensional da fachada, sem referência aos elementos característicos da arquitetura moderna brasileira que inspirou os primeiros projetos, o que se concretizaria na fachada definitiva para o Edifício Jaguaribe.

A produção arquitetônica de Luís Fernando Corona, nessa década, principalmente nos cinco primeiros anos, foi bastante numerosa e diversificada. Traduzida em números, foram encontrados: sete projetos residenciais; três projetos para edifícios de apartamentos; quatro projetos premiados em concursos públicos, sendo dois em primeiro lugar (SAPI e Palácio da Justiça) e outros dois classificados em segundo e quarto lugar (Pré-Plano Urbanístico de Panambi e Conjunto Residencial para Funcionários do IPASE, respectivamente); e três projetos institucionais (Santa Casa de Caridade de Bagé, Núcleo de Férias do IBA e Casa do Artista Rio-Grandense).

Aos projetos relacionados acima, somam-se outras duas residências (JC Duarte e A. Barreto) que, provavelmente, são desse mesmo período, mas das quais não foi encontrado nenhum tipo de informação, além da menção em seu currículo. Os projetos para o Conjunto Residencial para Funcionários do IPASE e do Pré-Plano Urbanístico de Panambi também não foram localizados.

Com Carlos Maximiliano Fayet, Luís Fernando inscreveu-se no concurso de anteprojetos para um hotel no Balneário de Atlântida, mas não chegaram a entregá-lo. Este fato é concluído a partir da ata de premiação do IAB (26 de novembro de 1951), onde constam apenas três trabalhos entregues e classificados da seguinte forma: em primeiro lugar, o projeto do arquiteto Mauro Guedes de Oliveira; em segundo o de Fernando Corona; e, em terceiro lugar, o de Enilda Ribeiro. A necessidade de comprovar esta informação teve origem no currículo do arquiteto Fayet, que registra que o trabalho realizado pela dupla foi classificado em terceiro lugar. Contudo, a arquiteta Enilda Ribeiro afirma que Fayet e Luís Fernando não faziam parte da sua equipe.

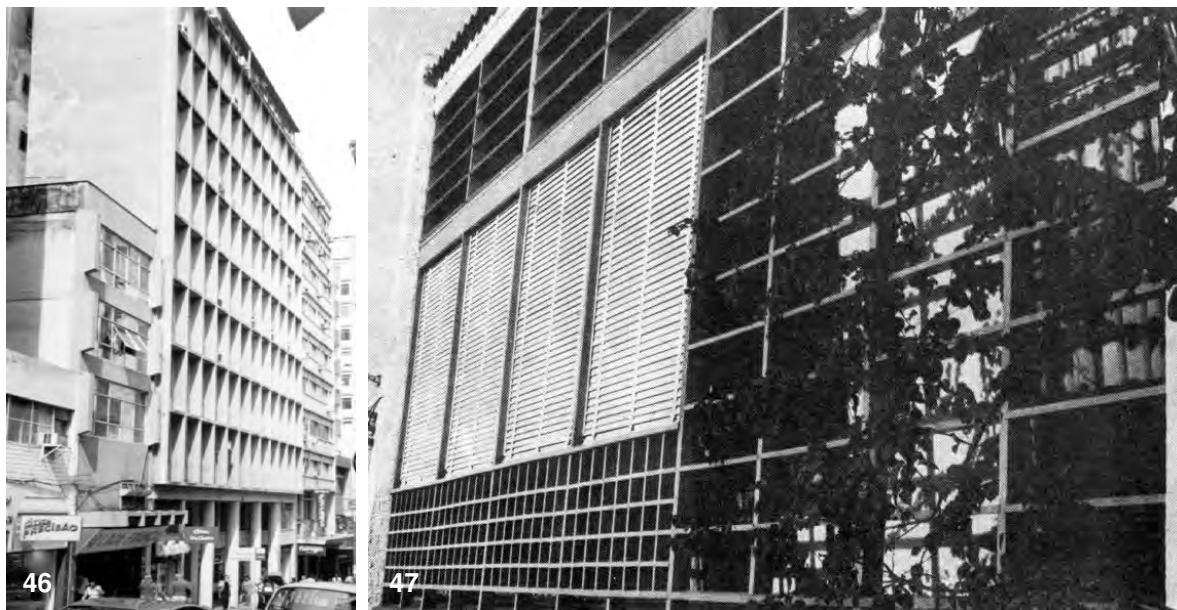


Figura 46: Edifício Osvaldo Cruz (1945), projetado por Guido Train.

Fonte: VIANNA, Patrícia Pinto. *O processo de verticalização em Porto Alegre: e a contribuição da Construtora Azevedo Moura & Gertum* [manuscrito]. 2004. p.139.

Figura 47: Residência Edvaldo Pereira Paiva (1949), projetada por Edgar Graeff.

Fonte: XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRS, 1987, p.60.



Figura 48: Residência Guilhermino Cezar (1950), projetada por Fernando Corona.

Fonte: XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 1987, p.74.

3.1 AS RESIDÊNCIAS

3.1.1 Residências Banco Lar Brasileiro

No início de sua carreira profissional, Luís Fernando Corona projetou, em parceria com os arquitetos Emil Bered e Salomão Kruchin⁵⁴, três residências para o Banco Lar Brasileiro, localizadas no bairro Petrópolis, em Porto Alegre, bem próximas entre si. Os três projetos datam do ano de 1951 e foram encontrados no Arquivo Municipal.

A primeira dessas residências situa-se na Rua Eça de Queiroz, nº 948, esquina com a Rua Itaboraí. O terreno, de formato retangular, tem dimensões de 13,50m por 35m. O programa é bastante modesto e inclui dois dormitórios, estar e jantar, banheiro, cozinha, área de serviço, dormitório e banheiro de empregada, resultando em uma casa de dimensões singelas.

O partido adotado implanta o bloco construído afastado de todas as divisas e organiza o programa em dois volumes justapostos e deslizados (Figura 51). O primeiro volume, localizado próximo à esquina, reúne a área social com estar e jantar e, o setor de serviços com cozinha, lavanderia, dormitório e banheiro de empregada. O segundo volume está disposto de forma transversal no terreno e abarca os dois dormitórios e o banheiro. Soma-se aos dois volumes a varanda em “L”, que se alinha ao volume do setor íntimo na fachada da Rua Itaboraí e contorna o estar, criando um espaço de transição entre exterior e interior. O acesso à casa é bastante discreto, com portão localizado junto à esquina na Rua Itaboraí e com a porta de entrada escondida pelo avarandado.

Na fachada da Rua Itaboraí, é possível notar a continuidade dada aos dois volumes pelo telhado borboleta. O volume do avarandado é um pouco mais baixo e segue a mesma inclinação do telhado borboleta. A fachada cega do volume do setor íntimo é revestida com cerâmica, enquanto a parede do avarandado apresenta uma série de pequenos quadrados vazados. No plano mais recuado e entre os dois volumes está a janela do jantar (Figura 52).

⁵⁴ Bered e Kruchin formaram-se na primeira turma do curso de arquitetura do IBA (1949) e eram sócios.



Figuras 49 e 50: Residência Rua Eça de Queiroz. Foto da fachada da Rua Eça de Queiroz.
 Fonte: Fotos da Autora.

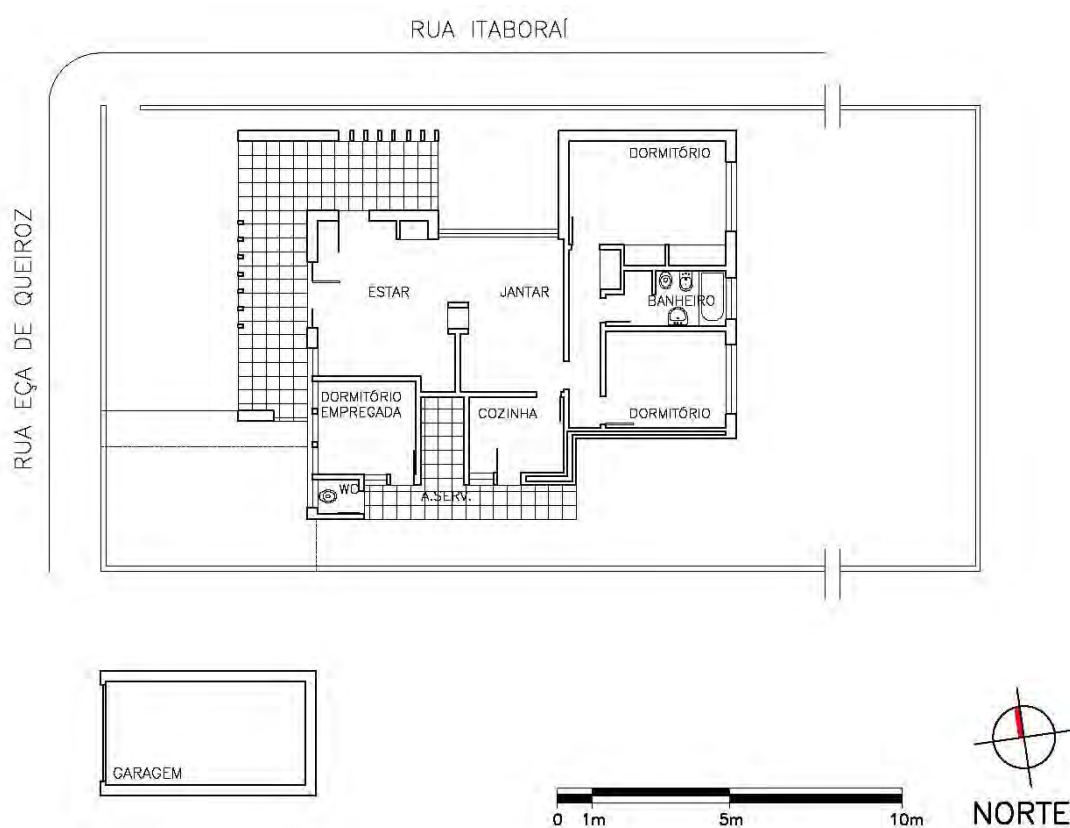


Figura 51: Residência Rua Eça de Queiroz. Planta do pavimento térreo e planta da garagem.
 Fonte: Desenho da Autora com base no projeto de 1951, encontrado no Arquivo Municipal.

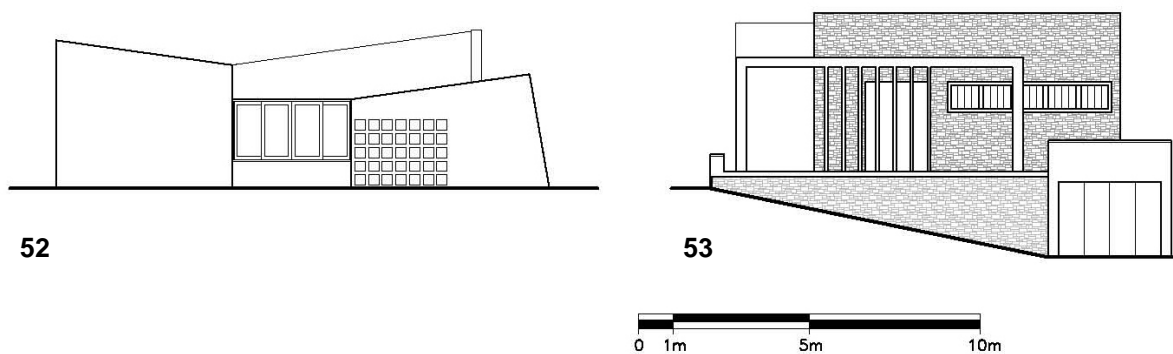


Figura 52: Residência Rua Eça de Queiroz. Fachada Rua Itaboraí.
Figura 53: Residência Rua Eça de Queiroz. Fachada Rua Eça de Queiroz.
 Fonte: Desenho da Autora com base no projeto de 1951, encontrado no Arquivo Municipal.

A fachada da Rua Eça de Queiroz revela o desnível existente devido ao corte da rua. A casa está implantada na cota mais alta, no nível da Rua Itaboraí e o desnível é aproveitado para localizar a garagem (Figuras 49, 50 e 53). O avarandado é um pórtico com elementos verticais colocados diante da outra porta de acesso ao estar. As aberturas, reunidas pela moldura horizontal, correspondem ao estar, ao dormitório de empregada e ao banheiro de serviço. Nessa fachada, apenas a parede que contém as referidas aberturas e o muro são revestidos com plaquetas de arenito, sendo que as demais paredes recebem reboco e pintura na cor branca.

A outra residência projetada pelos arquitetos está localizada na Rua Itaboraí números 8 e 28, na esquina com a Rua Eça de Queiroz. Na verdade, trata-se de duas casas geminadas, implantadas em um terreno retangular, que tem 13,77m de frente para a Rua Eça de Queiroz e 35,00m de frente para a Rua Itaboraí (Figuras 54-61).

O bloco construído é um volume recortado que encosta na divisa nordeste, mas mantém-se afastado dos demais limites do terreno. As plantas originais do projeto não foram localizadas, contudo, através do material cedido por um dos proprietários, de visitas às casas e com a implantação e as fachadas obtidas no Arquivo Municipal, foi possível reconstituir a planta das residências.



Figuras 54, 55, 56 e 57: Residência Rua Itaboraí. Fotos das residências.
Fonte: Fotos da Autora.

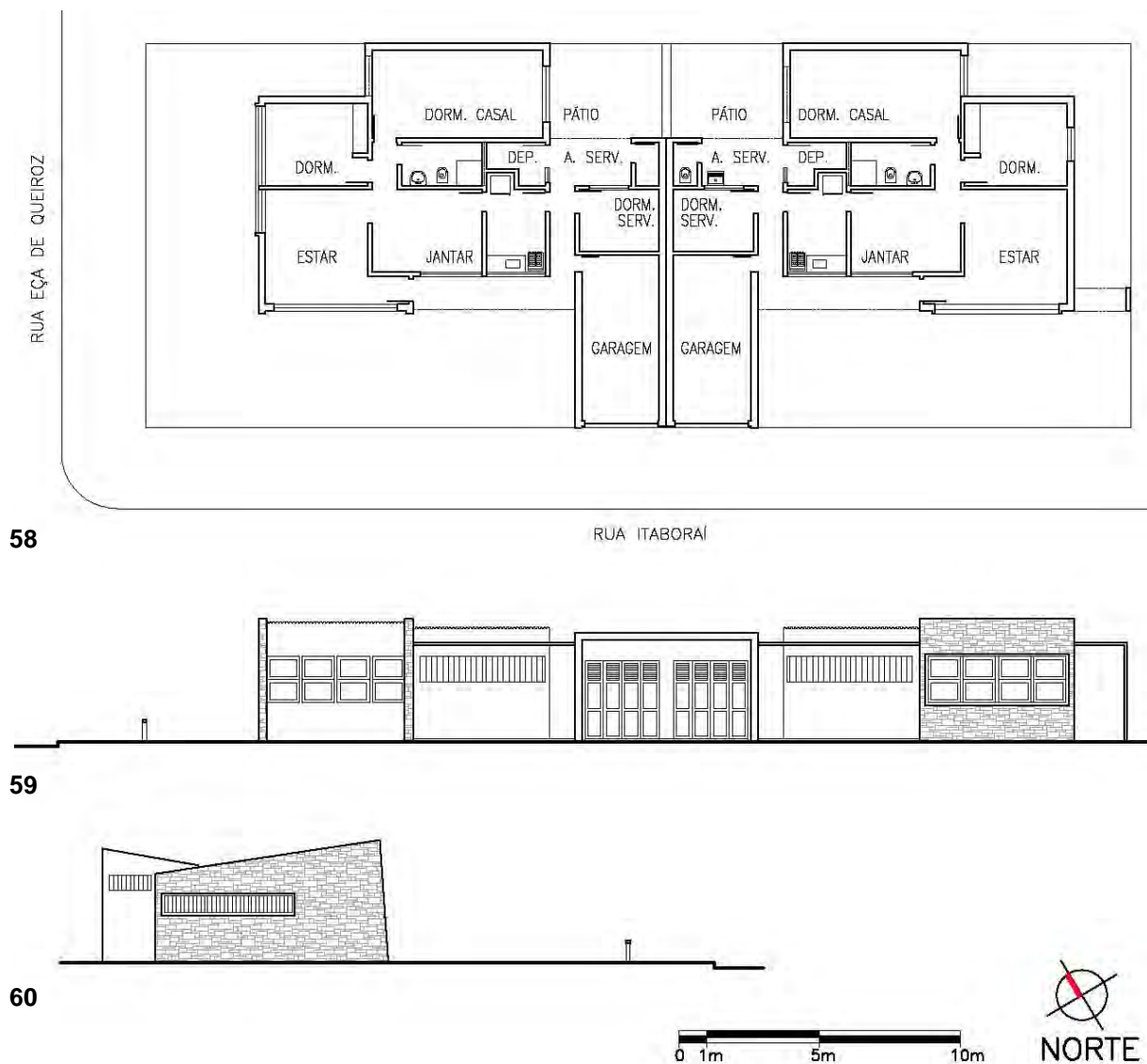


Figura 58: Residência Rua Itaboraí. Planta Baixa.

Figura 59: Residência Rua Itaboraí. Fachada Rua Itaboraí.

Figura 60: Residência Rua Itaboraí. Fachada Rua Eça de Queiroz.

Fonte: Desenhos da Autora com base no projeto de 1951, encontrado no Arquivo Municipal.

Essas casas possuem plantas espelhadas cujo eixo de simetria está sobre o muro que divide as garagens. Da divisão do terreno resulta uma casa de esquina (casa número 8); e a outra, com frente para a Rua Itaboraí (casa número 28).

Na fachada da Rua Itaboraí, o volume das garagens avança sobre o recuo de jardim. Nos desenhos encontrados, não aparece a diferença de cota de nível do terreno em relação à rua, que é de aproximadamente 1,00m. Assim, no desenho das fachadas, o volume das garagens é mais baixo, diferente do que é visto no local (Figuras 54-57). Para a direita e esquerda das garagens há uma área coberta que antecede as entradas sociais e de serviço. Nesta parte da fachada, as janelas são altas, horizontais e com basculantes verticais. No próximo trecho, a janela do estar

ocupa todo o vão e está delimitada por projeções das paredes. De um lado, a parede é revestida com pedra, enquanto, do outro, o plano que contém a esquadria é limitado por paredes revestidas com pedra (Figura 59).

Já a fachada para a Rua Eça de Queiroz mostra dois volumes sobrepostos, com alturas diferentes e telhado borboleta. O volume mais a frente tem parede revestida com pedra e janela em fita envolvida por moldura. O outro é menor, está recuado em relação ao primeiro e apresenta janela horizontal mais alta (Figura 60).

As três divisões presentes na fachada de cada uma das casas também estão presentes na organização da planta baixa. Em planta, o acesso social através da área coberta acontece pela lateral do volume do estar, levando diretamente a este ambiente. O estar e o segundo dormitório estão alinhados formando a primeira faixa. Na porção central, estão o jantar e a cozinha (cujas janelas abrem-se para a área coberta frontal), o dormitório do casal, o banheiro e um depósito. A terceira faixa reúne os serviços. No desenho original da fachada da Rua Itaboraí, entende-se que o acesso a esse setor acontecia por um vão livre entre o setor de serviço e o restante da casa. Contudo, é possível que a porta hoje existente tenha sido incorporada ainda na fase de projeto. O acesso de serviço, a partir da área coberta, leva à garagem, ao dormitório de serviço, à área de serviço, ao pátio e à cozinha (Figura 58).

A terceira residência localiza-se na Rua Rivera nº 39 e está implantada em um terreno de meio de quarteirão com frente de 15,40m e profundidade de 33,00m. O volume construído obedece ao recuo de jardim de 4m e está implantado junto à divisa oeste do terreno e afastado da divisa leste.

A fachada principal estende-se de um lado ao outro do terreno, apresentando um volume avançado junto à divisa leste que corresponde à garagem. A varanda faz a ligação entre a garagem e o volume do estar junto à divisa oeste, passando em frente à parede revestida em pedra e ao jardim. (Figura 64)

O acesso social acontece diretamente no estar, não havendo um vestíbulo propriamente dito. A privacidade dos demais espaços é garantida através da disposição destes em relação à posição 'isolada' do estar, obtendo controle do acesso ao restante da casa. O jardim, de alguma forma, organiza os setores dispondo o estar a sua direita e os três dormitórios alinhados à esquerda, voltados para leste. Em oposição à varanda, estão o banheiro, a copa e a cozinha, alinhados e voltados para sul. O terreno em desnível permitiu a construção de um pavimento

inferior acessado por uma escada a partir da cozinha ou a partir da varanda por um número menor de degraus. Neste pavimento, há um porão com uma área externa coberta pelo volume do dormitório no pavimento superior, um sanitário e uma despensa. (Figura 61 e 62)

Essas residências revelam a simplicidade na introdução de temas do modernismo brasileiro numa encomenda menor, tais como: o telhado borboleta (que oculta telhas e calhas e reverte a inclinação tradicional das águas), os treliçados, vazados e pergolados, que definem ambientes de transição, e as janelas longitudinais. Junto com seus colegas, Luís Fernando Corona introduziu temas numa pauta compositiva, marcada pela organização disciplinada de plantas e volumes em faixas, com pontos de articulação que não comprometem a leitura.

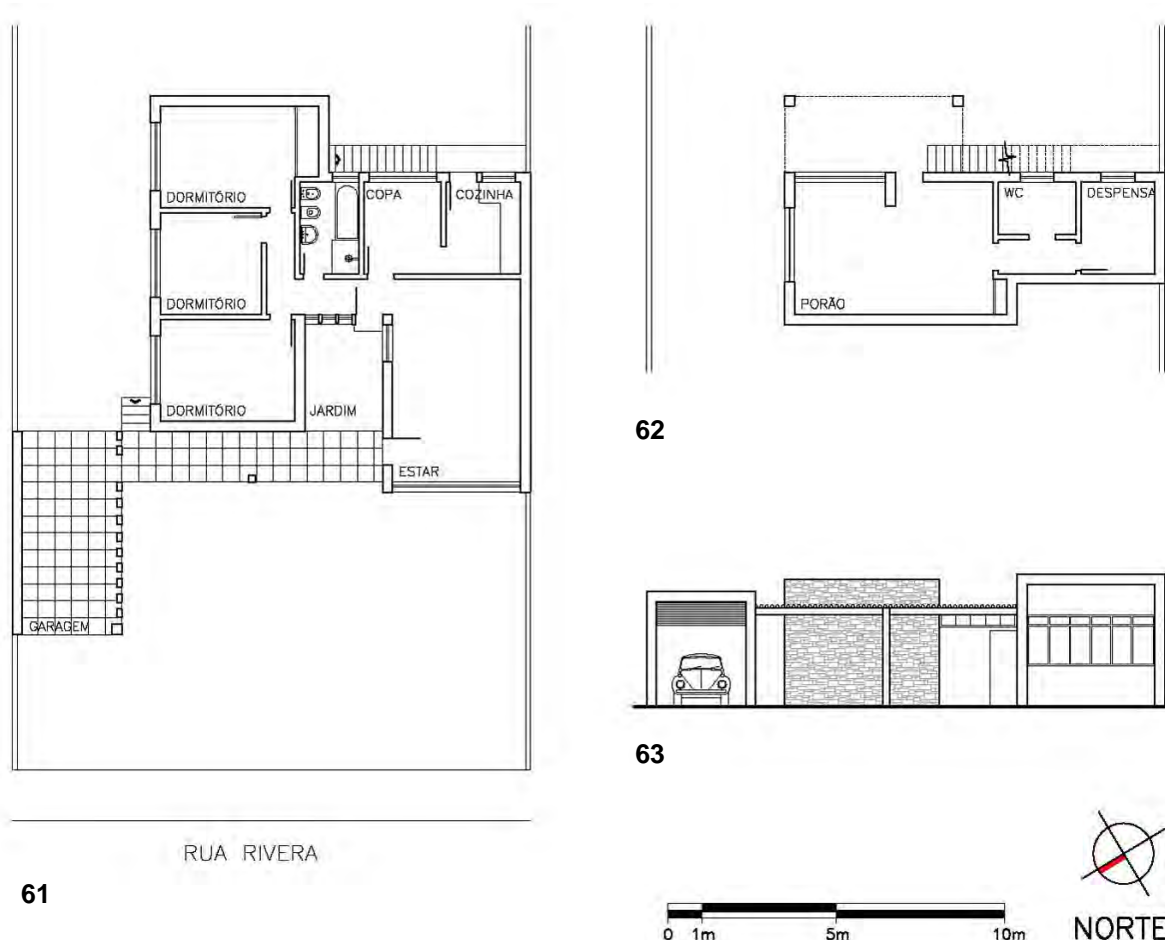


Figura 61: Residência Rua Rivera. Planta pavimento térreo.

Figura 62: Residência Rua Rivera. Planta pavimento inferior.

Figura 63: Residência Rua Rivera. Fachada Rua Rivera.

Fonte: Desenho da Autora com base no projeto de 1951, encontrado no Arquivo Municipal.

3.1.2 Residência Eugênio Noes

A Residência Eugênio Noes é, provavelmente, o único projeto que os irmãos Luís Fernando e Eduardo Corona realizaram em conjunto. Desse projeto participou também o arquiteto Roberto Tibau⁵⁵, com quem Eduardo Corona dividiu a autoria de outros trabalhos.

O projeto dessa residência foi publicado na revista *Habitat*, número 5, de março de 1953, sob o título *Outra residência*, quando ainda estava em construção. Duas páginas antes está outro projeto de Eduardo Corona e Roberto Tibau: a residência para o casal Rodolfo Mesquita Sampaio, localizada no bairro Pinheiros, em São Paulo. A Revista cita os dois projetos “como exemplos típicos do que se poderia definir ‘arquitetura doméstica’ brasileira, arquitetura bem definida pelo seu caráter de movimento, leveza e principalmente de cor,”⁵⁶ e destaca o uso dos elementos tradicionais da arquitetura colonial portuguesa reelaborados, evitando a ‘reprodução culturalística’.



Figura 64: Residência Eugênio Noes. Foto da fachada principal.

Fonte: CARRANZA, Ricardo. *TRAJETÓRIAS: Arquiteto Eduardo Corona*. <http://www.arquitetonica.com/trajet%F3rias%20-%20arquiteto%20eduardo%20corona.htm>

⁵⁵ Roberto José Goulart Tibau (1924–2003) formado pela Faculdade Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro em 1949.

⁵⁶ *Revista Habitat*, São Paulo, n. 5, p. 52-54, 1953.

A residência Eugênio Noes, projetada em 1951⁵⁷, está localizada no bairro do Pacaembu, em São Paulo, em um terreno com forte desnível. Este fator propiciou a manifestação das habilidades espaciais de Luís Fernando Corona. Os arquitetos propuseram dividir o programa residencial em três níveis, sendo que apenas o mais alto fica visível desde a rua (Figura 65). Nesta cota, está o acesso principal, o acesso de serviço (que através de uma escada lateral leva ao pavimento imediatamente inferior) e o acesso à garagem com ligação direta ao interior da casa.

O programa residencial está organizado em faixas transversais ao terreno. Assim, na cota superior, estão, em faixas distintas, os dois dormitórios, que se abrem para o norte, e os dois banheiros (Figura 66). As duas escadas que levam aos pavimentos inferiores também formam uma faixa transversal ao terreno que demarca uma linha divisória nos três pavimentos. Verticalmente, uma das escadas é enclausurada e faz a ligação da área íntima até a cozinha, podendo-se dizer que é uma escada privativa ou de serviço. A outra escada desce do *hall* ao estar como um conjunto de degraus ‘suspensos’, tornando a circulação visível desde a sala (Figuras 71 e 72).

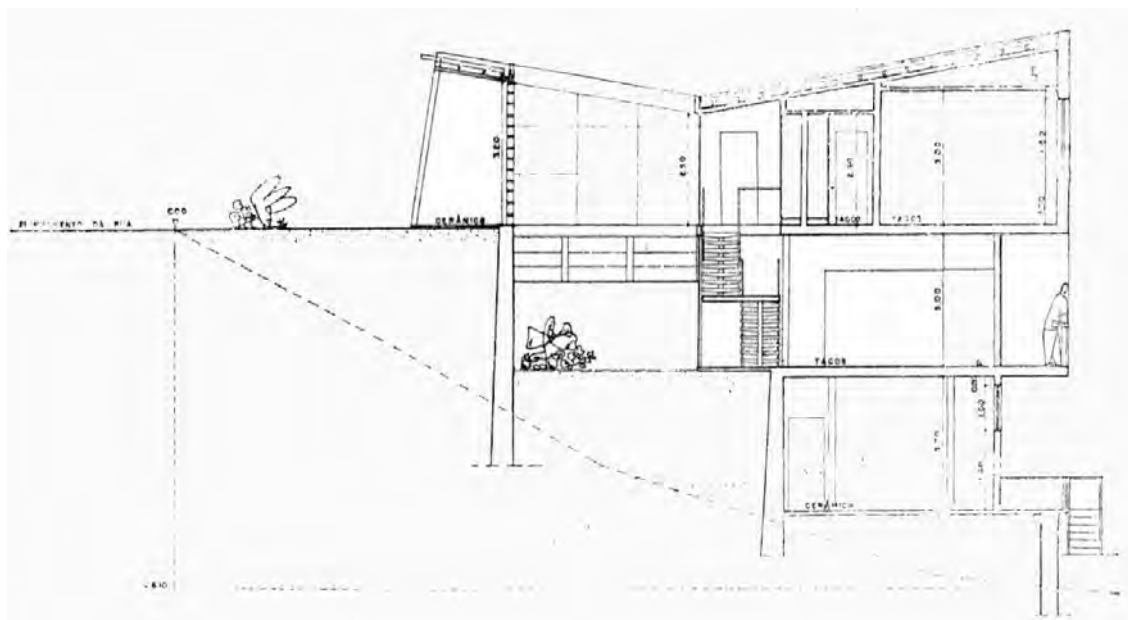


Figura 65: Residência Eugênio Noes. Corte longitudinal.

Fonte: Revista Habitat, nº5, p. 53.

⁵⁷ *TRAJETÓRIAS: Arquiteto Eduardo Corona.* <http://www.arquitetonica.com/trajet%F3rias%20-%20arquiteto%20eduardo%20corona.htm>

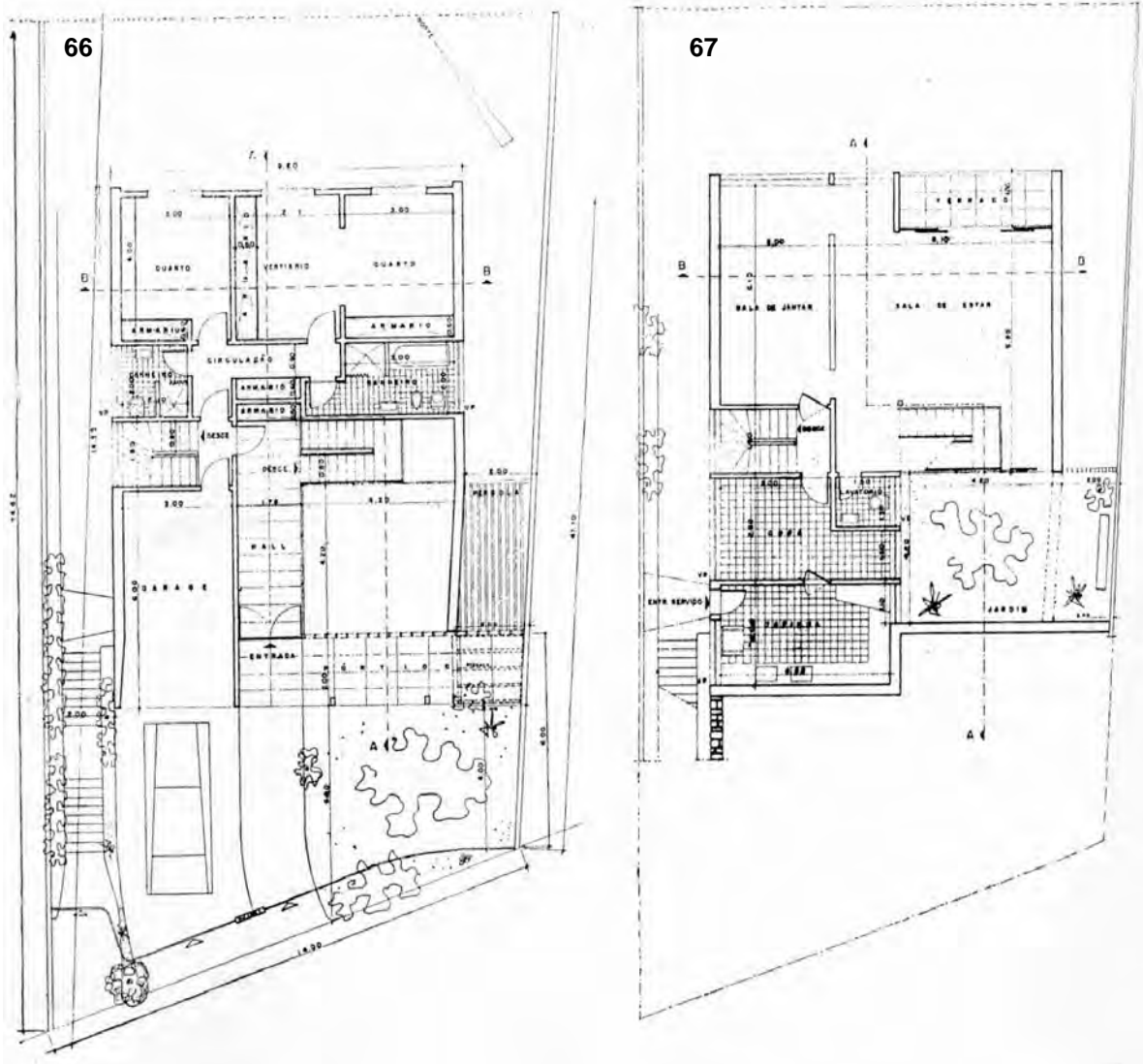


Figura 66: Residência Eugênio Noes. Planta do nível da entrada.

Figura 67: Residência Eugênio Noes. Planta do nível do estar.

Fonte: Revista Habitat, nº5, p.52.

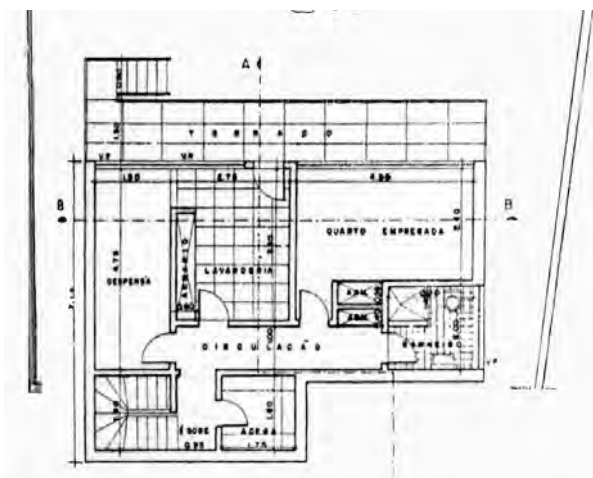


Figura 68: Residência Eugênio Noes. Planta do nível dos serviços.

Fonte: Revista Habitat, nº5, p.53.

Em seguimento, na cota intermediária, está o programa social da casa que, além da sala-de-estar com um terraço, tem sala de jantar, lavabo, copa, cozinha e jardim interno. Estar e jantar abrem-se para norte e desfrutam da paisagem, enquanto a cozinha, a copa e o lavabo voltam-se para o jardim interno (Figuras 67 e 72).

A sala-de-estar é um grande espaço de recepções e convívio que se abre em planos transparentes à frente e aos fundos, provendo vistas do jardim interno e do pátio (Figuras 71 e 72). A escadaria social é colocada em 'suspensão' diante do plano envidraçado voltado para o jardim, como forma escultórica percorrível. O percurso de entrada demonstra as habilidades de Luís Fernando Corona na manipulação do espaço. O acesso dá-se num volume singelo, com as subdivisões similares, mas tratamento distinto: na garagem há uma porta basculante com esquadria de ventilação; no pórtico de acesso, dois tramos dominados pelo muro de combogós (em recuo), e o tramo do acesso tem a esquadria com a porta principal (Figuras 64 e 69). Os desenhos da seqüência espacial mostram os visitantes no *hall*, com a vista do jardim em depressão a seu lado (Figura 70). A vista realça a transparência e o virtuosismo espacial do piso inferior, com suas extensões, recessos e confluências de ambientes abertos e fechados. As figuras 71 e 72 ilustram o espaço de estar, e a figura 73 conclui o percurso, mostrando a vista do volume desde o pátio posterior.

No pavimento inferior, estão os serviços acessados apenas pela escada de serviço. Nesse pavimento, estão a adega, o banheiro de serviço, a despensa, a lavanderia e o quarto de empregada. O terraço é acessado pela lavanderia e tem uma escada que leva ao terreno natural (Figura 68).

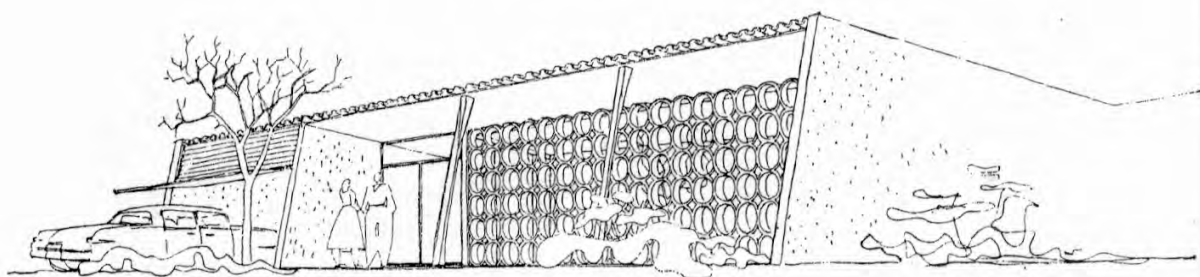


Figura 69: Residência Eugênio Noes. Perspectiva da fachada principal.
Fonte: Revista Habitat, nº5, p. 52.

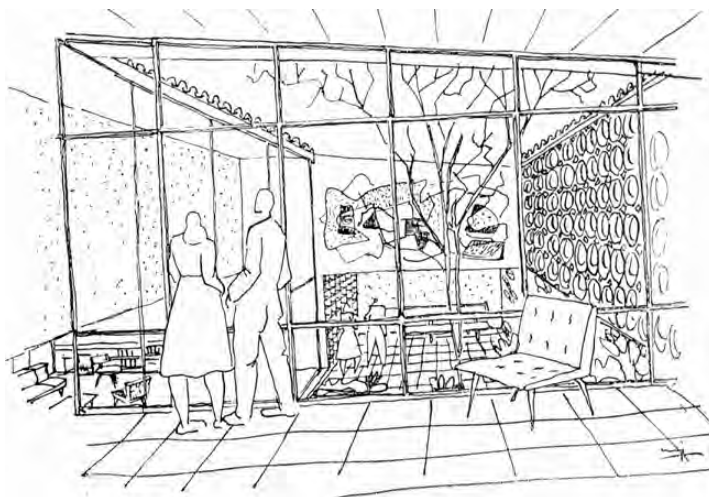


Figura 70: Residência Eugênio Noes. Perspectiva do jardim interno em depressão visto do hall.

Fonte: Revista Habitat, nº5, p.54.

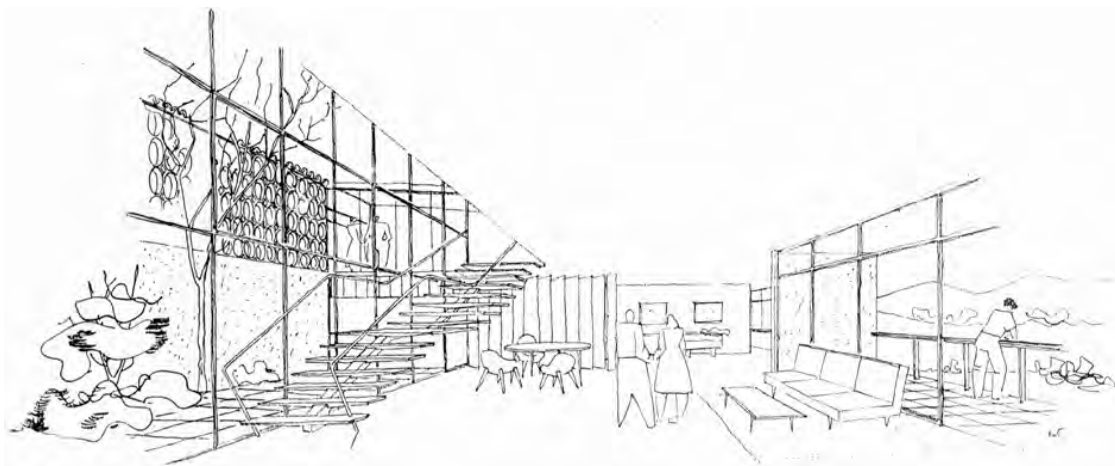


Figura 71: Residência Eugênio Noes. Perspectiva do estar.

Fonte: Revista Habitat, nº5, p.54.

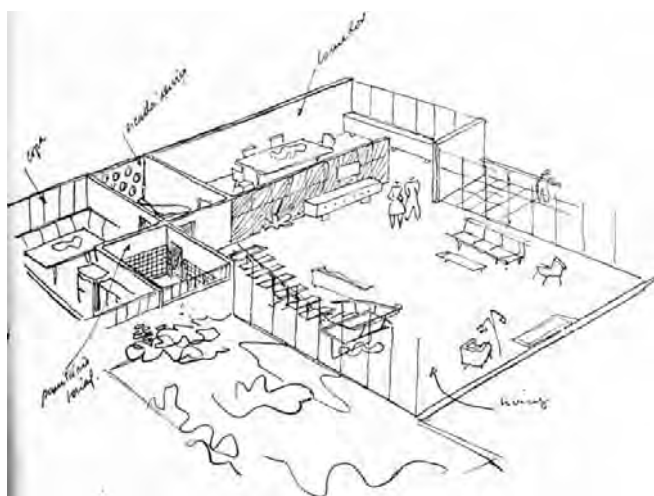


Figura 72: Residência Eugênio Noes. Esquema perspectivo da casa no nível do estar.

Fonte: Revista Habitat, nº5, p.53.

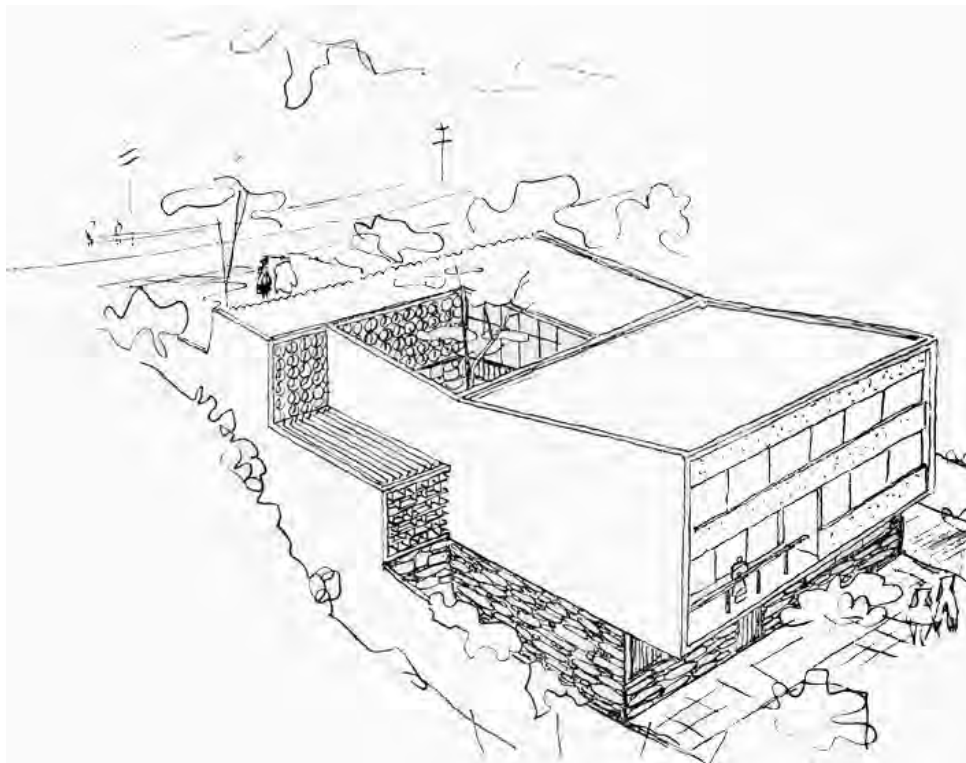


Figura 73: Residência Eugênio Noes. Perspectiva geral da residência.

Fonte: Revista Habitat, nº5, p.54.

Na publicação, um parágrafo é destinado a descrever os materiais e soluções utilizadas na casa. Assim, as colunas e paredes externas são revestidas com pastilhas cerâmicas, e a parede da garagem com granito ferruginoso. O telhado, em forma de asa de borboleta, é de telha cerâmica tipo colonial, com beiral aparente de telhas de azulejo azul e branco, assentado diretamente sobre a laje, permitindo uma declividade bem mais suave. As lajes são nervuradas, a fim de vencer os grandes vãos. O jardim na frente da casa é executado sobre uma laje de concreto armado. No pórtico de entrada, o forro é revestido com treliça de madeira à moda das casas tradicionais brasileiras, e a parede com elementos cerâmicos vazados de forma circular faz a divisão com o jardim interno. No jardim, interno a parede na frente do *hall* envidraçado leva um painel mural em mosaico cerâmico. Para trás do painel, o jardim interno passa a ter pé direito simples, coberto por um pergolado (Figura 70).

O projeto desta residência foi apresentado no Salão de Arte Moderna e ganhou o prêmio do Governo do Estado⁵⁸, ainda na década de 1950.

⁵⁸ Outra residência. *Revista Habitat*, São Paulo, n. 5, p.52, 1953.

3.1.3 Residência Cândido Norberto

A residência do jornalista, advogado e, então, Deputado Estadual Cândido Norberto dos Santos, situa-se em um pequeno terreno na esquina da Avenida Praia de Belas nº 1380, com a Avenida Bastian, no Bairro Menino Deus, em Porto Alegre. O terreno tem formato retangular, com de 28,00m extensão para a Avenida Praia de Belas e 13,00m para a Avenida Bastian. Segundo Cândido Norberto, a residência foi construída com recursos do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciantes (IAPC), através de um financiamento para jornalistas, criado no governo de Gaspar Dutra. Com esse incentivo, muitos jornalistas construíram suas casas nessa área do Bairro Praia de Belas. Eram vizinhos de Cândido Norberto os jornalistas João Ribeiro, Ernesto Valdez, Ruy Figueira e Samuel Madureira Coelho.

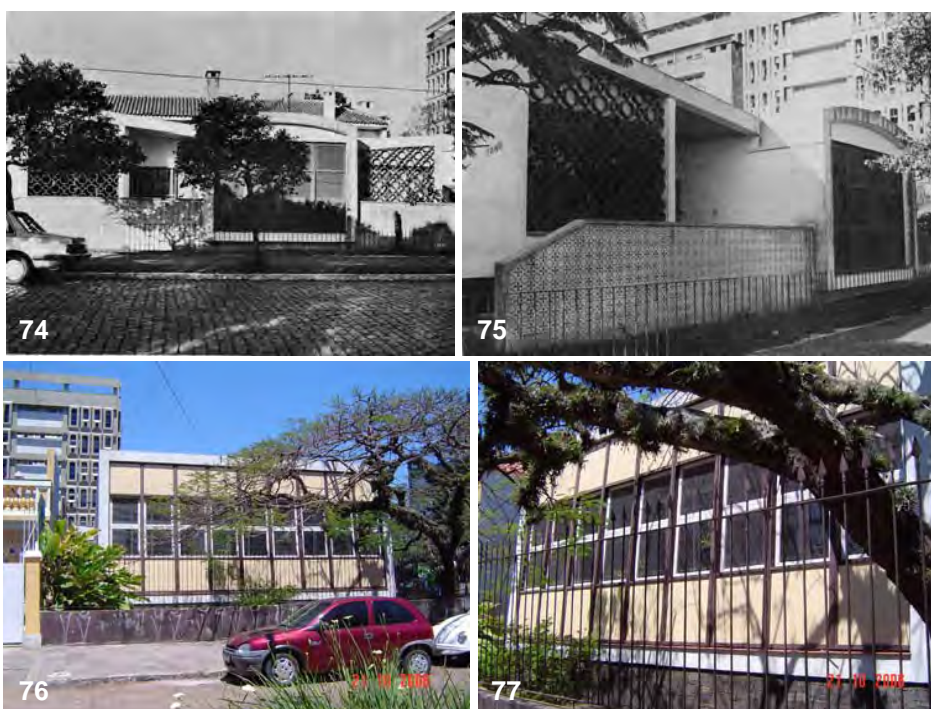
A Residência Cândido Norberto foi projetada em 1952, pelo arquiteto Luís Fernando Corona, e por Carlos Maximiliano Fayet que nessa época, ainda era estudante de arquitetura. A construção ocorreu entre 1952 e 1953 e coube a empresa Toigo & Cia Ltda, que contratou Fayet para fiscalizar a obra. Na época da construção, não havia ainda o aterro da Praia de Belas e o Rio Guaíba ficava a poucos metros da casa.

Em entrevista à Autora, Cândido Norberto diz que solicitou o projeto a Fernando Corona, que conhecia do jornal Correio do Povo, e que este fez um preço acessível pelo projeto. Contudo, Cândido Norberto não se lembra do desenrolar do projeto e da construção, o que leva supor que Fernando Corona tenha repassado o projeto para seu filho Luís Fernando Corona. Nesse ano, 1952, Luís Fernando trabalhava com Fayet no anteprojeto para o concurso do Palácio da Justiça. Justifica-se, assim, a participação de Fayet no projeto dessa residência e em outros trabalhos desenvolvidos ao longo de toda a década de 1950.

O acesso à residência acontece pela Avenida Praia de Belas, onde um muro revestido com azulejos esconde os três degraus que elevam a residência do solo, medida de precaução devido às enchentes (Figuras 74, 75 e 79). O *hall* configura o espaço de distribuição para os diversos setores da casa. A partir dele, chega-se à área privativa, subindo quatro degraus e atravessando o corredor paralelo ao gabinete. O *hall* privativo distribui para os três dormitórios e para o banheiro. Os dormitórios, voltados para norte, possuem saída para uma varanda 'fechada' por

painéis em madeira inclinados como a fachada. Cada dormitório possui três painéis verticais com quatro divisões horizontais, sendo as duas do meio móveis. No projeto, estes painéis possuíam venezianas em madeira, responsáveis pelo escurecimento e privacidade dos dormitórios. Porém, na construção, as venezianas foram substituídas por telas e foi necessário colocar cortinas internas. Tal modificação levou à descaracterização do uso desses painéis (Figuras 76, 77 e 80).

De volta ao *hall*, à esquerda, está o gabinete (Figura 78). No projeto encontrado na prefeitura havia, diante de sua janela, *brises* verticais que acabaram sendo substituídos por elementos cerâmicos vistos na fachada da Avenida Praia de Belas (Figuras 74 e 79). À direita do *hall* está a sala-de-estar e de jantar. A de estar, antigamente com vista para o Guaíba, é fechada por um painel feito em madeira, cujo treliçado colocado em diagonal resulta em interessante efeito de textura. O vão da abertura está dividido em quatro partes verticais e três partes horizontais, onde a do meio é móvel, permitindo a iluminação do interior. O volume do estar projeta-se à frente do muro que guarda a entrada da residência de um lado e o terraço do outro. Este volume destaca-se também pelo desenho da cobertura em arco, diferente do telhado borboleta do restante da casa.



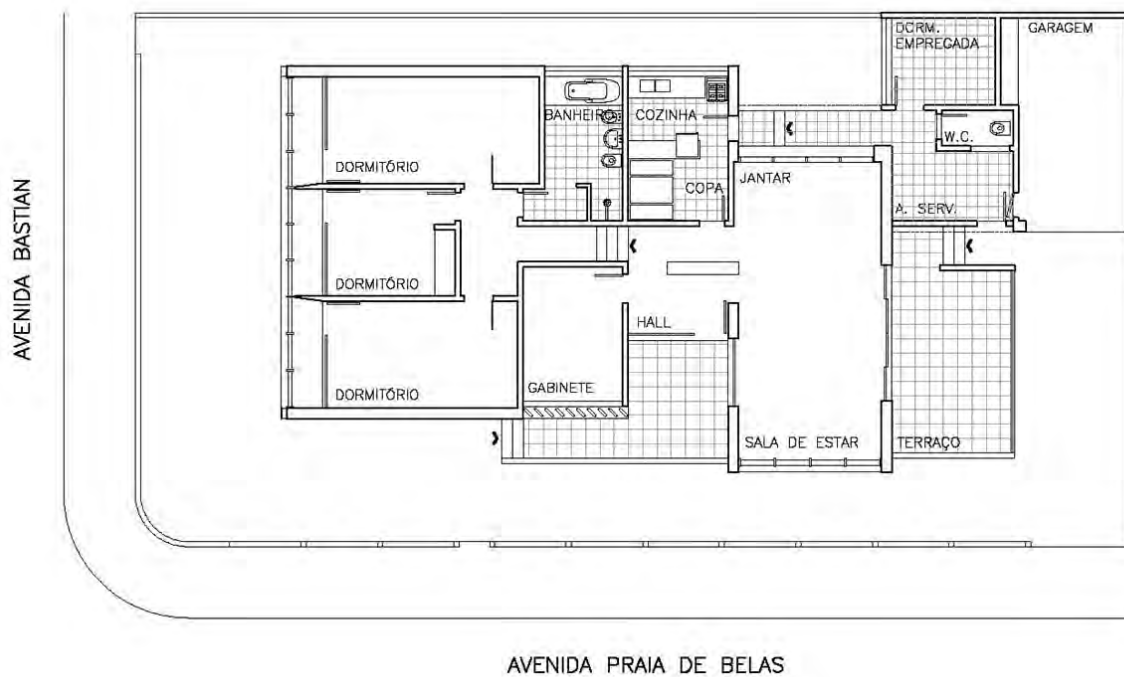
Figuras 74 e 75: Residência Cândido Norberto. Fachada Avenida Praia de Belas.

Fonte: XAVIER, Alberto. MIZOGUCHI, Ivan Gilberto Borges. *Arquitetura moderna em Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 1987. p.98-99.

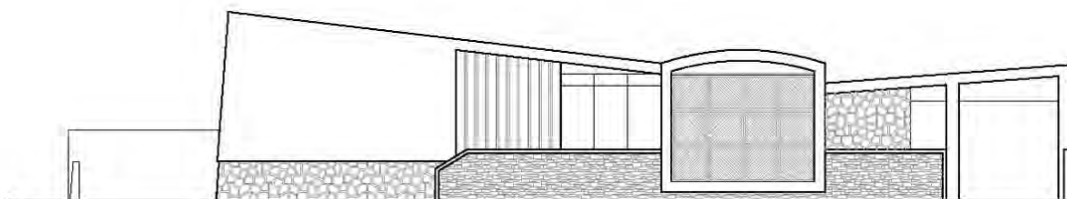
Figuras 76 e 77: Residência Cândido Norberto. Fachada Avenida Bastian.

Fonte: Foto Samantha Diefenbach.

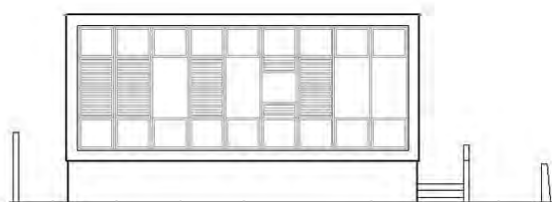
78



79



80



0 1m 5m 10m



Figura 78: Residência Cândido Norberto. Planta baixa.

Figura 79: Residência Cândido Norberto. Fachada Avenida Praia de Belas.

Figura 80: Residência Cândido Norberto. Fachada Avenida Bastian.

Fonte: Desenhos da Autora com base no projeto encontrado no Arquivo Municipal.

A sala-de-estar abria-se também para o terraço por onde se podia descer até a entrada da garagem e da área de serviço. O peitoril do terraço, na fachada principal, é a continuação do muro revestido com cerâmica da entrada da casa. A garagem está na lateral direita da fachada da Avenida Praia de Belas, ao fundo, e possui comunicação com o setor de serviço da residência (Figuras 78 e 79). Neste setor, está a área de serviço, o dormitório e o banheiro de empregada. A comunicação com a cozinha é feita por uma passagem aberta e coberta para onde se abre o jantar. A cozinha está na mesma cota da área social e comunica-se diretamente com o átrio onde apenas um painel de madeira separa a porta da cozinha e a passagem para a área privativa da entrada principal da casa.

Na década de 1980, a sobrinha dos proprietários, arquiteta Mael Pons Machado, fez um projeto de ampliação da residência. Nesse projeto, realizado em parceria com a arquiteta Gilda Bernardes, o terraço ao lado da sala-de-estar foi fechado. As arquitetas estudaram a composição da fachada propondo a continuação da asa de borboleta do telhado que ficaria interrompida pelo volume do estar. Para fechar o novo ambiente, as arquitetas usaram os mesmos elementos cerâmicos encontrados na janela do gabinete. Na foto apresentada no livro *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*, a obra de ampliação não está concluída e leva a pensar que tal painel com elementos cerâmicos sempre existiu como proteção para o terraço (Figuras 74 e 79). Tal equívoco foi esclarecido pelos proprietários em entrevista à autora. Outras pequenas intervenções foram feitas pelos proprietários, como a colocação de uma lareira no estar, fechando a esquadria para o terraço do acesso principal, e a divisão do único banho privativo em dois.

Segundo Xavier e Mizoguchi (1987), a Residência Cândido Norberto é diretamente filiada à Residência Oswald de Andrade (Figuras 81, 82 e 83), projetada em 1938 por Oscar Niemeyer, apresentando, na fachada da Avenida Praia de Belas, “vários elementos próprios do vocabulário arquitetônico da época, como muxarabi, combogó e ladrilho à guisa de azulejo.”⁵⁹ A semelhança entre as duas residências está no desenho da fachada espelhada, onde o telhado borboleta é interrompido por uma cobertura abobadada. A planta e o volume da Residência Oswald de Andrade apresenta:

⁵⁹ XAVIER, Alberto. MIZOGUCHI, Ivan Gilberto Borges. *Arquitetura moderna em Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 1987, p.98-99.

...uma variante do esquema de vazio entre dois sólidos. A casa de dois andares se cobre com água que se eleva da base da abóbada sobre o abrigo de pé direito duplo adjacente, a garagem térrea do outro lado com água que se elevado do entrepiso. Suporte de mural, uma parede de pedra corta o abrigo ao meio em toda a largura e altura e se prolonga casa a dentro, apoiando o mezanino.⁶⁰ (COMAS, 2002).

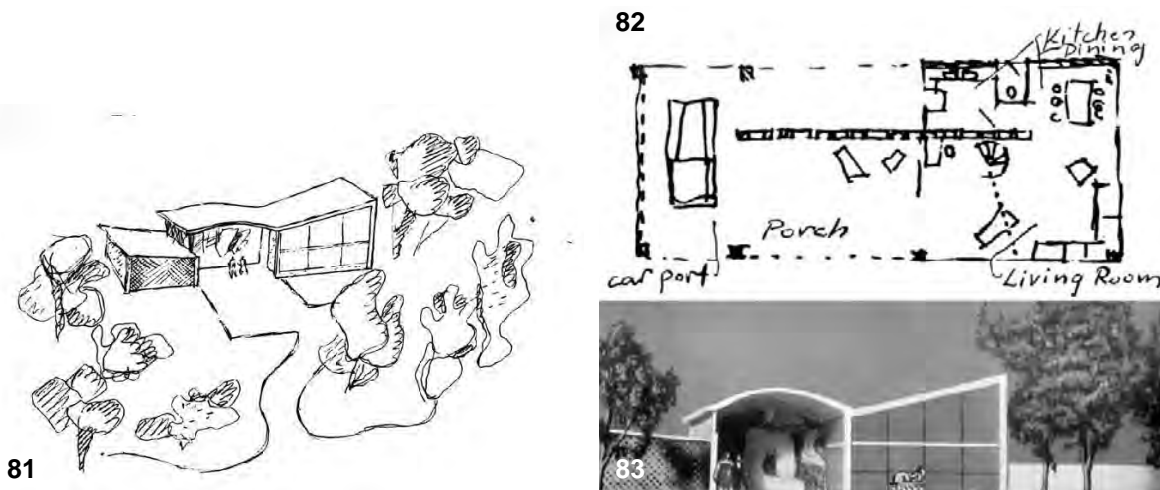


Figura 81: Perspectiva da Casa de campo Oswald de Andrade.

Figura 82: Planta baixa da Casa de campo Oswald de Andrade.

Figura 83: Maquete da Casa de campo Oswald de Andrade.

Fonte: COMAS, Carlos Eduardo Dias. *Precisões brasileiras: sobre um estado passado da arquitetura e urbanismo modernos: a partir dos projetos e obras de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & Cia., 1936-45. Vol. II, Cap. 5.*

Na verdade, Luís Fernando Corona toma a imagem da casa Oswald de Andrade e a aplica a uma casa urbana de vários cômodos. As plantas são distintas, pois a casa de Porto Alegre tem compartimentação mais convencional em um só piso, enquanto a casa de Niemeyer tem setor íntimo em mezanino acessado por escada helicoidal. Isso não impede de reconhecer na casa de Luís Fernando Corona as virtudes da organização setorial em faixas e da manipulação espacial por meio de desníveis nos terraços de acesso e no interior da casa. No tratamento volumétrico, a casa Oswald de Andrade tem base prismática retangular, enquanto a casa Cândido Norberto apresenta um jogo de projeções de terraços e volumes que ordenam episódios espaciais em seqüência.

⁶⁰ COMAS, Carlos Eduardo Dias. *Precisões brasileiras: sobre um estado passado da arquitetura e urbanismo modernos: a partir dos projetos e obras de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & Cia., 1936-45, 2002, v.1, p.198.*

3.1.4 Residência Samuel Madureira Coelho

A residência do jornalista Samuel Madureira Coelho está localizada na Avenida Praia de Belas nº 1400, no terreno imediatamente ao lado da residência do colega de profissão Cândido Norberto. O projeto elaborado por Luís Fernando Corona e Carlos Maximiliano Fayet é de 1953. A construção, finalizada em 1955, coube à empresa Toigo & Cia. Ltda.

O terreno de meio de quarteirão tem 13,40m de frente por 38m de profundidade e fachada principal, voltada para oeste. Os arquitetos implantaram a residência junto à divisa sul afastando-a 1,50m da divisa norte, por onde acontece o acesso de serviço (Figura 87). Por estar a poucos metros do rio Guaíba, a casa foi levantada da cota do solo, e o acesso principal ocorre por uma escada que ladeia o volume avançado da garagem (Figura 86). A escada de acesso, junto à parede externa da garagem, revestida de azulejo, leva à varanda que faz frente à sala de estar. No projeto encontrado na Prefeitura, o estar abria-se para a varanda através de três vãos com portas (Figura 88). Na foto do livro *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*, vê-se que o projeto foi alterado e as portas foram substituídas por janelas que estão separadas da porta de entrada por uma parede de alvenaria revestida com pedra palito (Figuras 84, 85 e 89).

Internamente, o espaço do *hall* de entrada é limitado pelo gabinete e por um painel em madeira que controla a visual em direção ao estar (Figura 87). Ao lado do estar, está o jantar com comunicação direta com a copa e cozinha. Através da cozinha, chega-se às áreas de serviço. O jardim interno encarrega-se da ventilação e iluminação do gabinete, do *hall* e do corredor de acesso ao setor íntimo da casa, onde os três dormitórios têm fachada para leste e apenas um banheiro atende à casa.

A Residência Samuel Madureira Coelho ainda pertence à família do jornalista e, atualmente, está locada para a Caixa Econômica Federal. A necessidade de adequação ao novo uso resultou na completa descaracterização da residência, não restando nenhum indício do projeto construído.



Figuras 84 e 85: Residência Samuel Madureira Coelho. Fachada Avenida Praia de Belas.
 Fonte: XAVIER, Alberto. MIZOGUCHI, Ivan Gilberto Borges. *Arquitetura moderna em Porto Alegre*.
 Porto Alegre: UFRGS, 1987, p.100-101.

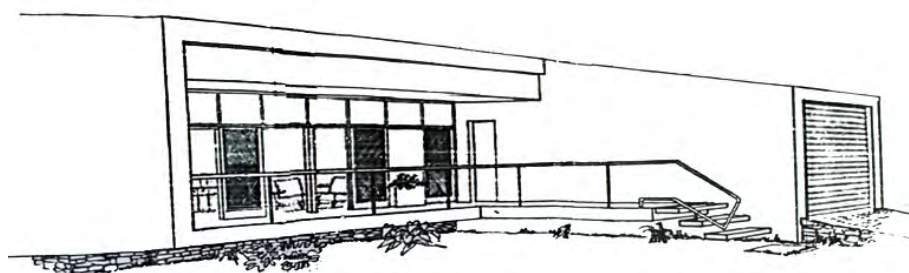


Figura 86: Residência Samuel Madureira Coelho. Perspectiva da fachada principal.
 Fonte: Arquivo Municipal.

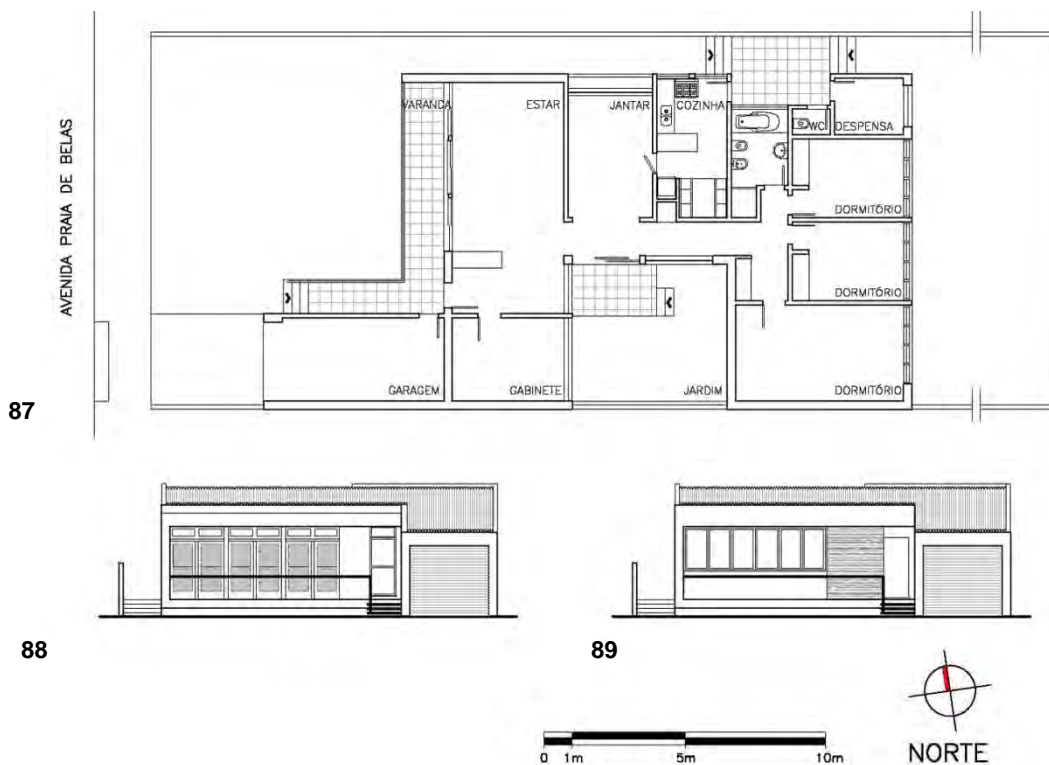


Figura 87: Residência Samuel Madureira Coelho. Planta baixa.
Figura 88: Residência Samuel Madureira Coelho. Fachada Avenida Praia de Belas.
 Fonte: Desenhos da Autora com base no projeto de 1952, encontrado no Arquivo Municipal.
Figura 89: Residência Samuel Madureira Coelho. Fachada Avenida Praia de Belas.
 Fonte: Desenho da Autora com base na foto da fachada construída.

3.1.5 Residência Manoel Quintanilha

O projeto para a Santa Casa de Caridade de Bagé (ver página 154) trouxe a Luís Fernando Corona e a Carlos Maximiliano Fayet a oportunidade de projetar, em 1954, a casa do Sr Manoel Quintanilha, membro da diretoria daquele hospital. Contudo, o projeto de Corona e Fayet para a residência não foi executado “devido ao custo da obra em relação aos parâmetros bageenses e as pretensões do cliente”⁶¹ (GONÇALVES, 2006). Segundo a autora, em 1955, um novo projeto é solicitado ao arquiteto Edmundo Bruno que, a pedido da família, usa idéias da proposta de Corona e Fayet.

O projeto de Corona e Fayet propõe para o terreno estreito e comprido uma residência com dois pavimentos, implantada junto às divisas laterais, com espaços dispostos transversalmente ao terreno e intercalados por jardins internos (Figura 90). Essa disposição lembra a planta da casa Edvaldo Pereira Paiva, projetada por Edgar Graeff e construída em Porto Alegre em 1949.⁶²

O acesso à residência Manoel Quintanilha acontece por uma varanda em “L” que contorna o jardim social e leva ao vestíbulo (Figura 90). Nesta primeira faixa, está a garagem, que possui comunicação com a varanda, e o gabinete com acesso através do vestíbulo compartilhado com a residência. Na faixa seguinte, o amplo estar abre-se para o jardim social e, também, para um segundo jardim interno, (jardim íntimo), já na terceira faixa (Figura 94).

Assim como em outras residências projetadas por Corona, novamente, as áreas de estar não apresentam paredes, sendo delimitadas por planos de vidro ou elementos vazados. Isto amplia perceptivamente os espaços, lançando visadas para fora dos compartimentos e sugerindo o progresso aos espaços que se descortinam em seqüência (Figuras 94 e 95).

O setor íntimo eleva-se sobre a sala-de-estar, sendo acessado por uma escada que ocupa parte da ligação entre o estar social e o estar íntimo. Essa escada é como uma escultura, onde pessoas movimentam-se, visível desde as peles de vidro dos dois estares. No pavimento superior, um pequeno estar aberto para o vazio

⁶¹ GONÇALVES, Magali Nocchi Collares. *Arquitetura bageense: o delinear da modernidade: 1930 - 1970*. 2006, p.174. Dissertação (Mestrado em Arquitetura).

⁶² GOLDMAN, Carlos Henrique. *A casa moderna em Porto Alegre: projetos residenciais de Edgar Albuquerque Graeff 1949 – 1961*. 2003, p.36-43. Dissertação (Mestrado em Arquitetura).

da escada antecede os três dormitórios voltados para leste e atendidos por um único banheiro (Figura 91).

O estar íntimo e o jantar voltam-se para o jardim íntimo e estão ligados ao setor de serviço da casa. Copa, cozinha, banheiro e um dormitório abrem-se para o pátio de serviço, onde uma passagem coberta leva à churrasqueira, ao dormitório e banheiro de serviço.

A fachada principal, com orientação leste, tem, em primeiro plano, sob uma mesma laje coberta por telhas cerâmicas e sustentada por pilares esbeltos, a varanda de acesso e a garagem (Figuras 92 e 93). Em segundo plano, com recuo maior em relação ao alinhamento e no pavimento superior está a fachada dos dormitórios. Este volume possui telhado de duas águas de telhas cerâmicas.

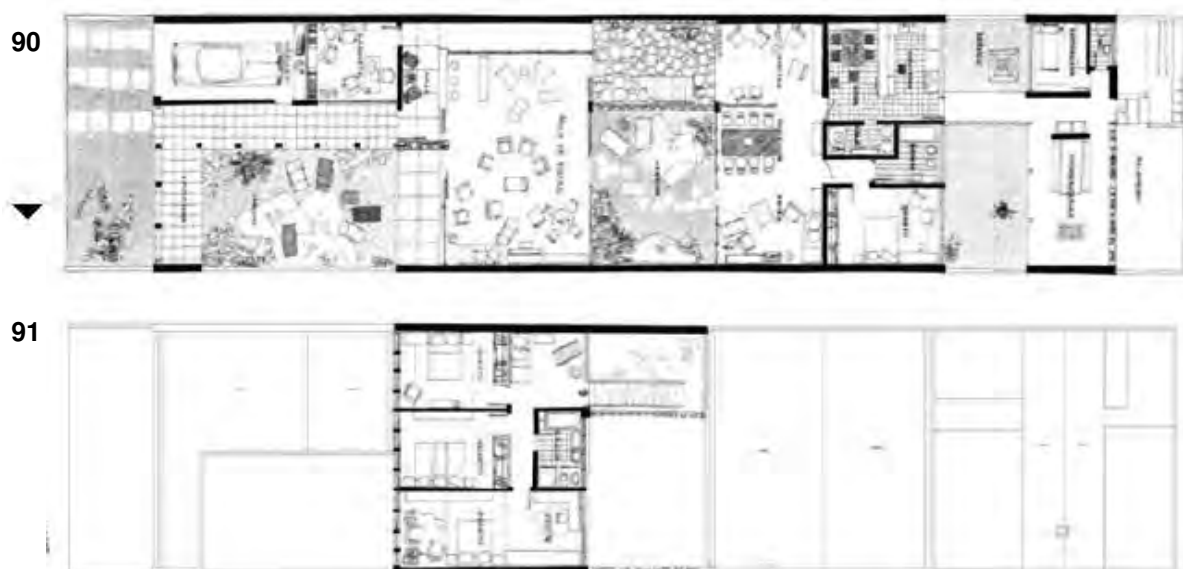
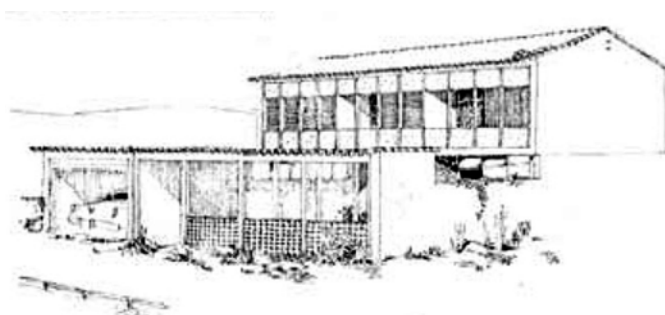


Figura 90: Residência Manoel Quintanilha. Planta térrea.

Figura 91: Residência Manoel Quintanilha. Planta do pavimento superior.

Fontes: GONÇALVES, Magali Nocchi Collares. *Arquitetura bageense: o delinear da modernidade: 1930-1970*. 2006, p.213.



Figuras 92: Residência Manoel Quintanilha. Perspectiva externa a partir da rua.

Fontes: GONÇALVES, Magali Nocchi Collares. *Arquitetura bageense: o delinear da modernidade: 1930-1970*. 2006, p.213.



Figuras 93: Residência Manoel Quintanilha. Perspectiva externa a partir da rua.

Fontes: GONÇALVES, Magali Nocchi Collares. *Arquitetura bageense: o delinear da modernidade: 1930-1970*. 2006, p.213.

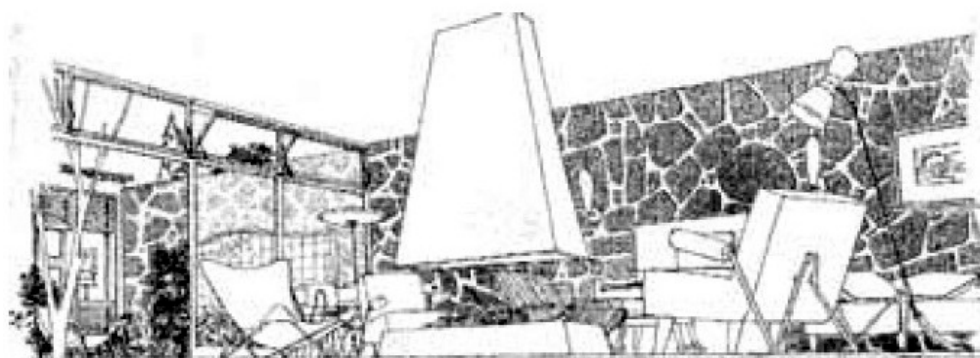


Figura 94: Residência Manoel Quintanilha. Perspectiva interna da sala de estar social.

Fontes: GONÇALVES, Magali Nocchi Collares. *Arquitetura bageense: o delinear da modernidade: 1930-1970*. 2006, p.212.

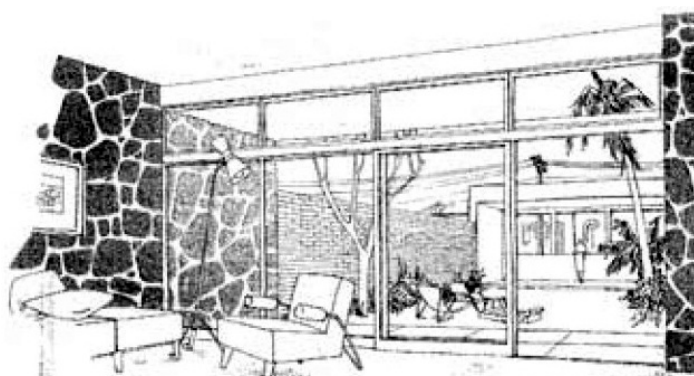


Figura 95: Residência Manoel Quintanilha. Perspectiva interna do estar íntimo.

Fontes: GONÇALVES, Magali Nocchi Collares. *Arquitetura bageense: o delinear da modernidade: 1930-1970*. 2006, p.212.

3.2 OS EDIFÍCIOS RESIDENCIAIS

3.2.1 Edifício Jaguaribe

Um dia, - deve ter sido em princípios do ano – meu velho amigo Romeu Pianca pede para ir ao seu escritório tratar de um assunto. Havia um terreno (as casas tinham sido demolidas com o alargamento do beco que deu lugar a Avenida) na esquina da avenida com a rua Vigário José Inácio, com quase mil metros quadrados de área livre. Pianca me disse que estava a venda em leilão e ele tinha possibilidades de comprá-lo por bom preço. Ele queria, ou imaginava querer um cinema de luxo e uma construção com 25 pavimentos. (...) Antes de finalizar o ano, entregávamos aos Pianca o projeto completo do Edifício Jaguaribe com o Cinema São João.⁶³
(CORONA)

A história do Edifício Jaguaribe inicia-se com o empresário Romeu Pianca, arrendatário do Cinema Capitólio (1938 – 1966) e do Cine Vitória, no Edifício Vera Cruz, inaugurado por ele em 1939. Fernando Corona foi o responsável pela decoração do Cine Vitória, oportunidade em que conheceu Romeu Pianca, estreitando relações a partir de então. Em 1951, Romeu Pianca encontrou um terreno na esquina da Avenida Salgado Filho com a Rua Vigário José Inácio, e então idealizou o Edifício Jaguaribe, onde construiria seu próprio cinema, o luxuoso e moderno cine São João. O terreno estava à venda no Instituto de Resseguros do Brasil, no Rio de Janeiro, e foi comprado pelos Pianca em uma concorrência onde não havia nenhum outro interessado.

Assim, o Edifício Jaguaribe foi projetado em 1951 pelo arquiteto Fernando Corona em parceria com seu filho, o arquiteto Luís Fernando Corona. O empreendimento da firma M. Pianca (do empresário Romeu Pianca e de sua filha Malvina Pianca) tencionava construir, no terreno de esquina, um edifício residencial para a classe média-alta de Porto Alegre e, um cinema de luxo. O terreno era praticamente um retângulo, com frente norte medindo 45,35m e frente leste com 20,28m de extensão.

A primeira perspectiva do empreendimento foi publicada no Jornal Correio do Povo, de 9 de agosto de 1951, que anunciava o “Alteroso Edifício Jaguaribe” com vinte andares, um dos maiores da capital, a ser construído pelo engenheiro Paulo

⁶³ Diário de Fernando CORONA (1895 – 1979) – Ano 40 - 1951 - *fls 048 a 049 do volume II*. © família CORONA. Este Diário foi transcrito pelo professor Cirio Simon.

Ricardo Levacov. O empreendimento contava com um subsolo com estacionamento para quarenta carros e uma base comercial onde se destacava o luxuoso Cinema São João, com duas mil poltronas estofadas. No térreo, bar e confeitaria atendiam ao *foyer* do cinema e, no segundo pavimento, uma grande confeitaria atendia ao público em geral. O projeto previa ainda, segundo a reportagem, um grande restaurante ou clube no 9º pavimento, com 450m², completamente envidraçado, possibilitando total visibilidade sobre a cidade. Para o 21º andar era anunciado um *playground*, com ambientes cobertos por marquises e jardim para a recreação dos condôminos. Eram previstos cinco tipos de apartamentos, conforme a metragem quadrada que variava de 44m² a 140m², totalizando oitenta e quatro unidades de um, dois e três dormitórios (Figura 96).

Ainda, no ano de 1951, sem alterar o partido inicial, o projeto para o Edifício Jaguaribe passa dos vinte e um pavimentos iniciais, contando com o terraço jardim, para os atuais vinte e seis pavimentos, ultrapassando o gabarito de altura de 75m estabelecido para a avenida. Segundo conta Fernando Corona em seu diário⁶⁴, diante dos argumentos de custo, beleza e renda do empreendimento, o então prefeito Hildo Meneghetti deu sua aprovação pessoal, entendendo que não seria nenhum absurdo ter um edifício de aproximadamente 80m de altura na nova avenida (Figura 97).

Dessa forma, com a aprovação do prefeito, o projeto é encaminhado à Prefeitura em novembro de 1951. O partido adotado implanta junto ao alinhamento das duas vias e junto à divisa com os lotes lindeiros, um volume em “L”, formado por dois blocos com vinte e seis pavimentos e entradas independentes. Até o 9º pavimento o terreno é totalmente ocupado; o volume em “L” abraça o volume retangular da sala de cinema que possui estrutura independente do edifício de vinte e seis andares (Figura 99).

No pavimento térreo, os sete intercolúnios da fachada norte demarcam a entrada da garagem e a saída do cinema (primeiro intercolúnio junto à divisa oeste com 6,77m de vão), o bar, a outra saída do cinema e o vestíbulo, a circulação vertical de acesso aos pavimentos superiores do bloco norte, a entrada e o *foyer* do cinema que contorna a esquina (Figura 100). Os cinco intercolúnios do meio medem 6,60m, enquanto o intercolúnio da esquina mede 5,945m. Na fachada leste, o

⁶⁴ Diário de Fernando CORONA (1895 – 1979) – Ano 40 - 1951 – *fl. 050 do volume II* © família CORONA. Este Diário foi transcrito pelo professor Cirio Simon.

primeiro intercolúnio com 4,275m, junto à divisa sul, é ocupado pela circulação vertical de acesso aos pavimentos residenciais do bloco leste. Os outros cinco intercolúnios, medindo 3,25m cada, são ocupados pelo *foyer* do cinema, cuja escada e o elevador próprios levam aos *foyers* dos pavimentos superiores. Na fachada, os pilares com dupla altura, seccionados pela marquise, marcam os intercolúnios do térreo e do 2º pavimento (Figura 112). O fechamento do *foyer* do cinema no pavimento térreo é feito por uma esquadria de vidro que serpenteia os pilares da fachada norte, mas passa reto por trás dos pilares da fachada leste. A circulação vertical do bloco norte é formada por dois elevadores sociais, dispostos na linha da fachada principal, e um elevador de serviço e a escada logo à frente. No bloco leste, a circulação vertical possui um vestíbulo retangular com dois elevadores e uma escada.



Figura 96: Edifício Jaguaribe. Perspectiva do primeiro projeto com 20 pavimentos mais a cobertura.

Fonte: Jornal Correio do Povo de 09 de agosto de 1951.

Figura 97: Edifício Jaguaribe. Perspectiva do edifício já com 26 pavimentos.

Fonte: Jornal Correio do Povo de 22 de maio de 1952.

Figura 98: Edifício Jaguaribe. Perspectiva do edifício em aquarela já com 26 pavimentos (s/d).

Fonte: Acervo Sra. Malvina Pianca.

No 2º pavimento, a laje prolonga-se em balanço sobre os dois passeios. Do lado direito da circulação vertical do bloco norte está a confeitaria com um pequeno terraço ocupando dois intercolúnios e meio (Figura 101). A confeitaria é acessada através da escada no interior do bar, no pavimento térreo. Os elevadores e a escada do bloco norte não acessam esse andar, sendo a circulação ocupada por copa e

depósito da confeitaria. O *foyer* do cinema, acessado por uma escada e um elevador próprios, ocupa o restante do pavimento e dá acesso à galeria inferior da sala de cinema. O fechamento com vidro curvo acontece em dois intercolúnios da fachada norte. O intercolúnio da esquina desta mesma fachada apresenta o plano cego que se prolongará por todos os demais pavimentos, com exceção do 6º andar. Na fachada leste, a esquadria que fecha o 2º pavimento passa em frente aos pilares de três intercolúnios. Nos dois vãos seguintes, a esquadria recua para trás dos pilares dando espaço a um jardim. No último vão, o plano vertical cego de fechamento da circulação vertical do bloco leste arremata a fachada. O tratamento dado à fachada leste do 2º pavimento repetir-se-á no 4º, 6º e 8º pavimentos (Figura 112).

Do 3º ao 8º pavimento, a planta apresenta dois apartamentos de dois dormitórios no bloco norte (Figuras 102-107). Estes apartamentos fazem divisa com o volume do cinema e, por isso, todos os ambientes estão voltados para a fachada da Avenida Salgado Filho. Na fachada, o bloco residencial norte é evidenciado pela grelha em balanço, contendo varandas e jardins diante dos ambientes (Figura 112). A grelha divide cada intercolúnio dos dois primeiros pavimentos em dois novos vãos. Uma simetria bilateral é acusada, tendo como eixo vertical o plano cego dos elevadores, combinado com os doze vãos da grelha. Os elementos cerâmicos vazados aparecem como alternativa para resolver a fachada das áreas de serviço e do jardim ao lado, onde há uma abertura retangular em meio aos elementos cerâmicos.



Figura 99: Edifício Jaguaribe. Projeto de novembro de 1951. Implantação. Em vermelho o bloco residencial e em amarelo o volume do cinema.

Fonte: SMOV. Cores introduzidas pela Autora.

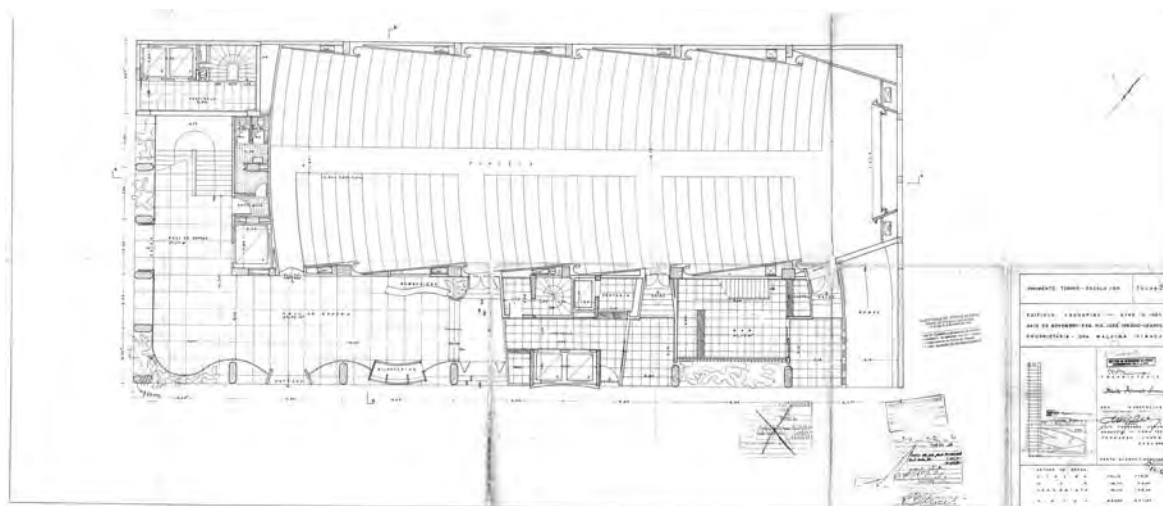


Figura 100: Edifício Jaguaribe. Projeto de novembro de 1951. Planta pavimento térreo.
 Fonte: SMOV.

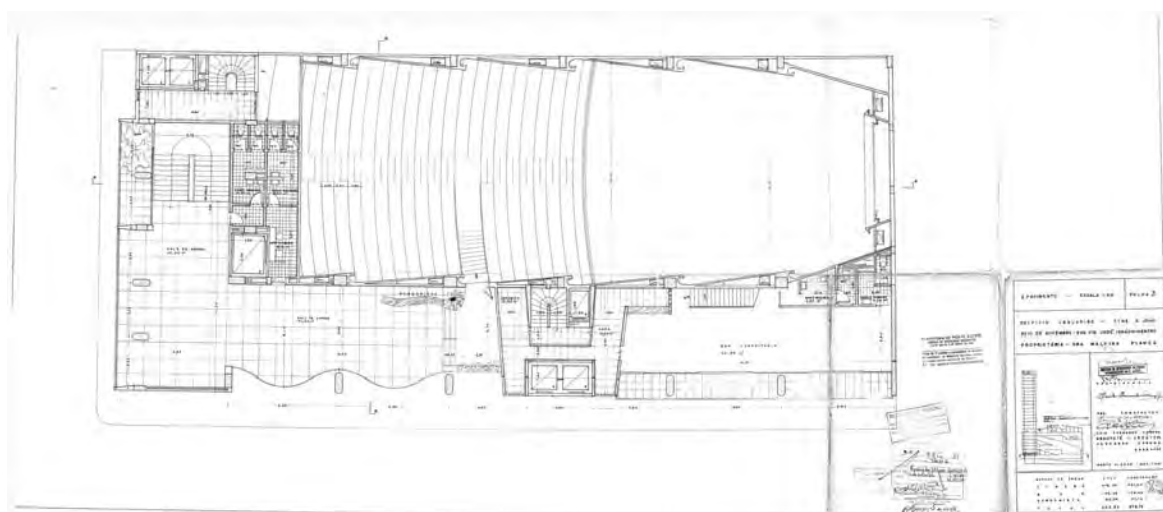


Figura 101: Edifício Jaguaribe. Projeto de novembro de 1951. Planta 2º pavimento.
 Fonte: SMOV.

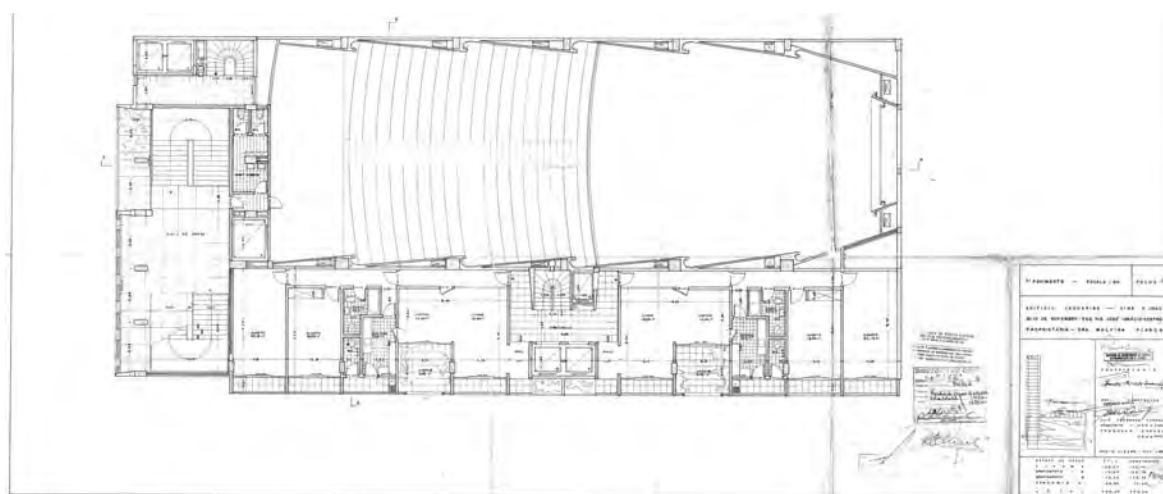


Figura 102: Edifício Jaguaribe. Projeto de novembro de 1951. Planta 3º pavimento.
 Fonte: SMOV.

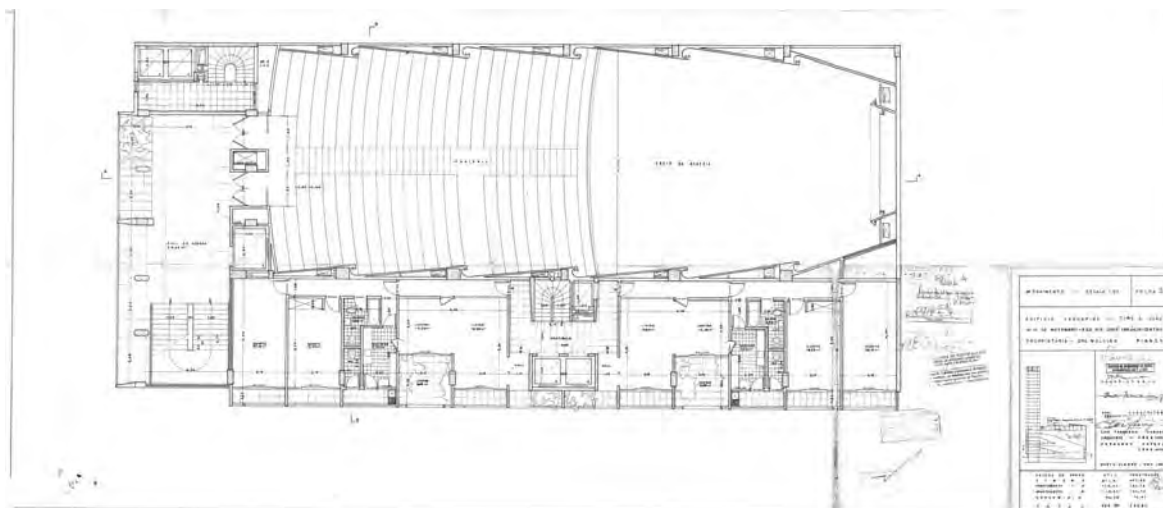


Figura 103: Edifício Jaguaribe. Projeto de novembro de 1951. Planta 4º pavimento.
 Fonte: SMOV.

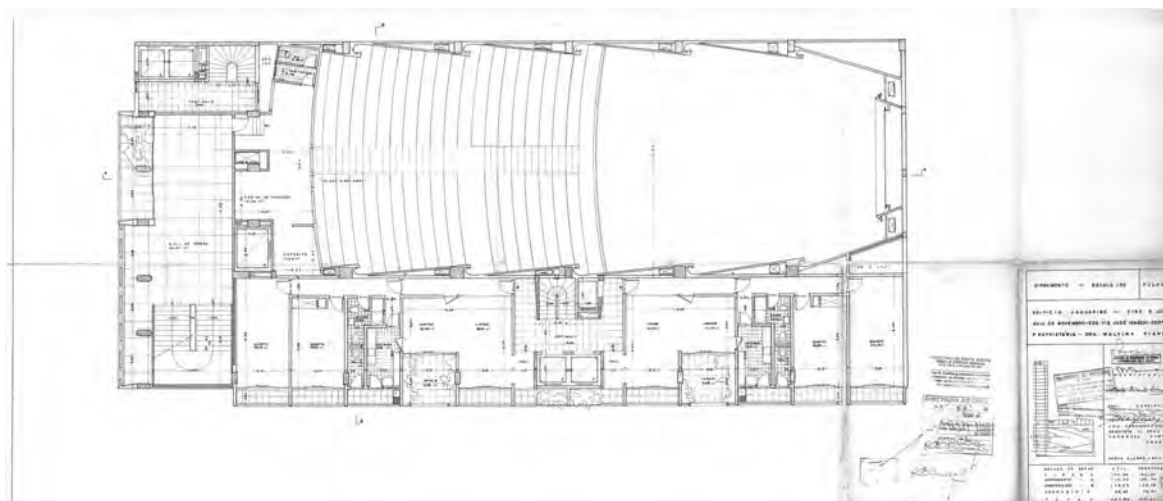


Figura 104: Edifício Jaguaribe. Projeto de novembro de 1951. Planta 5º pavimento.
 Fonte: SMOV.

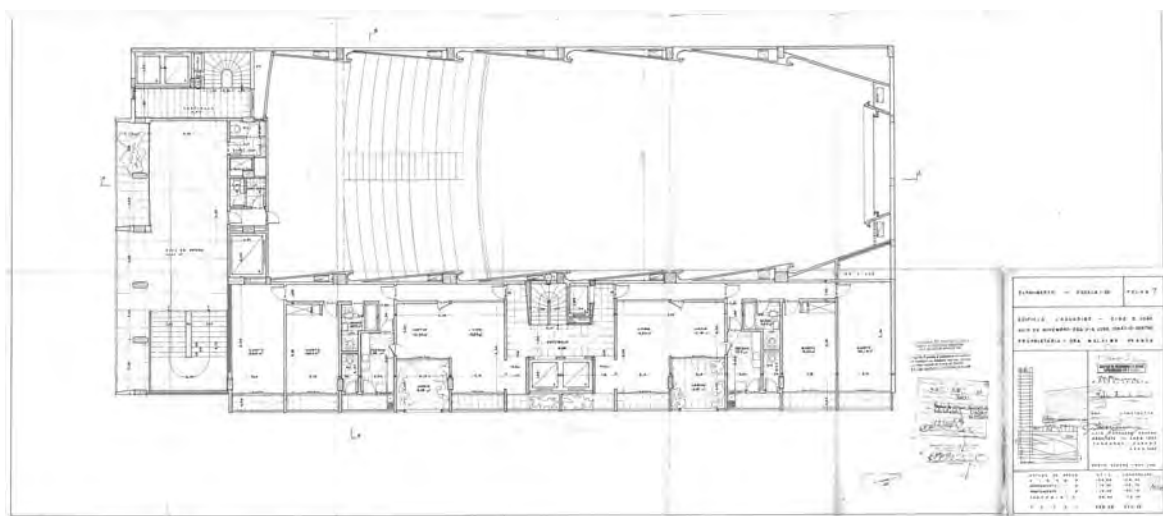


Figura 105: Edifício Jaguaribe. Projeto de novembro de 1951. Planta 6º pavimento.
 Fonte: SMOV.

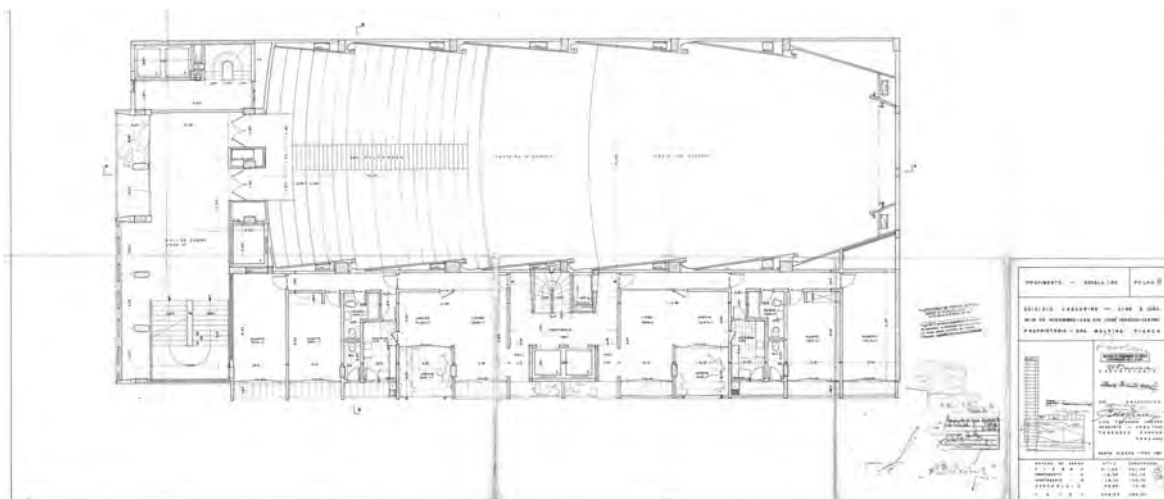


Figura 106: Edifício Jaguaribe. Projeto de novembro de 1951. Planta 7º pavimento.
Fonte: SMOV.

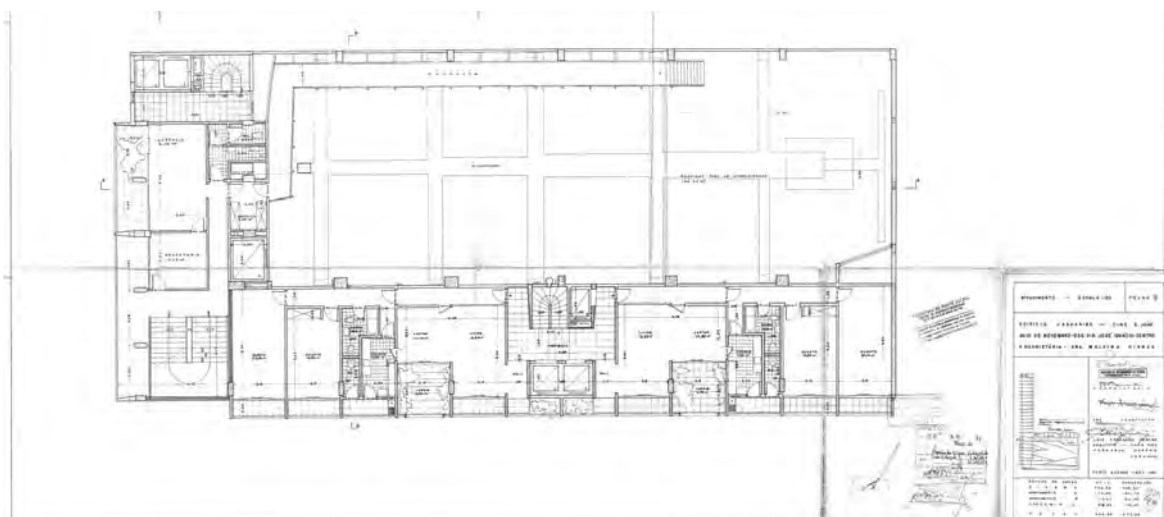


Figura 107: Edifício Jaguaribe. Projeto de novembro de 1951. Planta 8º pavimento.
Fonte: SMOV.

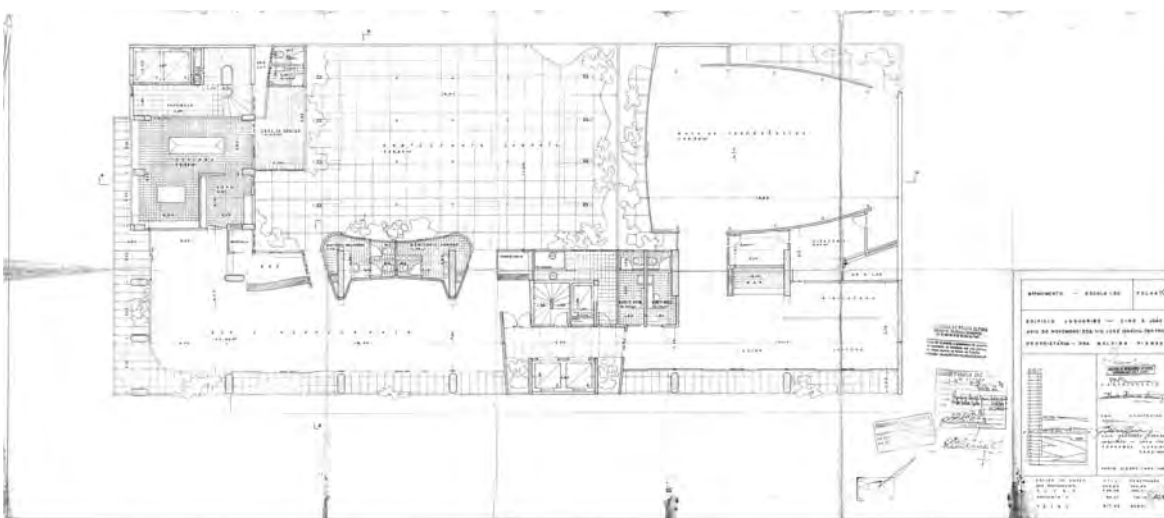


Figura 108: Edifício Jaguaribe. Projeto de novembro de 1951. Planta 9º pavimento.
Fonte: SMOV.

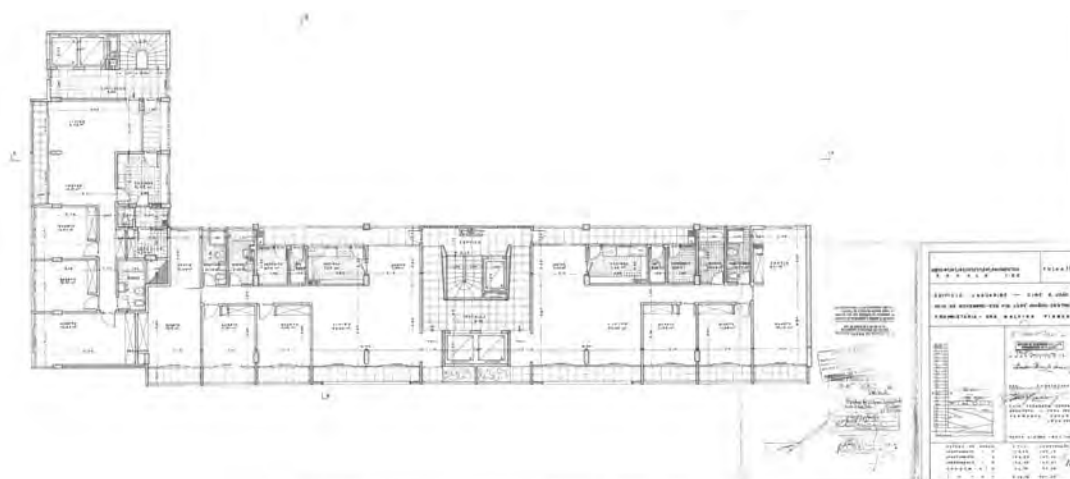


Figura 109: Edifício Jaguaribe. Projeto de novembro de 1951. Planta pavimentos pares (10^o ao 24^o pavimento)

Fonte: SMOV.

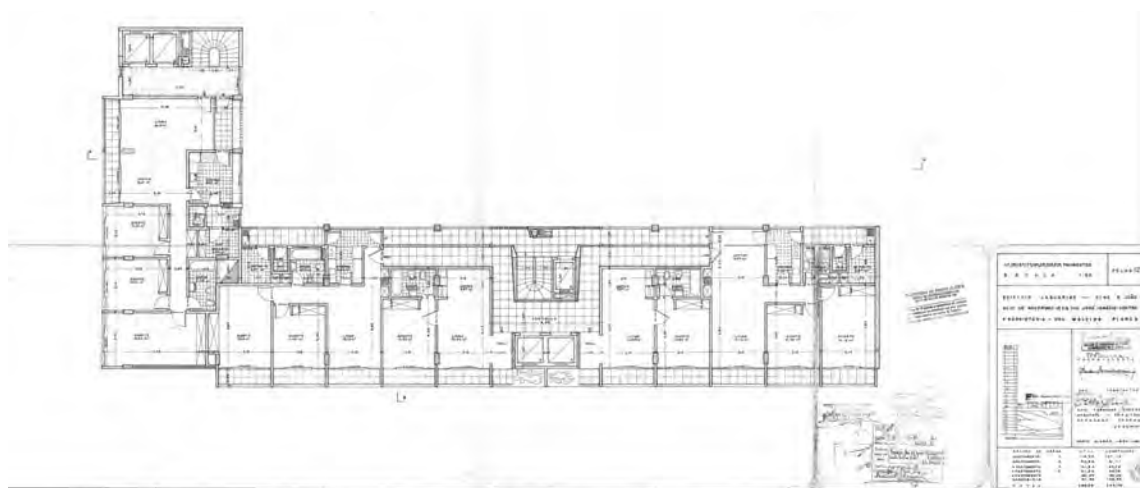


Figura 110: Edifício Jaguaribe. Projeto de novembro de 1951. Planta pavimentos ímpares (11^o ao 25^o pavimento)

Fonte: SMOV.

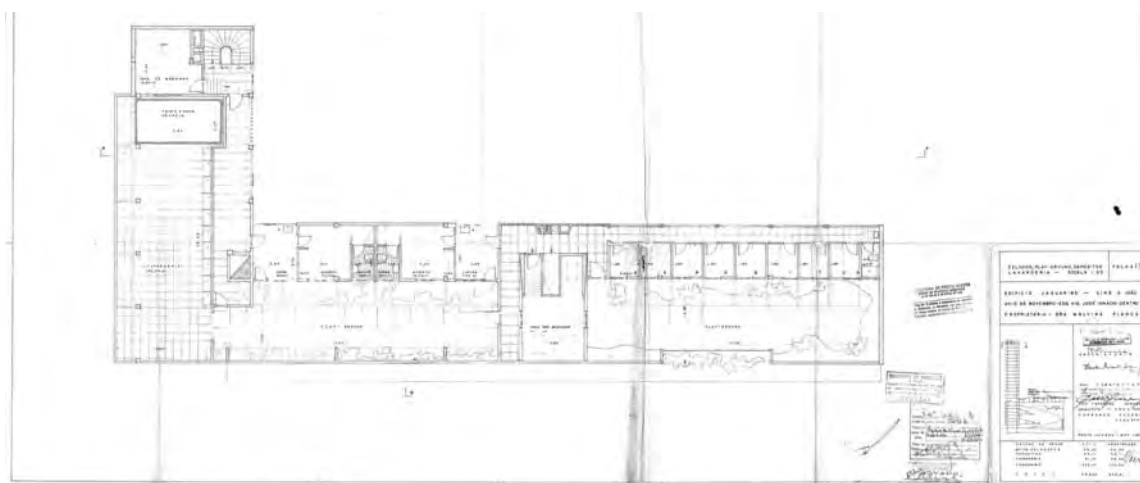


Figura 111: Edifício Jaguaribe. Projeto de novembro de 1951. Planta 26^o pavimento: playground.

Fonte: SMOV.

Na fachada leste, 3º, 5º e 7º pavimentos possuem três intercolúnios fechados por uma parede com orifícios colocada à frente dos pilares (Figura 112). O jardim, nos dois vãos seguintes, e a circulação vertical permanecem com o mesmo tratamento dado aos pavimentos pares. No bloco leste, os *foyers* de acesso às galerias do cinema e os apoios como sanitários e cabine de projeção estão presentes do 2º ao 7º pavimento. No 8º pavimento, está a secretaria e a gerência do cinema. A circulação vertical dos apartamentos do bloco leste não tem acesso a esses pavimentos (Figuras 102-107).

Já o 9º pavimento faz a transição entre os pavimentos inferiores, que misturam funções residenciais e comerciais, e os pavimentos superiores, exclusivamente residenciais. Esta área configura uma espécie de clube, num pavimento de grande área plana com diferentes atividades (bar, restaurante, sala-de-estar, sala de leitura, biblioteca e sala de conferências) e muita permeabilidade, incluindo uma galeria com vista para as ruas, que replica a imagem do térreo colunar (Figura 108).

A partir do 10º pavimento, desenvolve-se o volume em “L”. Os pavimentos pares, do 10º ao 24º pavimento, possuem apartamentos de três dormitórios organizados de forma a ter as áreas sociais e íntimas voltadas para as fachadas principais, enquanto as áreas de serviço voltam-se para as fachadas internas (Figura 109). Nesses andares do bloco norte, os elementos cerâmicos estão presentes em dois módulos da grelha, correspondendo à varanda do estar, unificados pela grande abertura horizontal. Nos pavimentos ímpares, do 11º ao 25º andar, há dois apartamentos de um dormitório e dois de dois dormitórios, no bloco norte, e um de três dormitórios no bloco leste (Figura 110). Da mesma forma, as áreas sociais e íntimas voltam-se para as fachadas principais e as áreas de serviço para as fachadas internas. Na fachada norte, nos andares ímpares os elementos cerâmicos aparecem na varanda do estar de cada apartamento. Ainda, na fachada norte, o 18º pavimento promove um novo intervalo no corpo do edifício. Embora o programa seja o mesmo dos pavimentos pares, o tratamento dado à fachada suprime o uso de elementos cerâmicos e cria uma descontinuidade da grelha, sugerindo o recuo desse pavimento em relação aos demais (Figura 112). Na fachada leste, todos os pavimentos possuem o mesmo tratamento. A varanda está presente apenas nos módulos correspondentes ao estar e jantar, e somente um destes módulos é fechado por elementos cerâmicos.

No 26º pavimento, estão a lavanderia sobre o bloco leste e dois apartamentos de zelador e depósitos sobre o bloco norte, voltados para as fachadas internas (Figura 111). O *playground*, coberto por uma laje e por pergolado, localiza-se ao longo da fachada norte. No coroamento fechado, apenas um grande vão horizontal permite a vista para a cidade.

Embora o projeto estivesse completo e atendesse à exigência da instituição financiadora – o Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários (IAPI) – de haver apartamentos menores, o financiamento para a construção do edifício não foi efetivado, atrasando o empreendimento que só pôde ser iniciado em janeiro de 1956. A Construtora Azevedo Moura & Gertum, responsável pela construção, concluiu a estrutura no final de 1958, mas somente em 1964 os apartamentos foram entregues e apenas em outubro 1968, com a inauguração do Cinema São João, o projeto completou-se (Figuras 116-118).

Ao longo dos anos de construção do Edifício Jaguaribe, diversos foram os estudos de fachada feitos por Luís Fernando Corona. A primeira perspectiva, publicada em agosto de 1951, no Jornal Correio do Povo (Figura 96), indica o uso de diversos elementos do repertório modernista carioca, como os elementos cerâmicos de fechamento da grelha da fachada do Parque Guinle (Figura 114), de Lúcio Costa, usados na fachada norte do Edifício Jaguaribe. O vidro serpenteando as colunas nos dois primeiros pavimentos lembra o Banco Boavista (Figura 115), de Niemeyer (1946), e os orifícios circulares presentes na fachada leste são encontrados em outro projeto de Niemeyer, para a Unidade Habitacional tipo C-2 do Centro Tecnológico da Aeronáutica (1947). Já o corte longitudinal revela a cobertura em quatro arcos do restaurante no 9º pavimento (Figura 113), sobre o cinema, que pode ser vista na cobertura do projeto de 1942, para o Hospital de Clínicas da UFRGS, de Jorge M. Moreira (Figura 04).

Em agosto de 1954, uma nova fachada é estudada, apresentando uma significativa perda de expressão formal e plástica se comparado com os primeiros estudos, de 1951 e 1952 (Figuras 119 e 120). Na base, os intercolúnios são marcados pelos pilares com dupla altura, posicionados à frente da laje do 2º pavimento, e a marquise em arco marca os acessos aos blocos residenciais norte e leste. O corpo do edifício não apresenta nenhuma divisão e diferenciação dos pavimentos. Na fachada norte, o volume das varandas avança sobre o passeio. A grelha simétrica é fortemente marcada pelas linhas horizontais dos peitoris. Em

segundo plano estão as linhas verticais de divisão das varandas e, mais atrás, o plano vertical dos elevadores e as esquadrias. Na fachada leste, o corpo do edifício avança sobre o passeio, com exceção do intercolúnio da circulação vertical que se mantém no alinhamento. Mais uma vez as linhas horizontais dos peitoris predominam sobre as linhas verticais de divisão das varandas. Na fachada norte, o terraço-jardim apresenta duas aberturas, enquanto, na fachada leste, é possível verem-se os pilares que sustentam a laje de cobertura. Ainda que as duas fachadas, norte e leste, tenham perdido expressividade, a fachada leste do estudo de 1954 apresenta maior unidade em relação às anteriores.

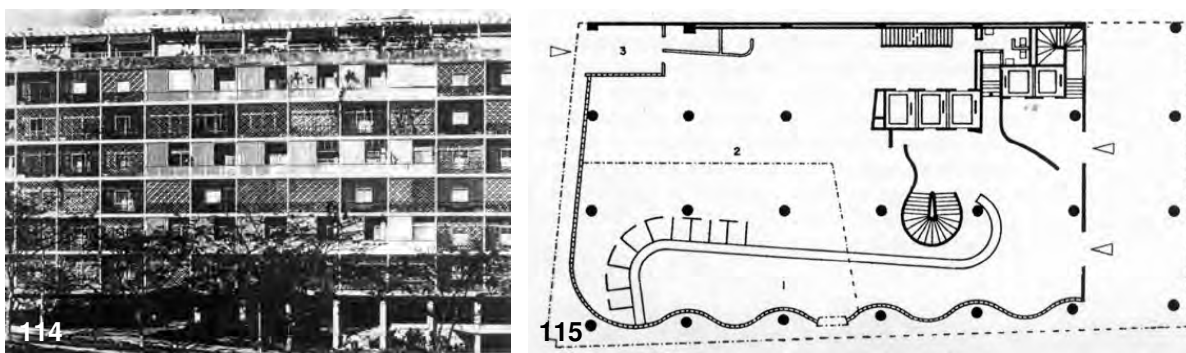


Figura 114: Parque Guinle. Fachada do Edifício Bristol. Lúcio Costa (1948).

Fonte: MINDLIN, Henrique Ephim. *Arquitetura moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999, p.112.

Figura 115: Banco Boa Vista. Planta do pavimento térreo. Oscar Niemeyer (1946).

Fonte: MINDLIN, Henrique Ephim. *Arquitetura moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999, p.227.



Figura 116: Obras do Edifício Jaguaribe. Foto tirada em 08 de julho de 1958.

Fonte: Acervo Sra. Malvina Pianca.

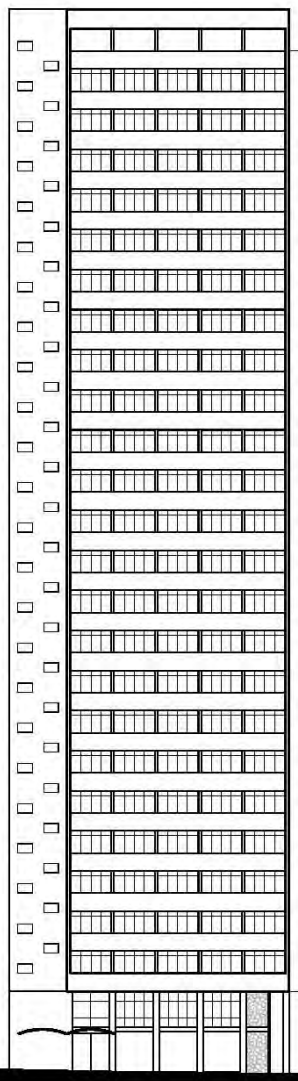
Figura 117: Obras do Edifício Jaguaribe. Foto tirada em 1º de outubro de 1958.

Fonte: Acervo Sra. Malvina Pianca.

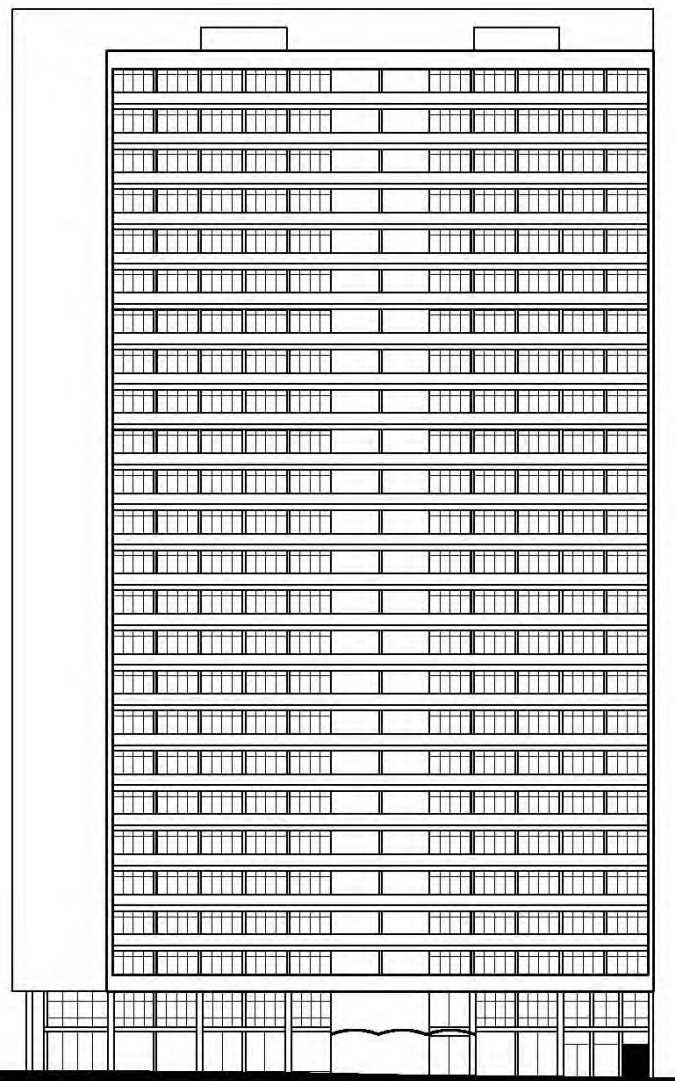
Figura 118: Obras do Edifício Jaguaribe. Ao fundo o Mata-borrão.

Fonte: Acervo Sra. Malvina Pianca.

119



120

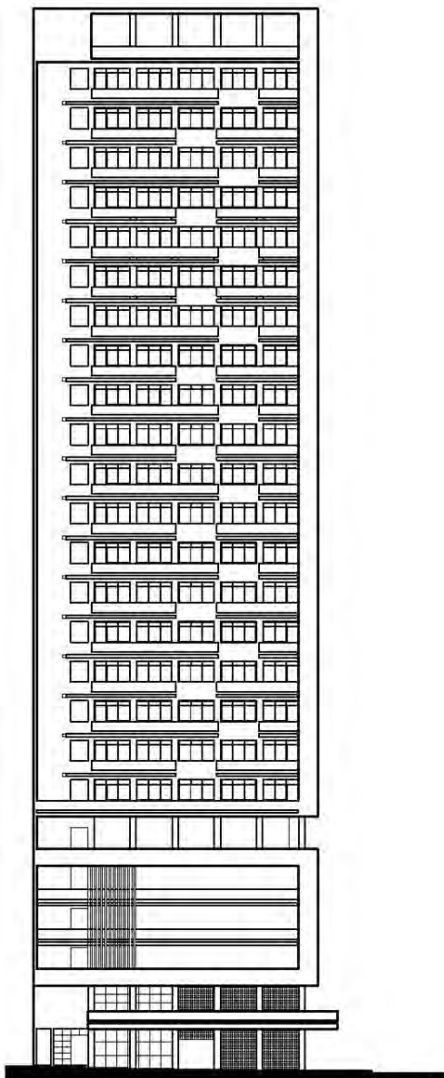


0 1 5 10m

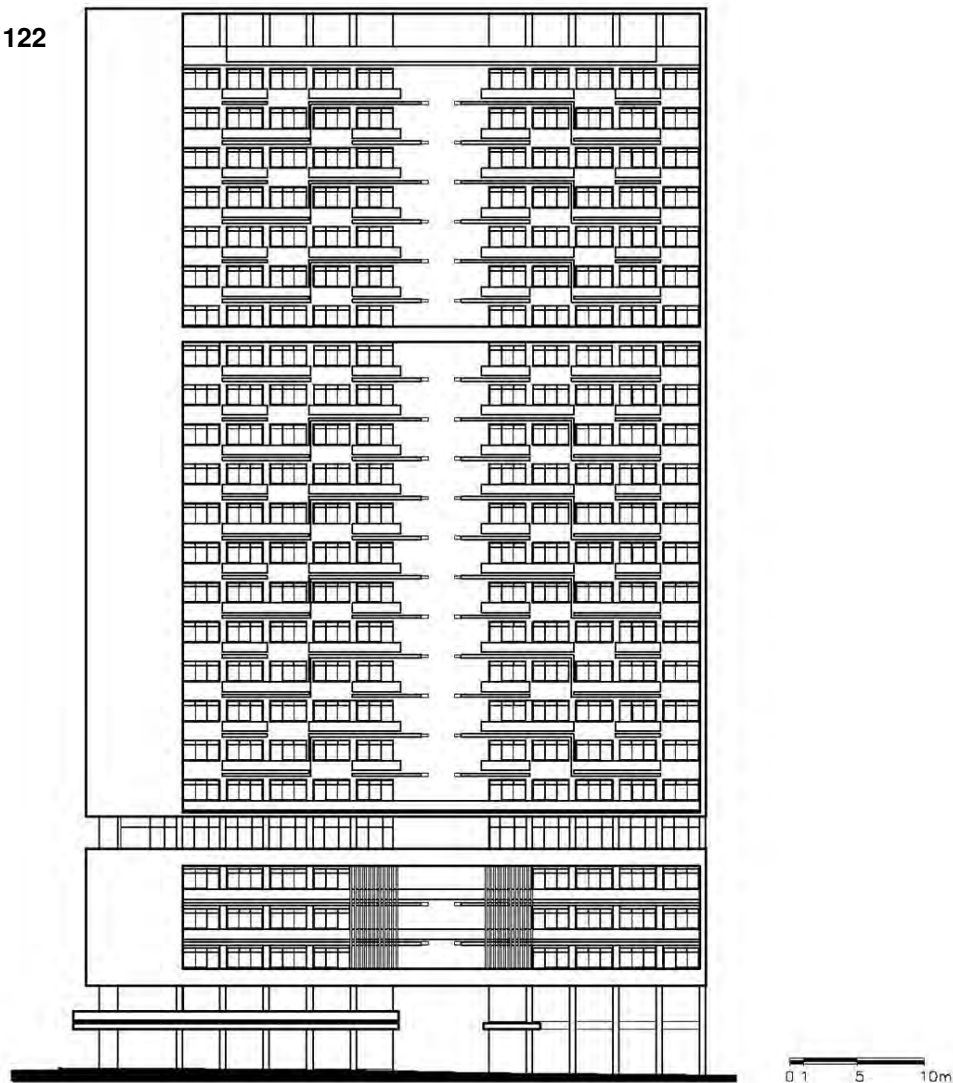
Figuras 119 e 120: Edifício Jaguaribe. Fachada leste, Rua Vigário José Inácio (119) e Fachada norte, Av. Sen. Salgado Filho (120).

Fonte: Desenhos da Autora com base nos desenhos com data de agosto de 1954, encontrados no Laboratório de História e Teoria da Arquitetura – UniRitter.

121



122



Figuras 121 e 122: Edifício Jaguaribe. Fachada leste, Rua Vigário José Inácio (121) e Fachada norte, Av. Sen. Salgado Filho (122).

Fonte: Desenhos da Autora com base nos desenhos com data de julho de 1957, pertencentes ao Acervo Azevedo Moura & Gertum. Laboratório de História e Teoria da Arquitetura – UniRitter.

Em 1956, ano em que foi iniciada a construção do Edifício Jaguaribe, as fachadas continuavam em estudo. O desenho das duas elevações de 1957 (Figuras 121 e 122) já apresentava uma solução bem próxima do que foi construído, mas faltava, ainda, definir melhor o tratamento dado ao plano sobre o qual estavam as sacadas, os fechamentos e a marquise da base e as sacadas e fechamentos do 3º, 4º e 5º pavimentos. A fachada definitiva foi apresentada em 1960.

O edifício construído mantém o partido, o programa e a composição geral inicial. Dessa forma, continua sendo um “L” formado por dois blocos construídos no alinhamento, com vinte e seis pavimentos, 80m de altura e entradas independentes. A diferença está na redução da altura do volume retangular do cinema do 9º para o 6º pavimento. Térreo e 2º pavimento permanecem com uso exclusivamente comercial, enquanto o 3º e 4º mesclam uso residencial e comercial. O 5º é somente residencial e o 6º corresponde à cobertura do cinema e está reservado para uso comercial, podendo abrigar um restaurante ou um clube. A partir do 7º pavimento, desenvolve-se o bloco em “L” com apartamentos de um, dois, três e quatro dormitórios, com aberturas tanto para as vias como para o interior do lote, melhorando a ventilação e a iluminação desses. O 26º pavimento foi idealizado como terraço-jardim, com área de lazer para os moradores, porém acabou sendo incorporado aos apartamentos do 25º pavimento, que passaram a ser do tipo duplex.

A composição volumétrica do Edifício Jaguaribe sugere duas barras independentes implantadas junto às duas vias. A barra leste ocupa toda a frente para a Rua Vigário José Inácio, inclusive a esquina. A barra norte ocupa toda a frente para a Av. Sen. Salgado Filho e encosta na barra leste. No entanto, a planta do pavimento térreo evidencia a continuidade entre as duas barras através do espaço em “L”, localizado na esquina. A posição periférica dos pilares das duas barras, colocados junto ao alinhamento do terreno e em meio às paredes de divisa com o cinema, resulta em uma nave livre, enfatizando a existência de um único espaço.

Além disso, térreo e 2º pavimento configuram a base com 6,40m de altura. Os pilares revestidos com pastilhas pretas têm seção horizontal retangular com as pontas arredondadas e, na base, medem 0,45m por 1,40m. Esses pilares têm a altura dos dois pavimentos da base, no trecho à direita dos elevadores da fachada norte e no intercolúnio que marca o acesso ao bloco residencial leste. Já o acesso ao bloco residencial norte é marcado pela marquise na altura da laje do 2º

pavimento, com 1,50m em projeção sobre o passeio (Figura 123). Na esquina, a sacada do 2º pavimento, projetada 2,50m sobre o passeio, acompanha todo o espaço contínuo do *foyer* em “L” do cinema, acabando antes do acesso ao bloco leste (Figura 124). O fechamento desses dois pavimentos é feito por um plano envidraçado, recuado em relação à colunata. Ainda no térreo, segundo a Sra. Malvina Pianca, no intercolúnio da esquina, com frente para a Avenida Sen. Salgado Filho, havia um painel com desenhos em pedra portuguesa de autoria de Luís Fernando Corona.⁶⁵

Assim, sobre a base estão os vinte e quatro pavimentos que correspondem ao corpo do edifício. Este corpo está dividido na altura do 6º pavimento, onde ocorre a transição para os vinte andares em “L” que seguem. A composição das fachadas norte e leste tem evidente intenção plástica e obedece a uma regra modular que tem correspondência com a estrutura regular e com o programa de cada pavimento.



Figura 123: Edifício Jaguaribe. Trecho da fachada norte à direita do acesso ao Bloco Norte onde a colunata de dupla altura aparece sem interrupção.

Fonte: Foto da Autora.

Figura 124: Edifício Jaguaribe. Fachada Rua Vigário José Inácio: acesso ao bloco leste e sacada do 2º pavimento contornando o *foyer*.

Fonte: Foto da Autora.

A fachada norte (Av. Sen. Salgado Filho) do Edifício Jaguaribe pode ser dividida em duas partes principais, delimitadas pela colunata térrea e pela galeria do 6º pavimento (Figuras 149 e 150). O primeiro tramo de fachada (3º ao 5º pavimento) apresenta um bloco compacto, com rasgos horizontais, correspondendo às varandas dos apartamentos. O segundo (7º ao 26º pavimento), apresenta um jogo plástico bem mais complexo. Esta fachada pode ser lida como composta por dois planos

⁶⁵ PIANCA, Malvina. Porto Alegre, Brasil, 06 set. 2007. Entrevista concedida à Autora.

sobrepostos (Figura 125). O primeiro plano faz o fechamento de todos os pavimentos com programa residencial e é formado por peitoris de 1,40m de altura revestidos por plaquetas imitando tijolo à vista, intercalados por faixas de esquadrias com 1,55m de altura (Figuras 127-129). Nestas faixas, aparecem os pilares, revestidos com pastilhas pretas. Eles marcam os intercolúnios que estabelecem o módulo sobre o qual são colocados os trechos de tijolos, as esquadrias e as sacadas. O trecho central, que demarca um eixo de simetria, é revestido com pastilhas pretas. Este trecho, que percorre o edifício desde o solo até o penúltimo piso, corresponde à prumada dos elevadores. O segundo plano de fachada é estabelecido pelas projeções das sacadas e pela moldura de pastilha clara que envolve o plano em recesso de janelas e peitoris. A moldura é de tamanho irregular (maior na esquina do que nos outros três lados), desfazendo um pouco a marcação de simetria do plano em recesso. Além disso, no 19º pavimento, a moldura projeta uma linha que cruza toda a extensão da fachada. Dentro do plano em recesso, as sacadas surgem como erupções cujas lajes projetam-se até o plano da moldura. Tendo revestimento similar às laterais, elas sugerem constituir um plano virtual que foi escavado, tendo restado apenas as lajes em balanço.

Luís Fernando Corona aumentou a complexidade plástica da fachada ao diversificar as sacadas em quatro tamanhos distintos (larguras de 1; 1,5; 2 e 2,5módulos). Além disso, cada sacada de dois módulos é ligada a outra de dois módulos e meio, por um tramo mural vertical que une as lajes e conforma uma peça única em forma de "S", geometrizado (Figura 125). Outra diversificação plástica é dada pelos parapeitos das sacadas, feitos em concreto e descolados da laje por uma fenda contínua de 20cm. Nas sacadas, ao centro, os parapeitos tornam-se metálicos ao invadirem o tramo negro.

Sobre todo esse jogo formal, ainda é adicionado um esquema cromático. Os parapeitos de concreto são ainda mais independizados das lajes brancas ao serem pintados de amarelo. Ao fundo, tijoletas vermelhas, pastilhas pretas e vidros tornam evidente que essa fachada tornou-se um exercício de arte abstrata. Todavia, é preciso notar que esse jogo plástico complexo não é arbitrário e gratuito, ele tem por base um sentido de ordem muito preciso, onde a simetria e a modulação têm papéis decisivos. A ordem subjacente, estabelecida no projeto de 1954, explica o resultado exuberante de 1960, que retoma com mais rigor a plasticidade do projeto de 1951. Quanto à fachada leste (Rua Vigário José Inácio), apresenta uma composição

similar em escala mais reduzida, como se tivesse apenas um dos lados da fachada principal (Av. Salgado Filho).

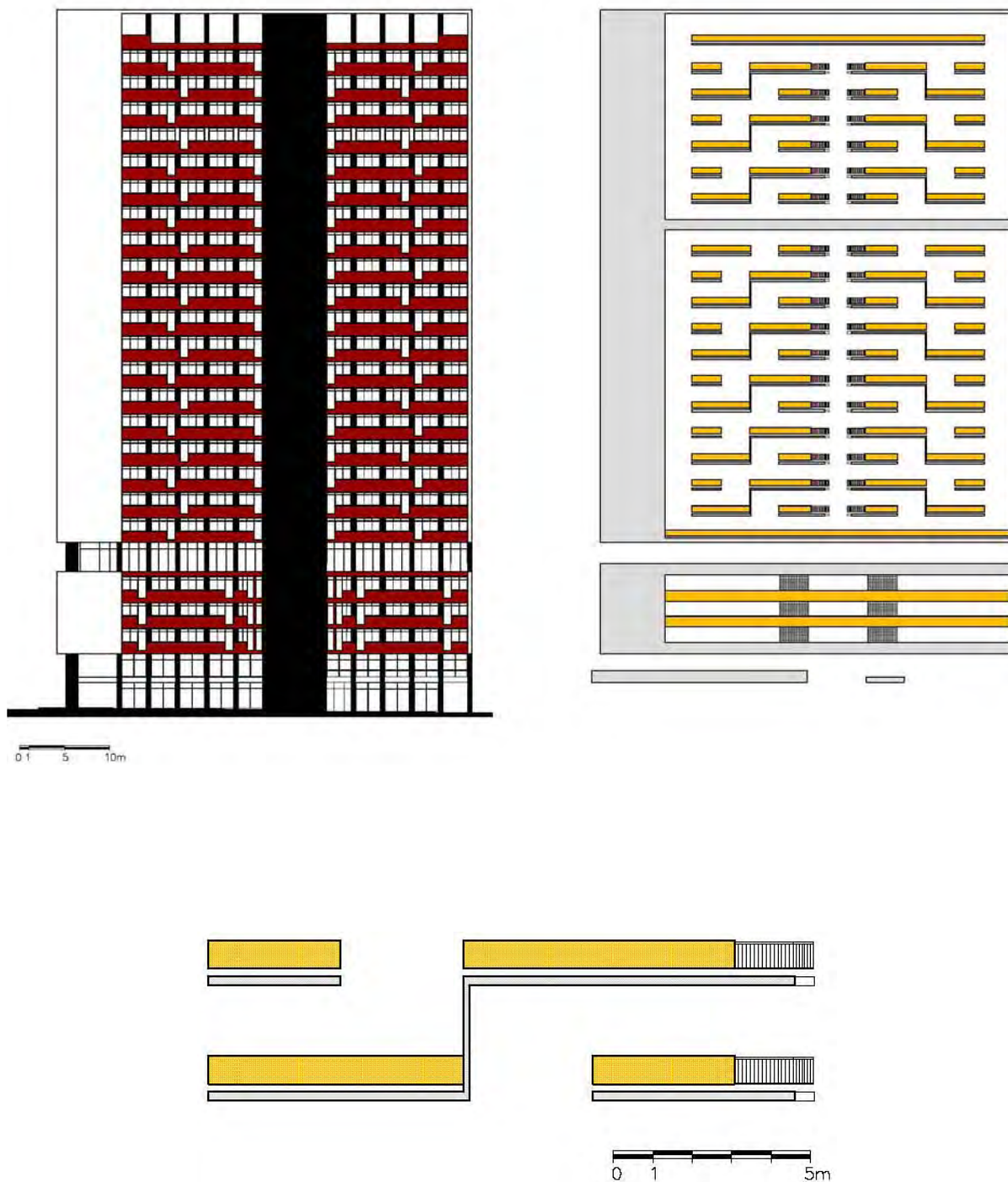


Figura 125: Edifício Jaguaribe. Fachada norte. Esquema dos dois planos que compõem a fachada e o módulo da sacada.

Fonte: Desenhos da Autora.

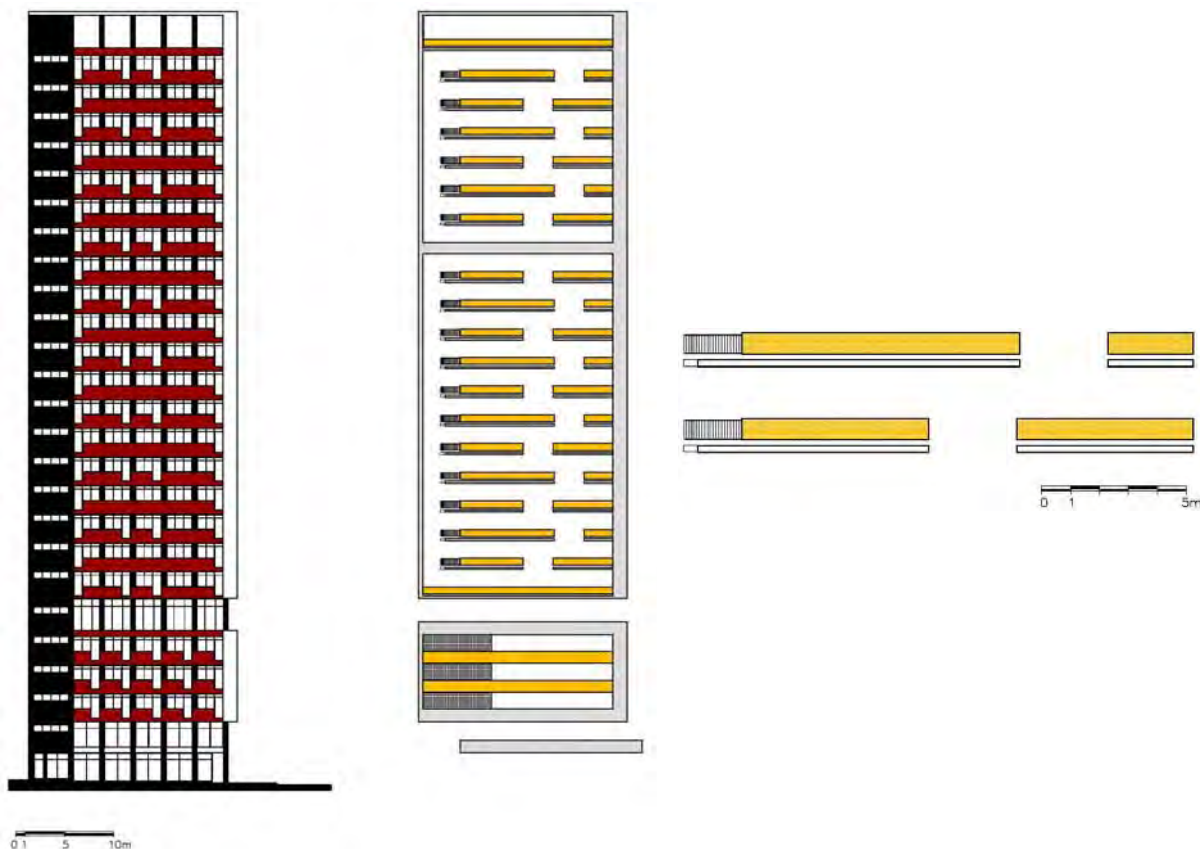


Figura 126: Edifício Jaguaribe. Fachada leste. Esquema dos dois planos que compõem a fachada e o módulo da sacada.

Fonte: Desenhos da Autora.



Figura 127: Edifício Jaguaribe. Fachada Av. Sen. Salgado Filho.

Figura 128: Edifício Jaguaribe. Sacadas da fachada norte.

Fonte: Foto da Autora.

Figura 129: Edifício Jaguaribe. Detalhe das sacadas em corte e em vista lateral.

Fonte: Recorte do corte transversal do projeto de 1960. SMOV. Cores introduzidas pela Autora.

Na fachada norte, a modulação vertical, estabelecida pelos pilares, tem 3,25m, com cinco intercolúnios para cada um dos lados do plano negro dos elevadores, cuja largura é de 7,15m (Figura 134). A chegada do bloco leste até a esquina soluciona o encontro entre os intercolúnios no térreo e arremata a fachada norte com um plano branco, cego, com 7,20m de largura. Na fachada leste, os intercolúnios têm 3,15m, com exceção do primeiro, junto à divisa sul, com 4,33m. Este intercolúquio corresponde à circulação vertical do bloco leste. As fachadas voltadas para o interior do lote não recebem nenhum tipo de tratamento (Figura 130).

Os três pavimentos logo acima da base (3º, 4º e 5º andares) são ocupados, no bloco norte, por apartamentos de dois e três dormitórios, do lado direito e esquerdo dos elevadores, respectivamente (Figuras 138 e 139). No bloco leste, no 3º e 4º pavimentos, o cinema ocupa os três primeiros intercolúnios a partir da circulação vertical e, no 5º pavimento, estes três intercolúnios recebem um apartamento de um dormitório. Os dois intercolúnios restantes, nos três pavimentos, são ocupados pelos dois dormitórios do apartamento norte. A planta desses pavimentos revela a expansão do bloco norte alcançando a esquina.

Ademais, os três primeiros andares acompanham o volume do cinema e, por isso, a ventilação e iluminação acontece apenas pelas fachadas externas. Neste trecho, em ambas as fachadas, os pavimentos são envolvidos pela moldura branca que está 1m em balanço sobre o passeio. No 4º e 5º pavimentos, o peitoril amarelo e contínuo das sacadas passa na frente do plano dos elevadores e está defasado 10cm em relação à moldura branca que os envolve (Figuras 128 e 129). Há ainda, nesses pavimentos, módulos fechados por painéis de elementos cerâmicos vazados que escondem a cozinha e a área de serviço dos apartamentos. Na fachada norte, o módulo imediatamente ao lado dos elevadores, nos dois apartamentos, é fechado por esses elementos cerâmicos que estão 10cm recuados em relação ao peitoril da sacada. Na fachada leste, os referidos elementos, aparecem no intercolúquio da circulação vertical e no seguinte.

Como já mencionado, o 6º pavimento (Figura 140) faz um intervalo entre as duas partes do corpo do edifício e retoma o tema da colunata à frente do plano envidraçado de fechamento, tal como acontece nos dois primeiros pavimentos. Tal tratamento evidencia o uso distinto deste pavimento, que tem 3,60m de pé direito e promove a transição da parte inferior, que ocupa o terreno em sua totalidade e

mescla atividades comercial e residencial, para o volume superior totalmente residencial. A proposta de uma atividade comercial, localizada em um pavimento no 'meio' do edifício, faz referência à Unidade de Habitação (1947-1952) de Le Corbusier em Marselha, onde uma rua comercial é proposta.



Figura 130: Fachadas sul e oeste do Edifício Jaguaribe.

Fonte: Foto Cícero Alvarez

Figura 131: Edifício Jaguaribe. Fachada Av. Sen. Salgado Filho.

Fonte: Foto da Autora.

Figura 132: Edifício Jaguaribe. Fachada Rua Vigário José Inácio.

Fonte: Foto da Autora.

Figura 133: Edifício Jaguaribe.

Fonte: Acervo pessoal, Sra. Malvina Pianca.

Com relação aos apartamentos do bloco norte, as plantas são de três tipos: 7º, 9º, 11º, 13º e 24º pavimentos possuem dois apartamentos de três dormitórios. No 9º, 11º e 13º pavimentos (Figura 143), as sacadas ocupam os 2,5 módulos que correspondem ao estar e jantar e um módulo que corresponde ao dormitório do meio. No 24º pavimento (Figura 144), a sacada de 1,5 módulos está associada ao estar, e a sacada com dois módulos a dois dormitórios. No 7º pavimento, a sacada é contínua (Figura 141). O segundo tipo de planta está presente no 8º, 10º, 12º e 14º pavimentos (Figura 142), com dois apartamentos de um dormitório e dois apartamentos de dois dormitórios. No de um dormitório, a sacada de 1,5 módulos corresponde ao estar e, no de dois dormitórios, os dois módulos de sacada correspondem ao estar e um dormitório. O terceiro tipo de planta tem um apartamento de dois dormitórios à esquerda dos elevadores e um de três dormitórios à direita dos elevadores. Esta planta está presente no 15º, 17º, 21º, 23º e 25º pavimentos (Figura 145), onde as sacadas estão associadas ao estar e jantar e ao dormitório do meio. A mesma planta é proposta para o 16º, 18º, 19º, 20º e 22º

pavimentos (Figura 144), sendo que a diferença está na posição das sacadas, que agora estão associadas ao estar e a dois dormitórios. A sacada do 19º andar é contínua (Figura 146).

No bloco da Rua Vigário José Inácio há um apartamento por andar que pode ser de três ou de quatro dormitórios. Os de três dormitórios estão do 7º ao 14º pavimento (Figuras 141-143) e os de quatro dormitórios estão do 15º ao 25º pavimento (Figura 144-146). Nos andares pares as sacadas ocupam 2,5 módulos que correspondem ao estar e ao jantar e os dois últimos módulos onde estão os dormitórios. Nos pavimentos ímpares, com exceção do 7º e do 19º andares (Figura 141 e 146) onde a sacada é contínua, a sacada se prolonga por 3,5 módulos compreendendo estar, jantar e dormitório ou gabinete, reaparecendo no terceiro dormitório. As plantas dos pavimentos com apartamentos de quatro dormitórios (Figuras 144-146) mostram que o quarto dormitório está voltado para a fachada norte. Esta solução revela mais uma ocasião em que ocorre uma sobreposição entre as atividades dos dois blocos.

Por fim, no 26º pavimento (Figura 147), a colunata, tema da base e do andar intermediário, reaparece sustentando a laje que cobre o terraço-jardim, finalizando a moldura do conjunto. Outro elemento do coroamento é a sacada contínua com peitoril amarelo sobre a linha branca da laje, que passa à frente do plano negro da circulação vertical e não toca a moldura branca que envolve os pavimentos.

A estrutura disciplinada e rítmica, com grandes vãos e planta livre, possibilita o arranjo dos espaços e a variedade programática do edifício. As plantas dos pavimentos-tipo, mesmo havendo vários moldes de apartamentos, apresentam uma disposição ordenada dos setores, com as áreas sociais e íntimas dispostas em uma faixa periférica com frente para as vias e as áreas de serviços organizadas em outra faixa, também periférica, voltada para o interior do lote, além dos dois núcleos de circulação vertical transversais às faixas.

O rigoroso controle sobre a estrutura e o programa são temas presentes nos projetos de Luís Fernando Corona, assim como a plasticidade e o jogo tridimensional e cromático da fachada, através do uso de planos sobrepostos e de diferentes materiais e cores. O projeto do Edifício Jaguaribe ilustra desde o início tais características, inicialmente com traços mais evidentes da influência da arquitetura carioca que, com o tempo, se diluem numa linguagem mais pessoal do autor.

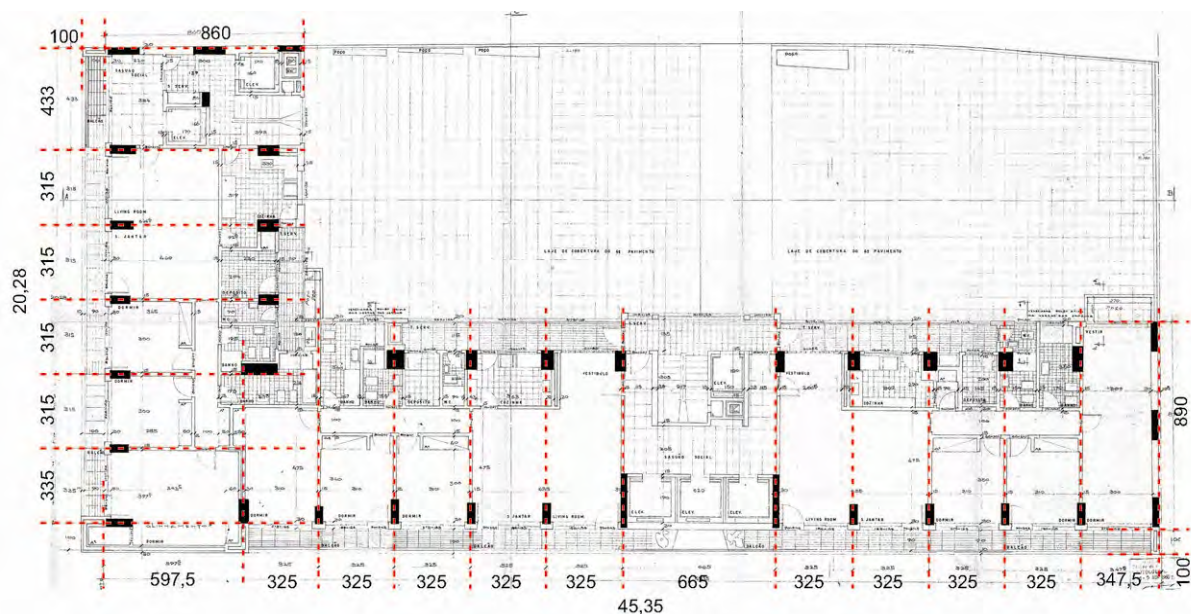


Figura 134: Edifício Jaguaribe. Planta do 7º pavimento com a marcação dos pilares e a medida dos intercolúnios.

Fonte: SMOV. Projeto de 1960. Desenho manipulado pela Autora: marcação das linhas de estrutura em vermelho e dos pilares em preto.

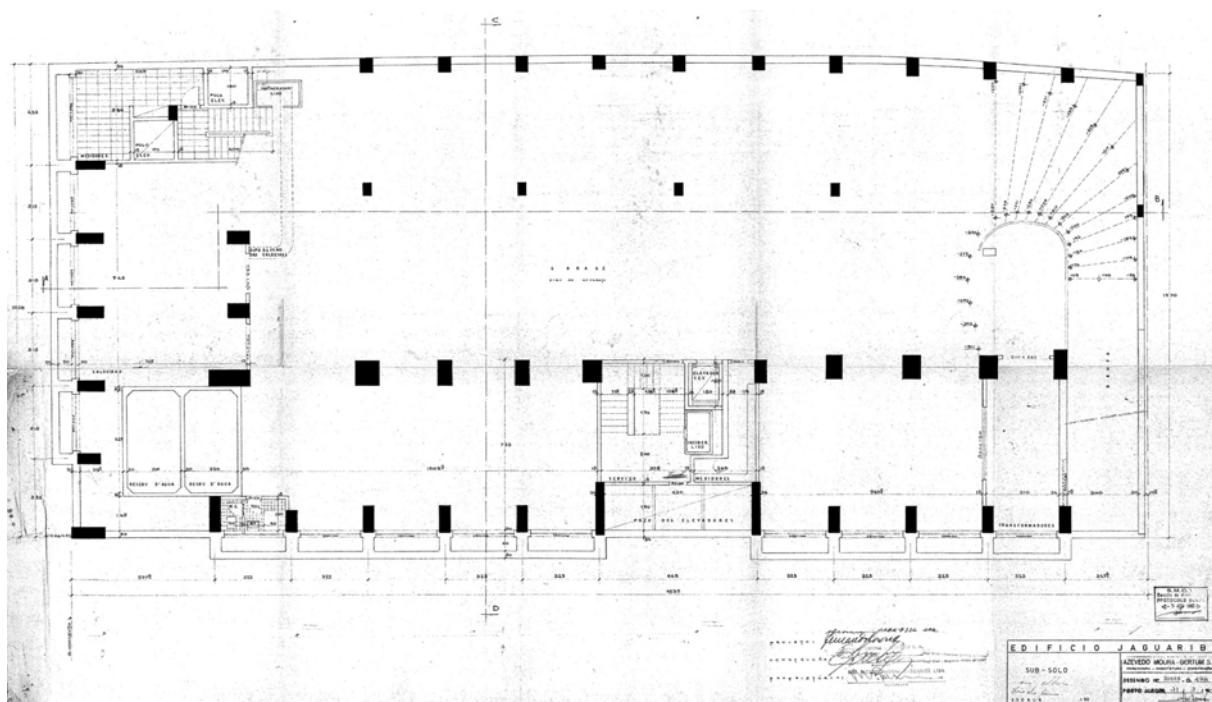


Figura 135: Edifício Jaguaribe. Projeto de março de 1960. Planta do subsolo.

Fonte: Arquivo da SMOV. Cor dos pilares introduzida pela Autora.

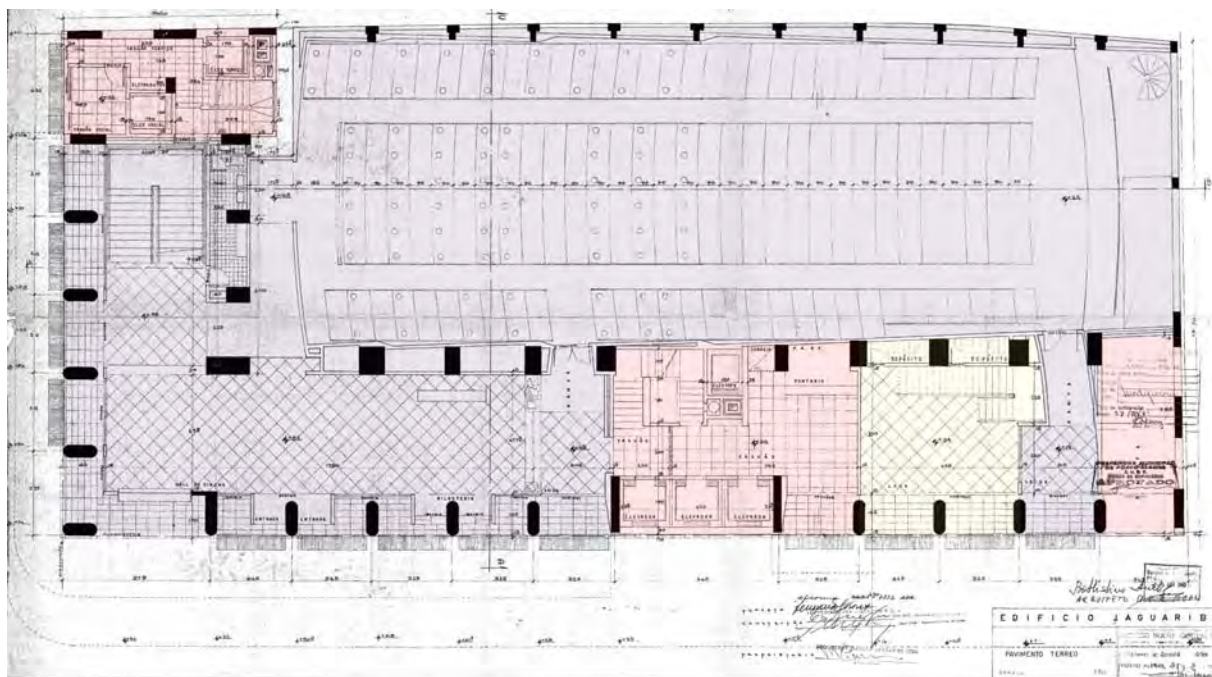


Figura 136: Edifício Jaguaribe. Projeto de março de 1960. Planta do pavimento térreo. Em vermelho, os acessos à garagem no subsolo, ao bloco residencial norte e ao bloco residencial leste. Em amarelo, a Confeitaria e, em lilás, os acessos, o foyer e a sala de cinema.

Fonte: Arquivo da SMOV. Cores introduzidas pela Autora.

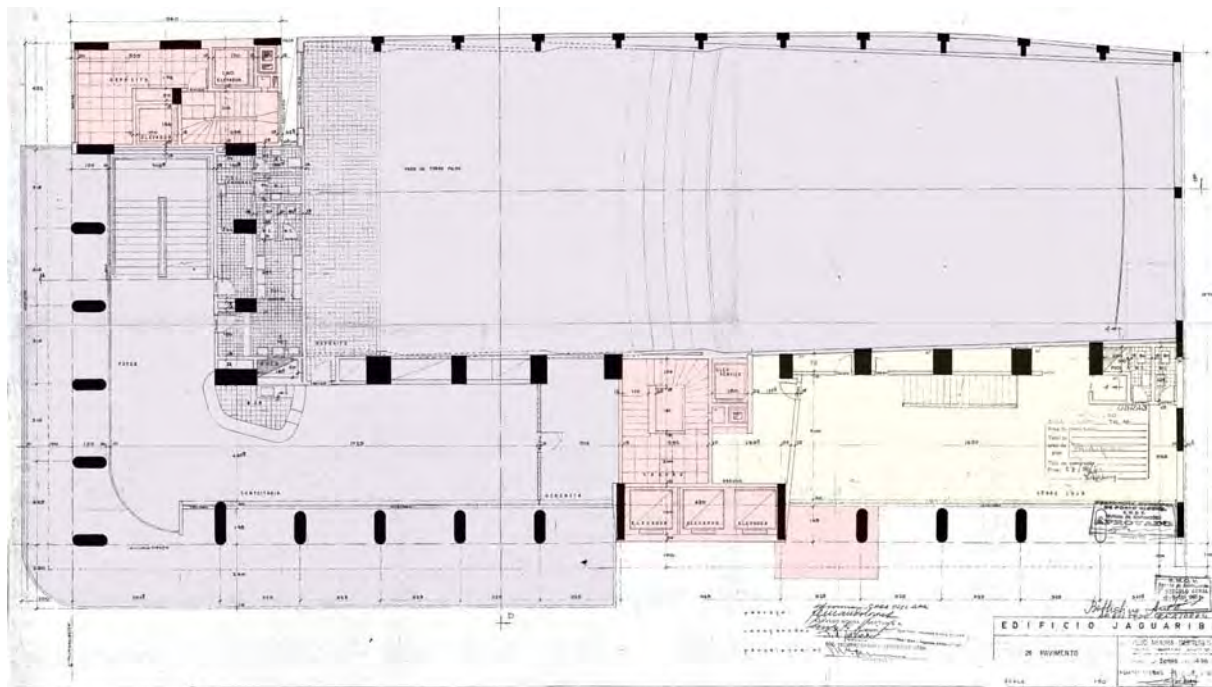


Figura 137: Edifício Jaguaribe. Projeto de março de 1960. Planta do 2º pavimento. Em vermelho, as circulações verticais dos blocos residenciais norte e leste; em amarelo, a Confeitaria e, em lilás, o foyer e a sala de cinema.

Fonte: Arquivo da SMOV. Cores introduzidas pela Autora.

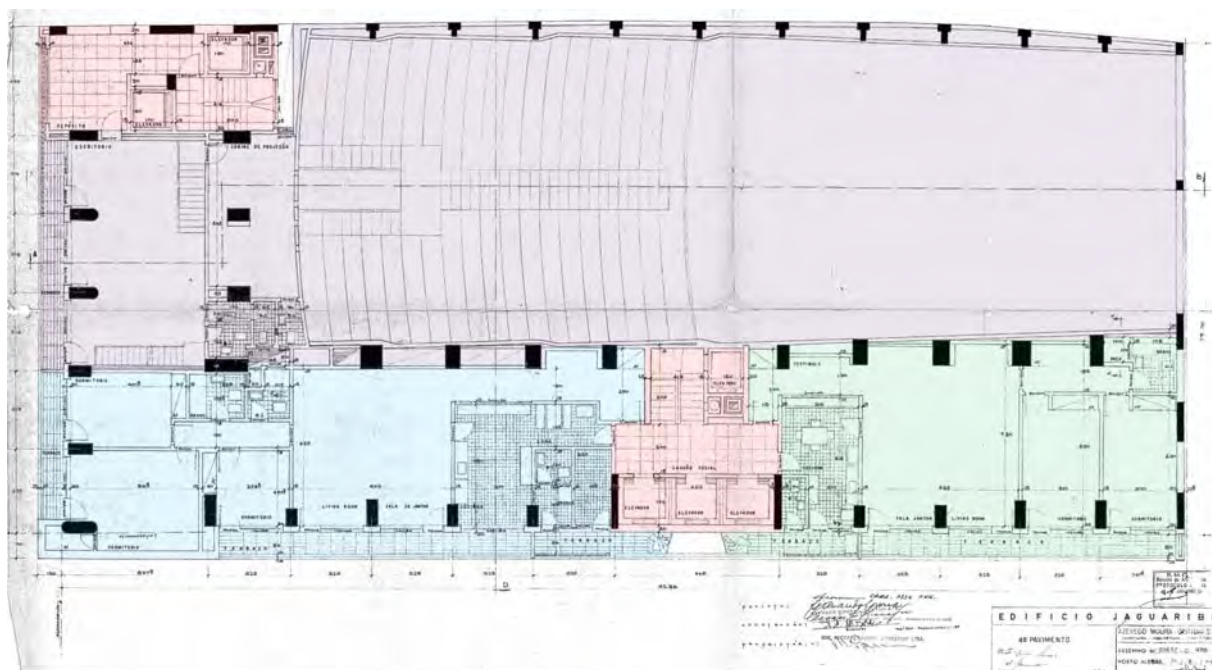


Figura 138: Edifício Jaguaribe. Projeto de março de 1960. Planta do 3º e 4º pavimentos. Em vermelho, as circulações verticais dos blocos residenciais norte e leste. Em lilás, a sala de cinema, o *hall* de serviço e a sala de projeção. Em azul, o apartamento com três dormitórios e, em verde, o apartamento com dois dormitórios.

Fonte: Arquivo da SMOV. Cores introduzidas pela Autora.

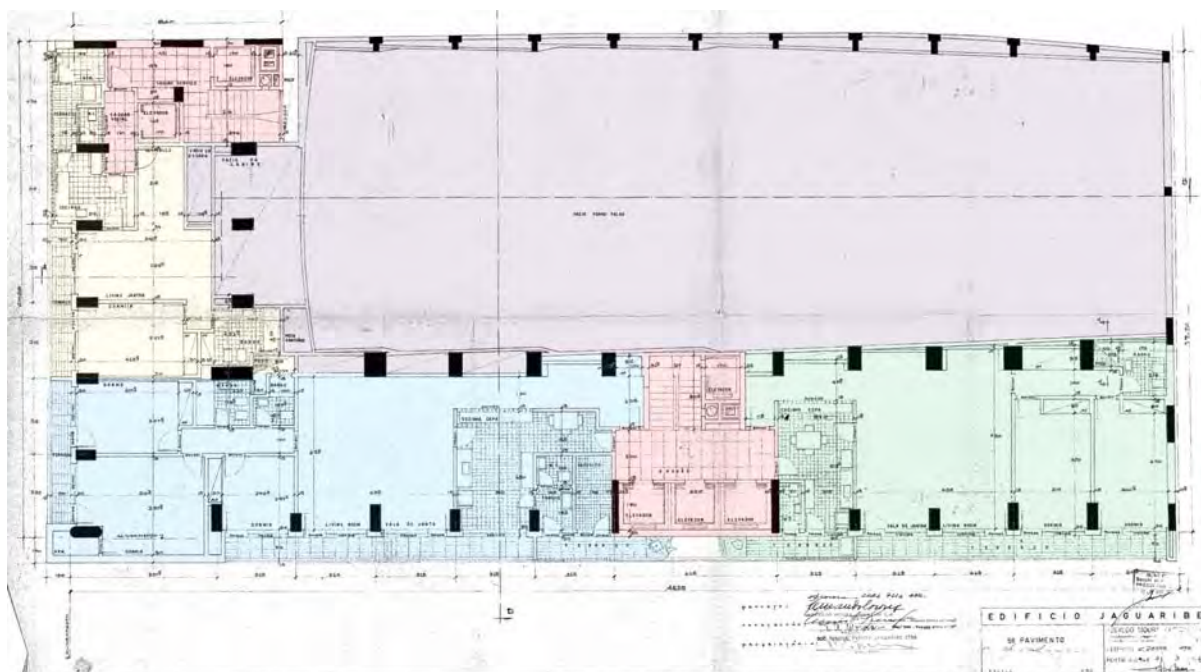


Figura 139: Edifício Jaguaribe. Projeto de março de 1960. Planta do 5º pavimento. Em vermelho, as circulações verticais dos blocos residenciais norte e leste. Em lilás, a sala de cinema, e o vazio sobre a sala de projeção. Em azul, o apartamento com três dormitórios, em verde, o apartamento com dois dormitórios e, em amarelo, o apartamento com um dormitório.

Fonte: Arquivo da SMOV. Cores introduzidas pela Autora.

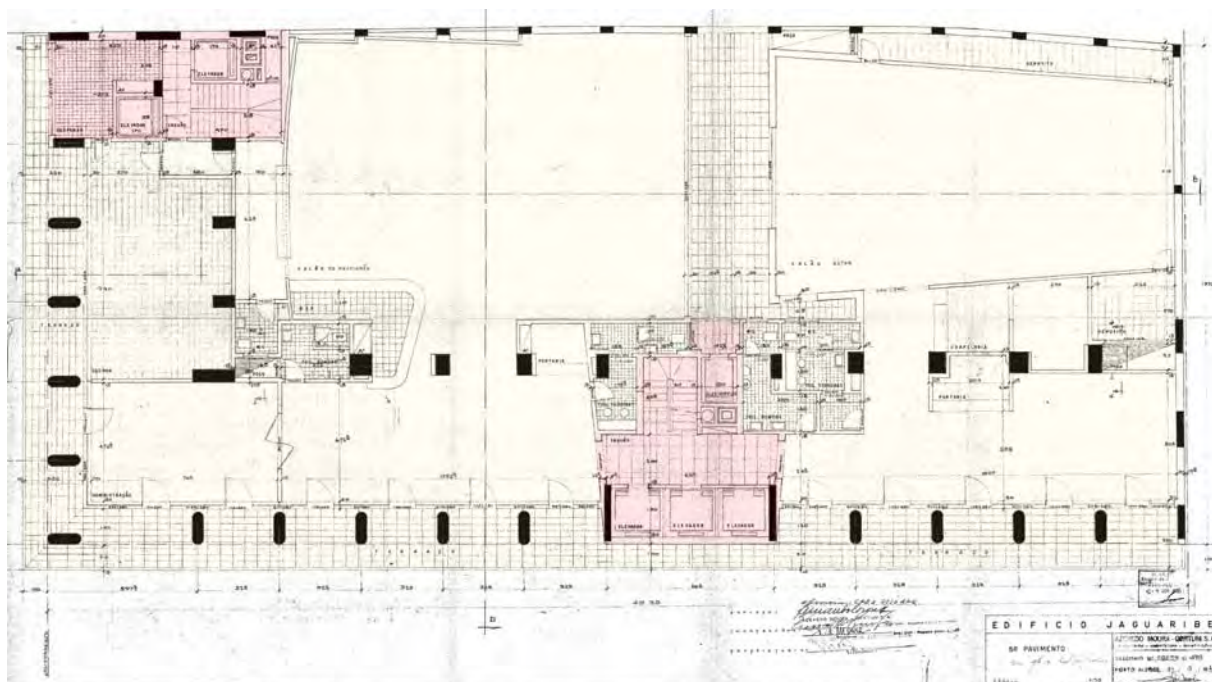


Figura 140: Edifício Jaguaribe. Projeto de março de 1960. Planta do 6º pavimento. Em vermelho, as circulações verticais dos blocos residenciais norte e leste. Em amarelo, o restaurante, sala de conferências, sala-de-estar, bar e sacada.

Fonte: Arquivo da SMOV. Cores introduzidas pela Autora.

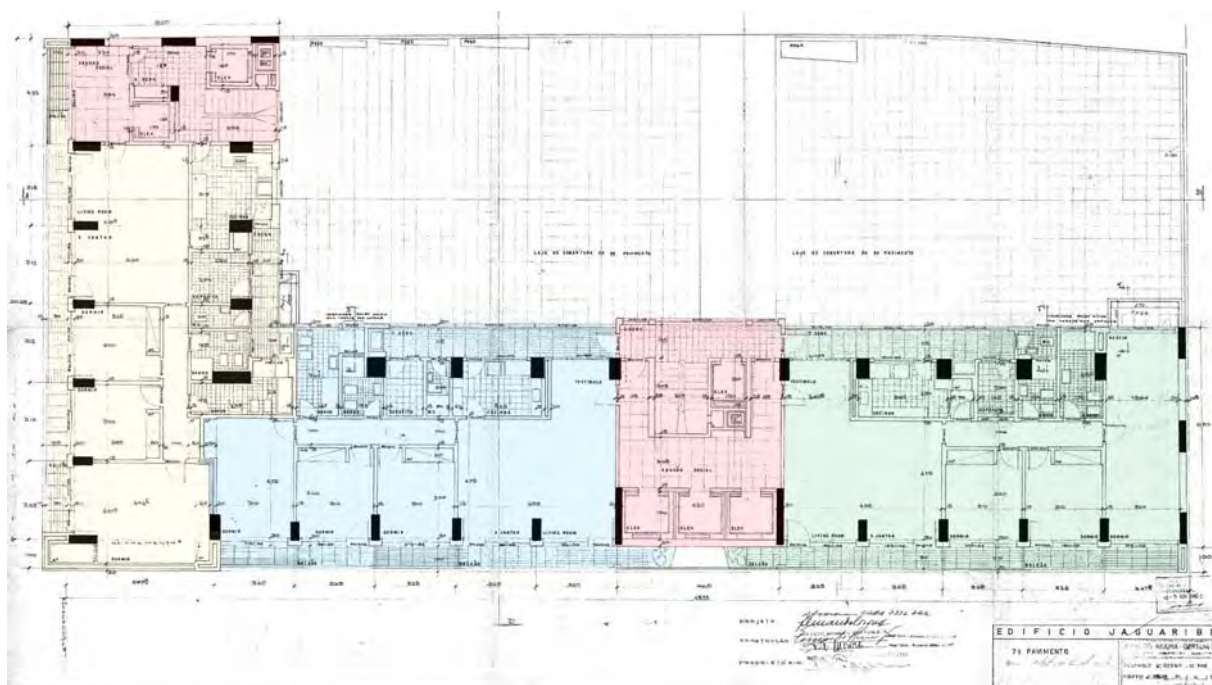


Figura 141: Edifício Jaguaribe. Projeto de março de 1960. Planta do 7º pavimento. Em vermelho, as circulações verticais dos blocos residenciais norte e leste. Em azul, verde e amarelo, os apartamentos com três dormitórios.

Fonte: Arquivo da SMOV. Cores introduzidas pela Autora.

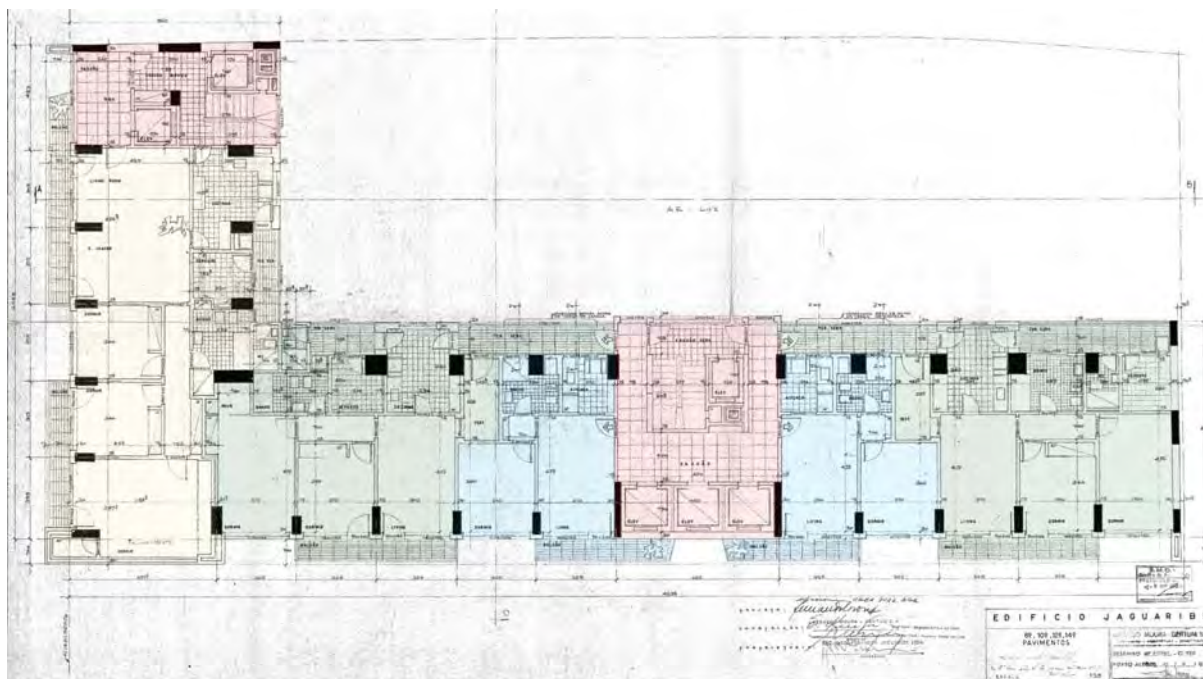


Figura 142: Edifício Jaguaribe. Projeto de março de 1960. Planta do 8º, 10º, 12º e 14º pavimentos. Em vermelho, as circulações verticais dos blocos residenciais norte e leste. Em azul, os apartamentos com um dormitório, em verde, os apartamentos com dois dormitórios e, em amarelo, o apartamento com três dormitórios.

Fonte: Arquivo da SMOV. Cores introduzidas pela Autora.

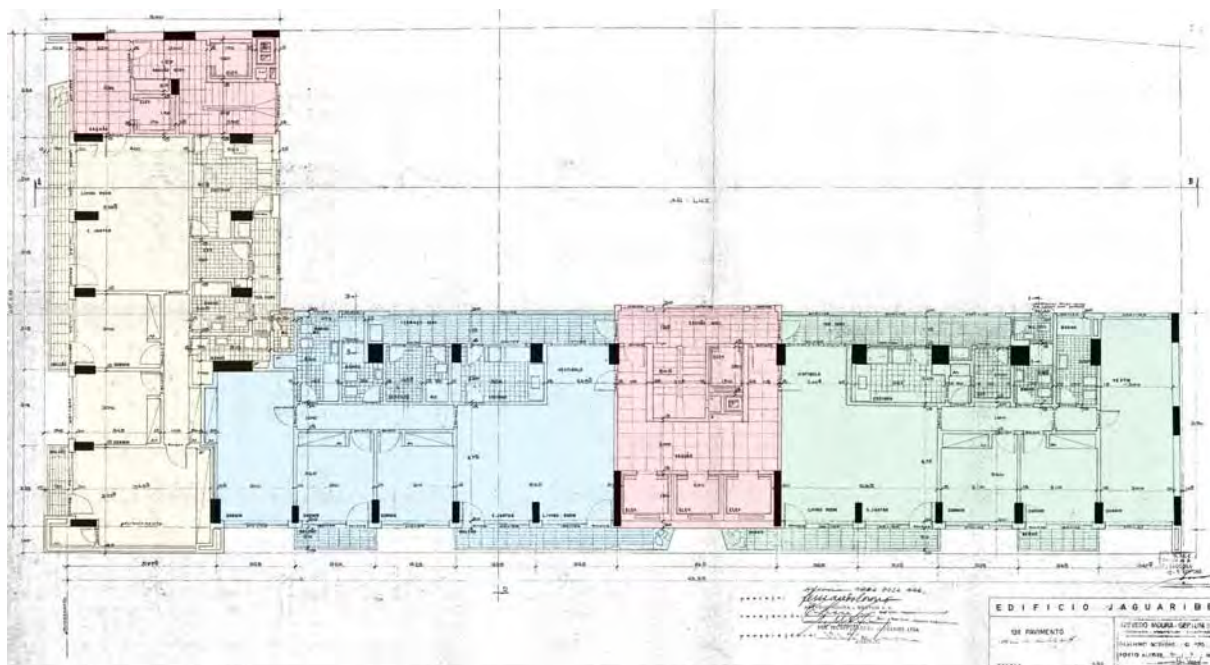


Figura 143: Edifício Jaguaribe. Projeto de março de 1960. Planta do 9º, 11º e 13º pavimentos. Em vermelho, as circulações verticais dos blocos residenciais norte e leste. Em azul, verde e amarelo, os apartamentos com três dormitórios.

Fonte: Arquivo da SMOV. Cores introduzidas pela Autora.

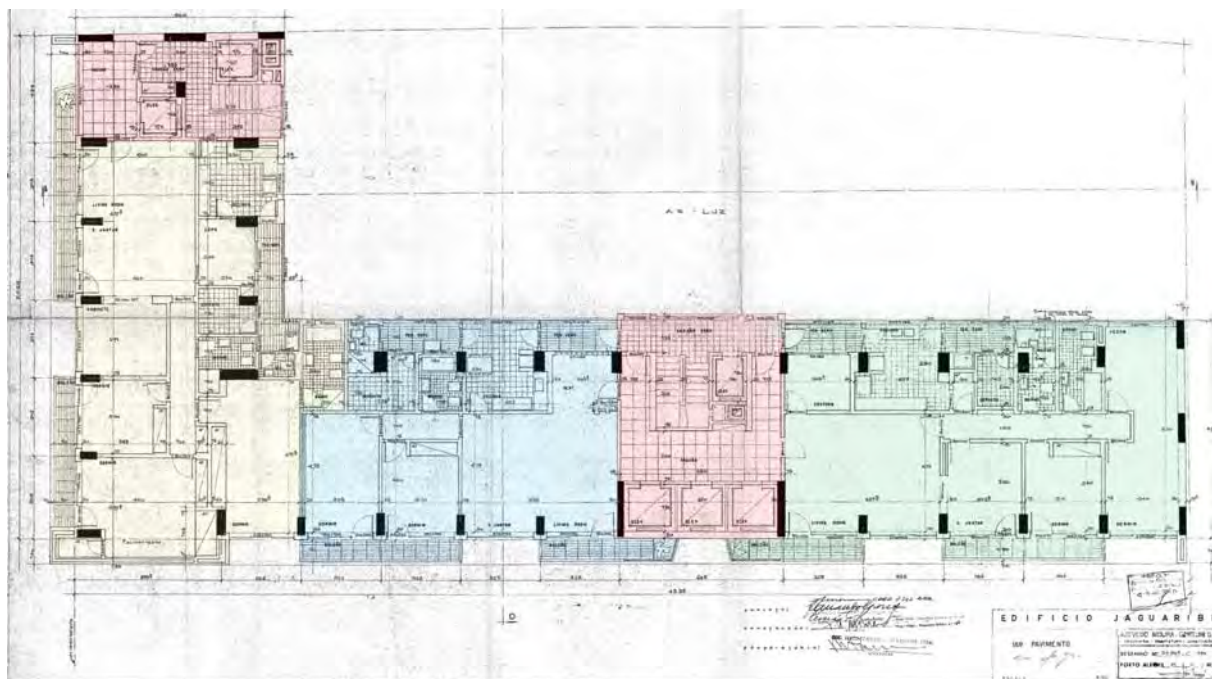


Figura 144: Edifício Jaguaribe. Projeto de março de 1960. Planta do 16º, 18º, 20º, 22º e 24º pavimentos. Em vermelho, as circulações verticais dos blocos residenciais norte e leste. Em azul, o apartamento com dois dormitórios, em verde, o apartamento com três dormitórios e, em amarelo, o apartamento com quatro dormitórios.

Fonte: Arquivo da SMOV. Cores introduzidas pela Autora.

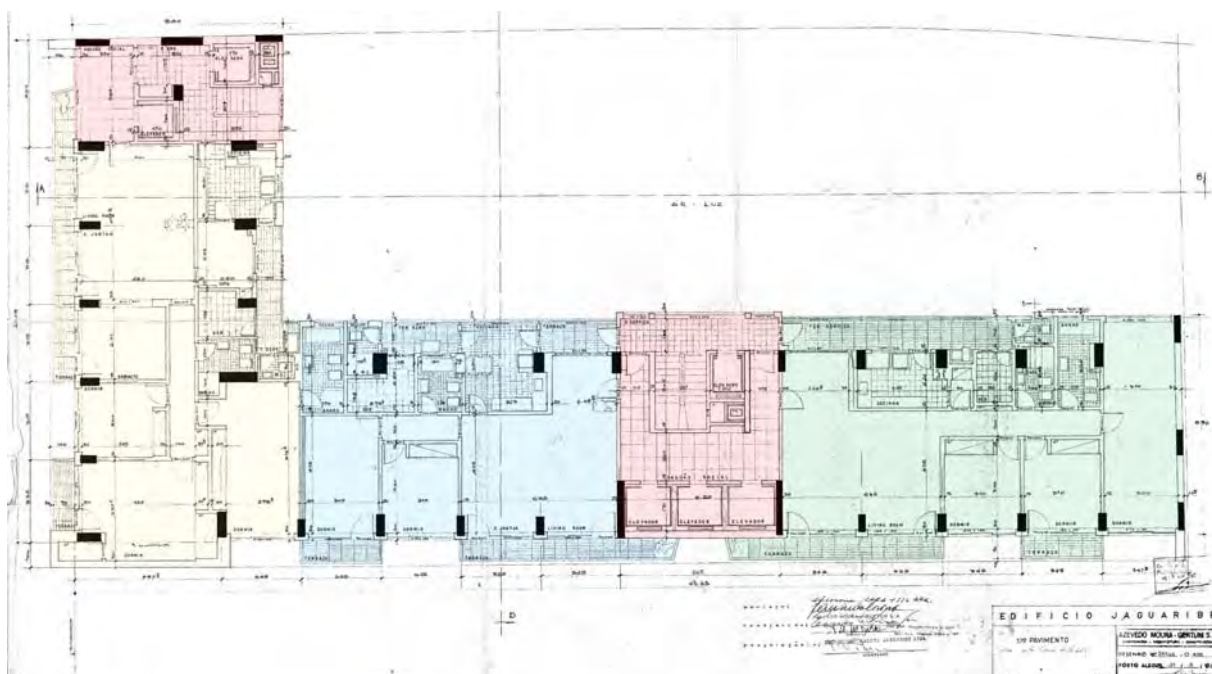


Figura 145: Edifício Jaguaribe. Projeto de março de 1960. Planta do 15º, 17º, 21º, 23º e 25º pavimentos. Em vermelho, as circulações verticais dos blocos residenciais norte e leste. Em azul, o apartamento com dois dormitórios; em verde, o apartamento com três dormitórios e, em amarelo, o apartamento com quatro dormitórios.

Fonte: Arquivo da SMOV. Cores introduzidas pela Autora.

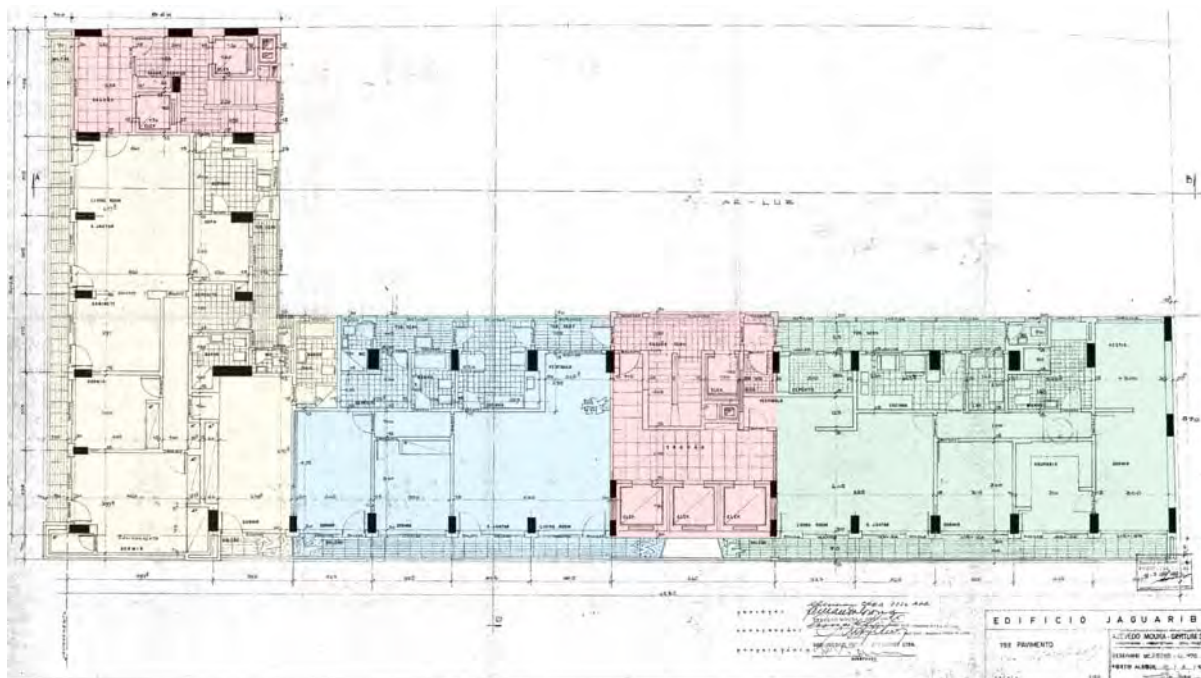


Figura 146: Edifício Jaguaribe. Projeto de março de 1960. Planta do 19º pavimento. Em vermelho, as circulações verticais dos blocos residenciais norte e leste. Em azul, o apartamento com dois dormitórios; em verde, o apartamento com três dormitórios e, em amarelo, o apartamento com quatro dormitórios.

Fonte: Arquivo da SMOV. Cores introduzidas pela Autora.

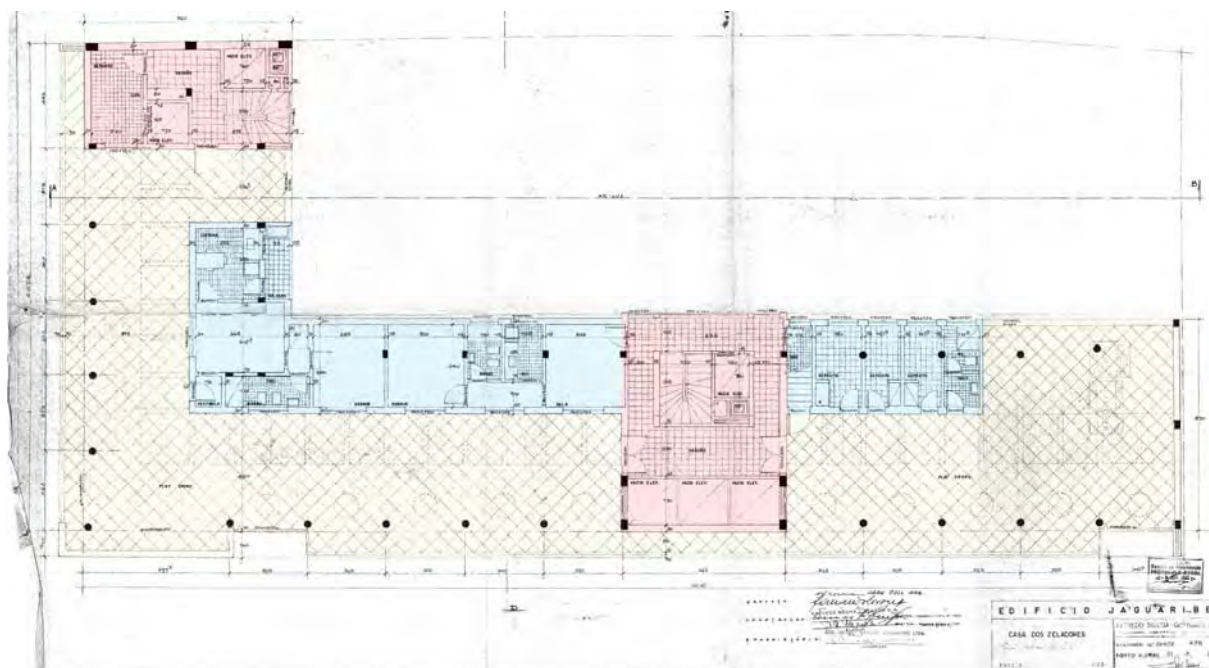


Figura 147: Edifício Jaguaribe. Projeto de março de 1960. Planta do 26º pavimento. Em vermelho, as circulações verticais dos blocos residenciais norte e leste. Em azul, dois apartamentos de zelador e depósitos e, em amarelo, o terraço-jardim.

Fonte: Arquivo da SMOV. Cores introduzidas pela Autora.

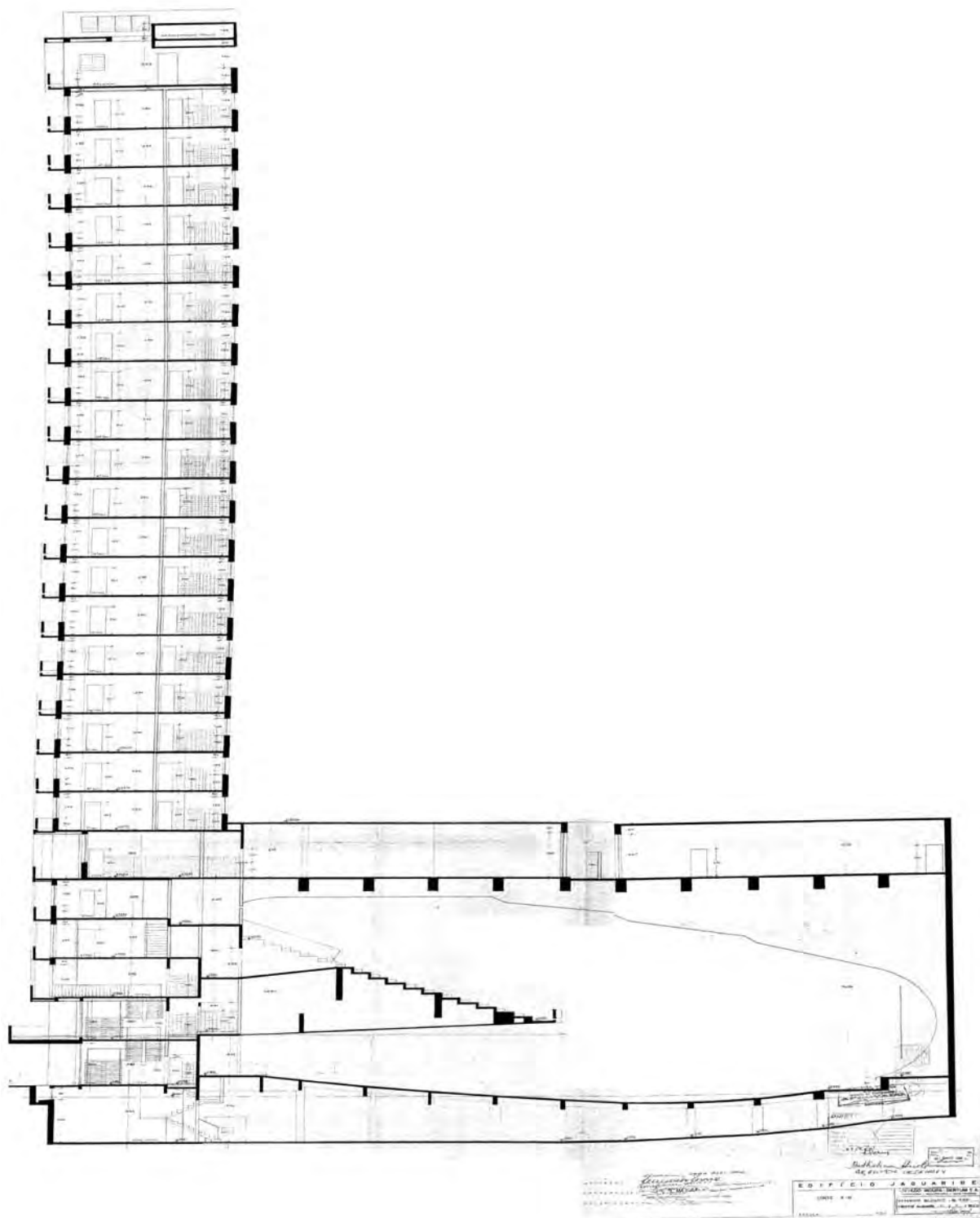


Figura 148: Edifício Jaguaribe. Projeto de março de 1960. Corte longitudinal.
Fonte: Arquivo da SMOV. Marcação de lajes, vigas e peitoris introduzida pela Autora.

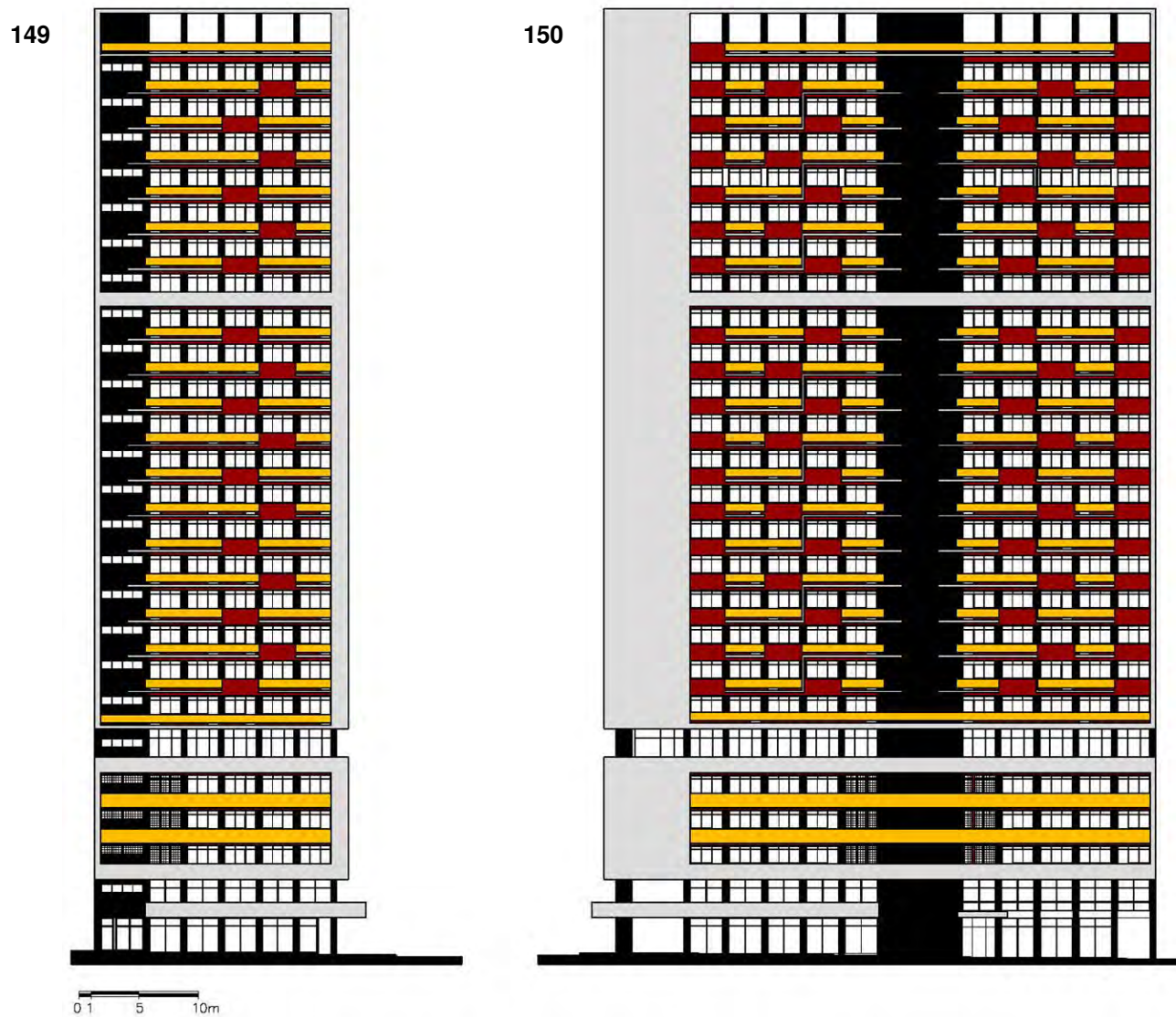


Figura 149 e 150: Edifício Jaguaribe. Fachada leste, Rua Vigário José Inácio (149) e Fachada norte, Av. Sen. Salgado Filho (150).
Fonte: Desenhos da Autora com base no projeto de março de 1960, encontrado na SMOV.

3.2.2 Anteprojeto Bloco Residencial Irmãos Iochpe

Entre os projetos realizados por Luís Fernando Corona, em parceria com seu pai Fernando Corona, está o anteprojeto de um edifício residencial para a Sociedade Imobiliária Irmãos Iochpe Ltda., em 1951. O terreno com frente para três vias (Avenida Independência, Rua Ramiro Barcellos e Rua André Puentes) é exatamente o mesmo onde hoje está construído o Edifício Esplanada, projetado em 1952, pelo arquiteto uruguaio Roman Fresnedo Siri.

O anteprojeto proposto pelos Corona antecede o projeto de Fresnedo Siri. A bibliografia existente sobre o edifício Esplanada e as informações levantadas acerca do anteprojeto dos Corona não permitem afirmar a realização de um concurso para esse edifício. O mais provável é que o estudo solicitado aos Corona não tenha sido aprovado pelo cliente. É provável também que a parceria entre os Irmãos Iochpe e a construtora Azevedo Moura & Gertum, para a construção desse edifício já estivesse firmada em 1951. Assim, a parceria de Fresnedo Siri com a Azevedo Moura & Gertum, para o projeto do Jockey Club de Porto Alegre (1951), teria sido o caminho até os Irmãos Iochpe.

Constata-se, pois, que tanto a proposta dos Corona quanto a proposta de Fresnedo Siri dão indícios dos novos tempos relacionados ao crescimento populacional de Porto Alegre que, entre os anos 40 e 60, dobrou em número de habitantes, bem como a mudança no modo de morar das elites que se instalaram ao longo da radial Independência/24 de Outubro. Raquel Lima, em sua tese, documenta e analisa, através de reportagens do Jornal Correio do Povo e da Revista Globo, entre outras publicações da época, a ocupação ao longo dessa radial, nos anos 50. Lima aponta duas explicações para a ocupação da radial Independência/24 de Outubro:

*(...) a vida social e cultural proveniente da Rua dos Andradas, como centro da cidade; e a continuidade da imponência e importância da Rua Duque de Caxias, com seus habitantes ilustres das elites política e econômica de Porto Alegre. É o caminhar das elites porto-alegrenses no espigão da cidade, habitando suas áreas mais privilegiadas, seja com relação à localização e proximidade ao centro urbano, seja com relação à vista, insolação, status que a topografia do sítio urbano oferece.*⁶⁶ (LIMA, 2005).

⁶⁶ LIMA, Raquel Rodrigues. *Edifícios de apartamentos: um tempo de modernidade no espaço privado*. 2005. Tese (Doutorado em História) - PUCRS. p.55.

Assim, primeiro surgiram os casarões que, a partir dos anos 1950, foram sendo substituídos por edifícios de apartamentos cujos térreos eram ocupados por alguma atividade comercial. Desta forma, a radial Independência/24 de Outubro “tomou forma de avenida de cidade moderna, verticalizada e possuidora das formas da modernidade.”⁶⁷

O material encontrado no Arquivo do Instituto de Artes da UFRGS, sobre a proposta dos Corona, é composto por plantas do subsolo, do térreo e duas plantas dos pavimentos-tipo. Não há elevações, cortes e tampouco uma perspectiva que dê mais detalhes sobre o projeto. Mesmo sem o material completo, é possível identificarem-se algumas características do edifício, como descritas a seguir.

O partido adotado implanta uma barra com planta retangular alongada no sentido longitudinal do terreno e afastada das divisas; e um bloco menor e perpendicular à barra, junto à divisa oeste, e voltado para a Rua André Puento. O pavimento térreo (Figura 152), concebido como uma imensa plataforma, está na mesma cota de nível da Avenida Independência, ficando mais alto que o passeio na medida em que se desce a Rua Ramiro Barcelos em direção a Rua André Puento. Outros dois acessos à plataforma ocorrem ao longo da Rua Ramiro Barcellos, através de escadas localizadas em frente aos vestíbulos de acesso à circulação vertical dos apartamentos. A diferença de cota de nível entre a Avenida Independência e a Rua André Puento possibilita localizar as garagens embaixo de uma parte da plataforma do térreo. A garagem (Figura 151), com acesso pela Rua André Puento, tem uma faixa junto à divisa oeste onde estão os três núcleos de circulação vertical, os reservatórios e os medidores, sendo o restante ocupado por veículos.

Ainda, a plataforma é ocupada pelo pilotis do edifício com colunas de dupla altura e por um programa variado. Na esquina da Avenida Independência com a Rua Ramiro Barcellos, quatro lojas formam um volume transversal à barra. Duas destas lojas e a entrada de serviço estão voltadas para a Avenida Independência, enquanto as outras duas lojas abrem-se para a Rua Ramiro Barcellos (Figura 152). O bar e restaurante localiza-se no centro da barra e ainda dispõe de espaço aberto coberto por uma laje, cujo desenho lembra a marquise de acesso ao Cassino da Pampulha de Niemeyer. O restaurante tem um mezanino e um terraço-jardim sobre a laje

⁶⁷ Ibidem. p.120.

sinuosa. A outra extremidade do bloco abriga um *playground* com áreas coberta e ao ar livre. A seguir, na esquina com a Rua André Puente, surge o volume transversal do último bloco de apartamentos. Separando estes quatro setores estão os três acessos aos apartamentos. O recuo para o acesso ao apartamento cria um negativo ao longo de toda a fachada, separando os dois volumes.

As três circulações de acesso aos pavimentos-tipo são volumes de formas arredondadas adjacentes à barra, como no Pavilhão Suíço de Le Corbusier (Figuras 153 e 154), de 1930. No térreo, o jardim conduz ao vestíbulo onde, em duas ocasiões, está o elevador social alinhado ao perímetro da barra e, no volume adjacente, estão a escada e o elevador de serviços (Figura 152). Na circulação vertical, compartilhada pela barra e pelo bloco, elevadores e escada dividem o mesmo *hall*.

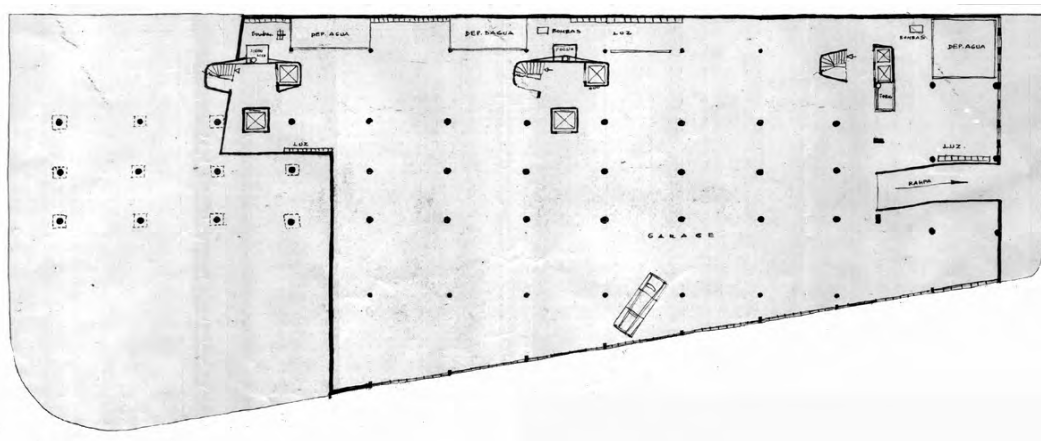


Figura 151: Edifício Residencial Irmãos Lochpe. Planta do subsolo.

Fonte: Acervo Fernando Corona. Arquivo do Instituto de Artes da UFRGS.

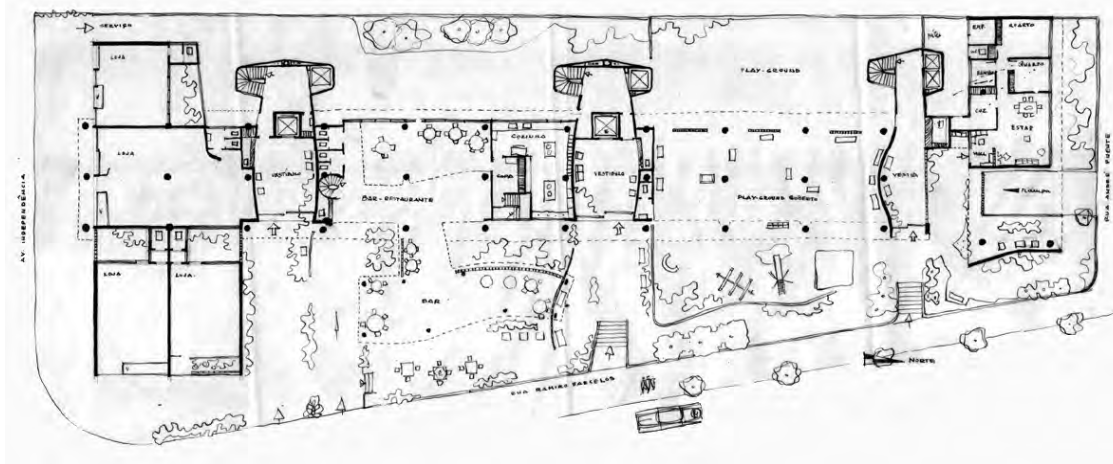


Figura 152: Edifício Residencial Irmãos Lochpe. Planta do pavimento térreo.

Fonte: Acervo Fernando Corona. Arquivo do Instituto de Artes da UFRGS.



Figuras 153: Pavilhão Suíço, 1930-1932. Le Corbusier.

Fonte: Disponível em: <http://flickr.com/photos/elbuitre>

Figuras 154: Pavilhão Suíço, 1930-1932. Le Corbusier.

Fonte: Disponível em: <http://www.ciup.fr>

O bloco voltado para a Rua André Puente possui dois apartamentos por pavimento, com orientação norte para o estar e os dois dormitórios e sul para a cozinha e dependências de serviço e empregada (Figuras 155 e 156). A fachada oeste é cega e está na divisa do terreno. A fachada leste também é cega, porém apresenta uma curvatura evidenciando a terminação do bloco à frente da fachada da barra. A circulação vertical de acesso a esses apartamentos é compartilhada com um apartamento pertencente à barra.

O pavimento tipo da barra é formado por cinco apartamentos de dois, três e quatro dormitórios. Para leste, com frente para a Praça Júlio de Castilhos, estão o estar, o jantar e os dormitórios, enquanto a cozinha e as dependências de serviço voltam-se para oeste. Assim, barra e bloco são organizados por duas faixas: uma contém as áreas social e íntima, com vista para a rua, e a outra reúne as áreas de serviço e volta-se para o interior do lote.

O jardim diante do jantar, em alguns apartamentos, revela a existência de dois pavimentos-tipo. O corpo do edifício é formado pela interpolação destes dois e animado pela variação na posição do jardim. A estrutura regular e ordenada permite, nos pavimentos-tipo, diferentes arranjos do espaço interno, principalmente nas áreas social e íntima. Os apartamentos possuem, também, acesso social e de serviço independentes, porém é preciso passar pelo setor social para chegar ao setor íntimo.

Através das duas plantas tipo, é possível imaginar-se que as fachadas do corpo do edifício foram resolvidas por uma grelha preenchida por vidro e por elementos de sombreamento. Na fachada leste, somente o jardim é sombreado, o

restante dos vãos são envidraçados. Na fachada da Rua André Puentes, a insolação norte é controlada por elementos que ocupam a metade do vão das aberturas. Na fachada oeste, elementos de controle solar são colocados diante das aberturas.

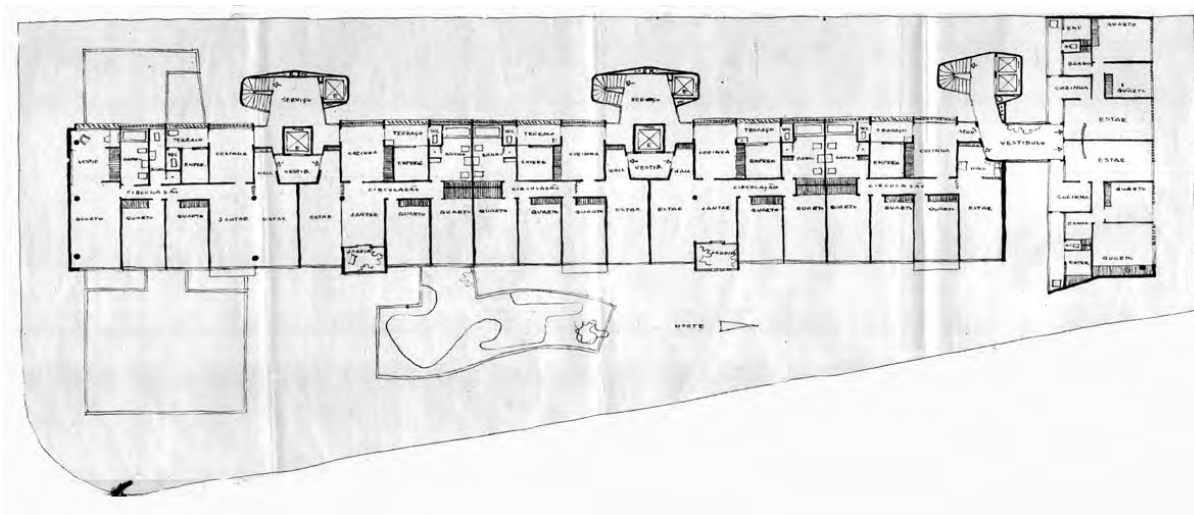


Figura 155: Edifício Residencial Irmãos Lochpe. Planta pavimento-tipo 1.

Fonte: Acervo Fernando Corona. Arquivo do Instituto de Artes da UFRGS.

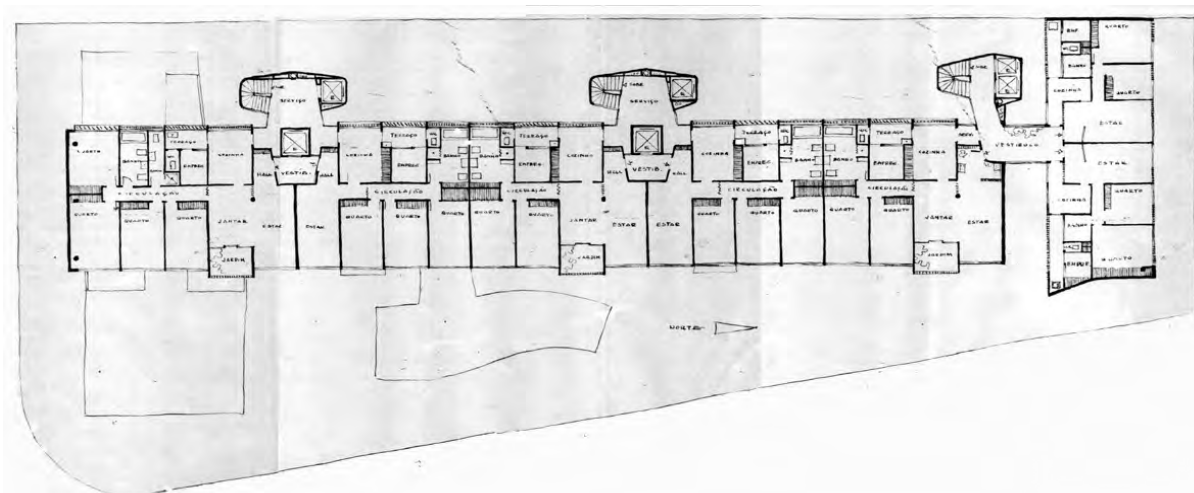


Figura 156: Edifício Residencial Irmãos Lochpe. Planta pavimento-tipo 2.

Fonte: Acervo Fernando Corona. Arquivo do Instituto de Artes da UFRGS.

Em contraste com o edifício construído, que propõe a idéia de esplanada pública aberta para a colunata permeável que abriga tanto o comércio quanto os acessos, os Coronas propõem um edifício sobre pilotis implantado em uma praça em desníveis com jardins privatizados e separada do passeio. O volume monumental da barra, com fachada cega para a Avenida Independência, parece desconsiderar a idéia de continuidade com o tecido urbano adjacente, enquanto o bloco, com frente para a Rua André Puentes, mostra-se melhor relacionado com o

entorno. O edifício apresenta menos unidade na solução se comparado com o edifício de Fresnedo Siri. O Esplanada reconhece o tecido urbano, dispõe sua colonata no alinhamento do terreno nas três vias e recua o fechamento do térreo, criando uma galeria coberta (Figuras 157-160). No pavimento térreo, estão as lojas, os quatro acessos independentes aos blocos, alguns serviços gerais e um jardim no interior do lote. A colonata com dupla altura resolve o desnível do terreno na sua maior fachada, possibilitando o mezanino nos blocos A e B.



Figura 157: Edifício Esplanada. Planta pavimento térreo (projeto 1952).
Fonte: Desenho de Fernanda Drebes.



Figura 158: Edifício Esplanada. Planta pavimento tipo (projeto 1952).
Fonte: Desenho de Fernanda Drebes.



Figura 159: Edifício Esplanada.
Fonte: Cláudio Calovi Pereira.

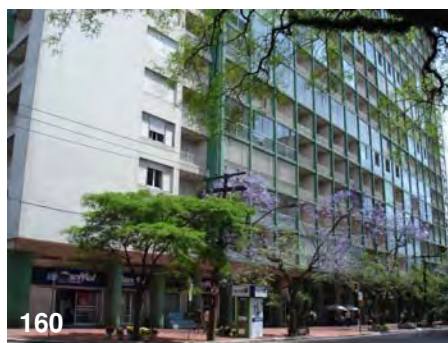


Figura 160: Edifício Esplanada.
Fonte: Autora.

3.2.3 Edifício de Apartamentos com Garagem em cada Pavimento

O projeto de Fernando Corona, Luís Fernando Corona e Carlos Maximiliano Fayet para o “Edifício de Apartamentos com garagem em cada pavimento” foi publicado na Revista Acrópole, em 1958⁶⁸. O edifício a ser localizado em Porto Alegre e de propriedade da Imobiliária Imbal seria o primeiro do Brasil com elevador para automóveis, inovação esta trazida pela firma de elevadores Atlas.

Embora não se tenha o endereço exato do empreendimento, pelas plantas publicadas na revista, pode-se concluir que se tratava de um terreno de esquina. A planta do andar térreo revela a ocupação praticamente total do terreno, e a organização do programa que inclui lojas (Figura 164). Na face maior, voltada, provavelmente, para uma importante avenida, está o acesso residencial centralizado em relação ao volume. Para a esquerda há duas lojas com sobreloja. Estas lojas possuem quatro níveis: o da entrada, um abaixo e dois acima (Figura 167). Para a direita do acesso residencial há outra loja com dois acessos. Um deles marca a esquina, com formato côncavo e uma coluna.

Pela rua lateral, está a entrada de veículos e de serviço. O elevador de veículos está atrás dos dois elevadores do *hall*, e uma passagem faz a ligação do *hall* social com a entrada da garagem. Sobre a entrada de veículos e de serviço está a sobreloja da esquina. O apartamento do zelador, a escada e o elevador de serviço ficam em um recorte adicional ao terreno retangular, onde está implantado o bloco principal. O apartamento do zelador possui dois pavimentos. No térreo está a cozinha, o estar, o jantar e um pequeno jardim para onde essas áreas ventilam. No pavimento superior, há dois dormitórios e um banheiro.

Os dois primeiros pavimentos, térreo e sobreloja, formam a base monumental do edifício, com colunas e espaços de dupla altura e grandes vãos envidraçados (Figuras 163 e 164). A verticalidade predominante da base está também no *hall* do edifício residencial, que possui pé direito duplo. A estrutura nestas duas plantas está evidenciada pelas três linhas longitudinais de colunas e pelas nove linhas transversais. Na fachada maior, a estrutura colunar é substituída por volumes ladeados pelos vidros das vitrines, e apenas quatro colunas aparecem marcando o

⁶⁸ Edifício de Apartamentos com garagem em cada pavimento. *Revista Acrópole*, 1958. p.358-360.

limite do bloco e o acesso residencial (Figura 161). Na fachada menor, apenas duas colunas estão presentes (Figura 162).

O corpo do edifício tem vinte e um pavimentos-tipo, com dois apartamentos por pavimento. Os apartamentos possuem exatamente a mesma planta, apesar de um deles estar na esquina (Figura 166). O acesso aos apartamentos pelo elevador social leva a um pequeno *hall*. Ao entrar no apartamento, a visão é bloqueada por um anteparo diante da porta que ajuda configurar o espaço do vestíbulo. O estar tem dimensões generosas e abre-se para uma sacada contínua para onde os três dormitórios também têm acesso. O jantar, ao lado do estar, dá acesso ao corredor que distribui para os dormitórios e para o banheiro e ao estar íntimo que está ligado à copa e à cozinha. O estar íntimo é também uma espécie de vestíbulo privativo para quem chega de carro ou pela circulação de serviço. A partir dele, é possível acessar qualquer um dos três setores do apartamento (social, serviço e íntimo) de forma independente.

Já o 23º pavimento faz o coroamento do edifício com um terraço-jardim coberto, onde estão as atividades de lazer com *playground* e salão para festas (Figura 165). Neste pavimento, algumas curvas ‘cariocas’ tardias aparecem, dando forma a elementos do jardim e do *playground*.

O projeto possui grande rigor compositivo, relacionado ao desenho da estrutura que é bastante regular e ordenada, segundo duas linhas longitudinais de pilares alinhadas ao núcleo de circulação vertical (Figura 168). A posição dos pilares das fachadas não segue tal orientação e está relacionada com a composição da fachada. No pavimento-tipo, a ordem compositiva é verificada na organização das atividades em duas faixas longitudinais ordenadas segundo as linhas de pilares (Figura 169). A primeira faixa reúne os setores social e íntimo e uma faixa de varanda em balanço sobre o passeio. A segunda faixa reúne as atividades de serviço e também possui uma faixa de varanda em balanço, voltada para o interior do terreno.

A aquarela da fachada principal (Figura 161), encontrada no acervo do Instituto de Artes da UFRGS e publicada em versão preto e branco na Revista Acrópole, revela a preocupação com o desenho e suas cores, propondo faixas horizontais em um jogo cromático e tridimensional. Na aquarela, a base destaca as linhas verticais que seguem ao longo do corpo do edifício até a laje de cobertura do terraço-jardim, conformando uma pauta estruturadora. No corpo do edifício, as linhas

verticais são trespassadas pelas linhas horizontais das lajes e dos peitoris das sacadas que conformam um segundo plano (corpo do edifício). As linhas horizontais são inseridas em molduras que abarcam dois pavimentos e são intervaladas por um pavimento. O jogo de faixas e molduras é constante até o 14º pavimento, onde surge outro padrão que vai até o topo do edifício. O desenho e a cor das lajes e dos peitoris mudam de forma intercalada a cada pavimento, repetindo elementos com funções diferentes.

Assim sendo, a solução plástica para a fachada principal desse edifício antecede à solução definitiva para a fachada do Edifício Jaguaribe (1960). Porém, Luís Fernando Corona já estudava temas que aparecem nos dois edifícios como: o uso de dois planos sobrepostos (o primeiro interno e vertical e o segundo externo e horizontal), o módulo que se repete na fachada, resolvido em dois pavimentos, o intervalo no meio do corpo do edifício e o coroamento em pavimento único.

O desenho de fachada, proposto na aquarela, tem algumas diferenças dos desenhos do projeto publicado. Estas diferenças são vista no corte, na fachada lateral e até mesmo na planta do térreo, quando observada a posição das colunas na base. A fachada pintada em aquarela é uma evolução daquela proposta inicialmente, mas mantém a mesma idéia de retângulos brancos emoldurando as linhas de peitoril.



Figura 161: Edifício Imbal. Aquarela da fachada principal.
Fonte: Acervo Fernando Corona. Arquivo do Instituto de Artes da UFRGS.

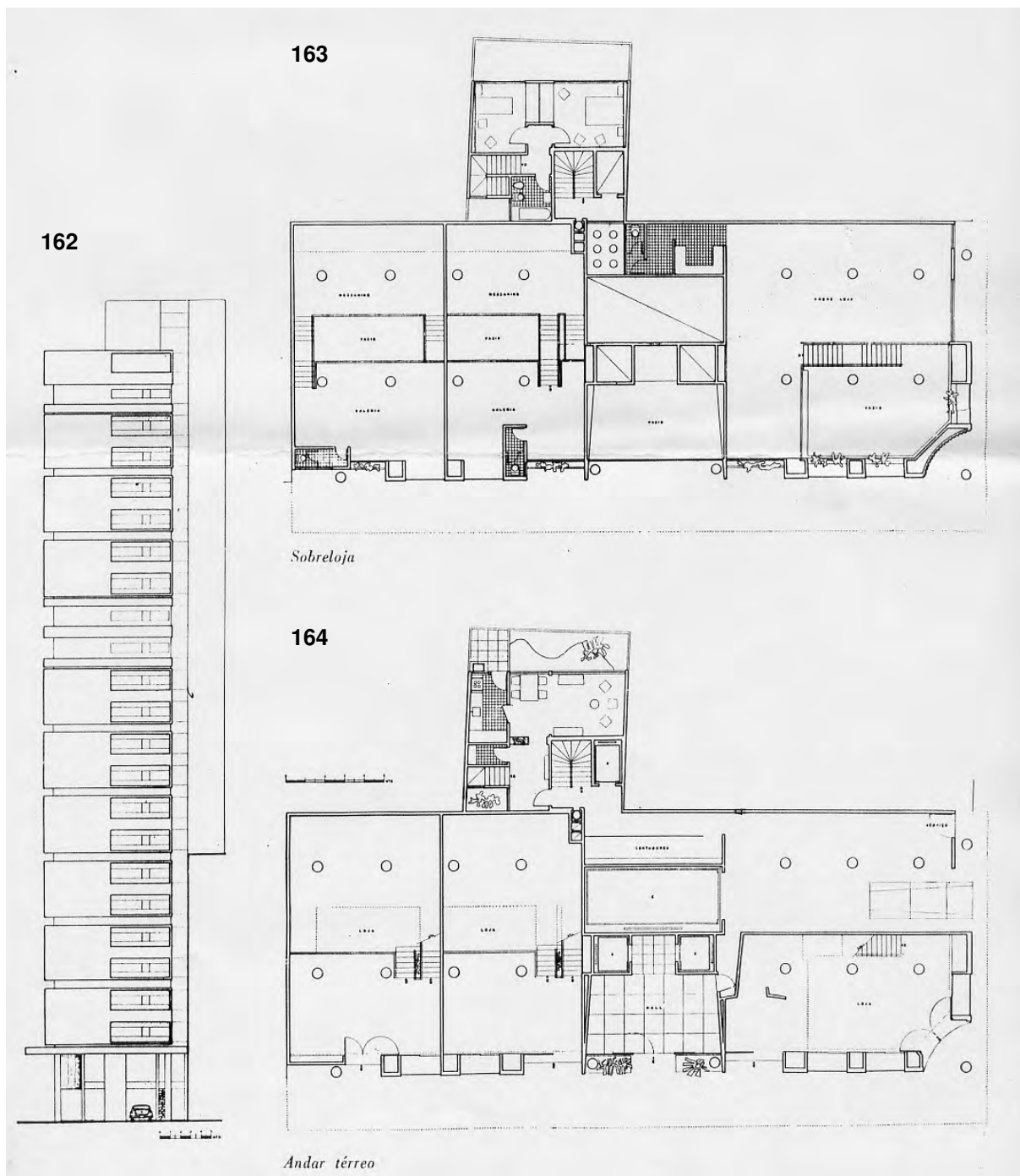


Figura 162: Edifício Imbal. Fachada lateral do edifício.

Figura 163: Edifício Imbal. Planta da sobreloja.

Figura 164: Edifício Imbal. Planta do pavimento térreo

Fonte: Revista Acrópole, 1958. p.359.

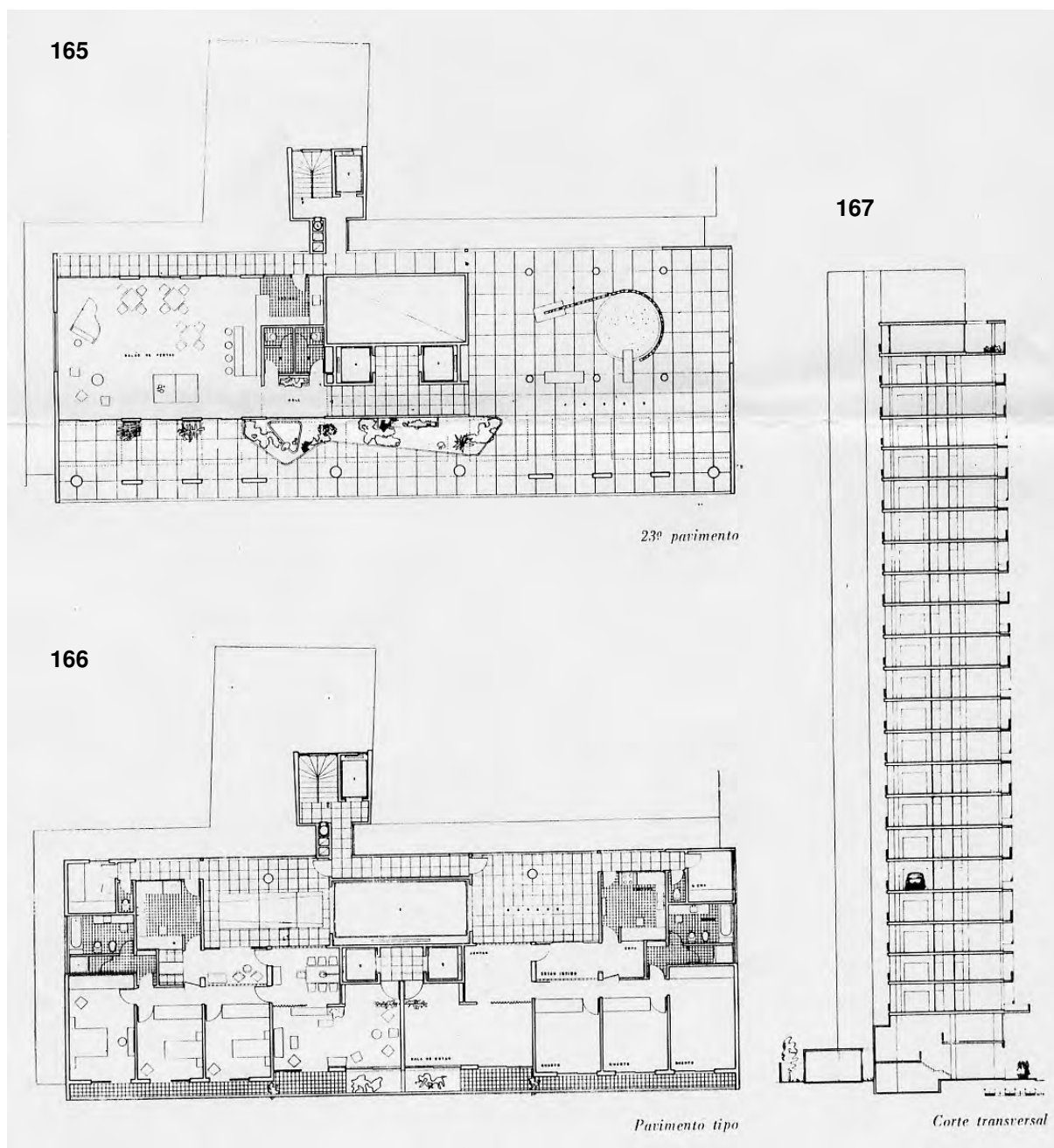


Figura 165: Edifício Imbal. Planta do 23º pavimento.

Figura 166: Edifício Imbal. Planta do pavimento-tipo.

Figura 167: Edifício Imbal. Corte transversal.

Fonte: Revista Acrópole, 1958. p.360.

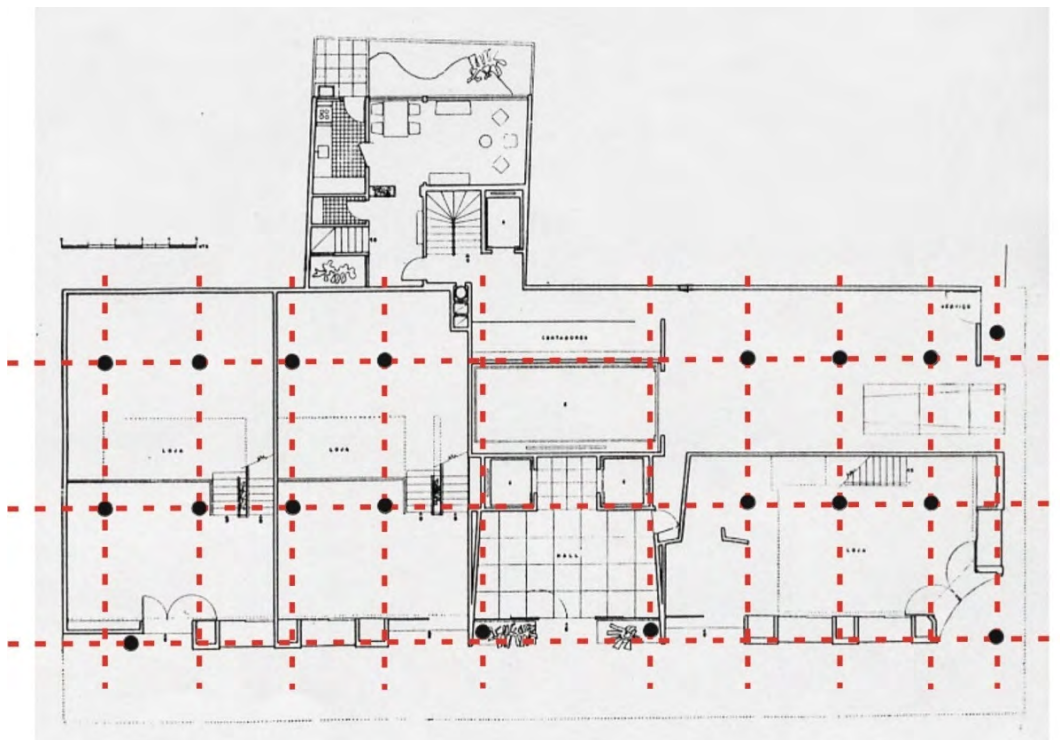


Figura 168: Edifício Imbal. Planta do pavimento térreo com a marcação dos pilares e das linhas de estrutura.

Fonte: Cores introduzidas pela Autora.

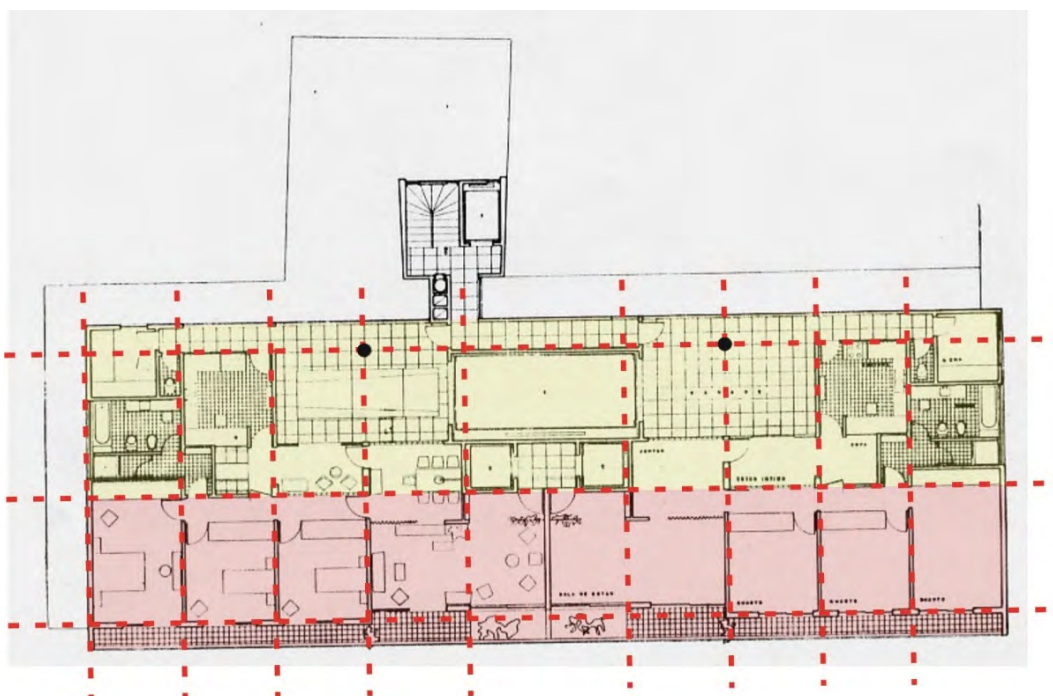


Figura 169: Edifício Imbal. Planta do pavimento-tipo. Marcação das linhas de estrutura e das faixas que organizam a planta. Em vermelho, os setores social e íntimo; e em amarelo, o setor de serviço.

Fonte: Cores introduzidas pela Autora.

3.3 PROGRAMAS ESPECIAIS

3.3.1 Sociedade Amigos da Praia de Imbé – SAPI

O projeto para a nova sede da SAPI (Sociedade dos Amigos da Praia do Imbé) é resultado de Concurso Público de anteprojeto de arquitetura promovido pelo Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento do Rio Grande do Sul (IAB/RS) e patrocinado pela SAPI, em 1951. O concurso foi amplamente divulgado e teve grande aceitação por parte dos arquitetos, havendo, ao todo, treze trabalhos inscritos. Entre os concorrentes estavam: Enilda Ribeiro, Rúbio & Lenieszek, Luís Fernando Corona, Mário J. Corrêa e Alfredo Leboutte, João José Vallandro e A. Rippol, Mauro Guedes de Oliveira, G. René Hugaud, José Pereira, Cláudio Teixeira de Freitas, Emil A. Bered, Ernani Corrêa, Jaime L. Santos e Jorge Sirito.

No edital do concurso, publicado em 24 de maio de 1951, no Jornal Correio do Povo, as premissas do concurso estabeleciam, entre outras, que o edifício deveria “ser projetado segundo os princípios técnicos e plásticos da arquitetura moderna”⁶⁹ e que os trabalhos seriam julgados “na base dos seguintes aspectos: funcional, construtivo, plástico e econômico, aos quais será atribuído idêntico valor.”⁷⁰ O programa de necessidades exigia um salão principal com adaptação para bailes, projeções cinematográficas privadas, jogos de ping-pong, etc.; pequena sala para reuniões dançantes, articulada com o salão principal para os dias de grandes eventos; sala para biblioteca e leitura; toaletes, sala para jogos de cartas; avarandados; apartamento para zelador (com dois dormitórios, banheiro, sala e cozinha) e vestiários e chuveiros para desportistas.

O júri, composto por Paulo de Gouvêa, Milton U. Lança, e Diogo Ferraz Filho, representantes da SAPI, e Edgar Graeff e Demétrio Ribeiro, representantes do IAB-RS, premiou o arquiteto Luís Fernando Corona com o 1º lugar e, a arquiteta Enilda Ribeiro com o 2º lugar.⁷¹

⁶⁹ INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL. *Anteprojetos I: 1947-1956*. Porto Alegre: IAB-RS.

⁷⁰ INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL. *Anteprojetos I: 1947-1956*. Porto Alegre: IAB-RS.

⁷¹ Jornal Correio do Povo. 14 de outubro de 1951.

O terreno para o projeto, doado pela Sociedade Terrenos da Praia do Imbé, é um quarteirão de formato trapezoidal, com aproximadamente 3.500m², localizado na extremidade leste da Avenida Porto Alegre, na Praia do Imbé. Perpendicular à Avenida estão, a leste, a Rua Rio Pardo e, a oeste, a Rua Novo Hamburgo. O projeto de urbanização da Praia do Imbé é do engenheiro e urbanista Ubatuba de Faria, que fora contratado pela Sociedade Terrenos da Praia do Imbé ao final dos anos 1930. Próximo à travessia do Rio Tramandaí, Ubatuba projetou ruas que obedecem a um traçado curvilíneo, inspirado nas cidades-jardins idealizadas pelo urbanista inglês Ebenezer Howard, no início do século XX. No projeto de Ubatuba, para o Imbé, a cidade é formada basicamente por lotes residenciais com casas circundadas por áreas verdes, e as vias principais são dispostas no sentido norte-sul e leste-oeste. Possivelmente Ubatuba tenha previsto em seu projeto a ocupação do terreno doado à SAPI por um equipamento capaz de alavancar o desenvolvimento urbano e consolidar aquela área⁷² (Figuras 170 e 171).

O partido adotado por Luís Fernando Corona tem em vista a orientação solar, os espaços externos definidos e as visuais para o mar e para a serra (Figura 172). O projeto é implantado paralelo às ruas Rio Pardo e Novo Hamburgo (Figura 173), e o programa disposto em edifícios térreos, afastados das divisas, formando uma composição de volumes articulados. A quadra esportiva, implantada no sentido norte-sul, alinha-se com o volume dos vestiários, e a casa do zelador está afastada do conjunto.

O conjunto possui quatro acessos: um cerimonial, a partir da Rua Rio Pardo, que leva até a entrada independente do salão de festas; dois acessos sociais que levam ao edifício-sede, um pelo avarandado e outro pela sala-de-estar e um 'acesso esportivo' que leva aos vestiários e à quadra esportiva (Figura 172).

Com relação ao edifício-sede, a composição do volume ovalado do salão de festas, com o quase quadrado perfeito do estar, sala de jogos e biblioteca, é uma composição simétrica. A segunda composição também joga com a simetria, porém sem acusá-la totalmente. Neste caso, do eixo estrutural do avarandado prolonga-se uma parede de elementos vazados que compõe o espaço de ligação coberto entre o avarandado e o volume dos vestiários, que se posiciona no eixo da passarela. A

⁷² COSTA, J. Geraldo V. *Imbé – o adeus da cidade jardim?* Portal Vitruvius. Ano 8, vol.3, out. 2007, p.194.

composição final do edifício-sede é definida pela simples justaposição dessas duas composições iniciais (Figura 174).



Figura 170: SAPI. Mapa da Praia de Imbé. Configuração da malha urbana próxima ao terreno do concurso.

Fonte: Disponível em: www.praiadoimbe.com.br

Figura 171: SAPI. Foto aérea.

Fonte: Disponível em: <http://www.achetudoeregiao.com.br/RS/imbe.htm>

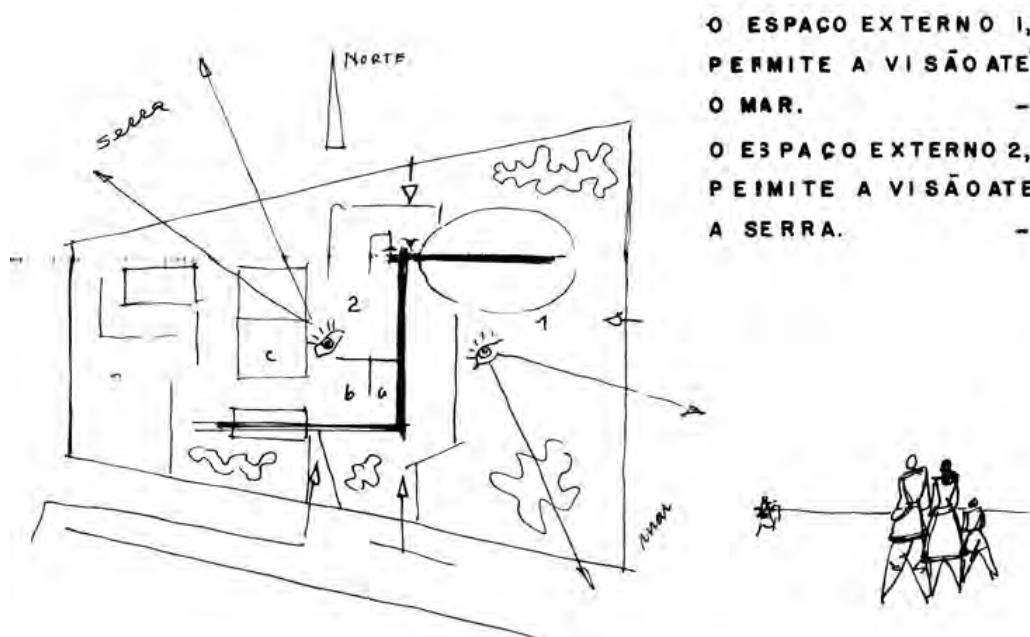


Figura 172: SAPI. Explicação do partido geral adotado para o projeto.

Fonte: Desenho retirado da prancha do concurso, 1951. Arquivo pessoal Luiz Aydos.

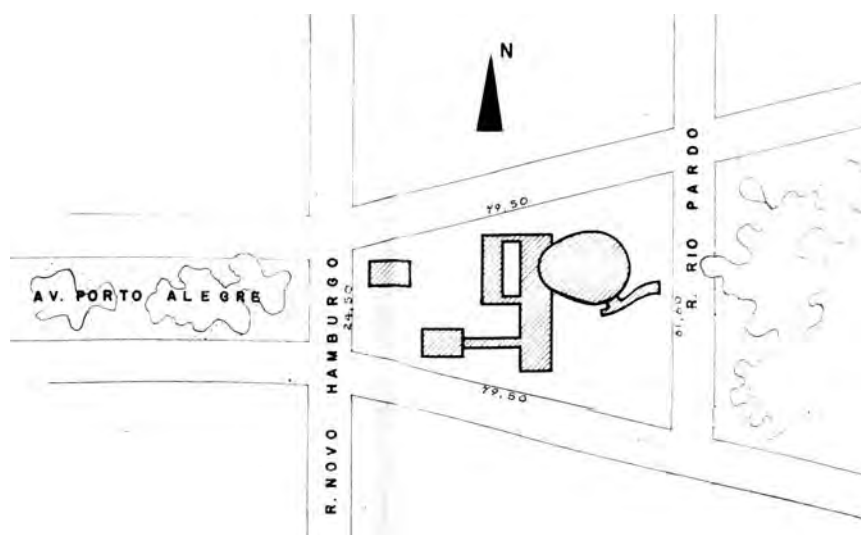


Figura 173: SAPI. Planta de Situação.

Fonte: Desenho retirado da prancha do projeto revisado de janeiro de 1952. Arquivo pessoal Luiz Aydos.

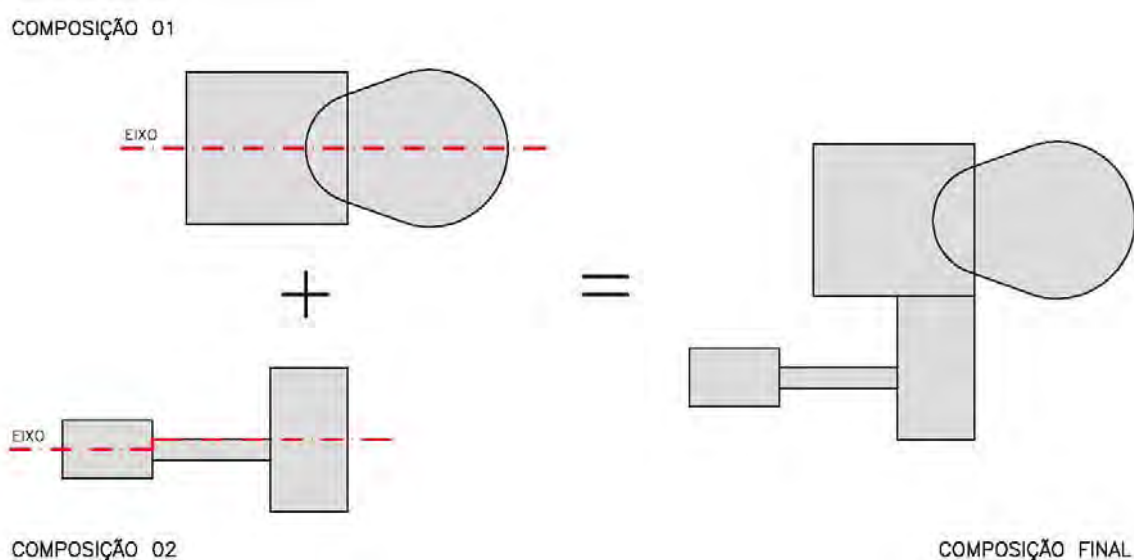


Figura 174: SAPI. Esquema de estudo compositivo.

Fonte: Autora.

O elemento principal do conjunto é o volume ovalado do salão de festas, que se destaca por suas dimensões avantajadas em relação às outras partes (Figura 176). Trata-se de um volume maior e mais alto que os demais componentes, com os seus fechamentos definidos por planos de vidro e estrutura colunar recuada. Numa de suas laterais, marcando o acesso independente, projeta-se uma laje plana de formas livres, apoiada sobre pilotis, que passa o vidro e apóia-se na colunata interna do salão de festas. A fachada norte é protegida por *brises* horizontais que ocupam quase a metade da fachada envidraçada. Internamente, este volume abriga um

espaço de usos múltiplos, pois ora este salão pode servir para grandes festas e projeções cinematográficas, ora ele pode ser dividido e abrigar duas atividades distintas. Esta separação é bem marcada pelo círculo perfeito do palco, definido pelas paredes de alvenaria, pelo forro rebaixado e pela cortina que faz o isolamento dos espaços (Figuras 175 e 177).

O volume do salão de festas conecta-se ao volume regular por interpenetração. Neste volume, estão a biblioteca, a sala de jogos, o estar e os sanitários, organizados em torno de um jardim interno, forçando um percurso circular.



Figura 175: SAPI. Perspectiva interna do Salão de Festas.

Fonte: Prancha do concurso. Acervo pessoal Luiz Aydos.

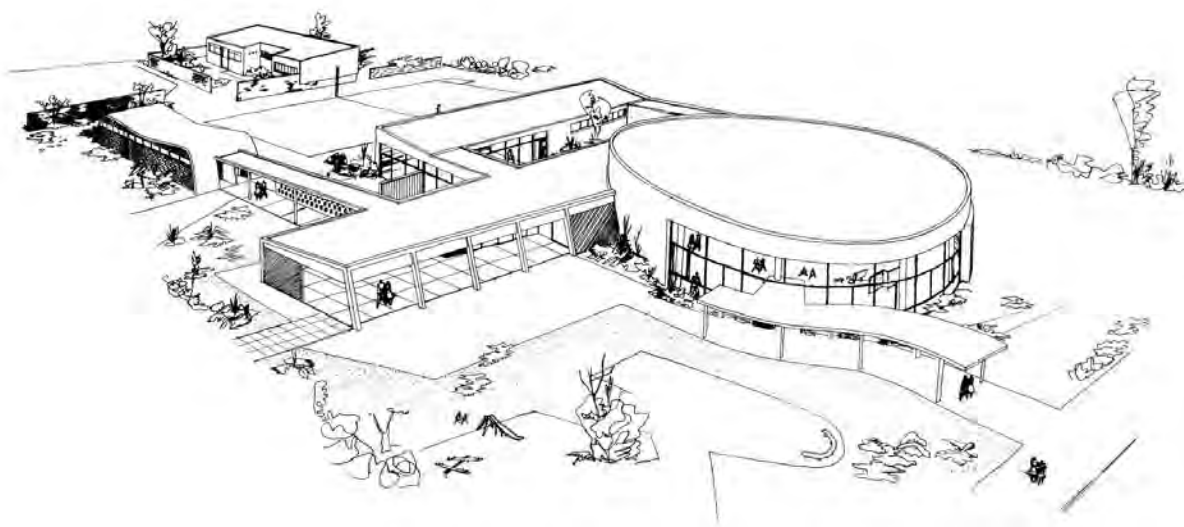


Figura 176: SAPI. Axonometria do conjunto.

Fonte: Prancha do concurso. Acervo pessoal Luiz Aydos.

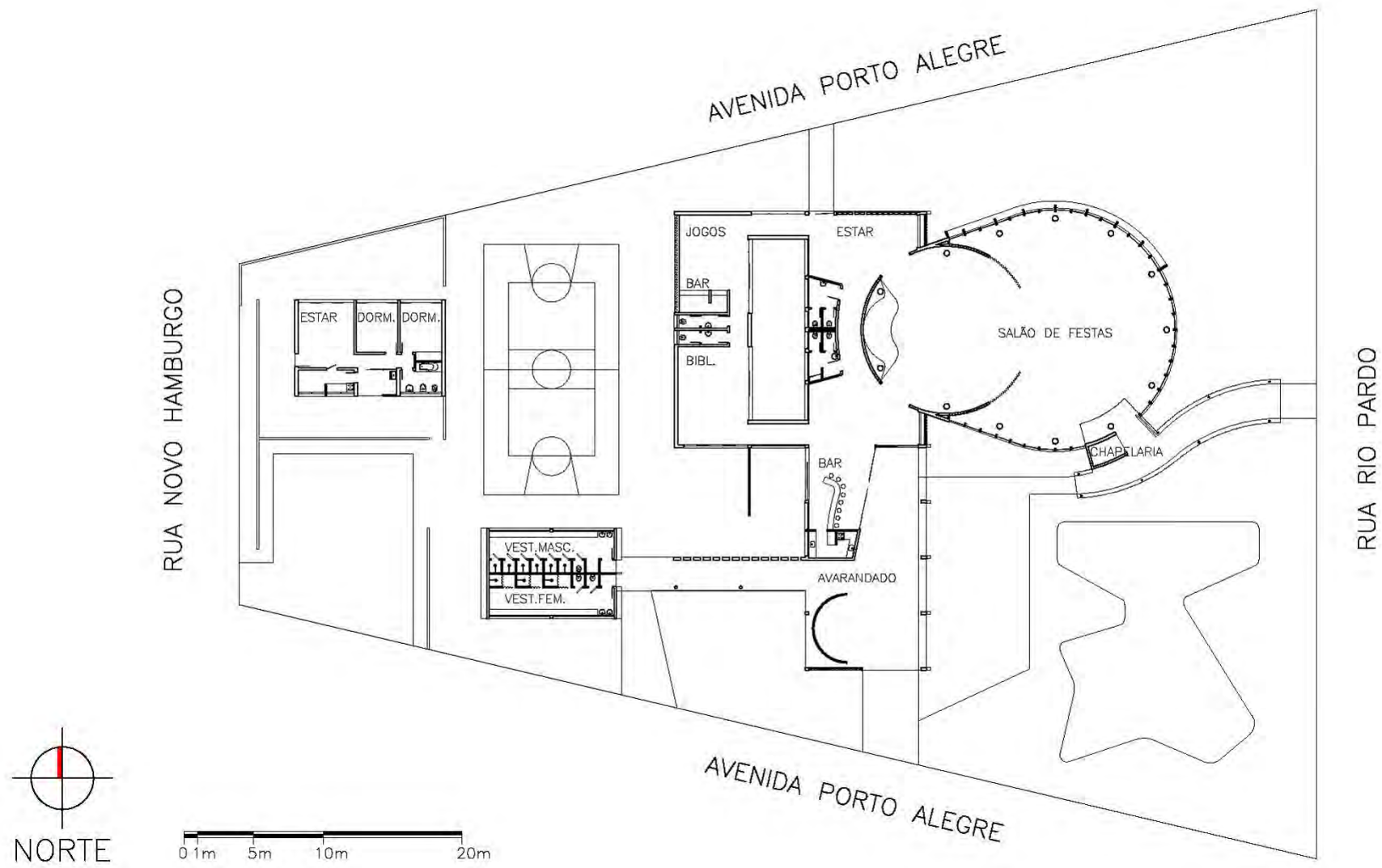


Figura 177: SAPI. Planta baixa.

Fonte: Desenho da autora com base na planta baixa do projeto revisado, de janeiro de 1952. Arquivo pessoal Luiz Aydos.

Simplesmente encostado no volume regular da primeira composição está o volume retangular do avarandado, voltado para leste, diante do *solarium* e do *playground*. O bar possui uma pequena copa para lanches rápidos e três espaços definidos: o interno, o avarandado e a área aberta à frente. Do avarandado, prolonga-se uma parede de elementos vazados que compõe o espaço coberto de ligação com o volume dos vestiários. Este, por sua vez, está no eixo da passarela e possui forma inusitada: trata-se de uma laje contínua de contorno sinuoso que vem desde o solo e cobre os vestiários. As paredes externas do vestiário são revestidas por azulejos.

Já, a casa do zelador foi implantada isolada do conjunto para atender à exigência de independizar a vida cotidiana da família da vida social da instituição. A pequena edificação tem planta retangular e está organizada em duas faixas paralelas: numa estão o estar e os dois dormitórios com face para norte e, na outra, estão a cozinha, a área de serviço e o banheiro voltados para o sul (Figuras 176 e 177).

Dessa forma, o projeto prioriza a transparência, tomando muito cuidado com a orientação de cada fachada, o que fica evidente quando observado o tratamento das elevações. Chama, ainda, a atenção o uso das paredes cegas e das de elementos vazados, dos elementos verticais e do vidro, com destaque para as fachadas norte e oeste. Na fachada norte, a sala de jogos é protegida por uma parede cega e, a oeste, por *brises* verticais fixos colocados a 45° em relação ao plano da fachada (Figuras 177 e 182). Na sala-de-estar, o controle da insolação norte acontece através dos elementos vazados que compõem a parede, bloqueando a entrada de luz direta. Na circulação entre a sala de jogos e o estar, há um plano envidraçado que permite a entrada de sol, que logo é barrado pela parede do jardim interno. No salão de festas, os *brises* horizontais controlam a incidência do sol. A biblioteca tem parede cega para o oeste, mas está completamente 'aberta' para o jardim semi-interno da fachada sul. A ventilação cruzada, para garantir o conforto térmico da edificação, é proporcionada pela comunicação permanente entre todos os ambientes da edificação e pelas diversas aberturas existentes nos planos de vidro da fachada.

A circulação também teve um cuidado especial. Em todos os acessos vão sendo indicadas visuais. O visitante, à medida que entra no edifício, vai percebendo seu simples funcionamento e descobrindo as áreas de luz e sombra proporcionadas pela composição da volumetria.

É nítida a inspiração de Luís Fernando Corona na arquitetura da Escola Carioca, com maior destaque para o Conjunto da Pampulha (1942), em Belo Horizonte, de Oscar Niemeyer. A composição dos volumes regulares com o volume de forma ovalada busca referência na composição dos três volumes que dão forma final ao Cassino da Pampulha, dispostos de maneira a se sobreporem parcialmente.

No projeto de Niemeyer, descrito por Comas (2006):

...os elementos primários de composição correspondem aos setores funcionais básicos do programa. Recepção e jogo ocupam a caixa quase quadrada, que inclui um vestíbulo hipostilo e um mezanino. Dança e espetáculo tem lugar no tambor sobre pilotis, com restaurante acima e bar abaixo. À direita da caixa, o bloco em T abriga a cozinha sobre uma doca de carga e duas dependências de serviço. Caixa e bloco se sucedem frente a avenida truncando o promontório. Quase centralizada, a marquise trapezoidal que abriga o carro do visitante estende um braço para emoldurar a estátua feminina de Zamoisky, uma mão para ecoar a configuração em T do bloco.⁷³

Quando comparados os esquemas compositivos da SAPI e do Cassino (Figuras 178 e 179), nota-se a relação entre ‘a caixa quase quadrada’ e os demais volumes. Na SAPI, o volume quadrado e o volume ovalado interpenetram-se, enquanto no Cassino estão elegantemente justapostos assim como o “T” que reúne os serviços. A posição da marquise de formas livres aponta a inversão: no Cassino, relaciona-se com o volume quadrado; na SAPI, está ligada ao volume ovalado.

Outro ponto está relacionado à transparência do edifício: no Cassino, “o esqueleto independente e o planejamento brilhante permitem uma transparência máxima. À noite o Cassino é um farol”⁷⁴ (COMAS, 2006). Na SAPI, o uso do vidro e da transparência aparece de forma similar, permitindo total visualização externa. A transparência escancarada do Cassino, que permite a visão do interior para o exterior e vice-versa, em Imbé acontece apenas no volume do salão de festas. Nos outros volumes, a transparência ocorre de forma controlada. As amplas aberturas envidraçadas da biblioteca e do bar, da sala de jogos e do estar estão protegidas por elementos vazados que controlam a entrada do sol e ou simplesmente garantem privacidade.

⁷³ COMAS, Carlos Eduardo Dias. Pampulha e a arquitetura moderna brasileira. In: Mariângela Castro; Sylvia Finguerut. (Org.). *Igreja da Pampulha: restauro e reflexões*. 1 ed. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006, v. 00, p. 135.

⁷⁴ *Ibidem*, p.136.

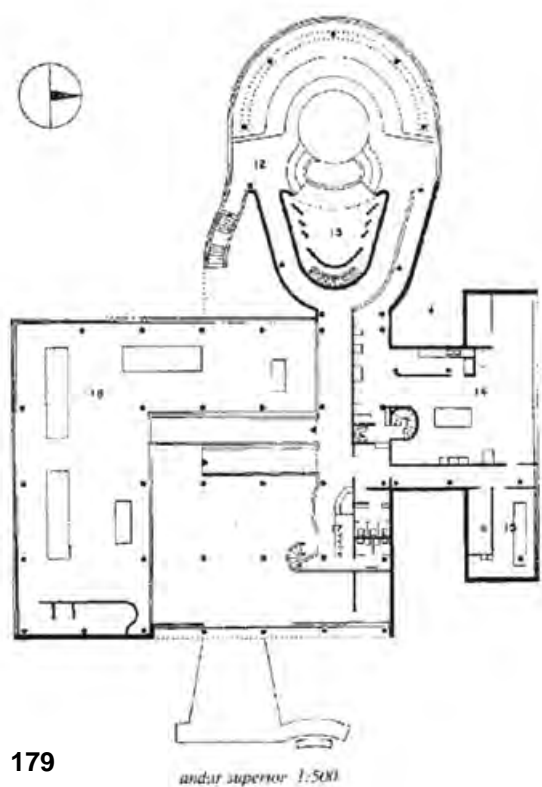
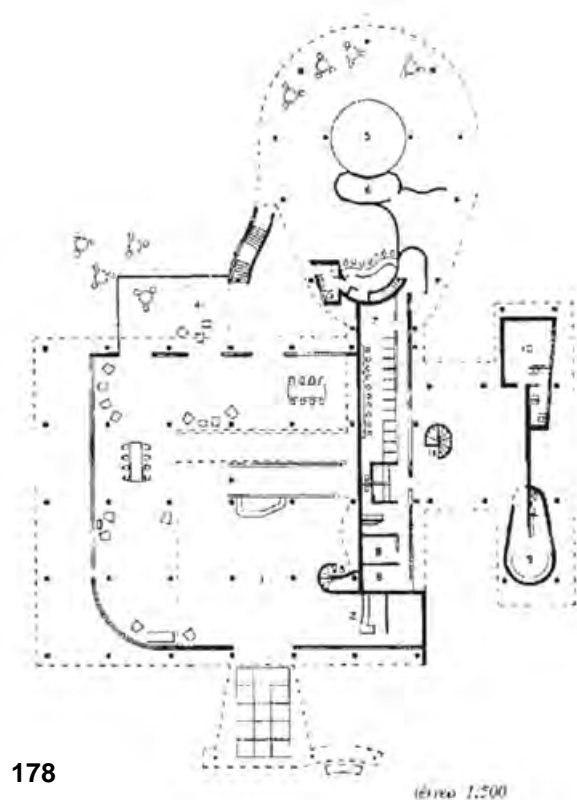


Figura 178: Cassino da Pampulha. Planta do térreo.

Figura 179: Cassino da Pampulha. Planta do pavimento superior.

Fonte: MINDLIN, Henrique E. Arquitetura moderna no Brasil. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999, p.190.

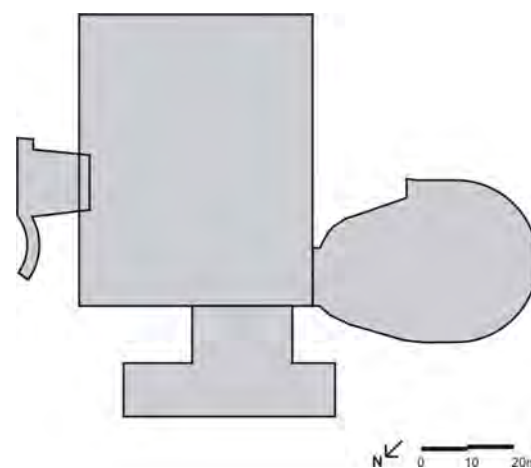
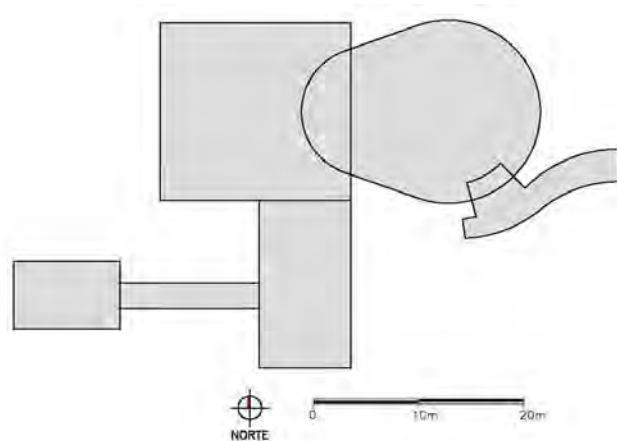


Figura 180: Esquema compositivo da SAPI.

Fonte: Autora.

Figura 181: Esquema compositivo do Cassino da Pampulha.

Fonte: Autora.

A SAPI tem em suas linhas as marcas da nova arquitetura. A produção carioca influenciou a prática dos jovens arquitetos formados pela também jovem Faculdade de Arquitetura do Instituto de Belas Artes. Elementos de uso constante na arquitetura moderna carioca como os grandes panos de vidro, os *brises*, os painéis de azulejo, as paredes de elementos vazados, as lajes de bordo sinuoso, os volumes em forma de ameba, os telhados borboleta, as esculturas e as obras de arte, entre outros, foram pinçados e incluídos nos projetos locais. A SAPI destaca-se neste sentido.

A cobertura em telhado borboleta do late Clube da Pampulha é usada por Luís Fernando Corona para dar uma leitura de continuidade entre os volumes. Do “V” que cobre a biblioteca, o estar e os jogos, prolonga-se um dos lados que cobre o avarandado e entra, com a mesma inclinação, na cobertura curvada dos vestiários (Figuras 182 e 183).



Figura 182: SAPI. Fachada Norte do conjunto.
Fonte: Prancha do concurso. Acervo pessoal Luiz Aydos.



Figura 183: SAPI. Fachada Sul do conjunto.
Fonte: Prancha do concurso. Acervo pessoal Luiz Aydos.

A experiência da laje curvada de cobertura dos vestiários tem como antecessores a Igreja da Pampulha (1943), o vestiário do Conjunto Residencial do Pedregulho (1950-52) e os volumes de vários terraços-jardins como o do projeto de Affonso Eduardo Reidy e Jorge Machado Moreira para o Edifício-Sede da Viação Férrea do Rio Grande do Sul. A parede vazada por círculos colocados intercalados é encontrada no projeto para uma unidade habitacional do Centro Tecnológico da Aeronáutica (1947), de Oscar Niemeyer. Aqui, ela foi usada pelo arquiteto para, ao mesmo tempo, marcar um eixo compositivo, sombrear a passarela de ligação entre os dois volumes e proteger os espaços semi-internos do bar e da biblioteca.

Lamentavelmente, a obra que foi construída pouco lembra o projeto vencedor. As modificações feitas para o projeto executivo, em função de uma complementação do programa de necessidades, já denunciavam uma perda compositiva em relação ao primeiro projeto. Porém, o edifício construído aprofunda essas perdas, de forma que hoje se encontra apenas um arremedo daquilo que se propunha a uma interessante releitura do Cassino da Pampulha (Figuras 184-187).

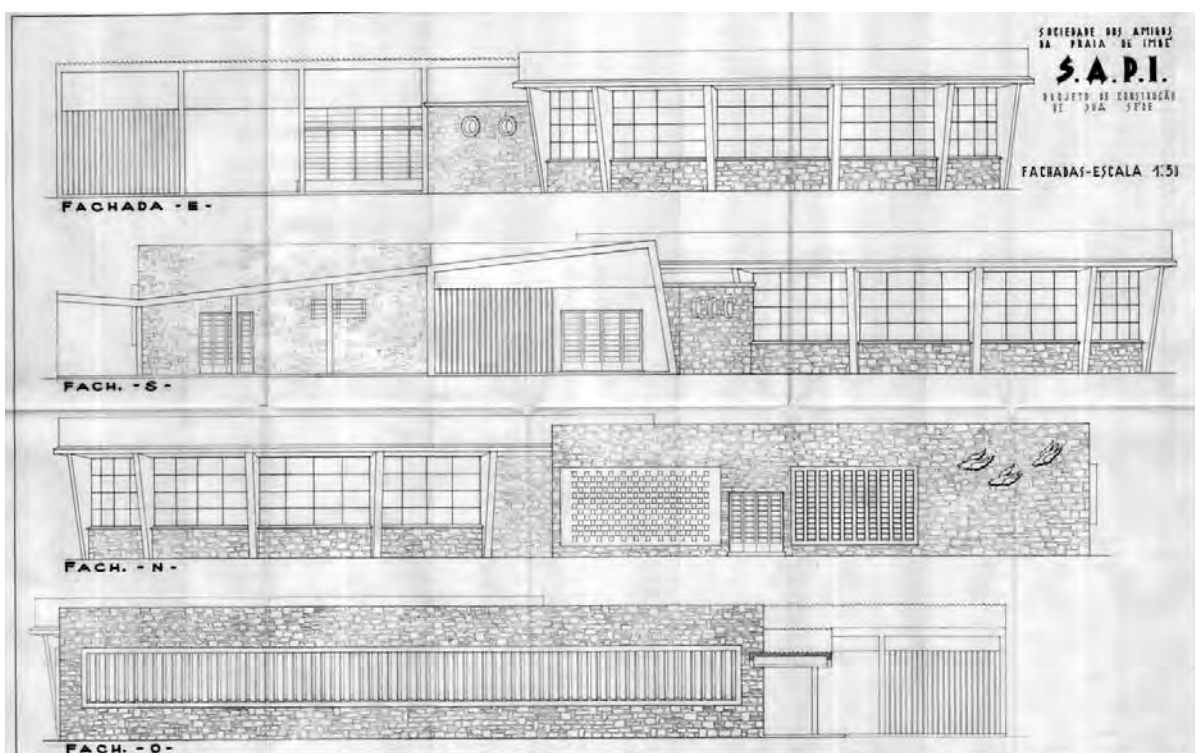


Figura 184: SAPI. Fachadas do Projeto Executivo.

Fonte: Acervo pessoal Luiz Aydos.



185



186



187

Figura 185: SAPI. Vista de uma parte da fachada do volume ovalado do salão de festas.

Fonte: Foto Cícero Alvarez.

Figura 186: SAPI. Vista da fachada sul.

Fonte: Foto Cícero Alvarez.

Figura 187: SAPI. Vista da fachada oeste.

Fonte: Foto Cícero Alvarez.

3.3.2 Fábrica de Sabonetes e Perfumaria Masi & Cia. Ltda.

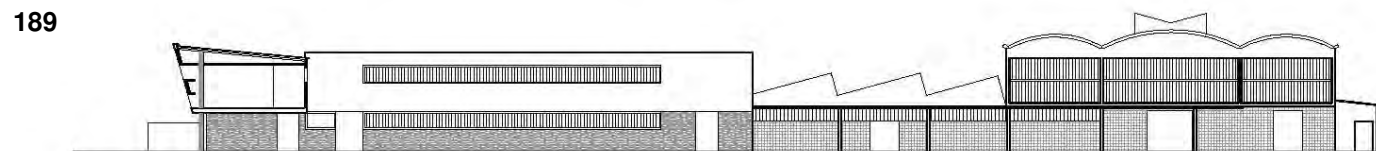
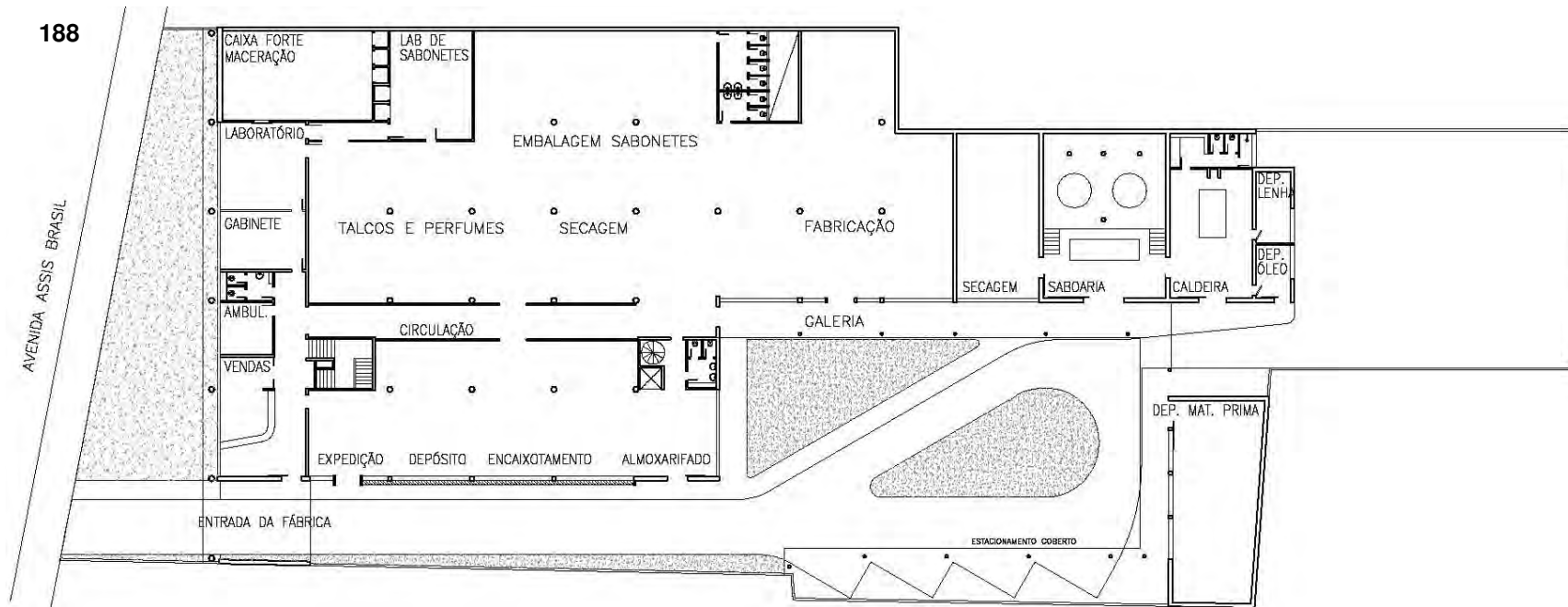
A Fábrica de Sabonetes e Perfumaria Masi & Cia. Ltda. é mais um projeto realizado por Luís Fernando Corona em parceria com seu pai, Fernando Corona, e faz parte de seus primeiros projetos. Parte do projeto foi encontrada no Arquivo do Instituto de Artes da UFRGS e pertence ao Acervo Fernando Corona; outra parte foi encontrada no Arquivo Municipal. A data do projeto é de abril de 1951.

O edifício localiza-se na Avenida Assis Brasil nº 319, no meio do quarteirão, e possui orientação norte. O alinhamento do terreno faz ângulo de aproximadamente 99º com a divisa leste; o restante do lote tem formato irregular. O bloco construído está implantado junto à divisa leste e afastado 4m do alinhamento, deixando livre a porção oeste do terreno (Figura 188).

A divisa leste orienta ortogonalmente todas as linhas do projeto, inclusive a modulação que possui intercolúnios de 6,00m no sentido longitudinal e 6,50m no sentido transversal ao terreno. A porção frontal do lote é ocupada por uma barra de dois pavimentos, cuja planta estende-se de um lado a outro do terreno e está modulada por seis intercolúnios de 6,50m. No pavimento térreo dessa barra, está o setor de vendas, ambulatório, sanitário, gabinete, laboratório, caixa-forte e o acesso coberto de pedestres e veículos através do intercolúquio junto ao limite oeste. No pavimento superior, estão a sala de exposições, diretoria, copa, sanitários, gabinete, laboratório e arquivo (Figura 190).

Perpendicular à barra frontal há outra barra de dois pavimentos, cuja planta é um retângulo com cinco intercolúnios de 6,00m por um intercolúquio de 6,50m. Dois núcleos de circulação vertical são adjacentes à face leste desta barra: um está localizado no encontro das duas barras e o outro, no extremo oposto da segunda barra. A face oeste está afastada da divisa permitindo o acesso de veículos até o estacionamento mais ao fundo do lote. No pavimento térreo da segunda barra, estão localizados o almoxarifado, o encaixotamento, o depósito e a expedição. No pavimento superior, a litografia.

O pavilhão da fábrica, propriamente dito, está limitado pelas duas barras e pela divisa leste. Esta área de produção ocupa oito intercolúnios de 6,00m por três intercolúnios de 6,50m e tem pé direito alto com iluminação feita por *sheds* voltados para sul (Figura 191).



0 1m 5m 10m

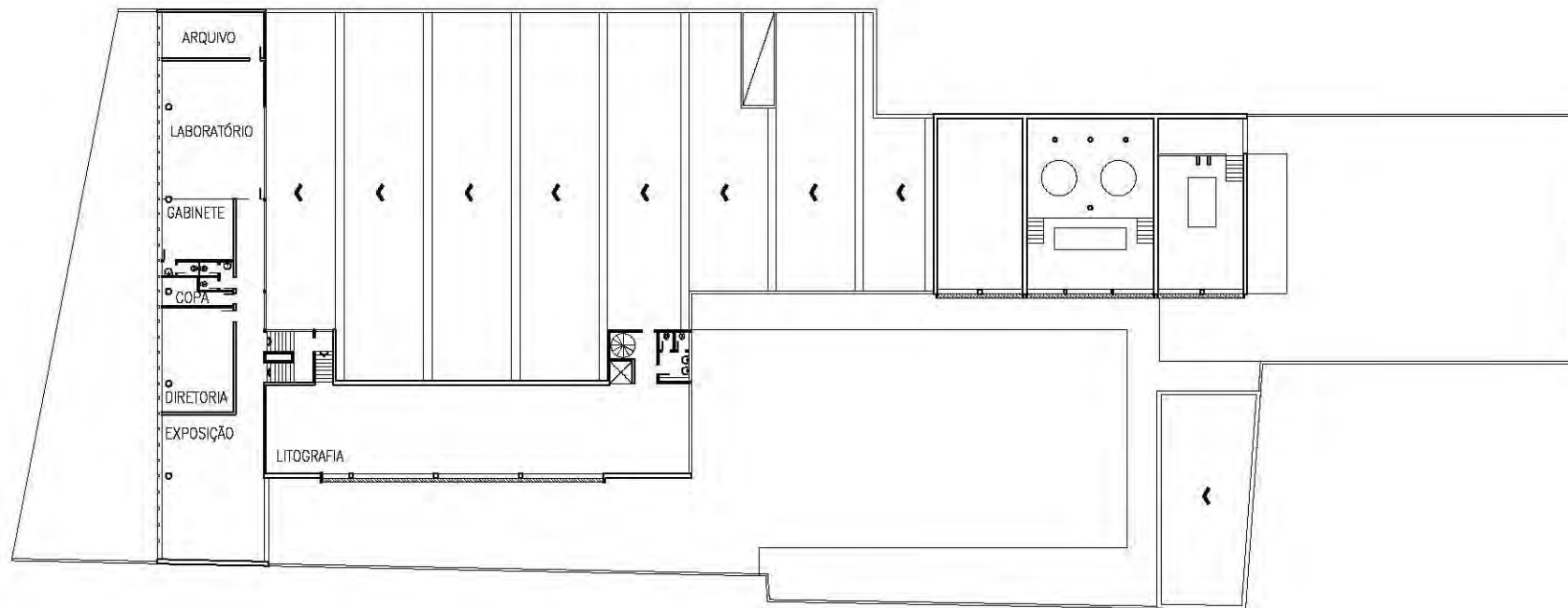


Figura 188: Masi & Cia. Ltda. Planta do pavimento térreo.

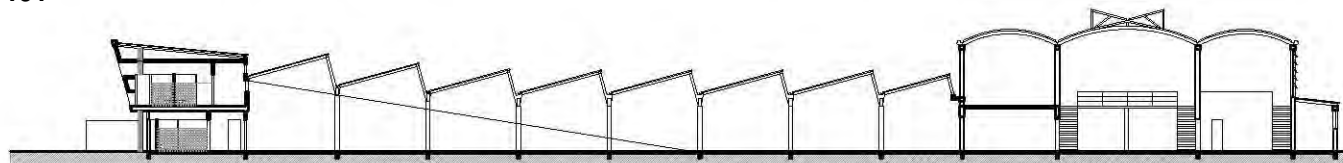
Figura 189: Masi & Cia. Ltda. Fachada lateral (oeste).

Fonte: Desenhos da Autora.

190



191



0 1m 5m 10m



Figura 190: Masi & Cia. Ltda. Planta do 2º pavimento térreo.

Figura 191: Masi & Cia. Ltda. Corte longitudinal.

Fonte: Desenhos da Autora.

Ao lado da área de produção, o bloco com cobertura em arcos e amplo pé direito contém a sala de secagem, a saboaria e a caldeira (Figura 188). O vão central, ocupado pela saboaria, possui 9,00m, enquanto a sala de secagem e a sala da caldeira têm vão de 6,00m. A galeria coberta por marquise apoiada em finas colunas é a continuação da circulação interna e faz o acesso à saboaria e ao depósito de matéria-prima, localizado em outro bloco, ao lado do estacionamento coberto.

A fachada principal apresenta, no pavimento térreo, sete colunas delgadas, levemente projetadas em relação ao plano da fachada (Figura 192). No intercolúnio da direita, acontece o acesso de veículos e pedestres. O intercolúnio da esquerda é completamente fechado com alvenaria de pedra, e os quatro restantes possuem janelas altas e alvenaria de tijolo revestida por cerâmica. As colunas do térreo sustentam o pequeno balanço do pavimento superior. O volume do pavimento superior apresenta leve inclinação sobre a rua e possui duas faixas de esquadrias intercaladas por duas faixas opacas e uma moldura de contorno. A fachada interna deste bloco frontal possui uma abertura na circulação e no laboratório, possibilitando uma vista abrangente da área de produção (Figuras 190 e 191).

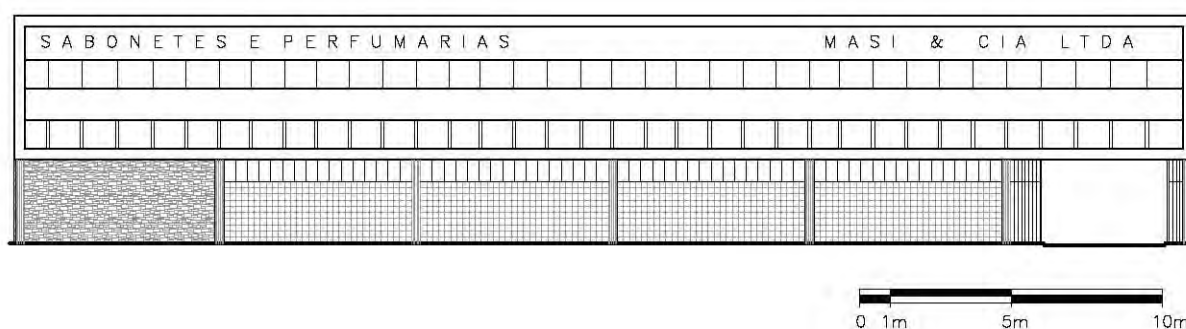


Figura 192: Masi & Cia. Ltda. Fachada principal.

Fonte: Desenho da Autora.

A fachada oeste (Figura 189) e o corte longitudinal (Figura 191) revelam vários tipos de coberturas pinçadas do vocabulário moderno (*sheds*, arcos, cobertura inclinada) e uma coleção de formas abstratas sem um princípio agregador claro. Assim, a barra com frente oeste tem, no pavimento térreo, alvenaria em pedra e, no pavimento superior, alvenaria rebocada. As aberturas nos dois pavimentos

estão alinhadas e são horizontais com *brises* verticais fixos. Recuada em relação a essa barra, está a fachada da área de produção coberta por *sheds*, com janelas altas e alvenarias revestidas por cerâmicas. No bloco ao lado, com dois pavimentos, a fachada do térreo é uma continuação da anterior. Os intercolúnios, diante da fachada, são marcados pelas colunas que sustentam a marquise da galeria coberta. No pavimento superior, as aberturas possuem *brises* verticais.

O edifício construído apresenta diferenças com relação ao projeto encontrado nos arquivos da Prefeitura e do Instituto de Artes. Algumas modificações são recentes, devido ao atual uso, e outras podem ser resultado de reformas anteriores ou, até mesmo, de alterações de projeto posteriores ao projeto apresentado na Prefeitura. Uma dessas modificações está na fachada principal, onde há cinco intercolúnios sobre os quais está o pavimento superior com sua fachada inclinada e emoldurada. A sexta parte da fachada, junto à divisa leste, foi resolvida com uma parede cega mais alta, contrapondo a horizontalidade da barra (Figuras 193 e 194). Na fachada oeste, a barra perpendicular à fachada principal não foi construída e a área de produção coberta por *sheds* avançou até a faixa de acesso de veículos (Figuras 195).



Figura 193 e 194: Masi & Cia. Ltda. Fachada principal.

Figura 195: Masi & Cia. Ltda. Fachada lateral.

Fonte: Fotos da Autora.

Destaca-se, no projeto, a presença de uma modulação capaz de controlar seu desenvolvimento, a estrutura portante e a disposição do programa. Contudo, ao contrário do que acontece na Unidade Industrial da SOTREQ (MMM Roberto, Rio de Janeiro, 1949), (Figura 196), e na Fábrica Duchon (Oscar Niemeyer, Guarulhos/ SP, 1950) (Figura 197), onde uma forma predominante caracteriza o pavilhão principal, na Masi, a adoção de diversas formas provoca uma certa desarticulação das partes.

Esta desarticulação não é percebida por quem olha a partir da avenida, que apresenta fachada unitária, mas é evidente na fachada lateral. No entanto, esta encomenda revela quão cedo a arquitetura moderna já conquistava clientes para temas industriais no Rio Grande do Sul.



Figura 196: Unidade Industrial do SOTREQ, 1949. MMM Roberto.

Fonte: Rio de Janeiro. Prefeitura Municipal. *Guia da arquitetura moderna no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal, 2000. p.120.



Figura 197: Fábrica Duches, 1950. Oscar Niemeyer.

Fonte: Foto Hans Günter Flieg. Disponível em: <http://site.pirelli.14bits.com.br/autores/38/obra/117>

3.3.3 Palácio da Justiça – Projeto do Concurso (1952)

Em 1949, um incêndio vitimou o antigo prédio do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, edifício gêmeo do Theatro São Pedro, projetado por Phillip von Normann, em 1848. Com sua sede destruída, a Justiça foi distribuída em diversos prédios até que um novo edifício fosse construído. O Palácio da Justiça de Porto Alegre é resultado de Concurso Público de anteprojetos, organizado pela Sociedade de Estado dos Negócios das Obras Públicas e realizado de maio a dezembro de 1952. O concurso ocorreu durante o segundo governo de Getúlio Vargas (1951-1954), quando o clima era de euforia e de grandes perspectivas de desenvolvimento e modernização, com investimentos maciços em obras de infra-estrutura urbana e de arquitetura. Favorecidos por tal cenário, os concursos para projetos e para execução de edifícios públicos ocupavam as páginas do Diário Oficial do Estado⁷⁵ (MELLO; ALVAREZ; ROSINHA, 2007).

O edital para o concurso do Palácio da Justiça foi publicado no Diário Oficial do dia 30 de maio de 1952, dando início ao processo que ergueria a nova sede do poder judiciário estatal. O terreno para o projeto é o mesmo quarteirão outrora ocupado pelo antigo prédio do Tribunal de Justiça. Um segundo edital, publicado em 13 de agosto de 1952, traz o programa de necessidades e salienta que “na elaboração dos anteprojetos, os concorrentes terão toda a liberdade de propor as soluções que julgarem acertadas e convenientes para o PALÁCIO DA JUSTIÇA”⁷⁶ (DO, 1952), desde que algumas diretrizes, como a monumentalidade da entrada principal do edifício, a instalação do Foro nos primeiros pavimentos e do Tribunal de Justiça no último, e o aproveitamento da declividade do terreno, com áreas de apoio e serviço, entre outras, sejam observadas.

A Comissão Julgadora do concurso do Palácio da Justiça era formada pelo Desembargador Afonso Celso Soares Pereira, representante do Tribunal de Justiça, pelo Arquiteto Demétrio Ribeiro, representante do IAB-RS, pelo Engenheiro Júlio Ribeiro de Castilhos, representante do SERGS, por um membro da Secretaria de

⁷⁵ MELLO, Bárbara; ALVAREZ, Cícero; ROSINHA, Rodrigo B. Palácio da Justiça de Porto Alegre: a longa espera pelo fim, 1952-2006. O projeto de Recuperação, Restauração e Readequação do ícone da Arquitetura Moderna de Porto Alegre. In: SEMINÁRIO DOCOMOMO, 7., 2007 out. 22-23, Porto Alegre, RS. *O moderno já passado | o passado no moderno* [recurso eletrônico]. Porto Alegre: PROPAR-UFRGS, 2007. arquivo 009.pdf

⁷⁶ Diário Oficial. Edital nº15. 13 de agosto de 1952.

Obras do Estado e por um representante escolhido pelos concorrentes. Os anteprojetos foram entregues em 10 de outubro de 1952, e o resultado foi divulgado em 4 de dezembro⁷⁷ do mesmo ano, premiando, em terceiro lugar, o projeto de pseudônimo *Plano Alpha*, dos engenheiros-arquitetos Plínio de Oliveira Almeida e Naum Turquenitch; em segundo lugar, foi classificado o projeto *Júris Lex*, dos engenheiros civis e arquitetos formados pelo IBA, Alfredo Leboutte e Mário José Correa; e, em primeiro lugar, foi premiado o projeto *Licurgo*, de autoria de Luís Fernando Corona em parceria com a firma Barcelos & Cia e co-autoria com o acadêmico Carlos Maximiliano Fayet⁷⁸, na época coordenador do Escritório de Projetos da Barcellos & Cia. A premiação ocorreu no auditório do Jornal Correio do Povo, em 9 de dezembro de 1952, durante uma exposição de treze projetos que concorreram nos concursos para o Palácio da Justiça e para o Colégio Estadual Júlio de Castilhos.

Dos projetos para o Palácio da Justiça, apenas cinco propostas que concorreram foram encontradas e estão no acervo do Memorial do Judiciário do Estado do Rio Grande do Sul. São elas: *Arquilex*, *Grado*, *Themis*, *Plano Alpha* e *Licurgo*. Desses projetos, somente os premiados, *Plano Alpha* e *Licurgo*, possuem autoria conhecida.

O concurso para o Palácio da Justiça proporcionou um debate sobre as várias manifestações de arquitetura típicas da época. Os projetos apresentados assinalavam também a diferença de formação oferecida pelos cursos de arquitetura do IBA e da Escola de Engenharia, exemplificados pelas propostas *Licurgo* e *Plano Alpha*.

Alvarez (2006), em seu artigo “Palácios de Papel: projetos remanescentes do Concurso de Anteprojetos para o Palácio da Justiça de Porto Alegre”⁷⁹, apresenta os anteprojetos concorrentes com base no material encontrado de cada um. A proposta intitulada *Themis*, de ‘ares modernistas’ e autor desconhecido, implanta um edifício em “L”, voltado para a Praça da Matriz e para a Rua Espírito Santo, com colunas de dupla altura na base, nove pavimentos e um coroamento que também reúne dois pavimentos de altura (Figura 198). Um volume com a altura da base, voltado para a

⁷⁷ Jornal Correio do Povo de 5 de dezembro de 1952.

⁷⁸ Carlos Maximiliano Fayet diplomou-se em 25 de dezembro de 1953.

⁷⁹ ALVAREZ, Cícero. *Palácios de Papel: projetos remanescentes do Concurso de Anteprojetos para o Palácio da Justiça de Porto Alegre*. In Porto Alegre de papel: avenida e praça (1910-1980). ABREU, Sílvio Belmonte de (Org.); CALOVI PEREIRA, C. (Org.). Porto Alegre: PROPARG - UFRGS, 2006. v.1. Não-publicado.

Rua General Câmara, completa o quarteirão (Figura 199). A proposta de pseudônimo *Grado* é um volume inteiriço, desde o térreo, que ocupa todo o quarteirão. O edifício é simétrico, de estilo *déco* clássico e com esculturas na fachada principal, voltada para a Praça da Matriz. As perspectivas das propostas *Arquilex* (Figura 200) e *Plano Alpha* (Figura 201) não foram encontradas, contudo as plantas e as fachadas permitem a compreensão desses projetos. Segundo Alvarez (2006):

Arquilex apresenta uma filiação que pode ser considerada moderna, mas o conjunto resultante é desarmonioso, o edifício possui pilotis muito esbeltos e desproporcionais, há uma falta de hierarquia clara entre os diversos volumes que constituem o volume. (...) O projeto Plano Alfa (...) apresenta uma filiação que pode ser considerada moderna, mas suas fachadas permitem diferentes leituras de filiação. A fachada tripartida da Rua Riachuelo pode ser associada ao estilo Art Deco ou às obras de Marcello Piacentini e Arnaldo Gladosh, a fachada voltada para a Praça da Matriz pode ser lida como influência da Escola Carioca ou de Le Corbusier apesar da excessiva ênfase no eixo longitudinal, já as bandas laterais sugerem a influência de Erich Mendelsohn.⁸⁰

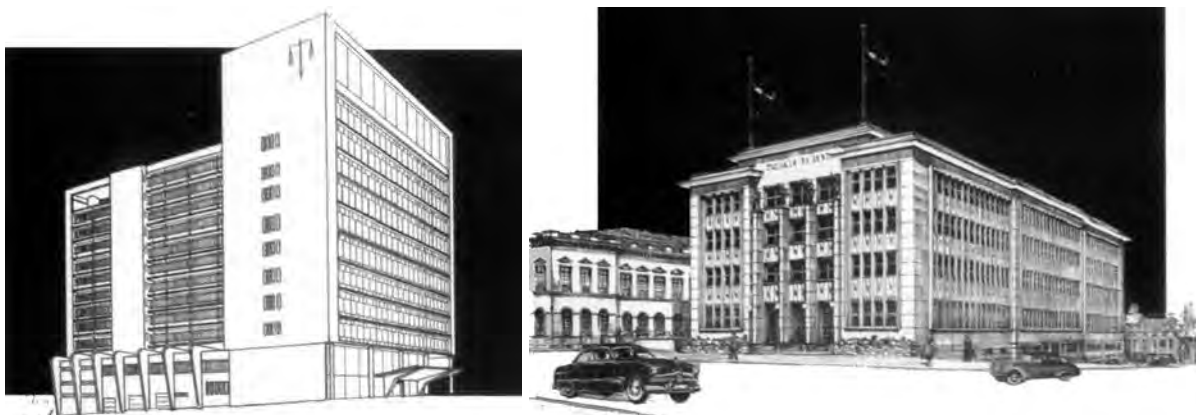


Figura 198: Palácio da Justiça. Proposta apresentada pela equipe “Themis”.

Figura 199: Palácio da Justiça. Proposta apresentada pela equipe “Grado”.

Fonte: *As Sedes do Tribunal*. Memorial do Judiciário do Rio Grande do Sul. Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul.



Figura 200: Palácio da Justiça. Proposta apresentada pela equipe “Arquilex”.

Fonte: Acervo do Memorial do Judiciário do Rio Grande do Sul.

⁸⁰ Ibidem.

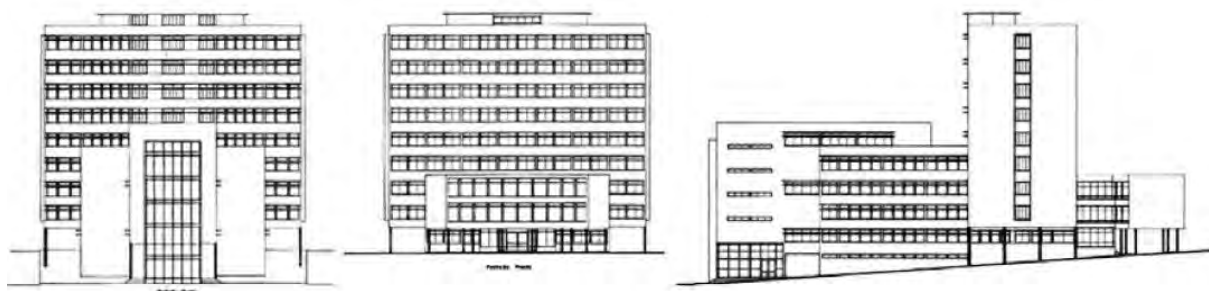


Figura 201: Palácio da Justiça. Proposta apresentada pela equipe “Plano Alpha”.

Fonte: Acervo do Memorial do Judiciário do Rio Grande do Sul.

O projeto Licurgo, de Luís Fernando Corona e Carlos Maximiliano Fayet propõe, como está definido pelos autores no memorial descritivo, um volume simples, pouco alto, em harmonia com os outros edifícios públicos do local e com a possibilidade de apresentar um caráter monumental, preservando a predominância da frente para a praça (Figura 202). O edifício é um monobloco de planta retangular, que ocupa integralmente o terreno, trazendo as seguintes vantagens destacadas pelos autores: maior área útil por pavimento e, conseqüentemente, menor altura; volume simples, ocupando a totalidade da quadra (conferindo senso de monumentalidade); e maior superfície de frente para a praça, possibilitando torná-la, realmente, a frente principal, sem prejuízo da regularidade da forma. Os autores ainda explicam que, dadas as dimensões e a posição do terreno, não seria possível obter uma orientação solar perfeita para o bloco, sendo necessário resolver o problema de insolação por meio de quebra-sóis.⁸¹

O volume projetado é composto por subsolo, térreo e galeria, cinco pavimentos-tipo e dois pavimentos especiais com terraços. O paralelepípedo com sete pavimentos sobre pilotis de dupla altura tem empenas cegas para norte e sul e, fachadas envidraçadas para leste e oeste. O volume do subsolo parte da cota mais alta do terreno, junto à elevação sul, voltada para a Praça da Matriz, absorvendo o desnível de praticamente 5m do terreno e criando uma base plana para assentar o novo edifício. O subsolo é ocupado por garagens, arquivo geral, sala da guarda e dos réus e sala de máquinas, como sugeria o programa (Figura 207). Sobre o volume do subsolo, no pavimento térreo, a colunata com dupla altura confere

⁸¹ Projeto vencedor. Prancha com o Memorial Descritivo do projeto. Acervo do Memorial do Judiciário do Estado do Rio Grande do Sul.

monumentalidade à frente do edifício, marcando o acesso principal e fazendo do pórtico um centro de interesse e movimentação (Figura 202 e 208).

Como um todo, o Palácio tem 25m de largura, 64,40m de comprimento e altura aproximada de 37m na fachada sul. A área total construída é de 15.100,00m². A base, formada por térreo e mezanino, tem altura de 7,50m e é marcada pelos pilares ovalados com dimensões de 0,60m por 1,20m. Os pavimentos, no corpo do edifício, têm altura livre de 3,50m, e as lajes, 0,40m de espessura. A estrutura independente está organizada de forma ortogonal, com sete intercolúnios longitudinais, cada um medindo 8,40m, e três transversais, cada um com 7m, resultando em uma modulação 'clássica', com quatro colunas frontais e oito laterais.

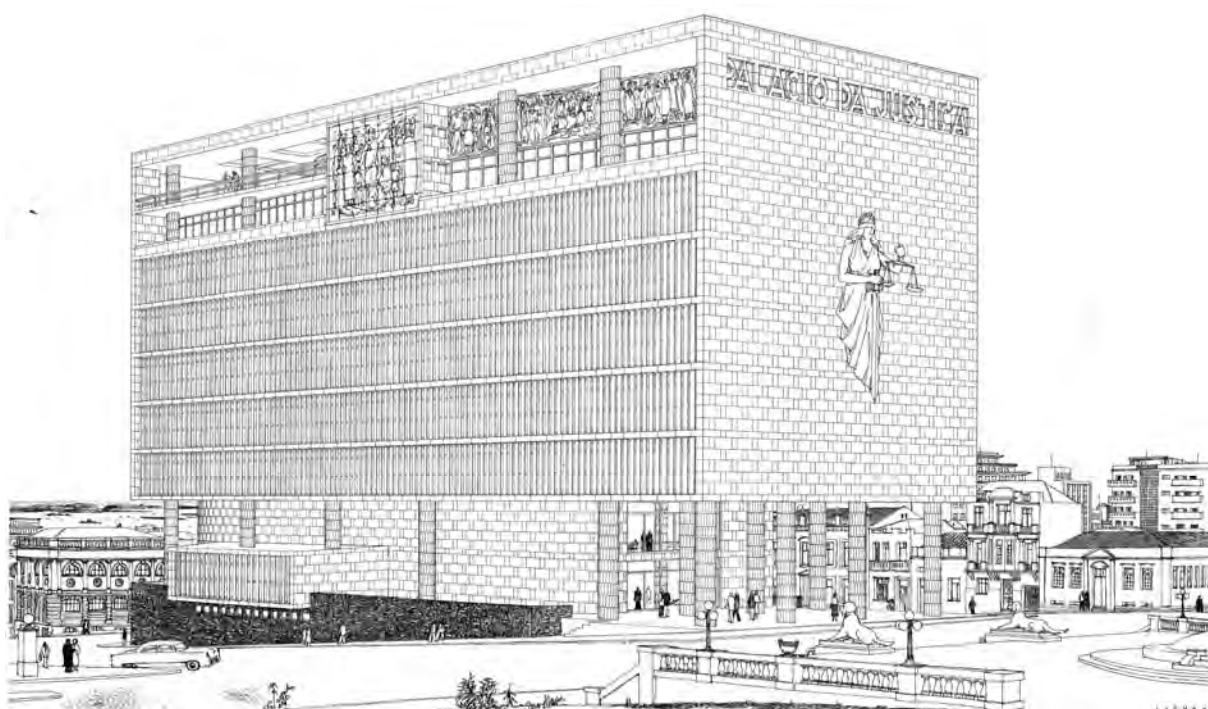


Figura 202: Palácio da Justiça. Perspectiva do Palácio da Justiça apresentada no concurso de anteprojetos de 1952.

Fonte: Acervo do Memorial do Judiciário do Estado do Rio Grande do Sul.

O Palácio da Justiça é o primeiro edifício institucional público em estilo moderno, a ser construído no centro de Porto Alegre⁸². Em sua composição, comparecem os cinco pontos da nova arquitetura de Le Corbusier (1926): planta livre, fachada livre, estrutura independente, terraço-jardim e janelas em fita. A notável modernidade do edifício criava um fato novo na Praça da Matriz, até então marcada por edifícios institucionais neoclássicos ou ecléticos. O Palácio da Justiça introduziu uma nova escala e um novo estilo na área da Praça.

Alguns destaques na composição do edifício mostram o entendimento da nova arquitetura por parte dos autores, permitindo-lhes manipular elementos pertencentes ao repertório modernista. No Palácio da Justiça, é marcante o contraste entre o volume geométrico puro e seus *pilotis* térreos assentados em base rústica (revestida em pedra), que regulariza o assentamento no terreno. O pórtico de dupla altura, com oito colunas, assinala monumentalmente a entrada, com elegante solução de escadas escavadas na plataforma. Este nível apresenta um jogo curioso entre a marcação regular da grelha colunar e o perfil sinuoso do volume negro em recuo, que desde a parte posterior avança em relação às colunas externas, chega a envolver duas delas e, em seguida, libera a frente do térreo para conformar o pórtico de acesso. No corpo do edifício, destaca-se a vigorosa expressão de abstração nas cinco faixas longitudinais da fachada oeste coberta por *brises* (Figura 206). A demarcação clara de um coroamento distinto e virtuoso plasticamente, mas inserido no volume do corpo principal, ao contrário da arquitetura carioca, é revelada pelo tratamento com painéis em relevo e terraços no 6º e 7º pavimentos, nas fachadas leste e oeste (Figuras 205 e 206).

Na fachada sul, o plano cego com 25m de largura por, aproximadamente, 28,50m de altura valoriza a colunata da entrada. A escultura da deusa Themis, colocada no eixo vertical desta fachada, possui cerca de 11,70m de altura e o letreiro com a inscrição 'Palácio da Justiça' (com altura de 2,10m) marca a terminação desta fachada (Figura 203).

A fachada norte revela-se mais alongada que a sul, devido ao volume do subsolo que corrige a declividade do terreno e ultrapassa o nível do piso do térreo em 0,95m, formando um peitoril. No térreo (Figura 208), vê-se o volume curvo do Tribunal do Júri, ladeado por duas colunas e por dois volumes que saem em balanço

⁸² Precedido, fora do centro, pela Estação de Passageiros do Aeroporto Salgado Filho, projeto de Nelson Souza, 1950.

em relação à base feita pelo subsolo. No volume superior, outra vez a fachada é cega, e sua terminação esta marcada por um rasgo horizontal na altura do 7º pavimento, onde aparecem as duas colunas centrais que, juntamente com as demais, sustentam a laje de cobertura do terraço do restaurante. Do terraço, avista-se a cidade e o Lago Guaíba (Figura 204).

As fachadas leste e oeste (Figuras 205 e 206) mostram o desnível existente no terreno e a base formada pelo subsolo para acomodar o térreo do edifício. As duas fachadas são bastante parecidas na composição geral. No pavimento térreo, a seqüência de oito colunas não é percebida inteiramente nas fachadas, pois algumas são envolvidas pelo volume sinuoso que contém as atividades deste pavimento. Os volumes em balanço, das salas de apoio ao Tribunal do Júri, são retângulos com 4,50m de altura e 16,20m de largura, aproximadamente, fechados por esquadrias e por *brises* verticais. Esses volumes em projeção, parte debruçados sobre a base de pedra e parte projetados desde o volume sinuoso do térreo, reforçam o tema da complexidade da articulação de episódios volumétricos dentro de um quadro de ordem. Abaixo desses volumes, em ambos os lados, uma série de treze janelas retangulares e pequenas ventila as salas localizadas no subsolo. As escadas, nessas duas fachadas, marcam o fim do subsolo e o acesso ao pórtico de entrada no térreo.

Na fachada leste acontece a entrada do subsolo e, no térreo, surge uma esquadria de altura integral, centralizada em relação à extensão da fachada, atrás da qual está a escada monumental em espiral. Acima do nível dos *pilotis*, os cinco pavimentos-tipo, correspondentes ao corpo do edifício, são emoldurados pelas lajes e pelo topo das paredes das fachadas norte e sul, sendo fechados com esquadrias em fita da altura do pavimento. As esquadrias estão colocadas à frente dos pilares e possuem modulação de 1,20m, submúltiplo do intercolúnio de 8,40m. O rigor e o controle presentes em todas as partes do projeto são encontrados também na estereotomia das fachadas, onde o revestimento em granito é modulado, coincidindo com as medidas de altura, comprimento e largura dos pavimentos e das lajes.

Os dois últimos andares (Figuras 214 e 215) são ocupados pelo Tribunal Pleno, Câmara Cível e Criminal (6º andar) e pelo restaurante e terraço (7º andar). O tratamento dado a esses pavimentos caracteriza o coroamento do edifício. Tal como na base, onde ocorre um jogo de recuos e projeções, o coroamento introduz uma diversificação em relação aos cinco pavimentos regulares que o antecedem. As

colunas voltam a aparecer na fachada, três de cada lado do painel em relevo, posicionado no centro do coroamento, que é composto por 54 módulos de 1,25m x 1,25m, totalizando 7,50m de altura por 11,25m de largura. Do lado esquerdo do painel, na fachada leste, onde está localizado o Tribunal Pleno, com pé direito duplo, as três colunas aparecem inteiras e atrás delas estão as esquadrias do 6º andar, que dão acesso ao terraço, também com dupla altura. Sobre as esquadrias, painéis em relevo fazem o fechamento desse plano. Do lado direito do painel, nessa mesma fachada, as três colunas são interrompidas pela laje do 7º pavimento, onde está o terraço do restaurante. No pavimento abaixo, a esquadria atrás das colunas separa o terraço da área das câmaras cível e criminal. Na fachada oposta, a solução adotada é a mesma, exceto pelo térreo, onde não há nenhum tipo de abertura e, do 1º ao 5º pavimento, onde há a presença dos *brises* verticais móveis em alumínio para o controle da insolação oeste.

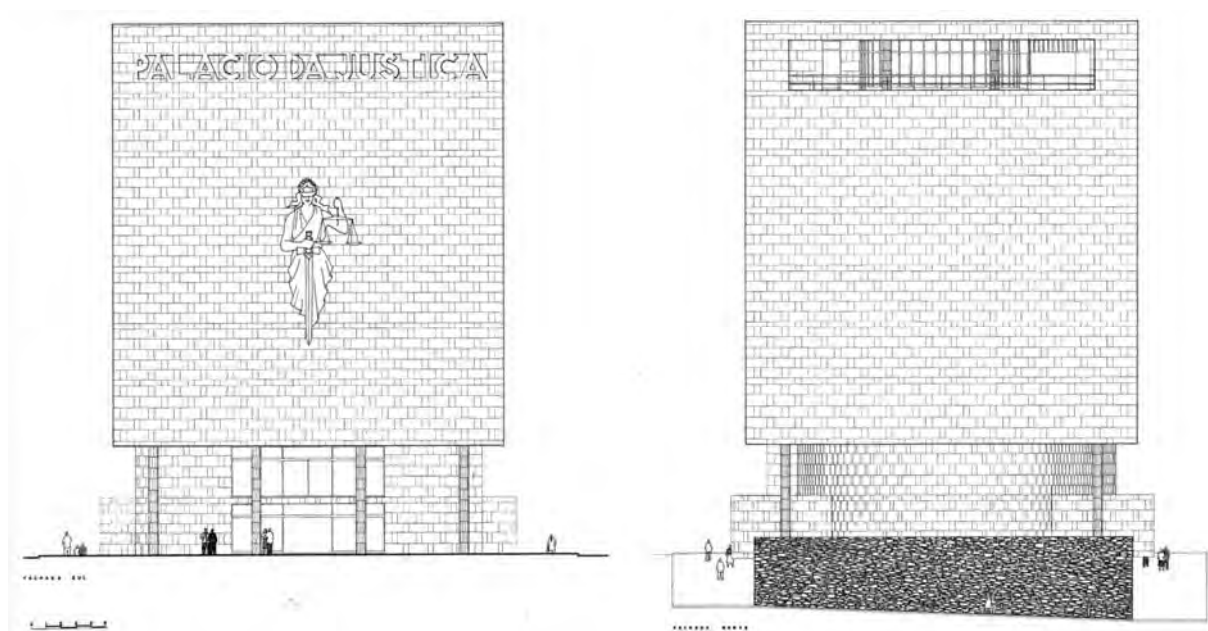


Figura 203: Palácio da Justiça. Fachada Sul. Projeto de 1952.

Figura 204: Palácio da Justiça. Fachada Norte. Projeto de 1952.

Fonte: Acervo do Memorial do Judiciário do Estado do Rio Grande do Sul.

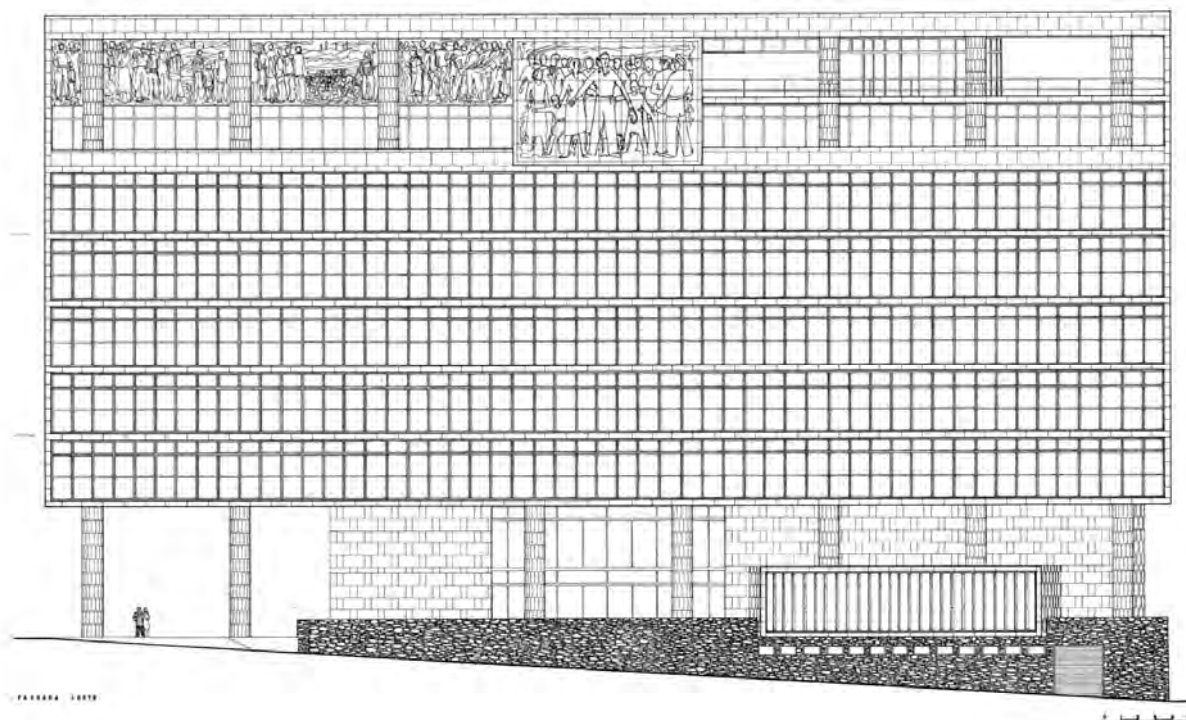


Figura 205: Palácio da Justiça. Fachada Leste. Projeto de 1952.
Fonte: Acervo do Memorial do Judiciário do Estado do Rio Grande do Sul.

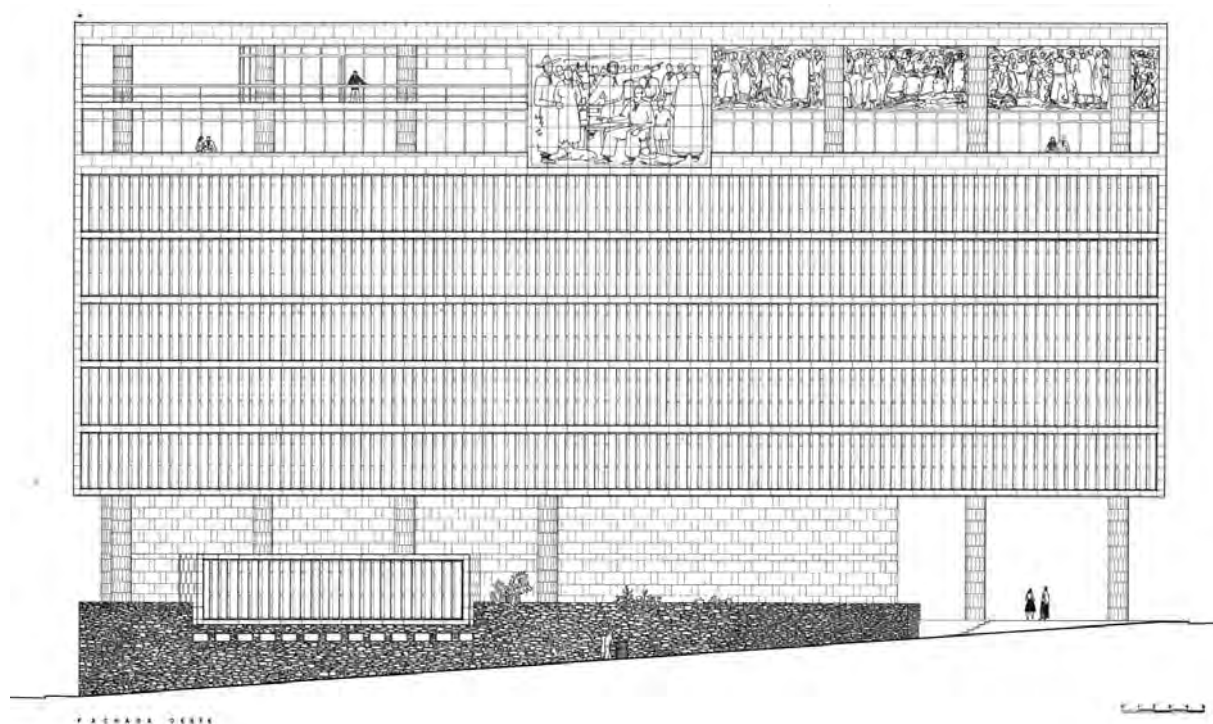


Figura 206: Palácio da Justiça. Fachada Oeste. Projeto de 1952.
Fonte: Acervo do Memorial do Judiciário do Estado do Rio Grande do Sul.

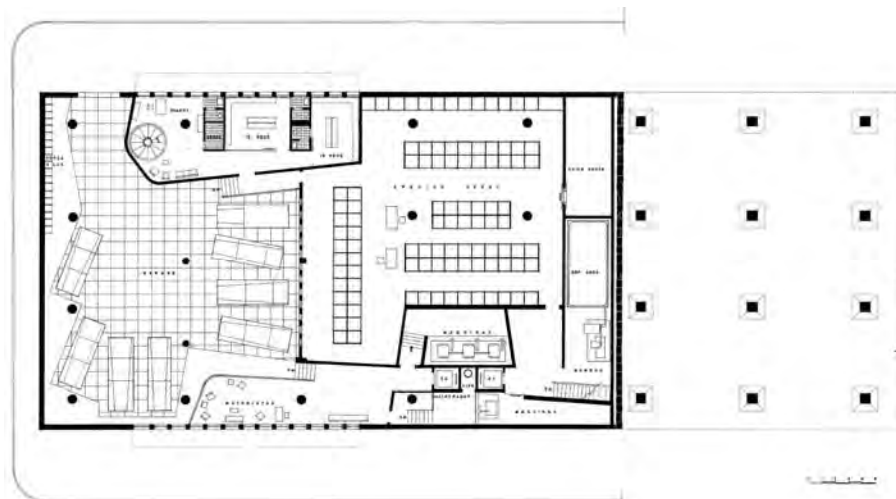


Figura 207: Palácio da Justiça. Planta do subsolo. Projeto de 1952.
 Fonte: Acervo do Memorial do Judiciário do Estado do Rio Grande do Sul.

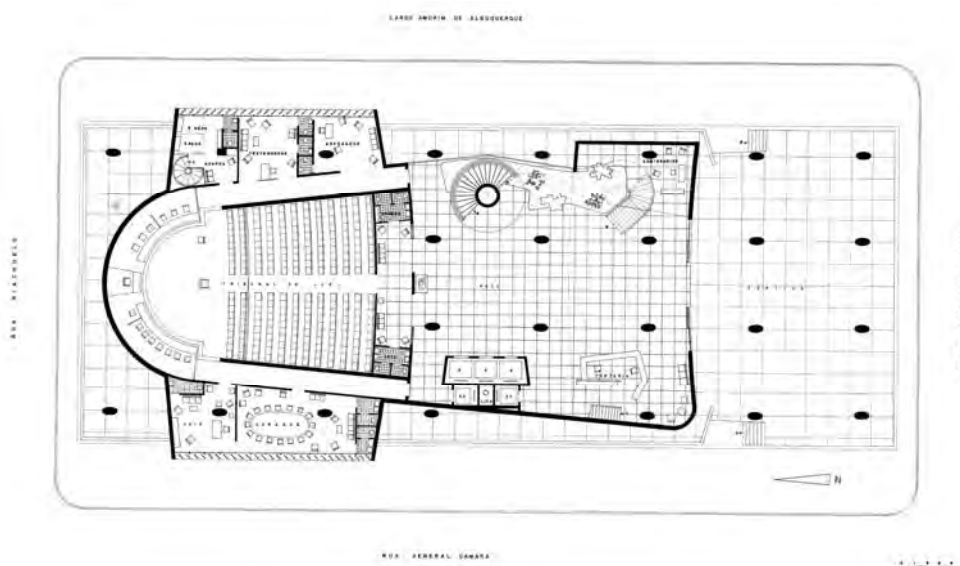


Figura 208: Palácio da Justiça. Planta do pavimento térreo. Projeto de 1952.
 Fonte: Acervo do Memorial do Judiciário do Estado do Rio Grande do Sul.

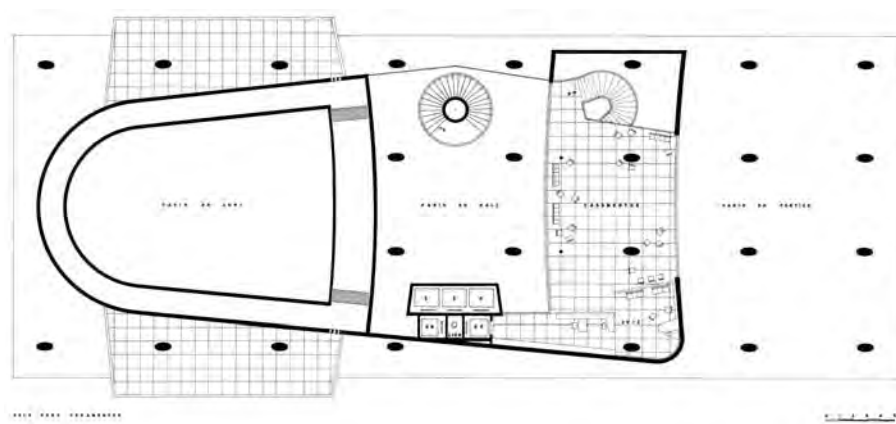


Figura 209: Palácio da Justiça. Planta da galeria. Projeto de 1952.
 Fonte: Acervo do Memorial do Judiciário do Estado do Rio Grande do Sul.

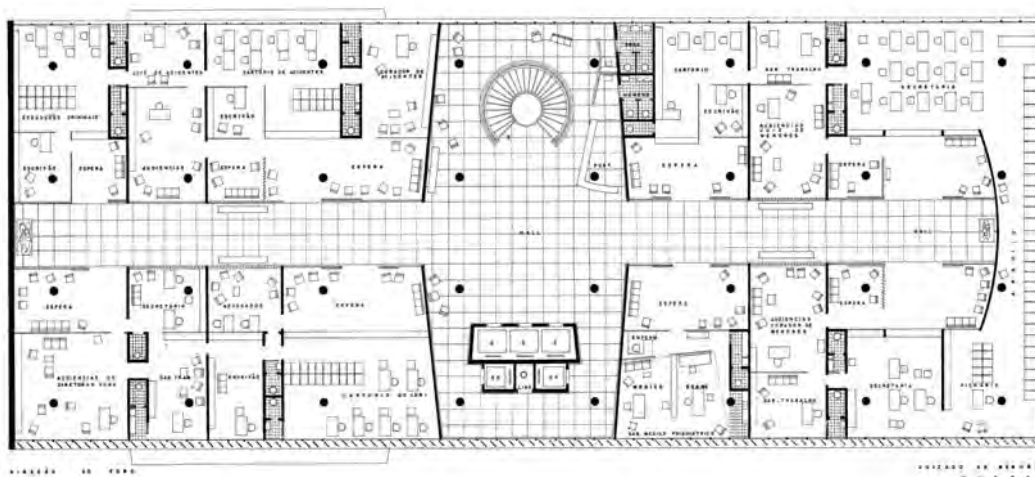


Figura 210: Palácio da Justiça. Planta do 1º pavimento. Direção do Fôro e Juizado de Menores. Projeto de 1952.

Fonte: Acervo do Memorial do Judiciário do Estado do Rio Grande do Sul.

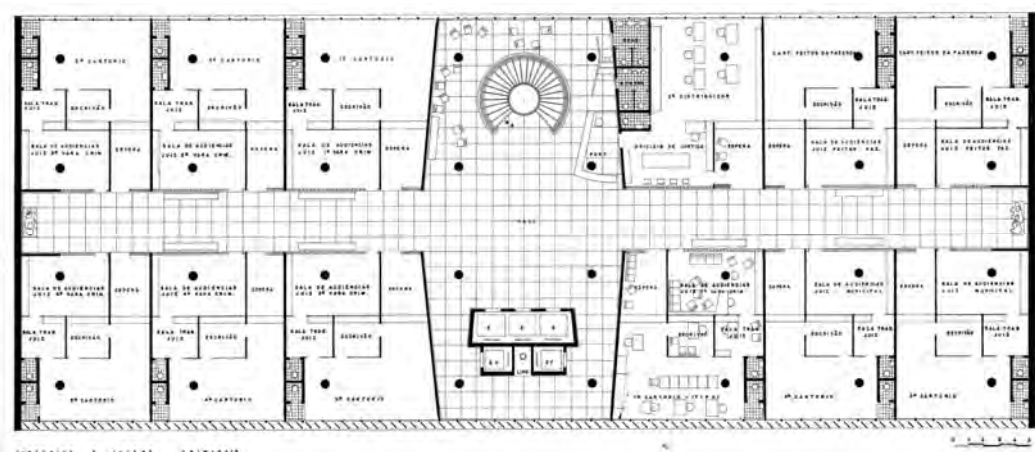


Figura 211: Palácio da Justiça. Planta do 2º e 3º pavimentos. Cartório e Juizes Criminal e Cível, respectivamente. Projeto de 1952.

Fonte: Acervo do Memorial do Judiciário do Estado do Rio Grande do Sul.

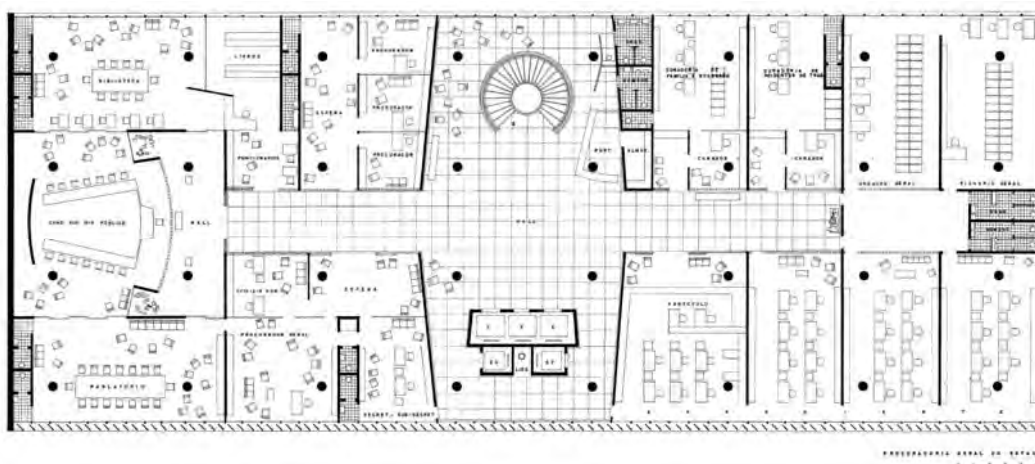


Figura 212: Palácio da Justiça. Planta do 4º pavimento. Procuradoria Geral do Estado. Projeto de 1952.

Fonte: Acervo do Memorial do Judiciário do Estado do Rio Grande do Sul.

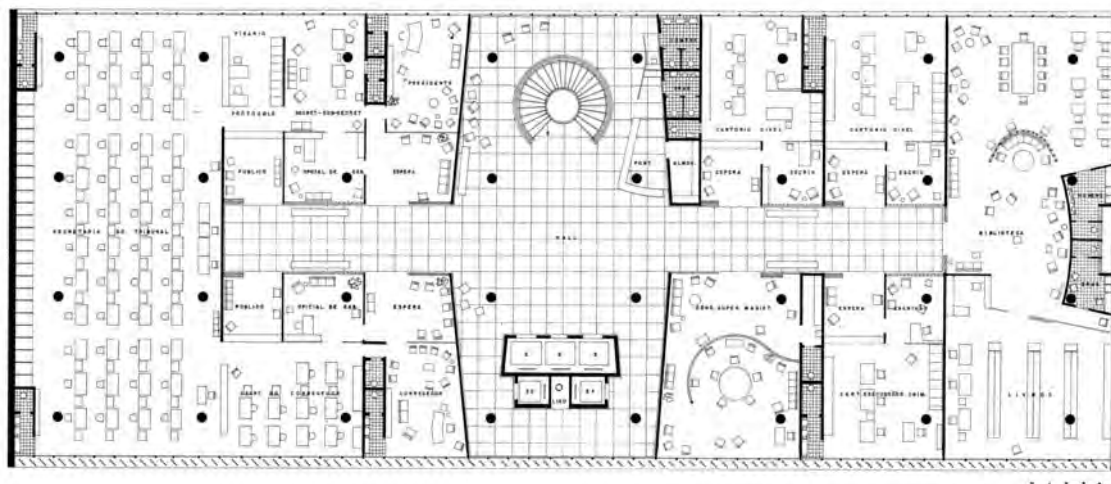


Figura 213: Palácio da Justiça. Planta do 5º pavimento. Projeto de 1952.
 Fonte: Acervo do Memorial do Judiciário do Estado do Rio Grande do Sul.

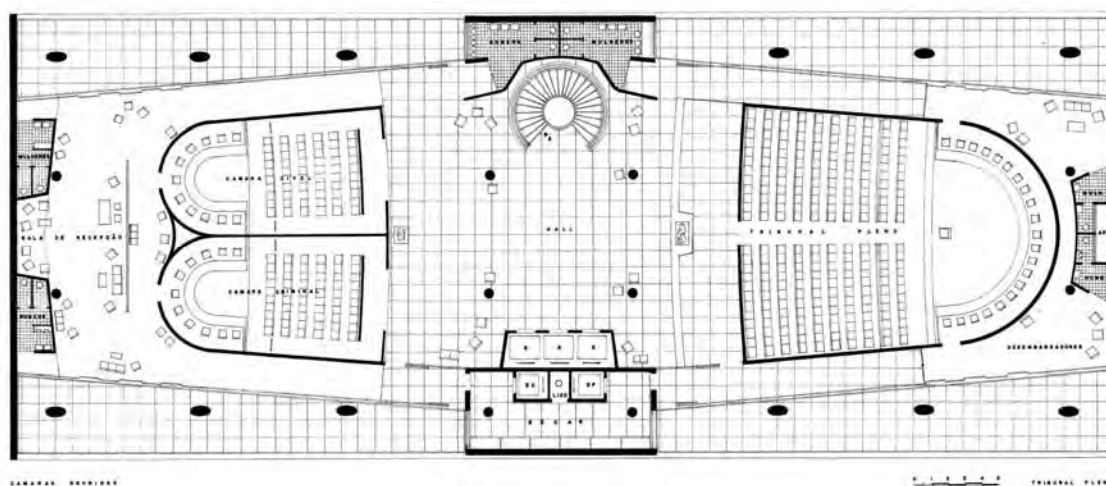


Figura 214: Palácio da Justiça. Planta do 6º pavimento. Câmaras Reunidas e Tribunal Pleno. Projeto de 1952.
 Fonte: Acervo do Memorial do Judiciário do Estado do Rio Grande do Sul.

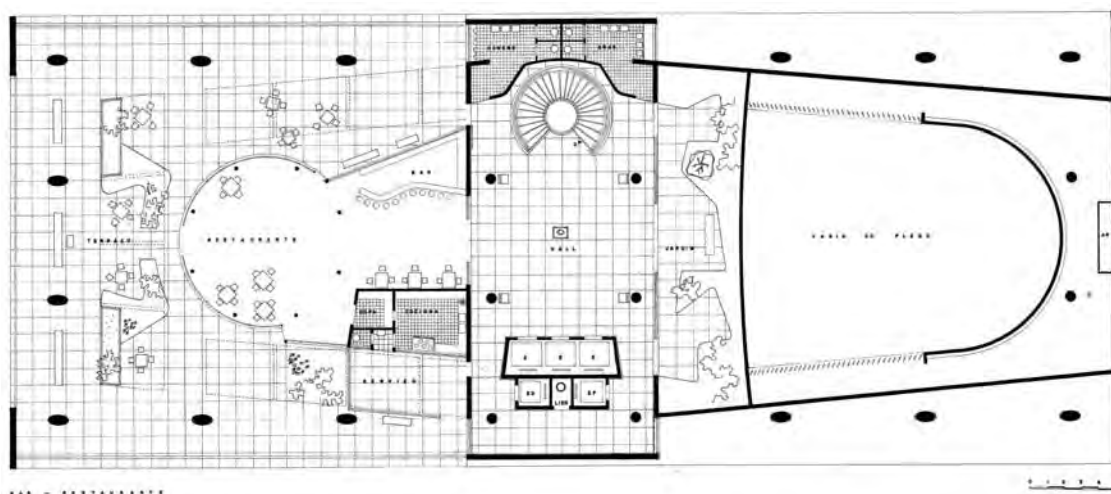


Figura 215: Palácio da Justiça. Planta do 7º pavimento. Bar e Restaurante. Projeto de 1952.
 Fonte: Acervo do Memorial do Judiciário do Estado do Rio Grande do Sul.

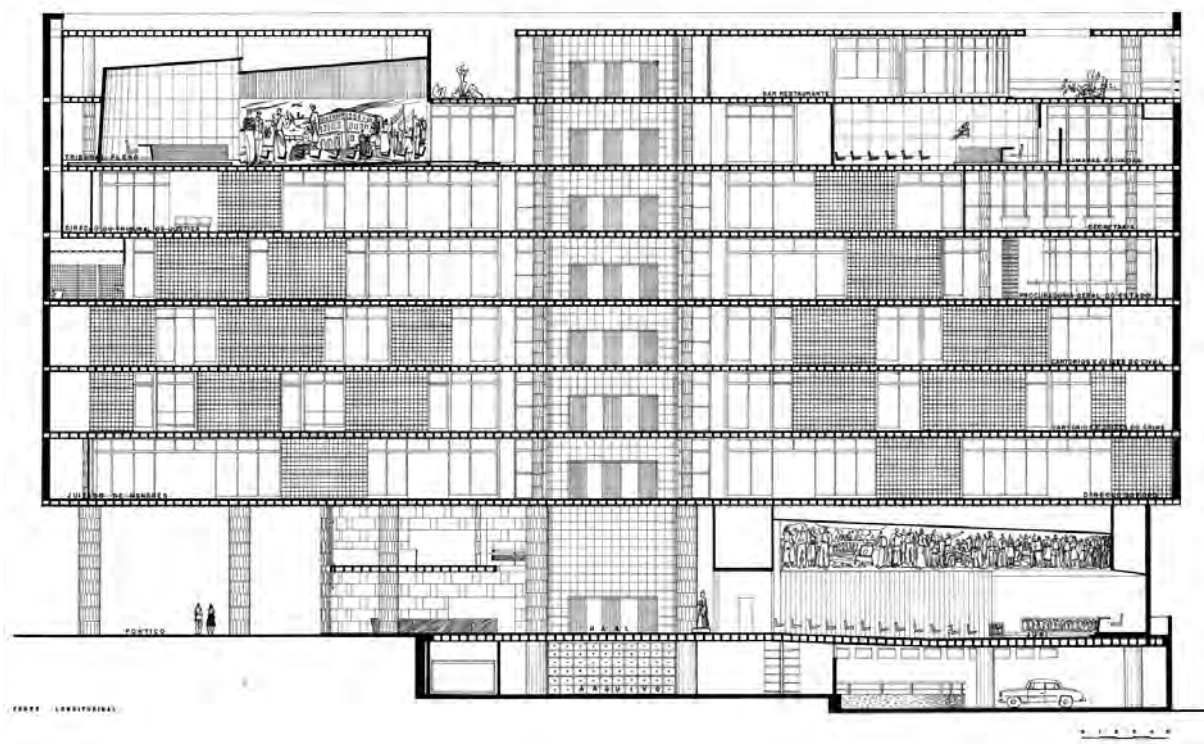


Figura 216: Palácio da Justiça. Corte longitudinal. Projeto de 1952.

Fonte: Acervo do Memorial do Judiciário do Estado do Rio Grande do Sul.

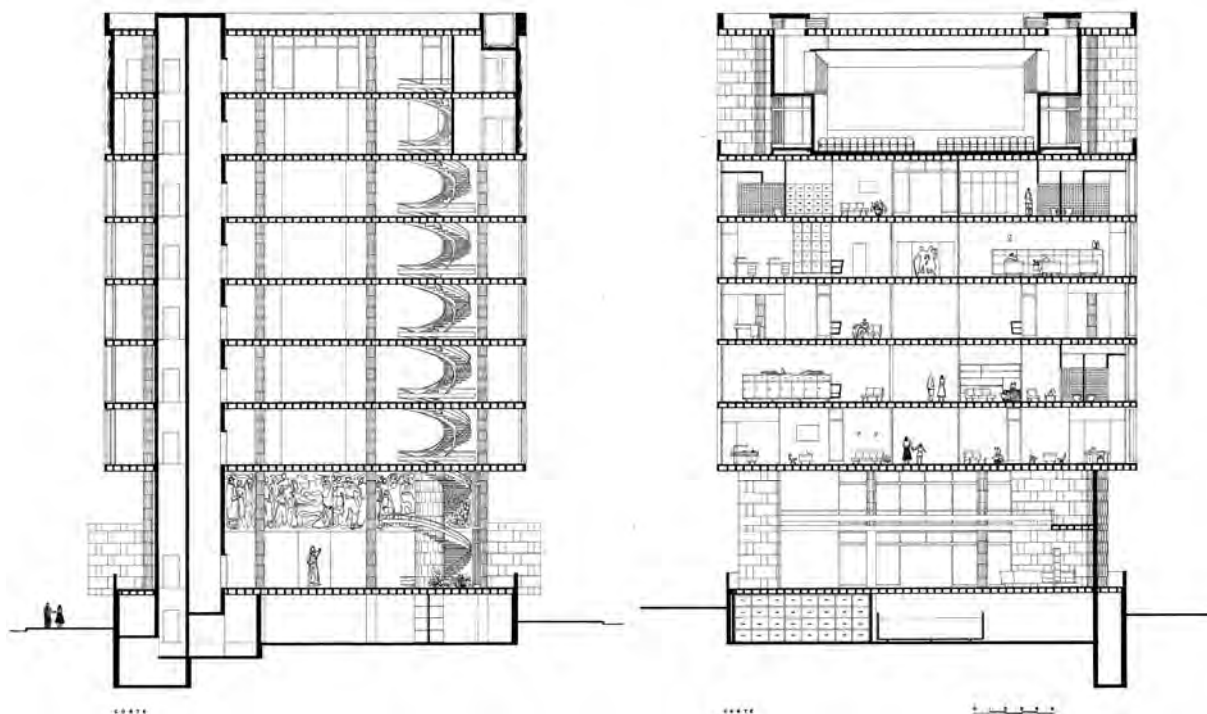


Figura 217: Palácio da Justiça. Corte transversal passando pela circulação central olhando para o Tribunal do Júri. Projeto de 1952.

Figura 218: Palácio da Justiça. Corte transversal passando pela circulação central olhando para a entrada. Projeto de 1952.

Fonte: Acervo do Memorial do Judiciário do Estado do Rio Grande do Sul.

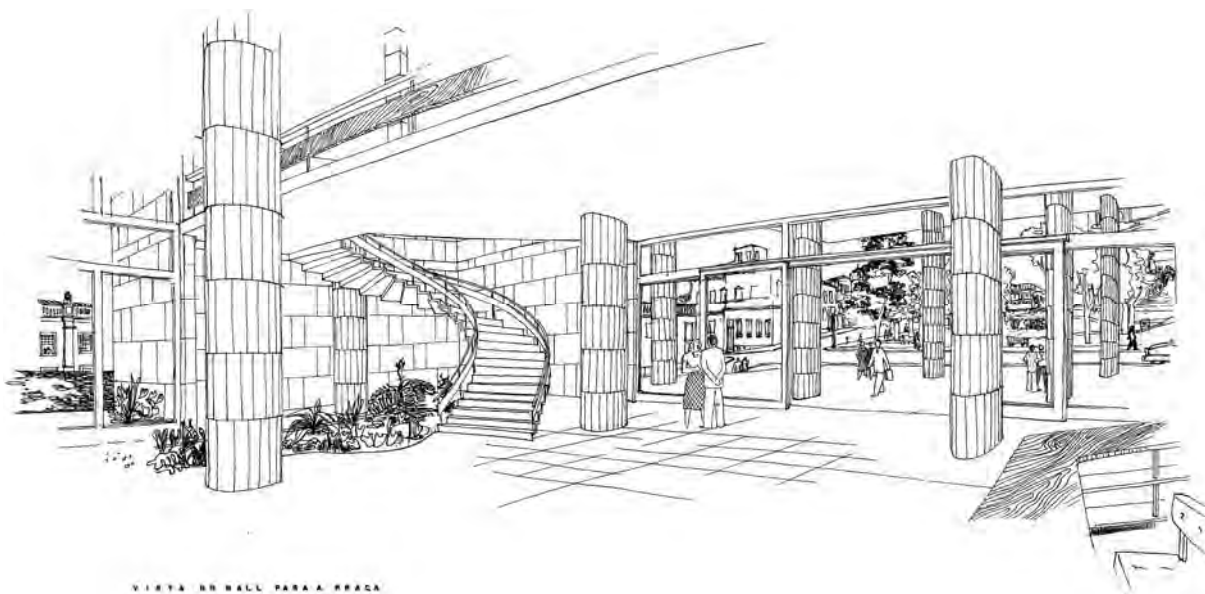


Figura 219: Palácio da Justiça. Perspectiva da entrada com a escada de acesso à Galeria. Projeto de 1952.

Fonte: Acervo do Memorial do Judiciário do Estado do Rio Grande do Sul.

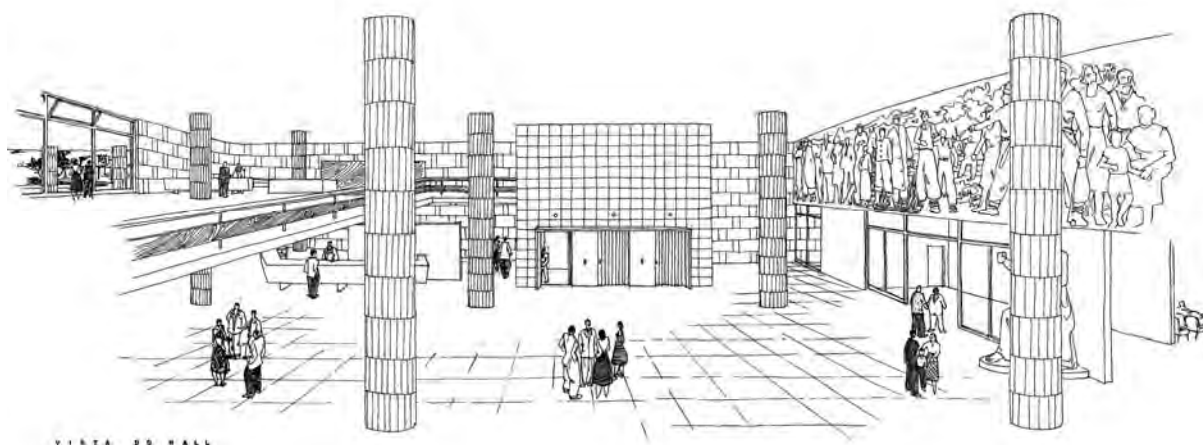


Figura 220: Palácio da Justiça. Perspectiva do *hall* com os elevadores ao fundo, o Tribunal do Júri à direita e a entrada e a galeria à esquerda. Projeto de 1952.

Fonte: Acervo do Memorial do Judiciário do Estado do Rio Grande do Sul.

A entrada única pela praça dá importância à frente do prédio. No pavimento térreo (Figura 208), a colunata com dupla altura cria um espaço abrigado e monumental, que conduz à entrada do edifício. Sobre a entrada, a galeria reduz a altura do pé direito, que na faixa seguinte expande-se novamente. O *hall*, propriamente dito, reúne a circulação vertical composta pela escada monumental em espiral e por um núcleo de elevadores com três unidades para o público, uma para os desembargadores e outra para os funcionários. O Tribunal do Júri é separado do *hall* por uma antecâmara. Corredores laterais ao Tribunal dão acesso, de um lado,

às salas do juiz e dos jurados e, do outro, as salas dos advogados, das testemunhas e dos réus, esta última com uma circulação vertical de acesso às celas no subsolo. A galeria (Figura 209), onde está situada a sala de casamentos, é acessada também por uma escada exclusiva, a fim de evitar que o afluxo de público prejudique a circulação geral do edifício. A planta livre do térreo é composta por elementos soltos, contrapostos à grelha colunar ordenadora já percebida no pórtico externo, mas, agora, povoada no interior. A organização simétrica da planta térrea repete-se nos pavimentos superiores, assinalada pelo salão de circulação e pelo corredor longitudinal.

No 1º pavimento (Figura 210), foram localizados os serviços do Foro na ala norte e, o Juizado de Menores na ala sul. No 2º, estão os cartórios e juízes criminais e no 3º, os cartórios e juízes cíveis (Figura 211). A procuradoria está situada no 4º pavimento (Figura 212), ocupando as duas alas: na ala norte estão os procuradores, o parlatório, a biblioteca e o Conselho Superior do Ministério Público e, na ala sul, as salas de expediente, arquivo e fichário e as curadorias. O Tribunal de Justiça está localizado no 5º pavimento (Figura 213), e o Tribunal Pleno e as Câmaras Reunidas no 6º (Figura 214). No 7º, o bar de planta circular, localizado na porção norte, possui um espaço externo pergolado, que oferece uma bela vista para o rio através da grande abertura na fachada (Figura 215). Nestes dois últimos pavimentos, o fechamento é feito por paredes inclinadas e dispostas atrás das colunas, proporcionando espaços de terraços que, na ala sul, têm pé direito duplo.

Assim, com a distribuição dos serviços de uma mesma finalidade num só pavimento e procurando relacionar a distância em altura com o afluxo de público, reduziu-se a necessidade de circulação vertical, aumentando a horizontal. Deste modo, as plantas são compostas por duas alas laterais, norte e sul, com circulação central no sentido longitudinal da planta e um elemento central onde esta a circulação vertical. A estrutura independente do 1º ao 5º andar permite a distribuição proporcional dos diversos locais de trabalho e circulação. No térreo, na galeria e no 6º e 7º andares, a natureza da ocupação faz com que a estrutura tenha algumas particularidades em função dos grandes vãos.

A presença de obras de arte é um item importante no projeto. São diversos murais e esculturas distribuídas ao longo dos percursos e nas salas principais, como no Tribunal do Júri e no Tribunal Pleno. Nas duas fachadas laterais, os murais contêm cenas do povo e de lutas da classe trabalhadora. Na fachada principal, a

escultura da Deusa da Justiça, Themis, aparece em sua forma típica, com a venda nos olhos e segurando a balança e espada (ALVAREZ, 2006).

2.3.3.1 Revisão do Projeto Original

A Revista bimestral Espaço Arquitetura nº1, de novembro e dezembro de 1958, publicou os desenhos do projeto onde é possível notarem-se algumas alterações com relação ao projeto de 1952. O arquiteto Edgar Graeff, presidente do Conselho de Redação da revista, escreveu sobre o projeto, afirmando que “o Palácio da Justiça pode ser considerado como o marco mais significativo do início do movimento arquitetônico moderno no Rio Grande do Sul.” Em seguida, revela sua preocupação com o prejuízo causado à expressão arquitetônica do edifício caso sejam usados “acabamentos vulgares e ordinários” e apela para que o Poder Público, não havendo recursos suficientes para concluir a obra tal como foi projetada, deixe os tijolos à vista, tal como estão, até que as verbas apareçam (GRAEFF, 1958).

As alterações, no projeto, ocorreram em função de modificações nas funções estabelecidas no concurso e por adequações estruturais e de equipamentos. Essas alterações geraram mudanças significativas na plástica e na proporção do edifício, visíveis externamente, nas fachadas, com o aumento do coroamento⁸³ (MELLO; ALVAREZ; ROSINHA, 2007). Internamente, há alterações no núcleo dos elevadores, que agora possui quatro unidades para atender ao público e, também, sanitários presentes do 1º ao 5º pavimento. A alteração mais significativa aconteceu no 5º pavimento (Figura 227), onde a planta foi invertida posicionando a Secretaria do Tribunal na ala sul e a biblioteca na ala norte. A escada helicoidal que aparece nesse pavimento faz a comunicação com o 6º andar onde estão as Câmaras Reunidas (Figura 228). No 7º pavimento, a planta do restaurante é totalmente redesenhada, perdendo suas linhas curvas de inspiração carioca (Figura 229). Nos

⁸³ MELLO, Bárbara; ALVAREZ, Cícero; ROSINHA, Rodrigo B. Palácio da Justiça de Porto Alegre: a longa espera pelo fim, 1952-2006. O projeto de Recuperação, Restauração e Readequação do ícone da Arquitetura Moderna de Porto Alegre. In: Seminário Docomomo, 7., 2007 out. 22-23, Porto Alegre, RS. *O moderno já passado | o passado no moderno* [recurso eletrônico]. Porto Alegre: PROPAR-UFRGS, 2007. arquivo 009.pdf

demais andares existem apenas ajustes nos *layouts* e a inserção de *shafts* para instalações nas extremidades das plantas do 1º ao 7º pavimento.

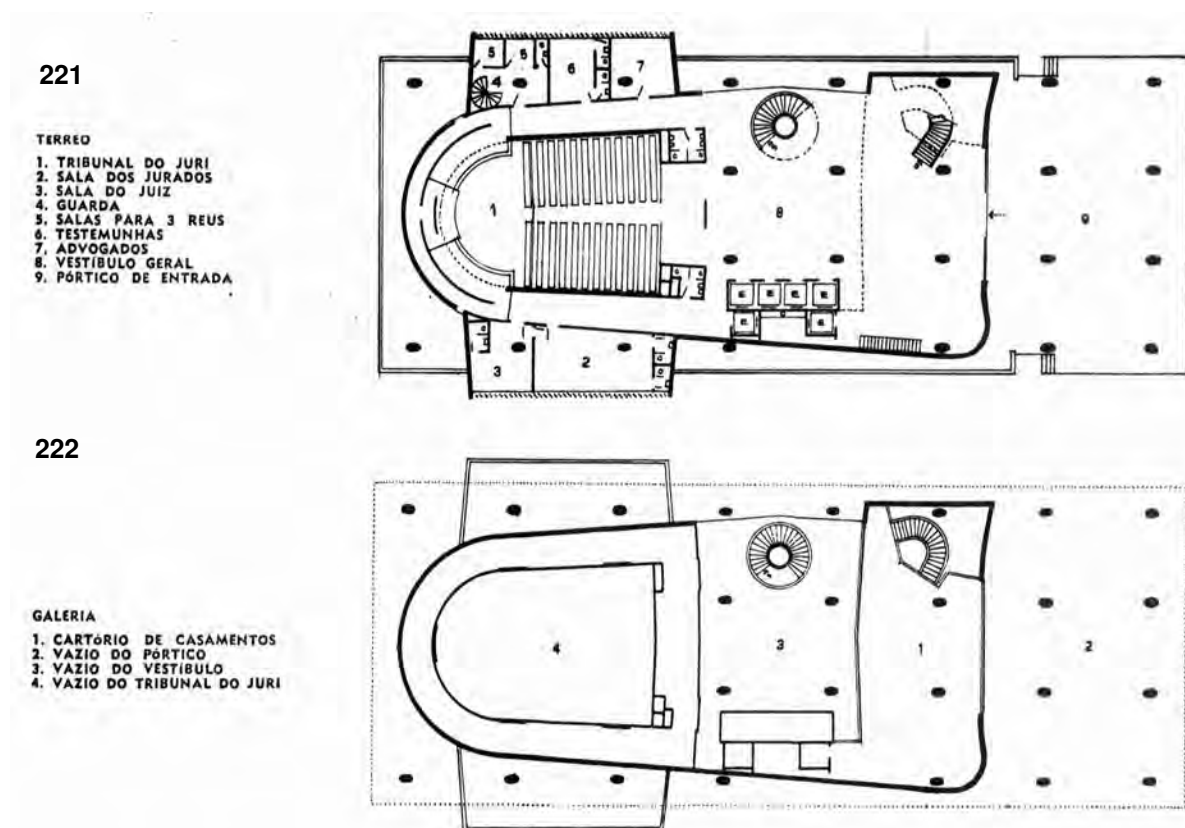


Figura 221: Palácio da Justiça. Planta do pavimento térreo.

Figura 222: Palácio da Justiça. Planta da Galeria.

Fonte: Revista Espaço Arquitetura nº1, 1958, p.4.

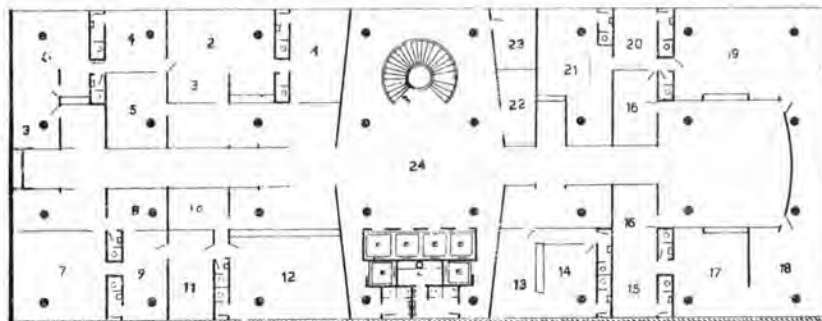
O corte longitudinal publicado ilustra as soluções estruturais adotadas para se obterem os vãos livres necessários aos espaços especiais localizados no térreo, galeria, 6º e 7º pavimentos (Figura 225). Segundo Mello, Alvarez e Rosinha⁸⁴ (2007), para que se fizesse possível o vão livre em ambas as alas do 6º e 7º andar, foi necessário, no caso das Câmaras Reunidas, ala norte, reforçar as vigas que suportam a laje dessa área. Já para atender ao Tribunal Pleno e ao restaurante, a estrutura lançada foi uma treliça de concreto armado onde está pendurado o forro de ambas as alas e que também suporta a cobertura. Esta solução aumentou o coroamento do edifício, criando mais um pavimento onde estão localizados o reservatório superior e a casa de máquinas dos elevadores. No Tribunal do Júri, localizado no térreo, há vigas de transição que suportam o carregamento dos pilares

⁸⁴ Ibidem.

dos pavimentos tipo da ala norte, permitindo o vão livre. Na galeria, a laje é nervurada no balanço, no sentido sul-norte.

223

- 1.º ANDAR**
FÓRO DE PORTO ALEGRE
 1. CURADOR
 2. CARTÓRIO DE ACIDENTES
 3. ESCRIVÃO
 4. JUIZ DE ACIDENTES
 5. SALA DE AUDIÊNCIAS
 6. CARTÓRIO DE EXECUÇÕES CRIMINAIS
 7. DIRETOR DO FÓRO
 8. OFICIAL DE GABINETE
 9. GABINETE DE TRABALHO
 10. SALA DE ADVOGADOS
 11. ESCRIVÃO
 12. CARTÓRIO DO JURI
JUIZADO DE MENORES
 13. GABINETE MÉDICO
 14. EXAME MÉDICO
 15. CURADOR DE MENORES
 16. SALA DE AUDIÊNCIAS
 17. SECRETARIA DO CURADOR
 18. ARQUIVO
 19. SECRETARIA DO JUIZ DE MENORES
 20. JUIZ DE MENORES
 21. CARTÓRIO
 22. PORTARIA
 23. COMISSÁRIOS
 24. HALL



224

- 2.º E 3.º ANDARES**
 1. PORTARIA
 2. SALA DE ADVOGADOS
 3. 1.º OU 2.º DISTRIBUIDOR
 4. CARTÓRIO
 5. ESCRIVÃO
 6. SALA DO JUIZ
 7. HALL

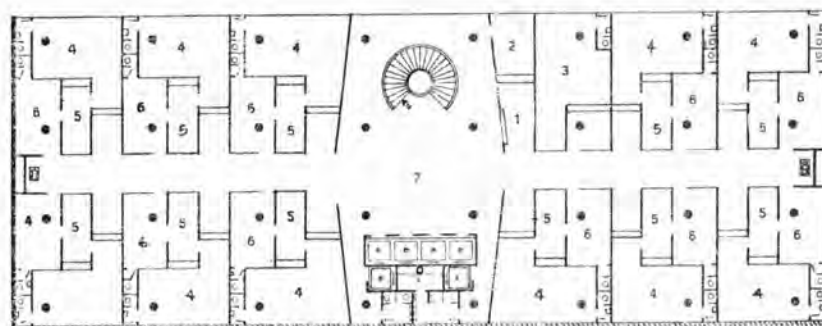


Figura 223: Palácio da Justiça. Planta do 1º pavimento.

Figura 224: Palácio da Justiça. Planta do 2º e 3º pavimentos.

Fonte: Revista Espaço Arquitetura nº1, 1958, p.5.

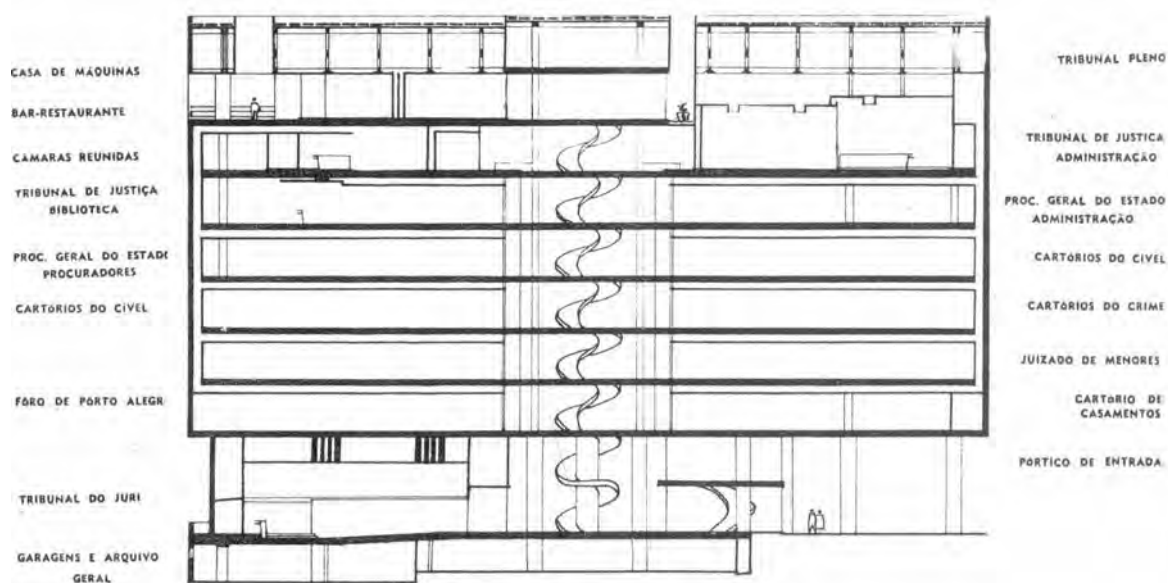


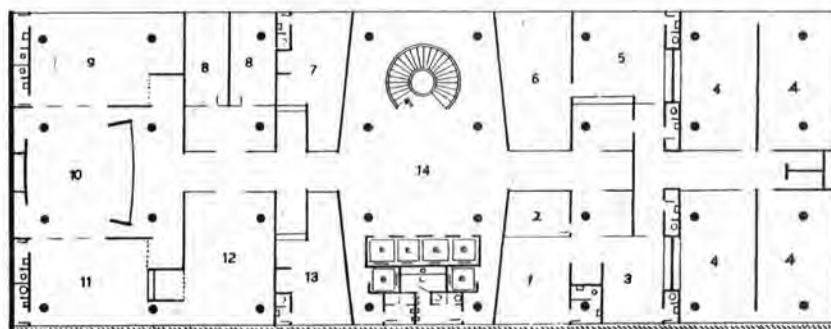
Figura 225: Palácio da Justiça. Corte longitudinal.

Fonte: Revista Espaço Arquitetura nº1, 1958, p.6.

226

4.º ANDAR

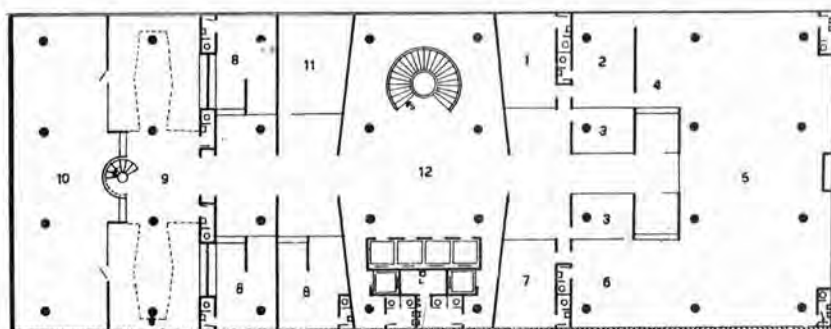
1. PROCURADOR GERAL
2. OFICIAL DE GABINETE
3. SECRETÁRIOS
4. EXPEDIENTE
5. PROTOCOLO E FICHÁRIO
6. ARQUIVO
7. CURADORIA ACIDENTES DE TRABALHO
8. SALA DOS PROCURADORES
9. PARLATÓRIO
10. CONSELHO SUPERIOR DO MINISTÉRIO PÚBLICO
11. SALA DE LEITURA
12. DEPOSITO DE LIVROS
13. CURADORIA DE SUCESSÃO E FAMÍLIA
14. HALL



227

5.º ANDAR

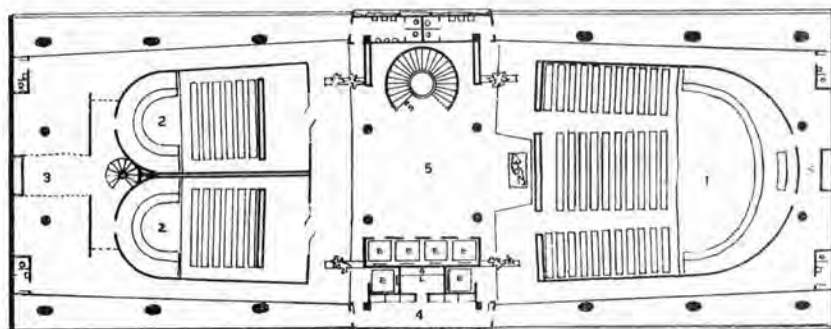
1. SALA DO PRESIDENTE
2. SECRETÁRIO
3. OFICIAL DE GABINETE
4. PROTOCOLO
5. SECRETARIA DO TRIBUNAL
6. SECRETARIA DO CORREGEDOR
7. SALA DO CORREGEDOR
8. CARTÓRIOS
9. BIBLIOTECA
10. DEPOSITO DE LIVROS
11. CONSELHO SUPERIOR DA MAGISTRATURA
12. HALL



228

6.º ANDAR

1. TRIBUNAL PLENO
2. CÂMARAS REUNIDAS
3. SALAS DE ESTAR
4. SALA DAS BECAS
5. HALL



229

7.º ANDAR

1. BAR
2. RESTAURANTE
3. COZINHA
4. TERRAÇO
5. VAZIO DO PLENO
6. HALL

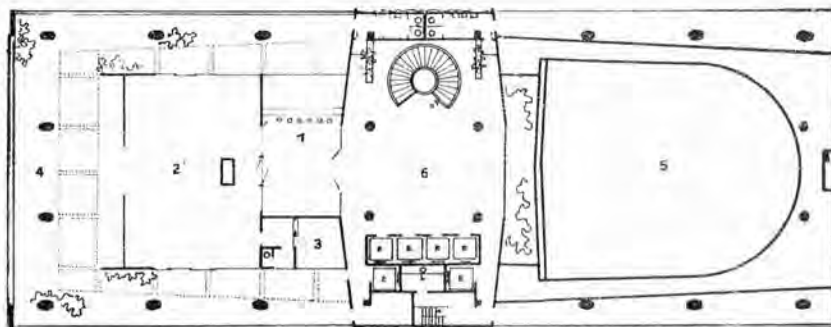


Figura 226: Palácio da Justiça. Planta do 4º pavimento.

Figura 227: Palácio da Justiça. Planta do 5º pavimento.

Figura 228: Palácio da Justiça. Planta do 6º pavimento.

Figura 229: Palácio da Justiça. Planta do 7º pavimento.

Fonte: Revista Espaço Arquitetura nº1, 1958, p.7.

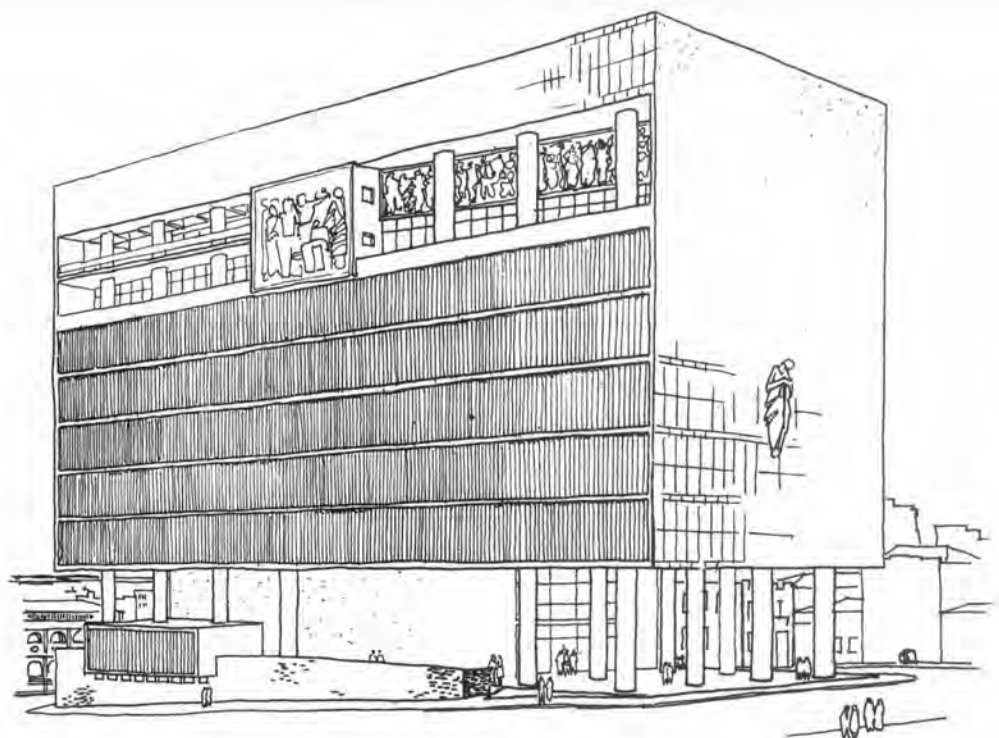


Figura 230: Palácio da Justiça. Perspectiva do edifício.

Fonte: Revista Espaço Arquitetura nº1, 1958, p.4.

231



232



Figura 231: Palácio da Justiça. Modelo em gesso da Deusa Themis, de Fernando Corona para a maquete do concurso.

Fonte: Acervo particular Marílce Corona. Foto de Cícero Alvarez.

Figura 232: Palácio da Justiça. Esboço da escultura da Deusa.

Fonte: Revista Espaço Arquitetura nº1, 1958, p.5.

A perspectiva publicada na revista (Figura 230) mostra o edifício com suas novas proporções e a estátua de Themis menor, mais abstrata e parecida com a miniatura de gesso (Figura 231) feita por Fernando Corona para a maquete que foi

entregue no concurso. Themis não está mais de olhos vendados, sua cabeça reclina-se para frente enquanto os pés retraem-se, ficando paralelos à fachada. Em suas mãos está a espada, que tem agora a balança incorporada em sua empunhadura.

O Palácio da Justiça começou a ser construído em dezembro de 1953. Em 1956, a estrutura estava praticamente terminada, mas só em dezembro de 1968 o edifício foi inaugurado. Ao longo dos 15 anos de construção, as demandas do Poder Judiciário foram mudando, o que resultou em alterações nas plantas. Mesmo com a conclusão da obra, em 1968, elementos importantes para a composição arquitetônica como os *brise-soleil* da fachada oeste e as obras de arte, murais em baixo relevo e esculturas internas e externas, não foram executados devido à falta de verbas. Pelo mesmo motivo, o revestimento externo em granito, do corpo do edifício, foi substituído por pastilhas cerâmicas 2x2cm, respeitando a estereotomia do projeto (Figura 233).

Ao longo dos anos, o aumento das necessidades do Tribunal de Justiça e os constantes remanejamentos internos para a acomodação de mais pessoal levaram ao desgaste das instalações e à deterioração do edifício, que foi sendo gradativamente desocupado. Após cinco décadas, o Palácio da Justiça foi restaurado sob o comando de um de seus autores, o arquiteto Carlos Maximiliano Fayet (1930-2007).



Figura 233: Palácio da Justiça. Aspecto do edifício antes da reforma.

Fonte: Disponível em: http://nutep.adm.ufrgs.br/fotospoa/tribunaljustica_rs.jpg

Figura 234: Palácio da Justiça. Aspecto do edifício atualmente.

Fonte: Ricardo Calovi.

A restauração e reciclagem do edifício, iniciada no ano de 2000 e concluída em janeiro de 2006, recuperou “elementos arquitetônicos que conferem identidade ao prédio, como a escadaria, a Galeria, o restaurante, os terraços e o pergolado do sétimo andar”.⁸⁵ Algumas obras de arte, elementos que foram suprimidos durante a construção e que davam personalidade ao projeto original foram introduzidos. É o caso da fachada sul, que passou a ostentar a escultura da deusa grega da Justiça, Themis e das fachadas leste e oeste, que ganharam seus murais em relevo (Figura 234). Tanto a escultura da deusa quanto os murais das fachadas leste e oeste são de autoria do arquiteto Fayet.

Ressalta-se que as mudanças ocorridas no edifício, em consequência do projeto de recuperação, ocorrido entre 2000 e 2006, não são comentadas neste trabalho por não terem a participação de Luís Fernando Corona.

O Palácio da Justiça é importante como obra moderna, madura, em Porto Alegre. O projeto original, de 1952, contém elementos básicos da arquitetura de Le Corbusier com tempero brasileiro, produzido pelo grupo carioca a partir de 1936 (Lúcio Costa, Oscar Niemeyer e outros). As faces curtas opacas, combinadas às fachadas longas envidraçadas, lembram o Pavilhão Suíço (Le Corbusier, 1930). Já o térreo, articulado em base colunar permeável e com perímetro mural recuado, expressa o tema do pórtico de entrada com pilotis. Este tema é bastante desenvolvido pelos Irmãos Roberto em edifícios institucionais no centro do Rio de Janeiro (ABI, 1936; Liga Brasileira contra a Tuberculose, 1937; Instituto de Resseguros do Brasil – IRB, 1941)⁸⁶. O edifício gaúcho tem uma sobriedade peculiar que o aproxima do rigor clássico desses primeiros edifícios dos Irmãos Roberto. Contudo, a exploração da espacialidade e a manipulação artística da volumetria são típicas da obra de Luís Fernando Corona.

A notável modernidade deste edifício teve seu impacto diminuído pela demora na sua execução. O Palácio da Justiça só foi inaugurado em dezembro de 1968 e, ainda, desprovido de itens importantes de sua caracterização, como as cortinas de *brises* nas fachadas oeste e a decoração escultórica.

⁸⁵ RIO GRANDE DO SUL. Tribunal de Justiça. Memorial do Judiciário do Rio Grande do Sul. *As Sedes do Tribunal*. Porto Alegre.

⁸⁶ A respeito dos térreos dos edifícios dos Irmãos Roberto ver: PEREIRA, Cláudio Calovi. Transparência e permeabilidade: diálogos entre tradição e modernidade nos pisos térreos dos Irmãos Roberto no centro do Rio de Janeiro (1936-1952). In: *Cadernos de arquitetura Ritter dos Reis*, Vol. 5 (2007), p. 93-113.

3.3.4 Santa Casa de Caridade de Bagé

Em 1954, os arquitetos Luís Fernando Corona e Carlos Maximiliano Fayet são convidados pelo então provedor da Santa Casa de Caridade de Bagé, Sr. Sílvio da Silva Tavares, para realizar o projeto de reforma total das instalações dessa instituição. O projeto teria assessoria do Dr. Clóvis Francisconi, especialista em administração e construção hospitalar. Em outubro de 1954, o projeto é apresentado para os membros da mesa administrativa e para o corpo médico, tendo sido aprovado por todos.⁸⁷

O Jornal Correio do Sul, de Bagé, em 24 de outubro de 1954, anuncia com entusiasmo o empreendimento e publica a perspectiva do edifício (Figura 235) com uma pequena descrição no corpo da matéria, que diz:

*Trata-se da fachada principal do alteroso edifício da Santa Casa, que abrigará em seus sete pavimentos todos os serviços essenciais a um hospital moderno. Na parte central envidraçada, do 2º pavimento, serão instalados os serviços de cirurgia. Na parte térrea a administração e escritórios, num dos lados o pronto-socorro e no outro os consultórios médicos e laboratórios. No pavimento acima das salas de cirurgia ficará sediada a Maternidade. Ao lado dos serviços de cirurgia, ficarão as instalações de Raio X. Os quatro pavimentos superiores serão destinados a hospitalização de enfermos em geral.*⁸⁸

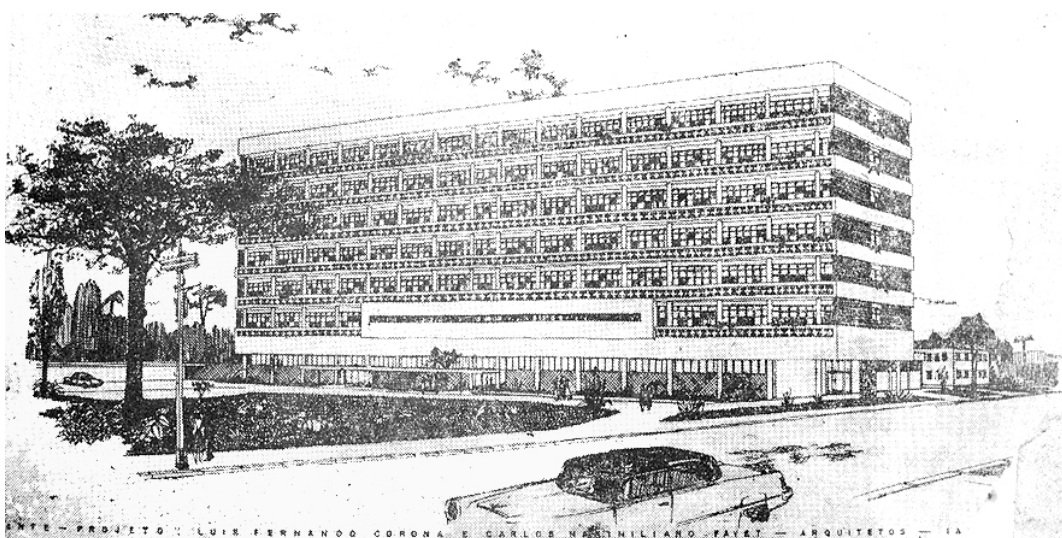


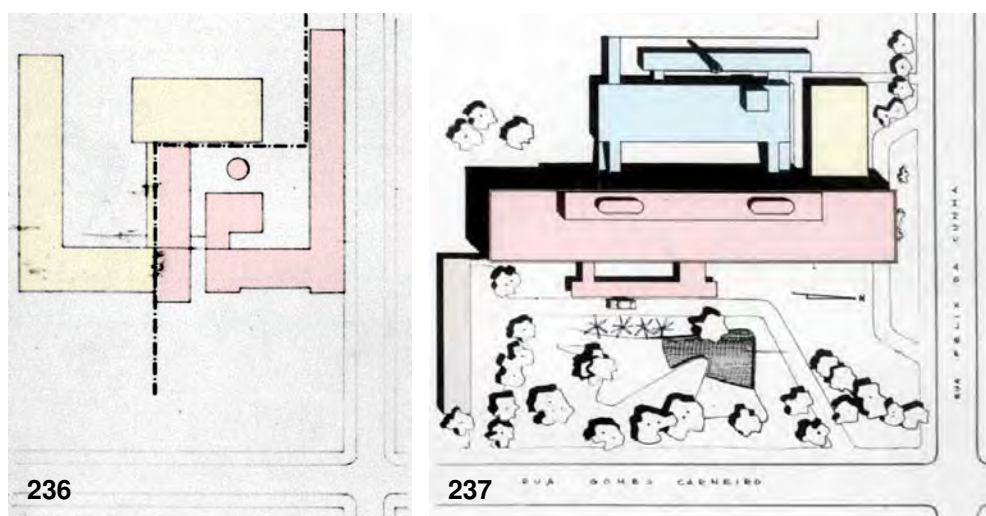
Figura 235: Perspectiva do edifício da Santa Casa de Caridade de Bagé.

Fonte: Jornal Correio do Sul, de 24 de outubro de 1954.

⁸⁷ GONÇALVES, Magali Nocchi Collares. *Arquitetura bageense: o delinear da modernidade: 1930-1970*. 2006. 255p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura).

⁸⁸ Jornal Correio do Sul, 24 de outubro de 1954.

O projeto foi estudado considerando a necessidade de construir o novo empreendimento em etapas, devido aos escassos recursos financeiros da instituição. Assim, as instalações existentes, localizadas à esquerda do diagrama apresentado pelos arquitetos (Figura 236), seriam mantidas e o novo conjunto, formado por três blocos – classificados como de hospitalização, de serviços gerais e pronto-socorro – seria construído na esquina das ruas Gomes Carneiro e Félix da Cunha (Figura 237), no centro de Bagé, demolindo o edifício existente.



Figuras 236: Santa Casa de Caridade de Bagé. Croqui demarcando as antigas instalações à esquerda do eixo, em amarelo, e o local de implantação do novo bloco à direita do eixo, em vermelho.

Figuras 237: Implantação do novo bloco hospitalar: bloco de hospitalização em vermelho, pronto-socorro em amarelo, blocos dos serviços em azul e estacionamento coberto em marrom.

Fonte: Desenhos retirados da prancha reduzida do projeto apresentado pelos arquitetos. Acervo Sra. Magali Corona. Cores introduzidas pela Autora.

O paralelepípedo maior, com térreo e mais seis pavimentos, corresponde ao bloco de hospitalização. Sua implantação leva em conta a orientação solar, posicionando as duas maiores fachadas para leste e oeste. A fachada leste é valorizada por uma esplanada que permite a contemplação do edifício a distância. Na praça, acontece o acesso de veículos pela Rua Gomes Carneiro e o estacionamento coberto, que limita a praça na face oposta à Rua Felix da Cunha.

O pronto-socorro é um edifício térreo e baixo, perpendicular ao bloco de hospitalização, com frente norte e acesso direto pela Rua Felix da Cunha. Já o bloco de serviços, com dois pavimentos, é paralelo e centralizado em relação ao bloco de hospitalização. Este edifício, situado atrás dos dois primeiros blocos, dispõe de acesso de serviço independente e discreto. Na prancha de apresentação, os

arquitetos citam um posterior estudo para a localização da capela e a previsão de ligar as atuais instalações do hospital às novas, através da zona de serviço.

A comunicação entre os três blocos acontece no pavimento térreo (Figura 238). O bloco de hospitalização possui dois acessos pela fachada leste onde o *hall* principal ocupa o intercolúnio central, dando acesso às áreas administrativas do hospital. É nesta porção central, em frente ao *hall* principal, que estão os elevadores destinados à circulação de médicos e visitas (Figura 240). O *hall* secundário ocupa a porção central da metade esquerda do edifício e dá acesso aos consultórios. Na sua extremidade, está o *hall* da circulação vertical, formada pelo volume semicircular da escada adjacente ao bloco e pelo elevador de pacientes e serviço. Estes dois acessos, principal e secundário, estão unidos por uma marquise externa, que se projeta até a circulação de veículos, permitindo embarque e desembarque abrigado. Na porção direita do bloco de hospitalização, o primeiro intercolúnio é ocupado pela entrada de ambulâncias com acesso pela Rua Felix da Cunha. O acesso ao pronto-socorro ocorre na fachada norte, através do *hall* localizado na extremidade do bloco principal, criando uma situação confusa, de mistura de funções dos dois blocos. O bloco do pronto-socorro é um volume térreo, com largura correspondente a dois intercolúnios transversais do bloco de hospitalização, com circulação central e salas ocupando o perímetro do bloco.

O acesso ao bloco de serviços acontece a partir do bloco de hospitalização, através de uma circulação transversal que une os dois blocos. Esta circulação é constituída por duas ligações nas extremidades do bloco, contendo escada seguida de rampa e conformando um amplo pátio retangular, para o qual se abrem fachadas envidraçadas (Figuras 238, 240 e 243). No pavimento inferior, semi-enterrado (Figura 239), acessado por duas escadas laterais, estão a lavanderia, o almoxarifado e a oficina, localizados junto à fachada oeste, envidraçada e com vista para um pequeno jardim. Na fachada leste, também envidraçada e com vista para o jardim interno, está a circulação que se liga outra vez ao bloco de hospitalização através das rampas que levam ao monta-carga de roupas do hospital. Do bloco de serviço, é possível acessar, através de escadas e por dois pontos, um outro volume de serviço, bastante estreito e comprido, onde estão os vestiários, os depósitos de materiais inflamáveis e as caldeiras, isolados por razões de segurança. Os dois blocos de serviço são separados pela entrada de veículos e serviço a partir da Rua Félix da Cunha.

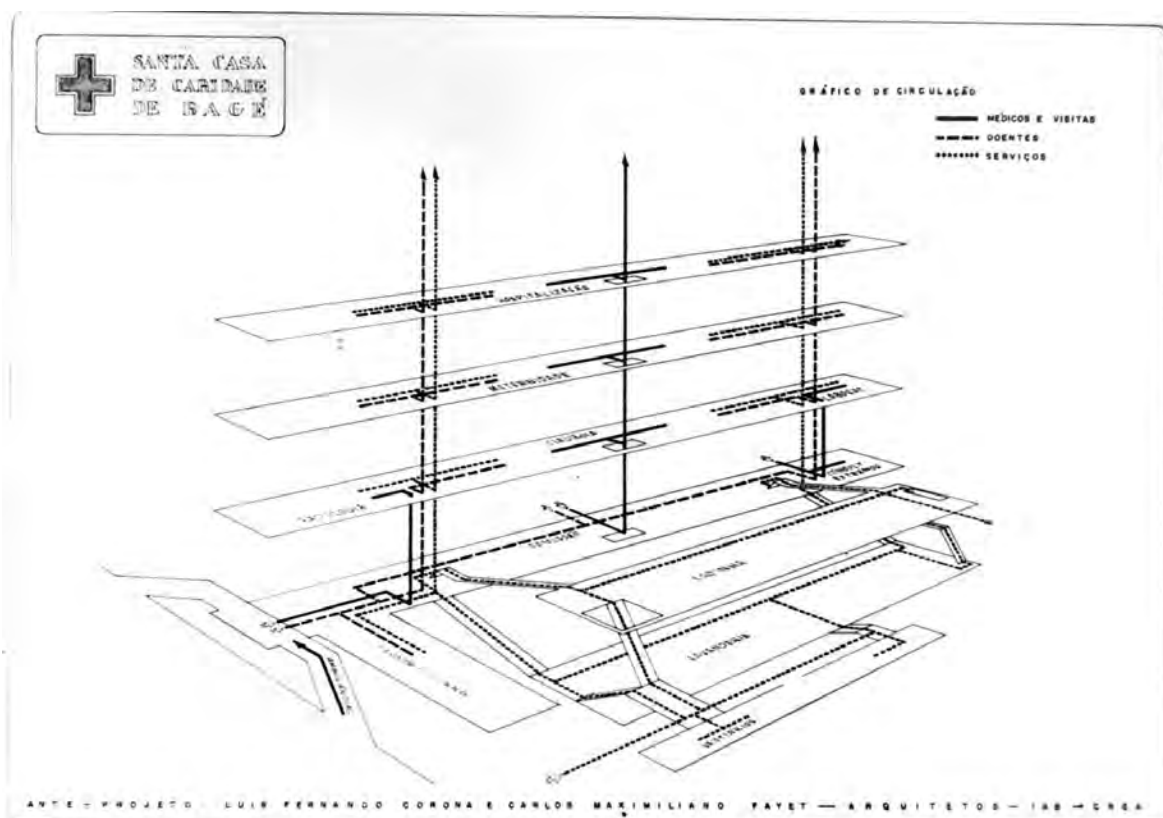


Figura 240: Santa Casa de Caridade de Bagé. Diagrama mostrando a circulação de pacientes, médicos, visitantes e serviços.

Fonte: Acervo Sra. Magali Corona.

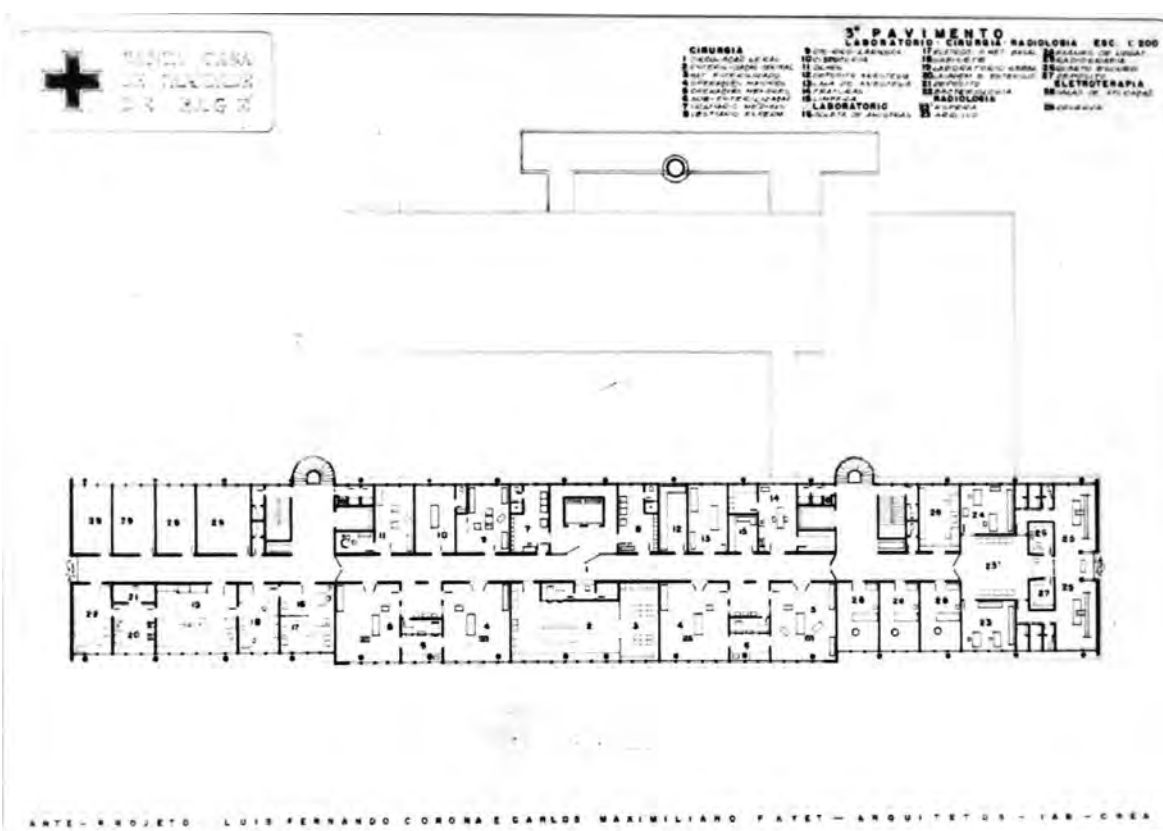


Figura 241: Santa Casa de Caridade de Bagé. Planta do 3º pavimento.

Fonte: Acervo Sra. Magali Corona.

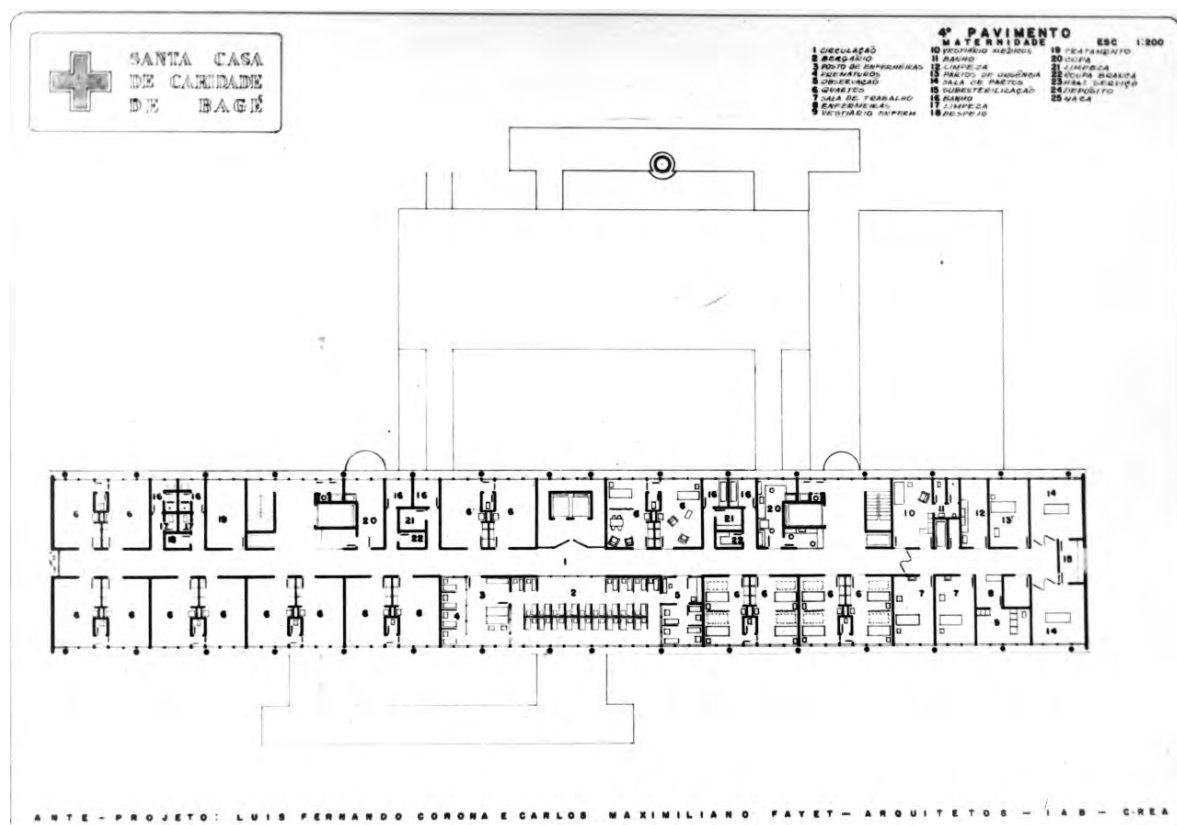


Figura 242: Santa Casa de Caridade de Bagé. Planta do 4º pavimento.

Fonte: Acervo Sra. Magali Corona.

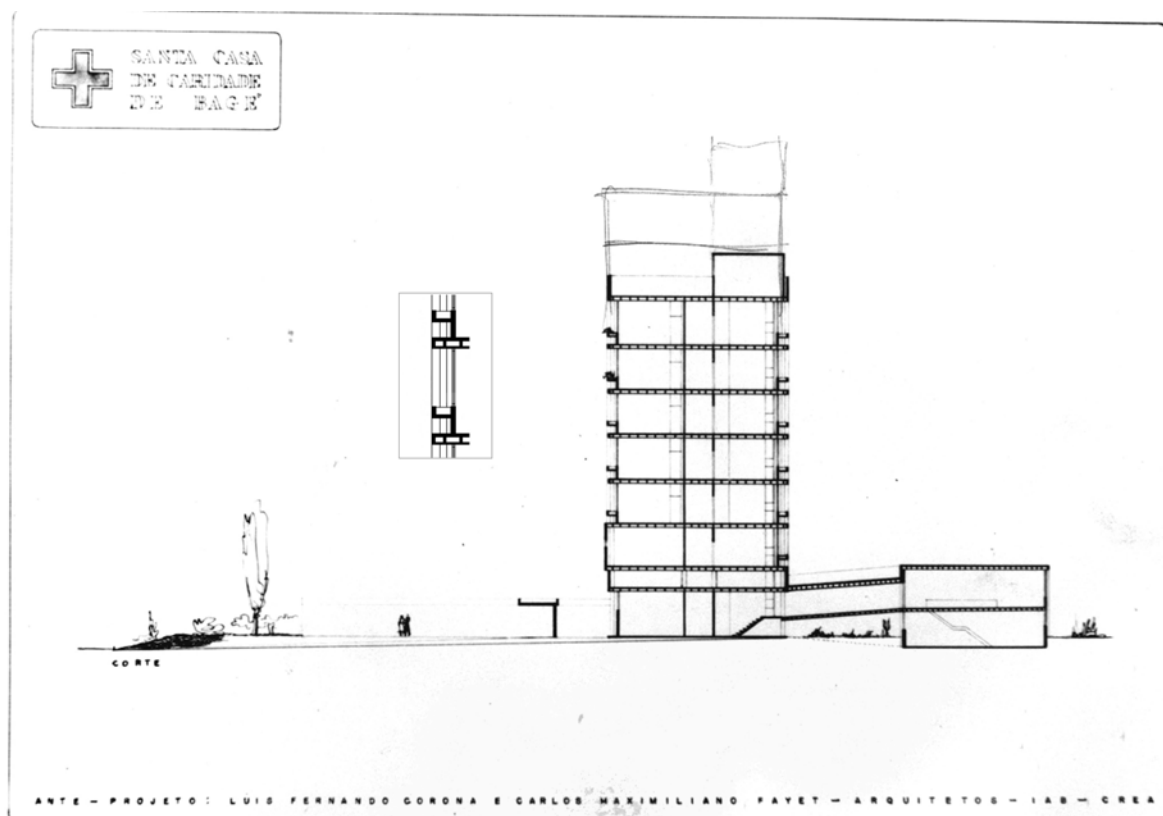


Figura 243: Santa Casa de Caridade de Bagé. Corte transversal ao bloco de hospitalização e ao bloco de serviços. Detalhe da fachada de um pavimento em corte introduzido pela Autora.

Fonte: Acervo Sra. Magali Corona.

A fachada leste (Figura 244), de frente para a praça, apresenta quinze intercolúnios localizando o acesso principal no intercolúnio central, cuja dimensão é diferente dos demais intercolúnios. Esse gesto demarca, sem muito propósito, a simetria do esquema e desfaz a leitura serial da fachada. No pavimento térreo, a marquise deslocada para a esquerda do bloco, indicando os dois acessos e a entrada de ambulâncias à direita, tentam neutralizar a simetria na base, já que o corpo do edifício é absolutamente simétrico. Todos os sete pavimentos têm vedação recuada em relação à linha de colunas, porém não são as linhas verticais que predominam e, sim, as horizontais, através dos volumes dos peitoris que se projetam à frente dos pilares (Figura 243). No 2º andar, a projeção do volume, ocupado pelo bloco cirúrgico, com janelas em fita e de um volume na cobertura, também enfatiza a simetria em contradição à proposta de fachada moderna.

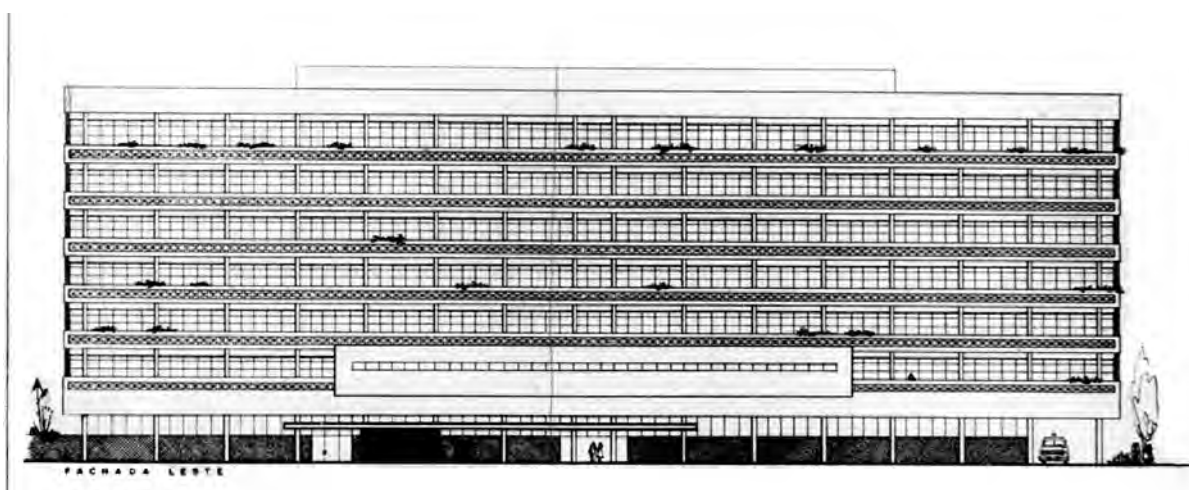


Figura 244: Santa Casa de Caridade de Bagé. Fachada leste.

Fonte: Acervo Sra. Magali Corona.

Na fachada norte (Figura 245), voltada para a Rua Félix da Cunha, o bloco de hospitalização apresenta, no térreo, o espaço para a entrada de emergência com passagem coberta para ambulâncias e carros e, logo atrás, o acesso ao interior do bloco por esse ponto do edifício. Nos pavimentos superiores, mais fechados, as linhas horizontais salientes correspondem aos volumes dos peitoris das fachadas leste e oeste. Entre os peitoris, a alvenaria fecha as alas laterais, deixando apenas o vão da janela centralizada que ilumina a circulação. A fachada do pronto-socorro apresenta janelas altas, sobre paredes, com algum tipo de revestimento diante das

quais estão os pilares que sustentam a laje e a platibanda. Nesta fachada, são vistos ainda os volumes de serviços e a chaminé das caldeiras.

De um modo geral é possível fazer alguma analogia com o projeto de Jorge Machado Moreira para o Hospital de Clínicas de Porto Alegre (1942). Três pontos são bastante evidentes quanto à estrutura organizativa dos dois projetos: o bloco vertical contraposto à placa retangular articulada na parte posterior, a esplanada diante do bloco principal e a planta alongada do bloco principal com circulação central e duas alas de compartimentos (Figuras 241 e 242).



Figura 245: Santa Casa de Caridade de Bagé. Fachada norte.

Fonte: Acervo Sra. Magali Corona.

O edifício não foi construído, mas o anteprojeto apresentado pelos arquitetos ganhou a medalha de prata no 5º Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul, na seção Arquitetura, em 10 de dezembro de 1954.

Apesar da marcação de simetria com ênfase exagerada, as fachadas são, em muitos aspectos, modernas e inventivas. A estrutura não é recuada do perímetro, mas tem faixas de concreto revestido com alvenaria que a trespassam, criando um jogo curioso entre a afirmação e o ocultamento das colunas. Os vidros definem um terceiro plano de fachada, passando por trás das colunas. Além disso, no 2º pavimento, surge a projeção em volume fechado que avança sobre os demais planos. A base, por sua vez, tem colunata exposta e muros de fechamento recuados (Figuras 243, 244 e 245). O tratamento plástico das elevações demonstra que este projeto dá seqüência à investigação compositiva de fachadas de Luís Fernando Corona.

3.3.5 Núcleo de Férias do Instituto de Belas Artes

A idéia de construir um Núcleo de Férias surge no início de 1944, após a viagem de estudos da turma do 4º ano de pintura do IBA a cidade de Farroupilha. Acompanharam a viagem o professor Tasso Correa, diretor do IBA, e os professores Fernando Corona, Benedito Castañeda e Cristina Balbão.

Um artigo publicado no jornal⁸⁹ dá detalhes sobre a viagem e sobre as providências para a realização de tal empreendimento. O jornal publica também um desenho com o esboço do projeto elaborado por Fernando Corona para a 'Colônia de Férias Francis Pelichek' (Figura 246). O projeto previa três grandes chalés em estilo 'suíço', com construção mista: térreo em pedra e o pavimento superior em madeira, por onde aconteceria o acesso. A escolha do nome 'Francis Pelichek' é uma homenagem ao pintor tcheco que, por cerca de quinze anos, morou em Porto Alegre e foi professor de pintura do IBA. Pelichek (1896-1937) viajou por todo o Estado retratando paisagens, tipos e costumes das regiões que visitava.

O terreno para a construção do empreendimento foi oferecido por Pedro Grandene. Tratava-se de uma área com cem metros de frente e vasta extensão para os fundos, situado sobre o Vale do Machadinho. Em junho de 1944, o Conselho Técnico Administrativo (CTA) do Instituto de Belas Artes aprovou a compra do terreno em Farroupilha. A compra foi efetivada, mas, por alguma razão, o projeto não foi adiante.

O Livro III de Atas do CTA, reunião do dia 19 de julho de 1955, registra a retomada do projeto. Na Ata consta a autorização para o recebimento de parte da verba de trezentos mil cruzeiros, ofertada pelo Sr. João Dico de Barros, para a construção do Núcleo de Férias do IBA. Nessa mesma reunião, foi aceita a indicação do arquiteto Luís Fernando Corona para a elaboração do projeto e definido o programa de necessidades. No terreno acidentado, agora com 50m por 60m, o projeto implantado deveria ter: salão com 120m²; lareira e bar; cozinha e despensa; *hall* comunicando o salão e o dormitório de moças; dez beliches para vinte moças, banheiro e rouparia; cinco beliches para dez moços, banheiro e rouparia; dois

⁸⁹ O recorte de jornal que contém o referido artigo pertence ao acervo da Sra. Magali Corona. No recorte, não há indicação do nome do jornal e da data de publicação.

apartamentos com sala, quarto e banheiro; parte coberta e terraço ao ar livre; adega e churrasqueira; apartamento de zelador.

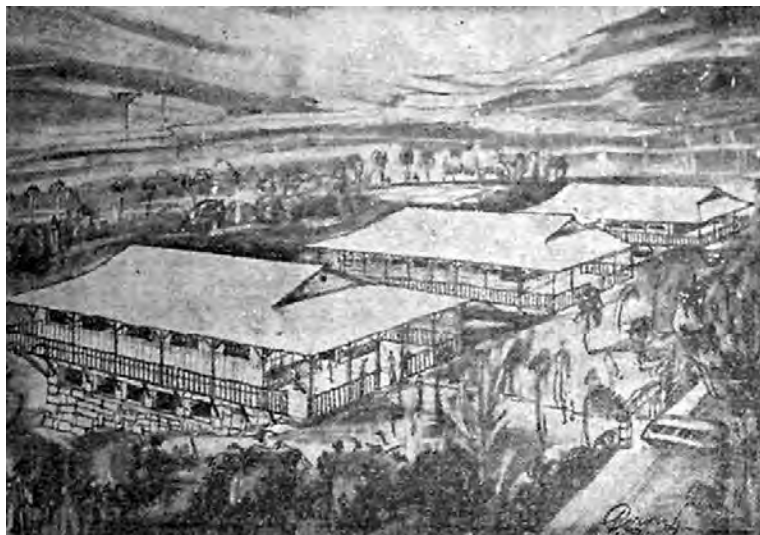


Figura 246: Esboço para a Colônia de Férias Francis Pelichek, da autoria do professor Fernando Corona.

Fonte: Recorte de jornal s.d. Acervo Sra. Magali Corona.

O projeto encontrado no Arquivo do Instituto de Artes da UFRGS é de agosto de 1955 e tem autoria de Luís Fernando Corona e João José Vallandro. O material, na verdade, é uma prancha em papel Canson, onde consta o logotipo do projeto, a autoria com data, a localização da cidade de Farroupilha no mapa do Rio Grande do Sul e as plantas dos dois únicos pavimentos. A planta alta (Figura 247), na cota de acesso, tem formato retangular e distribui o programa a partir do *hall* em frente à escada. Para a direita, está o salão para concertos, conferências, exposições etc., com um terraço que se estende da cozinha até a escada. Mais ao fundo está a copa, a cozinha e a escada de serviço. Para a esquerda do *hall* de acesso, um corredor leva aos dois apartamentos, ao estar e banheiro feminino até chegar ao dormitório das moças. A planta do pavimento inferior não ocupa toda a projeção do pavimento superior (Figura 248). Sob o salão de festas está o avarandado e o apartamento do zelador com acesso à escada de serviço. Para o lado oposto está o banheiro e o dormitório dos rapazes com seis beliches. Em frente à escada social há um depósito.

O projeto para o Núcleo de Férias do IBA não foi construído, e nenhum desenho de fachada ou perspectiva com mais detalhes sobre o projeto foi encontrado, impedindo o conhecimento mais aprofundado sobre este trabalho.



Figura 247: Núcleo de Férias do IBA. Planta alta.

Fonte: Arquivo do Instituto de Artes da UFRGS. Acervo Fernando Corona.

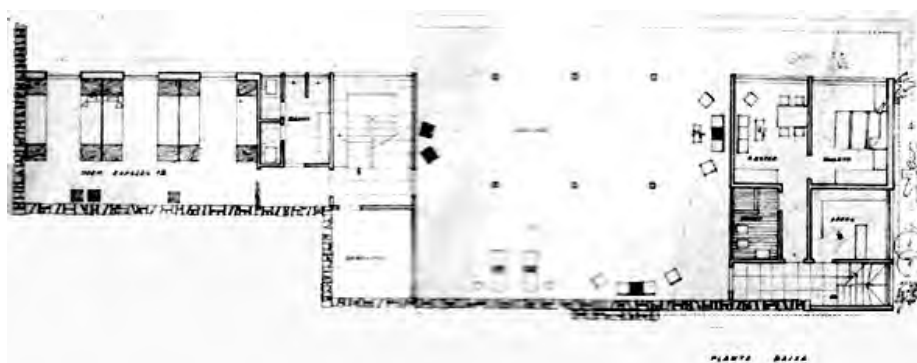


Figura 248: Núcleo de Férias do IBA. Planta baixa.

Fonte: Arquivo do Instituto de Artes da UFRGS. Acervo Fernando Corona.

CAPÍTULO III

4 OS PROJETOS DE LUÍS FERNANDO CORONA NA DÉCADA DE 1960

Na transição dos anos 1950 para os anos 1960, dois fatos revelaram a posição de vanguarda da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FA-UFRGS). O primeiro foi a campanha em prol da Reforma do Ensino, implantada por Demétrio Ribeiro e Edgar Graeff em 1962. Essa campanha possuía o mesmo objetivo das que aconteciam simultaneamente em Brasília e em São Paulo, lideradas por Darcy Ribeiro e Vilanova Artigas, respectivamente, em 1962. O segundo fato refere-se às discussões entre importantes arquitetos (Niemeyer, Artigas, Demétrio Ribeiro, Edgar Graeff, entre outros) em torno da legitimidade da arquitetura tida como brasileira (identificada pelos projetos dos anos 30 e 40 do grupo carioca) e seu formalismo considerado excessivo.⁹⁰

Com relação a esse último fato, a participação de arquitetos paulistas

“...se tornaria importante a partir de finais dos anos 40, com a criação da Faculdade de Arquitetura da USP, pois eles promovem uma crítica às realizações cariocas e acabam por propor a via de desenvolvimento e renovação da Arquitetura Moderna Brasileira. A questão ainda é a elaboração de um estilo legitimamente nacional.” (...) A partir de então Vilanova Artigas se reconcilia com a Arquitetura Moderna (...) e inicia uma renovação que seria conhecida como a “escola paulista”, cujo enunciado principal é “a estrutura como arquitetura”⁹¹ (SALVATORI, 2006)

O primeiro exemplo de revisionismo em relação ao modernismo carioca chega a Porto Alegre antes da virada da década, com a escolha do projeto de Gregório Zolko e Wolfgang Schoedon para a Sede da Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul (1958), causando muito descontentamento aos arquitetos locais.

Outro fato ocorrido nesses anos foi o concurso para o Plano Piloto de Brasília (1957), vencido por Lúcio Costa. Referente a esse concurso, Miguel Pereira destaca a não-participação de arquitetos gaúchos e também a pouca presença destes em

⁹⁰ SALVATORI, Elena. O campo profissional. *IAB-RS*, Porto Alegre, maio de 2006. Colunistas.

⁹¹ *Ibidem*.

outros concursos públicos nacionais de arquitetura, realizados durante toda a década de 60⁹² (PEREIRA, *in* Xavier, 1987).

O Golpe Militar, em 1964, foi um acontecimento marcante da década. O expurgo de muitos professores da FA-UFRGS e a reforma universitária, promovida pelo governo, atingiram em cheio a massa crítica que coordenava as discussões sobre arquitetura. Esse fato muito contribuiu para empobrecer o debate intelectual no meio local.

Contudo, alguns projetos dessa década são referenciais da arquitetura praticada no período, entre os quais o Edifício IAB (Figura 20), a Residência Hélio Dourado (Figura 21), a Refinaria Alberto Pasqualini (Figura 22), o Clube do Professor Gaúcho (Figura 249) e o Edifício FAM (Figura 250). Estes projetos evidenciaram, mais uma vez, a aproximação da arquitetura local com a produção nacional propagada a partir do eixo Rio – São Paulo e, conseqüentemente, com a produção americana de Mies van der Rohe e o brutalismo de Le Corbusier e de arquitetos britânicos, como os Smithson.



Figura 249: Clube do Professor Gaúcho, 1966. Projeto de Moacyr Moojen Marques e João José Vallandro.

Fonte: XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 1987, p216.

⁹² PEREIRA, Miguel. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre – os anos 60*. In XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 1987, p.34.



Figura 250: Edifício FAM, 1967. Projeto de Carlos Maximiliano Fayet, Cláudio Luiz Gomes Araújo e Moacyr Moojen Marques.

Fonte: Fotografia de João Alberto Fonseca da Silva. Acervo João Alberto, FAU-UniRitter.

A produção de Luís Fernando Corona nessa década é sensivelmente menor que da década anterior, possivelmente em decorrência de sua cassação em 1964. Foram relacionados apenas sete projetos, dos quais cinco são residências unifamiliares. Diferentes das residências projetadas nos anos 50 e com exceção da sua residência projetada, em 1962, estas são encomendadas pela classe alta de Porto Alegre, com orçamentos generosos. As residências apresentam rigorosa organização planimétrica em faixas e, a continuidade da investigação plástica das fachadas compostas por planos de materiais diferentes. O Edifício CRT é o projeto mais significativo da década, apresentando uma solução plástica e tridimensional da fachada composta por três “camadas”, além do jogo de contrastes acentuado pelas cores empregadas (branco e preto). O único edifício residencial projetado no início dessa década (Edifício Bento Gonçalves) concretiza, com algumas diferenças, a fachada proposta para o edifício residencial com garagem por pavimento, de 1958 (ver página 109). Em sua versão construída, apenas os setores mais nobres (social e íntimo) da fachada ganham tridimensionalidade.

4.1 AS RESIDÊNCIAS

4.1.1 Residências Ivone Louro e Pelegrin Figueiras

No alto da Rua Cristóvão Colombo números 2947 e 2967, em Porto Alegre, estão as Residências Ivone Louro e Pelegrin Figueiras, projetadas por Luís Fernando Corona em 1961. Trata-se de duas residências geminadas, implantadas em um terreno com 26m de frente por 63m de profundidade. O bloco construído foi colocado junto às divisas laterais, havendo alguns intervalos com espaços abertos para ventilação e iluminação dos ambientes. Os diferentes níveis apresentados na planta resultam da opção de implantar o edifício interferindo o mínimo possível sobre o terreno natural e de aproveitar a diferença de cota entre a rua e o terreno. O desenho da fachada bastante horizontal e o tratamento dado a as suas partes não deixa perceber que são, na verdade, duas residências (Figura 251).

O programa de necessidades das residências está distribuído em dois pavimentos. No pavimento inferior da Residência Pelegrin Figueiras está a garagem para dois carros, a caldeira da calefação e o acesso, junto à divisa oeste, que acontece através de um saguão de onde se chega à entrada social ou a de serviços, ambas com escada levando ao pavimento superior. Na Residência Ivone Louro, o pavimento inferior é ocupado pela garagem para um carro e o acesso é lateral, através de um corredor junto à divisa leste (Figura 252).



Figura 251: Residências Ivo Louro e Pelegrin Figueiras. Fachada principal.
Fonte: Foto da Autora.

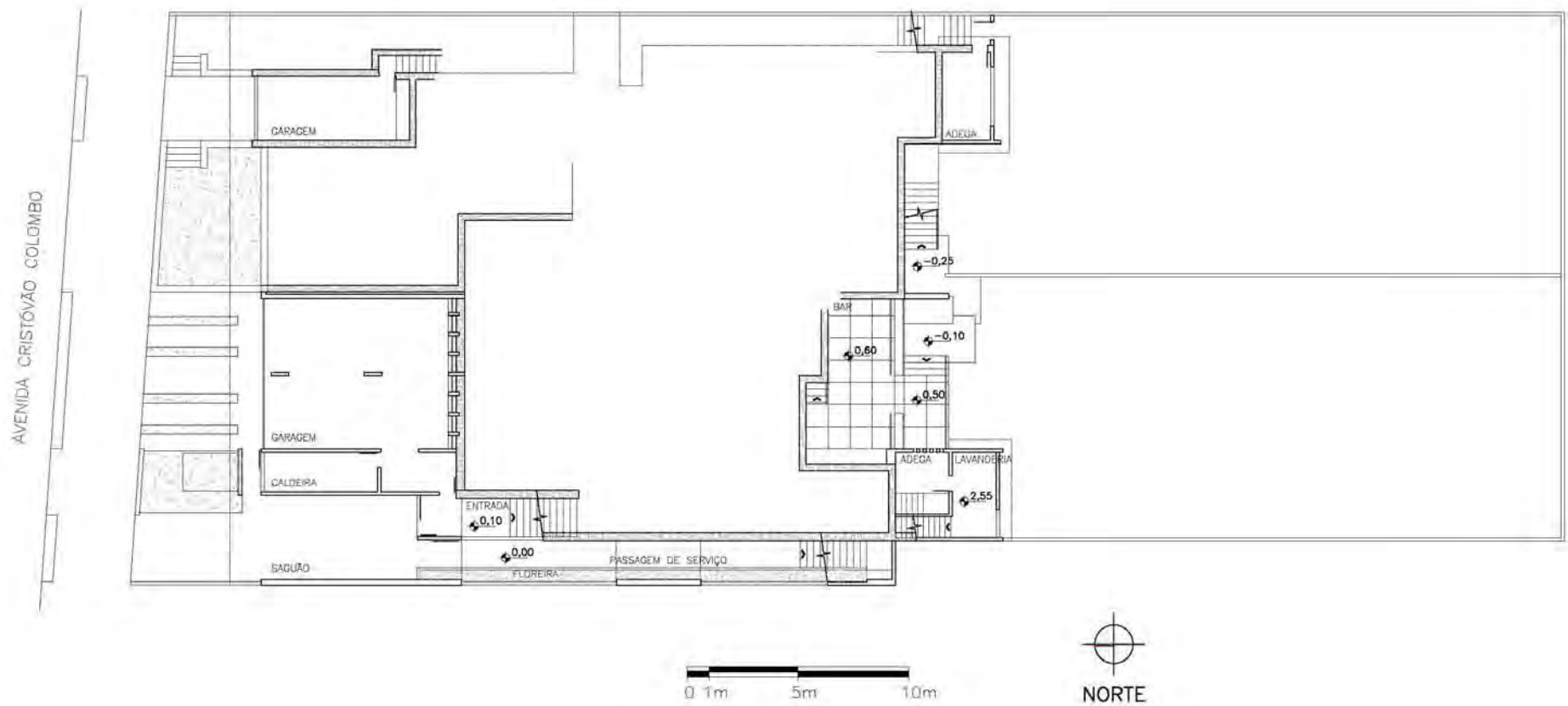


Figura 252: Residência Ivone Louro e Pelegrin Figueiras. Planta do pavimento térreo.
 Fonte: Desenho da Autora.

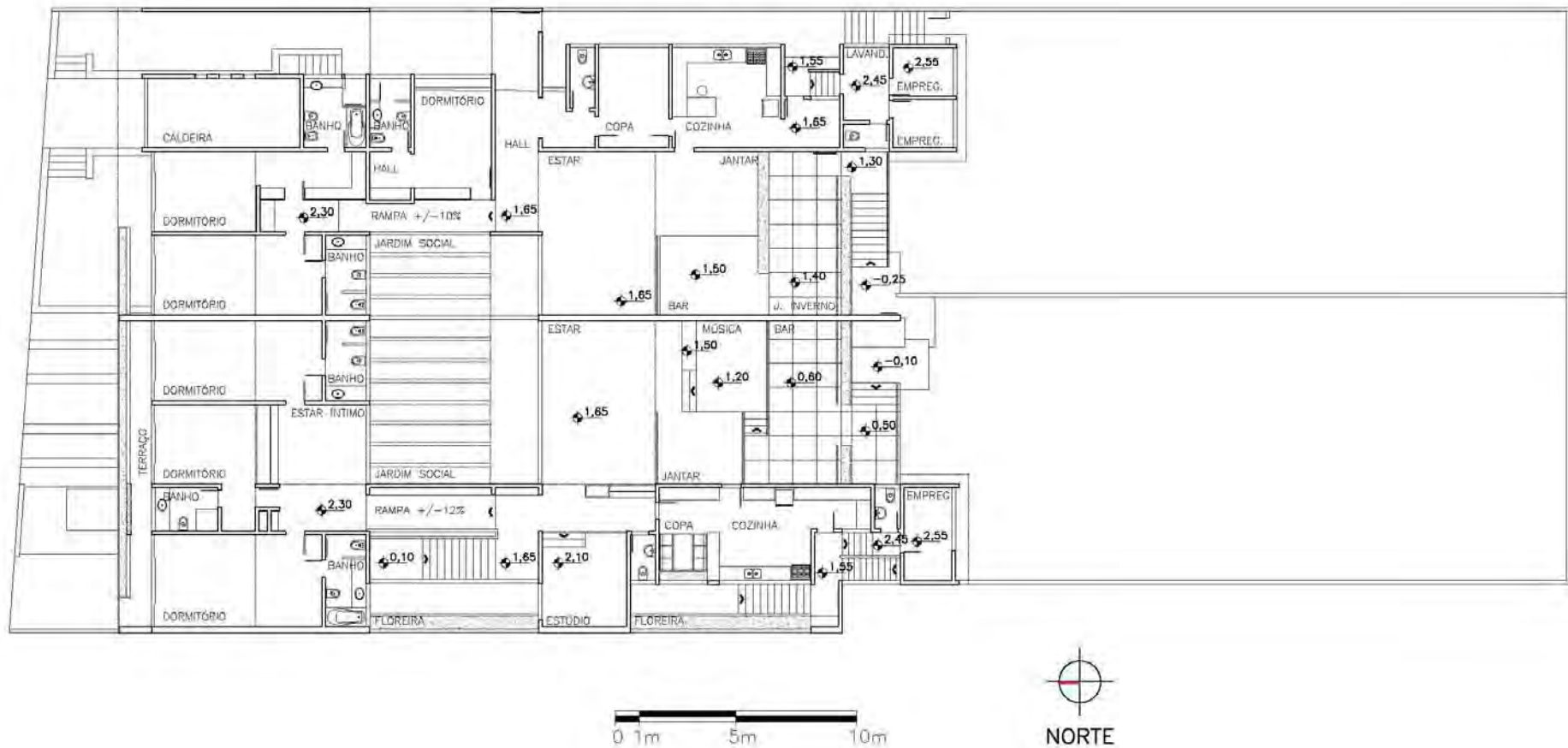


Figura 253: Residência Ivone Louro e Pelegrin Figueiras. Planta do pavimento superior.
 Fonte: Desenho da Autora.

No pavimento superior, o programa de necessidades das duas residências está organizado em volta de um mesmo jardim interno central e coberto por pérgola (Figuras 253 e 254). Na Residência Pelegrin Figueiras, a escada do acesso social conduz a uma circulação que distribui para o setor íntimo e para o setor social. Nesse *hall* de acesso à residência, um painel de tijolos de vidro, com alguns em diferentes tons de azul, combina a experiência da iluminação difusa com a plasticidade e a cor do material (Figura 255).

No setor íntimo, localizado sobre a garagem e o acesso, está o estar íntimo, aberto para o jardim interno, e três suítes voltadas para norte, na fachada principal. Diante das suítes há um terraço contínuo, limitado pelo volume solto e horizontal da floreira. Junto à floreira, uma parede de pedra é posta a frente da janela do banheiro de uma das suítes, no pavimento superior, e da janela da sala da caldeira no pavimento inferior. O terraço é acessado apenas pela suíte da direita, junto a divisa oeste, as outras duas possuem esquadria com peitoril.

No setor social, localizado no outro lado do jardim interno, está o estúdio, o lavabo, o estar, o jantar, a sala de música e o bar; cada um destes espaços está em uma cota de nível diferente (Figuras 253, 256 e 257). A copa e a cozinha têm comunicação com o jantar, a circulação e o acesso de serviço. Dormitório e banheiro de empregada localizam-se em cota mais elevada e, abaixo deles, estão a lavanderia e a adega.

Na residência Ivone Louro, o acesso é lateral e o *hall* distribui para os três setores da casa (Figuras 253, 258 e 259). No setor íntimo, estão as três suítes, duas voltadas para norte e a terceira para leste. Sobre a garagem está a caldeira da calefação. Os setores social e de serviço estão do lado oposto ao setor íntimo. Sala-de-estar e jantar, bar e jardim de inverno estão dispostos em diferentes cotas de nível (Figuras 260 e 261). Lavabo, copa e cozinha, lavanderia, dormitórios e banheiro de empregada, em cota mais elevada, formam a faixa de serviços voltada para leste. A adega localiza-se sob os dormitórios de empregada.

De maneira geral, é possível dizer que as residências estão organizadas em três faixas transversais. Os acessos laterais conduzem até o 'miolo' das residências para, então, distribuir para o setor íntimo voltado para frente, e para o setor social e de serviço voltado para os fundos.

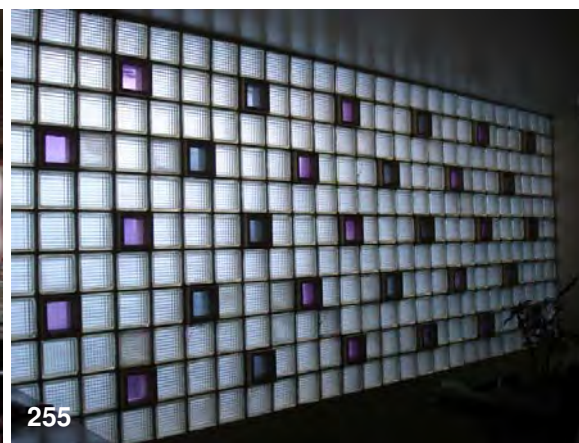


Figura 254: Residência Pelegrin Figueiras. Jardim interno.

Figura 255: Residência Pelegrin Figueiras. Pannel de tijolos de vidro na entrada social.

Fonte: Fotos da Autora.

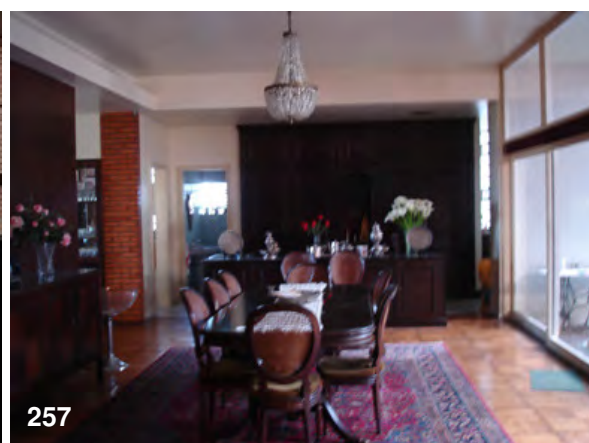


Figura 256: Residência Pelegrin Figueiras. Setor social com diversos ambientes. A esquadria ocupa toda a largura do estar e tem vista para o pátio no fundo do terreno.

Figura 257: Residência Pelegrin Figueiras. Sala de jantar com o jardim interno à direita.

Fonte: Fotos da Autora.



Figura 258: Residência Ivone Louro. Corredor lateral de acesso ao *hall* social.

Figura 259: Residência Ivone Louro. *Hall* social.

Fonte: Fotos da Autora.

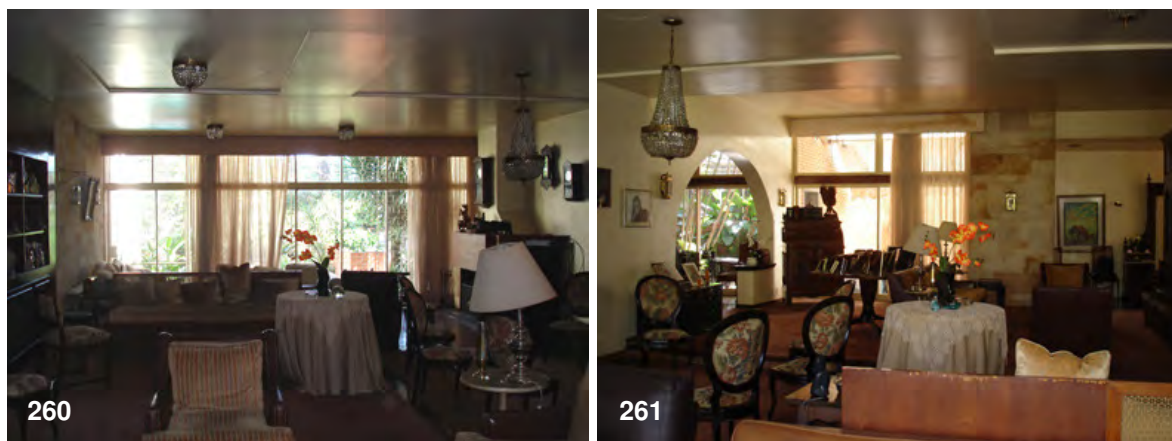


Figura 260: Residência Ivone Louro. Setor social com diversos ambientes. A esquadria ocupa toda a largura do estar e tem vista para o pátio no fundo do terreno.

Figura 261: Residência Ivone Louro. Setor social. A abertura em arco foi introduzida pelos atuais proprietários, ligando as duas residências. A esquadria, ao fundo, tem vista para o jardim interno.

Fonte: Fotos da Autora.

No que se refere à fachada principal (Figura 262), há um eixo central de simetria, mas sem espelhamento da fachada, o que seria comum em casas geminadas. O tratamento adotado divide cada lado da fachada em quatro partes, conforme a compartimentação interna, e seguindo alguma regularidade. A existência de duas casas torna-se menos evidente ainda com o volume do peitoril do terraço solto da laje e ultrapassando a divisão entre as casas e a platibanda que dá unidade ao conjunto. Os materiais e as cores são os costumeiramente usados pelo arquiteto: pastilhas brancas para a platibanda, pedras, tijolo à vista, pastilhas amarelas para as paredes e pastilhas pretas para o volume da floreira que serve de peitoril para o terraço.

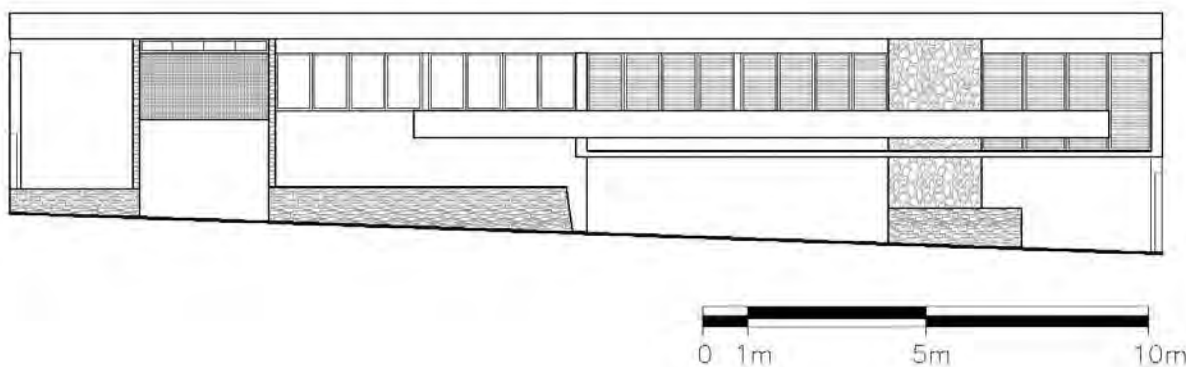


Figura 262: Residência Ivone Louro e Pelegrin Figueiras. Fachada Av. Cristóvão Colombo.
Fonte: Desenho da Autora.

4.1.2 Residência do Arquiteto

Luís Fernando Corona projetou sua residência em 1962. O terreno, um típico lote entre divisas, é retangular com 10,00m de frente por 39,60m de profundidade e localizado na Rua Dr. Veridiano de Farias nº 98, no bairro Petrópolis, em Porto Alegre. O bairro é predominantemente residencial, com casas de um e dois pavimentos em lotes de dimensões próximas ao do arquiteto.

O partido adotado implanta um retângulo de 10,00m por 26,30m, encostado nas divisas laterais e afastando dos limites norte e sul 4,00m e 9,30m, respectivamente. As funções estão distribuídas no pavimento térreo, em patamares acomodados no leve desnível do terreno e intercaladas com jardins internos (Figura 273).

No programa de necessidades constam três dormitórios, gabinete, um banheiro privativo, sala-de-estar, sala de jantar, cozinha e copa, garagem, área de serviço, dormitório e banheiro de serviço. Os quatro jardins internos são importantes na organização da planta e na iluminação dos ambientes, conferindo ao projeto um caráter introspectivo.



Figura 263: Residência do Arquiteto. Implantação.

Fonte: Desenho da Autora.

A fachada principal, voltada para a Rua Dr. Veridiano de Farias, tem orientação sul. O primeiro plano da fachada é formado por dois trechos em alvenaria de tijolos aparentes pintados de branco e por elementos cerâmicos vazados encimados por uma viga. Associados a este plano, estão as vigas provenientes da garagem e do pergolado que cobre o jardim social. Essas vigas avançam em 60cm o

primeiro plano da fachada e servem de apoio para a laje plana que faz a proteção do acesso (Figuras 264 e 265).

A solução é aparentemente elementar, porém revela uma composição equilibrada de planos e materiais, de cheios e vazios, tirando partido plástico da estrutura resistente e com o toque da obra de arte na escultura feita por Fernando Corona, pai do arquiteto, colocada sobre a laje em balanço, revestida com pastilhas brancas, que intercepta o plano de elementos vazados (Figura 266).



Figura 264: Residência do Arquiteto. Foto da fachada principal.

Fonte: MIZOGUCHI e XAVIER. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 1987, p.174.

Figura 265: Residência do Arquiteto. Foto atual da fachada principal.

Fonte: Foto da Autora.

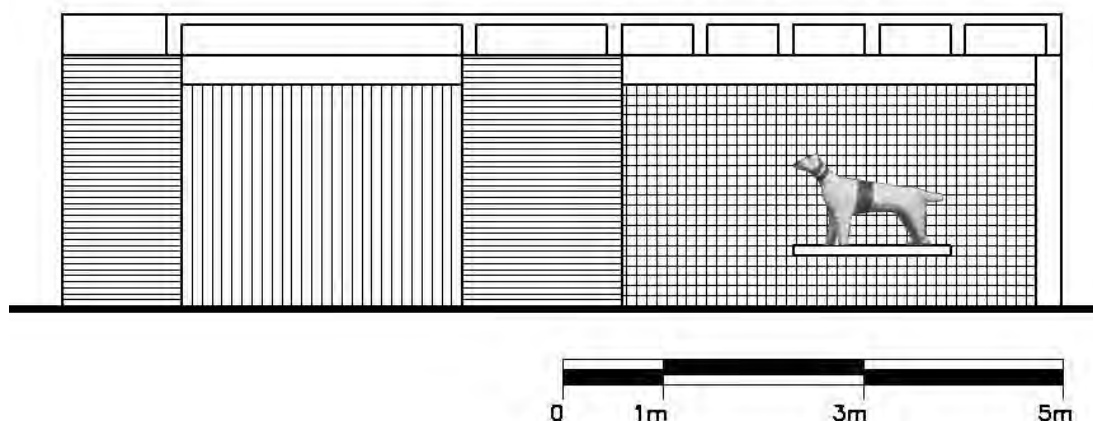


Figura 266: Residência do Arquiteto. Fachada principal.

Fonte: Desenho da Autora.

O segundo plano da fachada contém os três acessos: social, garagem e serviço, inseridos em um painel de madeira (Figura 267). A entrada de serviço acontece junto à divisa oeste e dá acesso à cozinha, ao jardim, à área de serviço e as dependências de empregada. O *hall* social permite a comunicação com a

garagem e a sala-de-estar. Este espaço de recepção é iluminado e ventilado por duas aberturas de 50x50 cm voltadas para o jardim social. Sobre a viga que arremata o painel de madeira da entrada, o fechamento é feito por esquadrias de vidro fixo (Figura 268).

A partir do estar, uma seqüência de ambientes sucedem-se linearmente, diferenciados somente por desníveis que modulam os espaços da parte social da residência (Figuras 272 e 273). Esta seqüência é iniciada pelo jardim social. Este espaço é coberto por um pergolado formado pelas vigas que aparecem na fachada principal (Figura 269). Na face voltada para a rua, o fechamento do jardim é feito pelos elementos cerâmicos vazados, interrompidos apenas pela laje que exhibe a escultura.

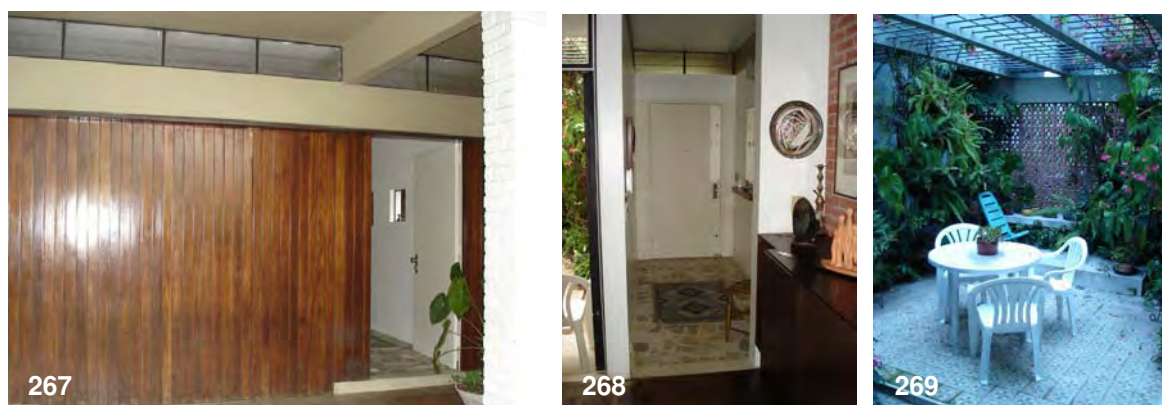


Figura 267: Residência do Arquiteto. Fachada principal. Painel de madeira que contém os acessos de serviço, social e da garagem.

Figura 268: Residência do Arquiteto. Vista do *hall* a partir da sala-de-estar.

Figura 269: Residência do Arquiteto. Vista do jardim social a partir da sala-de-estar.

Fonte: Fotos da Autora.

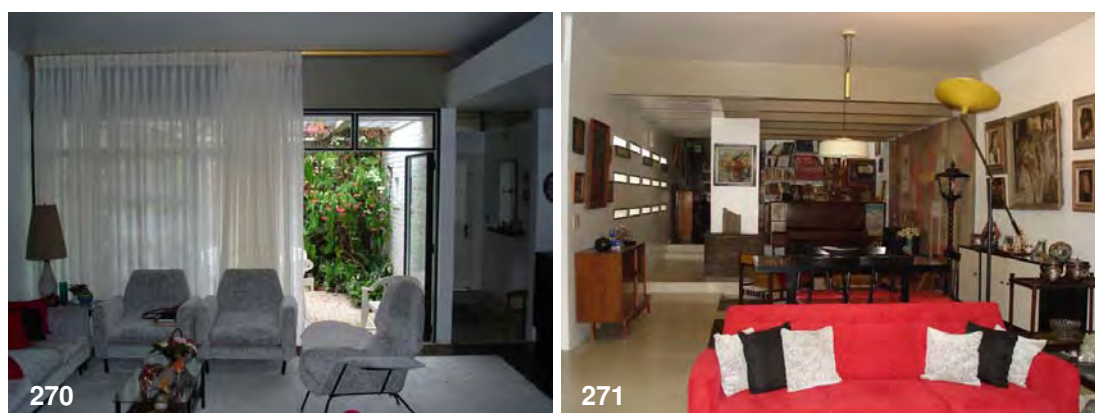


Figura 270: Residência Luís Fernando Corona. Vista da sala-de-estar, do jardim social e do *hall*.

Figura 271: Residência Luís Fernando Corona. Vista da sala de jantar, do jardim de inverno, da circulação e do gabinete ao fundo a partir da sala-de-estar.

Fonte: Fotos da Autora.

A sala-de-estar está aberta para o jardim social. A esquadria com caixilharia em madeira pintada de preto e branco, dividida em cinco partes coordenadas com as vigas do pergolado, ocupa todo o vão de 4,20 por 2,40m, permitindo a relação de continuidade entre estes dois espaços, enfatizada, ainda, pelo plano da parede da divisa leste que passa do interior para o exterior (Figura 270). No estar, o espaço alinhado com o *hall* de entrada apresenta um pé direito mais baixo que o restante da sala. A diferença de pé direito entre este espaço e o estar, propriamente dito, é usado para iluminação artificial indireta do ambiente.

Um degrau separa a sala-de-estar da sala de jantar, porém, a laje de cobertura é um retângulo contínuo nestes dois ambientes. No piso, tanto do estar como do jantar, o *parquet* delimita os espaços. Degraus e circulações são marcados pelo piso em mármore branco (Figura 271).

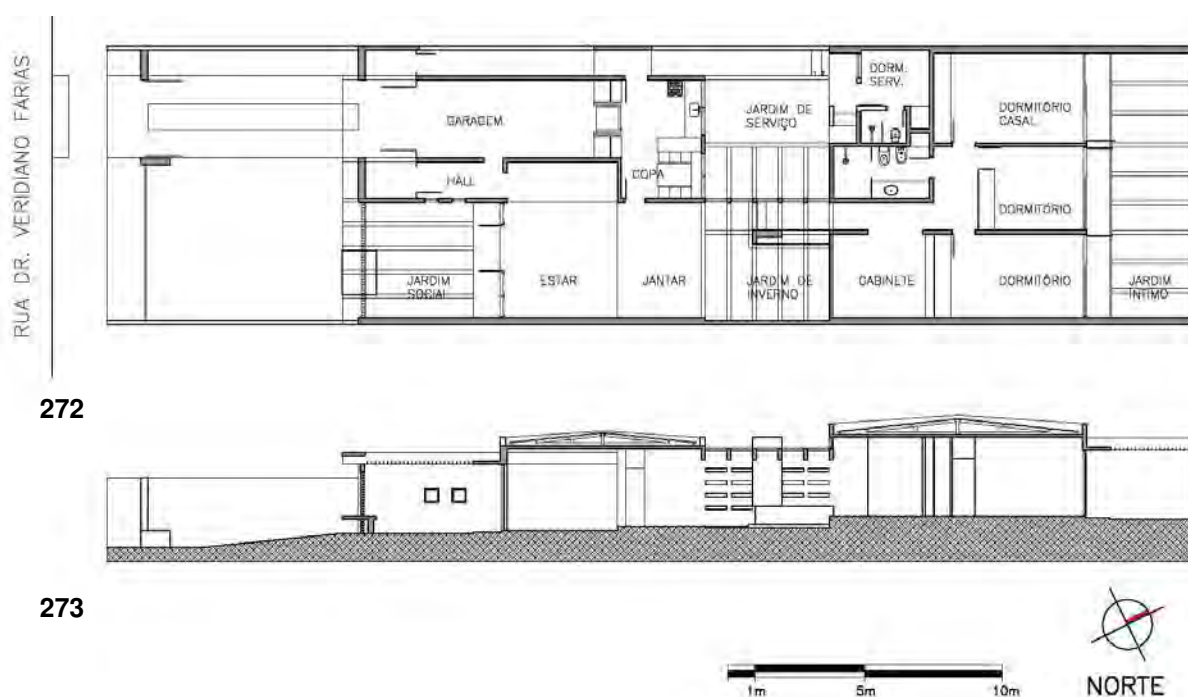


Figura 272: Residência do Arquiteto. Planta baixa.

Figura 273: Residência do Arquiteto. Corte longitudinal.

Fonte: Desenhos da Autora com base no projeto original, pertencente ao acervo da Sra. Magali Corona.

No projeto encaminhado à Prefeitura, a copa e a cozinha estão alinhadas ao jantar e configuram, com ele, uma faixa transversal ao terreno. Nelas, a ventilação e a iluminação são feitas por dois níveis de janelas horizontais que abrem para o jardim de serviço e estão separadas por um plano opaco, ocupado pelos armários

aéreos. Um plano vertical também interrompe as aberturas e separa a copa da cozinha com um balcão. Na copa, as três divisões verticais da esquadria relacionam-se com o mobiliário – banco, mesa, banco. Na cozinha, as quatro divisões verticais da esquadria fazem correspondência com as portas dos armários. Na face oposta, que faz limite com a garagem, o nicho central é ocupado pela geladeira e as laterais por armários com frente para a cozinha e para a garagem (Figura 275). Contudo, durante a obra, o arquiteto alterou o projeto, propondo um lavabo para o lugar da copa e posicionou-a no lugar do nicho da geladeira (Figura 274). Área de serviço, dormitório e banheiro de empregada formam um núcleo independente, ligado ao jardim de serviço.

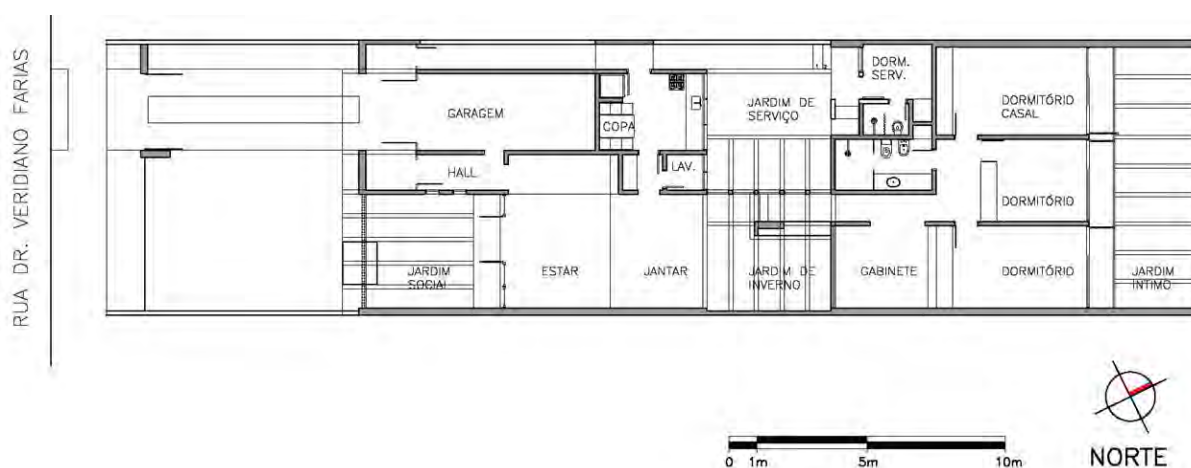


Figura 274: Residência do Arquiteto. Atual planta baixa da residência.

Fonte: Desenhos da Autora.

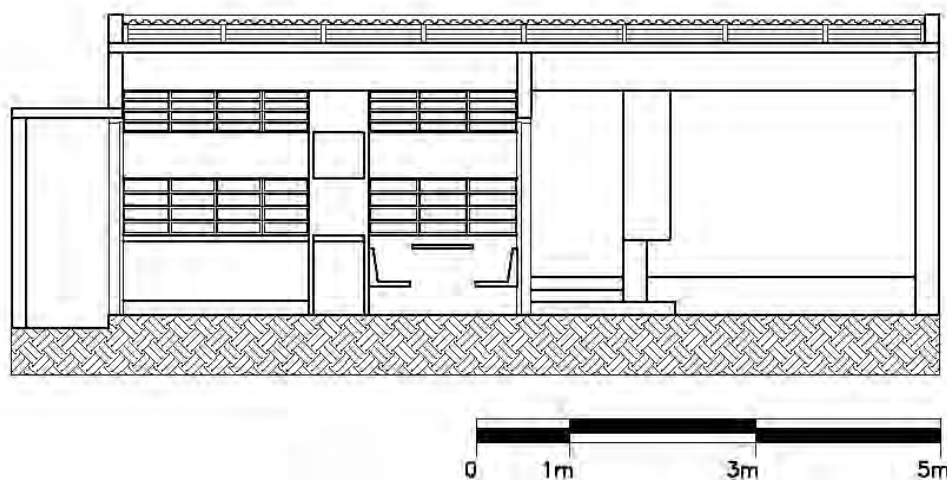


Figura 275: Residência do Arquiteto. Corte transversal passando pelo jantar e pela cozinha.

Fonte: Desenho da Autora com base no projeto original, pertencente ao acervo da Sra. Magali Corona.

A faixa transversal que segue é formada por jardim de serviço, circulação interna e jardim de inverno. Os dois últimos têm juntos a largura do jantar. O jardim de inverno é um espaço singular, com cobertura pergolada que se estende até o jardim de serviço, e telhas transparentes que permitem a entrada de luz. O pergolado reduz o pé direito do jardim de inverno, distinguindo o caráter mais comprimido deste espaço, enquanto o piso, em basalto irregular polido, está 5cm mais baixo em relação ao piso do jantar (Figura 276). A lareira tem papel importante na solução dos diferentes níveis que acontecem nesse setor. O primeiro degrau, que leva à área íntima, é o plano sobre o qual está a base de pedra da lareira. A chaminé é envolvida por um paralelepípedo branco que ocupa o intervalo central da pérgola. Na face oposta à lareira, Luís Fernando é o autor do painel pintado na parede levemente rebaixada. Na circulação, as escotilhas retangulares, organizadas em cinco colunas e quatro linhas, abertas para o jardim de serviço, formam uma composição abstrata que não lembra janelas. Estas aberturas estão coordenadas com as vigas da pérgola ainda aparentes no teto, apesar do forro que rebaixa este setor.

Assim, vencidos os três degraus de desnível a partir do jantar, chega-se ao gabinete, fim da perspectiva para quem olha desde o estar (Figura 277). A iluminação e a ventilação deste espaço são resolvidas por uma janela alta, acima do nível da pérgola, já compensando o pé direito deste setor (Figura 278). Neste mesmo nível, estão os dormitórios e o banheiro, este com iluminação e ventilação resolvidos da mesma forma que no gabinete.

Com relação aos dormitórios, estes se abrem para o jardim íntimo também pergolado (Figura 279). A fachada norte é composta pelos vãos dos dormitórios, marcados pelo topo das alvenarias que os dividem, pelas esquadrias de madeira divididas em três partes, pela laje que as protege e pela pérgola. Mais uma vez as paredes de alvenaria e as divisões das esquadrias encontram correspondência com a marcação da pérgola. No dormitório central, a separação com a circulação é feita por um armário; a mesma solução repete-se para separar o gabinete do outro dormitório.

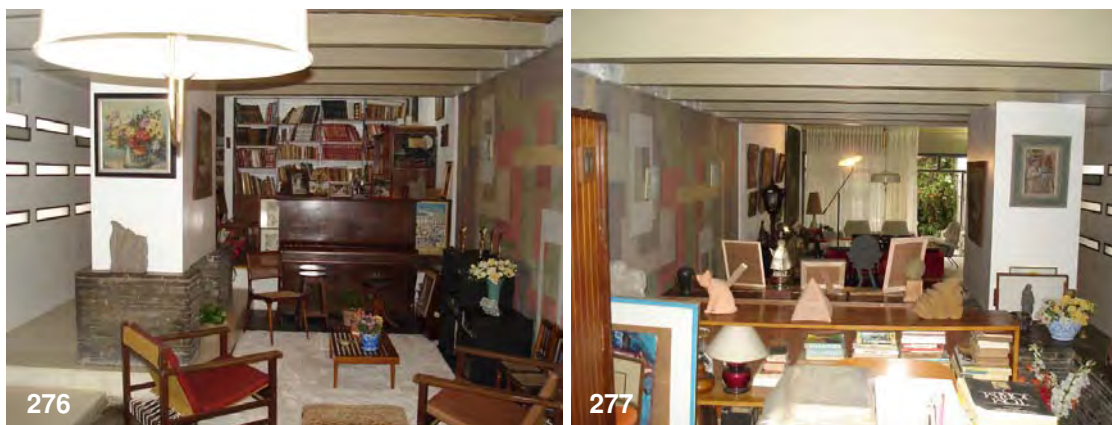


Figura 276: Residência do Arquiteto. Vista do jardim de inverno e da circulação.

Figura 277: Residência do Arquiteto. Vista a partir do gabinete.

Fonte: Fotos da Autora.

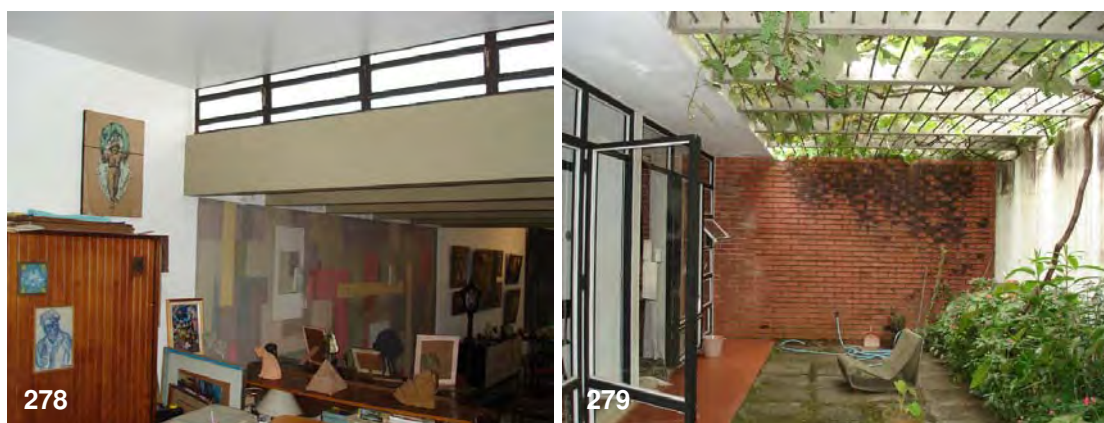


Figura 278: Residência do Arquiteto. Iluminação e ventilação do gabinete.

Figura 279: Residência do Arquiteto. Vista do jardim íntimo.

Fonte: Fotos da Autora.

Nessa casa, merece destaque o uso de artifícios espaciais sutis para criar ambiências particulares: os ambientes são desnivelados por pequenos degraus em piso e forro, jogando com a sensação de expansão e contração. A isso, soma-se o jogo com a luz, através do uso de pérgolas abertas ou fechadas, janelas amplas ou coleções de escotilhas, janelas altas e o jogo com os materiais (tijolo à vista, pedra, concreto, tijolo vazado). Destaca-se, também, o uso de pátios, ora abertos, ora cercados por combogós e pérgolas, ora fechados por telhas transparentes. A manipulação destes recursos singelos demonstra a habilidade compositiva de Luís Fernando Corona ao lidar com o espaço na escala da residência de classe média.

4.1.3 Residência Natal Silva

A residência do Sr. Natal Silva, projetada por Luís Fernando Corona em 1964, situa-se na Rua Beck nº 107, no Bairro Menino Deus, em Porto Alegre. O terreno de meio de quarteirão está a 99,30m da Avenida Getúlio Vargas e tem formato quase quadrado com 20,40m de frente para a Rua Beck e 19,60m de profundidade.

A residência é um volume térreo que ocupa toda a largura do terreno, guardados os recuos laterais de 1,50m a oeste e 2,10m a leste. O acesso à residência está localizado na porção direita da fachada, onde estão a garagem e o acesso social através de um *hall* em recesso, aberto, com jardim e iluminação natural (Figuras 280 e 281).

Já no interior da residência, o vestíbulo tem acesso à garagem, ao estar e jantar e a um corredor que distribui para a cozinha, para o banheiro e para os quatro dormitórios, dos quais três se abrem para norte, na fachada principal, e o outro volta-se para leste (Figura 282).

As salas de estar e jantar abrem-se para um generoso pátio social na porção posterior do terreno. Da mesma forma, a cozinha e o banheiro possuem aberturas para o pátio de serviço, cujo acesso próprio, acesso de serviço, acontece pela lateral leste. Pátio social e pátio de serviço são separados por um volume transversal que abriga a lavanderia, o banheiro de serviço e o dormitório de empregada.



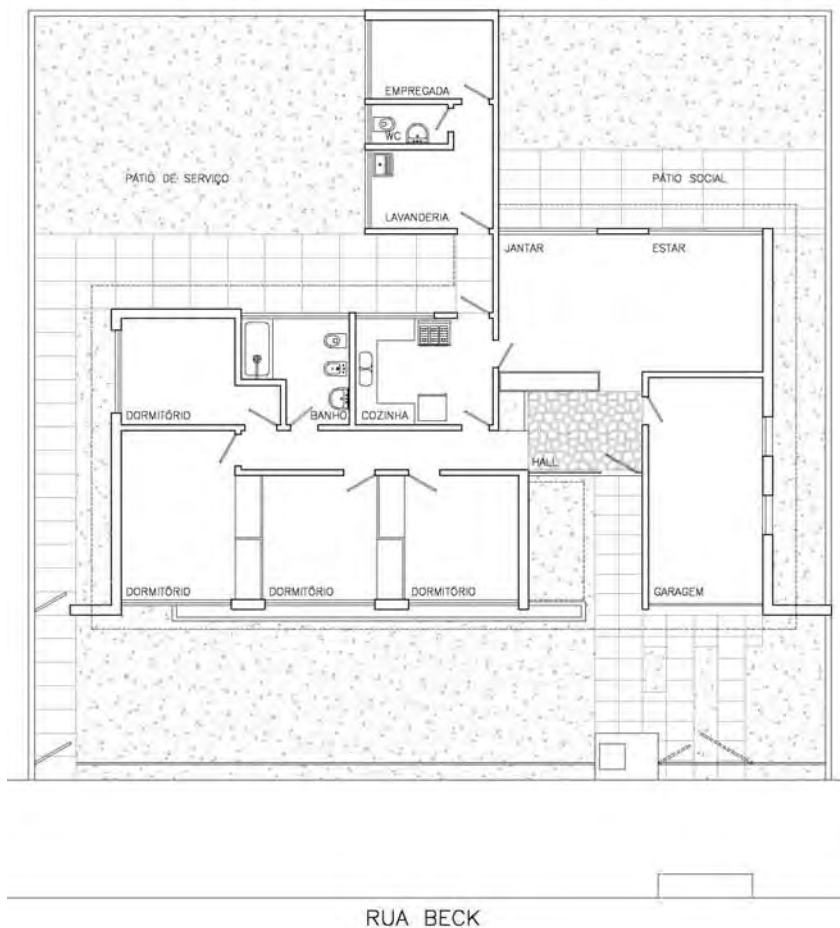
Figura 280: Residência Natal Silva. Fachada principal.

Figura 281: Residência Natal Silva. Fachada principal.

Fonte: Fotos da Autora.

Na fachada principal, predominam as linhas horizontais através da laje de cobertura, das vigas sobre as paredes e da floreira suspensa do chão em frente às janelas dos dormitórios. As alvenarias e aberturas correspondem a uma faixa de mesma altura, com diferentes materiais e texturas, que se estende de uma divisa a outra do terreno (Figura 283).

282



283

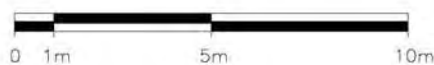
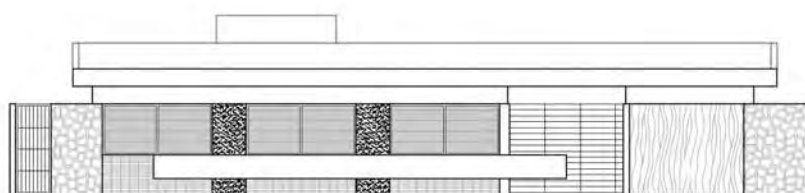


Figura 282: Residência Natal Silva. Planta baixa.

Figura 283: Residência Natal Silva. Fachada principal.

Fonte: Desenhos da Autora com base no projeto original, pertencente ao acervo pessoal da Sra. Nilcéia Silva.

4.1.4 Residência Haroldo Dias Paiva

Em 1964, os arquitetos Luís Fernando Corona e Emil Bered são contratados pelo médico Haroldo Dias Paiva para projetar sua residência. O terreno retangular, localizado na Avenida Carlos Gomes nº 985, no Bairro Boa Vista, em Porto Alegre, tem 26,40m de frente com orientação nordeste e 43,00m de profundidade. O programa de necessidades, elaborado pelo cliente, é bastante amplo e prevê para a área social vestíbulo, sala-de-estar, gabinete, lavabo, e área coberta com churrasqueira. No setor íntimo, há sala de jantar, estar íntimo, quarto de brinquedos, sala de costura, banheiro social e quatro dormitórios. No setor de serviços, estão a cozinha com copa, despensa, lavanderia, área de serviço, banheiro de serviço, dormitório de empregada e dormitório do caseiro.



Figura 284: Residência Haroldo Dias Paiva. Fachada principal.

Fonte: Acervo pessoal Arq. Emil Bered.

No partido adotado, o volume edificado de apenas um pavimento está implantado afastado das divisas laterais e de fundo, o que permite a abertura das áreas internas para essas faces. A face voltada para a avenida respeita o recuo de jardim de 4m e o recuo viário de 15,50m, a partir do meio-fio. Em planta, verifica-se uma disciplina compositiva que organiza o programa de necessidades em quatro faixas paralelas, dispostas no sentido longitudinal. O vestíbulo está localizado na faixa mais estreita. A partir dele é possível acessar a faixa lateral, onde estão o gabinete e o lavabo na parte frontal e a circulação que distribui para o dormitório de hóspedes, sala de costura, banheiro social, dormitórios e suíte. O gabinete, o

banheiro social e todos os dormitórios estão abertos para a fachada lateral. Na faixa à esquerda do vestíbulo, está o estar, o estar íntimo, o jantar, uma área coberta por pergolado e, por fim, a área coberta com churrasqueira. A última faixa reúne os serviços começando com a garagem e, na seqüência, quarto de brinquedos, cozinha, despensa, lavanderia, área de serviço e dormitórios de serviço. Com exceção dos dormitórios de serviço, que têm janelas para os fundos do terreno, as demais áreas abrem-se para a fachada lateral onde acontece o acesso e a circulação de serviço (Figura 285).

As áreas laterais e de fundo são exíguas e não possuem tratamento distintivo. Já a área coberta pelo pergolado é o espaço externo mais importante, configurando um jardim interno para o qual se volta o estar íntimo e o jantar (Figura 287). Inseridos nas faixas laterais ao jardim estão dois espelhos d'água dispostos de forma simétrica. A área coberta com churrasqueira, que também desfruta deste espaço aberto, é fechada, na sua fachada de fundos, por elementos cerâmicos vazados.

Na fachada principal, o volume que contém a garagem está avançado em relação ao restante da edificação (Figura 284). O painel de madeira que fecha a garagem prolonga-se até a divisa, fechando também o acesso ao corredor lateral de serviço. A faixa seguinte corresponde ao estar e é delimitada pela parede lateral da garagem e pela parede entre estar e vestíbulo. Neste trecho, a fachada envidraçada é interrompida apenas pelo volume da lareira e por uma viga na mesma altura da cobertura da garagem. A entrada está marcada pelo recuo da porta de acesso em relação aos planos laterais. Por fim, a parede de pedra prolonga-se além da viga de cobertura, fechando o corredor lateral com uma grade até a divisa (Figura 286).

A platibanda faz a união entre todos os setores e reforça a horizontalidade da fachada principal. O tratamento das superfícies com diferentes materiais e texturas resulta numa fachada abstrata, onde não há portas e janelas convencionais, mas planos. O projeto contempla também os encaminhamentos que levam até a entrada, configurados por muros e floreiras num jogo de faixas deslizantes.

A transformação da Avenida Carlos Gomes em eixo de ligação entre zona norte e zona sul levou à transformação também de suas margens, hoje ocupadas por altos edifícios de comércio e serviços substituindo as residências de outrora. A Residência Haroldo Dias Paiva ainda permanece, praticamente imperceptível para quem cruza pela via (Figura 288).

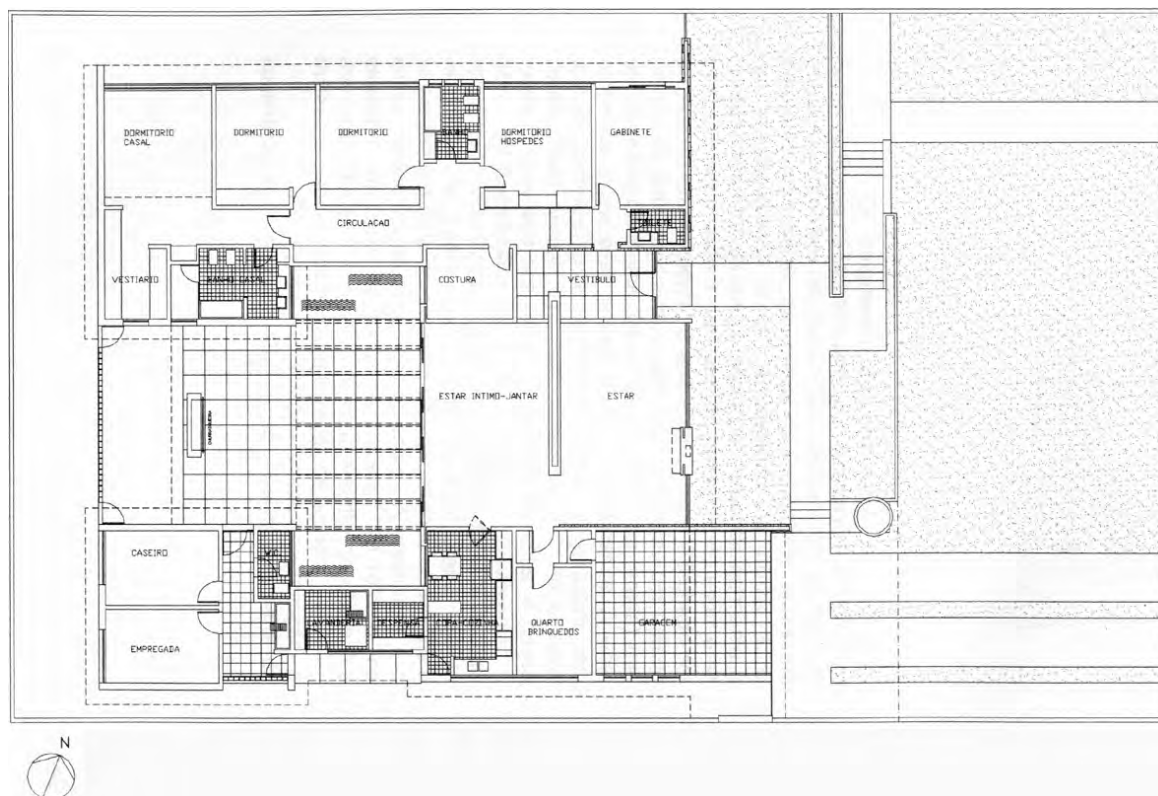


Figura 285: Residência Haroldo Dias Paiva. Planta baixa.

Fonte: Desenho Fernando Ströher.

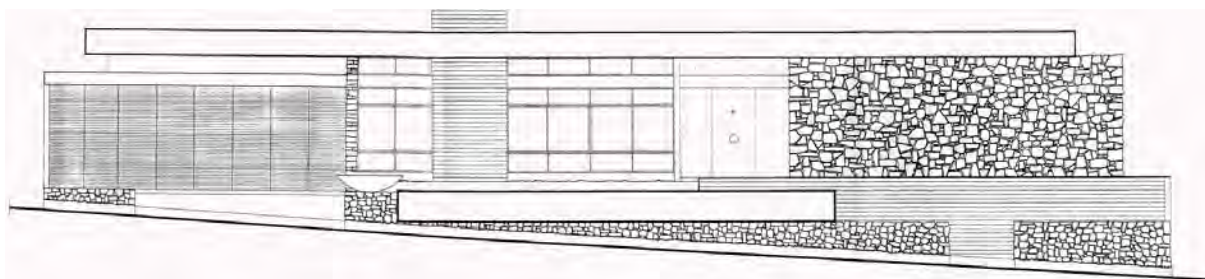


Figura 286: Residência Haroldo Dias Paiva. Fachada principal.

Fonte: Arquivo Municipal.



Figura 287: Residência Haroldo Dias Paiva. Jardim interno coberto por pérgola. A piscina foi introduzida posteriormente.

Figura 288: Residência Haroldo Dias Paiva. Fachada principal.

Fonte: Foto da Autora.

4.1.5 Residência Ronald Ely

Em 1965, Luís Fernando Corona e Emil Bered projetam a residência do engenheiro industrialista Ronald Ely. A residência está localizada na Rua Ildfonso Simões Lopes nº 85, antiga Rua Açucena, no Bairro Três Figueiras, em Porto Alegre. O terreno, de formato irregular, tem 22,20m de frente com orientação sudoeste, 28,20m de fundo, divisa nordeste, 33,60m na divisa sudeste, 32,80m na divisa noroeste e desnível de três metros do nível da rua em direção ao fundo do lote. O bloco construído é orientado pela face sudeste, e o extenso programa de necessidades é distribuído em dois pavimentos, aproveitando o desnível existente.

No programa de necessidades, constam vestíbulo, lavabo, sala-de-estar, sala de jantar, sala de jogos, área coberta com churrasqueira, sanitário auxiliar, três dormitórios, dormitório do casal com banheiro privativo e vestiário, banheiro social, estar íntimo, gabinete, sala de costura, jardim de inverno, garagem para dois carros, cozinha, copa, depósito, despensa, lavanderia, dois dormitórios de serviço e banheiro de serviço.

No pavimento principal, no nível do passeio, a planta está organizada em três faixas paralelas dispostas longitudinalmente e junto à porção frontal do terreno (Figura 289). Na faixa central e mais estreita, está concentrado o acesso ao vestíbulo, a circulação de distribuição deste pavimento e a circulação vertical de acesso ao pavimento inferior. A disposição dos espaços, neste pavimento, forma um “U” em torno desta faixa central. Na faixa da direita estão o estar, o jantar e o jardim interno, coberto por pergolado, para onde estes dois espaços ventitam. Na faixa à esquerda do vestíbulo, encontram-se a garagem, o lavabo, a copa e a cozinha. O setor íntimo, onde estão os quatro dormitórios, os banheiros, o estar íntimo, o gabinete, a sala de costura e o jardim de inverno, ocupa a faixa transversal ao terreno fechando o “U” em volta da circulação de distribuição. Neste pavimento, alguns desníveis presentes no piso das áreas sociais ajudam a configurar os espaços.

O pavimento inferior localiza-se sob o setor íntimo (Figura 290). A escada dá acesso direto à sala de jogos. Para a direita, está à área aberta e coberta com churrasqueira e para à esquerda as áreas de serviço. Na divisa noroeste acontecem

o acesso e a circulação de serviço que inclui uma escada externa de comunicação com o pavimento inferior.

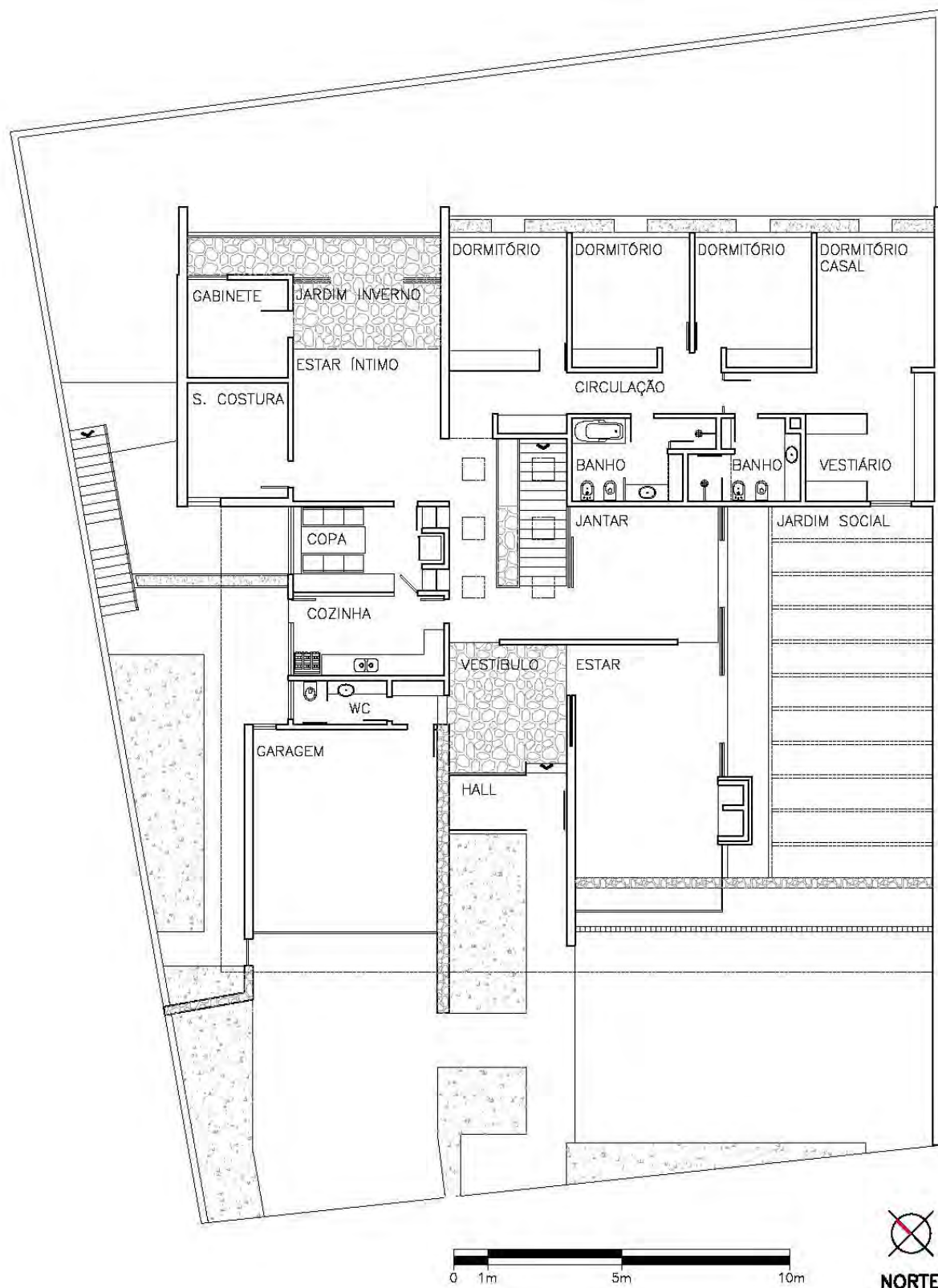


Figura 289: Residência Ronald Ely. Planta do pavimento principal.
 Fonte: Desenho da Autora.

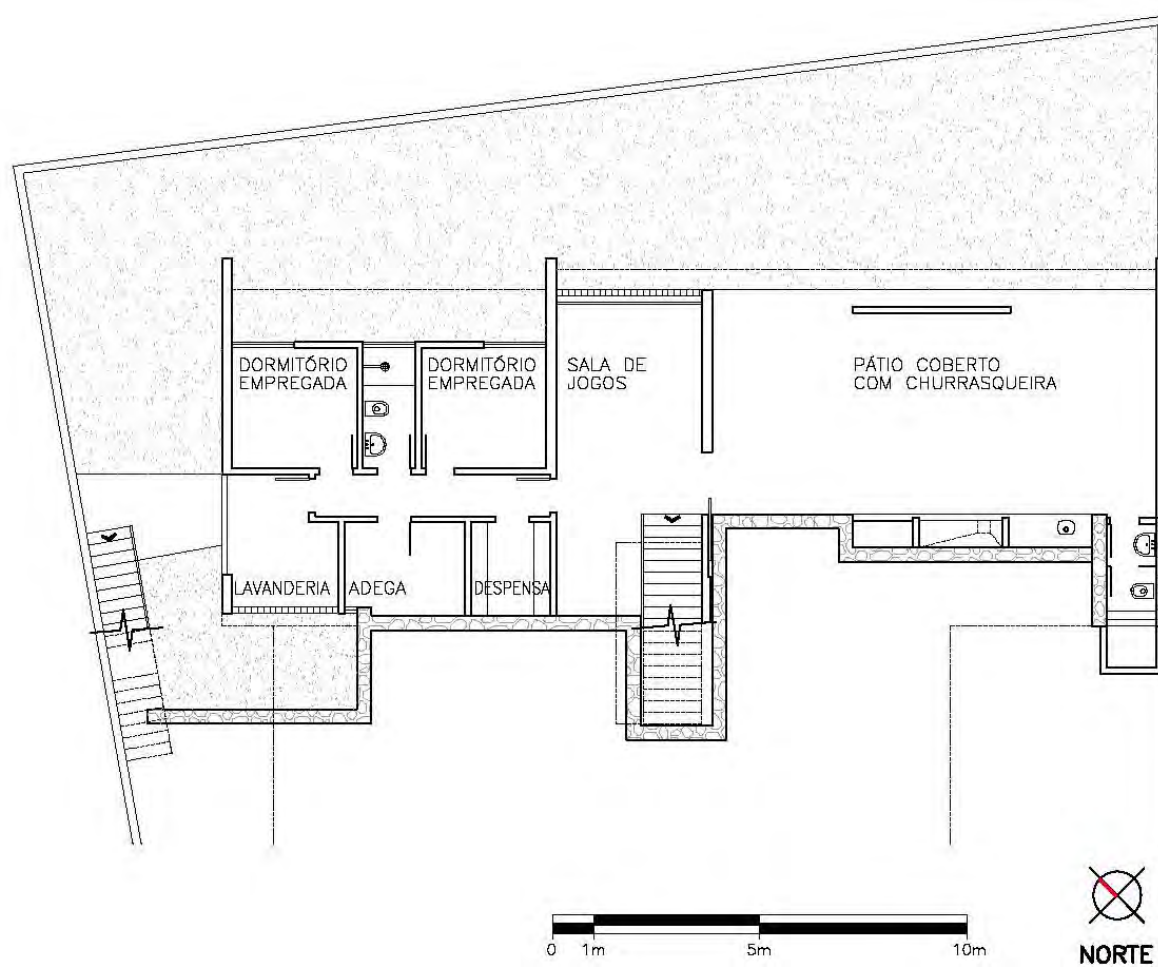


Figura 290: Residência Ronald Ely. Planta do pavimento inferior.
 Fonte: Desenho da Autora.



Figura 291: Residência Ronald Ely. Fachada principal.
 Fonte: Acervo particular Arq. Emil Bered.

A fachada principal estende-se de uma divisa a outra do terreno e é marcada pela horizontalidade e pela abstração gerada pelo uso de planos de materiais distintos sem idéia de janela, porta e telhado (Figuras 291 e 292). A platibanda, revestida com pastilhas na cor branca, reúne os elementos de arquitetura dando unidade ao conjunto. O acesso social é marcado pelo recuo em relação ao plano da fachada, pelas duas paredes que o limitam e pelo rasgo na laje sobre o jardim, antecedendo o *hall*. A primeira parede, em pedra, faz divisa com a garagem e prolonga-se além da linha da platibanda. A outra parede separa o acesso do estar e avança além do plano de elementos vazados que fecha o estar e o jardim interno, estendendo-se até a divisa sudeste. Ao lado da porção ocupada pela garagem, o fechamento a noroeste da fachada principal é feito por uma parede colocada perpendicularmente a esta divisa. Na diferença entre o plano desta parede em pedra e do plano da porta de madeira da garagem acontece o acesso de serviço.

Na fachada noroeste, a platibanda é arrematada pelo volume do setor íntimo (Figura 293). Na verdade, trata-se de uma mesma parede de fechamento lateral das áreas do pavimento principal e do pavimento inferior, porém com revestimentos e níveis diferentes. O setor da fachada correspondente ao gabinete e a sala de costura, no pavimento principal, tem alvenaria rebocada e mais saliente em relação ao restante da parede com tijolo à vista.

Na fachada dos fundos, os quatro dormitórios, no pavimento superior, são caracterizados pelos vãos modulados, pelas esquadrias de madeira com veneziana e pelo volume avançado da floreira (Figura 294). Sob os dormitórios estão o espaço coberto com churrasqueira e a sala de jogos. A fachada deste setor apresenta a mesma modulação dos dormitórios, porém intercala vazios com 'painéis' de tijolo à vista e de elementos cerâmicos vazados. Ao lado dos dormitórios, no pavimento superior, diante do estar íntimo e do gabinete, está o jardim de inverno. Na fachada, uma viga sob a platibanda estende-se por toda fachada, arrematando o plano vertical de fechamento do jardim de inverno. Na fachada lateral, esta viga avança além da parede em alvenaria e finaliza passando um pouco sobre a saliência do gabinete e sala de costura. O jardim de inverno é fechado por um painel de grade de ferro. No pavimento inferior, a fachada deste setor está recuada em relação ao plano de fechamento do jardim de inverno e apresenta esquadrias inseridas na alvenaria e um plano em tijolo à vista.

Alguns setores da residência possuem ventilação e iluminação através da cobertura. É o caso da circulação de distribuição do pavimento principal e da circulação vertical de acesso ao pavimento inferior, que são iluminadas por seis 'domus'. Nos banheiros, a ventilação e a iluminação acontecem através da diferença de nível entre as lajes resultando em uma janela alta.

Hoje, a Residência Ronald Ely ainda pertence à família, mas trocou de função e abriga o Consulado Espanhol.

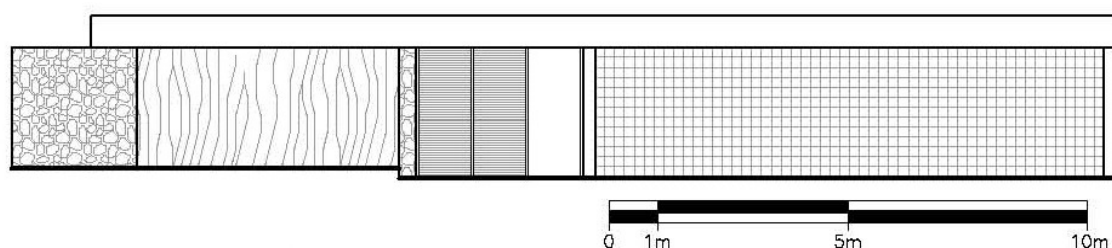


Figura 292: Residência Ronald Ely. Fachada principal.

Fonte: Desenho da Autora.

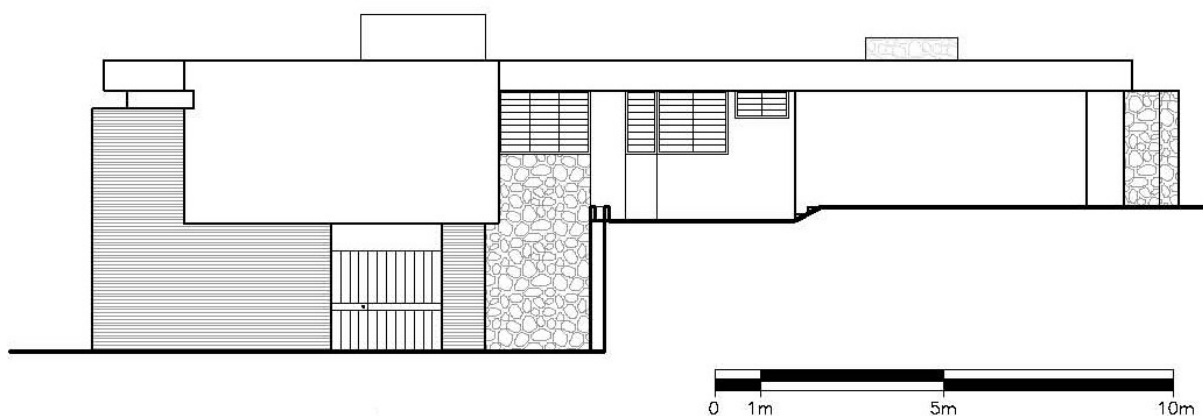


Figura 293: Residência Ronald Ely. Fachada noroeste.

Fonte: Desenho da Autora.

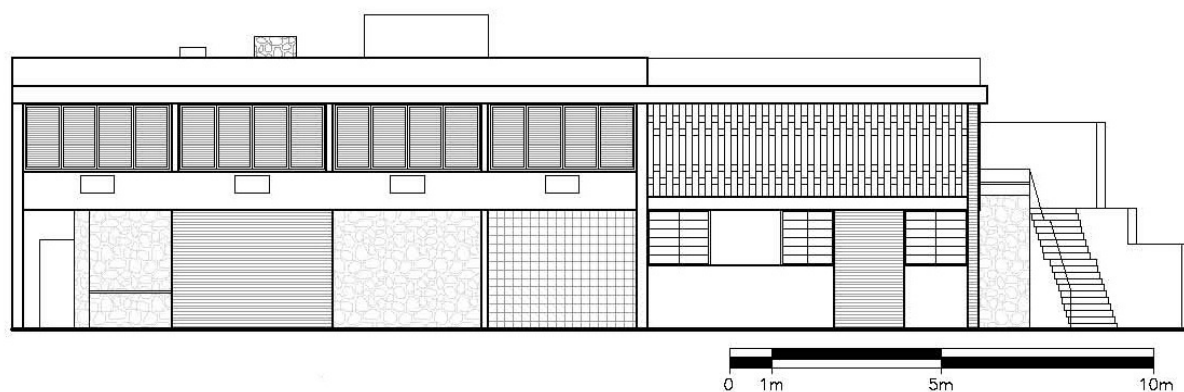


Figura 294: Residência Ronald Ely. Fachada nordeste.

Fonte: Desenho da Autora.

4.1.6 Residência Hélio Roca Bragança

A residência para o médico Hélio Bragança foi projetada por Luís Fernando Corona e Battistino Anele, em 1968, e localiza-se na Alameda Vicente de Carvalho nº 155, próximo da Praça Japão, em Porto Alegre. O terreno é praticamente quadrado, com 35,50m de frente por 33,00m de profundidade. O bloco construído está afastado de todas as divisas, havendo apenas uma faixa com serviços junto à divisa de fundo do terreno.

O programa de necessidades é bastante extenso e está distribuído em dois pavimentos. A garagem para dois carros e o acesso estão localizados no pavimento térreo, aproveitando a diferença de cota de nível entre o terreno mais alto e a rua (Figura 295). O acesso é ladeado por paredes de pedra e coberto, no trecho inicial, por pérgola (Figuras 297 e 298). Os diversos patamares conduzem ao *hall*, e a escada de acesso, ao pavimento superior cujos degraus em concreto se projetam a partir da parede de pedra e da parede revestida de azulejos azuis (Figuras 299-301).

No pavimento superior, a circulação vertical distribui para os diversos setores da casa (Figura 302). À direita do *hall* está o setor privativo da residência com estar íntimo, sala de estudo, jardim interno, coberto por pérgola (Figura 304), banheiros, dois dormitórios e duas suítes. Do lado esquerdo do *hall*, dispostos em diferentes níveis estão o gabinete, o lavabo, o estar social, o bar e o jantar aberto para um pequeno jardim interno coberto por pérgola (Figuras 305-310). A cozinha e a copa estão entre o jantar e o estar íntimo, atendendo aos dois setores da casa. O pátio coberto com churrasqueira tem comunicação com o estar íntimo (Figura 311). O prolongamento da parede entre estar íntimo e copa separa a circulação coberta de serviço entre a cozinha e a lavanderia do pátio coberto da churrasqueira. Do lado direito do pátio coberto, alinhado ao volume da lavanderia, um plano vertical configura, com as divisas norte e oeste, o espaço para as hortaliças e, do lado oposto, junto às divisas sul e oeste, está o volume do galinheiro. O acesso de serviço acontece junto à divisa sul, contornando o muro de pedra que conforma o jardim elevado.

Mesmo com a separação dos setores no sentido perpendicular à rua, dispondo o setor íntimo para a direita e os setores social e de serviço para a esquerda, o volume principal da residência está organizado em faixas paralelas à

rua. A nave central reúne a circulação de acesso e distribuição, sanitários, bar e sala de estudos. Para a frente, está a ala que concentra os dormitórios, gabinete e estar social e, para os fundos, a ala onde estão o jantar, a copa, a cozinha e o estar íntimo.

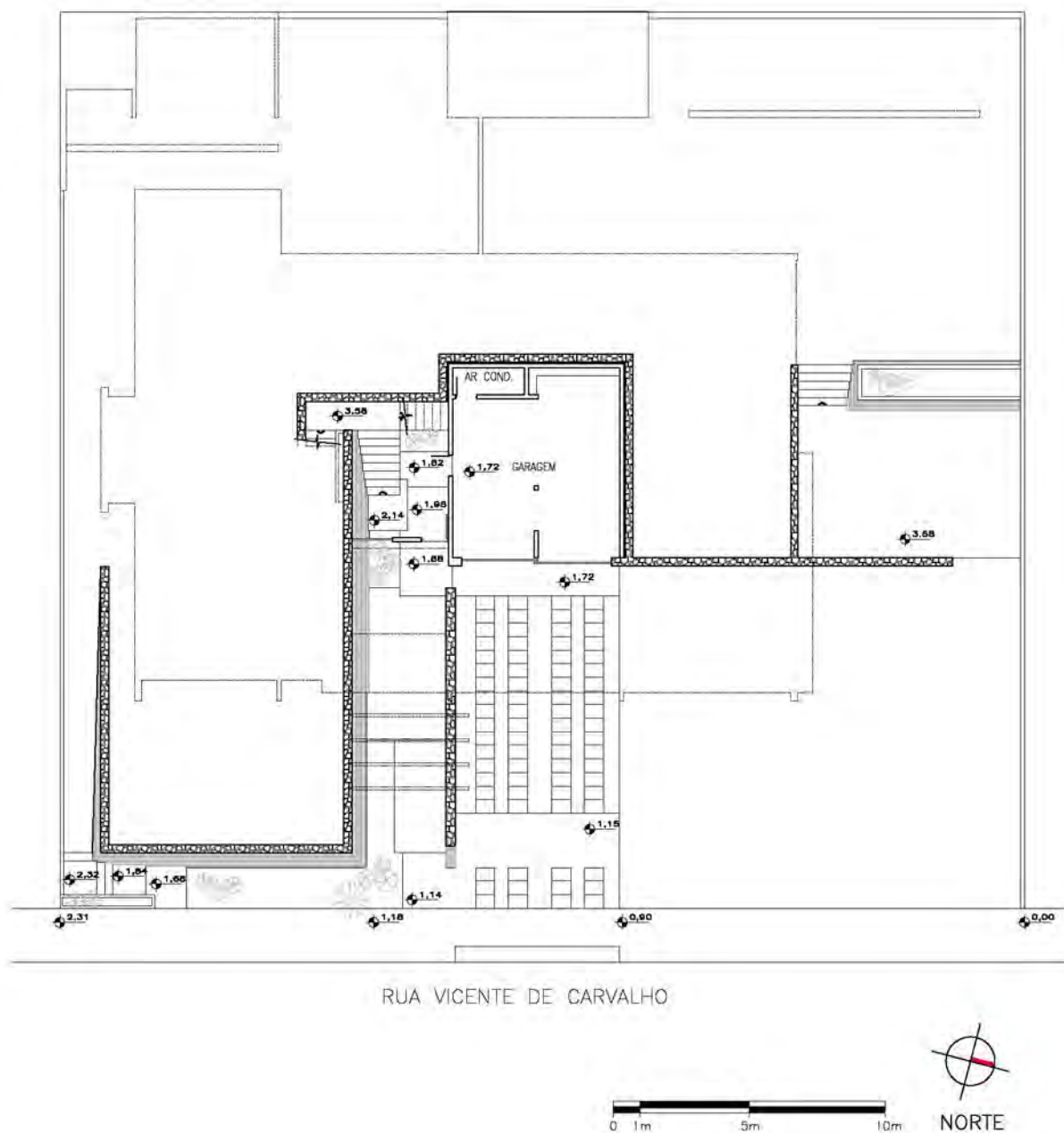


Figura 295: Residência Hélio Roca Bragança. Planta do 1º térreo.
Fonte: Desenho da Autora.

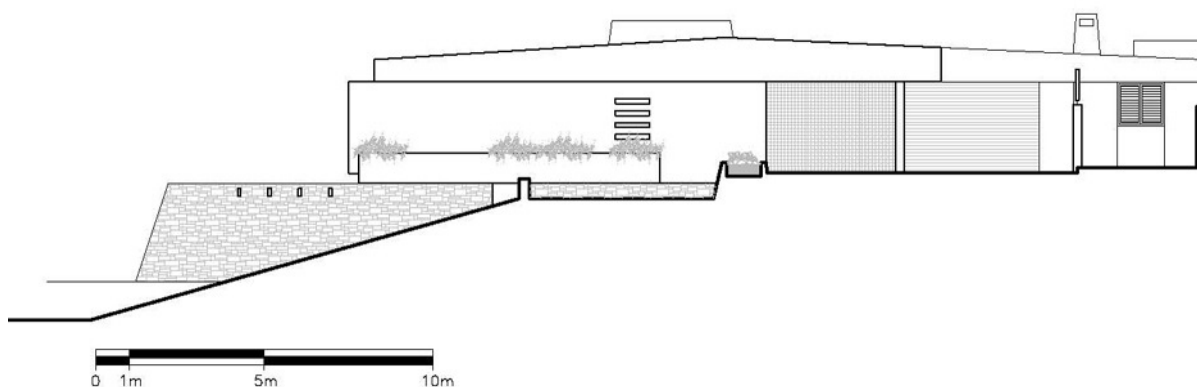


Figura 296: Residência Hélio Roca Bragança. Fachada Lateral.

Fonte: Desenho da Autora.



Figura 297: Residência Hélio Roca Bragança. Entrada social.

Figura 298: Residência Hélio Roca Bragança. Entrada social delimitada pelos muros altos e coberta por pérgola.

Fonte: Fotos da Autora.



Figuras 299, 300 e 301: Residência Hélio Roca Bragança. Hall social.

Fonte: Fotos da Autora.

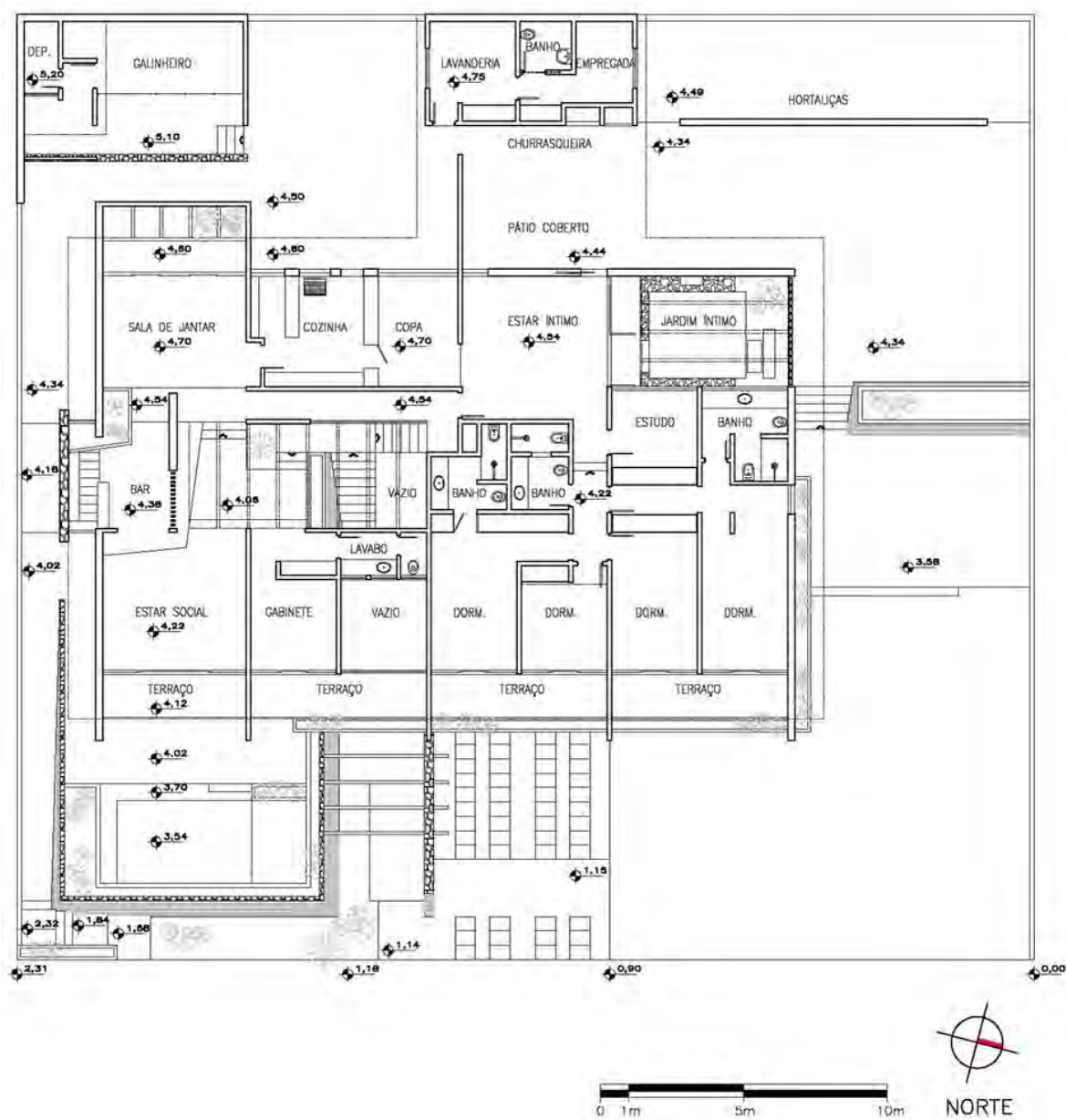


Figura 302: Residência Hélio Roca Bragança. Planta do 2º térreo.

Fonte: Desenhos da Autora.



Figura 303: Residência Hélio Roca Bragança. Fachada Rua Vicente de Carvalho.

Fonte: Desenhos da Autora.



Figura 304: Residência Hélio Roca Bragança. Jardim interno do setor íntimo.

Figura 305: Residência Hélio Roca Bragança. Setor social visto a partir do patamar da escadaria.

Figura 306: Residência Hélio Roca Bragança. Corredor de ligação entre setor social e íntimo.

Fonte: Fotos da Autora.

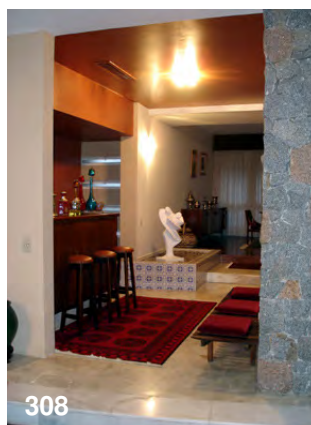
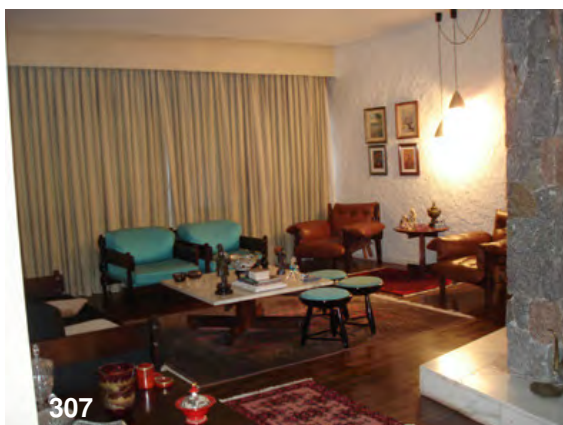


Figura 307: Residência Hélio Roca Bragança. Estar do setor social.

Figura 308: Residência Hélio Roca Bragança. O bar visto a partir da sala de estar setor social e sala de jantar ao fundo.

Figura 309: Residência Hélio Roca Bragança. O bar com a sala de estar ao fundo.

Fonte: Fotos da Autora.



Figura 310: Residência Hélio Roca Bragança. Sala de Jantar.

Figura 311: Residência Hélio Roca Bragança. Pátio coberto com churrasqueira.

Fonte: Fotos da Autora.

Na fachada principal, voltada para leste, a diferença de nível entre o terreno e a rua é resolvida por muros e floreiras em pedra e taludes no jardim (Figura 303, 312-314). O pavimento superior é modulado pelas paredes que avançam além da floreira e da platibanda. O volume horizontal da floreira limita o terraço diante dos dormitórios e prolonga-se sobre o acesso no pavimento inferior, apoiando-se nos muros de pedra. Diante do gabinete e do estar, o terraço faz a transição para o espaço do jardim elevado, configurado pelo muro de pedra. Ao lado do gabinete, uma parede de elementos vazados esconde o vazio sobre o acesso que ilumina a entrada da casa. Por fim, em entrevista à Autora, os proprietários revelaram que, originalmente, as vigas eram vermelhas e as paredes brancas.



Figura 312: Residência Hélio Roca Bragança. Fachada principal.
Fonte: Foto da Autora.



Figuras 313 e 314: Residência Hélio Roca Bragança. Fachada principal.
Fonte: Foto da Autora.

4.2 EDIFÍCIOS RESIDENCIAIS

4.2.1 Edifício Bento Gonçalves

O Edifício Bento Gonçalves localiza-se em um terreno de esquina, com frente norte para a Rua Júlio de Castilhos nº 181 e frente oeste para a Rua Mal. Deodoro, na cidade de Bento Gonçalves. O projeto, encomendado pela Caixa Econômica Federal, era de um edifício de uso misto, que tivesse no térreo a agência do Banco e nos pavimentos acima unidades residenciais.

O projeto apresentado em 1961, por Luís Fernando Corona, é de um edifício com subsolo, térreo, sete pavimentos-tipo e terraço-jardim, organizado em “L” e implantado junto ao alinhamento das duas ruas e junto às divisas do terreno. O subsolo possui estacionamento para os moradores com acesso pela Rua Júlio de Castilhos, aproveitando o desnível do terreno, e circulação vertical de acesso aos pavimentos-tipo (Figura 315). Na cota da Rua Mal. Deodoro, junto à esquina, absorvendo o ângulo do terreno, está a escada de acesso ao *hall* social do edifício (Figura 316). Nesta cota, logo acima da garagem, há um apartamento com três dormitórios. Também pela Rua Mal. Deodoro, junto à divisa sul, está o acesso a Caixa Econômica Federal, que está organizada em dois pavimentos: meio nível para baixo da cota de entrada, na mesma cota do subsolo, e meio nível para cima da cota de entrada, na mesma cota do *hall* social do edifício. Esta solução cria uma zona de pé direito duplo junto à fachada da Rua Mal. Deodoro.

O pavimento-tipo (Figura 317) possui três apartamentos: um apartamento norte-sul, outro de esquina, com frente para norte e oeste e o terceiro leste-oeste. O apartamento norte-sul tem acesso apenas pelo setor social, e o *hall* é configurado por elementos leves, como painéis em madeira, que restringem a visão em direção ao corredor de acesso ao setor íntimo. O estar e os três dormitórios estão voltados para norte e a eles são incorporadas varandas, como elementos articuladores entre o espaço interno e externo. O jantar, a cozinha e as áreas de serviço estão abertas para sul.

No apartamento de esquina, o *hall* possui configuração bem-definida. A partir dele, pode-se acessar o setor de serviços com cozinha, sanitário e despensa, ou

então o setor social com sala-de-estar e jantar. Todas estas áreas estão voltadas para a fachada norte. Atravessando o setor social, estão o banheiro e os dois dormitórios, estes com varandas abrindo para oeste.

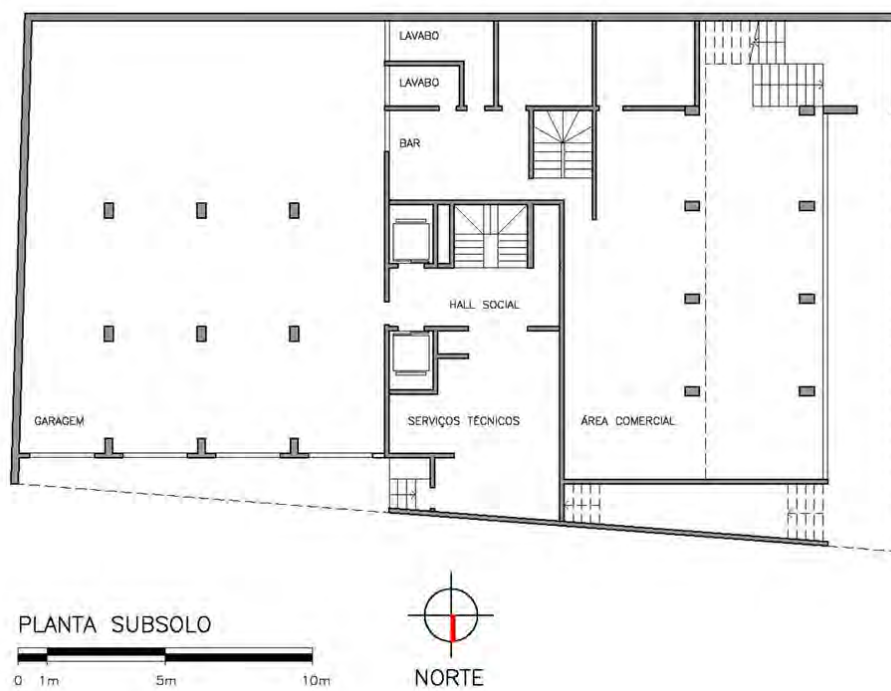


Figura 315: Edifício Bento Gonçalves. Planta do subsolo.
Fonte: Desenho Luciane Piovesan.

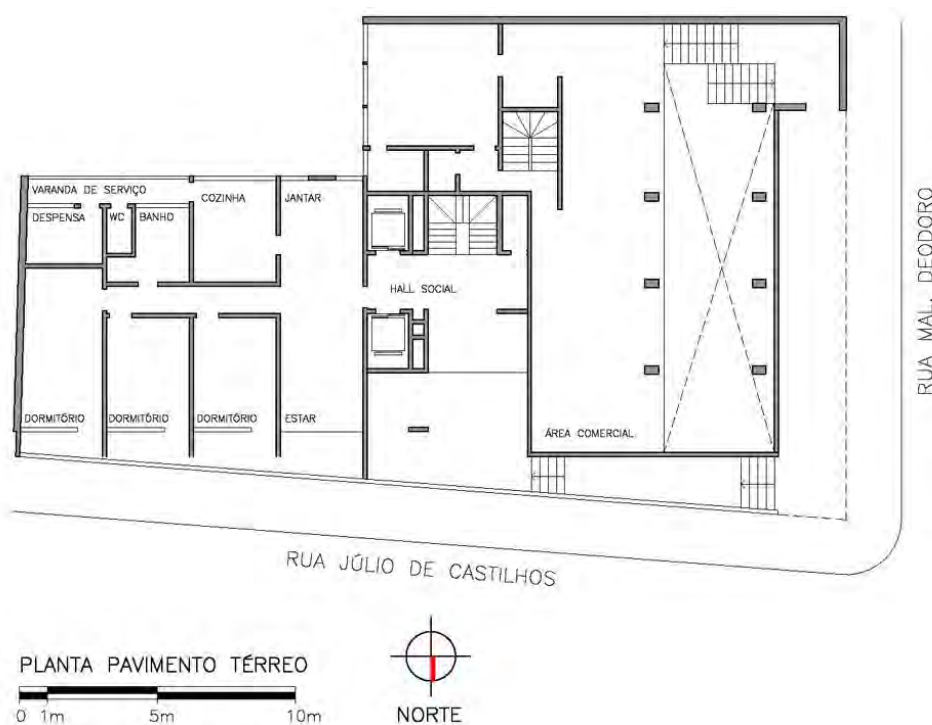


Figura 316: Edifício Bento Gonçalves. Planta do pavimento térreo.
Fonte: Desenho Luciane Piovesan.

O apartamento leste-oeste é o único que possui acesso social e de serviço independentes. A partir do acesso social desenvolve-se um *hall* longilíneo que acessa a cozinha ou o estar e jantar. Cozinha e jantar possuem acesso direto, e o setor íntimo, com banheiro e dois dormitórios, é acessado a partir do setor social. O acesso de serviço leva a uma varanda de serviço longilínea e aberta, para onde se voltam a cozinha, o sanitário de serviço e a despensa. Outra vez os setores social e íntimo incorporam varandas às suas áreas.

No último pavimento (Figura 318), estão a casa de máquinas, o apartamento do zelador com orientação norte-sul, salão de festas com churrasqueira, sala de jogos e terraços.

A fachada desse edifício lembra o estudo de Fernando Corona, Luís Fernando Corona e Carlos Maximiliano Fayet para o edifício residencial com garagem no pavimento três anos antes (ver página 109). A horizontalidade é marcada pelo retângulo que destaca cada um dos pavimentos-tipo e pela alvenaria de tijolo aparente que separa cada retângulo (Figura 319). Diante das varandas dos setores social e íntimo, o retângulo é vazado, fazendo vezes de peitoril. No último pavimento, a estereometria é mantida, e alguns vãos tornam-se terraços. No térreo, uma marquise encarrega-se de separar a base do corpo do edifício. Na fachada envidraçada da Rua Mal. Deodoro (Figura 322), pode-se ver o pé direito duplo dentro da área comercial, o volume fechado e saliente da entrada do Banco e o acesso ao edifício residencial pela esquina. Na fachada da Rua Júlio de Castilho (Figura 321), vê-se, na base, a garagem e, logo acima, o apartamento igual ao do tipo, com um peitoril branco que se apóia no peitoril revestido com pedra e que guarda o acesso ao bloco residencial e a entrada do mesmo.

A estrutura regular forma uma malha horizontal que orienta a compartimentação dos ambientes dos pavimentos-tipo organizando-os, também, em duas faixas: uma que reúne área social e íntima e volta-se para a rua, e outra que reúne áreas de serviço e volta-se para o interior do lote. Verticalmente, a estrutura está presente nas fachadas, marcando os setores sociais e íntimos dos apartamentos através da divisão vertical entre as varandas. Apesar de regular, o módulo estrutural para cada um dos lados da circulação é diferente, tendo o núcleo de circulação vertical papel importante na solução do encontro entre as duas modulações da estrutura que o ladeiam.



Figura 317: Edifício Bento Gonçalves. Planta pavimento-tipo.

Fonte: Desenho Luciane Piovesan.

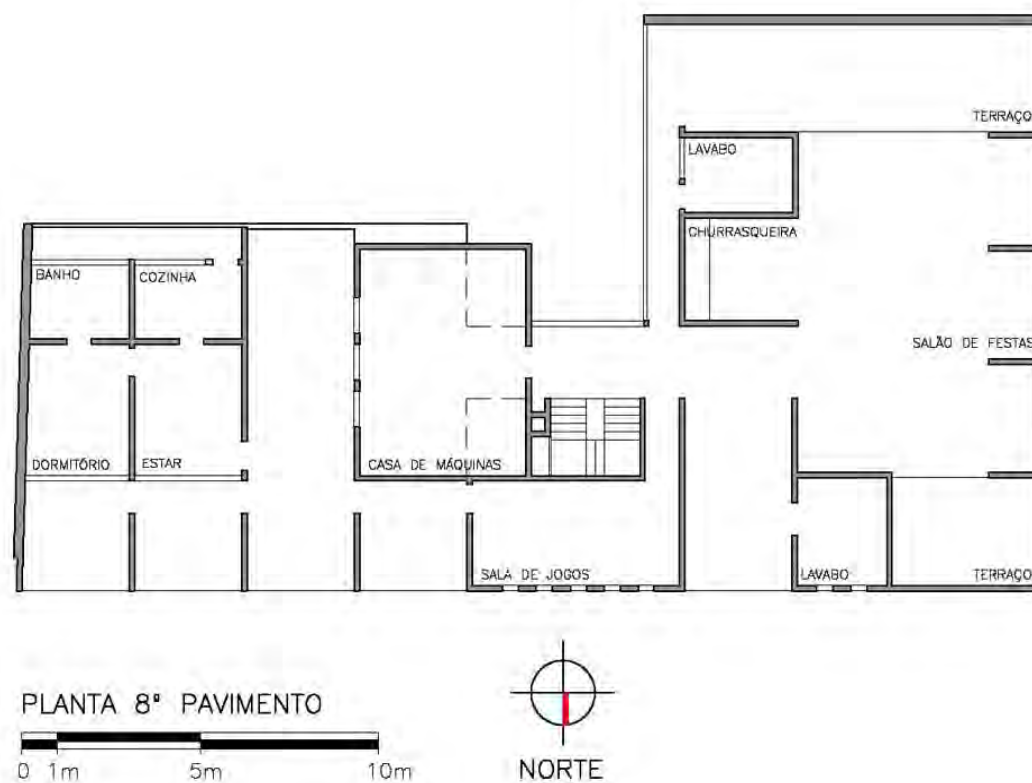


Figura 318: Edifício Bento Gonçalves. Planta da cobertura.

Fonte: Desenho Luciane Piovesan.

No acervo pessoal da Sra. Magali Corona, há uma aquarela de estudo para a fachada deste edifício. Muito diferente do projeto final, a aquarela mostra uma fachada inspirada no projeto para o Palácio da Alvorada, em Brasília, de Oscar Niemeyer. Nos pavimentos-tipo, diante do peitoril das varandas, o arquiteto propunha elementos como os da fachada daquele palácio, inclusive com um intervalo entre uma série e outra. No térreo, estes mesmos elementos apareciam em um painel no lugar da fachada envidraçada.



Figura 319: Edifício Bento Gonçalves.

Fonte: Foto de Thiago Tortorelli Massingnan.

Figura 320: Edifício Bento Gonçalves. Aquarela de estudo de fachada feita por Luís Fernando Corona.

Fonte: Acervo Sra. Magali Corona.

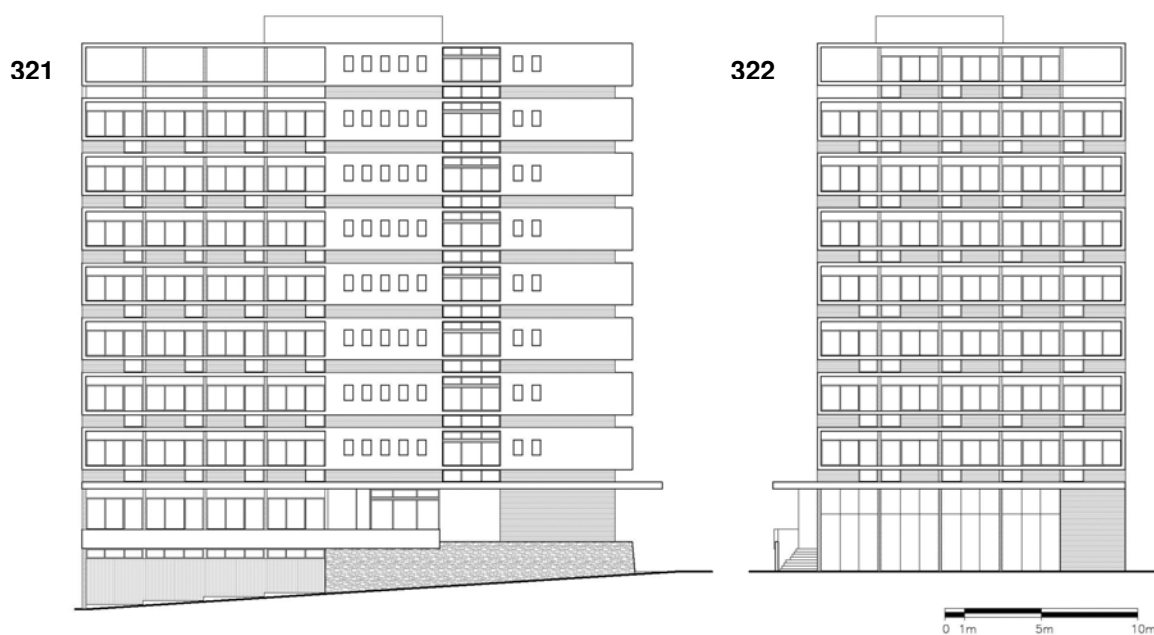


Figura 321: Edifício Bento Gonçalves. Fachada Norte.

Figura 322: Edifício Bento Gonçalves. Fachada Oeste.

Fonte: Desenhos da Autora.

4.1 PROGRAMAS ESPECIAIS

4.3.1 O Projeto para a CIA. Riograndense de Telecomunicações

4.3.1.1 Considerações Gerais

Em 1960, o então governador do Estado Leonel Brizola, desapropriou a empresa americana ITT (Internacional Telephone & Telegraph), que desde 1927 era sócia majoritária da Companhia Telefônica RS. Com a desapropriação da ITT, o Estado retomou o controle das telecomunicações no RS e, em 1962, criou a estatal CRT. No mesmo ano de 1960, a também americana Bond & Share, responsável pelo fornecimento de energia elétrica, foi desapropriada por Brizola e substituída pela CEEE.⁹³

O avanço tecnológico das comunicações, a ampliação dos serviços e a criação de uma empresa estatal trouxeram a necessidade de substituir a antiga sede, localizada no mesmo terreno onde hoje está o Edifício CRT (Figura 323). O projeto da nova sede foi encomendado aos arquitetos Emil Bered, Roberto Félix Veronese e Luís Fernando Corona, vencedores do concurso de títulos⁹⁴, e desenvolvido no ano de 1964.



Figura 323: Edifício-sede da Companhia Telefônica Riograndense em 29 de junho de 1934 (no mesmo local onde está a CRT atualmente), quando da passagem do dirigível Graf-Zeppelin por Porto Alegre.

Fonte: Disponível em: www.riogrande.com.br

⁹³ Jornal do Brasil, 18 de dezembro de 1996.

⁹⁴ Segundo o arquiteto Emil Bered, a CRT solicitou a alguns arquitetos que apresentassem seus currículos. Bered convidou então, seus colegas Luís Fernando Corona e Roberto Félix Veronese, formando assim uma equipe, que acabou sendo escolhida para realizar o projeto.

O terreno para a implantação do edifício localiza-se no centro da cidade de Porto Alegre e tem formato quase retangular com frente para três vias (Figura 324). A maior testada, voltada para norte, com aproximadamente 62m, resulta da abertura da Av. Salgado Filho, que transformou as divisas laterais dos terrenos do antigo quarteirão em fachadas para a nova via. Para a Rua Mal. Floriano Peixoto (fachada leste) são 16m de frente e para a Av. Borges de Medeiros (fachada oeste), 22m, lado no qual o terreno tem um pequeno 'dente'.

O projeto da sede da CRT foi planejado para ser construído em duas etapas. O projeto de 1964 previa a construção do Bloco A primeiramente, junto à esquina da Av. Borges de Medeiros com a Av. Salgado Filho. Este Bloco abrigaria a sede da companhia. O Bloco B seria construído no lugar da antiga sede da CRT, na Av. Salgado Filho, esquina com a Rua Mal. Floriano Peixoto. Os primeiros pavimentos desse bloco seriam destinados à ampliação da Companhia, e os demais teriam salas para locação.

O volume proposto para o edifício obedece ao 1º Plano Diretor de Porto Alegre, de 1959, que permitia nas avenidas Salgado Filho e Borges de Medeiros a altura de 70m para os edifícios construídos no alinhamento.

O Edifício CRT divide atenção com outros edifícios importantes no processo de verticalização do centro da capital gaúcha (Figura 325). As duas avenidas que conformam uma de suas esquinas, previstas pelo Plano de Melhoramentos de Moreira Maciel⁹⁵ e abertas nas décadas de 20 e 30, guardam o registro da modernização dessa área central, com edifícios de tendências modernas. A Av. Borges de Medeiros, cuja obra foi iniciada em 1924, constituiu um "importante eixo de conexão entre a área central e a zona sul da cidade"⁹⁶ (CESA, 2003), além de contribuir para a melhoria das condições de higiene e embelezamento. Estão localizados, nessa via, os edifícios Guaspari (1936), Caiçara (1938), Sulacap (1938), Sulamérica (1938), Vera Cruz (1939), Nunes Dias (1939), Companhia União de Seguros (1943) e Brasileiro de Moraes (1943), entre outros.

A Avenida Salgado Filho foi aberta entre 1937 e 1943 e configurada a partir dos anos 40 e 50, com edifícios em altura junto ao alinhamento. O alargamento realizado na face sul da então Rua 2 de Fevereiro resultou em alguns lotes com

⁹⁵ O Plano de Melhoramentos de João Moreira Maciel, 1914, era basicamente viário e consistia no alargamento de ruas do centro e na ligação deste com a periferia da cidade.

⁹⁶ CESA, Paulo. *Arquitetura da verticalidade na recém-aberta Avenida Borges de Medeiros*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – PROPAR-UFRGS, Porto Alegre, 2003. p.75.

grande testada e pouca profundidade, em consequência da “cirurgia urbana sobre a estrutura viária e fundiária de origem colonial, a respeito da qual não houve projeto de reloteamento”⁹⁷ (MARQUES, 2003). Com a abertura dessa avenida, foi possível ligar as avenidas Independência, João Pessoa e Osvaldo Aranha à Av. Borges de Medeiros. Estão localizados, nessa via, os edifícios Sulacap (1938), Hercílio Domingues (1940), Charrua (1943), Santa Terezinha (1950), Jaguaribe (1951), Regente (1954), Conceição (1970), Nova York (1971), entre outros. (Figura 13)

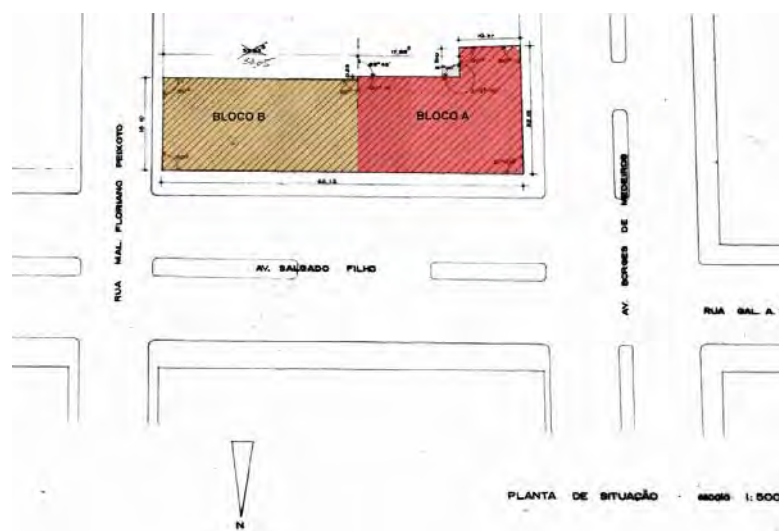


Figura 324: Edifício CRT. Planta de situação.
Fonte: Projeto de 1964. Acervo Arq. Emil Bered.



Figura 325: Vista do Edifício CRT (Bloco A) e seu entorno.
Fonte: Cartão Postal. Acervo Arq. Emil Bered.

⁹⁷ MARQUES, José Carlos. História de uma via: o advento da arquitetura moderna e a configuração da Av. Senador Salgado Filho, Porto Alegre 1940-1970. 2003, p.101. Dissertação (Mestrado em Arquitetura).

4.3.1.2 O Projeto de 1964

Nos desenhos do anteprojeto de maio de 1964, o partido proposto pelos arquitetos implanta o edifício no alinhamento do terreno. A base do Bloco A alcança os limites norte, oeste e sul do lote, acompanhando a inflexão da Avenida Borges de Medeiros. A base do Bloco B atinge os limites leste e norte, porém fica afastada da divisa sul. Sobre a base está o corpo do edifício, um paralelepípedo com 14 pavimentos de planta retangular alongada, junto ao alinhamento leste, oeste e norte e afastado da divisa sul. A estrutura em concreto armado acompanha a volumetria. Os pilares distantes 6,72m, ao longo da Avenida Salgado Filho, e 11,50m no outro sentido, percorrem todos os pavimentos e configuram a planta livre. As lajes com 0,65m de altura são de caixão perdido, e o pé direito é de 4m no 3º e 4º pavimento e de 2,80m nos demais.

O acesso ao Bloco A, pela Avenida Salgado Filho, caracteriza-se como o acesso público aos serviços da empresa, por onde é possível chegar ao 1º térreo (Figura 327), descendo meio nível, ou ao 2º térreo (Figura 328), subindo meio nível em relação ao passeio daquela via. Nestes pavimentos estão distribuídas as cabines de ligação que oferecem os serviços de telefonia de longa distância. Pela Avenida Borges de Medeiros, o acesso ao Bloco A acontece no nível do passeio (Figura 328). O *hall* desta entrada permite a comunicação com a parte pública das cabines telefônicas do 2º térreo. A recepção, no entanto, serve para controlar a entrada privativa, destinada aos funcionários que trabalham na Companhia. Três elevadores, dois sociais e um de serviço, e uma escada formam o núcleo de circulação vertical deste bloco. Existe, ainda, na circulação de serviço desse pavimento, uma escada que interliga o 1º térreo, o 2º térreo e o mezanino. No 1º térreo (Figura 327), no Bloco A, além do atendimento ao público, existem os apoios aos funcionários e equipamentos. No Bloco B, neste nível, só há os locais previstos para o reservatório d'água, bombas e transformador, acessados através da entrada de serviço pela Rua Mal. Floriano Peixoto, por uma escada.

O Bloco B também tem dois acessos, ambos pela Avenida Salgado Filho (Figura 328). O primeiro, junto à esquina com a Rua Mal. Floriano Peixoto, serve apenas às salas para locação do 5º ao 14º pavimentos. A partir da entrada, cinco

degraus centrais ao vão entre pilares levam ao vestíbulo, onde fica o porteiro e *hall* dos dois elevadores de acesso à torre. Deste ponto até o mezanino, a escada desenvolve-se lateralmente, deixando um vazio sobre o vestíbulo. Ainda, na planta do 2º térreo, existe um acesso de serviço ao lado direito dos elevadores e uma escada externa de comunicação com o 1º térreo. O outro acesso ao Bloco B está previsto junto à divisa entre os dois blocos e atende ao 2º térreo, ao mezanino e ao 1º e 2º pavimentos. Estes quatro andares ficaram reservados para a ampliação dos serviços da CRT e por esta razão, nesta etapa, ainda não havia uma circulação definida.

No mezanino, um grande vazio sobre o acesso pela Avenida Salgado Filho e a parte pública do 2º térreo recepciona o cliente (Figura 326). O espaço, com altura generosa, é fechado lateralmente com planos revestidos em mármore branco até o nível da laje do mezanino. A partir de então, a luz passa a entrar através das esquadrias que alcançam a próxima laje. No Bloco A, o mezanino (Figura 329) é ocupado pelo setor de contabilidade, e no Bloco B, pela área reservada para ampliação dos serviços da CRT e pela circulação vertical das salas comerciais que não acessa esse pavimento (os elevadores não têm parada, e a escada contorna o vazio sobre o vestíbulo do 2º térreo).



Figura 326: Edifício CRT. Bloco A: Área de atendimento ao público – 2º térreo. Setembro de 1971. Painel mural de Clébio Sória.

Fonte: Acervo Arq. Emil Bered.

Mezanino, 2º térreo e 1º térreo definem a base do volume do Edifício CRT. Com os desenhos do anteprojeto de maio de 1964 em mãos, é possível afirmar-se que, desde o início, esta base caracteriza-se pelo fechamento mural, com paredes

revestidas com mármore branco em contraste com a colunata ritmada, revestida com pastilhas pretas e pelos acessos recuados, marcados pelos grandes planos de vidro.

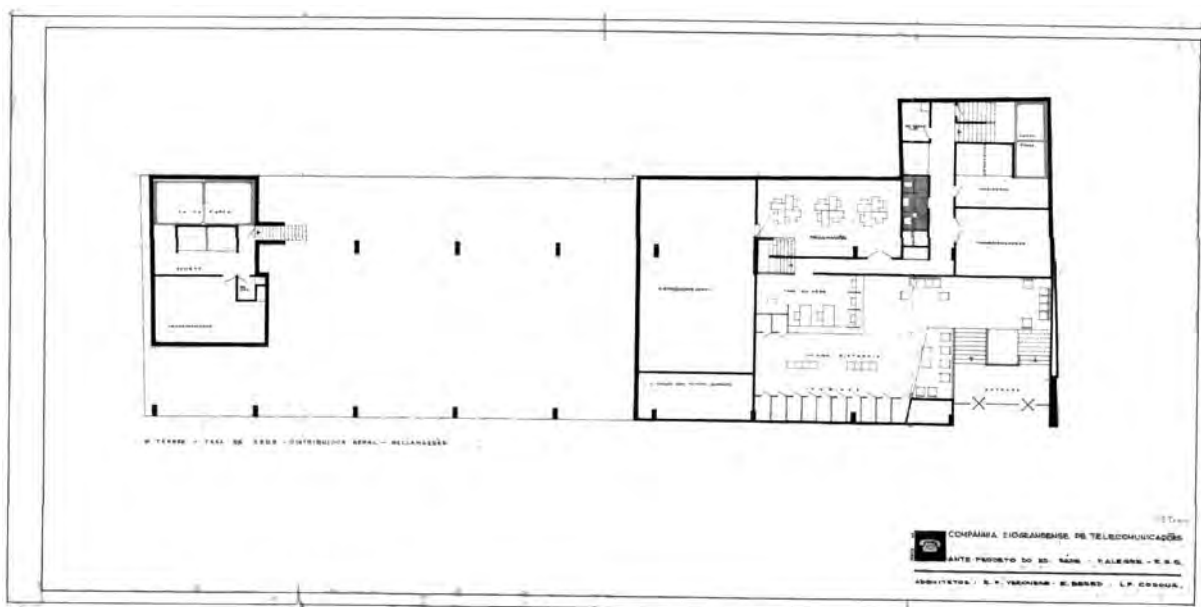


Figura 327: Edifício CRT. Planta 1º térreo. Anteprojeto. Maio de 1964.

Bloco A: Acesso pela Av Salgado Filho; salão de atendimento ao público; serviços e apoio.

Bloco B: Transformador e reservatório d'água.

Fonte: Acervo Arq. Emil Bered.

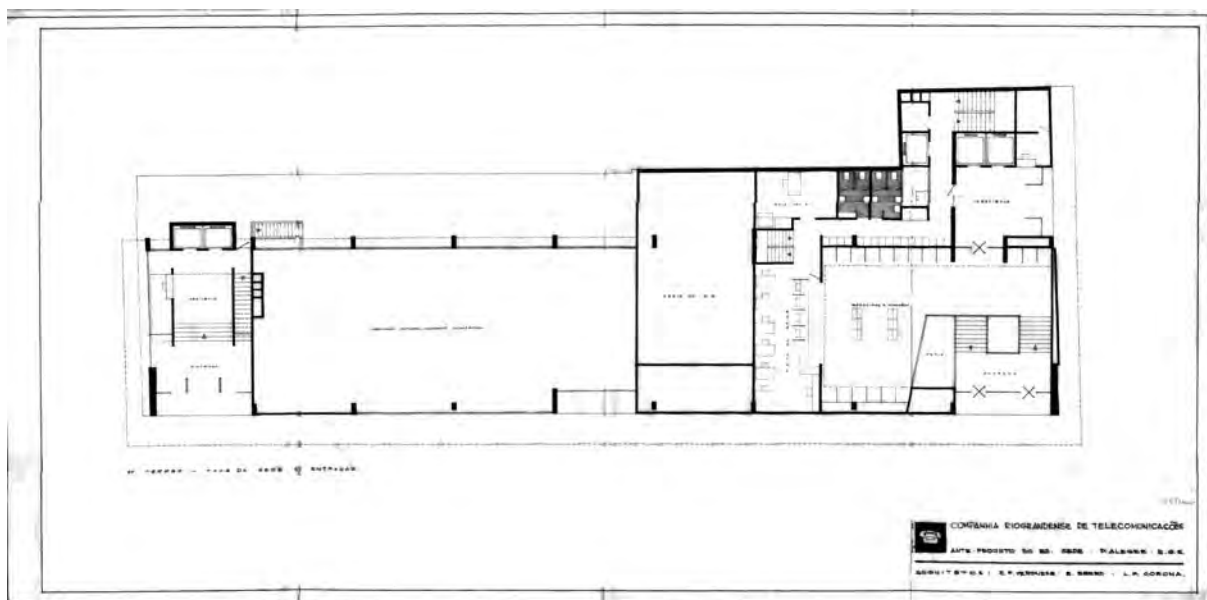


Figura 328: Edifício CRT. Planta 2º térreo. Anteprojeto. Maio de 1964.

Bloco A: Acesso pela Av. Salgado Filho; acesso pela Av. Borges de Medeiros; salão de atendimento ao público; serviços e apoio; *hall* de elevadores e escada de acesso aos pavimentos superiores.

Bloco B: Acesso pela Av. Salgado Filho; *hall* de elevadores e escada de acesso aos pavimentos com salas para locação (5º ao 14º pav.); previsão de acesso central pela Av. Salgado Filho, área reservada para a expansão dos serviços da CRT.

Fonte: Acervo Arq. Emil Bered

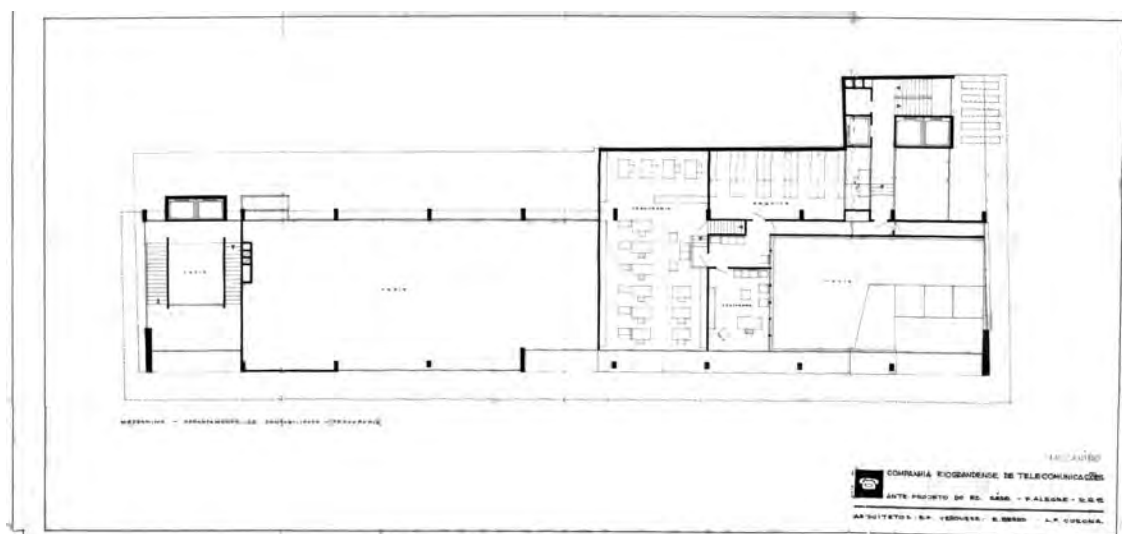


Figura 329: Edifício CRT. Planta mezanino. Anteprojeto. Maio de 1964.

Bloco A: Circulação vertical de acesso ao pavimento; escritórios (tesouraria e arquivo).

Bloco B: Circulação vertical de acesso aos pavimentos com salas para locação (5º ao 14º pav.) – esta circulação não tem acesso a este pavimento; área reservada para a expansão dos serviços da CRT com circulação própria ainda não-projetada.

Fonte: Acervo Arq. Emil Bered.

As colunas têm presença marcante na base, principalmente nas esquinas, onde arrematam o encontro das fachadas perpendiculares e seguem nos demais pavimentos, evidenciando o corpo prismático do edifício. A seqüência das colunas, na base, organiza a composição da fachada que alterna fechamentos com muros e vidro no alinhamento, com planos envidraçados de acesso, recuados em relação ao alinhamento. Ao detalhar a elevação norte da base, a partir da esquina com a Av. Borges de Medeiros, é possível identificar-se no primeiro vão entre pilares, o plano envidraçado de acesso recuado em relação ao alinhamento (Figura 331). Os próximos três vãos são fechados por muros revestidos em mármore branco, com altura de um pavimento e meio que avançam adiante das colunas. Acima do muro, aparecem as colunas pretas e o vidro que, passando por trás das colunas, faz o fechamento. Dessa forma, já que se configuram três planos sobrepostos. Em seguida deste muro, surge outro vão com o vidro recuado, marcando um novo acesso. O pilar aqui se estende para atingir novamente o alinhamento e emoldurar o recesso. O vidro fecha os próximos dois vãos e, no terceiro, reaparece o muro branco que agora atinge a marquise. O último vão é de mais um acesso e, outra vez, o vidro está recuado. É possível especular-se que este muro, antes do acesso junto à Rua Mal. Floriano Peixoto, ao atingir a marquise, indique a diferença de usos: de um lado a CRT e do outro os conjuntos comerciais.

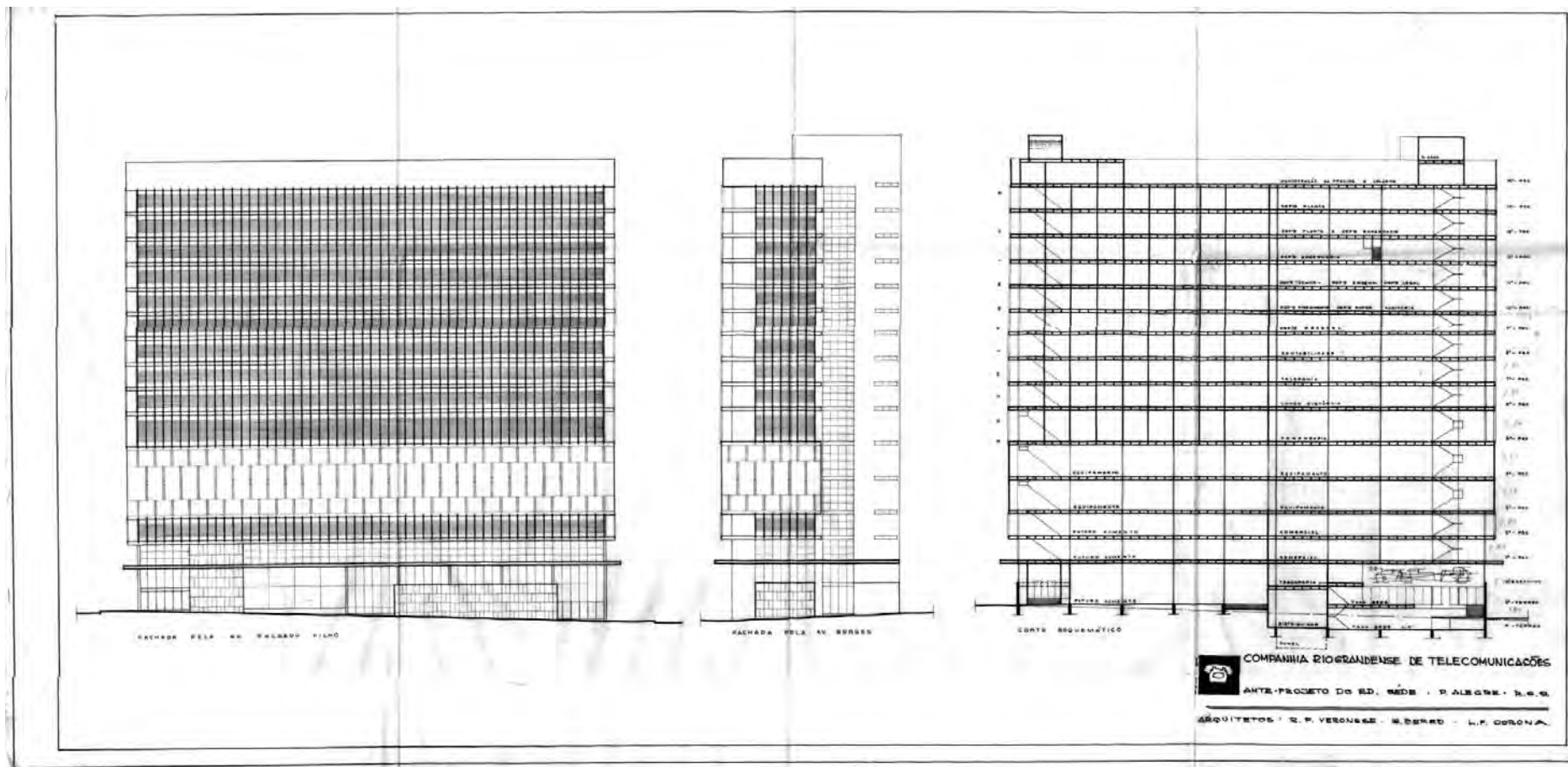


Figura 330: Edifício CRT. Fachada Av. Salgado Filho, Fachada Av. Borges de Medeiros e Corte Longitudinal. Anteprojeto. Maio de 1964.
 Fonte: Acervo Arq. Emil Bered.

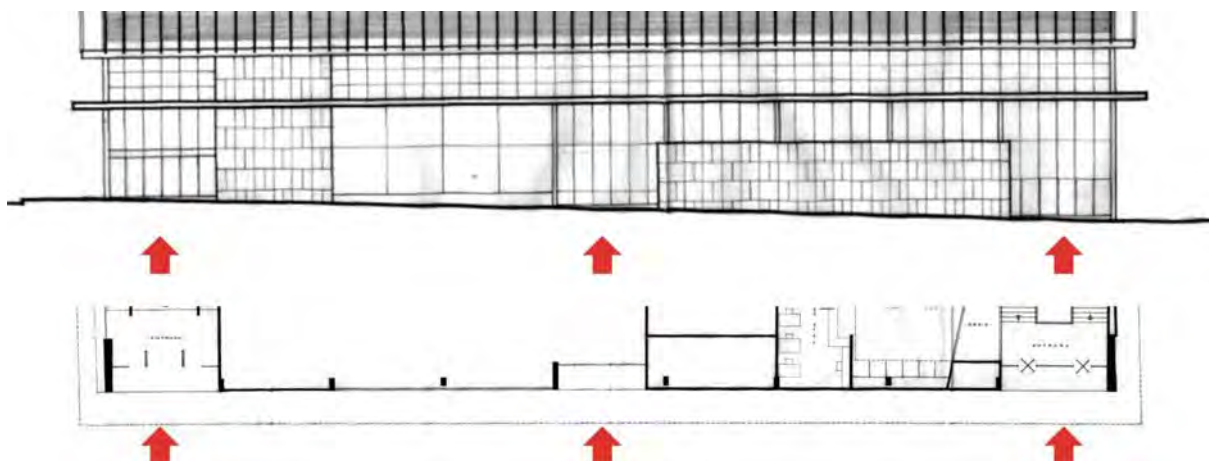


Figura 331: Edifício CRT. Base da fachada norte alinhada com trecho da planta do 2º térreo evidenciando as entradas recuadas e o fechamento junto ao alinhamento.

Fonte: Trechos dos desenhos do anteprojeto.

A fachada oeste da base (Av. Borges de Medeiros) é marcada pelo pilar preto de seção retangular alongada que percorre todos os demais pavimentos, destacando a esquina (Figura 330). Ao lado dele, repete-se o muro branco com um pavimento e meio de altura, finalizado pelo vidro. Outro pilar preto e de seção bem menor marca todos os andares, evidenciando o volume principal. O acesso levemente recuado e envidraçado repete-se seguido por parede junto ao alinhamento. A planta do mezanino (Figura 329) revela que a fachada, neste trecho, é recuada em relação ao 2º térreo, deixando um ‘dente’ sobre a entrada. A fachada leste (Rua Mal. Floriano Peixoto) tem a mesma solução com dois pilares pretos marcando o volume e, entre eles, o muro branco encimado pelo vidro. A diferença é o recuo do bloco com relação à divisa sul, por onde acontece o acesso de serviço e o volume dos dois elevadores adjacente ao prisma principal.

A laje do 1º pavimento prolonga-se, em balanço, além do plano da fachada, constituindo a marquise, obrigatória pelo Plano-Diretor, e separando a base do corpo do edifício. A partir dessa laje, o corpo do edifício afasta-se da divisa sul, possibilitando a ventilação e iluminação dos pavimentos no interior do quarteirão.

As quinze lajes que formam o bloco superior têm formato retangular alongado. A proposta de uma planta livre, com vãos transversais, de 11m, liberando a área central e lajes planas, dão flexibilidade de *layout* e de uso para os pavimentos. Outra decisão que contribui na liberdade da planta é a posição do núcleo de circulação vertical fora da planta retangular, como volumes anexos. Desta forma, o ‘dente’ do

terreno, na fachada da Avenida Borges de Medeiros, possibilitou acomodar a circulação vertical do Bloco A. Este volume de importância secundária é um pouco mais alto devido à casa de máquinas e ao reservatório superior, e sua fachada é recuada, desde o mezanino, em relação ao volume principal. O *hall* dos elevadores é marcado, nesta fachada, pelo plano de vidro e pelas lajes dos pavimentos que o interrompem. A escada é iluminada por janelas horizontais (Figura 330). Já, no Bloco B, a circulação vertical ocupa o primeiro ‘módulo’, ficando apenas a caixa dos elevadores adjacente à planta retangular.

Compondo o corpo prismático do edifício estão os planos horizontais das lajes revestidas de pastilhas brancas, prolongadas 1,10m em balanço, nas fachadas ensolaradas, protegendo o plano de vidro que fecha cada pavimento (Figura 332). Uma trama metálica na cor preta, com montantes que percorrem todos os pavimentos e placas horizontais perfuradas, colocadas entre os montantes, é aplicada à fachada para contribuir no controle solar a partir do 2º pavimento, sendo interrompida apenas no 3º e 4º pavimentos. Sobre a solução técnica e plástica proposta para estes pavimentos, Bered (2008) explica:

*Os demais pavimentos estão 1,10m afastados dos balanços, de modo que no verão, quando o sol está a pino as lajes funcionam como um “brise soleil”. No inverno o sol incide até uns trinta graus ao norte fazendo com que haja necessidade de atenuar a incidência. Por isso, criou-se montantes verticais, onde estão fixadas chapas metálicas perfuradas, obtendo-se assim o efeito desejado que funciona como um filtro da incidência solar. Estes detalhes emprestam ao prédio uma aparência volumétrica inconfundível, com uma personalidade marcante na visualização do centro da cidade, especialmente ao ser observado pela Av. Borges de Medeiros no sentido norte-sul.*⁹⁸

O 1º pavimento, logo acima da marquise, é todo destinado ao uso da CRT (Figura 333). O acesso é possível de duas formas: pela circulação vertical do Bloco A ou pela circulação privada, ainda não-proposta, do espaço reservado à expansão da Companhia. A circulação vertical do Bloco B não acessa este pavimento. Na fachada norte, um plano contínuo de vidro é colocado diante dos pilares, ficando um dos vãos fechado pela continuação da parede desde o 2º térreo.

⁹⁸ BERED, Emil. *Companhia Riograndense de Telecomunicações – CRT*. Artigo não-publicado.



Figura 332: Edifício CRT. Detalhe das lajes em balanço revestidas em pastilhas brancas, sombreando o plano de vidro recuado, e a trama metálica preta do quebra sol aplicada sobre as lajes.

Fonte: Foto da Autora.

No 2º pavimento, a planta organiza-se da mesma forma que no andar inferior, apenas com a alteração do *layout* (Figura 334). Neste nível, aparece nas fachadas o véu metálico que envolve o bloco nas orientações ensolaradas.

Os dois próximos pavimentos são fechados para receberem os equipamentos telefônicos (Figura 335). Devido à necessidade de controle de umidade e temperatura, os 3º e 4º andares “são isolados do exterior, reduzindo-se as superfícies de iluminação a pequenos rasgos, que contrastam com o sistema de proteção solar dos demais pavimentos”⁹⁹ (XAVIER, 1987). Na superfície desta parte da fachada, existem três seqüências superpostas de rasgos verticais intercalados. As faixas superior e inferior são mais estreitas em relação à faixa do meio, que fica atravessada pela laje que separa os dois pavimentos. O acesso dá-se apenas pelo Bloco A, e a iluminação mais efetiva ocorre pela fachada sul que, neste pavimento como nos demais, tem vidro entre os vãos dos pilares.

Na seqüência, do 5º ao 14º pavimento, a planta repete-se (Figura 336). No Bloco A, estão os escritórios da CRT e, no Bloco B, as salas para locação. Nas fachadas aparecem as lajes brancas em balanço, envolvidas pela trama metálica do quebra-sol.

Na cobertura, décima quinta laje, está o apartamento do zelador, os sanitários e vestiários dos funcionários e, logo acima, casa de máquinas e reservatório d’água (Figura 337).

⁹⁹ XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 1987. p.195.

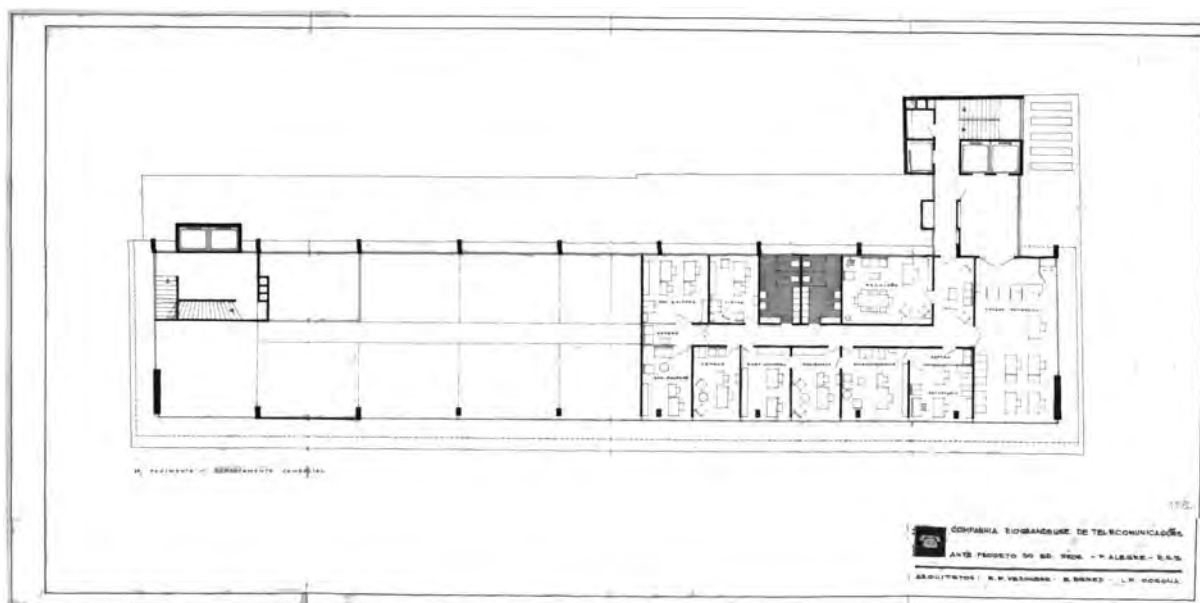


Figura 333: Edifício CRT. Planta 1º pavimento. Anteprojeto. Maio de 1964.

Bloco A: Circulação vertical de acesso ao pavimento; escritórios (departamento comercial).

Bloco B: Circulação vertical de acesso aos pavimentos com salas para locação (5º ao 14º pav.) – esta circulação não tem acesso ao 1º pavimento; área reservada para a expansão dos serviços da CRT com circulação própria ainda não-projetada.

Fonte: Acervo Arq. Emil Bered.

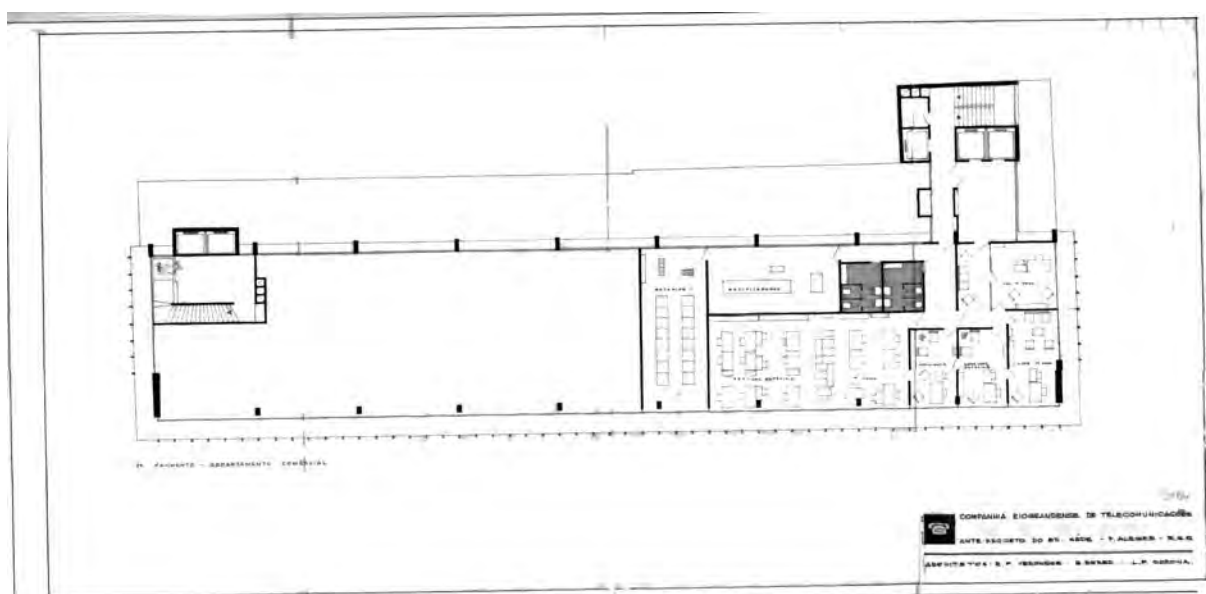


Figura 334: Edifício CRT. Planta 2º pavimento. Anteprojeto. Maio de 1964.

Bloco A: Circulação vertical de acesso ao pavimento; escritórios (departamento comercial).

Bloco B: Circulação vertical de acesso aos pavimentos com salas para locação (5º ao 14º pav.) – esta circulação não tem acesso a este pavimento; área reservada para a expansão dos serviços da CRT com circulação própria ainda não-projetada.

Fonte: Acervo Arq. Emil Bered.

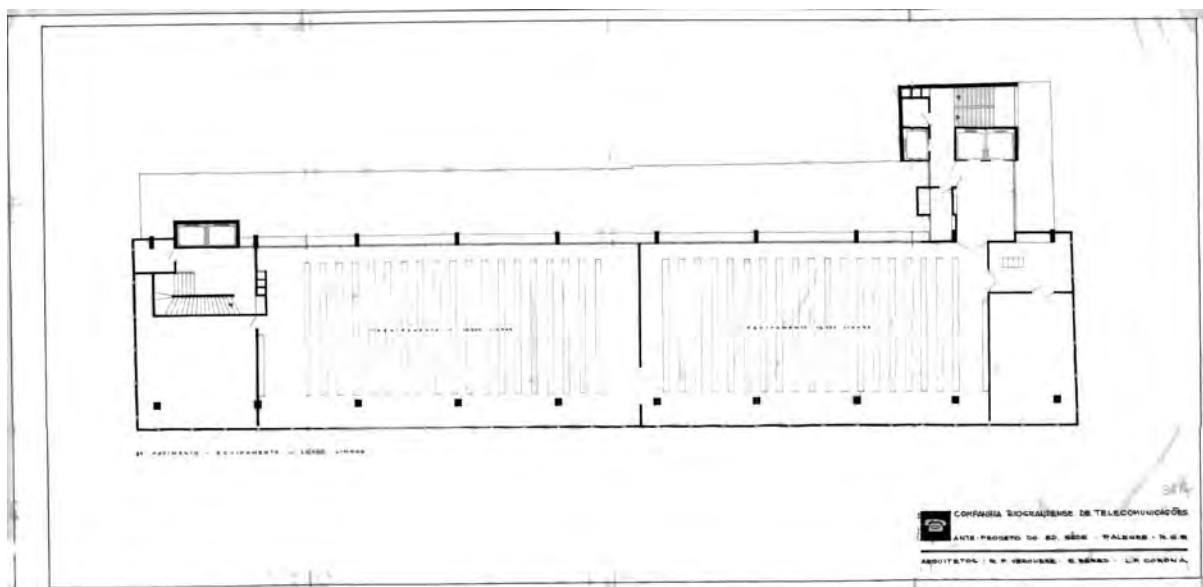


Figura 335: Edifício CRT. Planta 3º e 4º pavimentos. Anteprojeto. Maio de 1964.

Bloco A: Circulação vertical de acesso ao pavimento; salão dos equipamentos.

Bloco B: Circulação vertical de acesso aos pavimentos com salas para locação (5º ao 14º pav.) – esta circulação não tem acesso a este pavimento; salão dos equipamentos com acesso pelo Bloco A.

Fonte: Acervo Arq. Emil Bered.

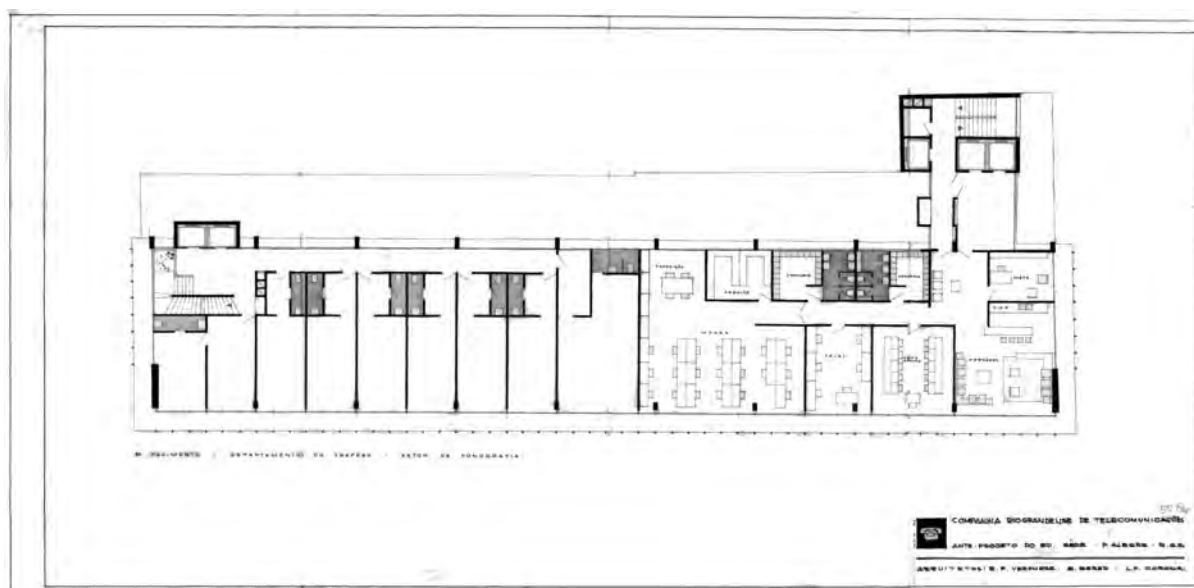


Figura 336: Edifício CRT. Planta 5º ao 14º pavimentos. Anteprojeto. Maio de 1964.

Bloco A: Circulação vertical de acesso ao pavimento; escritórios.

Bloco B: Circulação vertical de acesso ao pavimento; 09 conjuntos comerciais para locação.

Fonte: Acervo Arq. Emil Bered.

Nesses desenhos, as soluções de planta, de fachada e de volumetria ainda não atingiram a maturidade. A diferença é notada na perspectiva e nas plantas do projeto publicado pela Revista Arquitetura IAB¹⁰⁰ (Figura 338).

Na perspectiva publicada, a fachada foi apresentada com uma solução mais equilibrada do trecho fechado da fachada. Os três pavimentos (3º, 4º e 5º), agora destinados aos equipamentos, possibilitaram a melhor proporção das aberturas – três faixas de mesma altura com rasgos verticais intercalados que vão de uma laje a outra. A estrutura metálica de controle solar aparece nos dois primeiros pavimentos, após a marquise e depois do 6º ao 14º pavimento.

O coroamento do edifício, mostrado na perspectiva, é diferente da fotografia tirada logo após o término da obra (Figura 339). A décima quinta laje foi transformada em pavimento fechado, melhorando o coroamento do edifício. Para este pavimento é proposto um restaurante, e o rasgo em sua fachada permite a vista em direção ao Guaíba.

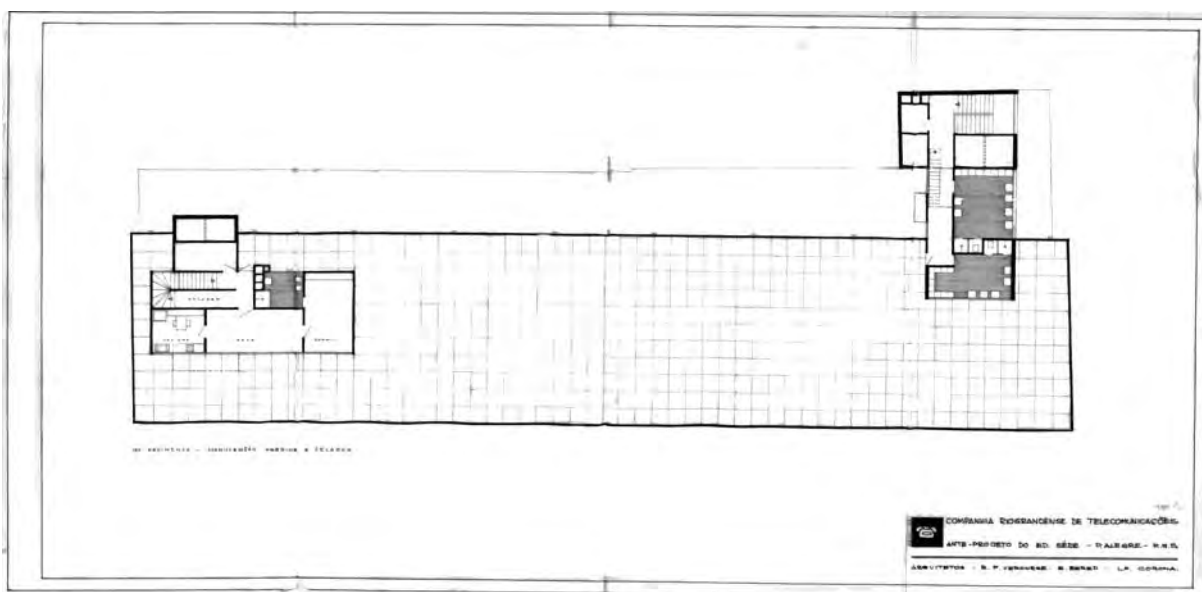


Figura 337: Edifício CRT. Planta 15º pavimento. Anteprojeto. Maio de 1964.

Bloco A: Circulação vertical de acesso ao pavimento; sanitário e vestiário dos funcionários.

Bloco B: Circulação vertical de acesso ao pavimento; apartamento do zelador.

Fonte: Acervo Arq. Emil Bered.

¹⁰⁰ Sede da Companhia Rio-Grandense de Telecomunicações. *Revista Arquitetura IAB*, Rio de Janeiro, n.34, p. 28-29, abr. 1965.

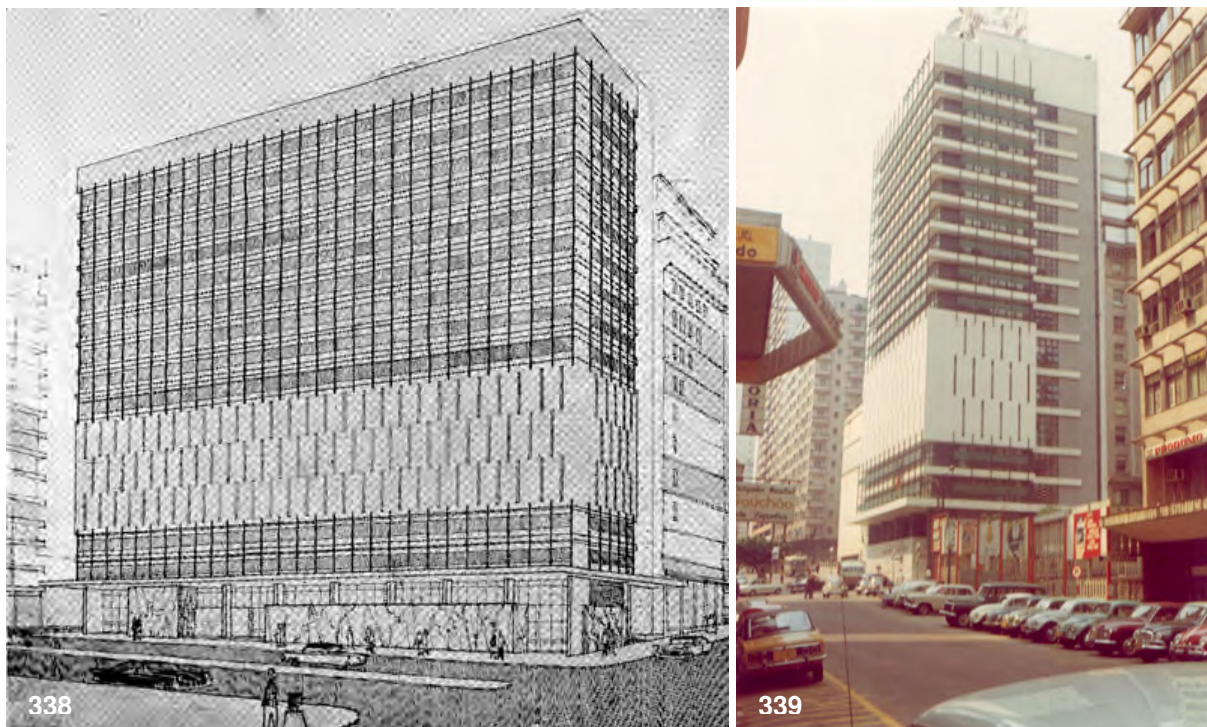


Figura 338: Perspectiva do Edifício CRT.

Fonte: Sede da Companhia Rio-Grandense de Telecomunicações. *Revista Arquitetura IAB*, Rio de Janeiro, n.34, abr. 1965, p.28.

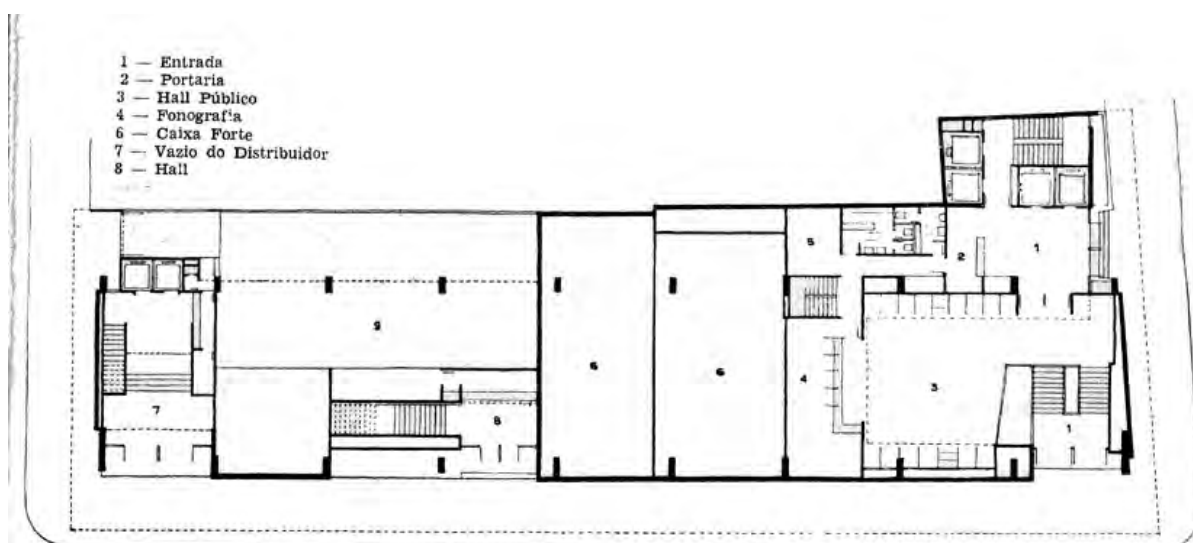
Figura 339: Edifício CRT. Bloco A concluído.

Fonte: Acervo Arq. Emil Bered.

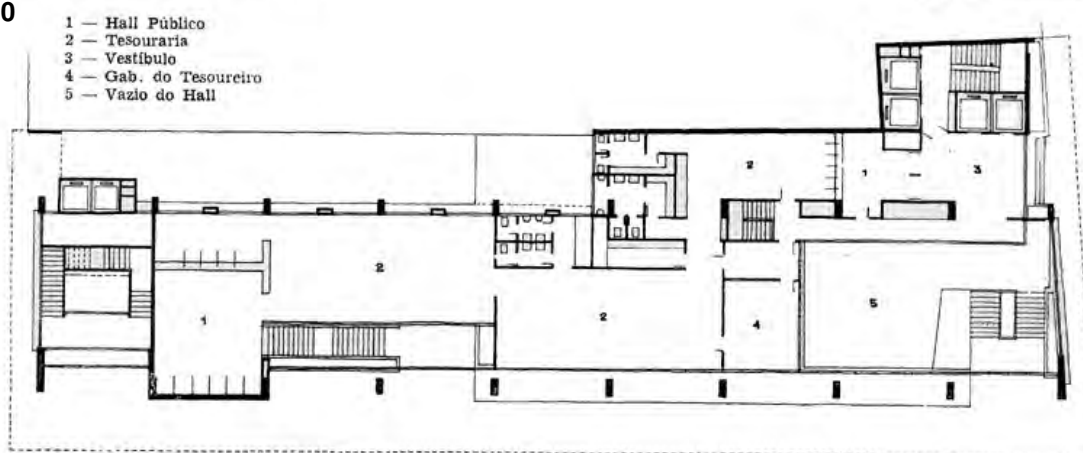
Ainda, outra mudança está nas aberturas que iluminam a escada da fachada oeste, que deixam de ser horizontais e passam a ser um rasgo vertical único que percorre todos os andares (Figura 339). Algumas alterações também acontecem nos acessos. Pela Avenida Borges de Medeiros o acesso não acontece mais no nível do passeio, mas quatro degraus acima, e o núcleo de circulação passa a ter quatro elevadores, dois sociais e dois de serviço (Figura 340). Pela Avenida Salgado Filho, o acesso passa a posicionar-se à esquerda do intercolúnio central. Ocorre, também, a primeira definição da circulação vertical que leva ao mezanino e ao 1º e 2º pavimentos. A escada é posicionada alinhada ao plano de vidro que passa por trás das colunas, ficando escondida pela alvenaria, com um pavimento e meio de altura. Os outros dois acessos permanecem iguais.

O Bloco A foi inaugurado em janeiro de 1967 e a construção coube à empresa Hoffmann Bosworth do Brasil. Em 1º de fevereiro desse mesmo ano, a CRT passou a operar diretamente os serviços de telecomunicações no Estado.¹⁰¹

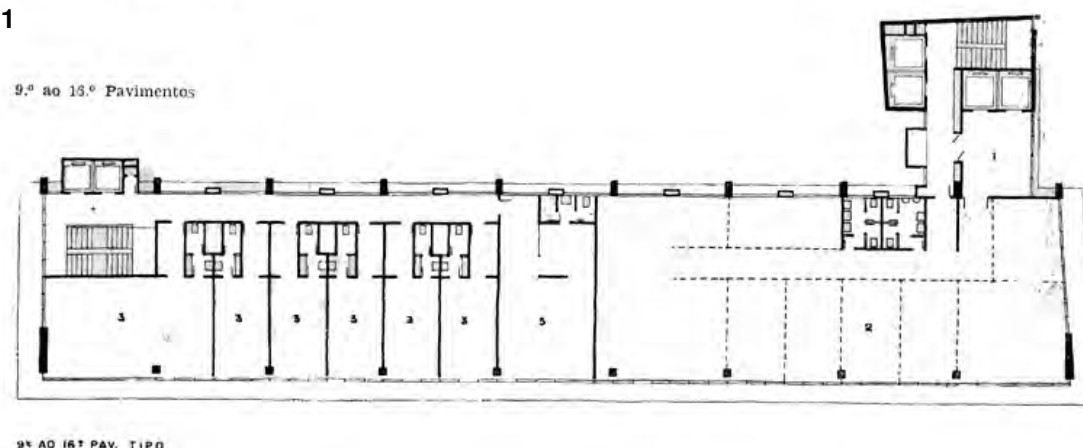
¹⁰¹ *As Comunicações no RS: Evolução histórica*. Disponível em: <http://www.riogrande.com.br/historia/comunicacoes1.htm>



340



341



342

Figura 340: Edifício CRT. Planta do 2º térreo.

Figura 341: Edifício CRT. Planta do mezanino.

Figura 342: Edifício CRT. Planta do pavimento-tipo (9º ao 16º pavimento).

Fonte: Sede da Companhia Rio-Grandense de Telecomunicações. *Revista Arquitetura IAB*, Rio de Janeiro, n.34, abr. 1965, p.29.

4.3.1.2 Alteração de Projeto e Reforma do Edifício CRT - 1972

Em março de 1972, os três referidos arquitetos retomam o projeto com a finalidade de construir o Bloco B e de reformarem o Bloco A, adequando-os às novas exigências de espaço e programa. Nesse mesmo ano, foi “criada a Telebrás, controlada pelo Governo Federal. A empresa passou a controlar a operação e a expansão de todo o sistema telefônico nacional, incorporando todas as empresas de telecomunicações estaduais, com exceção da CRT.”¹⁰²

O crescimento da empresa resultou na ocupação total do Bloco B com serviços da CRT, eliminando as salas para locação. Esta alteração no programa levou a ajustes no *layout* e na solução do acesso ao Bloco B. No 2º térreo, o acesso exclusivo para os conjuntos comerciais, na esquina da Av. Salgado Filho com a Rua Mal. Floriano Peixoto foi eliminado, contudo, o plano envidraçado e recuado permaneceu (Figura 344).

O acesso ao Bloco B acontece no quarto vão entre pilares, desde a esquina com a Rua Mal. Floriano Peixoto. A partir da entrada, é possível acessar o grande salão com cabines telefônicas para ligações interurbanas (Figura 344). Desta mesma entrada também se acessa a portaria e a circulação vertical com uma escada que leva ao mezanino e dois elevadores. Externamente, a fachada norte da base ganhou unidade, repetindo, na porção central, a solução de acesso envidraçado e recuado, ladeado por muros de um pavimento e meio de altura. Assim, em toda a base, os pilares de concreto têm zonas de vidro (com os acessos) e trechos com fechamento mural em projeção, ou seja, que não chegam ao topo da base, mas deixam negativo de vidro (Figuras 345-348).

Pela Rua Mal. Floriano Peixoto, junto à divisa sul, há a entrada de serviço. Um elevador e duas escadas dão acesso ao 1º térreo do Bloco B, onde estão os sanitários e vestiários dos funcionários e equipamentos da CRT (Figura 343). Uma destas escadas de serviço serve também ao mezanino. No 1º térreo do Bloco A, há o salão de atendimento e o acesso público, a circulação e apoios dos funcionários e duas escadas, uma do núcleo de circulação vertical do bloco e outra de comunicação entre 1º e 2º térreos e mezanino.

¹⁰² *As Comunicações no RS: Evolução histórica*. Disponível em: <http://www.riogrande.com.br/historia/comunicacoes1.htm>

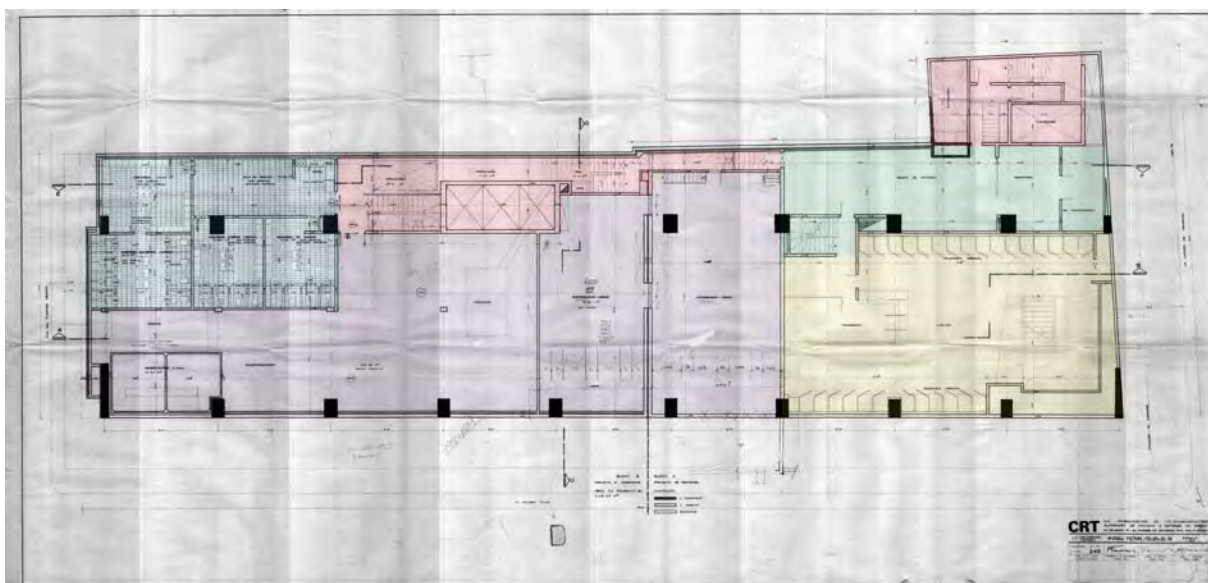


Figura 343: Edifício CRT. Planta 1º térreo. Projeto. Março de 1972.

Bloco A: Salão de atendimento ao público meio nível abaixo da entrada pela Av. Salgado Filho (amarelo); serviços e apoio (verde); circulação vertical (vermelho).

Bloco B: Casa de máquinas, gerador, reservatório d'água (violeta), sanitário e vestiário funcionários (azul); circulação (vermelho).

Fonte: Acervo Arq. Emil Bered. Cores introduzidas pela Autora.

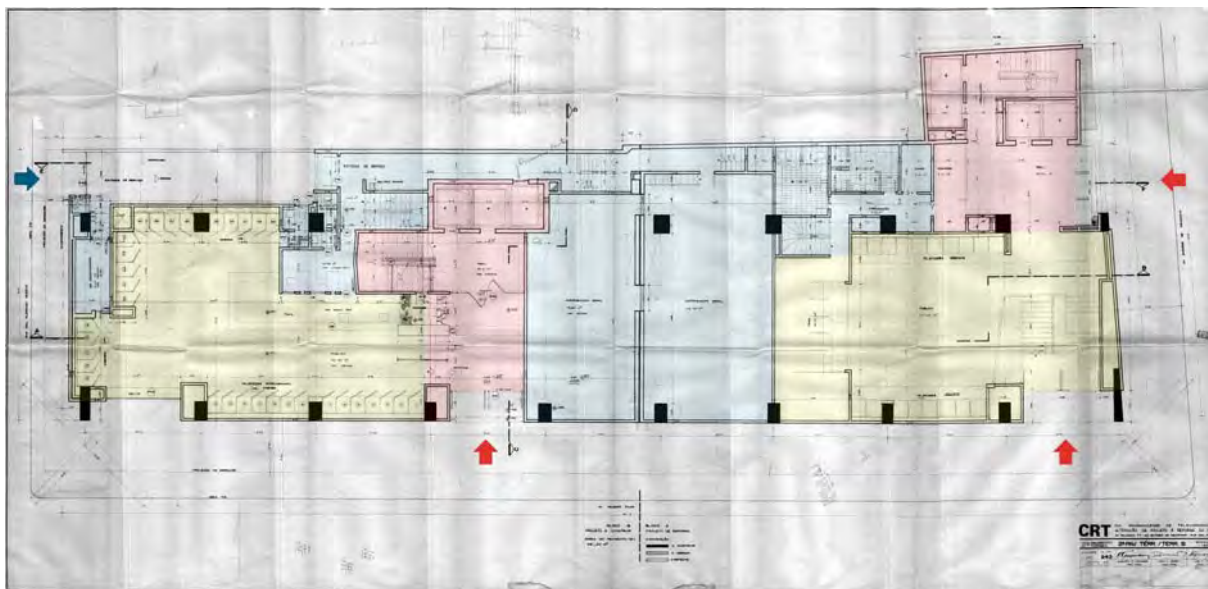


Figura 344: Edifício CRT. Planta 2º térreo. Projeto. Março de 1972.

Setas vermelhas acesso de público e seta azul acesso de serviço.

Acesso, recepção, *hall* de elevadores e escada de acesso aos pavimentos superiores (vermelho); salão de atendimento ao público (amarelo); serviços e apoio (azul).

Fonte: Acervo Arq. Emil Bered. Cores introduzidas pela Autora.



Figura 345: Edifício CRT, acesso pela Avenida Borges de Medeiros.

Figura 346: Edifício CRT, acesso pela Avenida Salgado Filho.

Fonte: Fotos da Autora.



Figura 347: Edifício CRT, Avenida Salgado Filho esquina com a Rua Mal. Floriano Peixoto.

Fonte: Foto da Autora.

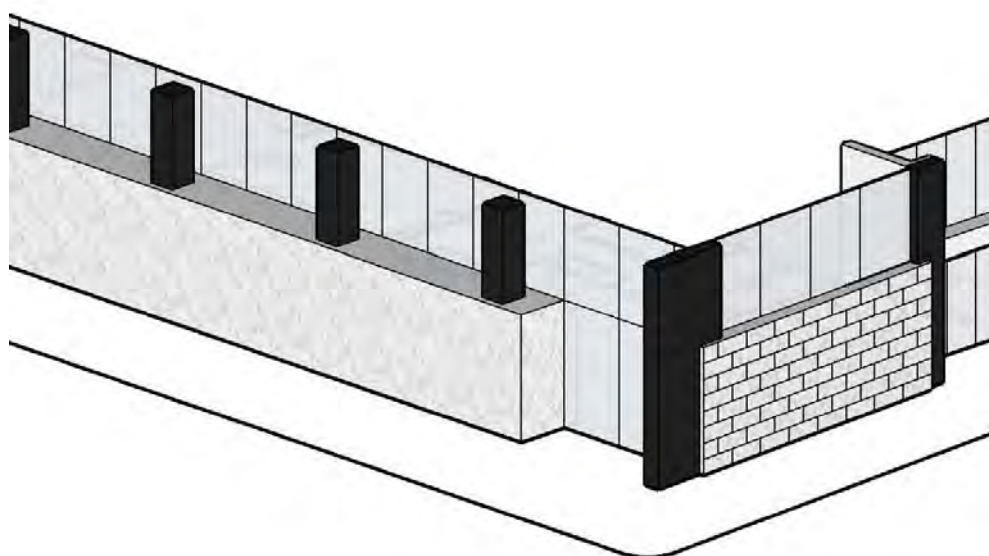


Figura 348: Edifício CRT. Esquema ilustrando os fechamentos murais e envidraçados da base (Esquina Av. Borges de Madeiros e Av. Salgado Filho).

Fonte: Desenho da Autora.

O mezanino é inteiramente ocupado pelo setor comercial: no Bloco A, estão os escritórios e, no Bloco B, ocorre o atendimento ao público (Figura 349). Nos pavimentos, de maneira geral, não há prumada de sanitários e por esta razão os *shafts* são resolvidos junto aos pilares. Já os *shafts* para cabos e dutos estão próximos aos núcleos de circulação, assim como as centrais de ar-condicionado.

A partir do mezanino, a escada é deslocada alinhando-se com os três elevadores, dois sociais e um de serviço (que passa a atender ao pavimento-tipo). Assim, a circulação vertical do Bloco B passa a constituir um núcleo adjacente ao volume principal, e é desta forma que do 3º ao 17º pavimento configura-se o corpo do edifício: um paralelepípedo “desenhado pelas lajes e barras na cor branca e pelos pilares na cor preta”¹⁰³ (CESA, 2003), apenas com o núcleo de circulação externo ao volume principal (Figura 350).

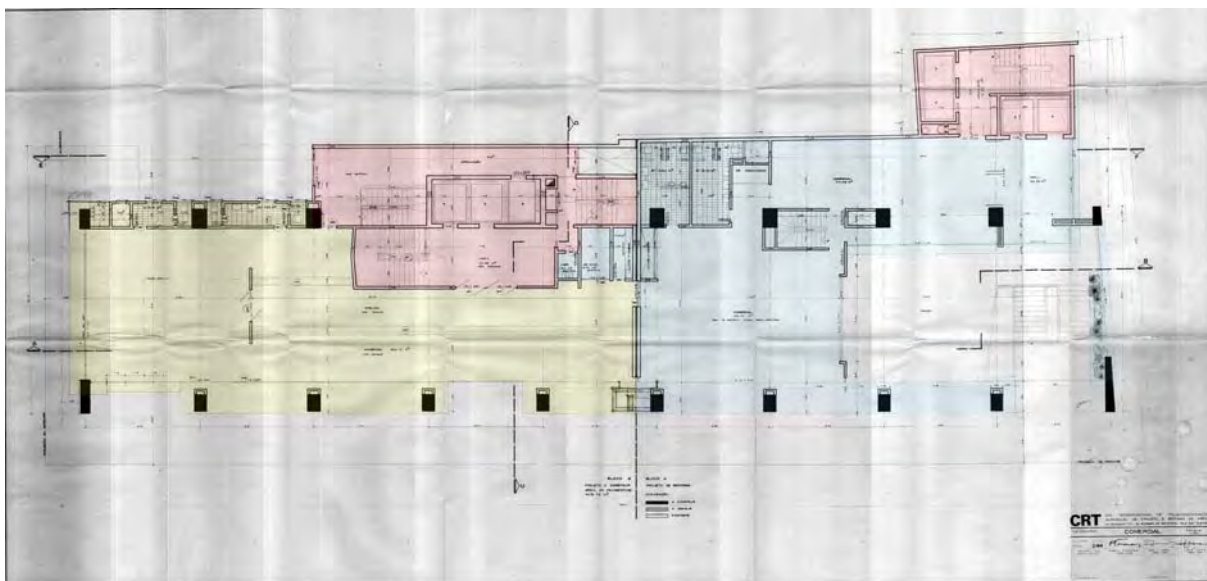


Figura 349: Edifício CRT. Planta do Mezanino. Projeto. Março de 1972.

Bloco A: Circulação vertical de acesso ao pavimento (vermelho); escritórios da CRT e apoios (setor comercial) (azul); setor comercial, acesso público (amarelo).

Fonte: Acervo Arq. Emil Bered. Cores introduzidas pela Autora.

A seguir, a planta repete-se no 3º e 4º pavimentos, onde aparece o primeiro trecho do volume principal (Figura 350). As lajes planas projetam-se em balanço 1,10m além da linha dos pilares, definindo uma galeria entre a pele de vidro (levemente adiante da linha de pilares) e o bordo da laje, que é fechado por uma cortina de suportes metálicos verticais e placas de grelha metálica (Figura 351). Do

¹⁰³ CESA, Paulo. *Arquitetura da verticalidade na recém-aberta Avenida Borges de Medeiros*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura), UFRGS, 2003. p.153.

8º ao 14º pavimento, a solução de planta e de fachada reafirma-se (Figura 355). Nestes pavimentos, a variação fica por conta do *layout* e das instalações sanitárias, na maioria das vezes junto à fachada sul. Para atender a estes sanitários, surgem *shafts* que dividem o vão com fechamento envidraçado entre os pilares.

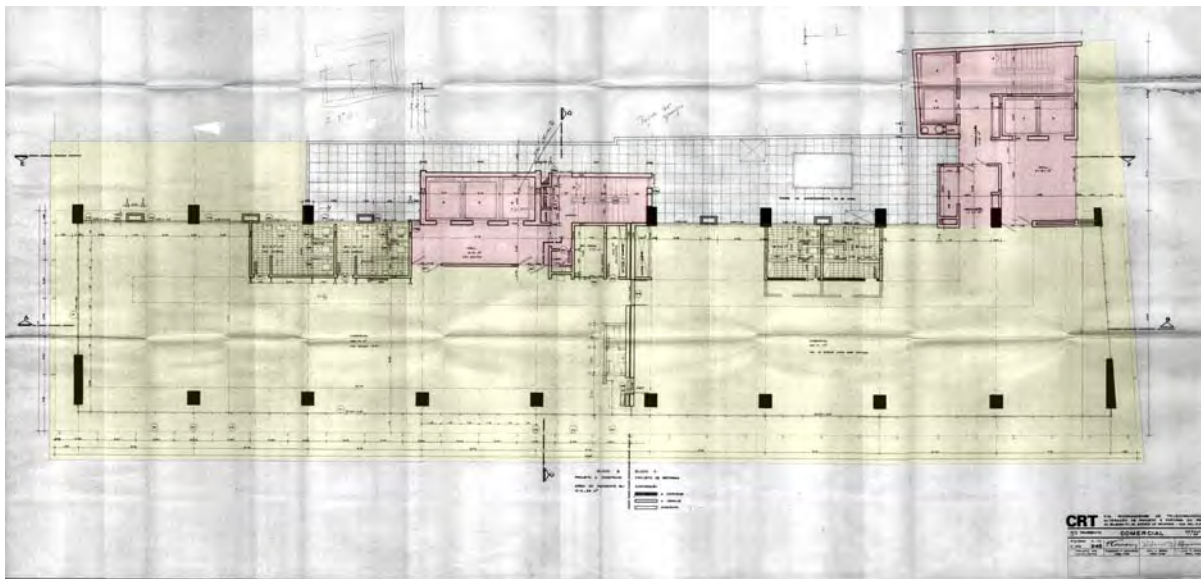


Figura 350: Edifício CRT. Planta 3º pavimento. Projeto. Março de 1972.
Escritórios CRT – Departamento Comercial (amarelo); circulação vertical em vermelho.
Fonte: Acervo Arq. Emil Bered. Cores introduzidas pela Autora.

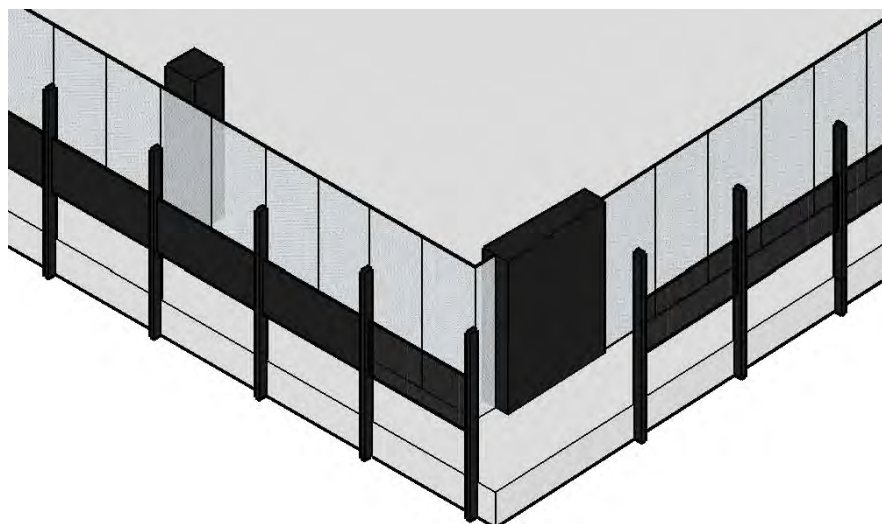


Figura 351: Edifício CRT. Esquema mostrando os três planos: cortina metálica, pele de vidro e pilares.
Fonte: Desenho da Autora.

Nos três pavimentos que contêm os equipamentos telefônicos (do 5º ao 7º pavimento), o bloco mantém seu perfil geométrico, mas adquire outra materialidade (Figuras 352-354): ao invés dos fechamentos diáfanos do trecho anterior e posterior, surgem muros quase cegos, pontuados por rasgos verticais, na definição externa do edifício.

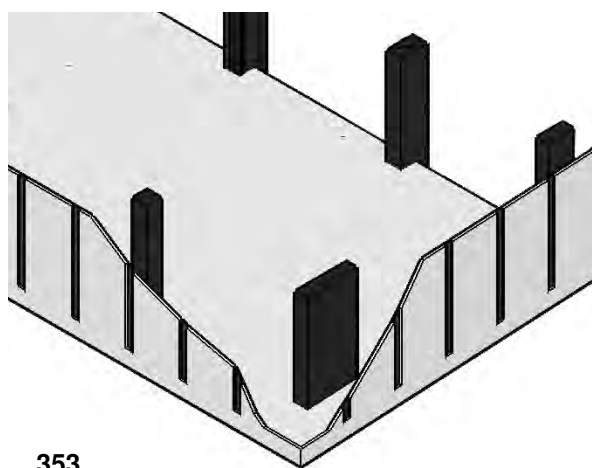
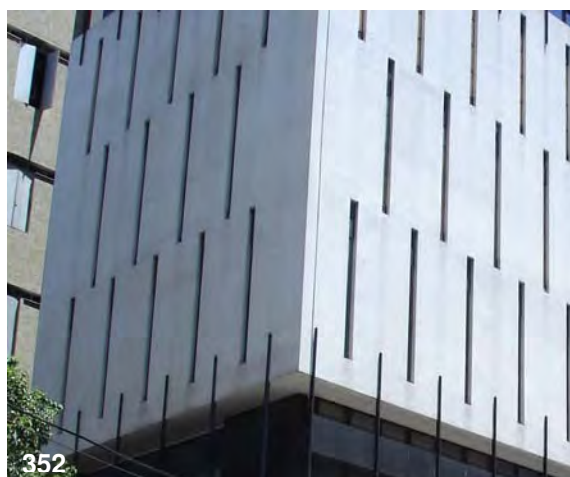


Figura 352: Edifício CRT. Detalhe da fachada dos três pavimentos reservados aos equipamentos.

Fonte: Foto da Autora.

Figura 353: Esquema de uma parte da fachada mostrando o fechamento mural e a linha da estrutura.

Fonte: Desenhos da Autora.

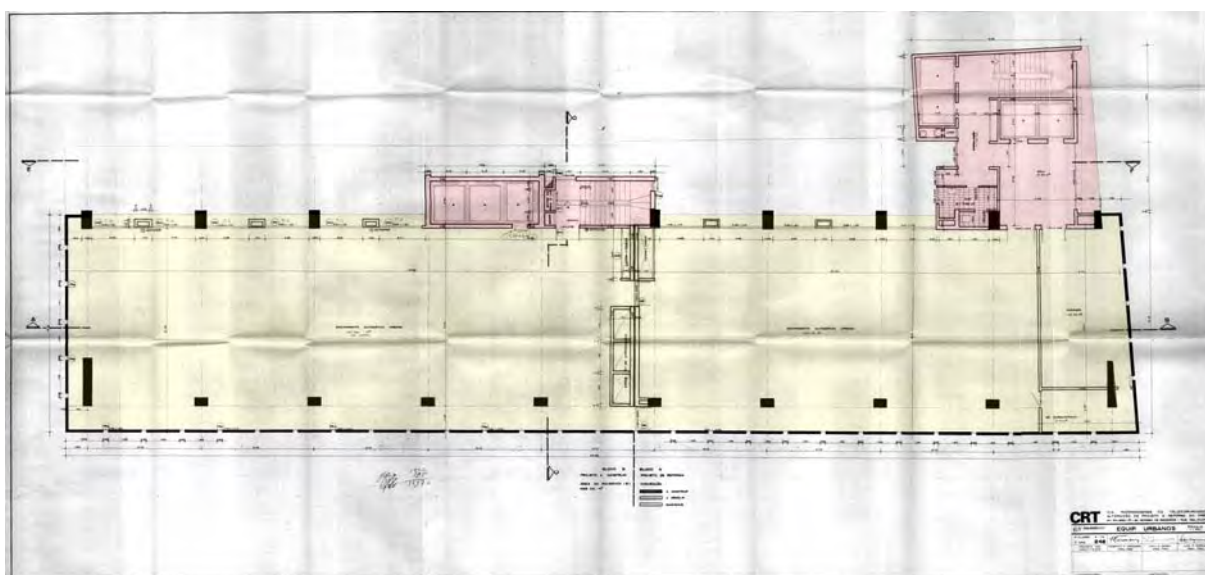


Figura 354: Edifício CRT. Planta 5º, 6º e 7º pavimentos. Projeto. Março de 1972.

Equipamentos telefônicos. No Bloco B, apenas o elevador de serviço acessa estes pavimentos.

Fonte: Acervo Arq. Emil Bered. Cores introduzidas pela Autora.

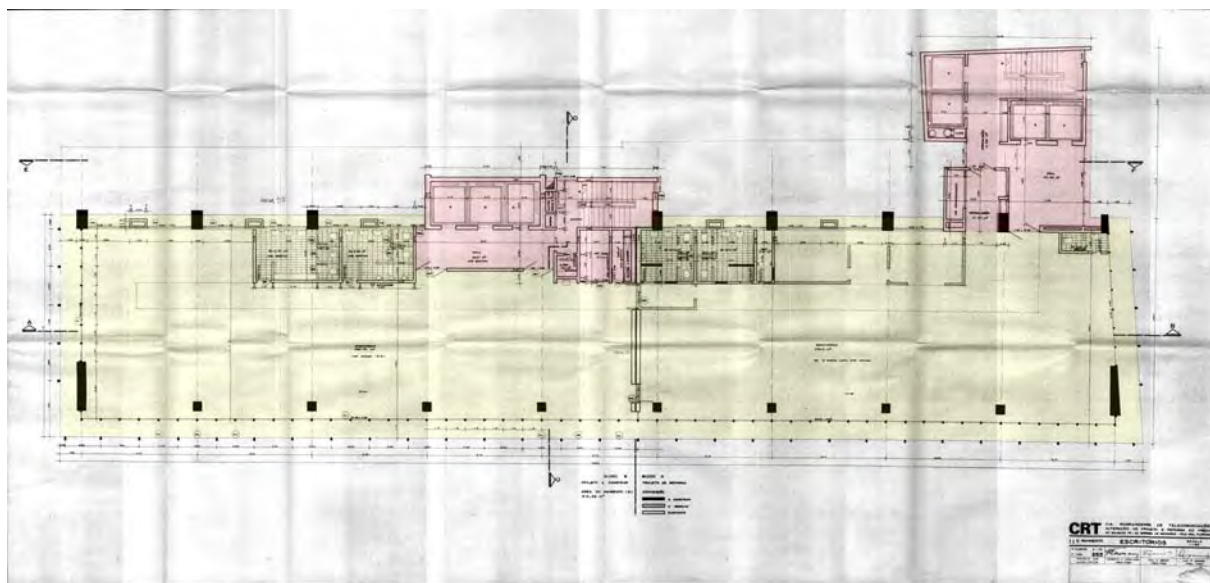


Figura 355: Edifício CRT. Planta 8º ao 14º pavimentos. Projeto. Março de 1972.
 Pavimento-tipo com escritórios. Circulação vertical em vermelho e pavimento em amarelo.
 Fonte: Acervo Arq. Emil Bered. Cores introduzidas pela Autora.



Figura 356: Edifício CRT. Planta 15º pavimento. Projeto. Março de 1972.
 Escritórios da Diretoria.
 Fonte: Acervo Arq. Emil Bered. Cores introduzidas pela Autora.

A instalação da Diretoria e a ampliação do coroamento do edifício levaram ao fechamento da fachada do 15º pavimento (Figura 356), repetindo a solução adotada nos pavimentos dos equipamentos (5º 6º e 7º pavimentos). Junto à fachada norte há uma circulação alternativa entre as salas da diretoria, o que justifica seu tratamento mural. Mais tarde, um rasgo é aberto nesta fachada, em posição oposta ao rasgo do restaurante, dois pavimentos acima, demarcando a sala do diretor.

Para o 16º pavimento (Figura 357), estava prevista uma biblioteca, bem como o Museu da Telefonía. Assim como a planta, uma perspectiva e também a maquete do projeto (Figura 358) mostram o fechamento de um trecho da fachada norte correspondente ao museu. Contudo, tal solução não se concretizou. Este pavimento repete a solução de fachada com quebra-sóis e atua como um negativo que separa os dois volumes fechados do 15º e 17º pavimento (Figura 359).

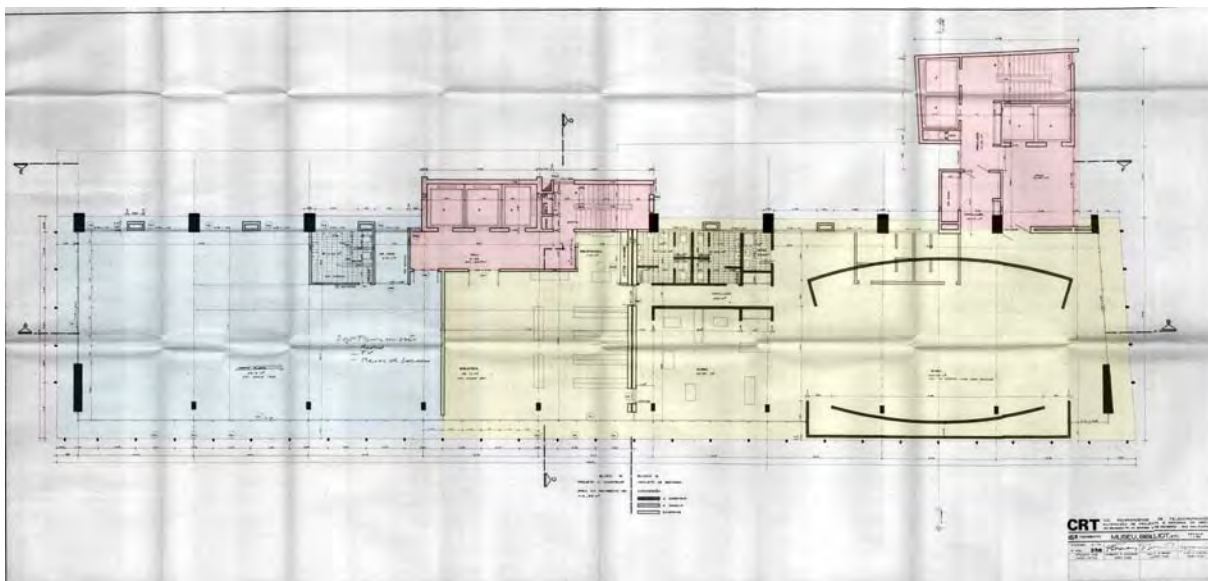


Figura 357: Edifício CRT. Planta 16º pavimento. Projeto. Março de 1972.

Bloco A: Museu da telefonía e biblioteca em amarelo.

Bloco B: Departamento de Transmissão em azul.

Circulação vertical em vermelho.

Fonte: Acervo Arq. Emil Bered. Cores introduzidas pela Autora.

Por fim, o 17º pavimento, onde estão, no Bloco A, o bar e restaurante e, no Bloco B, alguns equipamentos (Figura 360). O restaurante tem o fechamento em vidro alinhado aos pilares e afastado da fachada norte e oeste. A área externa ao restaurante é coberta por uma pérgola por onde a luz chega ao ambiente interno. Na fachada norte, uma abertura horizontal permite a vista em direção ao Rio Guaíba (Figura 359). Acima deste pavimento, estão a torre de transmissão, casa de máquinas, reservatórios d'água e manutenção.

Na CRT, a terminação do edifício é uma “continuação da geometria do volume básico” como no edifício sede do Instituto de Resseguros do Brasil (I.R.B.) dos Irmãos Roberto, de 1941, descrito por Pereira (1993):



Figura 358: Edifício CRT, maquete do projeto de 1972 com o fechamento do 15º pavimento e de um trecho do 16º.

Fonte: Acervo Arq. Emil Bered.

Figura 359: Edifício CRT, bloco construído.

Fonte: Foto da Autora.

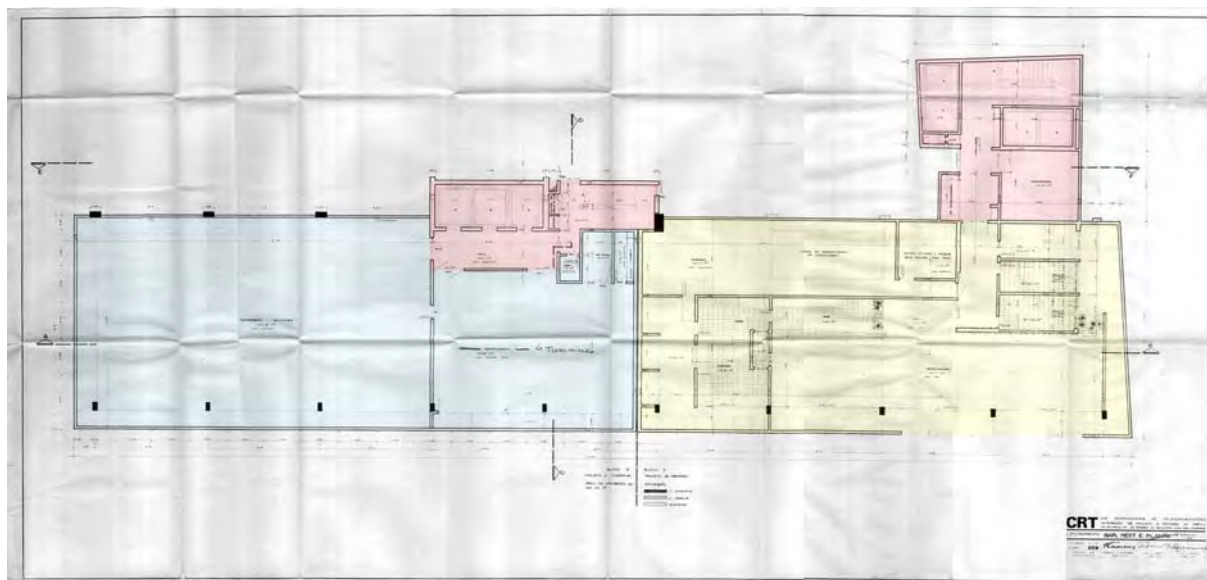


Figura 360: Edifício CRT. Planta 17º pavimento. Projeto. Março de 1972.

Bloco A: Bar e restaurante em amarelo.

Bloco B: Equipamentos em azul.

Circulação vertical em vermelho.

Fonte: Acervo Arq. Emil Bered. Cores introduzidas pela Autora.

O coroamento, que abrange dois pisos, não poderá ser tratado segundo a conhecida fórmula corbusiana dos volumes contrastantes dispostos no topo. Contudo, há outros precedentes da mesma fonte, como o Pavilhão Suíço (1930), em Paris. Ali, a terminação do edifício é uma continuação da geometria do volume básico, todavia mudado em muro, cujos eventuais orifícios revelam a pérgola do teto-jardim.¹⁰⁴

Dessa forma, como um todo, a fachada norte da CRT possui uma modulação que organiza os elementos verticais, criando submódulos a partir da medida de 6,72m dos nove intercolúnios, estendendo a solução para as fachadas leste e oeste. Assim, os montantes das esquadrias estão distantes 1,12m, 1/6 do vão entre as colunas. A divisão vertical do véu metálico que envolve o corpo do edifício corresponde a 1/3 deste mesmo intercolúnio. A mesma medida é encontrada, de eixo a eixo, nos rasgos verticais presentes no 5º, 6º, 7º e 15º pavimentos, intercalados à marcação vertical do véu metálico.

O Bloco B foi construído pela empresa Ernesto Woebcker e inaugurado em 1975.



Figura 361: Edifício CRT logo após a conclusão do Bloco B.

Fonte: Acervo Arq. Emil Bered.

Figura 362: Edifício CRT visto à noite. A iluminação interna revela os planos envidraçados

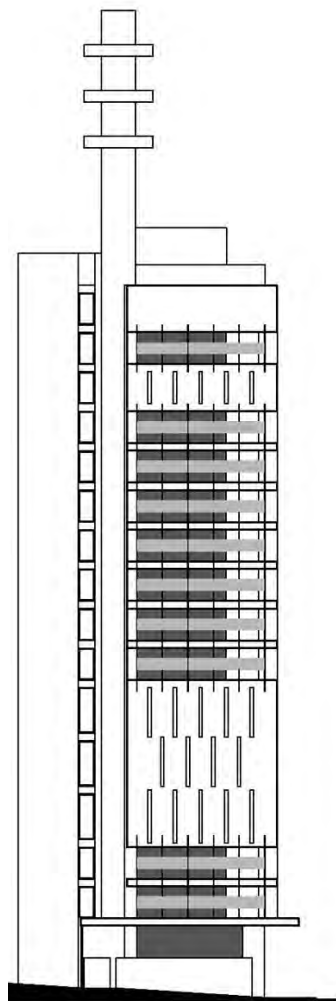
Fonte: Acervo Arq. Emil Bered.

Figura 363: Edifício CRT hoje.

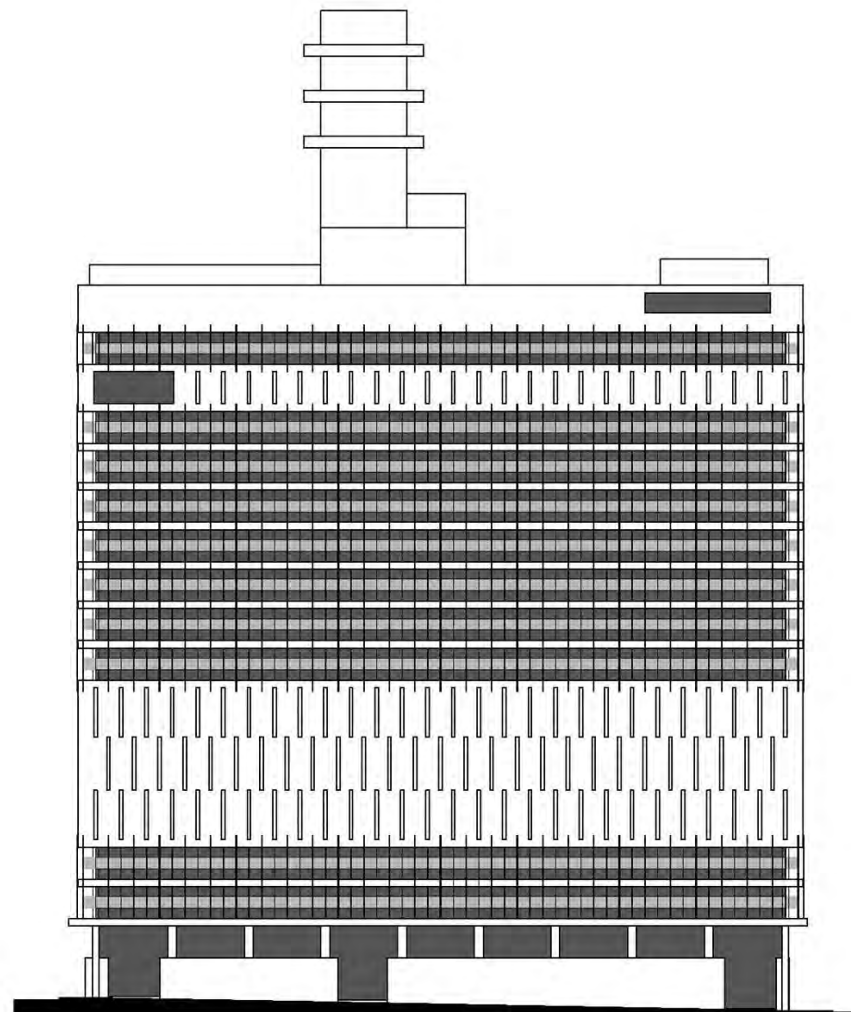
Fonte: Foto da Autora.

¹⁰⁴ PEREIRA, Cláudio Calovi. *Os irmãos Roberto e a arquitetura moderna no Rio de Janeiro (1936-1945)*. 1993, p.57. Dissertação (Mestrado em Arquitetura).

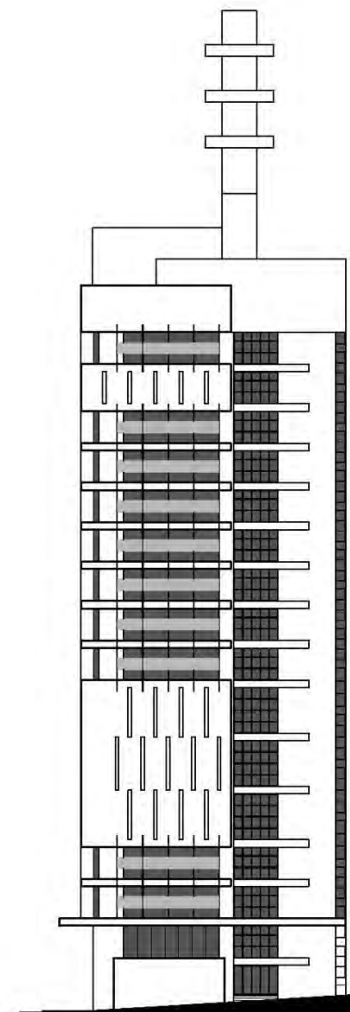
Fachada Rua Mal. Floriano Peixoto



Fachada Av. Salgado Filho



Fachada Av. Borges de Medeiros



0 1m 5m 10m

Figura 364: Edifício CRT. Fachada Rua Mal. Floriano Peixoto (leste), Fachada Av. Salgado Filho (norte) e Fachada Av. Borges de Medeiros (oeste).
Fonte: Desenho da Autora.

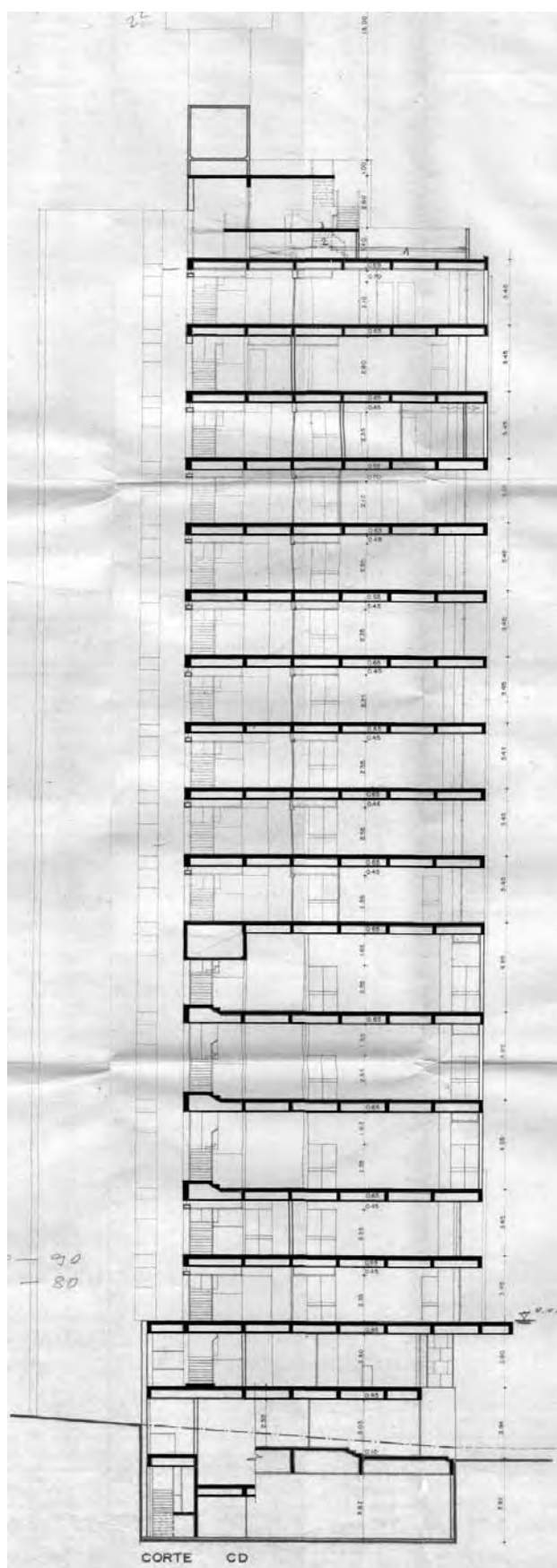


Figura 365: Edifício CRT. Corte transversal. Projeto. Março de 1972.
 Fonte: Acervo Arq. Emil Bered. Estrutura destacada pela Autora.

4.3.1.3 Reflexões, Referências e Influências no Projeto da CRT

A tentativa de identificar as influências sobre a arquitetura proposta para o Edifício CRT está presente no texto de Cesa (2003) quando este fala que “a forma básica adotada é um prisma cúbico corbuseriano, sendo empregado a solução tripartida. O volume é decomposto em planos, a partir de uma composição neoplasticista.”¹⁰⁵

Anna Paula Canez reflete sobre a possível sintonia com o neoplasticismo já na proposta de fachada elaborada, em 1960, por Luís Fernando Corona, para o Edifício Jaguaribe: “Das considerações extraídas da observação dessa arquitetura, o uso da cor aliado à resolução dos peitoris dos terraços, sempre me pareceram vinculadas, ou pelo menos aparentadas com a arquitetura neoplástica e as pinturas de Mondrian”¹⁰⁶ (CANEZ, 1998).

De fato, Bered, Veronese e Corona sofreram influência da arquitetura de Le Corbusier e da produção da Escola Carioca, principalmente durante o período em que foram alunos do IBA, e, também, sempre acompanharam as evoluções culturais, como esclarece Bered, sobre sua arquitetura, quando questionado sobre a possível referência ao neoplasticismo na solução do Edifício CRT: “Não uso classificação. Não classifico como neoplasticista. Fica sujeito a sair de moda. Faço, sempre fiz arquitetura contemporânea, ligada ao que está acontecendo na arte, na música, na sociedade. Não gosto destas classificações.”¹⁰⁷

O projeto para a CRT não apresenta mais a estrutura corbusiana de pilotis e lajes com balanços que sustentam um corpo com rasgos de fenestração e uma cobertura com formas amebóides. O volume proposto para a CRT é claramente um paralelepípedo assentado sobre uma base que alterna fechamento mural e colunata, sem um espaço livre sobre colunas, como no MESP de Lúcio Costa e equipe, por exemplo. Na CRT, o jogo de contrastes é acentuado pela cor: o que é mural e

¹⁰⁵ CESA, Paulo. *Arquitetura da verticalidade na recém-aberta Avenida Borges de Medeiros*. 2003, p.156. Dissertação (Mestrado em Arquitetura).

¹⁰⁶ CANEZ, Anna Paula Moura. *Fernando Corona e os caminhos da arquitetura moderna em Porto Alegre*. Porto Alegre: Unidade Editorial Porto Alegre, 1998. 209 p.153.

¹⁰⁷ BERED, Emil A. Porto Alegre, Brasil, 26 out. 2006. Entrevista concedida à Autora.

ressaltado é branco, o que é profundo, vazado e tridimensional é preto, está escondido e pouco evidenciado pelo sombreamento.

A base é marcada pela introspecção e pela riqueza espacial interna. Os muros altos, que não encostam na marquise, resguardam do barulho da rua a parte pública do edifício, a qual contém as cabines telefônicas. Bered, em entrevista, afirma que “o térreo é todo do Corona.” A experiência das paredes revestidas em mármore branco, as colunas revestidas com pastilhas pretas, os vazios dos acessos, a amplitude do espaço, sentida através do acesso pela Av. Salgado Filho, o encontro dos planos e dos revestimentos e até mesmo a introspecção são algumas características já presentes no Edifício Jaguaribe e em outros projetos de Luís Fernando Corona.

Já o corpo do edifício CRT, separado da base pela marquise, é composto por planos horizontais intercalados por planos de vidro recuados, que vedam os pavimentos, e por partes fechadas. A vedação em vidro é protegida pelas lajes em balanço e pela cortina de quebra-sóis fixos que envolve o edifício nas três fachadas ensolaradas, contribuindo no controle de luminosidade. Este quebra-sol metálico, com montantes verticais próximos que se sobrepõem à marcação das lajes horizontais, cria um outro ritmo para a fachada. Segundo Luccas (2001), “o paradigma miesiano local, com suas fachadas como um segmento padrão contínuo, infinito, substituindo o cânone tradicional de base, corpo e ático dos prédios”¹⁰⁸ acontece a partir do projeto para a Assembléia Legislativa do Estado (1958). O Edifício CRT não homologa esta fórmula, adotando uma postura mais complexa, que investiga as potencialidades da fachada moderna mesmo que isso impeça uma resposta ‘clássica’, homogênea.

Com a ampliação do coroamento, proposta no projeto de 1972, a terminação do edifício ganhou áreas de uso público nos dois últimos pavimentos do Bloco A (museu, biblioteca e restaurante), contrapondo as áreas públicas localizadas nos térreos e mezanino. A proposta de dotar o topo do edifício com espaços públicos destinados ao lazer e à contemplação da cidade já havia sido feita por Oscar Niemeyer, ao projetar o edifício do IPE, em 1943, localizado na esquina da Av. Borges de Medeiros com a Rua Andrade de Neves. Naquela oportunidade,

¹⁰⁸ LUCAS, Luís Henrique Haas. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre: Uma história recente. Revista Arqtexto*, n. zero, 2000/1, p.28.

Niemeyer observou que Porto Alegre ainda não aproveitava o topo de seus edifícios para ter um terraço-jardim com uma atividade pública.

A solução de planta do edifício CRT faz uso do sistema Dom-Ino, preconizado por Le Corbusier, mas com desdobramentos independentes. Se, por um lado, o fechamento dos intervalos por cortina de vidro coincide com a linha de estrutura (planta miesiana americana), por outro, as lajes ultrapassam a linha de suportes, criando balanços que conformam galerias abertas ou circulações fechadas (planta corbusiana). O grande vão estrutural é uma imposição técnica relacionada aos novos equipamentos automáticos. Com isto, a planta resultou em um retângulo com nove vãos de 6,5m no sentido longitudinal da planta, por um vão de 11m no sentido transversal, com dois núcleos fixos de circulação vertical fora desta área.

Parece também evidente que Luís Fernando Corona e seus colegas estão atentos às experiências plásticas com fachadas dos Irmãos Roberto no Rio de Janeiro. Na ABI (1936), “o edifício construído é um bloco purista, monocromático e unitário”¹⁰⁹ (PEREIRA, 1993). As janelas longitudinais dispostas junto à linha de estrutura são ocultadas pelas faixas de quebra-sóis fixos. Estas duas peles criam uma galeria ao longo das faces norte e oeste do edifício, que resulta num eficiente recurso de dispersão do calor e proteção ambiental. A fachada norte do edifício IRB (1942) apresenta uma moldura ressaltada, contendo as faixas com quebra-sóis verticais fixos, dispostos diante dos pavimentos-tipo e ladeando a circulação principal (Figura 366). A fachada sudoeste do edifício Seguradoras (1949) também apresenta diante dos pavimentos-tipo uma moldura ressaltada, onde marquises perfuradas correspondem a cada andar (Figura 367). A estas marquises estão presas persianas basculantes para proteção solar da fachada. Os dois últimos pavimentos dessa elevação são demarcados por duas faixas de quebra-sóis verticais móveis. Já no edifício Marquês do Herval (1952), a fachada oeste apresenta planos chanfrados e peitoris inclinados, sobre os quais está aplicada a superestrutura de quebra-sóis metálicos móveis (Figura 368). Estes edifícios reúnem algumas das experiências plásticas com fachadas realizadas pelos Irmãos Roberto. Nestes projetos e também na CRT,

É notável o fato de que a articulação dos diversos elementos que compõem estas fachadas nunca seja casual ou arbitrária, ocorrendo no marco de uma trama básica de referência na qual os elementos componentes são dispostos

¹⁰⁹ PEREIRA, Cláudio Calovi. *Os irmãos Roberto e a arquitetura moderna no Rio de Janeiro (1936-1945)*. 1993. p.28. Dissertação (Mestrado em Arquitetura).

com auxílio de instrumentos geométricos trazidos da tradição arquitetônica.¹¹⁰
(PEREIRA, 1993)

O projeto da CRT pertence ao segundo momento da arquitetura moderna do Rio Grande do Sul, quando outros projetos, reconhecendo as arquiteturas de Mies, Wright e Neutra, começam a aparecer adaptados as circunstâncias locais. A sofisticada manipulação de estruturas, lajes e planos de fechamento deste edifício conferem-lhe um papel importante no debate arquitetônico no período.



Figura 366: Edifício IRB. Fachada norte.

Fonte: Rio de Janeiro. Prefeitura Municipal. *Guia da arquitetura moderna no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal, 2000, p.31.

Figura 367: Edifício Seguradoras.

Fonte: Rio de Janeiro. Prefeitura Municipal. *Guia da arquitetura moderna no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal, 2000, p.34.

Figura 368: Edifício Marquês do Herval.

Fonte: Revista Projeto Design, n298, dezembro de 2004, p.A9.

¹¹⁰ Ibidem. p.58

CAPÍTULO IV

5 OS PROJETOS DE LUÍS FERNANDO CORONA NA DÉCADA DE 1970

A proliferação de escolas de arquitetura, promovida pelo MEC (Ministério de Educação e Cultura), a crise do ensino, decorrente da cassação de professores qualificados, por questões políticas, e da substituição do curso seriado por matrículas por disciplinas, e o amordaçamento dos diretórios acadêmicos são eventos que compõem o cenário do final dos anos 60¹¹¹ (MIZOGUCHI, *in* Xavier, 1987).

O fim do comportamento aglutinador, próprio da arquitetura moderna, na década de 1970, resulta, segundo Luccas, na diversificação de soluções adotadas e “nas constantes e profundas deformações impostas ao repertório convencional de elementos de arquitetura”¹¹² (LUCCAS, 2004).

As novas soluções adotadas correspondem ao uso do concreto aparente, como ‘material plástico’, e às experiências com coberturas em abóbodas e cascas. Estas possibilidades resultaram em experiências formais expressivas, através do uso de diferentes soluções de coberturas, como lajes plissadas, cascas poliédricas e abóbodas. O Terminal Rodoviário de Porto Alegre (1969), do arquiteto Elyseu Victor Mascarello (Figura 369), possui cobertura em concreto armado, com abóbodas de arco abatido em continuidade aos pilares que as sustentam. Assim, prossegue Luccas, “moldam-se os elementos arquitetônicos como matéria contínua, dentro do conceito do concreto como material ideal e genérico.”¹¹³ Outro exemplo é a associação de vigas radiais à cascas de concreto armado, solução adotada para o Planetário da UFRGS (1971), projetado por Walter Bered e Fernando Gonzalez (Figura 370).

A técnica de coberturas, utilizando abóbodas de cerâmica armada, desenvolvida pelo engenheiro uruguaio Eládio Dieste (1917-2001), foi adotada pela primeira vez no projeto para a Central de Abastecimento de Porto Alegre (CEASA,

¹¹¹ MIZOGUCHI, Ivan. *Período de transformação: os anos 70 e 80*. In XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 1987, p.38-39.

¹¹² LUCCAS, Luis Henrique Haas. *Arquitetura moderna brasileira em Porto Alegre sob o mito do “gênio artístico nacional”*. 2004. p.248. Tese (Doutorado em Arquitetura).

¹¹³ *Ibidem*. p.250.

1970), projetada por Carlos Maximiliano Fayet, Cláudio Araújo, Luís Américo Gaudenzi e Carlos Eduardo Dias Comas (Figura 371).

O uso do concreto armado como solução construtiva e plástica, que na escola paulista era mantido bruto, sem pintura ou revestimento, na experiência carioca, através das obras de Niemeyer, perseguia a plasticidade, com formas curvas e texturas homogêneas, tratadas com pinturas, solução vista nos edifícios projetados para Brasília.



Figura 369: Estação Rodoviária de Porto Alegre, 1969. Projeto de Elyseu Victor Mascarello.

Fonte:

Figura 370: Planetário da UFRGS, 1971. Projeto de Fernando Gonzalez e Walter Bered.

Fonte: XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*. Porto Alegre, UFRGS, 1987, p.248.



Figura 371: Central de Abastecimento de Porto Alegre – CEASA, 1970. Projeto de Carlos Maximiliano Fayet, Cláudio Luiz Gomes Araújo e Carlos Eduardo Dias Comas.

Fonte: XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*. Porto Alegre, UFRGS, 1987, p.247.

Figura 372: Centro Administrativo do Estado, 1972. Projeto de Charles René Hugaud, Ivânio Fontoura, Leopoldo Constanzo e Luís Carlos Macchi Silva.

Fonte: Disponível em: <http://nutep.adm.ufrgs.br>

Em Porto Alegre, algumas experiências nesse sentido ocorreram em edifícios públicos, escolas, agências bancárias e em algumas residências e edifícios residenciais. Os edifícios do Centro Administrativo local (Figura 372) exemplificam a plasticidade permitida pelo concreto armado e, também, os problemas de conservação e durabilidade provocados pelo clima úmido e pela eliminação dos acabamentos.

Na produção arquitetônica dos anos 1970, são encontrados muitos exemplares que utilizam o concreto aparente como solução estética derivada da técnica, seja pelo vínculo ao Brutalismo Paulista, com a adoção de soluções características de tal repertório (Residência Selso Mafessoni (Figura 373), 1972, inspirada na obra residencial de Paulo Mendes da Rocha e agências, Cidade Baixa, Azenha, Protásio Alves, Moinhos de Vento (Figura 374) e Independência (Figura 375), da Caixa Econômica Federal); seja pelo emprego de elementos pré-moldados como forma de manter a estética do concreto aparente (junta do Tribunal Regional do Trabalho (Figura 376), 1974, projeto de Emil Bered, com elementos pré-moldados na fachada). Contudo, exemplares vinculados ao 'estilo internacional' ou às caixas de vidro miesianas também se fazem presentes no cenário local, como o Edifício IBM (Figura 377), 1971.



Figura 373: Residência Selso Mafessoni, 1972. Projeto de Selso Mafessoni.

Fonte: XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*. Porto Alegre, UFRGS, 1987, p.258.

Figura 374: Agência Moinhos de Vento da Caixa Econômica Federal, 1973. Projeto de César Dorfman e Edenor Buchholz.

Fonte: XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*. Porto Alegre, UFRGS, 1987, p.278.

Figura 375: Agência Independência da Caixa Econômica Federal, 1973. Projeto de César Dorfman e Edenor Buchholz.

Fonte: XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*. Porto Alegre, UFRGS, 1987, p.294.



Figura 376: Edifício-Sede das Juntas do Tribunal do Trabalho, 1974. Projeto de Emil Bered, José Antônio Vieira, Maria Helena Bered e Walter Bered.

Fonte: Acervo pessoal Arq. Emil Bered.



Figura 377: Edifício IBM, 1971. Projeto de João Carlos Paiva da Silva e Paulo Roberto Almeida.

Fonte: XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*. Porto Alegre, UFRGS, 1987, p.252.

Nos poucos projetos realizados por Luís Fernando Corona, entre 1970 e 1977, verifica-se, através das três residências, da Sede Campestre do Clube do Professor Paranaense e da Sede Campestre do Guaíba Country Club a continuidade da preferência pela horizontalidade e pelo uso de planos com diferentes materiais e texturas, compondo fachadas cujas soluções plásticas são bastante ricas. Constata-se, também, no projeto para a Capela de Passo Real, em parceria com Emil Bered, a aproximação da arquitetura da Escola Paulista, com o uso do concreto aparente e da solução volumétrica proposta.

5.1 AS RESIDÊNCIAS

5.1.1 Casa da Praia

A casa de veraneio projetada por Luís Fernando Corona para a sua família, em 1970, está localizada na Rua Jaçanã nº 351, na Praia de Atlântida. O lote, com frente para o sul, tem 18m de testada por 29,50m de profundidade.

O arquiteto adota um partido em “L”, reunindo no retângulo transversal ao terreno e com frente para a rua o terraço, o setor social e o setor de serviço. O setor íntimo fica localizado no complemento do “L”. Com a casa afasta das divisas (sul 7,15m, norte 9,80m, leste 1,70m e oeste 2,70m), implantada praticamente no meio do terreno, Luís Fernando Corona cuida do tratamento adequado das quatro fachadas e da distribuição das funções em planta. Contudo, se a planta baixa sugere uma organização em “L” (Figura 379), a de cobertura evidencia a existência de dois volumes retangulares, paralelos e transversais ao terreno (Figura 378). Num, está o setor íntimo e, no outro, o setor social e de serviço.

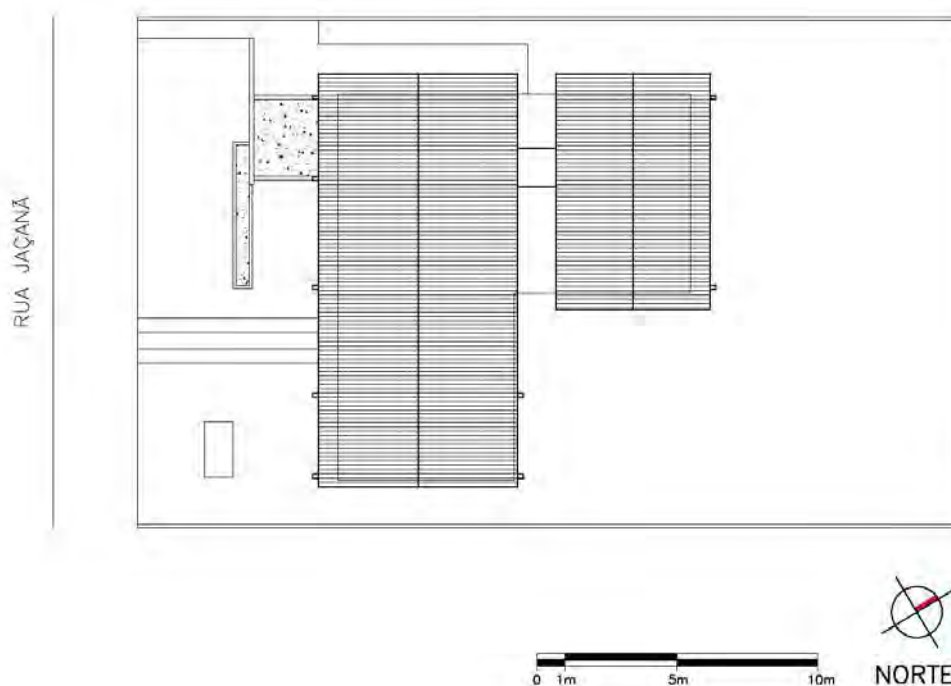


Figura 378: Casa da Praia. Implantação.
Fonte: Desenho da Autora.

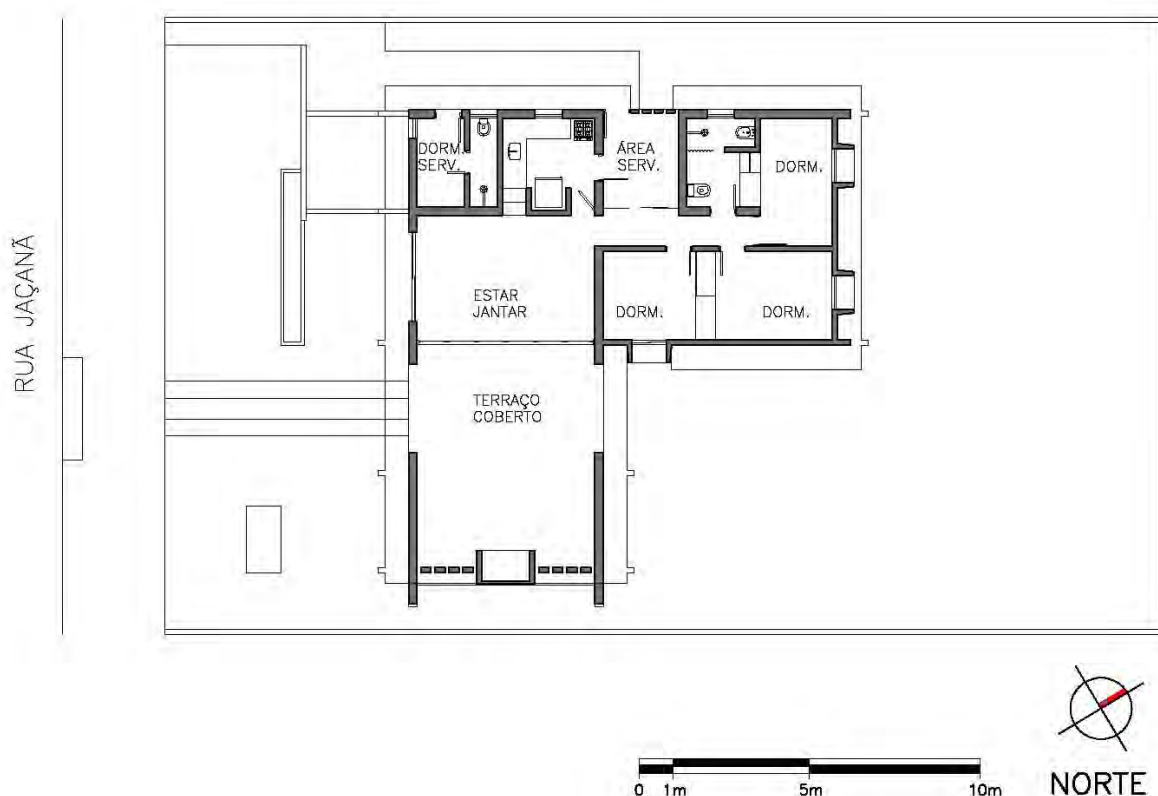


Figura 379: Casa da Praia. Planta baixa.

Fonte: Desenho da Autora com base no projeto de 1970, pertencente ao acervo da Sra. Magali Corona.

O acesso à casa acontece pelo terraço coberto, onde duas aberturas com iguais dimensões e fronteiriças permitem o carro acessar 'os fundos' do terreno. Este espaço, que também serve de abrigo para o carro, tem iluminação e ventilação direta através destas duas aberturas com orientação norte-sul e, também, pela fachada leste (Figura 380), composta pelo volume da churrasqueira, ladeado por elementos cerâmicos vazados, garantindo, assim, a privacidade com relação ao vizinho.

O terraço coberto é, na verdade, uma extensão da sala-de-estar e jantar. A divisão entre estes dois espaços é feita por uma grande esquadria que, ao ser recolhida, possibilita a integração destes dois ambientes. A iluminação do estar e jantar ocorre, em parte, através do terraço coberto e, em parte, através da abertura na fachada sul. No desenho da fachada sul do projeto encaminhado à Prefeitura, uma janela de 2,60m x 1,30m ilumina este ambiente (Figura 382). Porém esta iluminação foi reduzida. Nas fotos, os dois rasgos verticais, que ladeiam a alvenaria revestida com azulejos, controlam a entrada da luz e aumentam a privacidade e introspecção da casa (Figura 383).

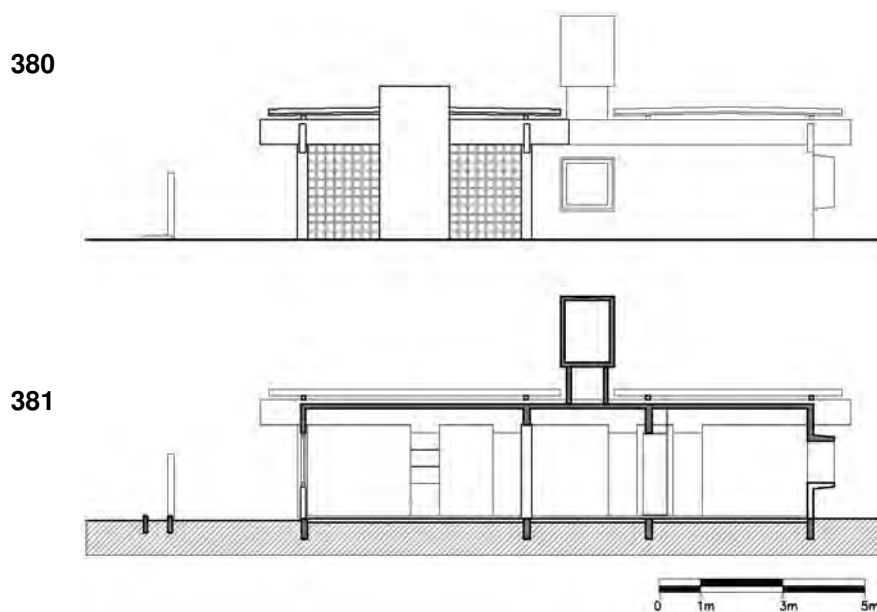


Figura 380: Casa da Praia. Fachada Leste.

Figura 381: Casa da Praia. Corte Longitudinal passando pelo estar e dormitórios.

Fonte: Desenhos da Autora.

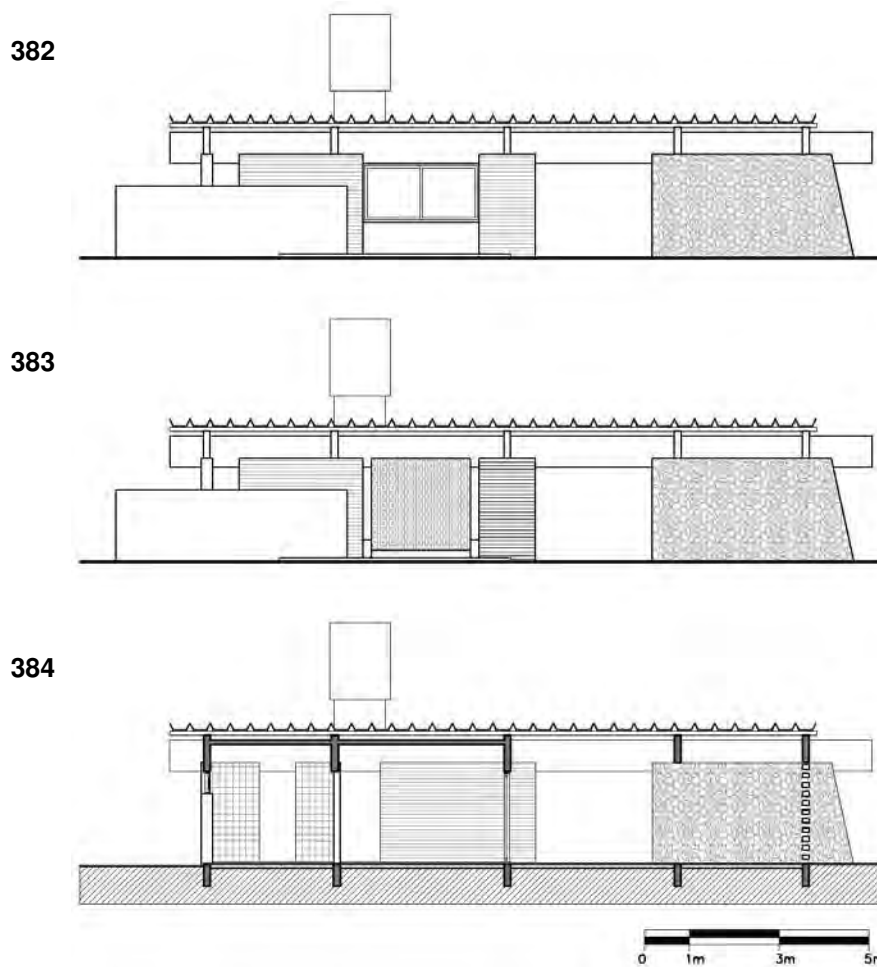


Figura 382: Casa da Praia. Fachada Principal conforme o projeto de 1970.

Figura 383: Fachada Principal construída.

Figura 384: Corte Transversal passando pela cozinha, estar e terraço coberto.

Fonte: Desenhos da Autora.

A partir do estar é possível acessar-se à cozinha e ao corredor que leva aos dormitórios e ao banheiro. Os três dormitórios, dois voltados para norte e um para leste, são iluminados por aberturas de 1m x 1m, envolvidas por uma moldura com 50 cm de profundidade. Com este artifício, é possível sombrearem-se as janelas a maior parte do tempo, evitando a entrada de calor e de luz direta (Figuras 385 e 387).

Voltado para oeste está o bloco de serviços. A cozinha, o banheiro de serviço e o banheiro privativo são iluminados e ventilados por janelas basculantes altas, que medem 80x50cm (Figuras 386 e 388). O dormitório de empregada, com acesso externo por essa fachada, também é iluminado e ventilado por uma janela de iguais dimensões, porém, voltada para o sul e pouco percebida atrás do painel mural. Já, na área de serviço, o fechamento externo, feito por uma parede de elementos vazados, indicado na planta do projeto, foi substituído por alvenaria rebocada. A janela é como as demais, e a porta dá acesso a uma área externa coberta que também não está indicada na planta do projeto.

O arquiteto projetou também o mobiliário fixo, que inclui o sofá do estar em alvenaria com almofadas soltas, os armários e nichos em alvenaria da cozinha, os guarda-roupas que servem de divisórias entre os dormitórios e, entre o dormitório e o banheiro, o beliche embutido na alvenaria e a cama do casal em alvenaria, apenas com o colchão sobre o estrado.

As fachadas, de um modo geral, são constituídas por planos de parede encimados por vigas. As aberturas de portas e janelas possuem dimensões reduzidas e vão até o limite inferior da viga, enquanto as paredes, mais espessas, avançam sobre ela.

A fachada principal, voltada para o sul, apresenta maior elaboração quanto aos planos, com cores e materiais distintos. O plano de fechamento da casa é formado por trechos de alvenaria de tijolos rebocada e alvenaria de pedra aparente separados por aberturas. A viga que arremata as alvenarias vai de uma lateral a outra, passando o plano das fachadas laterais, e é interseccionada por cinco vigas transversais que também se projetam além do plano da fachada sul.

Um pouco mais a frente, protegendo o acesso de serviço, destaca-se um painel feito sobre a alvenaria rebocada e pintada de vermelho com motivos marinhos, gravados em contorno de baixo-relevo, de autoria de Fernando Corona. Este plano vermelho associado ao plano branco de elementos vazados,

perpendicular à fachada, configuram um pátio de serviço que resguarda as atividades deste setor.

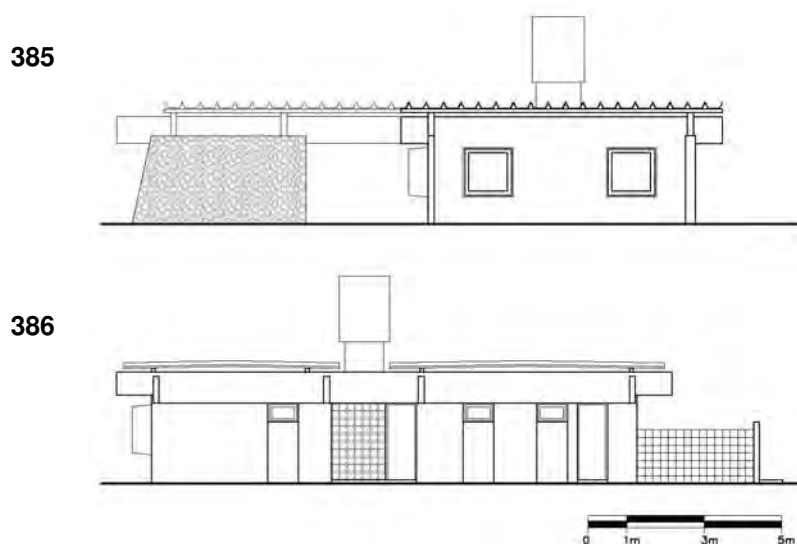


Figura 385: Casa da Praia. Fachada Norte.

Figura 386: Casa da Praia. Fachada Oeste.

Fonte: Desenhos da Autora.



Figura 387: Casa da Praia. Fachada Norte e Leste.

Figura 388: Fachada Oeste.

Fonte: Fotos da Autora.



Figura 389: Casa da Praia. Fachada Principal.

Fonte: Foto Cícero Alvarez.

Figura 390: Casa da Praia. Mural de autoria de Fernando Corona.

Fonte: Foto da Autora.

5.1.2 Residência Liorne Martine Luzzato

A Residência Martine Liorne Luzzato, projetada em 1973 por Luís Fernando Corona, localiza-se na Rua Veridiano de Farias nº 110, no bairro Petrópolis, ao lado da residência do próprio arquiteto, projetada em 1962. O terreno retangular tem 10m de frente, com orientação sul, por 39,60m de comprimento.

No programa de necessidades, o cliente solicitava duas residências, uma para si e outra para a filha. Corona projetou, então, dois apartamentos independentes, mas com plantas iguais, um no térreo e outro no andar superior, cada um com três dormitórios, banheiro, estar, jantar, *hall*, lavabo, cozinha, copa, área de serviço, banheiro e dormitório de empregada.

No partido adotado, o arquiteto organizou o programa em faixas transversais ao terreno, intercalando os usos com pátios (Figura 392). Assim, a primeira faixa é um volume de um pavimento que ocupa a porção frontal do terreno junto ao recuo de jardim, onde está a garagem para três carros e a porta de acesso da rua para o interior do lote. A fachada deste volume é composta por uma viga que vai de um lado ao outro do terreno, apoiando-se nas paredes das divisas e na parede de pedra que separa as garagens da porta de acesso. O plano vertical de fechamento é em madeira, e a cobertura, com telha tipo calhetão, avança em relação a plano da fachada.

Um primeiro pátio separa o volume das garagens do volume do bloco residencial, implantado junto às divisas laterais e organizado em três faixas transversais. Na primeira faixa está o setor social com acesso, *hall*, lavabo, sala-de-estar, sala de jantar e a cozinha. Na faixa central está o pátio social, coberto, no pavimento térreo, por pérgola, para onde ventila o jantar, e o pátio de serviço, para onde ventila a cozinha. A circulação social e a de serviço separam os dois pátios e fazem a ligação com a terceira faixa onde estão os três dormitórios e a dependência de empregada. A composição termina com um pátio pergolado para onde se abrem os dormitórios (Figuras 391 e 392).

A fachada do bloco residencial é dividida em duas partes (Figuras 393 e 394). De um lado, está o recuo do plano da fachada para a colocação da circulação vertical comum aos dois apartamentos. Do outro lado, estão as salas-de-estar, cujo fechamento é feito por esquadrias com persianas de madeira. O volume da floreira

arremata a abertura do estar do pavimento superior, avançando sobre a outra metade da fachada, enquanto, no pavimento térreo, a floreira delimita a varanda descoberta diante da sala-de-estar. Essa varanda, assim como todo o apartamento térreo, está em cota mais elevada em relação à cota de nível da garagem. Com isso, o primeiro pátio está dividido em área comum de circulação e acesso aos apartamentos, e área privativa do apartamento térreo.



Figura 391: Residência Liorne Martine Luzzato. Planta do pavimento superior.

Figura 392: Residência Liorne Martine Luzzato. Planta do pavimento térreo.

Fonte: Desenhos da Autora.

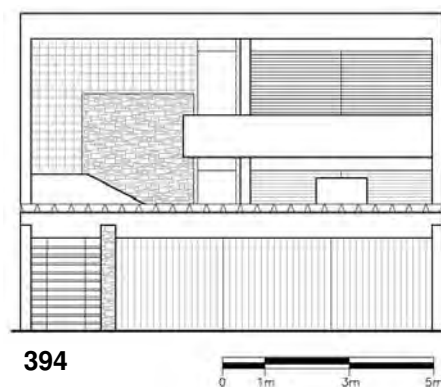


Figura 393: Foto da Residência Liorne Martine Luzzato.

Figura 394: Desenho da fachada da Residência Liorne Martine Luzzato.

Fonte: Foto e desenho da Autora.

5.1.3 Residência Darwin Longoni

A Residência Darwin Longoni foi projetada por Luís Fernando Corona e Battistino Anele, em 1974, e localiza-se na Rua La Salle nº 127, na esquina com a Rua Duque de Caxias, em Canoas, RS. O terreno possui diferentes ângulos entre seus lados, por isso o bloco construído foi implantando junto à divisa leste, a partir da qual todas as linhas do projeto são orientadas ortogonalmente.

O programa de necessidades é bastante extenso e está distribuído em dois pavimentos. A garagem para três carros, e a adega está localizada no subsolo com acesso pela Rua Duque de Caxias, aproveitando o desnível existente entre a rua e o terreno (Figura 395). O pavimento principal tem acesso pela Rua La Salle, através de uma série de degraus que levam ao núcleo de entrada onde estão o *hall* e o lavado (Figura 396).

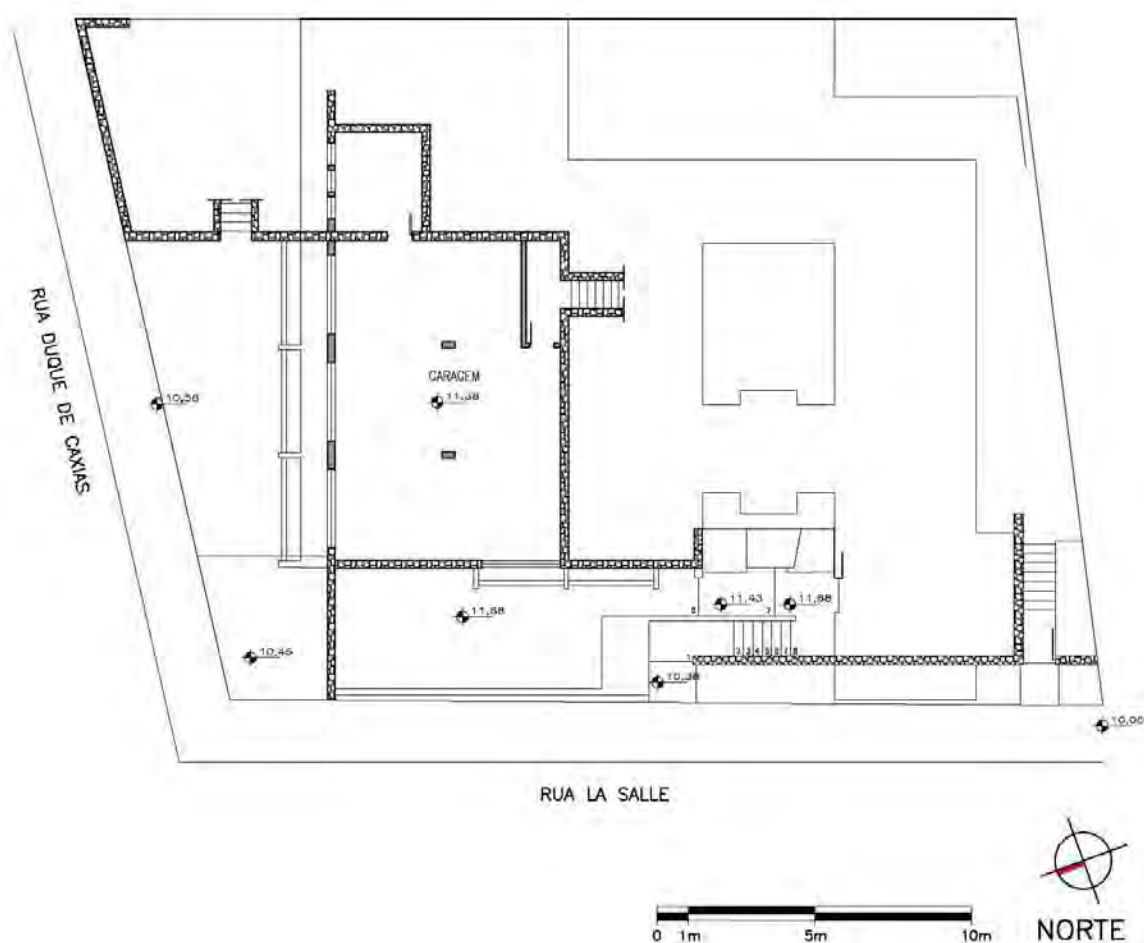


Figura 395: Residência Darwin Longoni. Planta do subsolo.

Fonte: Desenho da Autora.

Internamente, os espaços são configurados por pisos em diferentes cotas de nível e materiais. Na faixa à direita do *hall*, está o setor social com sala-de-estar e jantar (Figura 396). A sala de jantar está em cota superior em relação ao estar, possui aberturas verticais estreitas para o jardim interno e comunicação com a cozinha. A sala-de-estar tem ampla abertura para o terraço descoberto e, vista para a Rua La Salle. A transição entre estar e jantar é marcada pelo plano horizontal com cota intermediária entre os dois ambientes, pelo pequeno jardim de inverno e pela abertura na fachada sul que se alinha a eles.

O jardim interno, coberto por pérgola, alinha-se ao *hall*, completando a faixa que separa o setor social do setor íntimo. Do lado esquerdo do *hall*, dispostos em diferentes níveis, estão a circulação, o estar íntimo, o gabinete, o jantar e a circulação vertical de acesso à garagem.

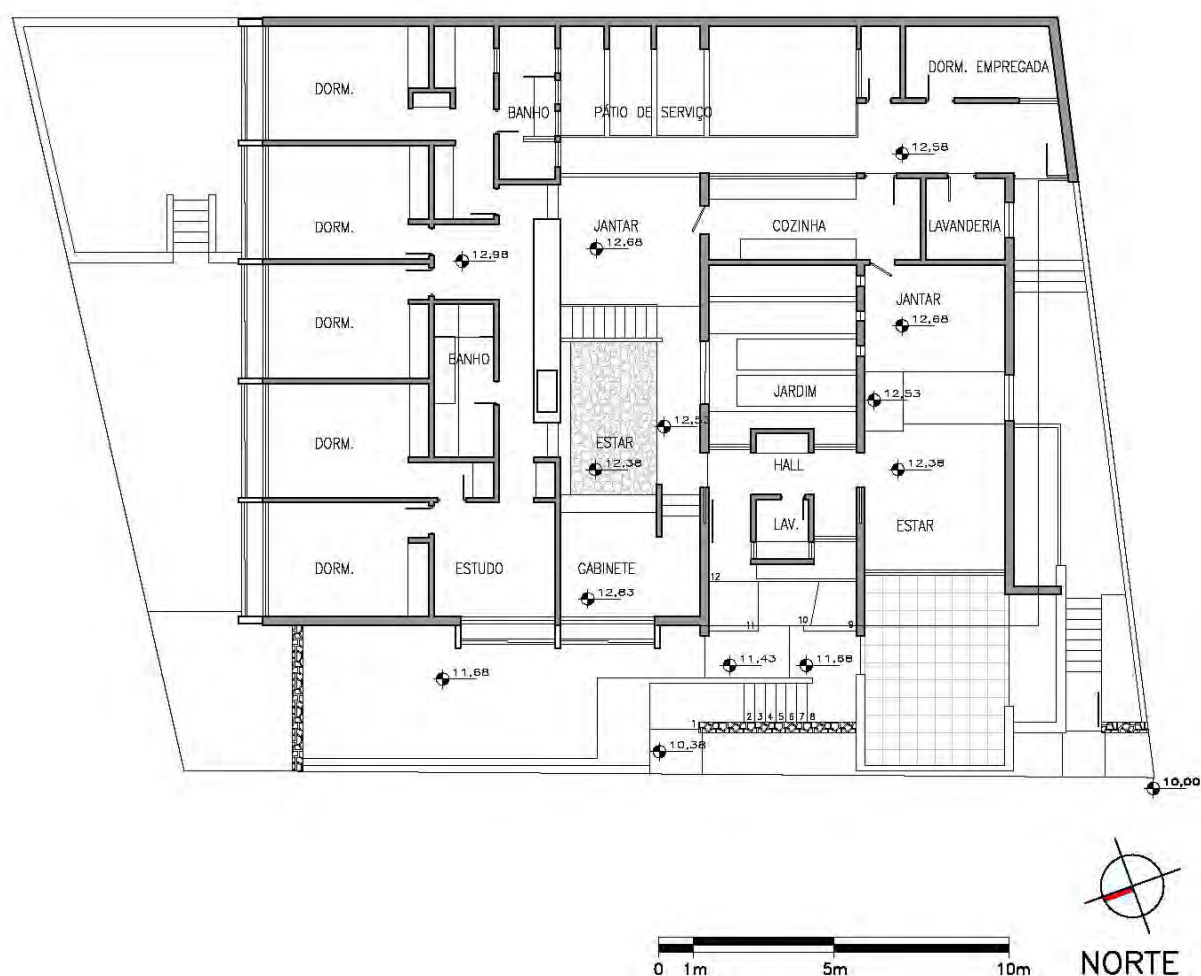


Figura 396: Residência Darwin Longoni. Planta do pavimento térreo.

Fonte: Desenho da Autora.

A área mais privativa do setor íntimo está na cota mais alta e é acessada a partir do estar e jantar íntimo. Sobre a garagem está a faixa que reúne os quatro dormitórios e a suíte, com frente para a Rua Duque de Caxias, e a faixa que reúne banheiros, circulação e a sala de estudos, com vista para a Rua La Salle.

O pátio de serviço, com lavanderia, dormitório e banheiro de empregada, é acessado pela cozinha ou pelo acesso lateral que absorve o ângulo do terreno junto à divisa sul.

As fachadas principais encontram-se afastadas dos alinhamentos norte e oeste do terreno e assim resolvem o ângulo existente. Na fachada norte, com frente para a Rua Duque de Caxias (Figura 397), a base é com alvenaria de pedra, e os portões da garagem são painéis em madeira. Um muro de pedra avança da fachada em direção a alinhamento do terreno, configurando um jardim elevado, com acesso por uma escada a partir da entrada da garagem. Acima da garagem, estão os cinco vãos dos dormitórios, limitados pelas vigas que avançam além da parede. Os painéis venezianados móveis e em madeira são presos a essas vigas e fazem o fechamento desses ambientes.

Na fachada oeste (Figura 398), o jogo de planos verticais, através de muros e de planos horizontais e de escadas e patamares, define o percurso de acesso e os jardins. A varanda, em frente ao estar, avança sobre o muro de pedra e estende-se em balanço até o alinhamento do terreno. A este mesmo muro de pedra estão alinhados o portão do acesso social e o portão do acesso de serviço, junto à divisa sul. Atrás do muro de pedra esta a escada. Do lado esquerdo ao acesso, um muro baixo, com revestimento cerâmico e colocado no alinhamento fecha o jardim. Sob a platibanda, está o fechamento do estar por esquadria venezianada em madeira, o acesso com esquadrias laterais à parede do lavabo e as janelas do gabinete e da sala de estudos com painéis venezianados móveis e em madeira, presos às vigas que se projetam além do plano da fachada, formando um interessante sistema de sombreamento, como também acontece nos dormitórios.

Plantas e fachadas mostram a preferência do arquiteto pela composição em faixas organizativas, obtendo controle e rigor sobre o projeto. O mesmo zelo e preocupação ocorre com o encontro entre diferentes planos e materiais. O resultado é de grande riqueza plástica e compositiva, que ao mesmo tempo expressa simplicidade e complexidade.

Essa residência foi reformada pelo proprietário com várias alterações, a fim de transformá-la em galeria de arte (Figuras 399 e 400). Hoje está desocupada.

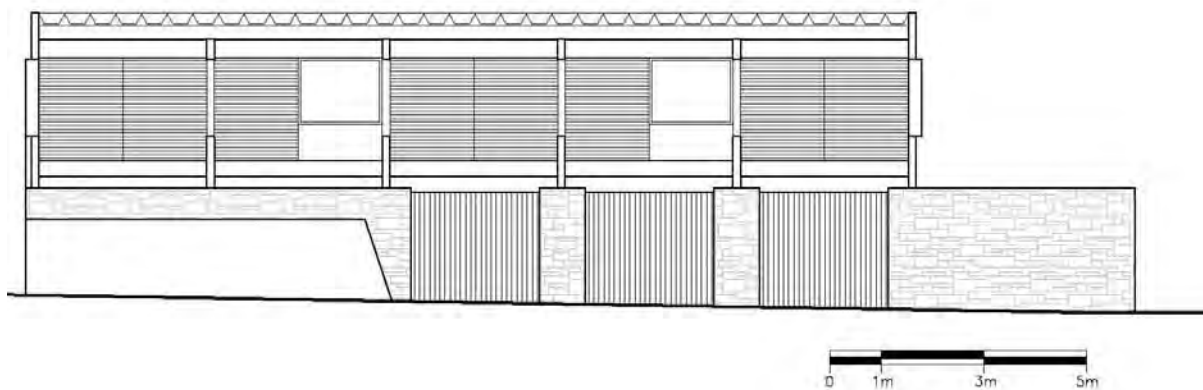


Figura 397: Residência Darwin Longoni. Fachada Rua Duque de Caxias.
Fonte: Desenho da Autora.

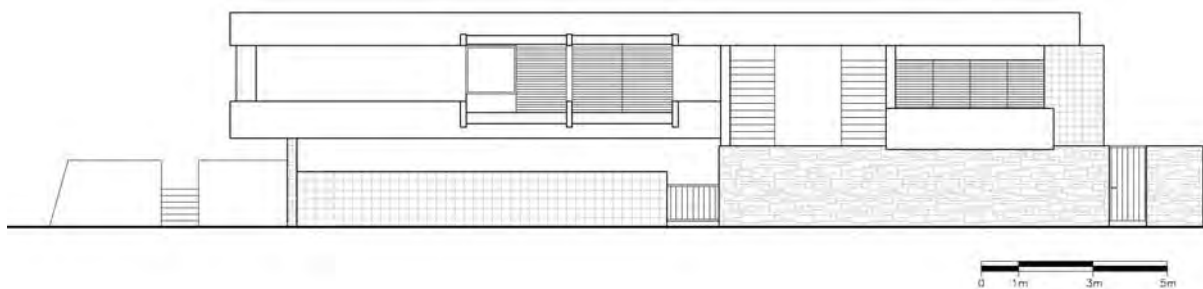


Figura 398: Residência Darwin Longoni. Fachada Rua La Salle.
Fonte: Desenho da Autora.



Figura 399: Residência Darwin Longoni. Fachada Rua La Salle após a reforma para abrigar a galeria de arte.

Fonte: Acervo Sr. Darwin Longoni.

Figura 400: Residência Darwin Longoni. Setor íntimo visto a partir do jantar. O revestimento cerâmico é o mesmo que havia no muro externo, na fachada da Rua La Salle.

Fonte: Acervo Sr. Darwin Longoni.

4.2 PROGRAMAS ESPECIAIS

4.2.1 Capela Passo Real

Na década de 70¹¹⁴, Luís Fernando Corona projetou em parceria com o arquiteto Emil Bered uma capela para Passo Real, Nova Jacuí, a qual não foi construída. A única prancha do anteprojeto apresenta uma planta baixa, uma perspectiva e duas fachadas (oeste e sul).

Na proposta, a Capela está implantada em uma praça, com frente sul para uma rua e um pouco afastada da esquina (Figura 401). Na fachada norte, o terreno da praça é mais elevado, assim o volume da Capela encaixa no desnível e desenvolve-se na cota mais baixa, como mostra a fachada oeste.

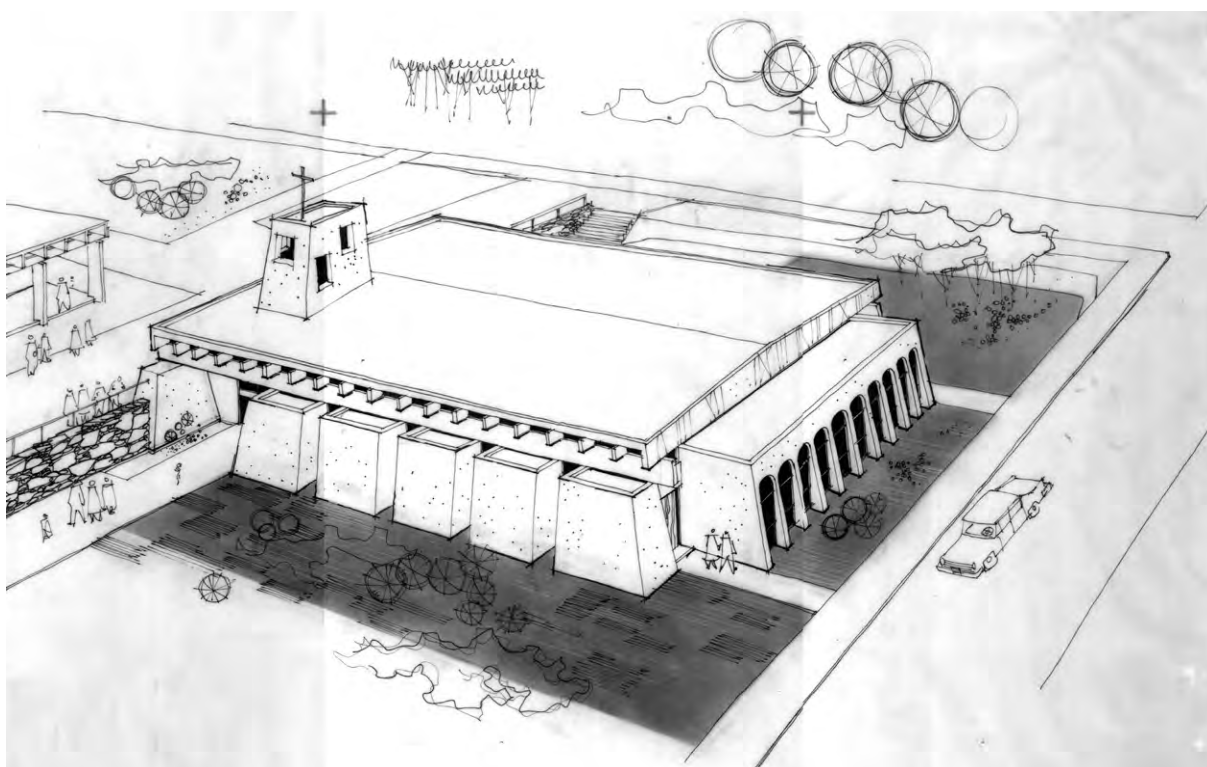


Figura 401: Perspectiva da Capela de Passo Real.
Fonte: Prancha do Anteprojeto. Acervo Arq. Emil Bered.

¹¹⁴ Data segundo depoimento do arquiteto Emil Bered à Autora.

Em planta (Figura 402), a Capela pode ser dividida em três partes, sendo que a principal delas é a nave com formato quadrado, onde estão o altar e os bancos para os fiéis. Justaposto ao quadrado, junto à fachada norte, está o retângulo que contém os acessos laterais, o átrio, a torre do sino e o batistério. No extremo oposto, o retângulo que intercepta o quadrado da nave reúne a sacristia, uma sala de reuniões, sanitário, espera e secretaria.

Volumetricamente, os três retângulos que compõem a planta não são percebidos (Figura 401). A Capela é vista como um grande retângulo coberto por uma única laje nervurada, apoiada sobre vigas transversais que, por fim, estão sobre as paredes de fechamento lateral da nave. Isto cria um intervalo usado para localizar aberturas que lhe conferem iluminação indireta pelo forro do edifício. Esse é um recurso usualmente empregado por Luís Fernando Corona.

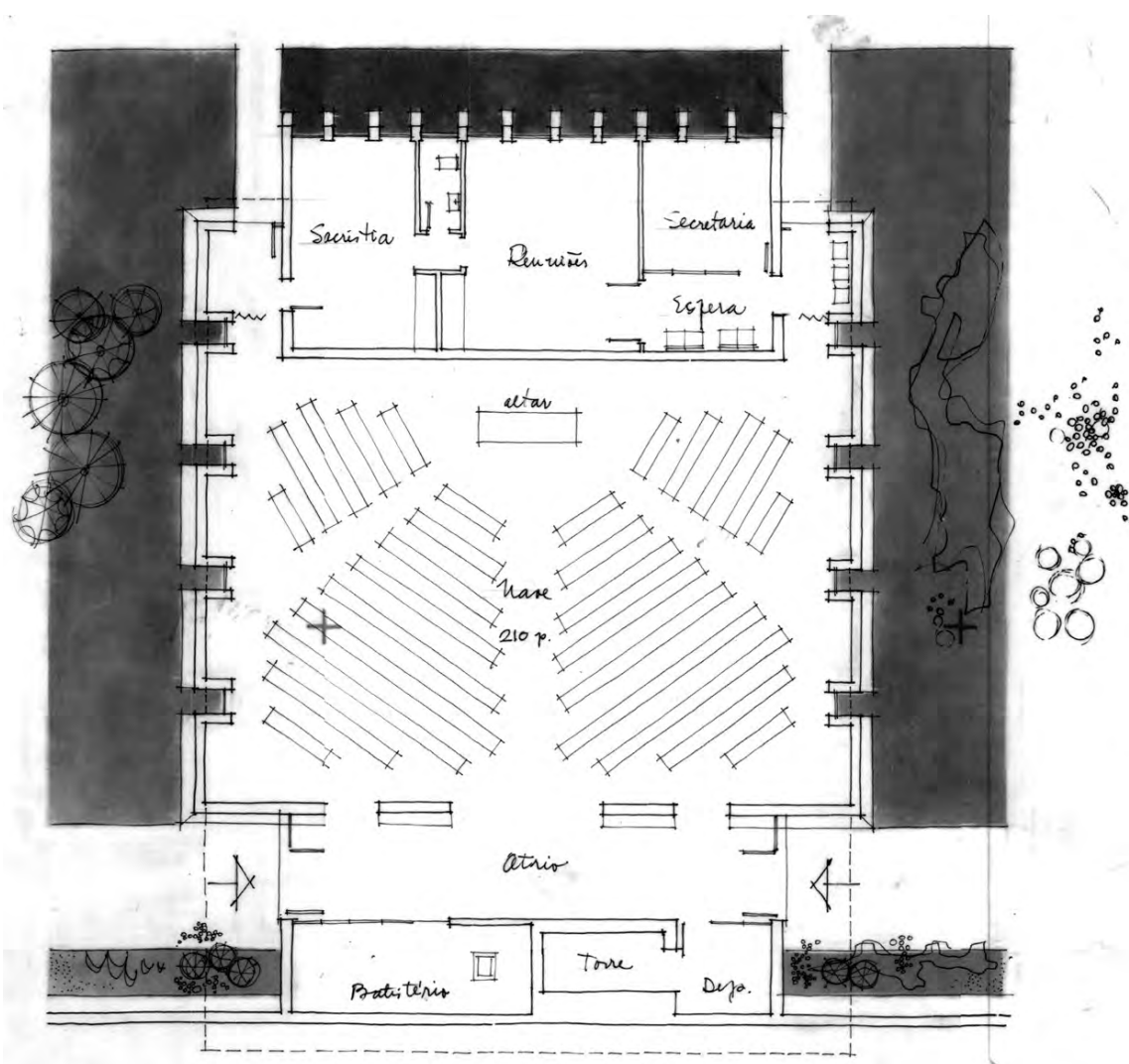


Figura 402: Capela de Passo Real. Planta baixa.
 Fonte: Prancha do Anteprojeto. Acervo Arq. Emil Bered.

O retângulo menor e mais baixo, com fachada voltada para sul, possui uma seqüência de onze arcadas pelas quais são iluminadas as salas de apoio à Capela (Figura 404). Nesta mesma fachada, ladeando este volume menor, há dois acessos que levam ao interior da nave: um passando pela sacristia e outro pela secretaria.

O fechamento da nave, para leste e oeste (Figura 403), é feito por uma seqüência de cinco contrafortes. Os vãos deixados entre eles têm uma certa profundidade e iluminam suavemente o interior da nave. Nestas fachadas, estão localizados os acessos à Capela, caracterizados pelo recuo em relação ao volume da nave.

Nesse projeto, os arquitetos fazem uso do concreto aparente, da estrutura aparente e de sólidos que tornam a composição do edifício mais maciça. A arcada da fachada sul parece tentar integrar os temas de Niemeyer (Palácio Itamaraty, 1962, e Sede da Editora Mondadori, Milão, 1968) com o brutalismo e a exposição da estrutura (Figuras 405 e 406). Contudo, mantém traços peculiares às investigações de Luís Fernando Corona, pelo uso da geometria e pelo jogo compositivo com planos e volumes.

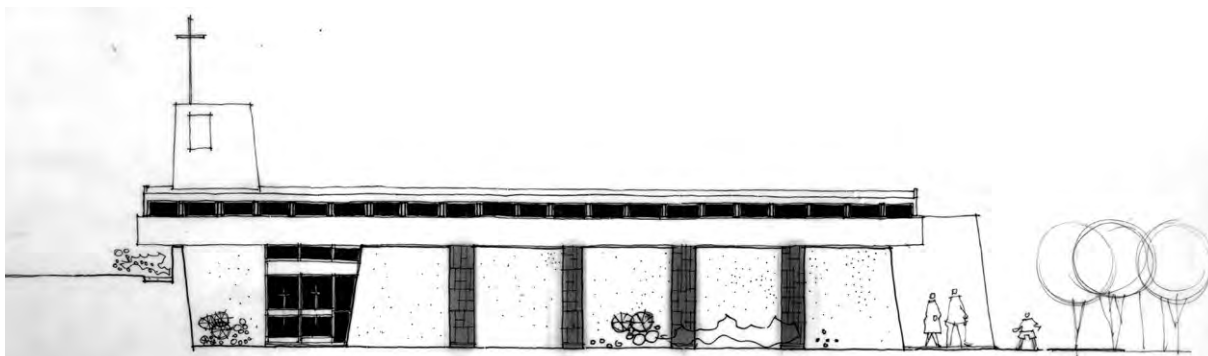


Figura 403: Capela de Passo Real. Fachada Oeste.
Fonte: Prancha do Anteprojeto. Acervo Arq. Emil Bered.

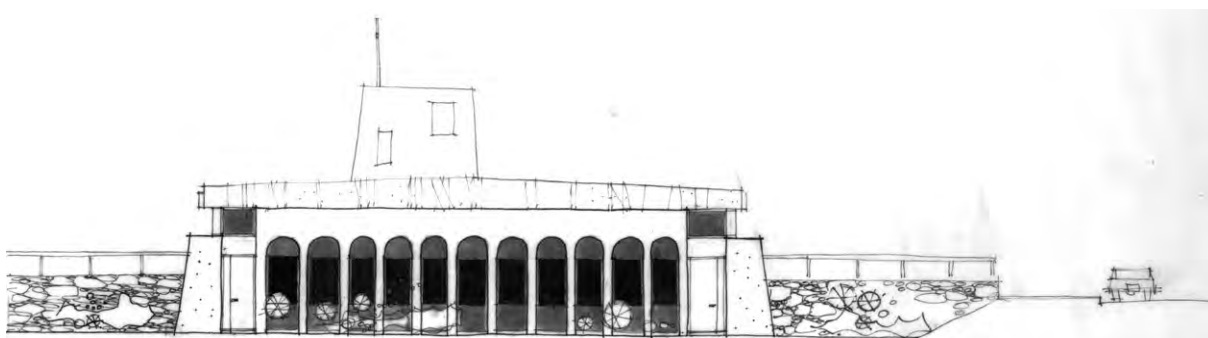


Figura 404: Capela de Passo Real. Fachada Sul.
Fonte: Prancha do Anteprojeto. Acervo Arq. Emil Bered.



405



406

Figura 405: Palácio Itamaraty, 1962.

Fonte: Foto Francisco Aragão (Flickr)

Figura 406: Sede da Editora Mondadori, 1968.

Fonte: Disponível em: http://vistadoobservador.blogspot.com/2008_02_01_archive.html

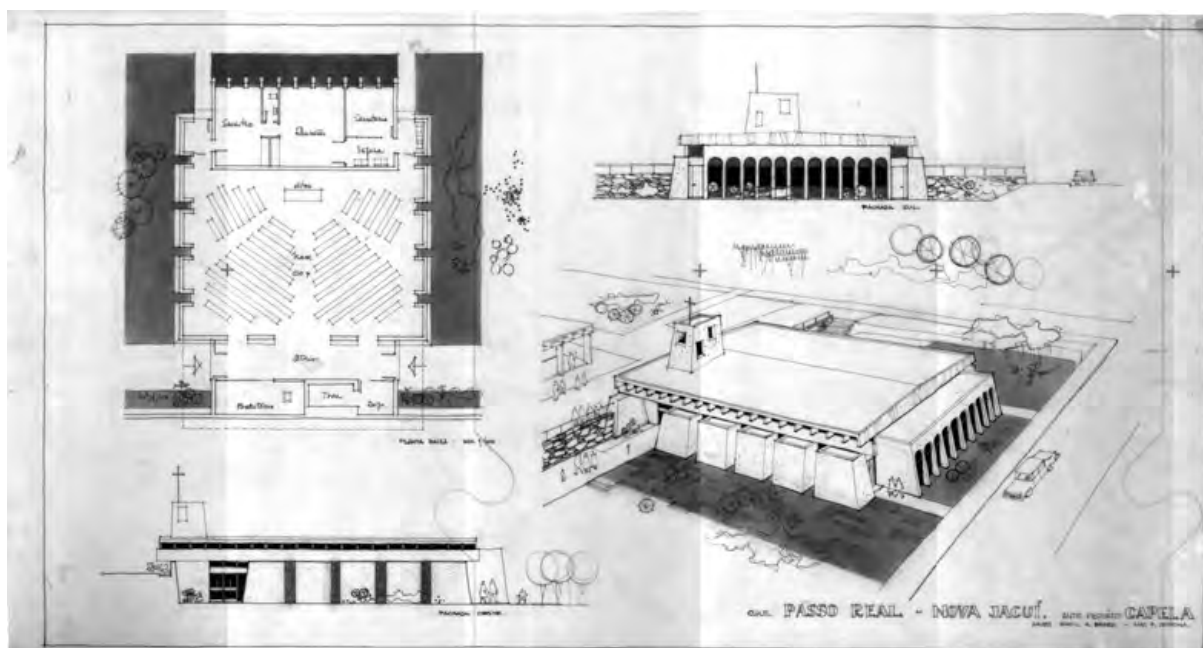


Figura 407: Capela de Passo Real. Prancha do Anteprojeto.

Fonte: Acervo pessoal Arq. Emil Bered.

5.2.2 Sede Campestre do Clube do Professor Paranaense

Na década de 70¹¹⁵, Luís Fernando Corona e Emil Bered realizaram o projeto para a Sede Campestre do Clube do Professor Paranaense. O empreendimento era da empresa Raffo Ltda., a mesma responsável pela realização do Clube do Professor Gaúcho, projetado por Moacyr Moojen Marques e João José Vallandro, em 1966. No imenso terreno arborizado, localizado na entrada da cidade de São José dos Pinhás, no Paraná, deveria ser construída uma completa estrutura de lazer com quadras esportivas, churrascaria, piscinas, creche e o edifício-sede com bar, restaurante, salão de festas, sala de jogos, estar, entre outros ambientes.

O projeto prevê a implantação dos edifícios e equipamentos na parte menos arborizada do terreno (Figura 408 e 411). Um imponente pórtico, implantado mais a esquerda da face voltada para a via de acesso, marca a entrada da sede. A laje de cobertura do pórtico, com vigas de borda em concreto aparente, está apoiada sobre as paredes de pedra e sobre pilares também de concreto (Figura 409 e 410). Do lado direito do pórtico, está o estacionamento para veículos que se estende ao longo de toda a face voltada para a rua.



Figura 408: Vista aérea do conjunto.

Fonte: Acervo Arq. Emil Bered.

¹¹⁵ BERED, Emil A. Porto Alegre, Brasil, 25 mar. 2008. Entrevista concedida à Autora.



Figuras 409 e 410: Pórtico de acesso.

Fonte: Acervo Arq. Emil Bered.

O edifício-sede do clube é um grande retângulo colocado em seguida do pórtico (Figura 411). A fachada principal sugere um volume de apenas um pavimento, bastante horizontal, onde os fechamentos são feitos por planos de vidro e planos de alvenaria que, por vezes, não chegam a encostar na laje de cobertura (Figura 415). A fachada posterior revela um edifício com dois pavimentos de altura; mas, ainda, predominantemente horizontal (Figura 416).

O programa de necessidades está distribuído em diversos níveis e dividido em espaços sociais, que ficam voltados para as piscinas, e espaços de serviço e apoio, localizados junto à fachada principal. A circulação interna mostra a riqueza espacial do jogo de planos e desníveis que cria um percurso através de percepções espaciais distintas, porém integradas. Os desníveis conferem diversidade de espaços, todavia o plano único de cobertura assegura unidade espacial (Figuras 426-428).

No pavimento de acesso, à esquerda do *hall* de entrada, formando uma linha de serviços, estão a chapelaria, os sanitários e a administração (Figura 412). Logo à frente está o bar com vista para a sala-de-estar, colocada alguns degraus acima. Lado a lado, sala-de-estar e sala de leitura e xadrez têm, diante de si, um terraço com vista para as piscinas. A sala de sinuca, entre a administração, a sala de leitura e o bar, completa as atividades desse setor.

Para a direita do *hall* de entrada está o grande salão de festas com um pé direito e meio de altura. Trata-se de um espaço com duas faces amplamente envidraçadas, com palco, camarins, pista de dança, área para mesas e um terraço com vista para as piscinas. Meio nível abaixo da cota do salão de festas e sob as salas de estar e leitura, está o restaurante com área externa próxima às piscinas.

A entrada na fachada principal forma um eixo que não só divide e organiza o programa do edifício-sede; mas, também, configura um acesso direto às piscinas. Este setor de recreação, localizado logo após o edifício-sede, possui três piscinas: uma para crianças, uma juvenil e uma para adulto. Ao fundo, fechando a perspectiva a partir das piscinas, há uma ampla área sombreada para descanso e um bar (Figura 413). No pavimento inferior, com acesso pela escada diante do bar, estão os vestiários e a sala de exames médicos (Figura 414). Ao lado das piscinas estão as quadras esportivas, três de tênis e três de basquete, obedecendo à orientação norte-sul (Figura 411).

Outros edifícios menores compõem o conjunto edificado. São eles o pequeno edifício da creche e a casa do zelador, ambos localizados do lado esquerdo do edifício-sede. A creche é um volume retangular cujas faces menores são cegas. A planta é composta por estar para recreação e dormitório, com aberturas nas duas faces, separados pelo sanitário e trocador. A casa do zelador também é um pequeno retângulo com as faces menores cegas (Figuras 420 e 421). A circulação organiza a casa em duas faixas: para um lado, fica o estar e os dois dormitórios e, para o outro, o jantar, a cozinha e o banho. A volumetria simples é formada por paredes tratadas com planos que dividem os espaços internos e prolongam-se além da parede de fechamento dos dormitórios. A viga, apoiada sobre as paredes, limita a altura do vão da esquadria e recebe a telha de cobertura.

Por fim, em um volume um pouco maior, mas também retangular, localizado no meio das árvores, está a churrascaria (Figuras 422-425). A planta, organizada em faixas, tem entrada, sanitários, churrasqueira e cozinha, compondo a faixa de serviços e o salão formando a outra faixa. A cobertura apóia as seis vigas transversais sobre o muro atrás da faixa de serviços e, sobre os seis pilares em pedra. Cria, ainda, uma varanda coberta em “L”, que contorna duas faces do salão. A churrascaria e o pórtico foram os únicos edifícios construídos desse projeto.

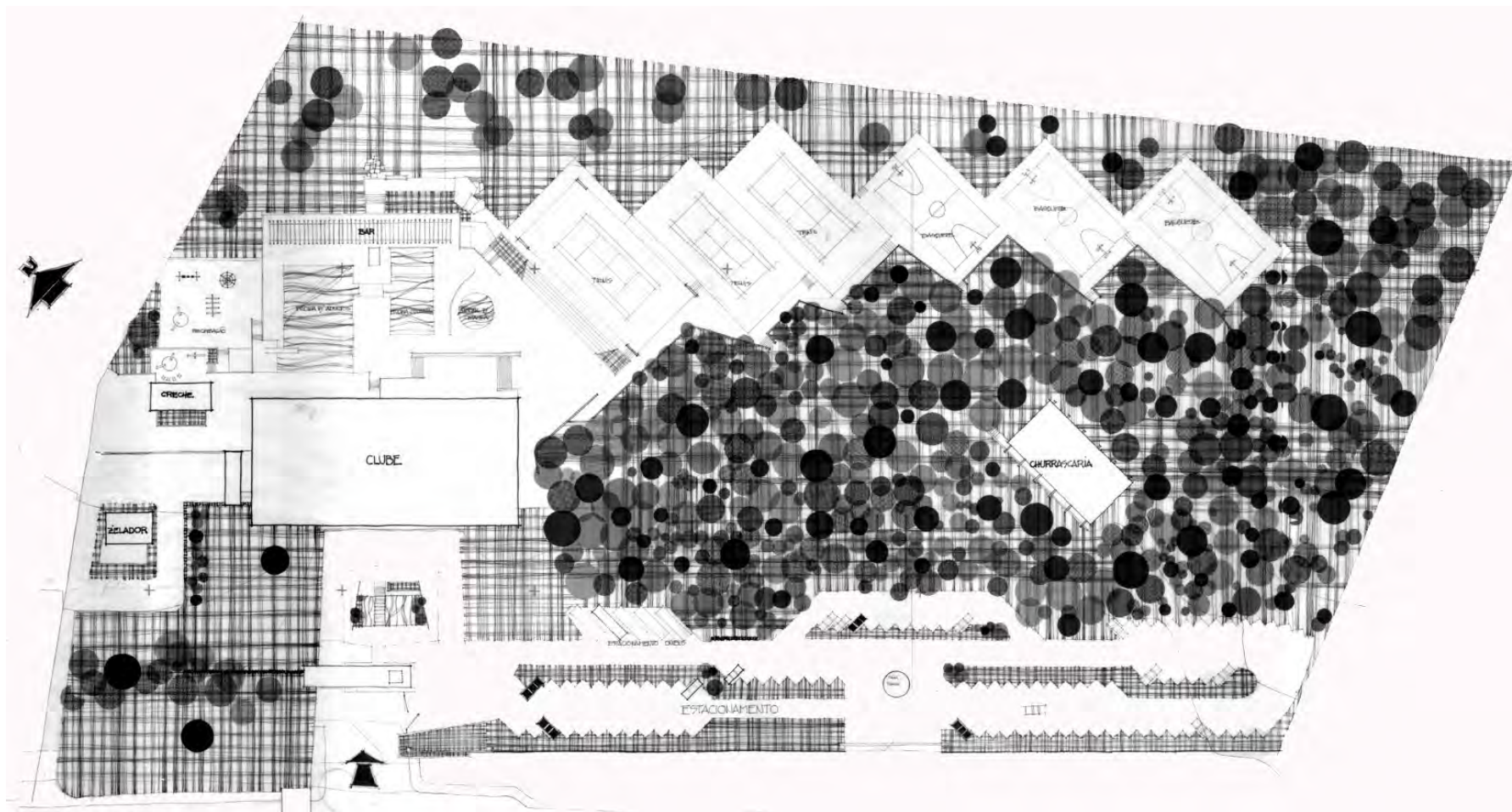


Figura 411: Sede Campeste do Clube do Professor Paranaense. Implantação.
Fonte: Prancha do projeto. Acervo Arq. Emil Bered.

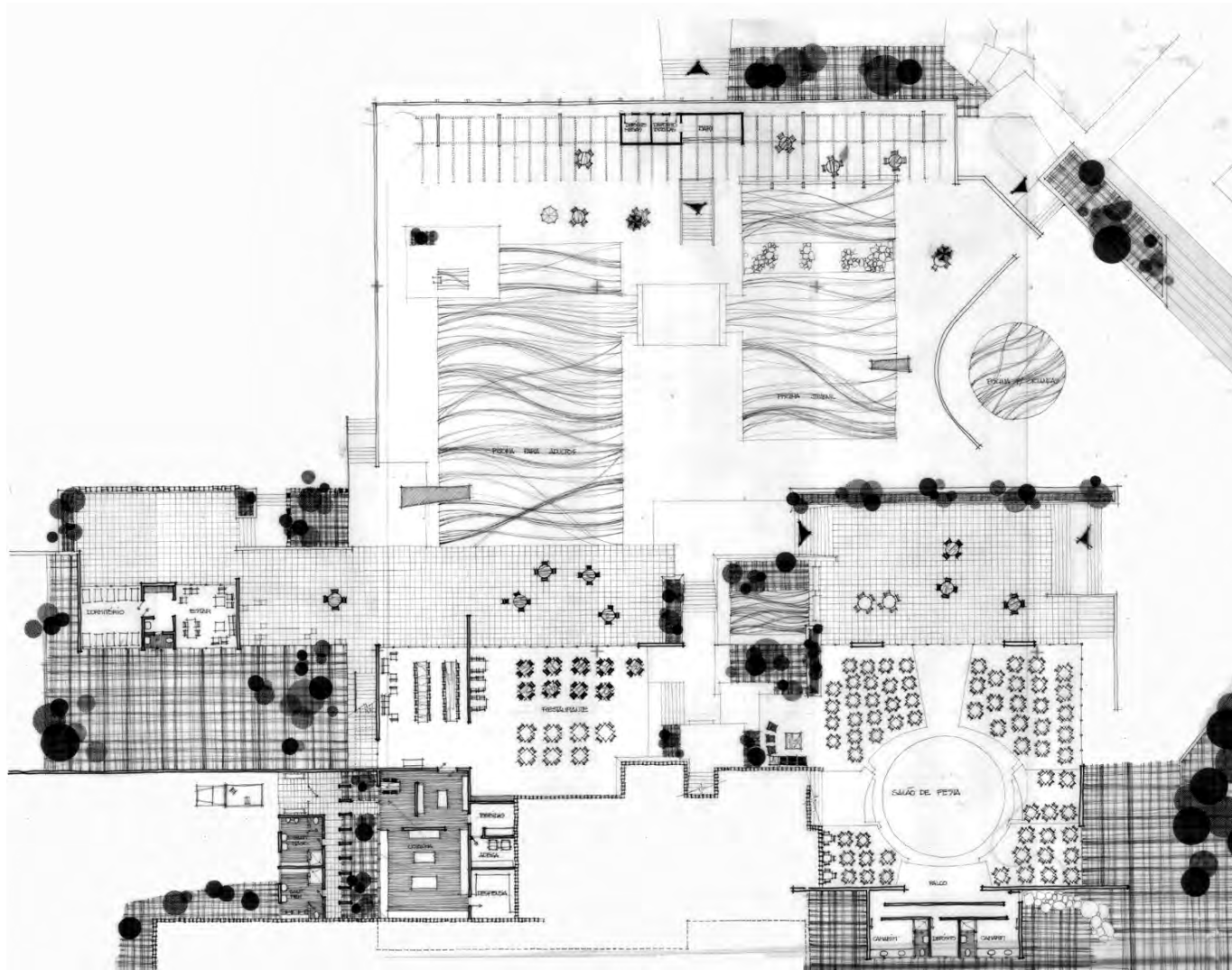


Figura 413: Sede Campeste do Clube do Professor Paranaense. Planta do pavimento inferior.

Fonte: Prancha do projeto. Acervo Arq. Emil Bered.

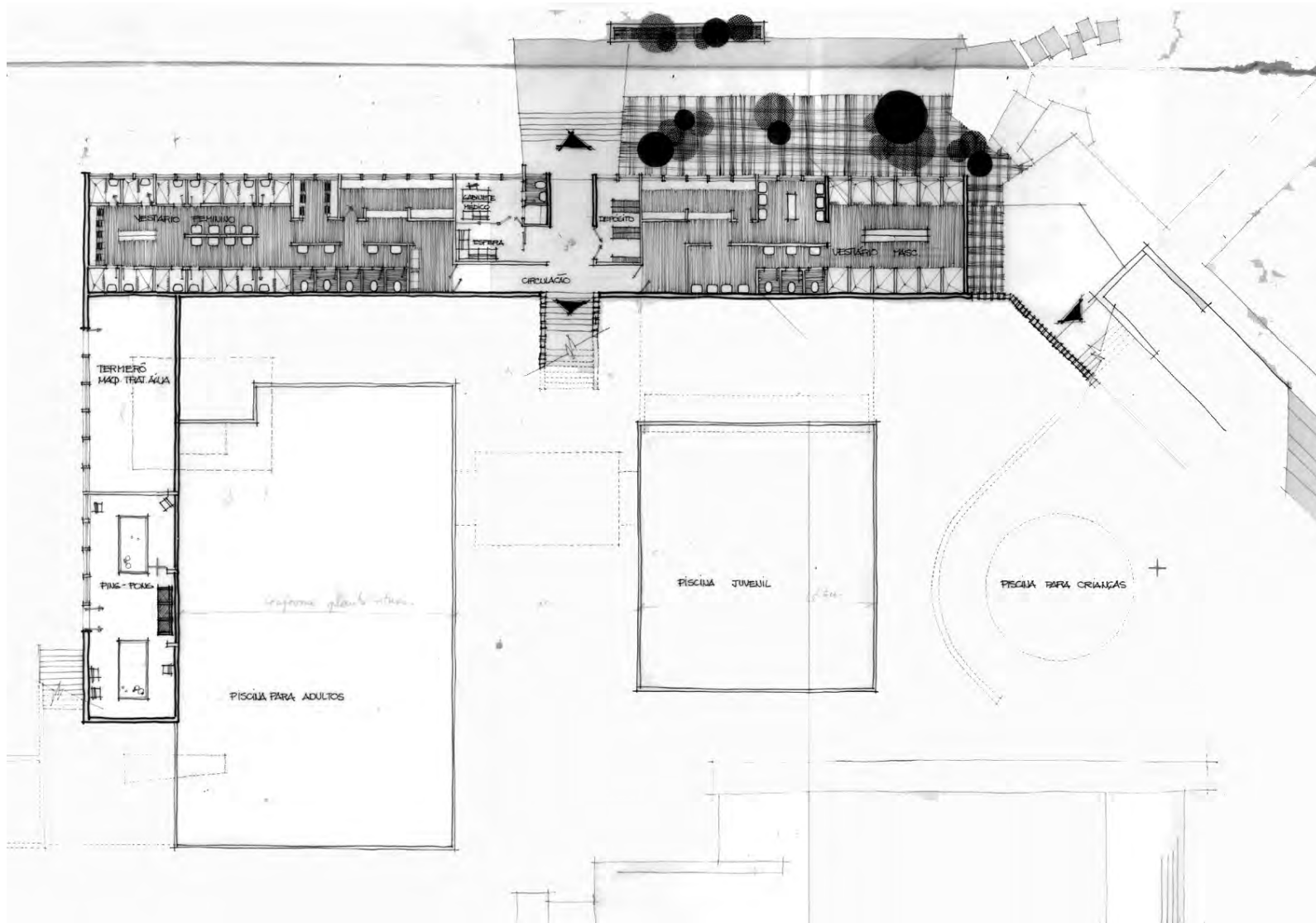
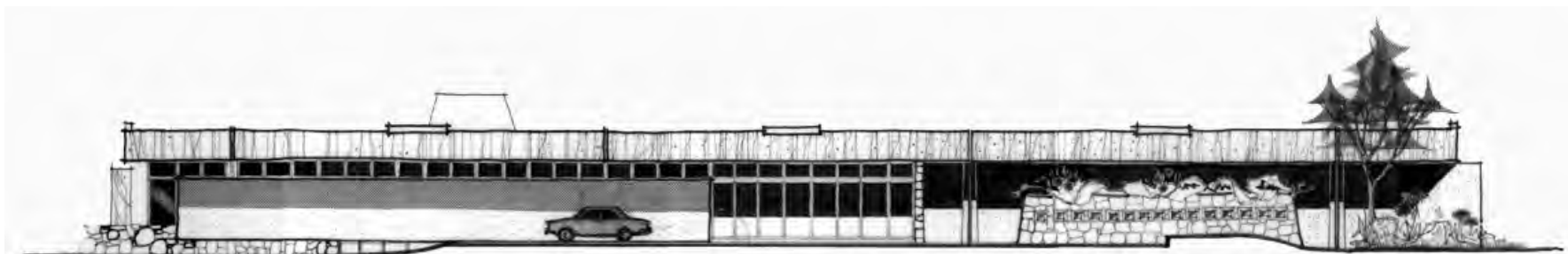
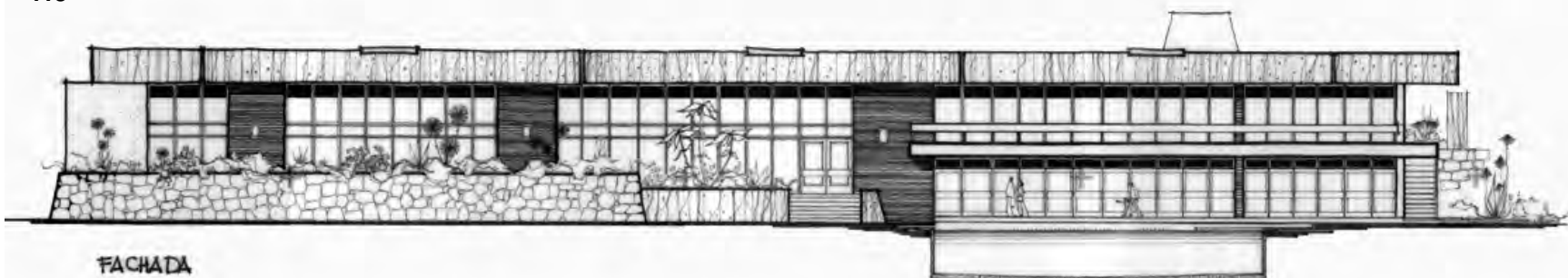


Figura 414: Sede Campeste do Clube do Professor Paranaense. Planta do pavimento inferior ao nível das piscinas.
Fonte: Prancha do projeto. Acervo Arq. Emil Bered.



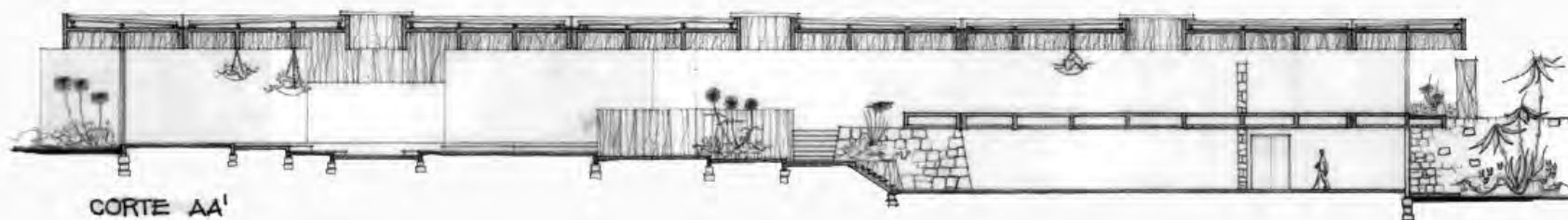
FACHADA PRINCIPAL

415



FACHADA

416



CORTE AA'

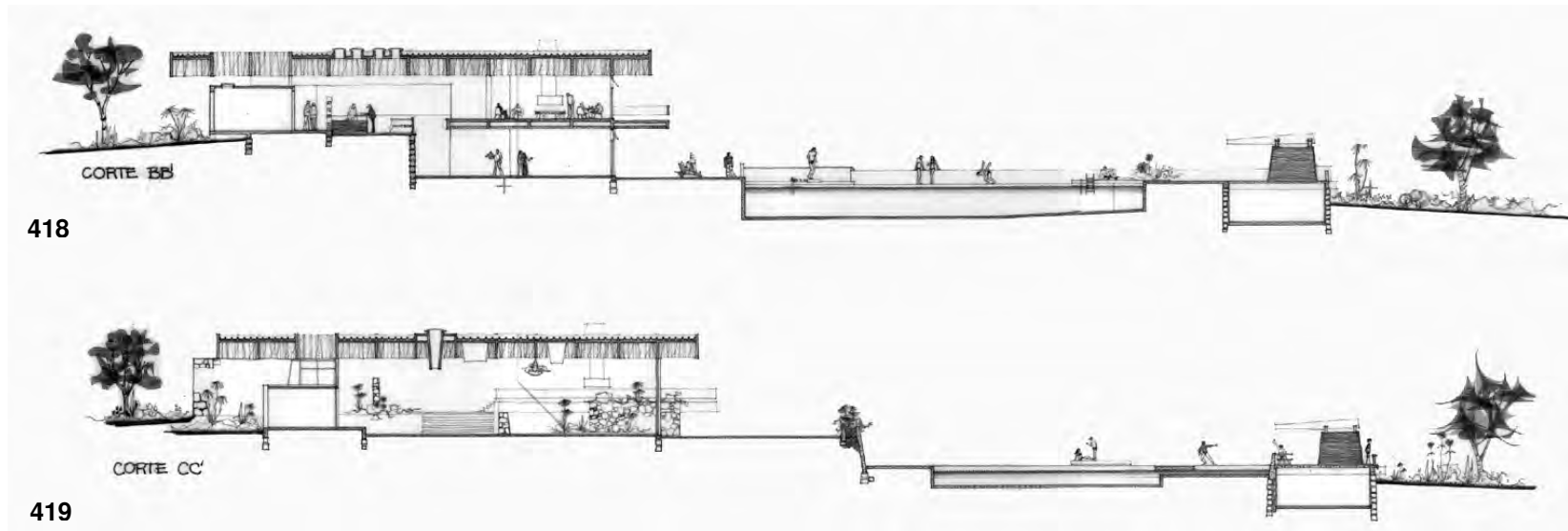
417

Figura 415: Sede Campestre do Clube do Professor Paranaense. Fachada Principal.

Figura 416: Fachada posterior.

Figura 417: Corte Longitudinal passando pelo salão de festas e pelo restaurante.

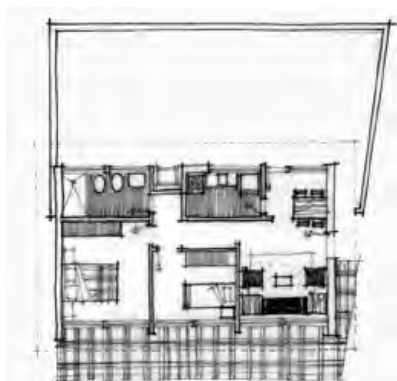
Fonte: Prancha do projeto. Acervo Arq. Emil Bered.



418

419

Figura 418: Corte Transversal passando pelo restaurante.
Figura 419: Corte Transversal passando pelo salão de festas.
 Fonte: Prancha do projeto. Acervo Arq. Emil Bered.



420



421

Figura 420: Sede Campestre do Clube do Professor Paranaense. Planta baixa da Residência do Zelador.
Figura 421: Sede Campestre do Clube do Professor Paranaense. Perspectiva da Residência do Zelador.
 Fonte: Prancha do projeto. Acervo Arq. Emil Bered.

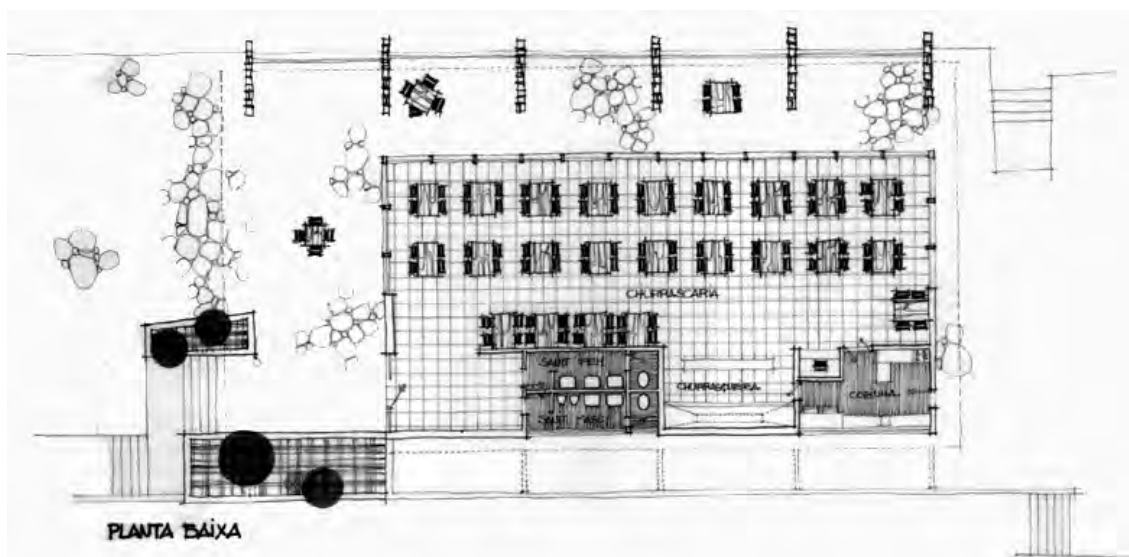


Figura 422: Sede Campestre do Clube do Professor Paranaense. Planta baixa da Churrascaria.
 Fonte: Prancha do projeto. Acervo Arq. Emil Bered.

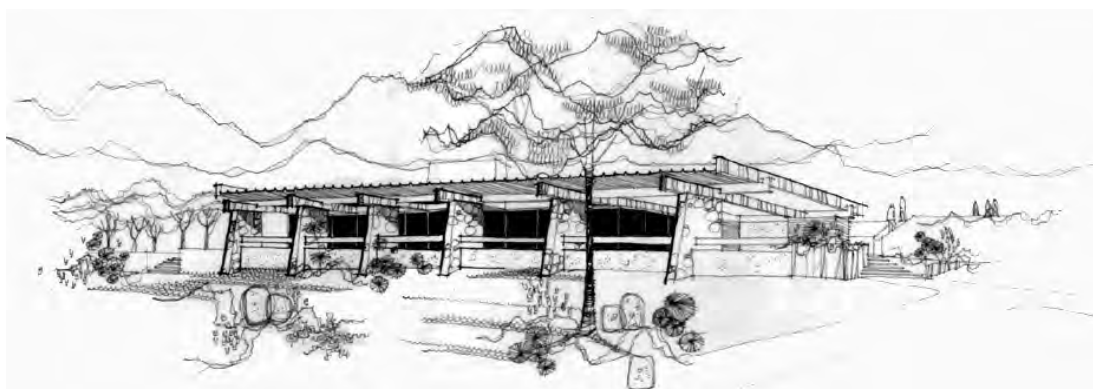


Figura 423: Sede Campestre do Clube do Professor Paranaense. Perspectiva da Churrascaria.
 Fonte: Prancha do projeto. Acervo Arq. Emil Bered.



Figuras 424 e 425: Sede Campestre do Clube do Professor Paranaense. Churrascaria.
 Fonte: Acervo Arq. Emil Bered.

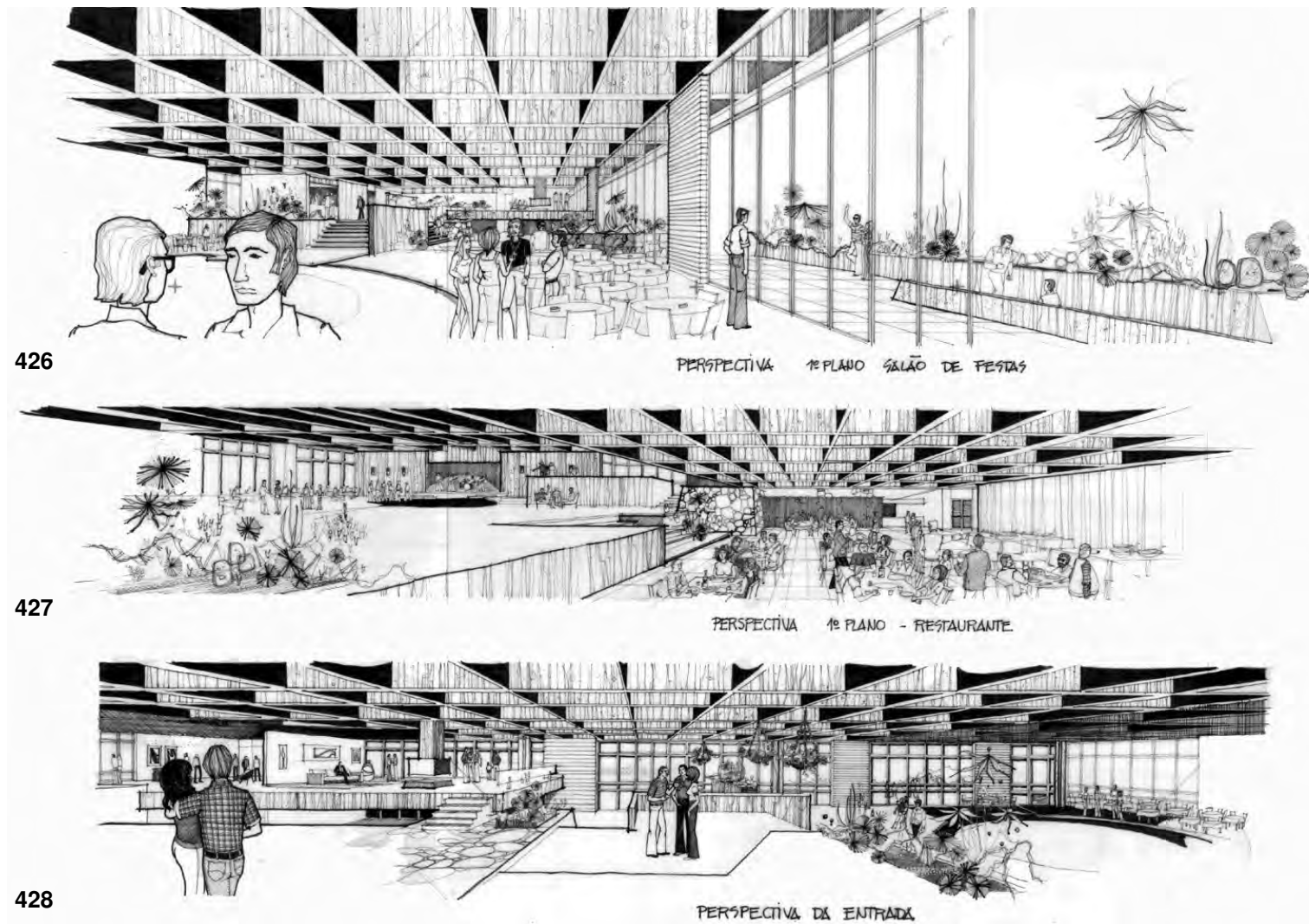


Figura 426: Sede Campeste do Clube do Professor Paranaense. Perspectiva do Salão de Festas.

Figura 427: Sede Campeste do Clube do Professor Paranaense. Perspectiva do Restaurante.

Figura 428: Sede Campeste do Clube do Professor Paranaense. Perspectiva da Entrada.

Fonte: Prancha do projeto. Acervo Arq. Emil Bered.

5.2.3 Sede Campestre do Guaíba Country Club

Projetada pelos arquitetos Luís Fernando Corona e Battistino Anele, entre 1974 e 1975, a convite do então presidente do clube, Dr. Cidade, a sede campestre do Guaíba Country Club localiza-se em uma grande área que hoje pertence ao município de Eldorado do Sul, a poucos quilômetros de Porto Alegre. A idéia do clube era oferecer para seus sócios, a maior parte porto-alegrenses, uma opção de lazer para os finais de semana. Assim, o associado construiria sua casa no loteamento do clube e usufruiria da completa infra-estrutura que reúne áreas de convívio social e recreação, com diversos ambientes de estar, restaurante, bar, salão de festas, sala de jogos, creche, piscinas e um lago artificial para a prática de esportes náuticos, entre outros atrativos.

O material encontrado resume-se na prancha do anteprojeto, que contém o desenho da planta do pavimento principal do edifício-sede, e uma prancha com cortes e fachadas de uma versão posterior ao anteprojeto, mas anterior ao projeto do edifício construído. A análise deste projeto foi feita com base nos desenhos encontrados e no estado atual do clube.

O clube foi organizado em duas grandes áreas separadas por uma via interna de acesso: à direita estão os lotes destinados à construção das casas dos sócios e, à esquerda, estão as áreas de lazer do clube, implantadas junto às margens do lago artificial. A área que reúne as atividades de lazer é identificada por um pórtico retangular, maciço, com paredes em alvenaria de tijolos aparentes, pintadas de branco, sobre as quais se apóiam as vigas e sobre estas os calhetões (Figura 429). O pórtico abriga uma pequena recepção, uma secretaria e indica a entrada para os veículos que desejam deixar alguém em frente ao edifício-sede.

Esse edifício é um monobloco disposto em aclave, o que resulta em um pavimento na chegada, desde o pórtico, e dois pavimentos na face voltada para o lago. A fachada principal é bastante horizontal, com planos definidos pelo uso de diferentes materiais e texturas. As placas horizontais estão em diferentes planos, criando um jogo dinâmico de superfícies (Figuras 430 e 431). O entablamento é marcado pelos vigamentos em projeção que fazem a cobertura 'flutuar', criando zonas de iluminação e ventilação.



Figura 429: Guaíba Country Club. Pórtico de entrada da sede social do Clube.

Figuras 430 e 431: Guaíba Country Club. Fachada do edifício-sede.

Figuras 432 e 433: Guaíba Country Club. Acesso coberto ao edifício-sede que antecede o vestibulo.

Fonte: Fotos da Autora.

O partido adotado sugere uma organização de planta em três faixas paralelas e desencontradas, cujo desenvolvimento deixa-as menos óbvias de perceber. O ingresso ao edifício ocorre num ponto demarcado pela placa de pedra, que se posiciona adiante do longo plano de alvenaria cujo interessante efeito de textura, profundidade e sombra é causado pela maneira como os tijolos foram colocados (Figuras 432 e 433). Adentrando-se à primeira faixa, o eixo de acesso conduz até um muro de pedra que obstaculiza o prosseguimento (Figura 444). Neste ponto, o visitante volta sua atenção para a direita, que aponta para a entrada ao longo da

primeira faixa, onde estão alguns ambientes de estar, sala de jogos, salas de reunião, sanitário, creche e cozinha. Contudo, ao prosseguir, percebe que o eixo longitudinal de acesso reaparece, conduzindo até o salão com lareira. Ao tomar este rumo, ele perceberá novas possibilidades nas laterais: saída para a piscina à esquerda e saída para o bar à direita. Caso prossiga em frente, ele terá que contornar a lareira para vislumbrar o estar principal, que está ligado à varanda. A última alternativa então será virar à direita para entrar no restaurante.

O vestíbulo retangular de acesso é configurado lateralmente por salas administrativas e pelos jardins (Figuras 434-437). O muro de pedra que o limita estende-se além da linha da platibanda, assinalando o fim da primeira faixa. No anteprojeto, a parede que separava o jardim interno e o espaço que antecedia o vestíbulo era cega (Figura 444). No projeto executado, esta parede foi recuada, diminuindo a área do jardim interno, e construída com elementos vazados para melhorar a iluminação do espaço coberto pela laje que substituiu a pérgola proposta no anterior (Figuras 446 e 450).



Figuras 434 e 435: Guaíba Country Club. Vestíbulo de acesso.

Figura 436: Guaíba Country Club. Jardim interno pergolado.

Figura 437: Guaíba Country Club. Jardim de inverno ao lado do vestíbulo de acesso.

Fonte: Fotos da Autora.

O vestíbulo também dá acesso a um espaço um degrau mais baixo, com ambientes de estar e a partir do qual é possível acessar outras partes do edifício como, por exemplo, dois ambientes de estar, localizados em um espaço mais reservado, separados por um desnível no piso e por um volume em alvenaria de tijolos aparentes. Um dos estares possui contato com o jardim interno, já descrito, e com um jardim interno menor que, na planta do anteprojeto (Figura 444), aparece como um espaço ligado a outro ambiente de estar. Junto a estes estares mais reservados estão a creche e o sanitário feminino.

Ainda, nessa estrutura, um corredor dá acesso a três pequenas salas de reunião, ao sanitário masculino, a cozinha, a sala de jogos e a outro espaço ainda mais reservado que, no anteprojeto, está equipado com ambientes de estar, mesa para refeições, lareira e jardim interno, mas que, atualmente, funciona como um pequeno salão de festas.

Na segunda faixa, uma parede de elementos vazados separa a passagem que dá acesso ao restante do edifício (Figuras 438 e 439) do espaço para as mesas do bar integrado com o jardim interno (Figuras 440 e 441). A cozinha está posicionada entre o salão do restaurante e a sala de jogos, atendendo também ao bar.

O próximo espaço alarga-se para receber vários ambientes de estar, organizados em torno da lareira, com vista para o lago e, também, para as piscinas. A lareira, alinhada com o vão de passagem limitado pela parede de elementos vazados, é uma barreira visual para quem entra, impedindo a visão do estar principal (Figura 439). No anteprojeto (Figura 444), uma parede de pedra separa este ambiente de estar do restaurante que ocupa a maior parte da fachada voltada para o lago. No edifício construído, esta parede não está presente, havendo completa integração visual entre estar e restaurante (Figuras 442 e 443). Outra diferença está relacionada com a varanda em “L”, que contorna o restaurante e o estar, sugerindo, nos desenhos encontrados, um espaço de transição entre interior e exterior e de contemplação do lago. Essa varanda hoje se encontra integrada aos ambientes internos, mas em cota inferior ao piso do salão de refeições. Da varanda, junto à parede de pedra, uma escada leva ao pavimento inferior onde se localiza um salão para festas e boates.

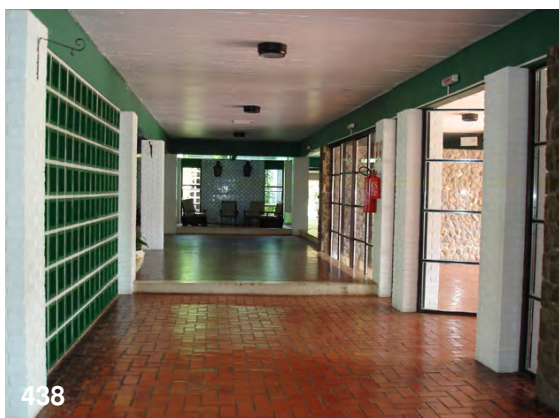


Figura 438: Guaíba Country Club. Vista da passagem que dá acesso ao restante do edifício.

Figura 439: Guaíba Country Club. Vista do volume da lareira a partir da entrada.

Figura 440: Guaíba Country Club. Vista do outro lado da parede de elementos vazados.

Figura 441: Guaíba Country Club. Vista do jardim interno no bar.

Fonte: Fotos da Autora.



Figura 442: Guaíba Country Club. Vista do salão do restaurante.

Figura 443: Guaíba Country Club. Vista do estar e da lareira a partir do salão do restaurante.

Fonte: Fotos da Autora.

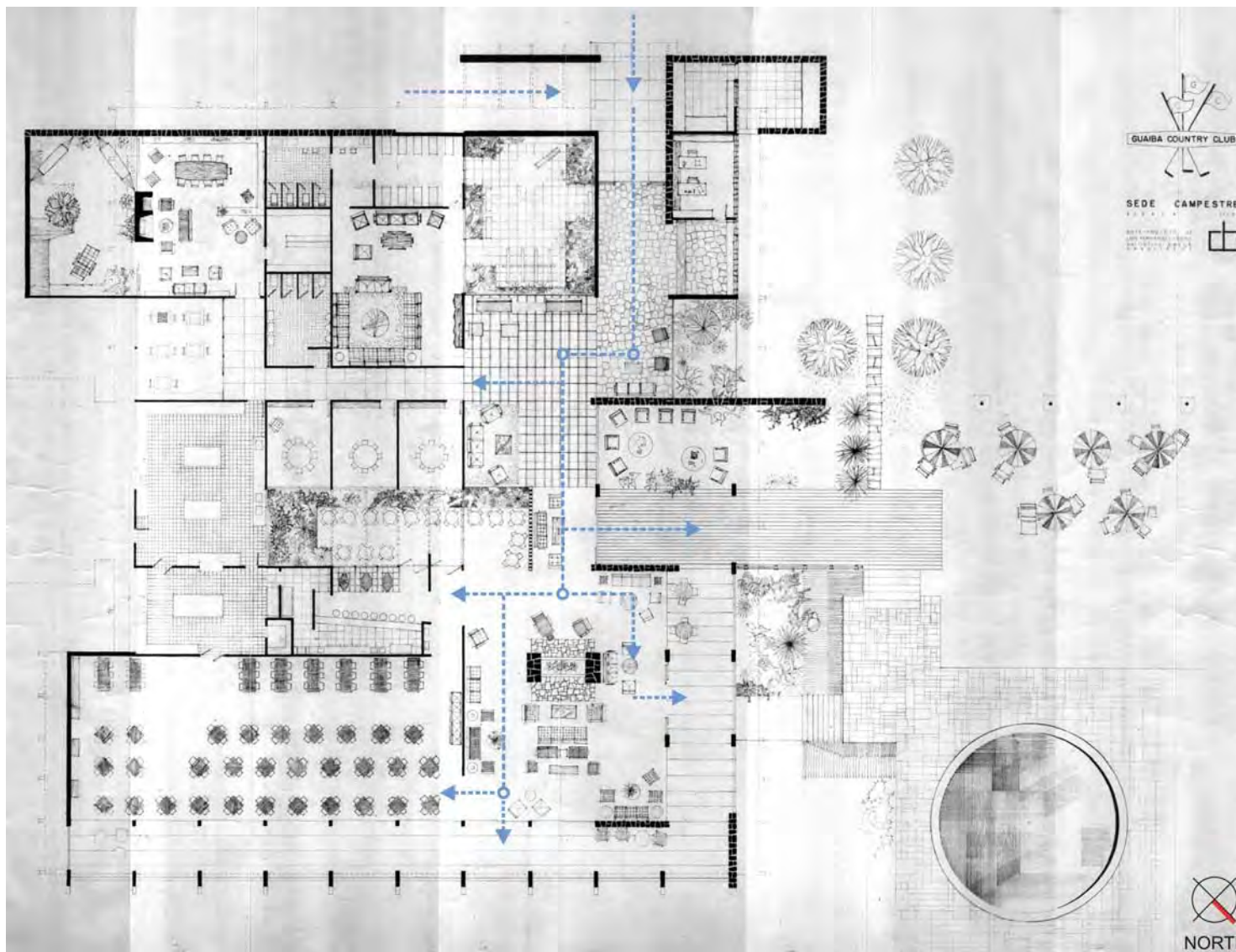


Figura 444: Guaíba Country Club. Anteprojeto. Planta do pavimento principal. Percursos indicados em azul.
Fonte: Acervo Guaíba Country Club. Cor introduzida pela Autora.

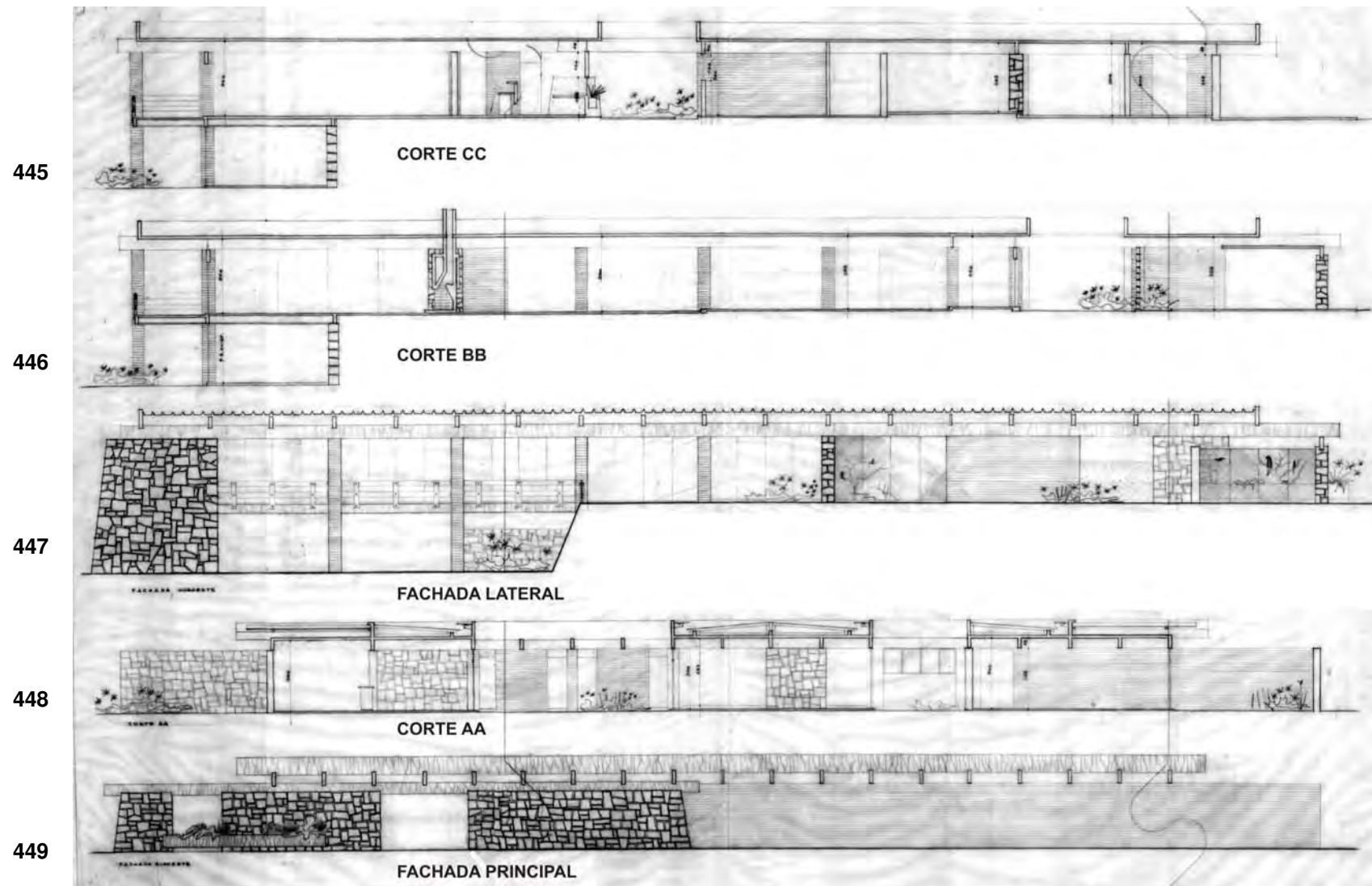


Figura 445, 446, 447, 448 e 449: Guaíba Country Club. Corte transversal à fachada principal (445 e 446); Fachada Lateral (447); Corte transversal à fachada lateral (448); Fachada Principal (449).

Fonte: Arquivo Guaíba Country Club.

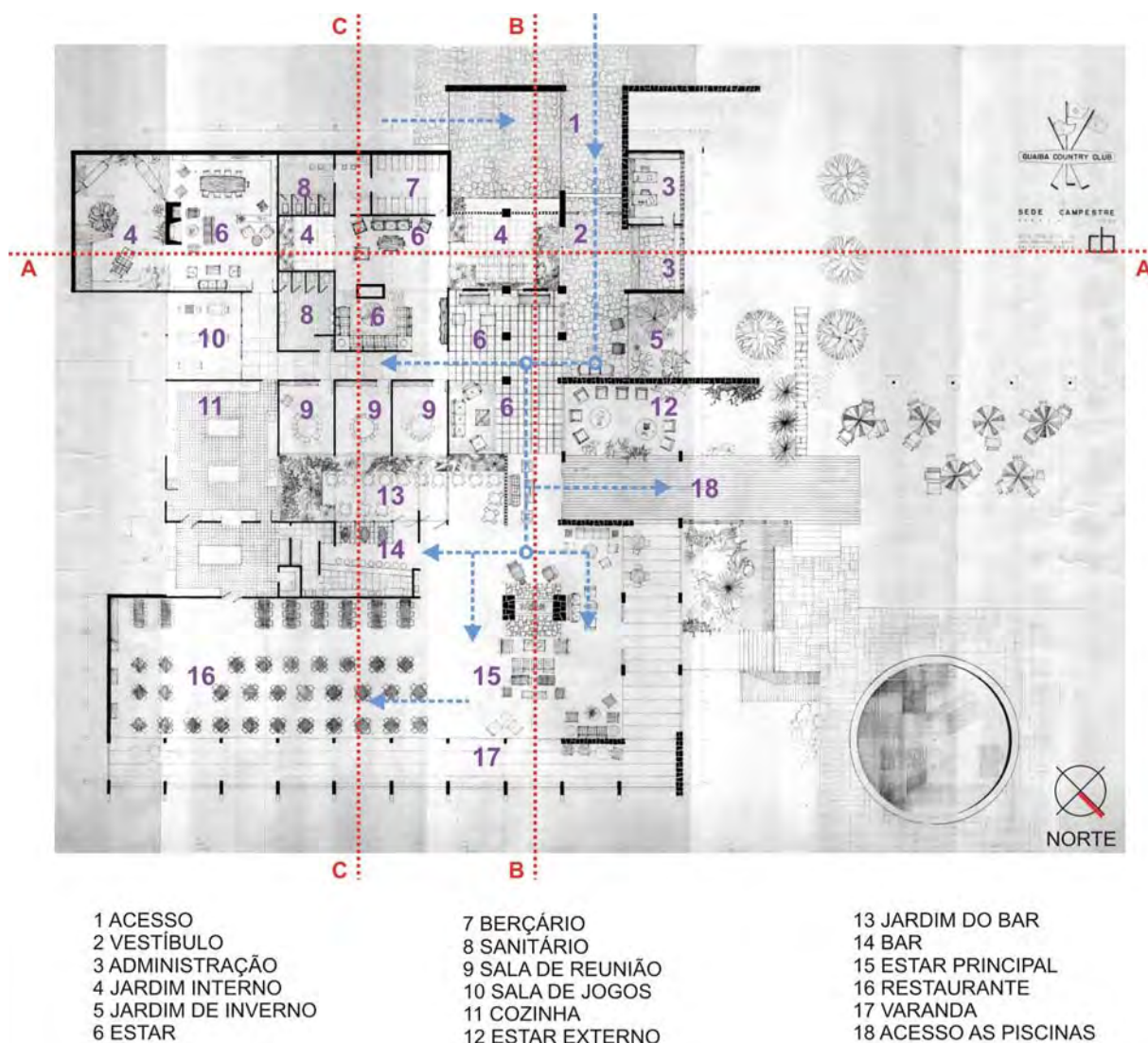


Figura 450: Guaíba Country Club. Planta do pavimento principal atualizada pela autora conforme a prancha contendo os cortes e as fachadas. Marcação dos cortes em vermelho e da circulação em azul.

Fonte: Desenho da Autora.

A fachada voltada para o lago, com dois pavimentos, possui, em planta, dez intercolúnios; mas, no local, há nove, cujas colunas são em alvenaria de tijolos à vista, pintados de branco (Figura 451). Em frente a esta fachada, uma linha de palmeiras, que depois segue em direção às piscinas, faz a interface do edifício com o lago. O encontro entre a fachada do lago e a fachada lateral é resolvido por uma parede em pedra, da altura dos dois pavimentos. Sobre esta parede e os demais pilares, apóiam-se as vigas e, sobre estas, outra viga que arremata o telhado.

Por outro lado, a fachada lateral, com frente para as áreas das piscinas e do *playground*, revela o desnível do terreno (Figura 447). No primeiro trecho desta fachada, entre as duas paredes de pedra, uma modificação foi feita no projeto,

eliminando o volume que acompanharia a parede de pedra da fachada principal e que seria ocupado por uma sala ligada à administração. Em vez disso, foi deixado um intervalo entre a parede de pedra da fachada principal e o volume das salas administrativas, que também era solto do plano de pedra à esquerda graças ao jardim de inverno (Figura 450). Hoje, este jardim está fechado por alvenaria (Figura 452). O segundo trecho, após a parede de pedra, é ocupado pelo estar coberto e aberto, pela saída para as piscinas e para o *solarium* e pela varanda em frente ao estar principal (Figuras 453 e 454). Uma escada externa diante deste último trecho leva ao pavimento inferior.



Figura 451: Guaíba Country Club. Fachada voltada para o lago.
Figuras 452, 453, 454: Guaíba Country Club. Fachada lateral com frente para as piscinas.
 Fonte: Fotos da Autora.

Finalmente, a área das piscinas aproveita o desnível do terreno junto ao lago para localizar os vestiários e sanitários no pavimento inferior. Duas escadas ligam as piscinas ao pavimento inferior: uma leva direto aos vestiários e sanitários, a outra encosta na laje e descarrega no terreno. O prolongamento da laje aumenta as áreas para banho de sol junto às piscinas adulto e infantil e cria uma passagem coberta para o acesso aos vestiários, sanitários e, também, ao bar do lago (Figura 456). Esta passagem é marcada por uma linha de palmeiras cujos troncos ‘furam’ a laje das

piscinas. O bar do lago aproveita a localização sob a laje para ter como atrativo a vista para o interior da piscina dos adultos (Figuras 457 e 458).



Figura 455: Guaíba Country Club. Vista das piscinas.

Figuras 456 e 457: Guaíba Country Club. Fachada dos vestiários e do bar do lago.

Figura 458: Guaíba Country Club. Vista interna do bar do lago.

Fonte: Fotos da Autora.

6 CONCLUSÃO

O levantamento e a análise da produção arquitetônica de Luís Fernando Corona permitiram conhecer o trabalho e a importância desse arquiteto na construção de uma identidade moderna na arquitetura do Rio Grande do Sul. A descrição e a análise de suas obras não deixam dúvidas quanto ao seu talento ao praticar uma arquitetura contemporânea, identificada com os princípios de Le Corbusier e inspirada na produção da Escola Carioca dos anos 1930 e 1940, mas também carregada de traços particulares. A partir dessa bagagem inicial, o arquiteto desenvolveu um estilo próprio, empregado nos seus projetos já nos últimos anos da década de 1950.

Os três projetos mais conhecidos do arquiteto (edifícios Jaguaribe, do Palácio da Justiça e da CRT) são obras de valor arquitetônico destacado, tanto pela concepção plástica, quanto pelo rigor dos partidos estruturais e da disposição do programa. A produção de Luís Fernando Corona mostra que essas características são uma constante em toda sua obra, definindo temas cuja abordagem pode afirmar a validade da experiência projetual do arquiteto. Com vistas a um melhor entendimento do significado de sua arquitetura, serão abordados alguns itens específicos presentes em seus projetos.

6.1 A ADOÇÃO DE ELEMENTOS DO REPERTÓRIO MODERNO BRASILEIRO

O reconhecimento e a valorização da Arquitetura Moderna Brasileira além das fronteiras do País enchiam de entusiasmo os alunos do IBA, cuja formação esteve focada na produção dos arquitetos cariocas. A arquitetura moderna produzida pelo grupo carioca atuava como um catalisador para a jovem geração de arquitetos gaúchos da década de 1950, combinando os princípios compositivos corbusianos com elementos da arquitetura tradicional brasileira.

Na produção de Luís Fernando Corona, esse repertório esteve mais presente nos projetos realizados entre 1951 e 1955. As residências projetadas nesse período apresentam todos os elementos que caracterizam a arquitetura de referência: perfis

e contornos sinuosos, telhados borboleta, combogós, tijolos vazados, revestimentos cerâmicos, *brises* fixos e móveis, pérgolas, jardins internos, varandas. Contudo, os temas do modernismo brasileiro foram introduzidos de maneira simples nas três casas projetadas para o Banco Lar Brasileiro, consideradas 'primárias' por Bered, por tentarem imitar o que era feito pelos arquitetos cariocas. As plantas ainda não apresentavam as qualidades compositivas e espaciais dos projetos modernos posteriores, possuindo soluções convencionais, talvez justificadas pelo tipo de encomenda (casas para venda). Coube, então, às fachadas dar um 'ar moderno' a essas residências, através dos diferentes planos e materiais empregados, aliados a alguns elementos tradicionais acima citados. Pode-se dizer que o mesmo aconteceu no caso das residências Cândido Norberto e Samuel Madureira Coelho, nas quais se reproduziram 'estilemas' do estilo moderno carioca dos anos 1940.

As residências Eugênio Noes e Manoel Quintanilha apresentam soluções compositivas mais identificadas com a espacialidade moderna, com percursos através de ambientes espacialmente distintos por desníveis, pelo tratamento dos planos de fechamento e pela disposição de jardins internos. A continuidade visual, total ou parcial entre os ambientes, é dada pelos fechamentos envidraçados ou semipermeáveis, proporcionados por paredes de elementos vazados. A residência Eugenio Noes, projetada com Eduardo Corona, em São Paulo, apresenta uma linguagem mais próxima da arquitetura de Oscar Niemeyer (telhado borboleta, pérgola, elementos vazados etc.), enquanto a residência Manoel Quintanilha, projetada com Fayet, em Bagé, possui uma estética mais próxima da arquitetura colonial, enfatizada pelo tradicional telhado de duas águas com telhas de barro. No entanto, seus interiores configuram-se modernos, resultado da experiência vivida em São Paulo.

Entre os edifícios residenciais, o primeiro estudo de fachada do edifício Jaguaribe, de 1951, apresenta grelha com fechamentos em combogós e inspiração no projeto de Lúcio Costa para o Parque Guinle. No térreo, a solução proposta, com fechamento envidraçado na esquina, serpenteando os pilares, remete-se ao Banco Boavista, de Niemeyer. Assim, é possível pensar que, se o projeto tivesse sido realizado até 1954, a fachada do edifício Jaguaribe apresentaria os elementos característicos da arquitetura moderna brasileira (Figura 459). Em agosto de 1954, a simplificação do tratamento da fachada deu início a uma nova investigação plástica que, em 1957, já apresenta indícios da fachada definitiva, proposta em 1960. A nova

estética da fachada do edifício Jaguaribe definia o tema da plasticidade tridimensional e policromática, que apareceria nos projetos de Luís Fernando Corona a partir de então. A fachada proposta no estudo publicado na Revista Acrópole, em 1958, para um edifício de apartamentos que não foi construído (ver página 109), é uma experiência dessa nova estética.

O projeto para a sede da SAPI (1951) foi o primeiro de Luís Fernando Corona a vencer um concurso após a sua formatura. Esse projeto reúne os elementos do catálogo de formas cariocas numa composição organizada segundo eixos de simetria dissimulados, com justaposição e sobreposição das formas (Figura 460).

Nos projetos para o Palácio da Justiça (1952) e para o edifício da Santa Casa de Caridade de Bagé (1954), a temática moderna aparece conjugada à sobriedade formal, já indicando um certo afastamento dos temas modernos cariocas. No primeiro, o monobloco sobre pilotis apresenta os cinco pontos da nova arquitetura de Le Corbusier (1926), introduzindo a arquitetura moderna no centro de Porto Alegre. Nas fachadas, a colunata é tema de base e coroamento, enquanto o corpo apresenta uma cortina de *brises* a oeste e uma de vidro a leste. No segundo edifício, o volume principal articula-se com blocos de apoio e apresenta a estrutura junto ao perímetro da laje. Na fachada leste do bloco principal, a colunata está presente em todos os pavimentos. No térreo, aparece à frente dos fechamentos em alvenaria, e nos pavimentos superiores, articulada a peitoris que passam à sua frente, afirmando a horizontalidade do edifício.



Figuras 459 e 460: Elementos do repertório carioca nos projetos do edifício Jaguaribe e da sede da SAPI, respectivamente.

Fonte: Acervos de Malvina Pianca e Luís Aydos, respectivamente.

6.2 A REGULARIDADE DOS PARTIDOS ESTRUTURAIS E A DISCIPLINA COMPOSITIVA

Os projetos de Luís Fernando Corona constantemente apresentam uma trama regular organizativa, adotada desde o partido. Dessa trama surgem as estruturas regulares e a disciplina compositiva capazes de dispor o programa de necessidades em faixas, definindo setores axiais.

Nas residências, os dormitórios formam um bloco que, preferencialmente, se volta para norte. Já as áreas sociais e de serviço, organizadas em faixas, comunicam-se de forma direta. Os pátios e as circulações, por vezes, ajudam a relacionar essas faixas, criando eventos que complementam a composição. As residências projetadas na década de 1960 mostram variadas maneiras de dispor os três setores (íntimo, social e de serviço) e as diferentes conexões obtidas através da posição das circulações e dos jardins internos (Figura 461).

Nos projetos para edifícios residenciais, os três setores são dispostos em faixas: setores íntimo e social alinhados, voltados para as vias e contrapostos ao setor de serviços, que se volta para o interior do lote (Figura 462).



Figura 461 e 462: Residência Darwin Longoni e pavimento-tipo do edifício Jaguaribe, respectivamente. Área íntima, em vermelho; área social, em amarelo; e área de serviço, em azul.

Fonte: Autora.

Nos edifícios com programas especiais, as faixas são formadas por um ou mais blocos que reúnem atividades semelhantes. Nesses edifícios, as áreas são classificadas como públicas, administrativas ou de apoio (serviços). Em projetos como o da sede campestre do Clube do Professor Paranaense e o do Guaíba

Country Club, algumas faixas são formadas por blocos de atividades diferentes. Nesses programas, a disposição em faixas admite um jogo mais complexo que a simples justaposição de setores dispostos em eixo.

Embora nem sempre a mesma consistência se repita, o estabelecimento de faixas que conjugam estruturas portantes e a acomodação de funções específicas do programa revelam-se recursos importantes na arquitetura de Luís Fernando Corona.

6.3 A PLASTICIDADE TRIDIMENSIONAL DAS FACHADAS E O JOGO CROMÁTICO

Uma das principais contribuições de Luís Fernando Corona para a arquitetura moderna praticada no Estado do Rio Grande do Sul foi a expressão da plasticidade tridimensional das fachadas. Em seus projetos, o tratamento plástico das elevações demonstra o sistemático estudo investigativo de suas possibilidades compositivas, em que também se verifica o predomínio das linhas horizontais.

Dessa forma, o edifício São Francisco, projetado com Fernando Corona em 1948, possui um estudo para a fachada da rua dos Andradas na qual os fechamentos da grelha organizativa são diferentes para os pavimentos pares e ímpares, intercalando as sacadas parcialmente fechadas por *brises* verticais. Nas duas fachadas, é possível identificar duas peles: uma interna, constituída por esquadrias e alvenaria, e outra externa, formada pela grelha e pelas varandas.

Já no edifício Jaguaribe, as diferentes propostas para as fachadas ilustram melhor a investigação compositiva das elevações. Sobre uma mesma solução de planta, o arquiteto apresenta fachadas com diferentes elementos e composições. A fachada final do Jaguaribe expõe o jogo cromático das sacadas sobre um plano de base, coroando a nova experiência plástica que o arquiteto passou a explorar nos projetos das décadas de 1960 e 1970.

A fachada oeste do Palácio da Justiça também pode ser entendida dessa forma, pois o jogo de base, pilotis e bloco principal é dinamizado por volumes em ressalto, e planos que interrompem as linhas de continuidade. O volume em mármore negro do térreo projeta-se a ponto de envolver um dos pilotis da

seqüência. Além disso, o coroamento tem faixas menores que aquelas dos andares inferiores, na ala norte, um plano cego com arte escultórica, marcando o centro, e uma faixa de dupla altura, na ala sul.

No prédio da CRT, a tridimensionalidade da fachada é acentuada pelo jogo de contrastes entre o branco dos fechamentos murais e das lajes em balanço e o preto dos fechamentos recuados e sombreados. Nesse caso, os volumes brancos têm seu caráter massivo atenuado pelas esbeltas aberturas em fita, que compõem um jogo abstrato de alternâncias rítmicas no bloco maior. Nas partes com lajes em projeção, formando varandas contínuas (escritórios), a profundidade é dissimulada por um diafragma de proteção solar apoiado em tênues suportes metálicos. Tal como no edifício Jaguaribe e naquele do Palácio da Justiça, essa obra é um exemplo das possibilidades inventivas do tema da fachada do edifício verticalizado.

As residências da década de 1960 apresentam um jogo abstrato de materiais e texturas nos planos definidos, evitando janelas e portas convencionais, desfazendo a idéia de caixa e integrando edifício e paisagem. A mesma proposta é aplicada para a fachada principal do edifício-sede do Guaíba Country Club, em que a defasagem entre os planos cria espaços de aproximação entre o interior e o exterior.

Assim sendo, o jogo compositivo de fachadas revela o caráter investigativo da obra de Luís Fernando Corona. Ao invés de fixar um estilo, ele se propõe a dominar os componentes básicos do edifício (colunas, lajes e planos de fechamento) e estabelecer jogos tridimensionais através de recuos, projeções e cores, dentro de um quadro de ordem, que, embora desafiada, nunca é subtraída. Esse aspecto é um item importante de sua arquitetura.

6.4 A DIVERSIDADE EPISÓDICA DOS ESPAÇOS INTERNOS

Luís Fernando Corona utilizou-se de artifícios espaciais sutis para criar ambiências particulares, como: rebaixos de pisos e forros, configurando ambientes e jogando com a sensação de expansão e contração; pátios internos, amplas aberturas ou pequenas escotilhas, às vezes localizadas no intervalo entre vigas e

lajes, gerando jogos de luz; e planos de fechamento, permitindo a continuidade entre espaço interno e externo.

Esse tema relaciona-se com a já referida manipulação tridimensional das fachadas. O exemplo mais claro disso é a própria casa do arquiteto, preservada na integridade por sua esposa até o presente. Os interiores dessa residência demonstram a capacidade de Luís Fernando Corona em inserir episódios ambientais no limitado circuito interior do edifício.

Por fim, a casa projetada com Eduardo Corona, seu irmão, ilustra esses aspectos potencializados pelo terreno em declive. Os pisos térreos do Palácio da Justiça e do edifício da CRT também atestam o domínio da espacialidade diversificada dos interiores em sua obra, que liga Luís Fernando Corona às experiências de Adolf Loos (*Raumplan*), às *prairie houses*, de Frank Lloyd Wright, e, também, às casas de Rudolph Schindler e Richard Neutra.

BIBLIOGRAFIA

- A reforma total das instalações da Santa Casa de Caridade de Bagé idealizada pelo seu atual provedor. **Correio do Sul**, Bagé, 24 out. 1954.
- ABREU FILHO, Silvio Belmonte de. **Porto Alegre como cidade ideal: planos e projetos urbanos para Porto Alegre**. 2006. 365p. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- ALVAREZ, Cícero; SZEKUT, Alessandra Rambo. A deusa Themis e o Palácio da Justiça de Porto Alegre: a integração entre arquitetura moderna do Rio Grande do Sul e as obras de arte. In: SEMINÁRIO ARTE E CIDADE, 2006 maio 23-26, Salvador, BA. [**Anais...**] [recurso eletrônico]. Salvador: UFBA, 2006. arquivo st2_ARS.pdf.
- ALVAREZ, Cícero. Palácios de Papel: projetos remanescentes do Concurso de Anteprojetos para o Palácio da Justiça de Porto Alegre. In **Porto Alegre de papel: avenida e praça (1910-1980)**. ABREU, Silvio Belmonte de (Org.); CALOVI PEREIRA, C. (Org.). Porto Alegre: PROPAR - UFRGS, 2006. v.1. Não-publicado.
- As Comunicações no RS:** Evolução histórica. Disponível em: <http://www.riogrande.com.br/historia/comunicacoes1.htm>. Acesso em: 22 nov. 2008.
- ASSIS, Nelson de. Oscar Niemeyer em Porto Alegre. **Revista do Globo**, Porto Alegre, v.20, n.482, p.43-45 e 72, 14 maio 1949.
- BERED, Emil. **Companhia Riograndense de Telecomunicações – CRT**. Artigo não-publicado.
- BERNARDES, Dalton Roberto Pacheco. **Jaguaribe e Esplanada: o edifício de apartamentos modernista e um novo paradigma habitacional em Porto Alegre**. 2003. 216p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1981. 398p.
- CAMPELO, Cristina de Lorenzi. **Produção arquitetônica dos egressos da Escola de Engenharia e do Instituto de Belas Artes no período de 1949 a 1952**. Porto Alegre: UFRGS: FAPERGS, 1992. 109p.
- CANEZ, Anna Paula Moura. **Fernando Corona: e os caminhos da arquitetura moderna em Porto Alegre**. Porto Alegre: Unidade Editorial Porto Alegre, 1998. 209p.

CARRANZA, Ricardo. **TRAJETÓRIAS**: Arquiteto Eduardo Corona. Disponível em: <http://www.arquitetonica.com/trajet%F3rias%20-%20arquiteto%20eduardo%20corona.htm>. Acesso em: 22 nov. 2008.

CESA, Paulo. **Arquitetura da verticalidade na recém-aberta Avenida Borges de Medeiros**. 2003, 198p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

COMAS, Carlos Eduardo Dias. Pampulha e a arquitetura moderna brasileira. In: CASTRO, Mariângela; FINGUERUT, Sylvia (Org.) **Igreja da Pampulha: restauro e reflexões**. 1.ed. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006, p. 130-145. (Se não consta o volume não se coloca)

_____. Questões de base e situação: arquitetura moderna e edifícios de escritórios, Rio de Janeiro, 1936-45. **ARQUITEXTOS** 78, novembro de 2006. Disponível em: http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arg078/arg078_00.asp. Acesso em: 22 nov. 2008.

_____. **Precisões brasileiras**: sobre um estado passado da arquitetura e urbanismo modernos: a partir dos projetos e obras de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & Cia., 1936-45. 2002. v. 1. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Universidade de Paris, 2002.

CORONA MARTINEZ, Alfonso. **Ensayo sobre el proyecto**. Brasília: Unb, 2000. 198p.

CORONA, Fernando. **Caminhada de Fernando Corona**. Diário de Fernando Corona transcrito pelo professor Círio Simon.

CORONA, Luís Fernando et alli. Muito edifício, pouca arquitetura. **Revista do Globo**, Porto Alegre, n.711, p.46-51, 21 mar. 1958.

CORONA, Luís Fernando. **O Ensino da perspectiva e o artista plástico**. Tese de concurso para professor catedrático da cadeira de perspectiva e sombras dos cursos de pintura e escultura do Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1957.

COSTA, J. Geraldo V. **Imbé – o adeus da cidade jardim?** Portal Vitruvius. Ano 8, vol.3, out. 2007, p.194. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/minhacidade/mc194/mc194.asp>. Acessado em: 22 nov. 2008

COSTA, Lucio; XAVIER, Alberto. **Lúcio Costa**: sobre arquitetura. Porto Alegre: Faculdade de Arquitetura, UFRGS, 1962. v.1, 359p.

CURTIS, William J.R.. **Modern architecture since 1900**. London: Phaidon, 1999. 736p.

Edifício de apartamentos com garagem no pavimento. **Acrópole**, São Paulo, p.358-360, 1958.

- Edifício Jaguaribe. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 13 maio 1952. p.16.
- Encerramento da amostra de arquitetura. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 10 dez. 1952.
- Escolhido o anteprojeto do Palácio da Justiça. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 10 dez. 1952.
- Estatização da empresa há 16 anos custou US\$1. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 18 dez. 1996.
- Estudos tecnológicos:** arquitetura. São Leopoldo: UNISINOS, 1988, v.12, n12/13, 210p.
- Estudos tecnológicos:** arquitetura. São Leopoldo: UNISINOS, 1989, v.12, n14/15, 189p.
- FIORI, Renato Holmer. **Arquitetura Moderna e Ensino de Arquitetura:** os cursos em Porto Alegre de 1945 a 1951. 1992. 420p. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.
- FRAMPTON, Kenneth. **História crítica da arquitetura moderna.** São Paulo: M. Fontes, 1997. 470p.
- GALEAZZI, Ítalo. Eduardo Corona. Estudo de uma Residência Unifamiliar, 1956. **ARQUITEXTOS** 66, novembro de 2005. Disponível em: http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arg066/arg066_01.asp. Acesso em: 22 nov. 2008.
- GIEDION, Siegfried. **Espacio tiempo y arquitectura:** el futuro de una nueva tradicion. 4. ed. Madri: Cientifico-Medica, 1968. 825p.
- GOLDMAN, Carlos Henrique. **A casa moderna em Porto Alegre:** projetos residenciais de Edgar Albuquerque Graeff 1949 - 1961. 2003. 116p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- GONÇALVES, Magali Nocchi Collares. **Arquitetura bageense:** o delinear da modernidade: 1930-1970. 2006. 255 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- HITCHCOCK, Henry-Russell. **Architecture:** nineteenth and twentieth centuries. 5.ed. New Haven: Yale University, 1987. 697p.
- INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL. **Anteprojetos I:** 1947-1956. Porto Alegre: IAB-RS, [1956?].

KIEFER, Flávio. MAGLIA, Viviane Villas Boas. Refinaria Alberto Pasqualini: entrevistas com os autores. **Cadernos de Arquitetura Ritter dos Reis**, Porto Alegre, v. 2, p.111, out. 2000.

Licurgo. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, dez. 1952.

LIMA, Raquel Rodrigues. **Edifícios de apartamentos: um tempo de modernidade no espaço privado**. 2005. 375p. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

LUCCAS, Luís Henrique Haas. **Arquitetura moderna brasileira em Porto Alegre sob o mito do "gênio artístico nacional"**. 2004. 309p. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

_____. **Arquitetura Moderna Brasileira em Porto Alegre: uma história recente**. **ARQTEXTOS**, Porto Alegre, p. 22-30, 2000.

_____. A escola carioca e a arquitetura moderna em Porto Alegre (1). **ARQUITEXTOS** 73, junho de 2006. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arg000/esp370.asp>. Acesso em: 22 nov. 2008.

MAHFUZ, Andrea Soler Machado. **Dois palácios e uma praça: a inserção do Palácio da Justiça e do Palácio Farroupilha na Praça da Matriz em Porto Alegre**. 1996. 304p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

MAHFUZ, Edson. **Ensaio sobre a razão compositiva: uma investigação sobre a natureza das relações entre as partes e o todo na composição arquitetônica**. Belo Horizonte: Ap Cultural, 1995. 176p.

MARQUES, José Carlos. **História de uma via: o advento da arquitetura moderna e a configuração da Av. Senador Salgado Filho, Porto Alegre 1940-1970** [manuscrito]. 2003, 277p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

MELLO, Bárbara; ALVAREZ, Cícero; ROSINHA, Rodrigo B. **Palácio da Justiça de Porto Alegre: a longa espera pelo fim, 1952-2006. O projeto de Recuperação, Restauração e Readequação do ícone da Arquitetura Moderna de Porto Alegre**. In: SEMINÁRIO DOCOMOMO, 7., 2007 out. 22-23, Porto Alegre, RS. **O moderno já passado | o passado no moderno** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: PROPARG-UFRGS, 2007. arquivo 009.pdf

MINDLIN, Henrique Ephim. **Arquitetura moderna no Brasil**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999. 286p.

MOHR, Udo Sílvio. Demétrio Ribeiro, 1916-2003. **ARQUITEXTOS** 41, outubro de 2003. Disponível em:

http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arc041/arc041_00.asp. Acesso em: 22 nov. 2008.

MONTANER I MARTORELL, Josep Maria. **Arquitectura y critica**. Barcelona: G. Gili, 1999. 109p.

O IPE construirá o mais alto edifício de Porto Alegre. Entregue o projeto ao famoso arquiteto Niemeyer. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 24 jan. 1945.

Outra residência. **Revista Habitat**, São Paulo, n. 5, p. 52-54, 1953.

Palácio da Justiça de Porto Alegre. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 05 dez. 1952.

PEREIRA, Cláudio Calovi. Primórdios da arquitetura moderna em Porto Alegre: a presença dos arquitetos do Rio de Janeiro. **Cadernos de Arquitetura Ritter dos Reis**, Porto Alegre, v.2 , p.47-71, out. 2000.

_____. Transparência e permeabilidade: diálogos entre tradição e modernidade nos pisos térreos dos Irmãos Roberto no centro do Rio de Janeiro (1936-1952). **Cadernos de arquitetura Ritter dos Reis**, Porto Alegre, v. 5, p. 93-113, 2007.

_____. **Os irmãos Roberto e a arquitetura moderna no Rio de Janeiro (1936-1945)**. 1993. 149 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

PIOVESAN, Luciane; COSTA, A. E. Inventário da Arquitetura Modernista na Serra Gaúcha: o caso de Bento Gonçalves. In: ENCONTRO DE JOVENS PESQUISADORES DA UCS, 14., 2006, Caxias do Sul, RS. [**Anais...**]. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2006.

Por iniciativa da Empresa Romeu Pianca, arrendatária dos cinemas Vera Cruz e Capitólio, Porto Alegre possuirá, dentro em breve, um dos melhores e mais confortáveis cinemas do Brasil. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, [1951?].

Porto Alegre possuirá um dos mais notáveis cinemas do Brasil. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 09 ago. 1951. p.9.

QUARONI, Ludovico. **Proyectar un edificio: ocho lecciones de arquitectura**. Madrid: Xarait, 1987. 228p.

RASMUSSEN, Steen Eiler. **Arquitetura vivenciada**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 246p.

REVISTA ANTE-PROJETO. Porto Alegre, Faculdade de Arquitetura do IBA, n.1, ago. 1948.

REVISTA ANTE-PROJETO. Rio de Janeiro: Faculdade Nacional de Arquitetura, ano 3, n.10, maio 1947.

REVISTA ANTE-PROJETO. Rio de Janeiro: Faculdade Nacional de Arquitetura, n.12, ago. 1952.

- REVISTA ESPAÇO ARQUITETURA. Porto Alegre, n.1, nov./dez. 1958. 36p.
- REVISTA ESPAÇO ARQUITETURA. Porto Alegre, n.2, [1959?]. 45p.
- REVISTA ESPAÇO. Porto Alegre: Faculdade de Arquitetura do IBA, n.2, nov. 1948.
- REVISTA ESPAÇO. Porto Alegre: Faculdade de Arquitetura do IBA, n.3, jun. 1949.
- REVISTA ESPAÇO. Porto Alegre: Faculdade de Arquitetura do IBA, n.4, dez. 1949.
- REVISTA MÓDULO. Porto Alegre: Faculdade de Arquitetura do URGs, n.1, maio 1952. 28p.
- REVISTA MÓDULO. Porto Alegre: Faculdade de Arquitetura do URGs, n.2, set. 1952. 30p.
- RIO GRANDE DO SUL. Tribunal de Justiça. Memorial do Judiciário do Rio Grande do Sul. **As Sedes do Tribunal**. Porto Alegre.
- ROWE, Colin. Collage city. In: **Theories and manifestoes of contemporary architecture**. Chichester: Academy, 1997. p. 61-64
- ROWE, Colin. **Manierismo y arquitectura moderna y otros ensayos**. 3.ed. Barcelona: G. Gili, 1999. 218p.
- SALVATORI, Elena. O campo profissional. **IAB-RS**, Porto Alegre, maio de 2006. Colunistas. Disponível em: <http://www.iab-rs.org.br/colunas/artigo.php?art=99>. Acesso em: 22 nov. 2008.
- Sede da Companhia Rio-Grandense de Telecomunicações. **Revista Arquitetura IAB**, Rio de Janeiro, n.34, p. 28-29, abr. 1965.
- SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil: 1900-1990**. 2.ed. São Paulo: Edusp, 1999. 224p.
- SILVA, Marcos Miethicki da. **O Hospital de Clínicas de Porto Alegre: a presença de Jorge Moreira na arquitetura da capital gaúcha**. 2006. 222p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- Sobe à notoriedade o projeto do novo Palácio da Justiça. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 21 dez. 1952.
- Sociedade dos amigos da Praia de Imbé. Construção da sede social – lançamento festivo da pedra fundamental e imediato início das obras. **Correio do Povo**, Porto Alegre, nov. 1951.
- Sociedade dos amigos da Praia de Imbé. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, 20 out. 1951.

Sociedade dos amigos da Praia de Imbé. Venceu o concurso de anteprojetos o arquiteto Luís Fernando Corona. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 14 out. 1951.

STRÖHER, Eneida Ripoll. **Arquitetura residencial da década de 60 em Porto Alegre – Arquiteto Emil Bered**. Monografia apresentada na disciplina Arquitetura Moderna Brasileira – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, maio de 1996.

_____. Pioneiro Modernista nos Pampas. **Au: arquitetura e urbanismo**, São Paulo, n.110, p. 45-49, maio 2003.

_____. Emil Bered: 6 edifícios. **ARQTEXTO**, Porto Alegre, p.61-73, 2000.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. FACULDADE DE ARQUITETURA. **Faculdade de Arquitetura: 1952-2002**. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 2002. 169 p.

VIANNA, Patrícia Pinto. **O processo de verticalização em Porto Alegre: e a contribuição da Construtora Azevedo Moura & Gertum**. 2004. 199p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

WEIMER, Günter. **Arquitetura modernista em Porto Alegre: entre 1930 e 1945**. Porto Alegre: Ue, 1998. 173p.

XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. **Arquitetura Moderna em Porto Alegre**. Porto Alegre: UFRGS, 1987. 403p.

MICROFILMES E PROCESSOS (SMOV E ARQUIVO MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE)

BERED, Emil; CORONA, Luís Fernando. **Residência Haroldo Dias Paiva**. Porto Alegre. Processo 001.335.64.9.

BERED, Emil; CORONA, Luís Fernando. **Residência Ronald Ely**. Porto Alegre. Processo 02.301735.00.4.

BERED, Emil; CORONA, Luís Fernando; KRUCHIN, Salomão. **Residência Banco Lar Brasileiro**. Porto Alegre. Processo 01.17180.61.9. Microfilme.

BERED, Emil; CORONA, Luís Fernando; KRUCHIN, Salomão. **Residência Banco Lar Brasileiro**. Porto Alegre. Processo: 37.760/51. Microfilme.

BERED, Emil; CORONA, Luís Fernando; KRUCHIN, Salomão. **Residência Banco Lar Brasileiro**. Porto Alegre. Processo: 37.762/51. Microfilme.

CORONA, Fernando; CORONA, Luís Fernando. **Edifício São Francisco**. Porto Alegre. Processo 02.251.740.00.0.

CORONA, Fernando; CORONA, Luís Fernando. **Fábrica de Sabonetes e Perfumaria MAIS & CIA Ltda**. Porto Alegre. 219/35 mm. Processo 001.24690.51. Microfilme.

CORONA, Luís Fernando. **Residência Liorne Martine Luzzato**. Porto Alegre. Processo 02.285052.00.4.

CORONA, Luís Fernando. **Residências Ivone Louro e Pelegrin Figueras**. Porto Alegre. Processo 02.299707.00.0.

CORONA, Luís Fernando; FAYET, Carlos Maximiliano. **Casa do Artista Riograndense**. Porto Alegre. 316/35mm. Processo 001.004581.56.3 DMAE Processo 12792/115. Microfilme.

CORONA, Luís Fernando; FAYET, Carlos Maximiliano. **Residência Cândido Norberto**. Porto Alegre. 251/35mm. Processo 001.049404.52. Microfilme.

CORONA, Luís Fernando; FAYET, Carlos Maximiliano. **Residência Samuel Madureira Coelho**. Porto Alegre. 273/35mm. Processo 001.48773.53. Microfilme.

ENTREVISTAS

ANELE, Geci Helena. Porto Alegre, Brasil, 03 abr. 2008. Entrevista concedida a Alessandra Rambo Szekut.

BERED, Emil A. Porto Alegre, Brasil, 26 out. 2006. Entrevista concedida a Alessandra Rambo Szekut.

BERED, Emil A. Porto Alegre, Brasil, 22 ago. 2007. Entrevista concedida a Alessandra Rambo Szekut.

BERED, Emil A. Porto Alegre, Brasil, 25 mar. 2008. Entrevista concedida a Alessandra Rambo Szekut.

BRAGANÇA, Hélio Roca. Porto Alegre, Brasil, 03 out. 2008. Entrevista concedida a Alessandra Rambo Szekut.

CORONA, Magali. Porto Alegre, Brasil, 11 abr. 2008. Entrevista concedida a Alessandra Rambo Szekut.

CORONA, Magali. Porto Alegre, Brasil, 20 nov. 2007. Entrevista concedida a Alessandra Rambo Szekut.

LONGONI, Darwin. Porto Alegre, Brasil, 03 abr. 2008. Entrevista concedida a Alessandra Rambo Szekut.

PIANCA, Malvina. Porto Alegre, Brasil, 06 set. 2007. Entrevista concedida a Alessandra Rambo Szekut.

RIBEIRO, Enilda. Porto Alegre, Brasil, 08 fev. 2008. Entrevista concedida a Alessandra Rambo Szekut.

SANTOS, Cândido Norberto dos. Porto Alegre, Brasil, 31 jan. 2008. Entrevista concedida a Alessandra Rambo Szekut.

SILVA, Nilcéia. Porto Alegre, Brasil, 09 abr. 2008. Entrevista concedida a Alessandra Rambo Szekut.

SIMON, Cirio. Porto Alegre, Brasil, 04 set. 2007. Entrevista concedida a Alessandra Rambo Szekut.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01:	Edifício Guaspari, 1936. Projeto de Fernando Corona.	15
Figura 02:	Edifício Sulacap, 1938. Projeto de Arnaldo Gladosch.	15
Figura 03:	Edifício União, 1939. Projeto de Arnaldo Gladosch.	15
Figura 04:	Projeto para o Hospital de Clínicas de Jorge M. Moreira, 1942.	16
Figura 05:	Projeto para o Edifício Sede do IPE de Oscar Niemeyer, 1943.	16
Figura 06:	Projeto para o Edifício da Viação Férrea do Rio Grande do Sul de Affonso E. Reidy e Jorge M. Moreira (1944), localizado na esquina da Av. Farrapos com a Rua Barros Cassal.	16
Figura 07:	Segundo projeto para o Edifício-sede da Viação Férrea do Rio Grande do Sul de Affonso E. Reidy, 1944.	16
Figura 08:	Edifício ABI, 1936.	17
Figura 09:	Edifício Liga Brasileira contra a Tuberculose, 1937.	17
Figura 10:	Edifício do Instituto de Resseguros do Brasil, 1942.	17
Figura 11:	Oscar Niemeyer com professores e alunos da segunda turma de arquitetos do IBA (1946-1950), em frente à residência do Professor Fernando Corona, na Rua Dr. Timóteo, 565.	22
Figura 12:	Oscar Niemeyer no gabinete do professor Fernando Corona, na Rua Dr. Timóteo, 565. Abril de 1949.	22
Figura 13:	Capa da Revista Módulo nº1.	24
Figura 14:	Capa da Revista Módulo nº2.	24
Figura 15:	Aeroporto Salgado Filho, 1950. Projeto de Nelson Souza.	25
Figura 16:	Edifício Santa Terezinha, 1950. Projeto de Carlos Alberto de Holanda Mendonça.	25
Figura 17:	Tribunas Sociais do Jockey Clube do Rio Grande do Sul, 1951. Projeto de Román Fresnedo Siri.	25
Figura 18:	Edifício Esplanada, 1952. Projeto de Román Fresnedo Siri.	25
Figura 19:	Assembléia Legislativa, 1958. Projeto de Gregório Zolko e Wolfgang Schöedon.	27
Figura 20:	Edifício IAB, 1960. Projeto de Carlos M. Fayet.	29
Figura 21:	Residência Hélio Dourado, 1961. Projeto de Miguel Pereira e João Carlos Paiva da Silva.	29
Figura 22:	REFAP, Recepção, 1962. Projeto de Carlos M. Fayet, Cláudio Araújo, Moacyr Moojen Marques e Miguel Pereira.	29
Figura 23:	Jesus Maria Corona.	32
Figura 24:	Fernando Corona.	32
Figura 25:	Eduardo Corona.	32
Figura 26:	Luís Fernando Corona.	32
Figura 27:	Emil Bered, Luís Fernando Corona e Roberto Félix Veronese.	34

Figura 28:	Luís Fernando Corona com os colegas do IBA Enilda Ribeiro e Carlos M. Fayet.	34
Figura 29:	Auto-retrato.	34
Figura 30:	Igreja em Ouro Preto, 1948. Desenho realizado durante a Caravana Araújo Porto Alegre.	34
Figura 31:	Homens trabalhando no cais. Salvador, 1948. Desenho realizado durante a Caravana Araújo Porto Alegre.	34
Figura 32:	Parte do mural pintado por Luís Fernando Corona em sua residência na Rua Veridiano de Farias.	34
Figura 33:	Planta baixa e corte do Mercado Público.	36
Figura 34:	Fachadas do Mercado Público.	37
Figura 35:	Perspectiva geral, perspectivas setoriais e fachadas do Mercado Público.	37
Figura 36:	Edifício São Francisco. Planta do térreo (nível Rua Senhor dos Passos).	39
Figura 37:	Edifício São Francisco. Planta do térreo (nível Rua dos Andradas).	39
Figura 38:	Edifício São Francisco. Planta do pavimento-tipo.	40
Figura 39:	Perspectiva do Edifício São Francisco feita por Fernando Corona.	42
Figura 40:	Fachada leste do Edifício São Francisco vista desde a Praça Dom Feliciano.	42
Figura 41:	Fachada leste do Edifício São Francisco vista desde a Praça Dom Feliciano.	42
Figura 42:	Fachada norte do Edifício São Francisco vista desde a Rua Senhor dos Passos.	42
Figura 43:	Edifício São Francisco. Fachada Rua Senhor dos Passos (fachada leste).	44
Figura 44:	Edifício São Francisco. Fachada Rua dos Andradas (fachada norte).	44
Figura 45:	Edifício São Francisco. Atual fachada da Rua dos Andradas.	44
Figura 46:	Edifício Osvaldo Cruz (1945), projetado por Guido Trein.	48
Figura 47:	Residência Edvaldo Pereira Paiva (1949), projetada por Edgar Graeff.	48
Figura 48:	Residência Guilhermino Cezar (1950), projetada por Fernando Corona.	48
Figura 49:	Residência Rua Eça de Queiroz. Foto da fachada da Rua Eça de Queiroz.	50
Figura 50:	Residência Rua Eça de Queiroz. Foto da fachada da Rua Eça de Queiroz.	50
Figura 51:	Residência Rua Eça de Queiroz. Planta pavimento térreo e planta da garagem.	50
Figura 52:	Residência Rua Eça de Queiroz. Fachada Rua Itaboraí.	50

Figura 53:	Residência Rua Eça de Queiroz. Fachada Rua Eça de Queiroz.	50
Figura 54:	Residência Rua Itaboraí. Fotos das residências.	51
Figura 55:	Residência Rua Itaboraí. Fotos das residências.	51
Figura 56:	Residência Rua Itaboraí. Fotos das residências.	51
Figura 57:	Residência Rua Itaboraí. Fotos das residências.	51
Figura 58:	Residência Rua Itaboraí. Planta Baixa.	52
Figura 59:	Residência Rua Itaboraí. Fachada Rua Itaboraí.	52
Figura 60:	Residência Rua Itaboraí. Fachada Rua Eça de Queiroz.	52
Figura 61:	Residência Rua Rivera. Planta pavimento térreo.	54
Figura 62:	Residência Rua Rivera. Planta pavimento inferior.	54
Figura 63:	Residência Rua Rivera. Fachada Rua Rivera.	54
Figura 64:	Residência Eugênio Noes. Foto da fachada principal.	55
Figura 65:	Residência Eugênio Noes. Corte longitudinal.	56
Figura 66:	Residência Eugênio Noes. Planta do nível da entrada.	57
Figura 67:	Residência Eugênio Noes. Planta do nível do estar.	57
Figura 68:	Residência Eugênio Noes. Planta do nível dos serviços.	57
Figura 69:	Residência Eugênio Noes. Perspectiva da fachada principal.	58
Figura 70:	Residência Eugênio Noes. Perspectiva do jardim interno em depressão visto do <i>hall</i> .	59
Figura 71:	Residência Eugênio Noes. Perspectiva do estar.	59
Figura 72:	Residência Eugênio Noes. Esquema perspectivo da casa no nível do estar.	59
Figura 73:	Residência Eugênio Noes. Perspectiva geral da residência.	60
Figura 74:	Residência Cândido Norberto. Fachada Avenida Praia de Belas.	62
Figura 75:	Residência Cândido Norberto. Fachada Avenida Praia de Belas.	62
Figura 76:	Residência Cândido Norberto. Fachada Avenida Bastian.	62
Figura 77:	Residência Cândido Norberto. Fachada Avenida Bastian.	62
Figura 78:	Residência Cândido Norberto. Planta baixa.	63
Figura 79:	Residência Cândido Norberto. Fachada Avenida Praia de Belas.	63
Figura 80:	Residência Cândido Norberto. Fachada Avenida Bastian.	63
Figura 81:	Casa de campo Oswald de Andrade. Perspectiva.	65
Figura 82:	Casa de campo Oswald de Andrade. Planta baixa.	65
Figura 83:	Casa de campo Oswald de Andrade. Maquete.	65
Figura 84:	Residência Samuel Madureira Coelho. Fachada Avenida Praia de Belas.	67
Figura 85:	Residência Samuel Madureira Coelho. Fachada Avenida Praia de Belas.	67
Figura 86:	Residência Samuel Madureira Coelho. Perspectiva da fachada principal.	67

Figura 87:	Residência Samuel Madureira Coelho. Planta baixa.	67
Figura 88:	Residência Samuel Madureira Coelho. Fachada Avenida Praia de Belas.	67
Figura 89:	Residência Samuel Madureira Coelho. Fachada Avenida Praia de Belas.	67
Figura 90:	Residência Manoel Quintanilha. Planta térrea.	69
Figura 91:	Residência Manoel Quintanilha. Planta do pavimento superior.	69
Figura 92:	Residência Manoel Quintanilha. Perspectiva externa a partir da rua.	69
Figura 93:	Residência Manoel Quintanilha. Perspectiva externa a partir da rua.	70
Figura 94:	Residência Manoel Quintanilha. Perspectiva interna da sala-de-estar social.	70
Figura 95:	Residência Manoel Quintanilha. Perspectiva interna do estar íntimo.	70
Figura 96:	Edifício Jaguaribe. Perspectiva do primeiro projeto com 20 pavimentos mais a cobertura.	73
Figura 97:	Edifício Jaguaribe. Perspectiva do edifício já com 26 pavimentos.	73
Figura 98:	Edifício Jaguaribe. Perspectiva do edifício em aquarela já com 26 pavimentos (s/d).	73
Figura 99:	Edifício Jaguaribe. Projeto de novembro de 1951. Implantação.	74
Figura 100:	Edifício Jaguaribe. Projeto de novembro de 1951. Planta pavimento térreo.	75
Figura 101:	Edifício Jaguaribe. Projeto de novembro de 1951. Planta 2º pavimento.	75
Figura 102:	Edifício Jaguaribe. Projeto de novembro de 1951. Planta 3º pavimento.	75
Figura 103:	Edifício Jaguaribe. Projeto de novembro de 1951. Planta 4º pavimento.	76
Figura 104:	Edifício Jaguaribe. Projeto de novembro de 1951. Planta 5º pavimento.	76
Figura 105:	Edifício Jaguaribe. Projeto de novembro de 1951. Planta 6º pavimento.	76
Figura 106:	Edifício Jaguaribe. Projeto de novembro de 1951. Planta 7º pavimento.	77
Figura 107:	Edifício Jaguaribe. Projeto de novembro de 1951. Planta 8º pavimento.	77
Figura 108:	Edifício Jaguaribe. Projeto de novembro de 1951. Planta 9º pavimento.	77
Figura 109:	Edifício Jaguaribe. Projeto de novembro de 1951. Planta pavimentos pares (10º ao 24º pavimento)	78
Figura 110:	Edifício Jaguaribe. Projeto de novembro de 1951. Planta pavimentos ímpares (11º ao 25º pavimento)	78

Figura 111: Edifício Jaguaribe. Projeto de novembro de 1951. Planta 26º pavimento: <i>playground</i> .	78
Figura 112: Edifício Jaguaribe. Projeto de novembro de 1951. Fachadas norte e leste.	79
Figura 113: Edifício Jaguaribe. Projeto de novembro de 1951. Cortes transversal e longitudinal.	80
Figura 114: Parque Guinle. Fachada do Edifício Bristol. Lúcio Costa (1948).	83
Figura 115: Banco Boavista. Planta do pavimento térreo. Oscar Niemeyer (1946).	83
Figura 116: Obras do Edifício Jaguaribe. Foto tirada em 08 de julho de 1958.	83
Figura 117: Obras do Edifício Jaguaribe. Foto tirada em 1º de outubro de 1958.	83
Figura 118: Obras do edifício Jaguaribe. Ao fundo o Mata-borrão.	83
Figura 119: Edifício Jaguaribe. Fachada leste, Rua Vigário José Inácio.	84
Figura 120: Edifício Jaguaribe. Fachada norte, Av. Sen. Salgado Filho.	84
Figura 121: Edifício Jaguaribe. Fachada leste, Rua Vigário José Inácio.	85
Figura 122: Edifício Jaguaribe. Fachada norte, Av. Sen. Salgado Filho.	85
Figura 123: Edifício Jaguaribe. Trecho da fachada norte à direita do acesso ao Bloco Norte onde a colunata de dupla altura aparece sem interrupção.	87
Figura 124: Edifício Jaguaribe. Fachada Rua Vigário José Inácio: acesso ao bloco leste e sacada do 2º pavimento contornando o foyer.	87
Figura 125: Edifício Jaguaribe. Fachada norte. Esquema dos dois planos que compõe a fachada e o módulo da sacada.	89
Figura 126: Edifício Jaguaribe. Fachada leste. Esquema dos dois planos que compõe a fachada e o módulo da sacada.	90
Figura 127: Edifício Jaguaribe. Fachada Av. Sen. Salgado Filho.	90
Figura 128: Edifício Jaguaribe. Sacadas da fachada norte.	90
Figura 129: Edifício Jaguaribe. Detalhe das sacadas em corte e em vista lateral.	90
Figura 130: Fachadas sul e oeste do Edifício Jaguaribe.	92
Figura 131: Edifício Jaguaribe. Fachada Av. Sen. Salgado Filho.	92
Figura 132: Edifício Jaguaribe. Fachada Rua Vigário José Inácio.	92
Figura 133: Edifício Jaguaribe.	92
Figura 134: Edifício Jaguaribe. Planta do 7º pavimento com a marcação dos pilares e a medida dos intercolúnios.	94
Figura 135: Edifício Jaguaribe. Projeto de março de 1960. Planta do subsolo.	94
Figura 136: Edifício Jaguaribe. Projeto de março de 1960. Planta do pavimento térreo.	95
Figura 137: Edifício Jaguaribe. Projeto de março de 1960. Planta do 2º pavimento.	95

Figura 138: Edifício Jaguaribe. Projeto de março de 1960. Planta do 3º e 4º pavimentos.	96
Figura 139: Edifício Jaguaribe. Projeto de março de 1960. Planta do 5º pavimento.	96
Figura 140: Edifício Jaguaribe. Projeto de março de 1960. Planta do 6º pavimento.	97
Figura 141: Edifício Jaguaribe. Projeto de março de 1960. Planta do 7º pavimento.	97
Figura 142: Edifício Jaguaribe. Projeto de março de 1960. Planta do 8º, 10º, 12º e 14º pavimentos.	98
Figura 143: Edifício Jaguaribe. Projeto de março de 1960. Planta do 9º, 11º e 13º pavimentos.	98
Figura 144: Edifício Jaguaribe. Projeto de março de 1960. Planta do 16º, 18º, 20º, 22º e 24º pavimentos.	99
Figura 145: Edifício Jaguaribe. Projeto de março de 1960. Planta do 15º, 17º, 21º, 23º e 25º pavimentos.	99
Figura 146: Edifício Jaguaribe. Projeto de março de 1960. Planta do 19º pavimento.	100
Figura 147: Edifício Jaguaribe. Projeto de março de 1960. Planta do 26º pavimento.	100
Figura 148: Edifício Jaguaribe. Projeto de março de 1960. Corte longitudinal.	101
Figura 149: Edifício Jaguaribe. Fachada leste, Rua Vigário José Inácio.	102
Figura 150: Edifício Jaguaribe. Fachada norte, Av. Sen. Salgado Filho.	102
Figura 151: Edifício Residencial Irmãos Iochpe. Planta do subsolo.	105
Figura 152: Edifício Residencial Irmãos Iochpe. Planta do pavimento térreo.	105
Figura 153: Pavilhão Suíço, 1930-1932. Le Corbusier.	106
Figura 154: Pavilhão Suíço, 1930-1932. Le Corbusier.	106
Figura 155: Edifício Residencial Irmãos Iochpe. Planta pavimento tipo 1.	107
Figura 156: Edifício Residencial Irmãos Iochpe. Planta pavimento tipo 2.	107
Figura 157: Edifício Esplanada. Planta pavimento térreo (projeto 1952).	108
Figura 158: Edifício Esplanada. Planta pavimento tipo (projeto 1952).	108
Figura 159: Edifício Esplanada.	108
Figura 160: Edifício Esplanada.	108
Figura 161: Edifício Imbal. Aquarela da fachada principal.	111
Figura 162: Edifício Imbal. Fachada lateral do edifício.	112
Figura 163: Edifício Imbal. Planta da sobreloja.	112
Figura 164: Edifício Imbal. Planta do pavimento térreo	112
Figura 165: Edifício Imbal. Planta do 23º pavimento.	113
Figura 166: Edifício Imbal. Planta do pavimento-tipo.	113
Figura 167: Edifício Imbal. Corte transversal.	113

Figura 168: Edifício Imbal. Planta do pavimento térreo com a marcação dos pilares e das linhas de estrutura.	114
Figura 169: Planta do pavimento-tipo. Marcação das linhas de estrutura e das faixas que organizam a planta.	114
Figura 170: SAPI. Mapa da Praia de Imbé. Configuração da malha urbana próxima ao terreno do concurso.	117
Figura 171: SAPI. Foto aérea.	117
Figura 172: SAPI. Explicação do partido geral adotado para o projeto.	117
Figura 173: SAPI. Planta de Situação.	118
Figura 174: SAPI. Esquema de estudo compositivo.	118
Figura 175: SAPI. Perspectiva interna do Salão de Festas.	119
Figura 176: SAPI. Axonométrica do conjunto.	119
Figura 177: SAPI. Planta baixa.	120
Figura 178: Cassino da Pampulha. Planta do térreo.	123
Figura 179: Cassino da Pampulha. Planta do pavimento superior.	123
Figura 180: Esquema compositivo da SAPI.	123
Figura 181: Esquema compositivo do Cassino da Pampulha.	123
Figura 182: SAPI. Fachada Norte do conjunto.	124
Figura 183: SAPI. Fachada Sul do conjunto.	124
Figura 184: SAPI. Fachadas do Projeto Executivo.	125
Figura 185: SAPI. Vista de uma parte da fachada do volume ovalado do salão de festas.	125
Figura 186: SAPI. Vista da fachada sul.	125
Figura 187: SAPI. Vista da fachada oeste.	125
Figura 188: Masi & Cia. Ltda. Planta do pavimento térreo.	127
Figura 189: Masi & Cia. Ltda. Fachada lateral (oeste).	127
Figura 190: Masi & Cia. Ltda. Planta do 2º pavimento térreo.	128
Figura 191: Masi & Cia. Ltda. Corte longitudinal.	128
Figura 192: Masi & Cia. Ltda. Fachada principal.	129
Figura 193: Masi & Cia. Ltda. Fachada principal.	130
Figura 194: Masi & Cia. Ltda. Fachada principal.	130
Figura 195: Masi & Cia. Ltda. Fachada lateral.	130
Figura 196: Unidade Industrial do SOTREQ, 1949. MMM Roberto.	131
Figura 197: Fábrica Duchon, 1950. Oscar Niemeyer.	131
Figura 198: Palácio da Justiça. Proposta apresentada pela equipe “Themis”.	134
Figura 199: Palácio da Justiça. Proposta apresentada pela equipe “Grado”.	134
Figura 200: Palácio da Justiça. Proposta apresentada pela equipe “Arquilex”.	134
Figura 201: Palácio da Justiça. Proposta apresentada pela equipe “Plano Alpha”.	135

Figura 202: Palácio da Justiça. Perspectiva do Palácio da Justiça apresentada no concurso de anteprojetos de 1952.	136
Figura 203: Palácio da Justiça. Fachada Sul. Projeto de 1952.	139
Figura 204: Palácio da Justiça. Fachada Norte. Projeto de 1952.	139
Figura 205: Palácio da Justiça. Fachada Leste. Projeto de 1952.	140
Figura 206: Palácio da Justiça. Fachada Oeste. Projeto de 1952.	140
Figura 207: Palácio da Justiça. Planta do subsolo. Projeto de 1952.	141
Figura 208: Palácio da Justiça. Planta do pavimento térreo. Projeto de 1952.	141
Figura 209: Palácio da Justiça. Planta da galeria. Projeto de 1952.	141
Figura 210: Palácio da Justiça. Planta do 1º pavimento. Direção do Fôro e Juizado de Menores. Projeto de 1952.	142
Figura 211: Palácio da Justiça. Planta do 2º e 3º pavimentos. Cartório e Juízes Criminal e Cível, respectivamente. Projeto de 1952.	142
Figura 212: Palácio da Justiça. Planta do 4º pavimento. Procuradoria Geral do Estado. Projeto de 1952.	142
Figura 213: Palácio da Justiça. Planta do 5º pavimento. Projeto de 1952.	143
Figura 214: Palácio da Justiça. Planta do 6º pavimento. Câmaras Reunidas e Tribunal Pleno. Projeto de 1952.	143
Figura 215: Palácio da Justiça. Planta do 7º pavimento. Bar e Restaurante. Projeto de 1952.	143
Figura 216: Palácio da Justiça. Corte longitudinal. Projeto de 1952.	144
Figura 217: Palácio da Justiça. Corte transversal passando pela circulação central olhando para o Tribunal do Júri. Projeto de 1952.	144
Figura 218: Palácio da Justiça. Corte transversal passando pela circulação central olhando para a entrada. Projeto de 1952.	144
Figura 219: Palácio da Justiça. Perspectiva da entrada com a escada de acesso à Galeria. Projeto de 1952.	145
Figura 220: Palácio da Justiça. Perspectiva do <i>hall</i> com os elevadores ao fundo, o Tribunal do Júri à direita e a entrada e a galeria à esquerda. Projeto de 1952.	145
Figura 221: Palácio da Justiça. Planta do pavimento térreo.	148
Figura 222: Palácio da Justiça. Planta da Galeria.	148
Figura 223: Palácio da Justiça. Planta do 1º pavimento.	149
Figura 224: Palácio da Justiça. Planta do 2º e 3º pavimentos.	149
Figura 225: Palácio da Justiça. Corte longitudinal.	149
Figura 226: Palácio da Justiça. Planta do 4º pavimento.	150
Figura 227: Palácio da Justiça. Planta do 5º pavimento.	150
Figura 228: Palácio da Justiça. Planta do 6º pavimento.	150
Figura 229: Palácio da Justiça. Planta do 7º pavimento.	150
Figura 230: Palácio da Justiça. Perspectiva do edifício.	151

Figura 231: Palácio da Justiça. Modelo em gesso da Deusa Themis, de Fernando Corona para a maquete do concurso.	151
Figura 232: Palácio da Justiça. Esboço da escultura da Deusa.	151
Figura 233: Palácio da Justiça. Aspecto do edifício antes da reforma.	152
Figura 234: Palácio da Justiça. Aspecto do edifício atualmente.	152
Figura 235: Perspectiva do edifício da Santa Casa de Caridade de Bagé.	154
Figura 236: Santa Casa de Caridade de Bagé. Croqui demarcando as antigas instalações à esquerda do eixo, em amarelo e o local de implantação do novo bloco à direita do eixo, em vermelho.	155
Figura 237: Santa Casa de Caridade de Bagé. Implantação do novo bloco hospitalar.	155
Figura 238: Santa Casa de Caridade de Bagé. Planta do pavimento térreo dos três blocos: hospitalização, pronto socorro e serviços.	157
Figura 239: Santa Casa de Caridade de Bagé. Planta do subsolo do bloco de serviços.	157
Figura 240: Santa Casa de Caridade de Bagé. Diagrama mostrando a circulação de pacientes, médicos, visitantes e serviços.	158
Figura 241: Santa Casa de Caridade de Bagé. Planta do 3º pavimento.	158
Figura 242: Santa Casa de Caridade de Bagé. Planta do 4º pavimento.	159
Figura 243: Santa Casa de Caridade de Bagé. Corte transversal ao bloco de hospitalização e ao bloco de serviços.	159
Figura 244: Santa Casa de Caridade de Bagé. Fachada leste.	160
Figura 245: Santa Casa de Caridade de Bagé. Fachada norte.	161
Figura 246: Esboço para a Colônia de Férias Francis Pelichek, da autoria do professor Fernando Corona.	163
Figura 247: Núcleo de Férias do IBA. Planta alta.	164
Figura 248: Núcleo de Férias do IBA. Planta baixa.	164
Figura 249: Clube do Professor Gaúcho, 1966. Projeto de Moacyr Moojen Marques e João José Vallandro.	166
Figura 250: Edifício FAM, 1967. Projeto de Carlos Maximiliano Fayet, Cláudio Luiz Gomes Araújo e Moacyr Moojen Marques.	167
Figura 251: Residências Ivo Louro e Pelegrin Figueiras. Fachada principal.	168
Figura 252: Residência Ivone Louro e Pelegrin Figueiras. Planta do pavimento térreo.	169
Figura 253: Residência Ivone Louro e Pelegrin Figueiras. Planta do pavimento superior.	170
Figura 254: Residência Pelegrin Figueiras. Jardim interno.	172
Figura 255: Residência Pelegrin Figueiras. Pannel de tijolos de vidro na entrada social.	172
Figura 256: Residência Pelegrin Figueiras. Setor social com diversos ambientes.	172

Figura 257: Residência Pelegrin Figueiras. Sala de jantar com o jardim interno à direita.	172
Figura 258: Residência Ivone Louro. Corredor lateral de acesso ao <i>hall</i> social.	172
Figura 259: Residência Ivone Louro. <i>Hall</i> social.	172
Figura 260: Residência Ivone Louro. Setor social com diversos ambientes.	173
Figura 261: Residência Ivone Louro. Setor social.	173
Figura 262: Residência Ivone Louro e Pelegrin Figueiras. Fachada Av. Cristóvão Colombo.	173
Figura 263: Residência do Arquiteto. Implantação.	174
Figura 264: Residência do Arquiteto. Foto da fachada principal.	175
Figura 265: Residência do Arquiteto. Foto atual da fachada principal.	175
Figura 266: Residência do Arquiteto. Fachada principal.	175
Figura 267: Residência do Arquiteto. Fachada principal. Painel de madeira que contem os acessos de serviço, social e da garagem.	176
Figura 268: Residência do Arquiteto. Vista do <i>hall</i> a partir da sala-de-estar.	176
Figura 269: Residência do Arquiteto. Vista do jardim social a partir da sala-de-estar.	176
Figura 270: Residência do Arquiteto. Vista da sala-de-estar, do jardim social e do <i>hall</i> .	176
Figura 271: Residência do Arquiteto. Vista da sala de jantar, do jardim de inverno, da circulação e do gabinete ao fundo a partir da sala-de-estar.	176
Figura 272: Residência do Arquiteto. Planta baixa.	177
Figura 273: Residência do Arquiteto. Corte longitudinal.	177
Figura 274: Residência do Arquiteto. Atual planta baixa da residência.	178
Figura 275: Residência do Arquiteto. Corte transversal passando pelo jantar e pela cozinha.	178
Figura 276: Residência do Arquiteto. Vista do jardim de inverno e da circulação.	180
Figura 277: Residência do Arquiteto. Vista a partir do gabinete.	180
Figura 278: Residência do Arquiteto. Iluminação e ventilação do gabinete.	180
Figura 279: Residência do Arquiteto. Vista do jardim íntimo.	180
Figura 280: Residência Natal Silva. Fachada principal.	181
Figura 281: Residência Natal Silva. Fachada principal.	181
Figura 282: Residência Natal Silva. Planta baixa.	182
Figura 283: Residência Natal Silva. Fachada principal.	182
Figura 284: Residência Haroldo Dias Paiva. Fachada principal.	183
Figura 285: Residência Haroldo Dias Paiva. Planta baixa.	185
Figura 286: Residência Haroldo Dias Paiva. Fachada principal.	185
Figura 287: Residência Haroldo Dias Paiva. Jardim interno coberto por pérgola.	185

Figura 288: Residência Haroldo Dias Paiva. Fachada principal.	185
Figura 289: Residência Ronald Ely. Planta do pavimento principal.	187
Figura 290: Residência Ronald Ely. Planta do pavimento inferior.	188
Figura 291: Residência Ronald Ely. Fachada principal.	188
Figura 292: Residência Ronald Ely. Fachada principal.	190
Figura 293: Residência Ronald Ely. Fachada noroeste.	190
Figura 294: Residência Ronald Ely. Fachada nordeste.	190
Figura 295: Residência Hélio Roca Bragança. Planta do 1º térreo.	192
Figura 296: Residência Hélio Roca Bragança. Fachada Lateral.	193
Figura 297: Residência Hélio Roca Bragança. Entrada social.	193
Figura 298: Residência Hélio Roca Bragança. Entrada social delimitada pelos muros altos e coberta por pérgola.	193
Figura 299: Residência Hélio Roca Bragança. <i>Hall</i> social.	193
Figura 300: Residência Hélio Roca Bragança. <i>Hall</i> social.	193
Figura 301: Residência Hélio Roca Bragança. <i>Hall</i> social.	193
Figura 302: Residência Hélio Roca Bragança. Planta do 2º térreo.	194
Figura 303: Residência Hélio Roca Bragança. Fachada Rua Vicente de Carvalho.	194
Figura 304: Residência Hélio Roca Bragança. Jardim interno do setor íntimo.	195
Figura 305: Residência Hélio Roca Bragança. Setor social visto a partir do patamar da escadaria.	195
Figura 306: Residência Hélio Roca Bragança. Corredor de ligação entre setor social e íntimo.	195
Figura 307: Residência Hélio Roca Bragança. Estar do setor social.	195
Figura 308: Residência Hélio Roca Bragança. O bar visto a partir da sala de estar setor social e sala de jantar ao fundo.	195
Figura 309: Residência Hélio Roca Bragança. O bar com a sala de estar ao fundo.	195
Figura 310: Residência Hélio Roca Bragança. Sala de Jantar.	195
Figura 311: Residência Hélio Roca Bragança. Pátio coberto com churrasqueira.	195
Figura 312: Residência Hélio Roca Bragança. Fachada principal.	196
Figura 313: Residência Hélio Roca Bragança. Fachada principal.	196
Figura 314: Residência Hélio Roca Bragança. Fachada principal.	196
Figura 315: Edifício Bento Gonçalves. Planta do subsolo.	198
Figura 316: Edifício Bento Gonçalves. Planta do pavimento térreo.	198
Figura 317: Edifício Bento Gonçalves. Planta pavimento tipo.	200
Figura 318: Edifício Bento Gonçalves. Planta da cobertura.	200
Figura 319: Edifício Bento Gonçalves.	201

Figura 320: Edifício Bento Gonçalves. Aquarela de estudo de fachada feita por Luís Fernando Corona.	201
Figura 321: Edifício Bento Gonçalves. Fachada Norte.	201
Figura 322: Edifício Bento Gonçalves. Fachada Oeste.	201
Figura 323: Edifício-sede da Companhia Telefônica Riograndense em 29 de junho de 1934 (no mesmo local onde está a CRT atualmente), quando da passagem do dirigível Graf-Zeppelin por Porto Alegre.	202
Figura 324: Edifício CRT. Planta de situação.	204
Figura 325: Vista do Edifício CRT (Bloco A) e seu entorno.	204
Figura 326: Edifício CRT. Bloco A: Área de atendimento ao público – 2º térreo. Setembro de 1971. Painel mural de Clébio Sória.	206
Figura 327: Edifício CRT. Planta 1º térreo. Anteprojeto. Maio de 1964.	207
Figura 328: Edifício CRT. Planta 2º térreo. Anteprojeto. Maio de 1964.	207
Figura 329: Edifício CRT. Planta mezanino. Anteprojeto. Maio de 1964.	208
Figura 330: Edifício CRT. Fachada Av. Salgado Filho, Fachada Av. Borges de Medeiros e Corte Longitudinal. Anteprojeto. Maio de 1964.	209
Figura 331: Edifício CRT. Base da fachada norte alinhada com trecho da planta do 2º térreo evidenciando as entradas recuadas e o fechamento junto ao alinhamento.	210
Figura 332: Edifício CRT. Detalhe das lajes em balanço revestidas em pastilhas brancas sombreando o plano de vidro recuado e a trama metálica preta do quebra sol aplicada sobre as lajes.	212
Figura 333: Edifício CRT. Planta 1º pavimento. Anteprojeto. Maio de 1964.	213
Figura 334: Edifício CRT. Planta 2º pavimento. Anteprojeto. Maio de 1964.	213
Figura 335: Edifício CRT. Planta 3º e 4º pavimentos. Anteprojeto. Maio de 1964.	214
Figura 336: Edifício CRT. Planta 5º ao 14º pavimentos. Anteprojeto. Maio de 1964.	214
Figura 337: Edifício CRT. Planta 15º pavimento. Anteprojeto. Maio de 1964.	215
Figura 338: Perspectiva do Edifício CRT.	216
Figura 339: Edifício CRT. Bloco A concluído.	216
Figura 340: Edifício CRT. Planta do 2º térreo.	217
Figura 341: Edifício CRT. Planta do mezanino.	217
Figura 342: Edifício CRT. Planta do pavimento-tipo (9º ao 16º pavimento).	217
Figura 343: Edifício CRT. Planta 1º térreo. Projeto. Março de 1972.	219
Figura 344: Edifício CRT. Planta 2º térreo. Projeto. Março de 1972.	219
Figura 345: Edifício CRT, acesso pela Avenida Borges de Medeiros.	220
Figura 346: Edifício CRT, acesso pela Avenida Salgado Filho.	220
Figura 347: Edifício CRT, Avenida Salgado Filho esquina com a Rua Mal Floriano Peixoto.	220

Figura 348: Edifício CRT. Esquema ilustrando os fechamentos murais e envidraçados da base (Esquina Av. Borges de Madeiros e Av. Salgado Filho).	220
Figura 349: Edifício CRT. Planta do Mezanino. Projeto. Março de 1972.	221
Figura 350: Edifício CRT. Planta 3º pavimento. Projeto. Março de 1972.	222
Figura 351: Edifício CRT. Esquema mostrando os três planos: cortina metálica, pele de vidro e pilares.	222
Figura 352: Edifício CRT. Detalhe da fachada dos três pavimentos reservados aos equipamentos.	223
Figura 353: Esquema de uma parte da fachada mostrando o fechamento mural e a linha da estrutura.	223
Figura 354: Edifício CRT. Planta 5º, 6º e 7º pavimentos. Projeto. Março de 1972.	223
Figura 355: Edifício CRT. Planta 8º ao 14º pavimentos. Projeto. Março de 1972.	224
Figura 356: Edifício CRT. Planta 15º pavimento. Projeto. Março de 1972.	224
Figura 357: Edifício CRT. Planta 16º pavimento. Projeto. Março de 1972.	225
Figura 358: Edifício CRT, maquete do projeto de 1972 com o fechamento do 15º pavimento e de um trecho do 16º.	226
Figura 359: Edifício CRT, bloco construído.	226
Figura 360: Edifício CRT. Planta 17º pavimento. Projeto. Março de 1972.	226
Figura 361: Edifício CRT logo após a conclusão do Bloco B.	227
Figura 362: Edifício CRT visto à noite. A iluminação interna revela os planos envidraçados	227
Figura 363: Edifício CRT hoje.	227
Figura 364: Edifício CRT. Fachada Rua Mal. Floriano Peixoto (leste), Fachada Av. Salgado Filho (norte) e Fachada Av. Borges de Medeiros (oeste).	228
Figura 365: Edifício CRT. Corte transversal. Projeto. Março de 1972.	229
Figura 366: Edifício IRB. Fachada norte.	233
Figura 367: Edifício Seguradoras.	233
Figura 368: Edifício Marquês do Herval.	233
Figura 369: Estação Rodoviária de Porto Alegre, 1969. Projeto de Elyseu Victor Mascarello.	235
Figura 370: Planetário da UFRGS, 1971. Projeto de Fernando Gonzalez e Walter Bered.	235
Figura 371: Central de Abastecimento de Porto Alegre – CEASA, 1970. Projeto de Carlos Maximiliano Fayet, Cláudio Luiz Gomes Araújo e Carlos Eduardo Dias Comas.	235
Figura 372: Centro Administrativo do Estado, 1972. Projeto de Charles René Hugaud, Ivânio Fontoura, Leopoldo Constanzo e Luís Carlos Macchi Silva.	235

Figura 373: Residência Selso Manfessoni, 1972. Projeto de Selso Manfessoni.	236
Figura 374: Agência Moinhos de Vento da Caixa Econômica Federal, 1973. Projeto de César Dorfman e Edenor Buchholz.	236
Figura 375: Agência Independência da Caixa Econômica Federal, 1973. Projeto de César Dorfman e Edenor Buchholz.	236
Figura 376: Edifício-Sede das Juntas do Tribunal do Trabalho, 1974. Projeto de Emil Bered, José Antônio Vieira, Maria Helena Bered e Walter Bered.	237
Figura 377: Edifício IBM, 1971. Projeto de João Carlos Paiva da Silva e Paulo Roberto Almeida.	237
Figura 378: Casa da Praia. Implantação.	238
Figura 379: Casa da Praia. Planta baixa.	239
Figura 380: Casa da Praia. Fachada Leste.	240
Figura 381: Casa da Praia. Corte Longitudinal passando pelo estar e dormitórios.	240
Figura 382: Casa da Praia. Fachada Principal conforme o projeto de 1970.	240
Figura 383: Casa da Praia. Fachada Principal construída.	240
Figura 384: Casa da Praia. Corte Transversal passando pela cozinha, estar e terraço coberto.	240
Figura 385: Casa da Praia. Fachada Norte.	242
Figura 386: Casa da Praia. Fachada Oeste.	242
Figura 387: Casa da Praia. Fachada Norte e Leste	242
Figura 388: Casa da Praia. Fachada Oeste.	242
Figura 389: Casa da Praia. Fachada Principal.	242
Figura 390: Casa da Praia. Mural de autoria de Fernando Corona.	242
Figura 391: Residência Liorne Martine Luzzato. Planta do pavimento superior.	244
Figura 392: Residência Liorne Martine Luzzato. Planta do pavimento térreo.	244
Figura 393: Foto da Residência Liorne Martine Luzzato.	244
Figura 394: Desenho da fachada da Residência Liorne Martine Luzzato.	244
Figura 395: Residência Darwin Longoni. Planta do subsolo.	245
Figura 396: Residência Darwin Longoni. Planta do pavimento térreo.	246
Figura 397: Residência Darwin Longoni. Fachada Rua Duque de Caxias.	248
Figura 398: Residência Darwin Longoni. Fachada Rua La Salle.	248
Figura 399: Residência Darwin Longoni. Fachada Rua La Salle após a reforma para abrigar a galeria de arte.	248
Figura 400: Residência Darwin Longoni. Setor íntimo visto a partir do jantar. O revestimento cerâmico é o mesmo que havia no muro externo, na fachada da Rua La Salle.	248
Figura 401: Perspectiva da Capela de Passo Real.	249
Figura 402: Capela de Passo Real. Planta baixa.	250

Figura 403: Capela de Passo Real. Fachada Oeste.	251
Figura 404: Capela de Passo Real. Fachada Sul.	251
Figura 405: Palácio Itamaraty, 1962.	252
Figura 406: Sede da Editora Mondadori, 1968.	252
Figura 407: Capela de Passo Real. Prancha do Anteprojeto.	252
Figura 408: Vista aérea do conjunto.	253
Figura 409: Pórtico de acesso.	254
Figura 410: Pórtico de acesso.	254
Figura 411: Sede Campestre do Clube do Professor Paranaense. Implantação.	256
Figura 412: Sede Campestre do Clube do Professor Paranaense. Planta do pavimento principal.	257
Figura 413: Sede Campestre do Clube do Professor Paranaense. Planta do pavimento inferior.	258
Figura 414: Sede Campestre do Clube do Professor Paranaense. Planta do pavimento inferior ao nível das piscinas.	259
Figura 415: Sede Campestre do Clube do Professor Paranaense. Fachada Principal.	260
Figura 416: Sede Campestre do Clube do Professor Paranaense. Fachada posterior.	260
Figura 417: Sede Campestre do Clube do Professor Paranaense. Corte Longitudinal passando pelo salão de festas e pelo restaurante.	260
Figura 418: Sede Campestre do Clube do Professor Paranaense. Corte Transversal passando pelo restaurante.	261
Figura 419: Sede Campestre do Clube do Professor Paranaense. Corte Transversal passando pelo salão de festas.	261
Figura 420: Sede Campestre do Clube do Professor Paranaense. Planta baixa da Residência do Zelador.	261
Figura 421: Sede Campestre do Clube do Professor Paranaense. Perspectiva da Residência do Zelador.	261
Figura 422: Sede Campestre do Clube do Professor Paranaense. Planta baixa da Churrascaria.	262
Figura 423: Sede Campestre do Clube do Professor Paranaense. Perspectiva da Churrascaria.	262
Figura 424: Sede Campestre do Clube do Professor Paranaense. Churrascaria.	262
Figura 425: Sede Campestre do Clube do Professor Paranaense. Churrascaria.	262
Figura 426: Sede Campestre do Clube do Professor Paranaense. Perspectiva do Salão de Festas.	263
Figura 427: Sede Campestre do Clube do Professor Paranaense. Perspectiva do Restaurante.	263

Figura 428: Sede Campestre do Clube do Professor Paranaense. Perspectiva da entrada.	263
Figura 429: Guaíba Country Club. Pórtico de entrada da sede social do Clube.	264
Figura 430: Guaíba Country Club. Fachada do edifício-sede.	264
Figura 431: Guaíba Country Club. Fachada do edifício-sede.	264
Figura 432: Guaíba Country Club. Acesso coberto ao edifício-sede que antecede o vestíbulo.	264
Figura 433: Guaíba Country Club. Acesso coberto ao edifício-sede que antecede o vestíbulo.	264
Figura 434: Guaíba Country Club. Vestíbulo de acesso.	265
Figura 435: Guaíba Country Club. Vestíbulo de acesso.	265
Figura 436: Guaíba Country Club. Jardim interno pergolado.	265
Figura 437: Guaíba Country Club. Jardim inverno ao lado do vestíbulo de acesso.	265
Figura 438: Guaíba Country Club. Vista da passagem que dá acesso ao restante do edifício.	267
Figura 439: Guaíba Country Club. Vista da lareira a partir da entrada.	267
Figura 440: Guaíba Country Club. Vista do outro lado da parede de elementos vazados.	267
Figura 441: Guaíba Country Club. Vista do jardim interno no bar.	267
Figura 442: Guaíba Country Club. Vista do salão do restaurante.	267
Figura 443: Guaíba Country Club. Vista do estar e da lareira a partir do salão do restaurante.	267
Figura 444: Guaíba Country Club. Anteprojeto. Planta do pavimento principal.	268
Figura 445: Guaíba Country Club. Corte transversal à fachada principal.	269
Figura 446: Guaíba Country Club. Corte transversal à fachada principal.	269
Figura 447: Guaíba Country Club. Fachada Lateral.	269
Figura 448: Guaíba Country Club. Corte transversal à fachada lateral.	269
Figura 449: Guaíba Country Club. Fachada Principal.	269
Figura 450: Guaíba Country Club. Planta do pavimento principal atualizada pela autora conforme a prancha contendo os cortes e as fachadas.	270
Figura 451: Guaíba Country Club. Fachada voltada para o lago.	271
Figura 452: Guaíba Country Club. Fachada lateral com frente para as piscinas.	271
Figura 453: Guaíba Country Club. Fachada lateral com frente para as piscinas.	271
Figura 454: Guaíba Country Club. Fachada lateral com frente para as piscinas.	271
Figura 455: Guaíba Country Club. Vista das piscinas.	272

Figura 456: Guaíba Country Club. Fachada dos vestiários e do bar do lago.	272
Figura 457: Guaíba Country Club. Fachada dos vestiários e do bar do lago.	272
Figura 458: Guaíba Country Club. Vista interna do bar do lago.	272
Figura 459: Elementos do repertório carioca no projeto do edifício Jaguaribe.	275
Figura 460: Elementos do repertório carioca no projeto da sede da SAPI.	275
Figura 461: Residência Darwin Longoni.	276
Figura 462: Pavimento-tipo do edifício Jaguaribe.	276

LISTA DE ABREVIATURAS

arq.: arquiteto

av.: avenida

Mal.: Marechal

prof.: professor

sr.: senhor

sra.: senhora

m.: metro

cm.: centímetro

LISTA DE SIGLAS

ABI – Associação Brasileira de Imprensa
CPOR – Centro de Preparação de Oficiais da Reserva
CRT – Companhia Riograndense de Telecomunicações
ENBA – Escola Nacional de Belas Artes
FA-UFRGS – Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
FAUUSP - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo
FNA – Faculdade Nacional de Arquitetura
IA-UFRGS – Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
IAB – Instituto de Arquitetos do Brasil
IBA – Instituto de Belas Artes
IPASE - Instituto de Previdência a Assistência dos Servidores do Estado
IPE – Instituto de Previdência do Estado
IRB – Instituto de Resseguros do Brasil
MESP – Ministério de Educação e Saúde Pública
PMPA – Prefeitura Municipal de Porto Alegre
PROPAR – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura
REFAP – Refinaria Alberto Pasqualini
RS – Rio Grande do Sul
SAPI – Sociedade Amigos da Praia do Imbé
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNIRITTER – Centro Universitário Ritter dos Reis
UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos
VFRGS – Viação Férrea do Rio Grande do Sul

ANEXO A: RELAÇÃO DAS OBRAS LEVANTADAS

- 1948 Mercado Público
- 1948 Edifício São Francisco
- 1949 Residência para Porto Alegre
- 1951 Residências Banco Lar Brasileiro
- 1951 Residência Eugenio Noes
- 1951 Edifício Jaguaribe
- 1951 Edifício Irmãos Iochpe
- 1951 SAPI – Sociedade Amigos da Praia de Imbé
- 1951 Fábrica de Sabonetes e perfumarias Masi & Cia. Ltda.
- 1952 Residência Cândido Norberto
- 1952 Residência Samuel Madureira Coelho
- 1952 Palácio da Justiça
- 1954 Residência Manoel Quintanilha
- 1954 Santa Casa de Caridade de Bagé
- 1954 Casa do Artista Rio-Grandense
- 1955 Núcleo de Férias do IBA
- 1956 Conjunto Residencial para Funcionários do IPASE
- 1958 Edifício de apartamentos com garagem no pavimento
- 1958 Pré-Plano Urbanístico de Panambi
- 195? Residência A. Barreto
- 195? Residência J. C. Duarte
- 1961 Residências Ivone Louro e Pelegrin Figueras
- 1961 Edifício Bento Gonçalves
- 1962 Residência do Arquiteto
- 1964 Residência Natal Silva
- 1964 Residência Haroldo Dias Paiva
- 1964 CRT
- 1965 Residência Ronald Ely
- 1968 Residência Hélio Roca Bragança
- 1970 Casa da Praia
- 1970 Capela de Passo Real
- 1971 Sede Campestre do Clube do Professor Paranaense
- 1973 Residência Liorne Martine Luzzato
- 1974 Residência Darwin Longoni
- 1975 Guaíba Country Club

ANEXO B: FICHA CATALOGRÁFICA DOS PROJETOS LEVANTADOS

**Projeto Acadêmico - Mercado - 3º ano Arquitetura IBA
Prof. Demétrio Ribeiro**

Localização:

Arquiteto: Luís Fernando Corona.

Uso: comercial

Proprietário:

Construtora:

Data do projeto: 1948

Data de construção:

Número de pavimentos: 01

Área aproximada:

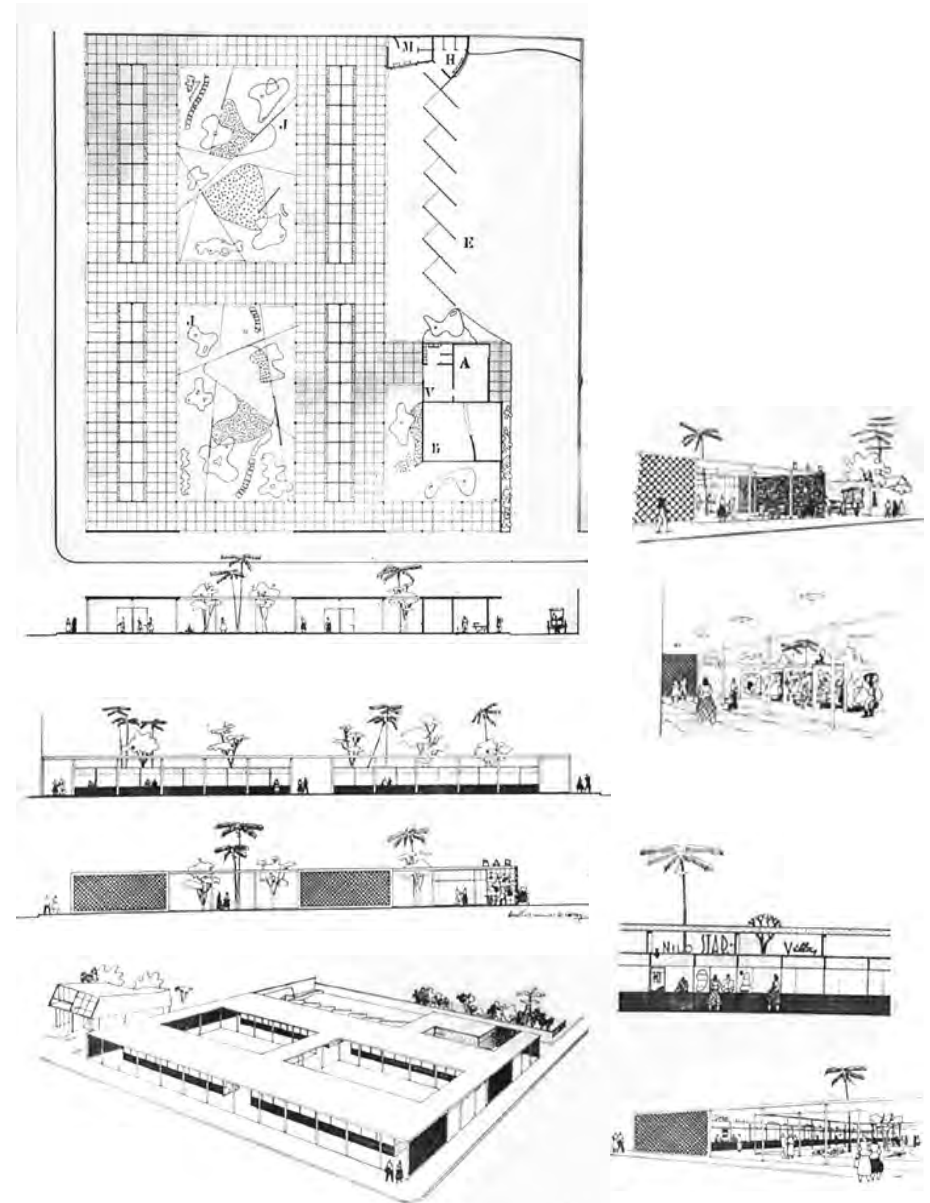
Situação:

Bibliografia:

1. Revista Espaço n.2, ano 1948.

Fontes:

Levantamento:



Edifício São Francisco

Localização: Praça Dom Feliciano nº15, esquina Rua dos Andradas, Porto Alegre/RS

Arquiteto: Fernando Corona e Luís Fernando Corona

Uso: térreo comercial e torre residencial

Proprietário: Sr. Sady Lopes Maisonnave

Construtora: Willi Paul S.A.

Data do projeto: 1948

Data de construção: 1965-1969 (conclusão do 4° ao 9° pavimento)

Número de pavimentos: térreo + 08 pavimentos

Área aproximada: 2.036,25m²

Situação: construído

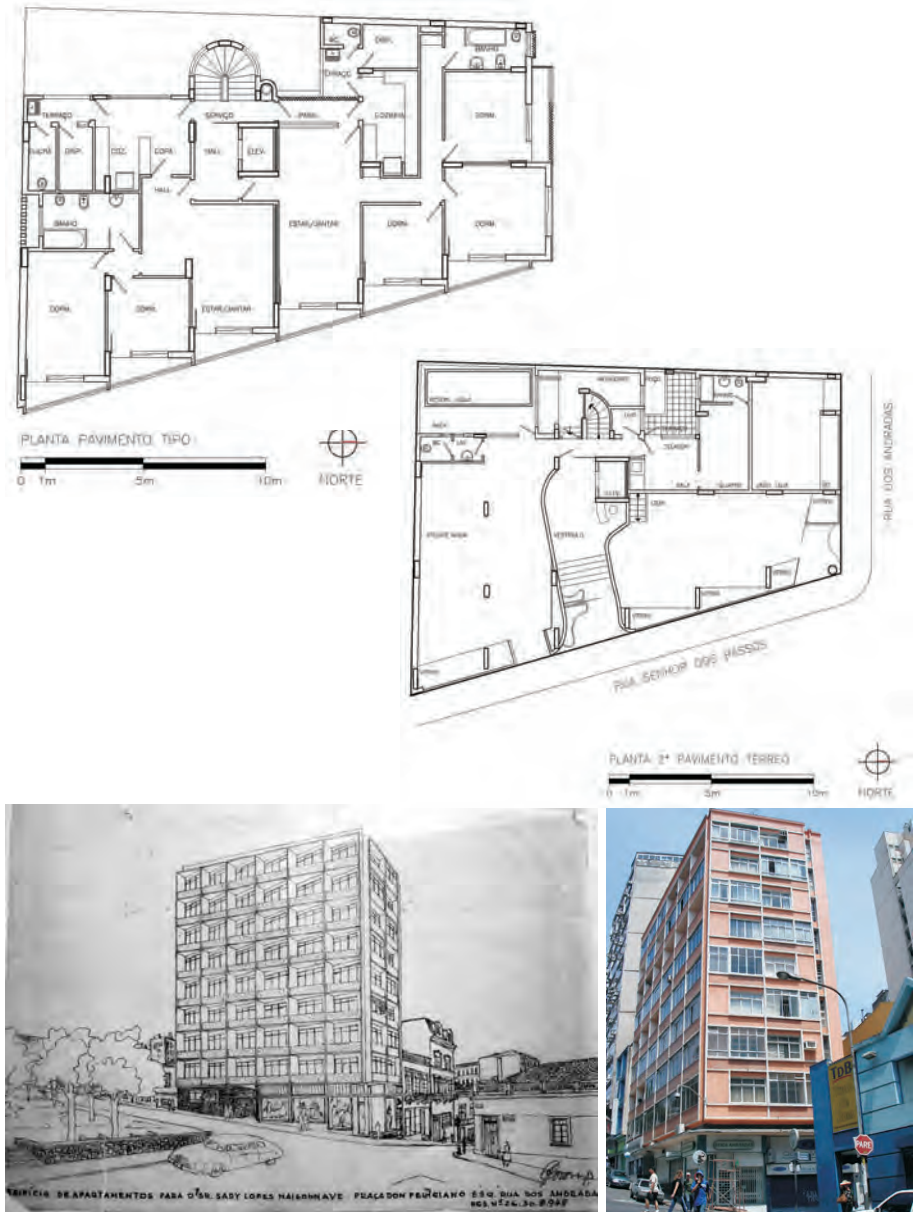
Bibliografia:

Fontes:

1. Arquivo IA - Acervo Fernando Corona
2. Acervo SMOV

Levantamento:

1. Perspectiva data de 30.08.1948. Arquivo IA - Acervo Fernando Corona.
2. Projeto de Prefeitura: plantas, cortes e fachadas
3. Fotos



Residência para Porto Alegre

Localização: Porto Alegre/RS.
Arquiteto: Luís Fernando Corona
Uso: residencial
Proprietário:
Construtora:
Data do projeto: 1949
Data de construção:
Número de pavimentos:
Área aproximada:
Situação: não-construído

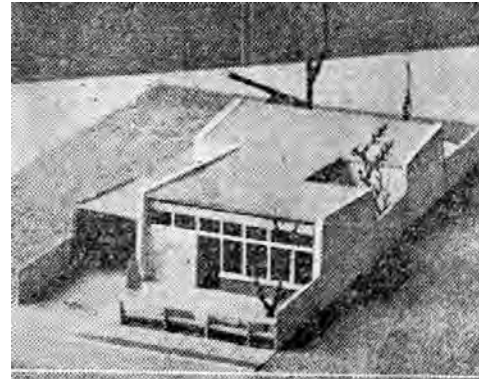
Bibliografia:

Fontes:

1. RESIDENCIA para Porto Alegre. **Correio do Povo**, Porto alegre, 29 nov. 1949, p.9.
2. Acervo Sra. Magali Corona.

Levantamento:

1. Foto da Maquete.
2. Catálogo da Exposição Coletiva.



Residência para Porto Alegre Na “Exposição Coletiva”, inaugurada há dias no auditório do “Correio do Povo”, destacam-se, entre outros trabalhos de inquestionável mérito, os projetos de residência apresentados pelo jovem Luís Fernando Corona, aluno do Curso de Arquitetura do Instituto de Belas Artes. A foto acima mostra-nos a maquete de um dos seus três trabalhos, os quais nos revelam um artista de inspiração e técnica apuradas. Esse projeto, além de sua beleza plástica, atinge plenamente o objetivo que é da arquitetura moderna de bem aproveitar os recursos de construção atualmente disponíveis, tendo em vista o maior conforto dos moradores da futura residência. É alentador verificar que nosso Curso de Arquitetura já iniciou seu papel histórico de renovar o panorama residencial da cidade, pela feitura de projetos de construção de concepção contemporânea, isto é, livres do apego teimoso a fórmulas de há muito superadas.

RESIDENCIA para Porto Alegre. Correio do Povo, Porto alegre, 29 nov. 1949, p.9,



LUIS FERNANDO CORONA



50 - RESIDENCIA PARA SANTA CRUZ - 1 PRANDIA
E MAGUETE
51 - RESIDENCIA PARA PORTO ALEGRE - 1 PRANDIA
E MAGUETE
52 - RESIDENCIA PARA PORTO ALEGRE - PRANDIA



Residência Banco Lar Brasileiro

Localização: Rua Eça de Queiroz n948, esquina Rua Itaboraí.
Porto Alegre/RS.

Arquiteto: Luís Fernando Corona, Emil Bered e Salomão Kruchin

Uso: residencial

Proprietário: Banco Lar Brasileiro

Construtora: Lubianca e Cia LTDA

Data do projeto: 1951

Data de construção:

Número de pavimentos: 02 (subsolo com garagem e térreo)

Área aproximada: 144,43m²

Situação: construído

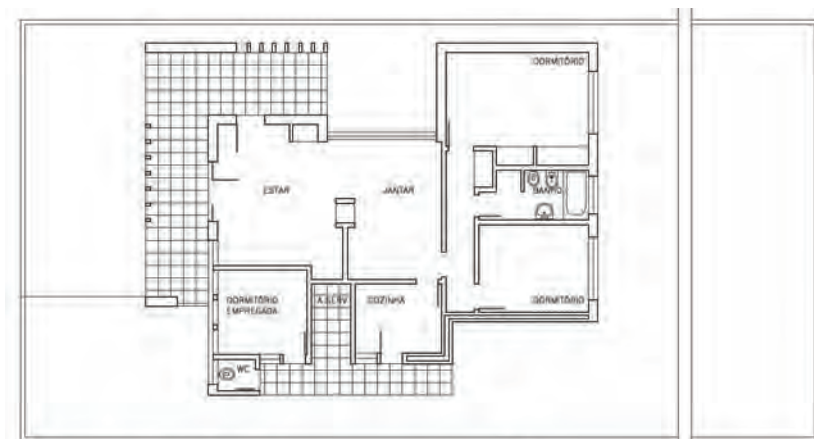
Bibliografia:

Fontes:

1. Arquivo Municipal. Processo: 37.760/51. Microfilme.
2. Pesquisa da Unisinos, professora Eneida Ripoll Stroher.

Levantamento:

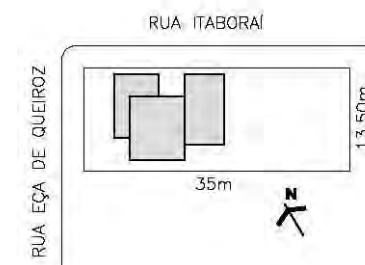
1. Plantas, cortes, fachadas. Redesenhos da Autora.
2. Perspectivas eletrônicas do acadêmico Jonatan Zillmer.
3. Fotos da Autora



PLANTA PAVIMENTO TÉRREO



PLANTA SUBSOLO



Residência Banco Lar Brasileiro

Localização: Rua Rivera n39. Porto Alegre/RS.

Arquiteto: Luís Fernando Corona, Emil Bered e Salomão Kruchin

Uso: residencial

Proprietário: Banco Lar Brasileiro

Construtora: Lubianca e Cia LTDA

Data do projeto: março de 1951

Data de construção:

Número de pavimentos: 02

Área aproximada: 128,55m²

Situação: construído

Bibliografia:

Fontes:

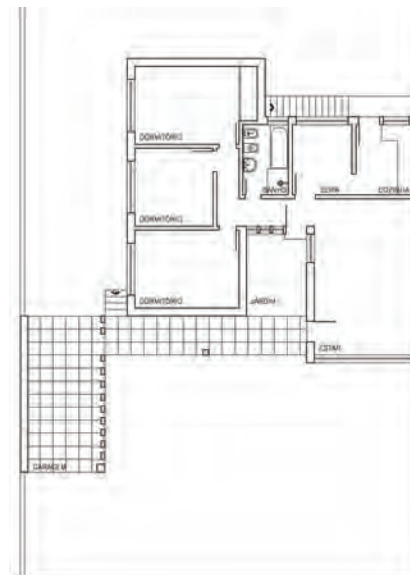
1. Arquivo Municipal. Processo: 01.17180.61.9. Microfilme.

Levantamento:

1. Planta de situação e localização, planta do térreo e do subsolo, cortes, fachadas. Redesenhos da Autora.

Observações:

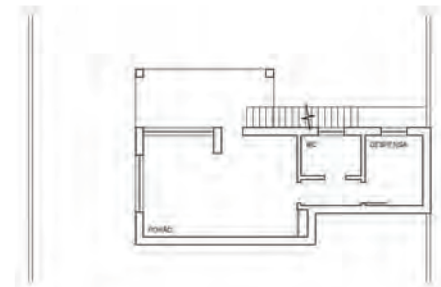
1. Foi ampliada. Projeto de Moacyr Moojen Marques



RUA RIVERA



PLANTA PAVIMENTO TÉRREO



PLANTA PAVIMENTO INFERIOR



FACHADA RUA RIVERA

Residência Banco Lar Brasileiro

Localização: Rua Itaboraí n08, esq. Eça de Queiroz e Rua Itaboraí n28.
Porto Alegre/RS.

Arquiteto: Luís Fernando Corona, Emil Bered e Salomão Kruchin

Uso: residencial

Proprietário: Banco Lar Brasileiro

Construtora: Lubianca e Cia LTDA

Data do projeto: 1951

Data de construção:

Número de pavimentos: 01

Área aproximada: 295,33m²

Situação: construído

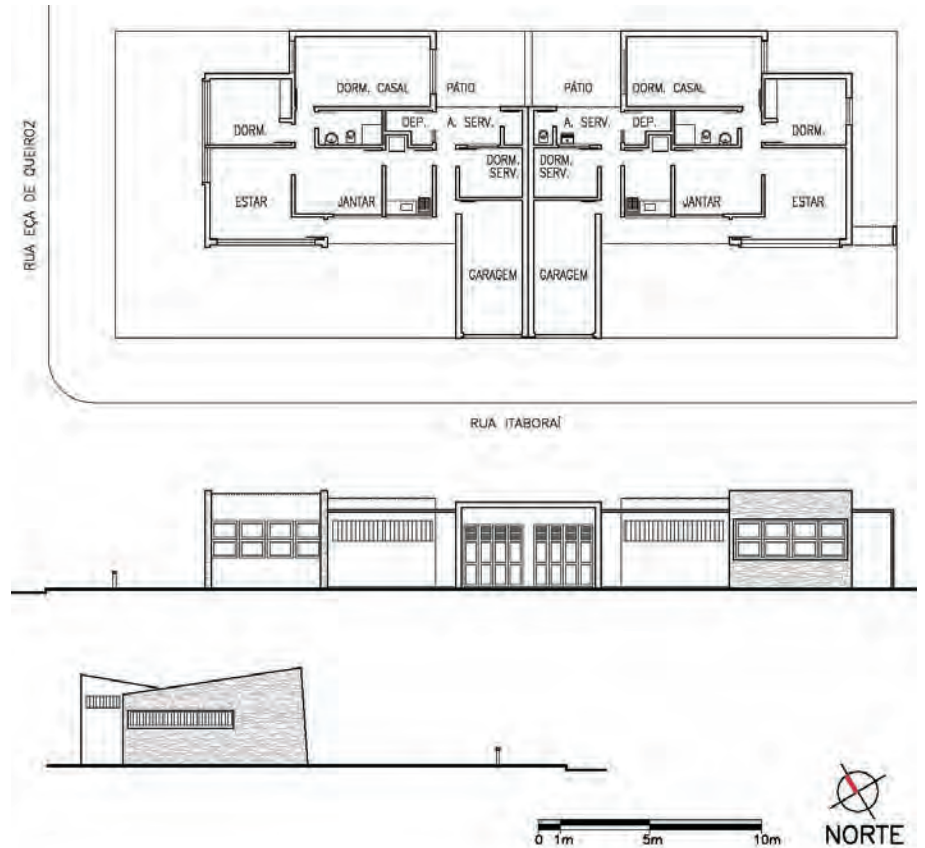
Bibliografia:

Fontes:

1. Arquivo Municipal. Processo: 37.762/51. Microfilme.
2. Acervo do sr. Renato Hoff Rocha.

Levantamento:

1. Planta de situação e localização, cortes e fachadas. Redesenhos da Autora.
2. Planta baixa. Redesenho da Autora.
3. Fotos da Autora.



Residência Cândido Norberto

Localização: Av. Praia de Belas n1380, esquina Av. Bastian.
Porto Alegre/RS.

Arquiteto: Luís Fernando Corona e Carlos Maximiliano Fayet

Uso: residencial

Proprietário: Sr. Cândido Norberto dos Santos

Construtora: Toigo & Cia Ltda

Data do projeto: 1952

Data de construção: 1952-1953

Número de pavimentos: 01

Área aproximada: 208,40m²

Situação: construído

Bibliografia:

1. XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 1987. p.98-99.

Fontes:

1. Arquivo Municipal. 251/35mm. Processo 001.049404.52. Microfilme.

Levantamento:

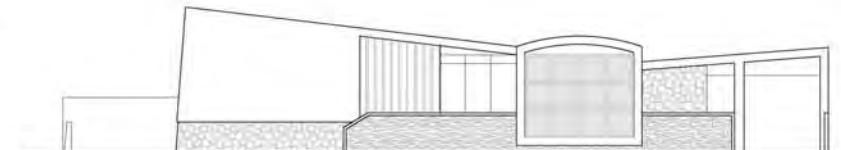
1. Planta, cortes, fachadas. Redesenhos da Autora.

Observação:

1. Nas plantas encontradas no arquivo público o nome do arquiteto Fayet consta no selo como colaborador.

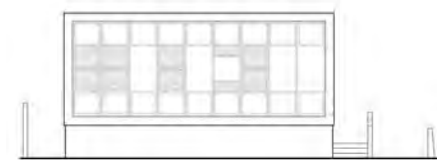


PLANTA BAIXA



FACHADA AV. PRAIA DE BELAS

0 1m 5m 10m



FACHADA AV. BASTIAN

0 1m 5m 10m

Residência Samuel Madureira Coelho

Localização: Av Praia de Belas, n1400. Porto Alegre/RS.
Arquiteto: Luís Fernando Corona e Carlos Maximiliano Fayet
Uso: residencial
Proprietário: Sr. Samuel Madureira Coelho
Construtora: Toigo & Cia LTDA
Data do projeto: 1952 ou 1953
Data de construção: 1952/53-1955
Número de pavimentos: 01
Área aproximada: 199,15m²
Situação: construído

Bibliografia:

1. XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 1987. p.100-101.

Fontes:

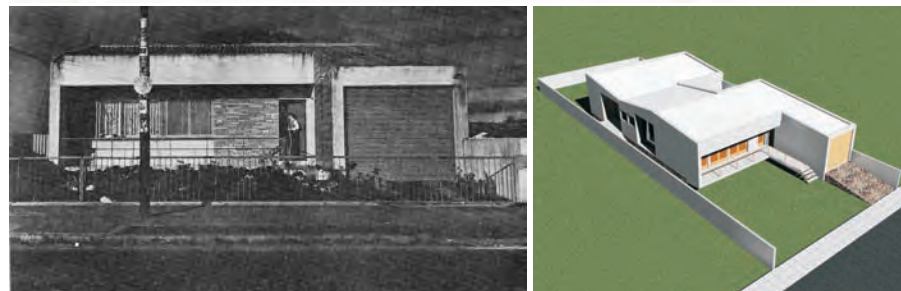
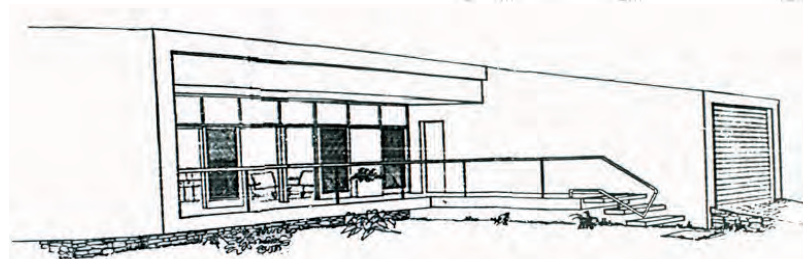
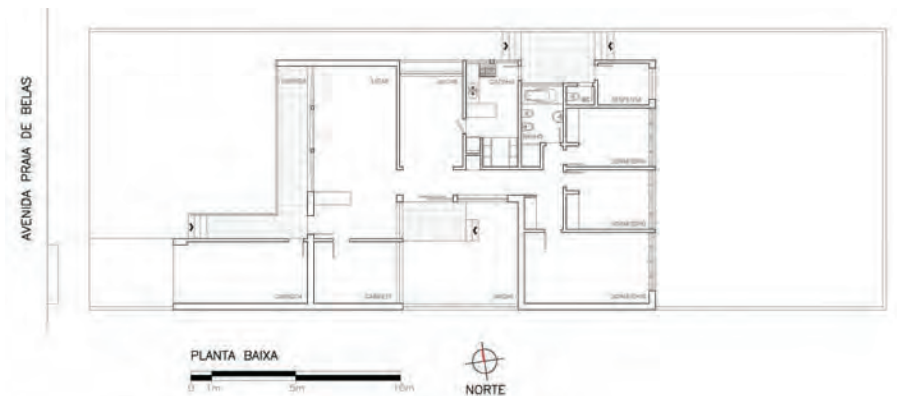
1. Acervo Municipal. 273/35mm. Processo 001.48773.53. Microfilme.
2. Pesquisa Unisinos professora Eneida Ripoll Stroher.

Levantamento:

1. Planta, cortes, fachadas. Redesenhos da Autora.
2. Perspectivas eletrônicas do acadêmico Jonatan Zillmer.

Observação:

1. Nas plantas encontradas no arquivo público não consta o nome do arquiteto Fayet no selo.



Residência Eugênio Noes

Localização: Pacaembu. São Paulo/SP.

Arquiteto: Luís Fernando Corona, Eduardo Corona e Roberto Tibau

Uso: residencial

Proprietário: Sr. Eugênio Noes

Construtora:

Data do projeto: 1951

Data de construção: 1953

Número de pavimentos: 03

Área aproximada:

Situação: construída

Bibliografia:

1. Outra residência. Revista Habitat, São Paulo, n. 5, p. 52-54, 1953.

2. CARRANZA, Ricardo. TRAJETÓRIAS: Arquiteto Eduardo Corona. Disponível em: <http://www.arquitetonica.com/trajet%F3rias%20-%20arquiteto%20eduardo%20corona.htm>. Acesso em: 22 nov. 2008.

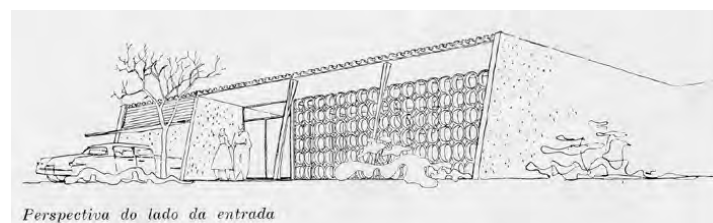
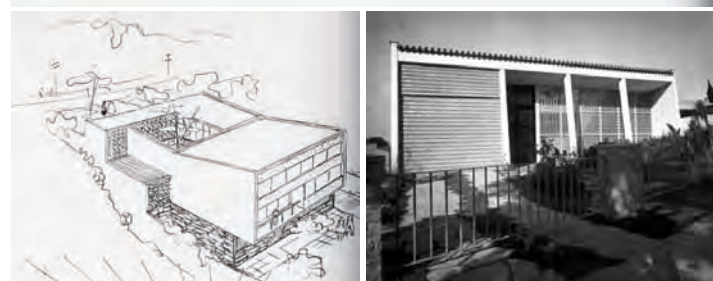
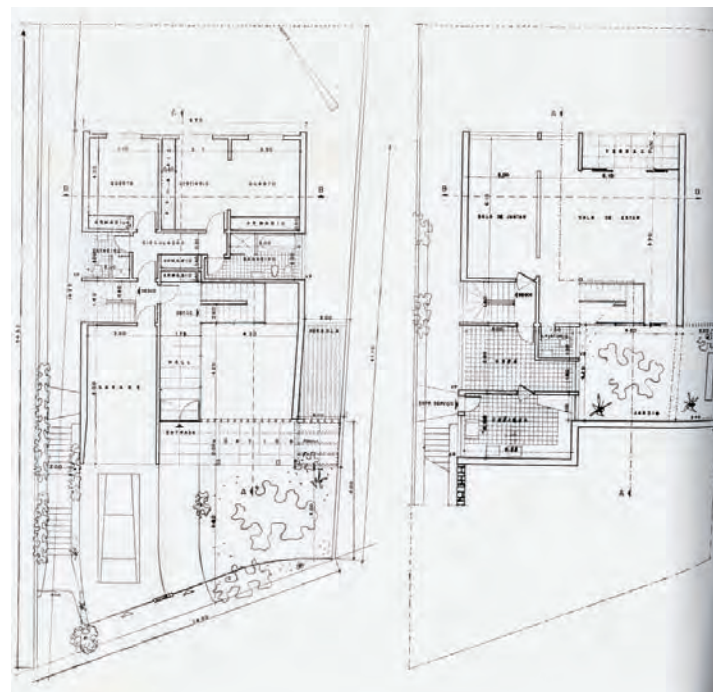
Fontes:

Levantamento:

1. Plantas dos três pavimentos, perspectivas internas e externas.
2. Foto.

Observação:

1. Projeto apresentado no Salão de Arte Moderna. Ganhou o prêmio do Governo do Estado.



Residência Manoel Quintanilha

Localização: Bagé/RS

Arquiteto: Luís Fernando Corona e Carlos Maximiliano Fayet

Uso: residencial

Proprietário: Sr. Manoel Quintanilha

Construtora:

Data do projeto: 1954

Data de construção:

Número de pavimentos: 02

Área aproximada:

Situação: não construído

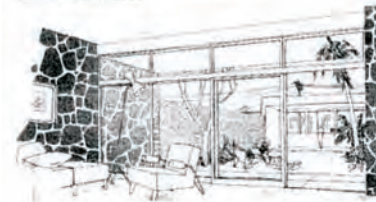
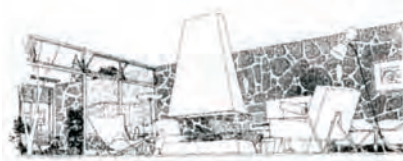
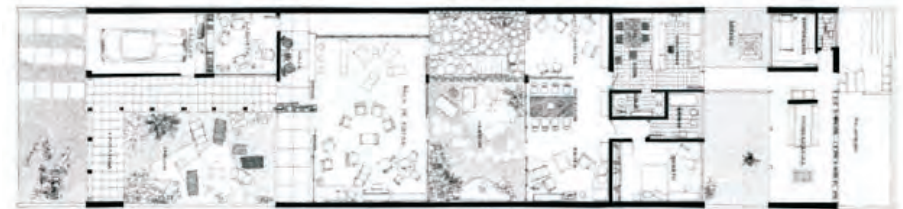
Bibliografia:

1. GONÇALVES, Magali Nocchi Collares. *Arquitetura bageense: o delinear da modernidade: 1930-1970*. 2006. 255 p.

Fontes:

Levantamento:

1. Plantas, perspectivas internas e externas.



Residência J.C. Duarte

Localização: Porto Alegre/RS

Arquiteto: Luís Fernando Corona

Uso: residencial

Proprietário: Sr. J.C. Duarte

Construtora:

Data do projeto:

Data de construção:

Número de pavimentos:

Área aproximada:

Situação:

Bibliografia:

Fontes:

1. Currículo do Arquiteto

Levantamento:

Residência A. Barreto

Localização: Porto Alegre/RS
Arquiteto: Luís Fernando Corona
Uso: residencial
Proprietário: Sr. A. Barreto
Construtora:
Data do projeto:
Data de construção:
Número de pavimentos:
Área aproximada:
Situação:

Bibliografia:

Fontes:

1. Currículo do Arquiteto

Levantamento:

Edifício Jaguaribe

Localização: Avenida Salgado Filho, n135. Porto Alegre/RS.

Arquiteto: Fernando Corona e Luís Fernando Corona

Uso: misto

Proprietário: Firma M Pianca (Romeu Pianca e Malvina Pianca)

Construtora: Azevedo Moura Gertum S.A.

Data do projeto: 1951

Data de construção: 1956-1968

Número de pavimentos: subsolo + térreo + 25 pavimentos

Número de apartamentos por andar: 03 na maioria dos pavimentos

Área aproximada: 16.600,00m²

Situação: construído

Bibliografia:

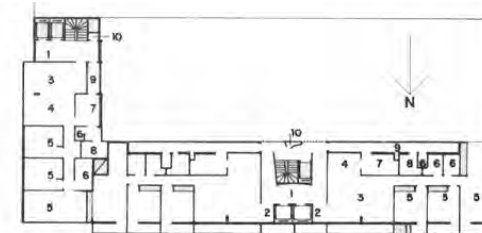
1. BERNARDES, Dalton Roberto Pacheco. *Jaguaribe e Esplanada: o edifício de apartamentos modernista e um novo paradigma habitacional em Porto Alegre* [manuscrito]. 2003. 216 f. : il.
2. CANEZ, Anna Paula Moura. *Fernando Corona e os caminhos da arquitetura moderna em Porto Alegre*. Porto Alegre: Unidade Editorial Porto Alegre, 1998. 209 p. : il.
3. CANEZ, Anna Paula Moura. *Acervos Azevedo Moura Gertum e João Alberto: imagem e construção da modernidade em Porto Alegre*. Porto Alegre: UniRitter, 2004. 192 p. : il.
4. MARQUES, José Carlos. *História de uma via: o advento da arquitetura moderna e a configuração da Avenida senador Salgado Filho Porto Alegre 1940-1970* [manuscrito]. 2003. 277 f. : il.
5. XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 1987. p.82-83.

Fontes:

1. Laboratório de História e Teoria da UniRitter. Acervo Azevedo Moura & Gertum.
2. Acervo particular Sra. Malvina Pianca.
3. SMOV

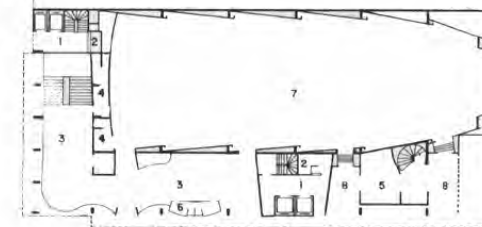
PLANTA PAV. TIPO

- 1 — Hall
- 2 — Vestibulo
- 3 — Estar
- 4 — Jantar
- 5 — Dormitório
- 6 — Banho
- 7 — Cozinha
- 8 — O. empregada
- 9 — A. serviço
- 10 — Lixo
- 11 — Varanda



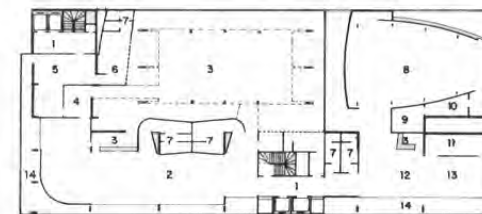
PLANTA PAV. TÉRREO

- 1 — Hall
- 2 — Portaria
- 3 — Sala espera
- 4 — Sanitário
- 5 — Loja
- 6 — Bilheteria
- 7 — Platéia
- 8 — Saída



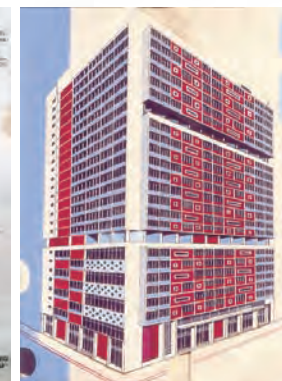
PLANTA 9.º PAV.

- 1 — Hall
- 2 — Restaurante
- 3 — Bar
- 4 — Copa
- 5 — Cozinha
- 6 — Serviço
- 7 — Sanitário
- 8 — Conferências
- 9 — Diretoria
- 10 — Secretaria
- 11 — Biblioteca
- 12 — Estar
- 13 — Leitura
- 14 — Varanda



PLANTAS DO PROJETO DE 1951

0 2 5 10



Edifício Residencial Irmãos Iochpe

Localização: Rua Ramiro Barcelos, esquina Av Independência e Rua André Puentes. Porto Alegre/RS.

Arquiteto: Fernando Corona e Luís Fernando Corona

Uso: residencial

Proprietário: Irmãos Iochpe

Construtora:

Data do projeto: 1951

Data de construção:

Número de pavimentos: pavimentos

Área aproximada:

Situação: não-construído

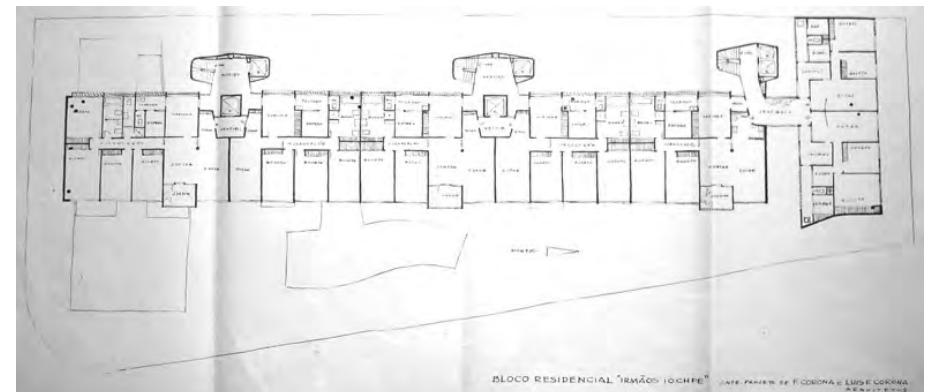
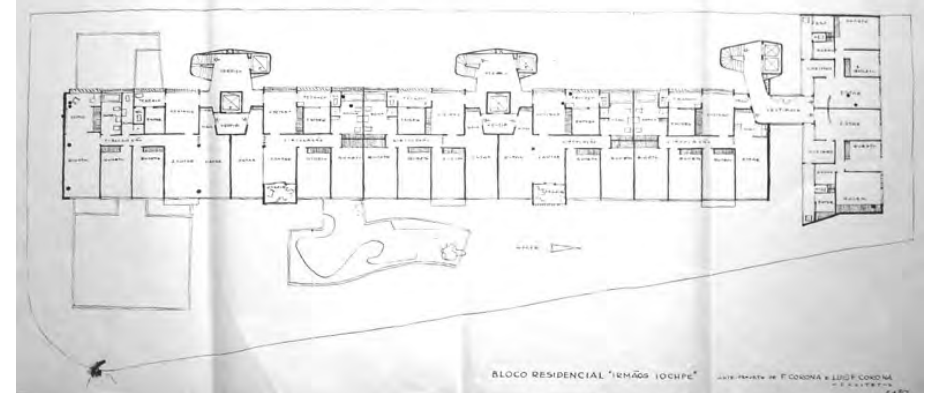
Bibliografia:

Fontes:

1. Arquivo IA - Acervo Fernando Corona.

Levantamento:

1. Plantas garagem, térreo e tipo.



Concurso Público para um Conjunto Residencial para Funcionários do IPASE 4º lugar

Localização: Porto Alegre/RS.

Arquiteto: Luís Fernando Corona e Carlos Maximiliano Fayet

Uso: residencial

Proprietário: IPASE

Construtora:

Data do projeto: agosto de 1956

Data de construção:

Número de pavimentos:

Área aproximada:

Situação: não construído

Bibliografia:

Fontes:

1. Acervo Sra. Magali Corona.
2. Acervo IAB-RS.

Levantamento:

1. Atestado de participação do concurso.
2. Edital do Concurso e ata de premiação.

Observação:

1. O pseudônimo do projeto de Corona e Fayet é “Domus”.
2. O projeto de Corona e Fayet não foi localizado.
3. O concurso foi patrocinado pela prefeitura e pelo IPASE - Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado.

Estudo de Edifício de Apartamentos com garagem em cada pavimento

Localização: Porto Alegre/RS

Arquiteto: Luís Fernando Corona, Fernando Corona e Carlos Maximiliano Fayet.

Uso: residencial

Proprietário: Imobiliária Imbalh

Construtora:

Data do projeto: 1958 ?

Data de construção:

Número de pavimentos: 24 (térreo + sobreloja + 21 tipos + cobertura)

Área aproximada:

Situação: não construído

Bibliografia:

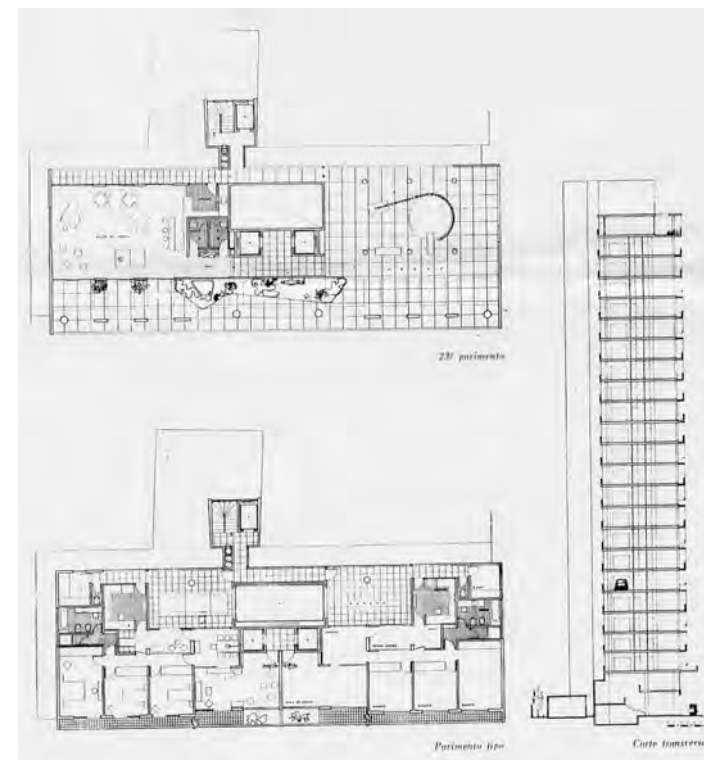
1. Revista Acrópole, 1958, p.158-160.

Fontes:

1. Arquivo IA/UFRGS - Acervo Fernando Corona.

Levantamento:

1. Plantas, cortes e fachada.



SAPI Sociedade Amigos da Praia do Imbé

Localização: Praia do Imbé/RS.

Arquiteto: Luís Fernando Corona

Uso: lazer

Proprietário: Sociedade Amigos da Praia do Imbé

Construtora: Aydos e Bergalo

Data do projeto: 1951

Data de construção:

Número de pavimentos: 01

Área aproximada:

Situação: construído

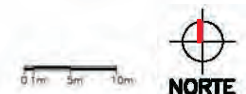
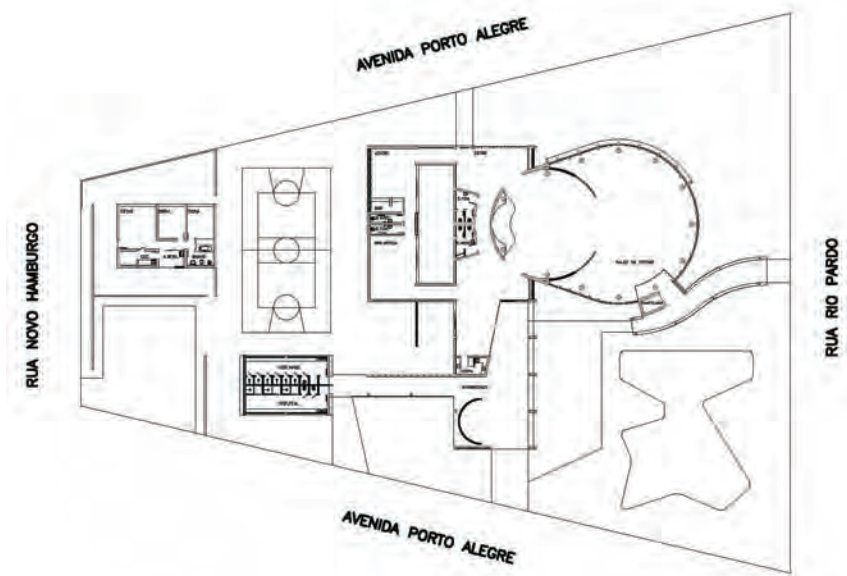
Bibliografia:

Fontes:

1. Acervo Arq. Luiz Aydos.
2. Acervo Sra. Magali Corona.
3. Acervo IAB-RS.
4. Sociedade Amigos da Praia do Imbé. Porto Alegre: Correio do Povo, 14 de outubro de 1951.
5. Sociedade Amigos da Praia do Imbé. Porto Alegre: Folha da Tarde, 20 de outubro de 1951.
6. Sociedade Amigos da Praia do Imbé. Porto Alegre: Correio do Povo, novembro de 1951.

Levantamento:

1. Ata do concurso - Livro do IAB-RS. Ante-projetos I. 1947-1956.
2. Projeto do Concurso - 1951. Redesenhos da Autora.
2. Projeto revisado - janeiro de 1952.
3. Projeto executivo.



Fábrica de Sabonetes e Perfumaria MASI & CIA Ltda

Localização: Av. Assis Brasil, n319. Porto Alegre/RS.

Arquiteto: Fernando Corona e Luís Fernando Corona.

Uso: industrial

Proprietário: Fábrica de Sabonetes e Perfumaria Masi & Cia. Ltda.

Construtora: Willi Paul S.A.

Data do projeto: 1951

Data de construção:

Número de pavimentos: 02 pavimentos

Área aproximada:

Situação: construído

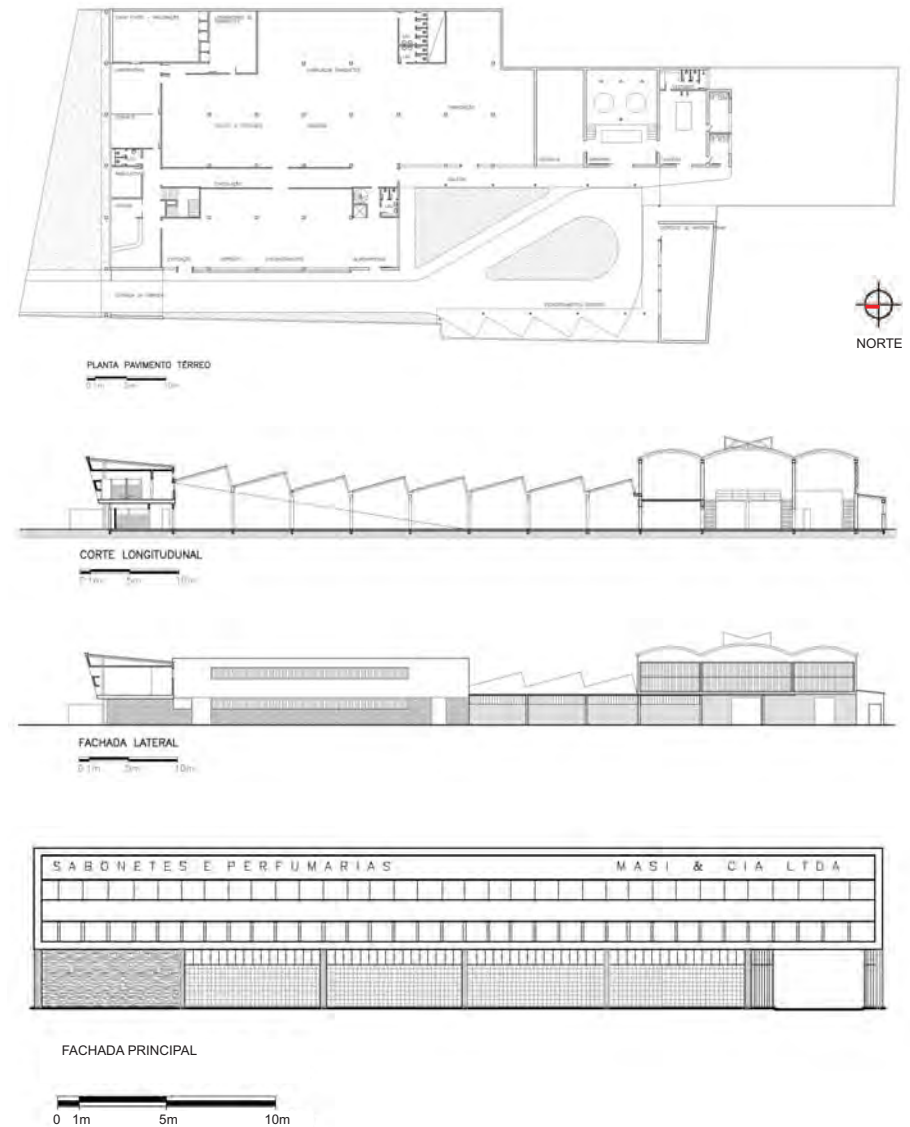
Bibliografia:

Fontes:

1. Arquivo IA/UFRGS - Acervo Fernando Corona.
2. Arquivo Municipal. Porto Alegre. 219/35 mm. Processo 001.24690.51. Microfilme.

Levantamento:

1. Fachadas, cortes e planta de situação com data de abril de 1951. Redesenhos da Autora.
2. A Masi & Cia foi comprada pela Memphis em 1973.



PJ Palácio da Justiça

Localização: Praça da Matriz, Porto Alegre/RS.

Arquiteto: Luís Fernando Corona e Carlos Maximiliano Fayet.

Uso: institucional

Proprietário: Governo do Estado do Rio Grande do Sul.

Construtora:

Data do projeto: 1952

Data de construção: 1953-1968

Número de pavimentos: subsolo, térreo, galeria + 7 pavimentos.

Área aproximada: 15.100m²

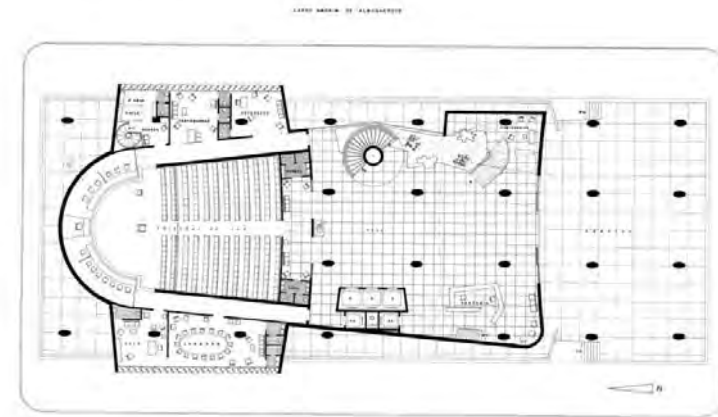
Situação: construído

Bibliografia:

1. ALVAREZ, Cícero. Palácios de Papel: projetos remanescentes do Concurso de Anteprojetos para o Palácio da Justiça de Porto Alegre. Porto Alegre: PROPAR - UFRGS, 2006. v.1. Não-publicado.
2. GRAEFF, Edgar. Palácio da Justiça. REVISTA ESPAÇO ARQUITETURA. Porto Alegre, n.1, nov./dez. 1958.
3. MAHFUZ, Andrea Soler Machado. Dois palácios e uma praça: a inserção do Palácio da Justiça e do Palácio Farroupilha na Praça da Matriz em Porto Alegre. 1996. 304 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) PROPAR-UFRGS, Porto Alegre, 1996.
4. MELLO, Bárbara; ALVAREZ, Cícero; ROSINHA, Rodrigo B. Palácio da Justiça de Porto Alegre: a longa espera pelo fim, 1952-2006. O projeto de Recuperação, Restauração e Readequação do ícone da Arquitetura Moderna de Porto Alegre. Porto Alegre: PROPAR-UFRGS, 2007.
5. RIO GRANDE DO SUL. Tribunal de Justiça. Memorial do Judiciário do Rio Grande do Sul. As Sedes do Tribunal. Porto Alegre.

Fontes:

1. Acervo do Memorial do Judiciário.
2. Acervo Sra. Magali Corona.
3. Jornais Correio do Povo e Diário de Notícias.



Ante-projeto para a Santa Casa de Caridade de Bagé.

Localização: Bagé/RS.

Arquiteto: Luís Fernando Corona e Carlos Maximiliano Fayet

Uso: institucional

Proprietário: Santa Casa de Caridade de Bagé.

Construtora:

Data do projeto: 1954

Data de construção:

Número de pavimentos: térreo + 6 pavimentos.

Área aproximada:

Situação: não construído

Bibliografia:

1. GONÇALVES, Magali Nocchi Collares. *Arquitetura bageense: o delinear da modernidade: 1930-1970*. 2006. 255 p. : il.

Fontes:

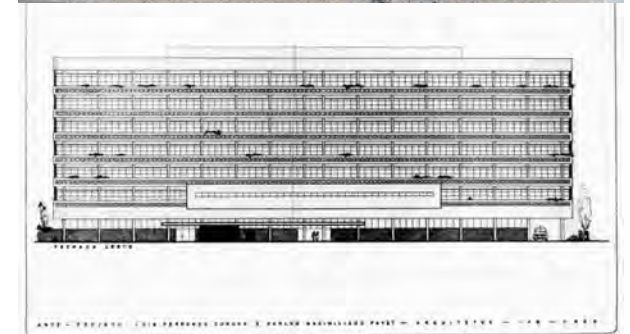
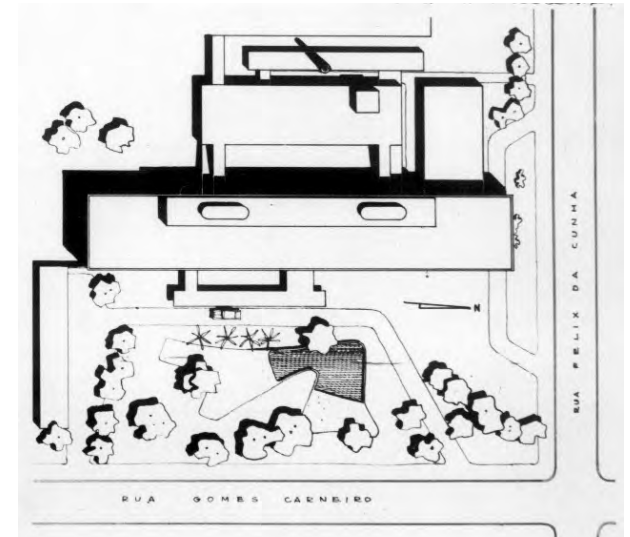
1. Acervo pessoal Sra. Magali Corona
2. A reforma total das instalações da Santa Casa de Caridade de Bagé idealizada pelo seu atual provedor. **Correio do Sul**, Bagé, 24 out. 1954.

Levantamento:

1. Perspectiva.
2. Pranchas reduzidas do anteprojeto contendo planta de todos os pavimentos, corte transversal, fachadas, implantação, memorial descritivo e esquema de circulação.

Observações:

1. Exposto no 5º Salão de Belas Artes do RS



Projeto do Núcleo de Férias do Instituto de Belas Artes

Localização: Farrroupilha/RS.

Arquiteto: Luís Fernando Corona e João José Vallandro.

Uso: institucional

Proprietário: IBA

Construtora:

Data do projeto: 1955

Data de construção:

Número de pavimentos: 2 pavimentos

Área aproximada:

Situação: não construído

Bibliografia:

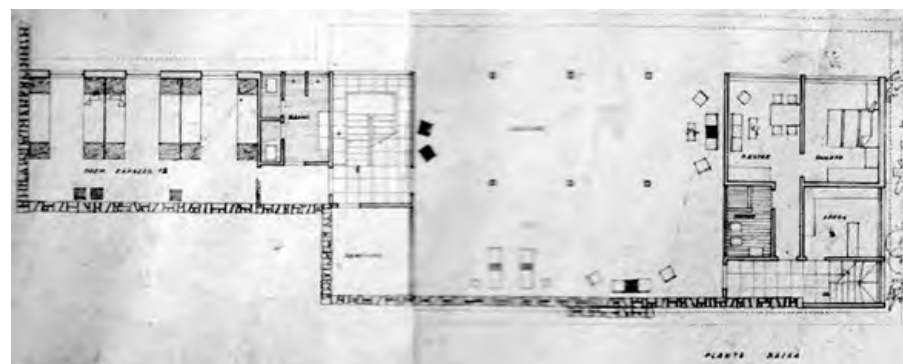
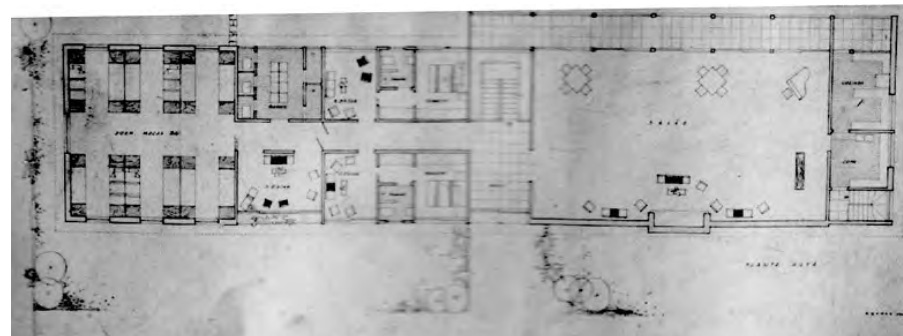
Fontes:

1. Arquivo IA/UFRGS. Acervo Fernando Corona.

Levantamento:

1. Ofício: 222/55 IBA 19/07/1955 onde o Conselho Técnico do IBA indica Luís Fernando Corona para elaborar o projeto do Núcleo de Férias do IBA. O programa segue em anexo: terreno acidentado com 50x60m; salão com 120m²; lareira e bar; cozinha e despensa; hall comunicando o salão e o dormitório de moças; 10 beliches para 20 moças, banho e rouparia; 5 beliches para 10 moços no porão, banho e rouparia; 2 apartamentos com sala, quarto e banho; parte coberta e terraço ao ar livre; adega e churrasqueira; apartamento do zelador.

2. Houve um projeto anterior de Fernando Corona, sobre o qual há uma reportagem de jornal, sem data. Se tratava de chalés em estilo suíço.



Casa do Artista Riograndense

Localização: Rua Anchieta n280. Porto Alegre/RS.

Arquiteto: Luís Fernando Corona e Carlos Maximiliano Fayet.

Uso: institucional

Proprietário:

Construtora: Toigo & Cia Ltda

Data do projeto: 1954-1956

Data de construção: 1956-1958

Número de pavimentos: 02

Área aproximada: 400,00m²

Situação: construído

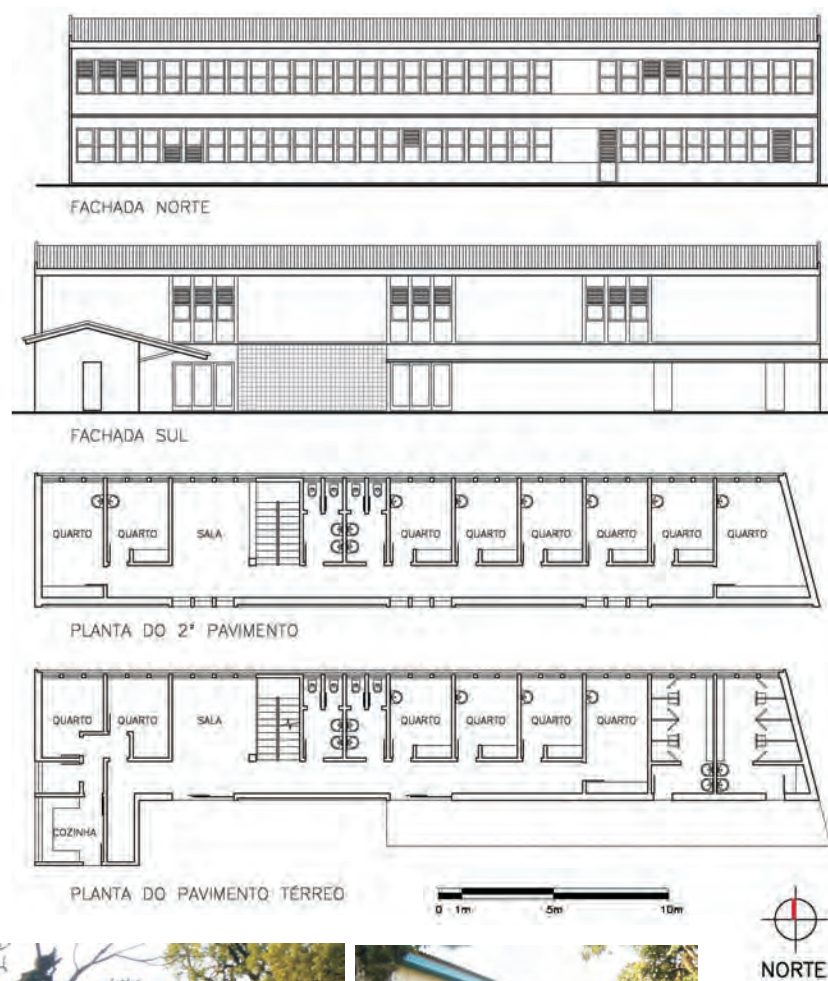
Bibliografia:

Fontes:

1. Currículo Arq. Fayet.
2. Arquivo Municipal (F316/35mm e DMAE 12792/115).

Levantamento:

1. Planta do térreo e 2º pavimento; corte transversal e longitudinal; fachada norte e fachada sul; planta de situação.



Concurso Público para o Pré-Plano Urbanístico de Panambi 2º lugar

Localização: Pamambi/RS.

Arquiteto: Luís Fernando Corona e Carlos Maximiliano Fayet.

Uso:

Proprietário:

Construtora:

Data do projeto: 1958

Data de construção:

Número de pavimentos:

Área aproximada:

Situação:

Bibliografia:

Fontes:

Levantamento:

Residência Ivone Louro e Pelegrin Figueras

Localização: Rua Cristóvão Colombo, n2947/2967. Porto Alegre/RS.

Arquiteto: Luís Fernando Corona.

Uso: residencial

Proprietário: Ivone Louro e Pelegrin Figueras.

Construtora: Empresa de Empreitadas Ltda

Data do projeto: 1961

Data de construção: 1961-1962

Número de pavimentos: 02 pavimentos

Área aproximada: 852,60m²

Situação: construído

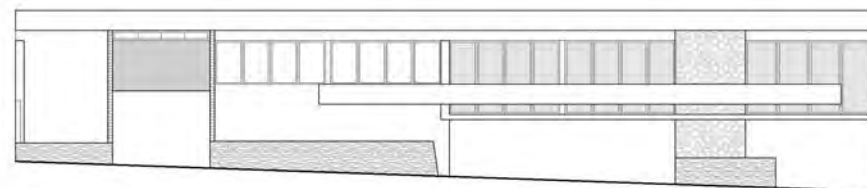
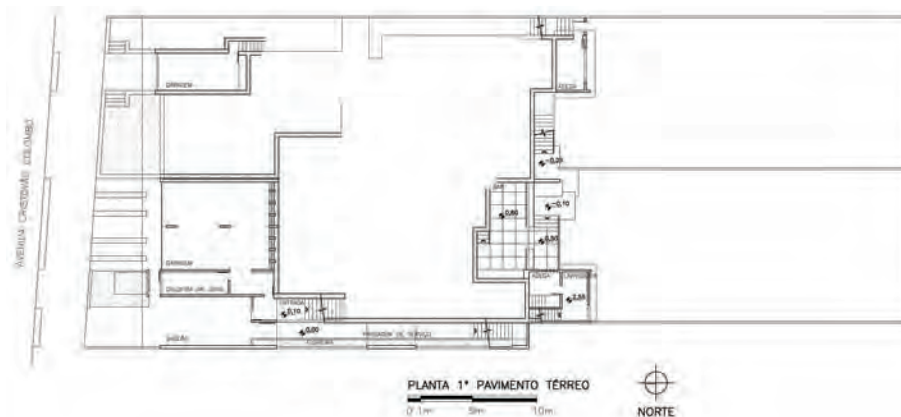
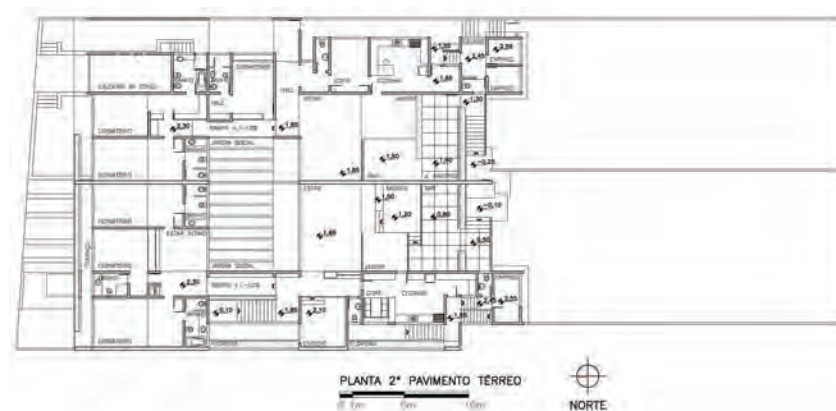
Bibliografia:

Fontes:

1. Acervo SMOV. Processo 02.299707.00.0.

Levantamento:

1. Projeto Prefeitura (plantas, cortes e fachada). Redesenhos da Autora.
2. Fotos da Autora.



Residência do Arquiteto

Localização: Rua Veridiano de Farias n96. Porto Alegre/RS.

Arquiteto: Luís Fernando Corona.

Uso: residencial

Proprietário: Luís Fernando Corona.

Construtora:

Data do projeto: 1962

Data de construção: conclusão novembro de 1965

Número de pavimentos: 01

Área aproximada: 275m²

Situação: construído

Bibliografia:

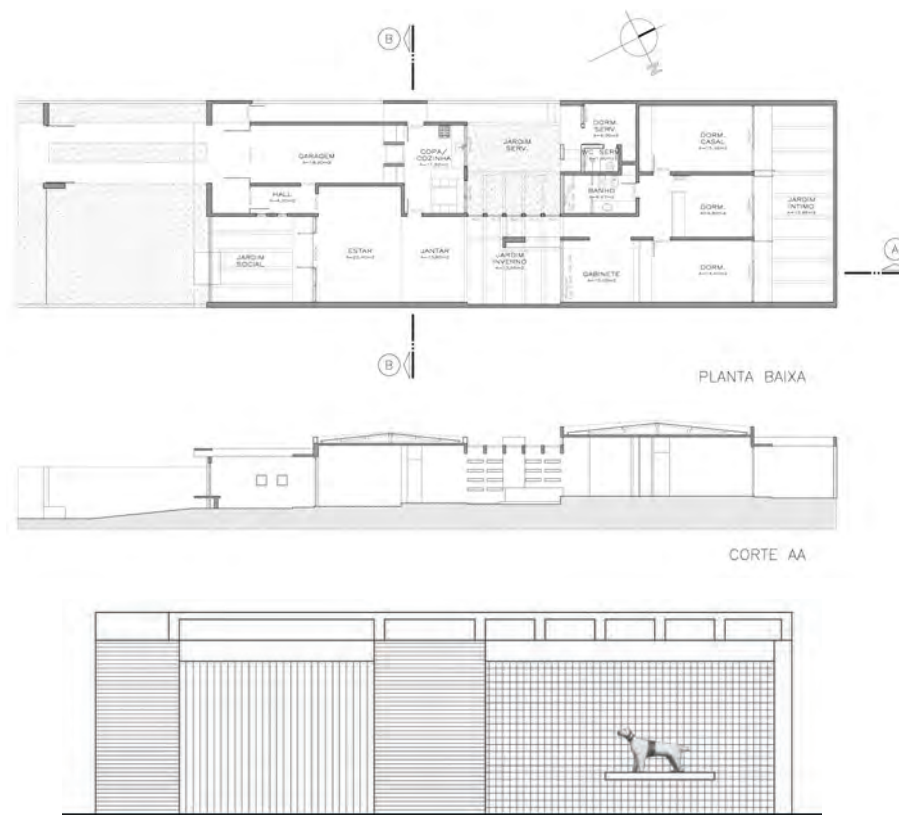
1. XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 1987, p.174-175.

Fontes:

1. Acervo Sra. Magali Corona.

Levantamento:

1. Projeto de prefeitura (planta baixa, cortes e fachada). Redesenhos da Autora.
2. Fotos da Autora.



Residência Natal Silva

Localização: Rua Beck n107. Porto Alegre/RS.

Arquiteto: Luís Fernando Corona.

Uso: residencial

Proprietário: Sr. Natal Silva.

Construtora:

Data do projeto: 1964

Data de construção: 1964-1970

Número de pavimentos: 01

Área aproximada: 180m²

Situação: construído

Bibliografia:

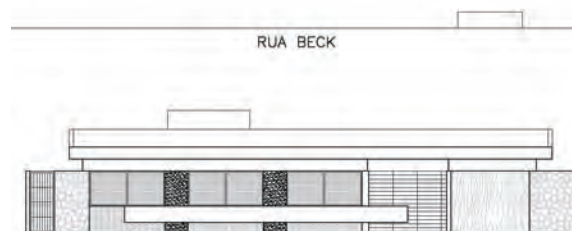
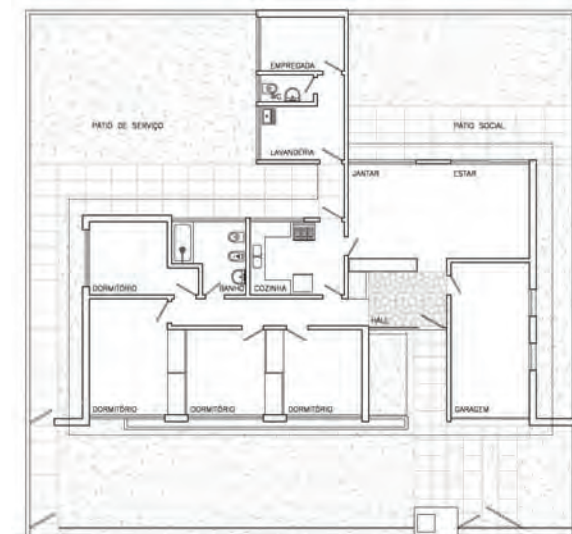
Fontes:

1. Acervo Sra Nilcéia Silva.

Levantamento:

1. Projeto executivo: planta baixa, cortes e fachada. Redesenhos da Autora.

2. Fotos da Autora.



Residência Ronald Ely

Localização: Rua Ildefonso Simões Lopes nº85. Porto Alegre/RS.

Arquiteto: Luís Fernando Corona e Emil Bered.

Uso: residencial

Proprietário: Sr. Ronaldo Ely.

Construtora: Schilling, Kuss & Cia Ltda

Data do projeto: 1965 (data de aprovação 03.02.1965)

Data de construção: 1965-1966

Número de pavimentos: 02

Área aproximada: 529,49m²

Situação: construído

Bibliografia:

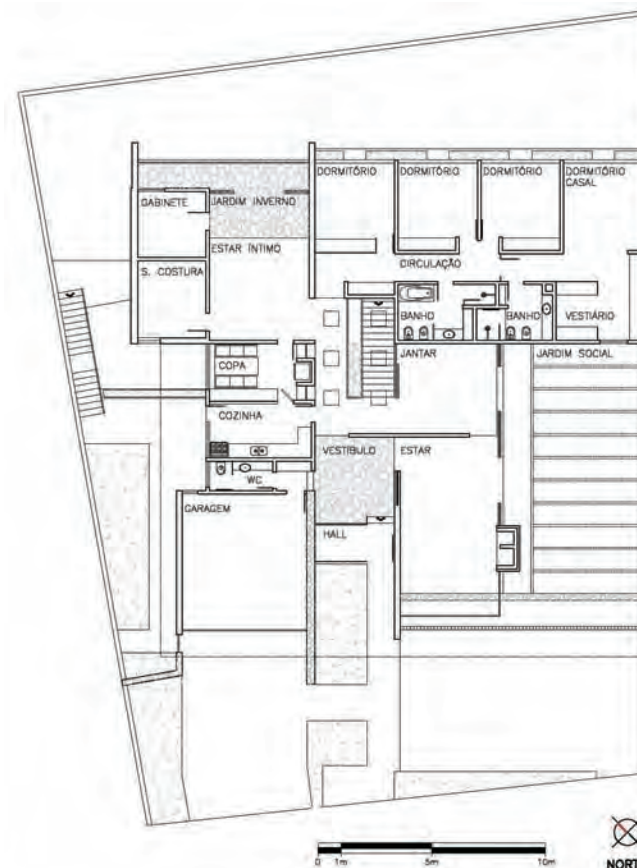
1. STRÖHER, Eneida Ripoll. Arquitetura residencial da década de 60 em Porto Alegre. Arquiteto Emil Bered. Monografia apresentada na disciplina Arquitetura Moderna Brasileira. Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, maio de 1996.

Fontes:

1. Acervo Arq. Emil Bered.
2. Acervo SMOV. Processo 02.301735.00.4.

Levantamento:

1. Planta baixa, cortes e fachada. Redesenhos da Autora.
2. Fotos.



Residência Hélio Roca Bragança

Localização: Alameda Vicente de Carvalho n155. Porto Alegre/RS.

Arquiteto: Luís Fernando Corona e Battistino Anele.

Uso: residencial

Proprietário: Sr. Hélio Roca Bragança.

Construtora: Aydos & Cia. Ltda.

Data do projeto: 1968

Data de construção: 1969 - 1971

Número de pavimentos: 02 (primeiro térreo e segundo térreo)

Área aproximada: 391,80m²

Situação: construído

Bibliografia:

Fontes:

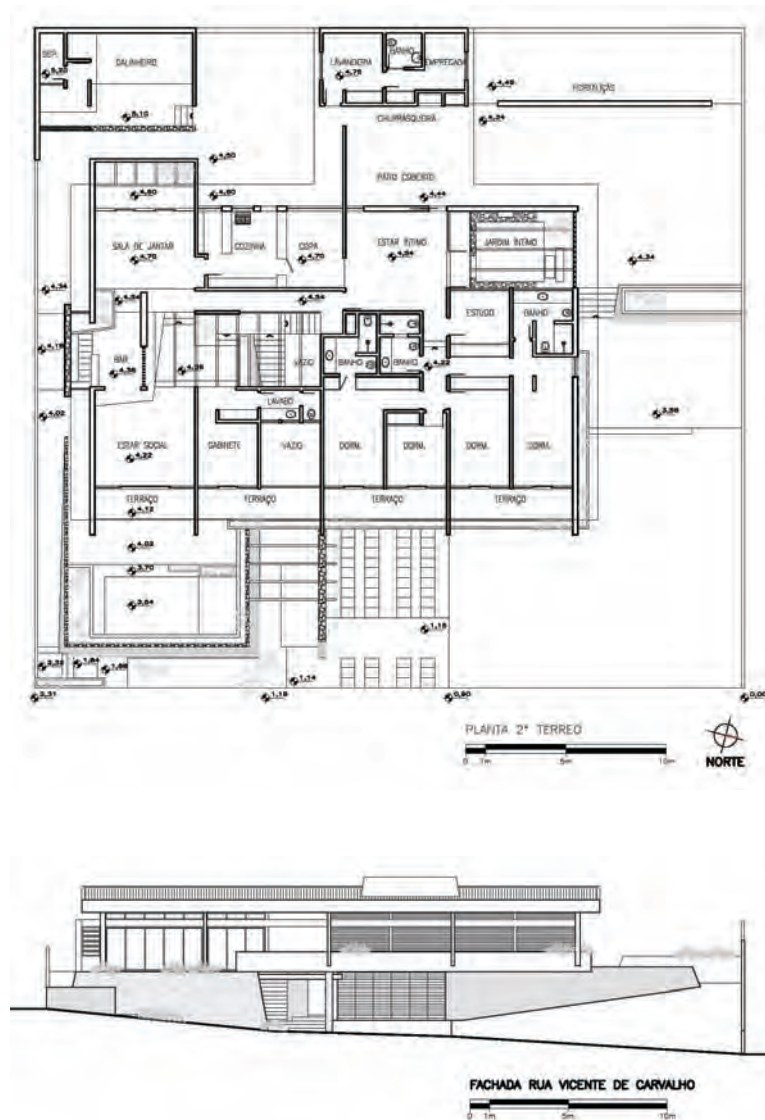
1. Arquivo Municipal.

Levantamento:

1. Projeto de prefeitura. Planta 1º e 2º térreo, cortes e fachadas.

Redesenhos da Autora.

2. Fotos da Autora.



Edifício Bento Gonçalves

Localização: Rua Júlio de Castilhos n181. Bento Gonçalves/RS.

Arquiteto: Luís Fernando Corona.

Uso: comercial e residencial

Proprietário: Caixa Econômica Federal do Rio Grande do Sul

Construtora:

Data do projeto: 1961

Data de construção:

Número de pavimentos: térreo + sobreloja + 8 pav. tipos + cobertura

Área aproximada:

Situação: construído

Bibliografia:

1. PIOVESAN, Luciane; COSTA, A. E. Modernidade e a cultura de morar na Serra Gaúcha. Monografia de Iniciação Científica, Caxias do Sul, RS. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul.

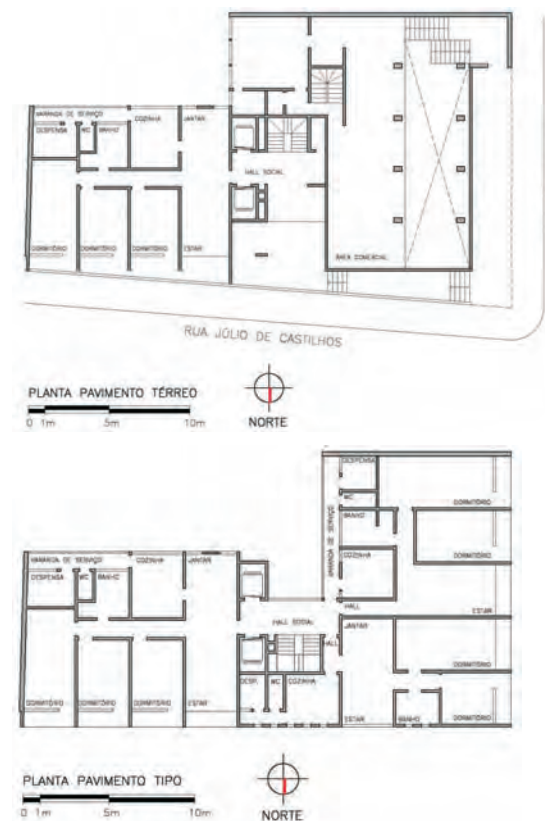
2. PIOVESAN, Luciane; COSTA, A. E. Inventário da Arquitetura Modernista na Serra Gaúcha: o caso de Bento Gonçalves. In: Encontro de Jovens Pesquisadores da UCS, 14., 2006, Caxias do Sul, RS. [Anais...]. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2006.

Fontes:

1. Acervo Sra. Magali Corona.

Levantamento:

1. Planta dos pavimentos térreo, subsolo, tipo e cobertura.
2. Fotos.
3. Aquarela.



CRT Edifício Sede da Cia Riograndense de Telecomunicações

Localização: Av. Salgado Filho. Porto Alegre/RS.

Arquiteto: Luís Fernando Corona, Emil Bered e Roberto Felix Veronese.

Uso: institucional

Proprietário: CRT

Construtora: Hoffmann Bosworth do Brasil (1º fase - Bloco A)
Ernesto Woebcker (2º fase - Bloco B)

Data do projeto: 1964

Data de construção: 1964 a 1967 - 1º fase Bloco A
1972 a 1975 - 2º fase Bloco B

Número de pavimentos: 17

Área aproximada: 15.500m²

Situação: construído

Bibliografia:

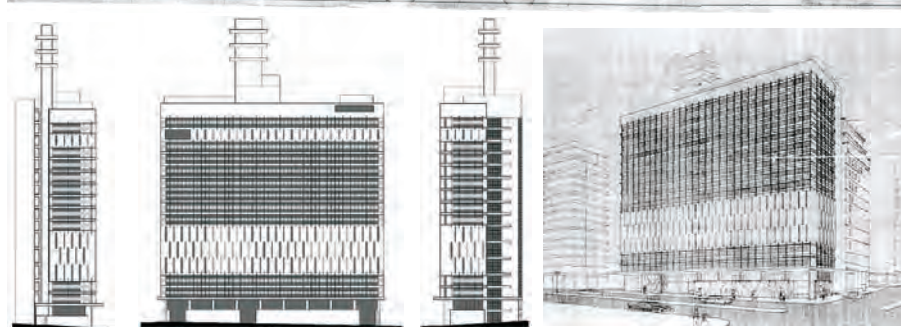
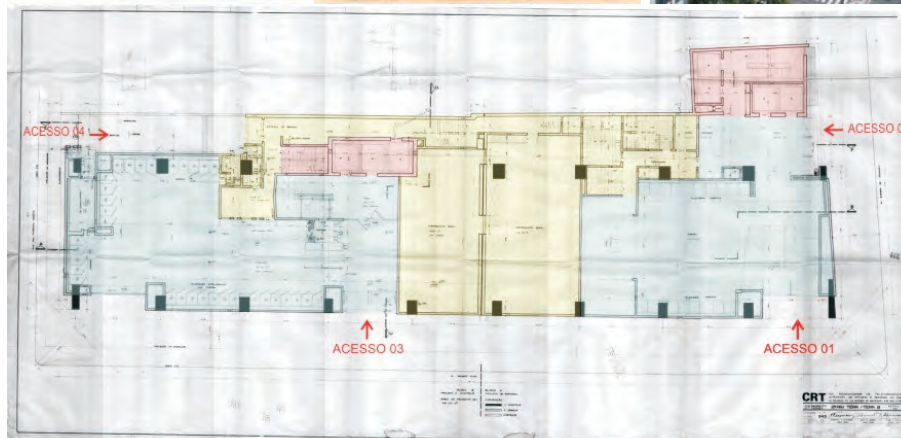
1. CESA, Paulo. *Arquitetura da verticalidade na recém-aberta Avenida Borges de Medeiros*. Dissertação de Mestrado, UFRGS, 2003.
2. MARQUES, José Carlos. *História de uma via: o advento da arquitetura moderna e a configuração da Avenida senador Salgado Filho Porto Alegre 1940-1970* [manuscrito]. 2003. 277 f. : il.
3. XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 1987, p.194-195.
4. Sede da Companhia Rio-Grandense de Telecomunicações. Revista Arquitetura IAB, Rio de Janeiro, n.34, p. 28-29, abr. 1965.

Fontes:

1. Acervo pessoal Arq. Emil Bered

Levantamento:

1. Pranchas do Estudo.
2. Pranchas do Anteprojeto de maio de 1964
3. Projeto de reforma e modificação de projeto de março de 1972



Casa da Praia

Localização: Rua Jaçanã n351. Atlântida/RS.

Arquiteto: Luís Fernando Corona.

Uso: residencial

Proprietário: Luís Fernando Corona

Construtora:

Data do projeto: 1970

Data de construção:

Número de pavimentos: 01

Área aproximada: 145m²

Situação: construído

Bibliografia:

Fontes:

1. Acervo Sra. Magali Corona

Levantamento:

1. Projeto de Prefeitura (planta baixa, cortes e fachada). Redesenhos da Autora.

2. Fotos.



Residência Liorne Martine Luzzatto

Localização: Rua Dr. Veridiano de Farias n110. Porto Alegre/RS.

Arquiteto: Luís Fernando Corona.

Uso: residencial

Proprietário: Liorne Martini Luzzatto

Construtora: Eng Eleonis Escobar

Data do projeto: 1973

Data de construção: 1974-1975

Número de pavimentos: 02

Área aproximada: 425,00m²

Situação: construído

Bibliografia:

Fontes:

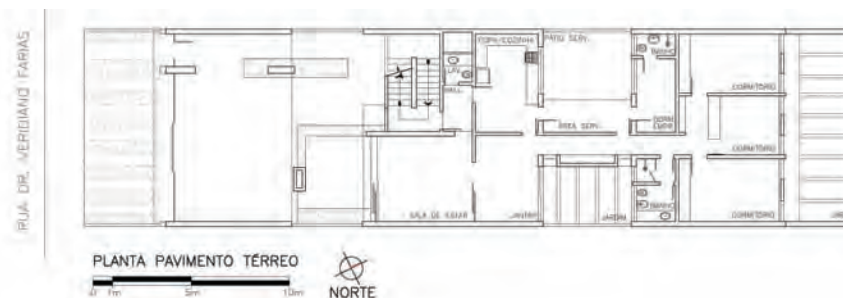
1. Acervo pessoal Sr. Sérgio.
2. Acervo SMOV. Processo 02.285052.00.4.

Levantamento:

1. Projeto de Prefeitura (planta baixa, cortes e fachada). Redesenhos da Autora.
2. Fotos da Autora.



PLANTA 2º PAVIMENTO



PLANTA PAVIMENTO TÉRREO



Residência Darwin Longoni

Localização: Rua La Salle n127, esq. Rua Duque de Caxias. Canoas/RS.

Arquiteto: Luís Fernando Corona e Battistino Anele.

Uso: residencial

Proprietário: Darwin Luiz Longoni

Construtora: SOPEL - Sociedade de obras e projetos de engenharia Ltda.

Data do projeto: 1974

Data de construção: 1975

Número de pavimentos: 02 (subsolo e térreo)

Área aproximada: 459,90m²

Situação: construído

Bibliografia:

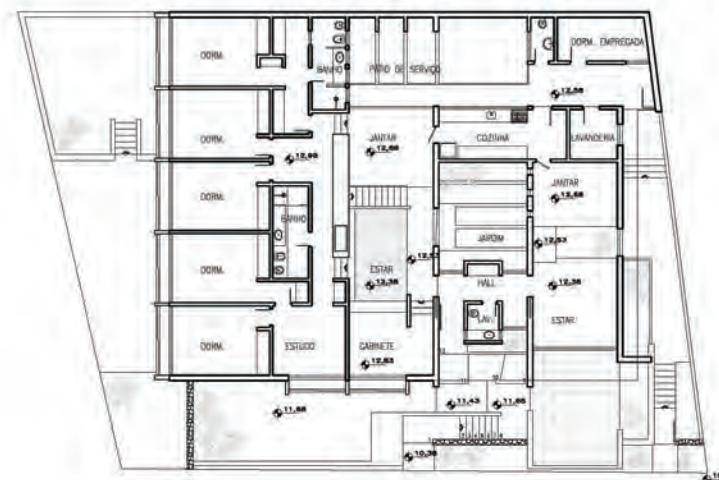
Fontes:

1. Acervo Sr. Darwin Langoni.

Levantamento:

1. Plantas subsolo e térreo, fachadas. Redesenhos da Autora.

2. Fotos da Autora.z



PLANTA PAVIMENTO TÉRREO



FACHADA RUA LA SALLE



FACHADA RUA DUQUE DE CAXIAS



Clube do Professor Paranaense - Sede Campestre

Localização: São José dos Pinhais/PR.

Arquiteto: Luís Fernando Corona e Emil Bered.

Uso: institucional

Proprietário: Clube do Professor Paranaense

Construtora: Incorporadora Raffo Ltda

Data do projeto: 1971?

Data de construção:

Número de pavimentos: 02

Área aproximada:

Situação: parcialmente construído

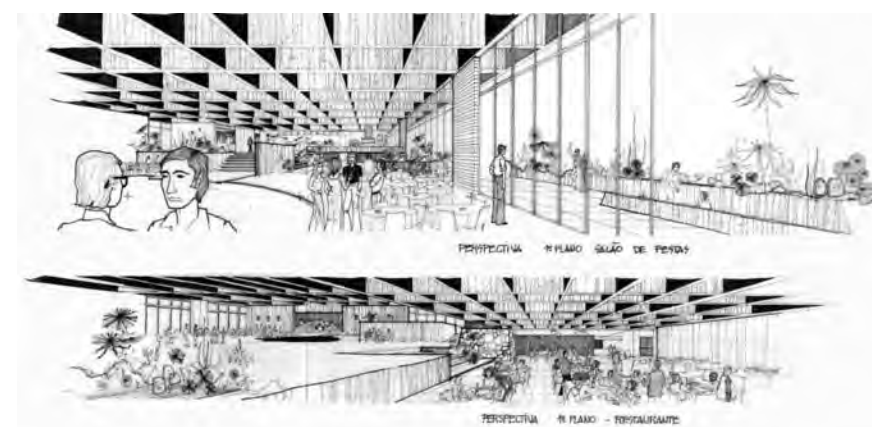
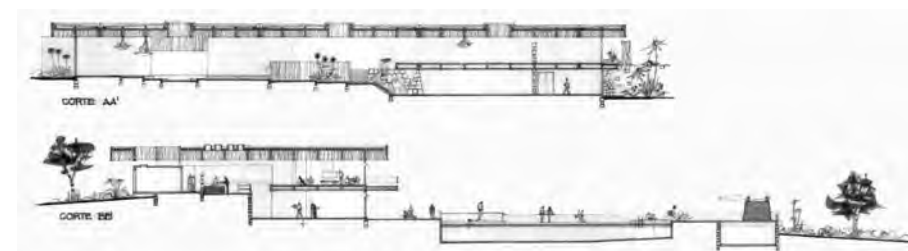
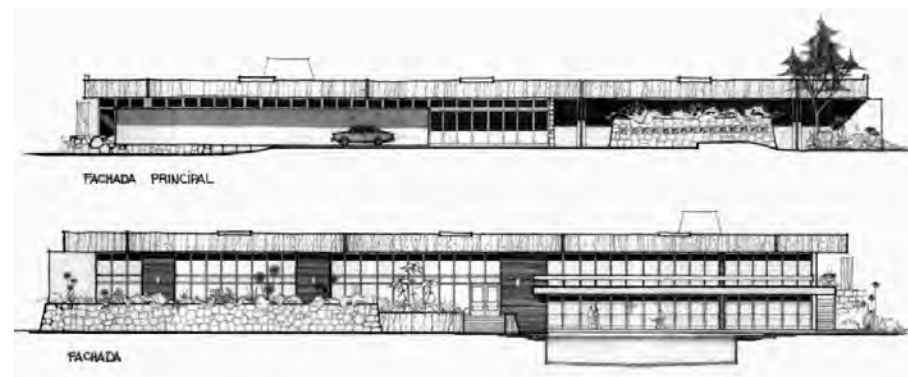
Bibliografia:

Fontes:

1. Acervo Arq. Emil Bered

Levantamento:

1. Pranchas do projeto (planta baixa, cortes, fachada e perspectivas).
2. Fotos.



Anteprojeto Capela

Localização: Passo Rea. Nova Jacuí/RS.

Arquiteto: Luís Fernando Corona e Emil Bered.

Uso: institucional

Proprietário:

Construtora:

Data do projeto: década de 70

Data de construção:

Número de pavimentos: 1 pavimento

Área aproximada:

Situação: não construído

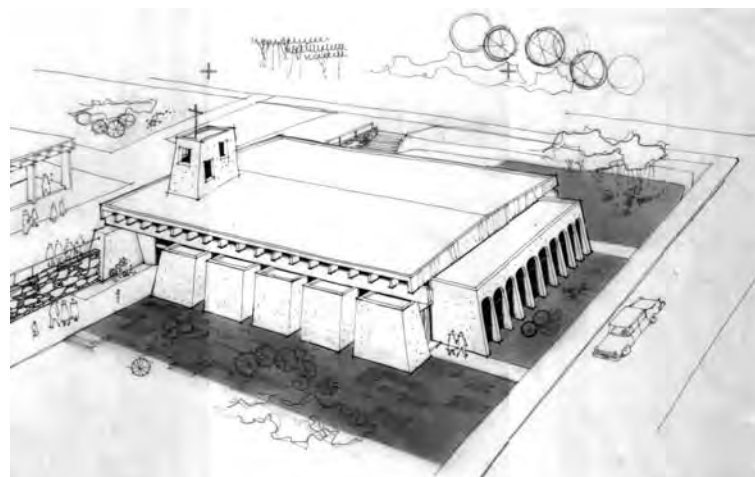
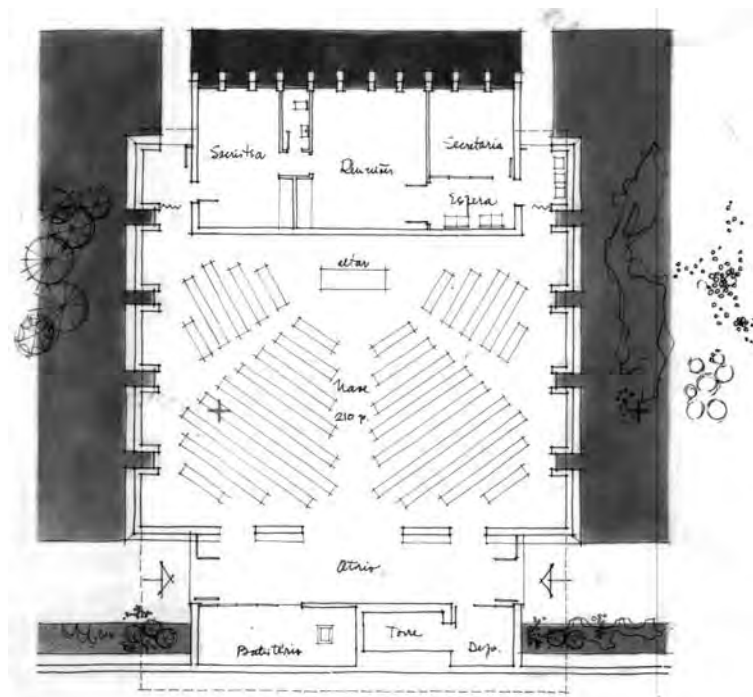
Bibliografia:

Fontes:

1. Acervo pessoal Arq. Emil Bered

Levantamento:

1. Prancha do projeto contendo planta, fachadas e perspectiva.



Guaíba Country Club

Localização: Eldorado do Sul/RS.

Arquiteto: Luís Fernando Corona e Battistino Anele.

Uso: Lazer

Proprietário: Guaíba Country Club

Construtora:

Data do projeto: 1975 ou 76

Data de construção: 1975-1977

Número de pavimentos: 02

Área aproximada:

Situação: construído

Bibliografia:

Fontes:

1. Acervo Guaíba Country Club.

Levantamento:

1. Planta do anteprojeto.
2. Cortes e fachadas do projeto.
3. Fotos da Autora.

